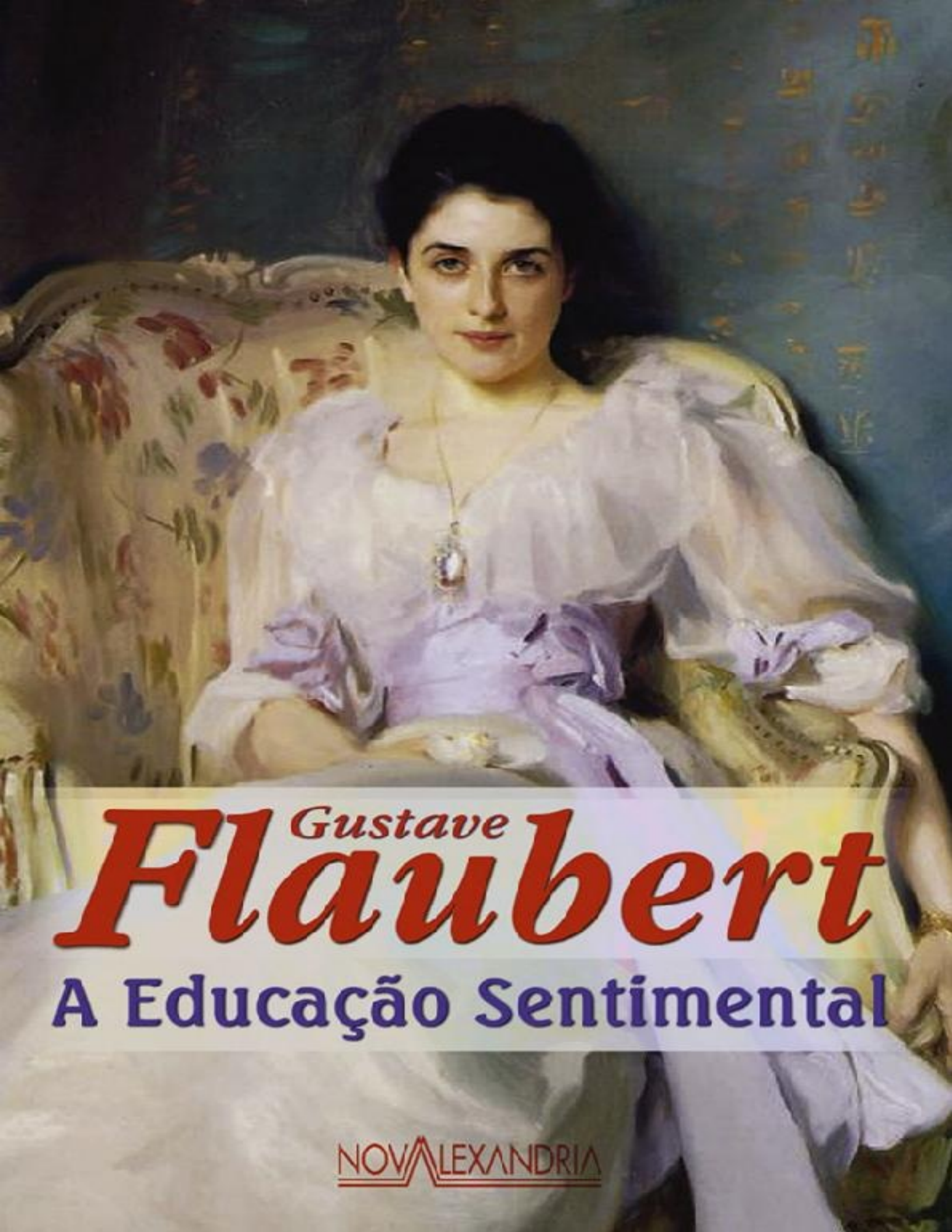


Gustave

Flaubert

A Educação Sentimental

NOVA ALEXANDRIA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

GUSTAVE FLAUBERT

A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL

História de um jovem

Título original
L 'Éducation sentimentale

Com introdução, notas e variantes
Édouard Maynial

Tradução
Adolfo Casais Monteiro

Digitalização e revisão
(E)

NOVA ALEXANDRIA

Título original:
L 'Éducation sentimentale

Copyright da presente edição *by Editions Garnier Frères*, Paris.
Editora Nova Alexandria, São Paulo, 2009.

Todos os direitos reservados
Editora Nova Alexandria Ltda.
Av. Dom Pedro I, 840
01552-000 — São Paulo — SP
Fone/Fax: (11) 2215 6252
Site: www.novaalexandria.com.br
Email: novaalexandria@novaalexandria.com.br

Revisão: Wilson Ryoji Imoto
Editoração Eletrônica: Eduardo Seiji Seki
Capa: Lúcio Kume sobre o retrato “Lady Agnew of Lochnaw”
do pintor americano John Singer Sargent (1856-1925)

Edição em conformidade com o novo acordo ortográfico
da língua portuguesa.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F616e
Flaubert, Gustave, 1821-1880
A educação sentimental : história de um jovem / Gustave Flaubert ; com introdução, notas e variantes por Édouard Maynial ; tradução de Adolfo Casais Monteiro. — São Paulo : Nova Alexandria, 2009.
416p. : il.

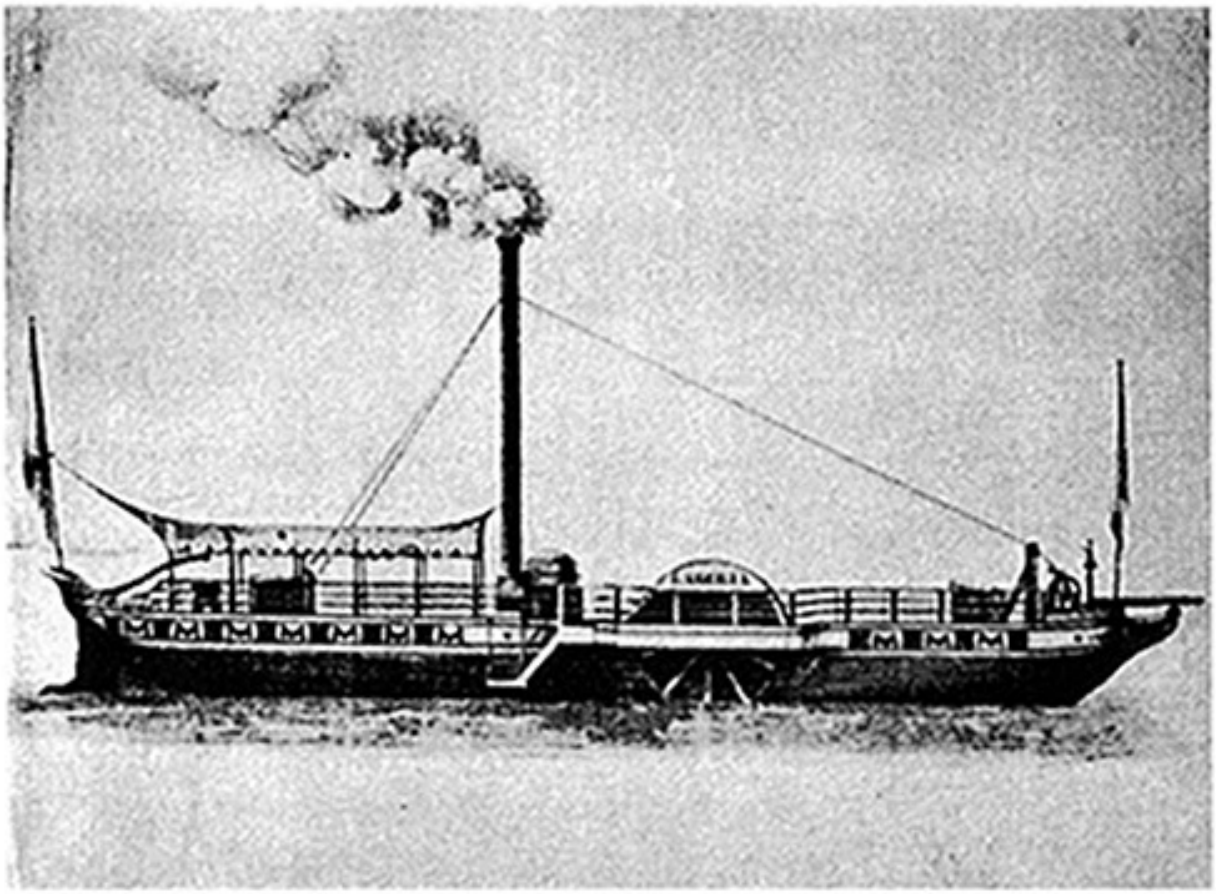
Tradução de: L’éducation sentimentale
ISBN 978-85-7492-205-8

1. Romance frances. I. Maynial, Édouard, 1879-1966. II. Monteiro, Adolfo Casais, 1908-1972. III. Título.

09-3269. CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser reproduzida sem a expressa autorização da editora.

Impressão e acabamento: Yangraf Gráfica e Editora



L'Abeille, barco a vapor que fazia o percurso Paris-Montereau.
(Claude Bulloz, Museu Carnavalet, Paris)

INTRODUÇÃO

"Agora, há um mês que estou escrevendo um romance de costumes modernos que se passará em Paris. Será a história moral dos homens da minha geração; a história sentimental, para ser mais exato. É um livro de amor, de paixão; mas de paixão como pode existir hoje, isto é, inativa. O assunto, tal como o concebi, é, creio, profundamente verdadeiro, mas, por isso mesmo, provavelmente pouco divertido. E pobre de fatos, de drama; além disso, a ação estende-se durante um lapso de tempo demasiado considerável. Em suma, tenho grandes dificuldades e estou cheio de inquietação."

É esse o texto essencial em que Flaubert define, com perfeita lucidez, a ideia fundamental, a inspiração, a atmosfera de A Educação Sentimental, *numa carta de* 6 *de outubro de 1864 à Srta. Leroyer de Chantepie* (a).

Foi efetivamente a 1º de setembro de 1864, como se vê pela data do manuscrito, que Flaubert começou o seu grande romance. Demorará cinco anos a escrevê-lo, pois A Educação Sentimental, *terminada em maio de 1869, será posta à venda a 17 de novembro desse mesmo ano, pelo editor Michel Lévy.*

Como habitualmente, pode seguir-se, ao longo da Correspondance, *a gênese e o desenvolvimento da obra* (b). *"Livro pesado", diz ele ainda, ao referir-se a esta obra na qual vemos hoje o balanço de uma época; durante dez horas por dia, mergulha no trabalho, às vezes irritado com um assunto que contraria as suas aspirações profundas: "O que me desola é a convicção de estar fazendo uma coisa inútil, quero dizer, oposta à finalidade da Arte, que é a exaltação vaga. Com as exigências científicas de agora, e um tema burguês, a coisa parece-me radicalmente impossível. A beleza não é compatível com a vida moderna". Afirmação muitas vezes repetida, num tom de sincero desânimo. Contudo, neste assunto "inextricável devido à sua simplicidade e abundância",*

ele pôs, como vamos ver, uma grande parte da sua vida secreta. Mas Flaubert não era homem de escrever o que o seu coração lhe ditasse. Para ele, a grande dificuldade era "entrosar as suas personagens nos acontecimentos políticos de 48". Receava que "o fundo absorvesse os primeiros planos; é o defeito do gênero histórico. As figuras da história são mais interessantes do que as da ficção, sobretudo quando as paixões daquelas são moderadas". Esta preocupação iria justificar-se em vista de certas críticas, aliás bem pouco argutas, que acolheram o romance quando do seu aparecimento. Aludindo a alguns desses juízos, Flaubert escrevia a George Sand: "Os mais indulgentes acham que me limitei a fazer quadros, e que faltam inteiramente a composição e o desenho".

Embora a posteridade o tenha ilibado de tais culpas, a incompreensão da crítica pode justificar-se, em parte, pelo duplo caráter de A Educação Sentimental, *que é, ao mesmo tempo, um romance pessoal, o romance da desilusão, e a suma de uma época, uma espécie de romance social.*

Por um lado, Flaubert retratou-se na personagem de Frédéric Moreau, e sob o nome de Senhora Arnoux evocou a figura da Senhora Schlésinger, que conhecera em Trouville, em 1836, quando ainda era quase uma criança e que foi a grande ternura, a única verdadeira paixão de toda a sua vida. Considerada deste ponto de vista, A Educação Sentimental *acha-se na linha dos grandes romances pessoais do século XIX,* Adolphe, Volupté, Le Lys dans la Vallée, Dominique.

Por outro lado, ao contar-nos esta história de uma derrota, este belo sonho que se desfaz a pouco e pouco ao contacto de uma realidade humilhante, esta renúncia da sensibilidade e da imaginação perante a vida, Flaubert fez reviver a Paris da Monarquia de Julho, minada pela fibre das revoluções, povoada por uma juventude já desanimada, pelo fato de ser "suficientemente inteligente e forte para conceber um ideal, mas não o bastante para o realizar". A geração que ele encarna nos seus tristes heróis é aquela que vem imediatamente depois do triunfo e do declínio do romantismo. E, sob esse aspecto, A Educação Sentimental *situa-se entre* La Confession d'un Enfant du Siècle *e* Les Déracinés.

Este duplo caráter — romance psicológico e pessoal, romance de costumes e histórico — evidencia-se melhor ainda a partir da importante publicação feita por M.-J. Durry dos Projets inédits *de Flaubert, segundo os* Carnets, *e os comentários tão perspicazes e penetrantes com os quais ilustrou esses documentos essenciais* (c).

Não seria demais insistir, com efeito, sobre o que Flaubert, apesar de sua

injustificada reputação de impessoalidade, quis por de si mesmo e de experiência vivida em seu livro. A Senhora Durry cita, sublinhando, esta frase de uma carta do autor à mãe, escrita na época em que meditava seu romance: "Transporto para esta obra (segundo meu hábito) tudo o que vejo e sinto". Já é sabido que, por mais de uma vez, encontrou-se ele na situação em que colocará o seu herói; quaisquer possíveis dúvidas a esse respeito, aliás, desaparecem ao lermos nos seus Carnets, *inicialmente, as páginas intituladas* Moeurs parisiennes, *e depois sobretudo os "projetos" de romances, os das Senhoras Dumesnil e Moreau, onde aparecem estas linhas emocionantes: "Travessia no barco de Montereau; um colegial. Sra. Sch (lésinger), Sr. Sch (lésinger), eu. Obsessão mulher virtuosa e sensata (escoltada pelos filhos)".*

* * *

A Educação Sentimental *pode ser considerada, depois de* Madame Bovary, *como um esforço vitorioso de Flaubert para se purgar do romantismo da sua juventude. Já Faguet observara, com razão, que Frédéric Moreau era filho espiritual de Bovary e de Emma. Vamos encontrar nele essa herança de ilusões interiores, de impaciências amorosas, de falências sentimentais que a mãe lhe deixou. Mas essa herança era também a de Flaubert, que liquida no seu livro, por meio da observação e da ironia, todos os seus sonhos, todas as quimeras dos seus vinte anos, dos quais já tinha feito o balanço, em 1845, num livro que tem o mesmo título* (d).

Entre a primeira Educação Sentimental, *a dos vinte e cinco anos, e a* Educação *de 1869, está toda a experiência ganha por Flaubert no decurso dos outros vinte e cinco anos que as separam. Mas entre os dois livros há também um grande número de profundas analogias, que demonstram ao mesmo tempo a continuidade dessa educação do sentimento em Flaubert e as estreitas relações de ambas as ficções com a realidade* (e). *Os dois livros contam igualmente uma educação da sensibilidade ao longo da vida, a experiência da vida amorosa nos anos de formação. Frédéric Moreau é também Flaubert, tal como o Jules da primeira* Educação.

Já foi dito que Frédéric era uma transposição realista do romântico Amaury de Volupté. *E é inegável que a influência do romance de Flaubert sobre a literatura realista foi considerável, talvez mais considerável do que a de* Madame Bovary; *no romance realista serão frequentes essas existências frustradas; a obra do próprio Maupassant, assim como a de Zola, de Daudet,*

dos Goncourt, de Huysmans, estão cheias de Educações Sentimentais. *Noutras literaturas, quer seja em* Ana Karenina, *de Tolstoi, quer no* Pequeno Mundo de Outrora, *de Fogazzaro, encontra-se igualmente esse tipo de espíritos desiludidos, destituídos de vontade, cujas grandes ambições ou inquietos desejos esbarram com as duras necessidades de uma evolução social que os ultrapassa. E, bem perto de nós, um crítico descobria, há alguns anos, no romance de Paul Morand,* Bouddha vivant, *uma longínqua sobrevivência da obra-prima de Flaubert: essa aprendizagem da sensibilidade por um jovem príncipe oriental, através da nossa civilização gasta, termina por uma renúncia, por um malogro análogo ao de Frédéric Moreau* (f).

* * *

A matéria "pessoal" de A Educação Sentimental *é hoje bem conhecida; graças aos notáveis estudos de Gérard-Gailly* (g). *Já antes dele se sabia que a grande paixão de Flaubert tinha sido a Sra. Schlésinger, a "velha ternura", a "sempre amada", e que a sua figura revive na* Educação *sob os traços da Senhora Arnoux. Os flaubertistas já não eram mais os únicos a saber do encontro da criança romântica, na praia de Trouville, com a jovem a quem dedicou durante a vida inteira um amor impossível. Mas quase nada se sabia acerca dessa mulher. Os livros de Gérard-Gailly fizeram-nos conhecer tudo a seu respeito: em primeiro lugar, o seu nome de solteira, que nunca fora citado por ninguém, Elisa Foucault; as suas origens, o seu parentesco, o seu estado civil; depois, a data exata do encontro em Trouville, agosto de 1836, e não de 1837, como sempre se supusera; os dois casamentos de Elisa Foucault, o mistério que envolve os primeiros anos da sua vida de mulher, e que Gérard-Gailly respeita delicadamente, embora deixando-nos entrever o seu sentido; o nascimento dos seus dois filhos; a sua vida conjugal com essa figura curiosa que era Maurice Schlésinger, cuja personalidade complexa e desconcertante atividade nos são apresentadas numa pitoresca e divertida evocação; todos os contrastes e todas as quedas de um destino falhado, através das extravagâncias do marido e os desentendimentos dos filhos, até o fim trágico da mãe num hospício... Essa história não é contada gratuitamente: os seus episódios principais estão ligados à vida de Flaubert, com a qual cruzam constantemente, e à teia romanesca de* A Educação Sentimental, *para onde foram transpostos, e onde os podemos reconhecer.*

Contrariamente ao que foi repetido pela maior parte dos críticos, desde a

publicação das obras de juventude de Flaubert, Gérard-Gailly estabelece o evidente parentesco, graças a esta verdadeira ressurreição da Sra. Schlésinger, entre A Educação Sentimental *de 1845 e a de 1869: na primeira, Flaubert, aos vinte e cinco anos, dá à sua grande paixão o natural desenlace que sonhara; na segunda, aos quarenta e oito anos, confessa com pungente lucidez o desmentido que a vida lhe infligira.*

Quem se sinta tentado, apesar de tão convincente demonstração, a pôr em dúvida a presença da recordação de Elisa Foucault na vida e na obra de Flaubert, deve refletir neste fato comovedor que nos é revelado por Gérard-Gailly: ele sabe onde se encontram, em Paris, os exemplares dos livros de Flaubert que o escritor enviava fielmente à sua amiga de sempre; Gérard-Gailly pôde ver todos esses livros e as respectivas dedicatórias, pôde tocar-lhes, coma emoção e o respeito que se pode adivinhar; mas em vão procurou entre eles A Educação Sentimental.

* * *

Evocação amorosa, mas bem diferente da confissão *romântica de um Musset, ou mesmo de um Sainte-Beuve* (h), A Educação Sentimental *e também uma espécie de romance histórico. Isso, ele próprio o disse; aqui, o historiador, procedendo com o mesmo escrúpulo que tivera ao escrever* Salammbô *ou* Hérodias, *baseará a vasta reconstituição de uma época política e social numa massa imponente de documentos vividos ou impressos, de inquéritos, de testemunhos de toda a espécie.*

Qual é hoje o valor histórico deste quadro da Paris de 1848? Se foi possível encontrar-lhe erros de pormenor, ninguém o pôde todavia acusar de tendencioso, e a imparcialidade, a objetividade do autor parecem absolutas. Quando apareceram Os Miseráveis, *Flaubert, não obstante a admiração e o respeito que dedicava a Victor Hugo, protestou indignadamente contra um livro no qual não encontrava "nem verdade, nem grandeza". Revoltava-o sobretudo o estilo, intencionalmente incorreto e vulgar": "É uma forma de adular o populacho. Hugo tem atenções e lisonjas para toda a gente; Sansimonistas, Filipistas e até os estalajadeiros, todos são baixamente adulados...". É necessário ler esse juízo na íntegra* (i), *para se apreciar com quanta arte Flaubert soube harmonizar, num romance que é, sob certos aspectos, um romance social, o fundo histórico, a realidade viva e a ficção romanesca, sem desnaturar esta nem aquela.*

Já se pretendeu estabelecer um paralelo entre A Educação Sentimental *e um romance de Maxime Du Camp,* Les Forces perdues, *que descreve a mesma época. O próprio Flaubert se inquietava com tal aproximação, considerando embora que o romance do seu amigo dava "uma ideia exata dos homens da sua geração"* (j). *Mas, tanto para o historiador dos costumes como para o historiador político, o quadro descrito por Du Camp é muito menos vasto e completo do que o de Flaubert. O primeiro recorre quase exclusivamente às suas impressões e recordações pessoais; o segundo fez obra de historiador. Conforme já foi dito, a vida das personagens de* A Educação Sentimental *"está tão bem entretecida de realidades que se torna impossível perceber em que ponto deixa de ser história"* (k). *Eis por que este livro pode ser hoje utilizado como um testemunho histórico; confrontando-o com os historiadores da Monarquia de Julho e da Revolução de 1848* (l), *pôde verificar-se a sua exatidão; as numerosas alusões que ele encerra controlam-se, esclarecem-se, definem-se pelos fatos e as figuras da época, e esse trabalho de exegese, que ainda mais o aproxima de nós, não lhe é desfavorável. E chegou até a dizer-se que "um historiador que deseje conhecer a época que precedeu o golpe de Estado não pode dispensar* A Educação Sentimental" (m).

Será necessário acrescentar que é inútil atermo-nos estritamente à cronologia numa obra em que a realidade histórica serve de trama à ficção romanesca? Entretanto, pesquisadores pacientes submeteram tal cronologia a uma crítica rigorosa (n). *Afinal, que importa que Flaubert, nos capítulos III e IV da última parte de* A Educação Sentimental *se tenha "deixado prender nas malhas das alusões múltiplas" e que, às vezes, tenha sido "colhido pelos fios de uma meada que ele de moto próprio embaraçara"! Muito mais sofreu a cronologia com a negligência, talvez proposital, do autor, em* Bouvard et Pécuchet, *romance além do mais inacabado, e as inconsequências que se pôde relevar na vida dos dois personagens em nada diminuem o interesse do livro.*

Nessa questão das datas, como na das fontes, temos às vezes tendência a subestimar, se não a negligenciar, a parte predominante da arte do escritor. Admirando a habilidade com que Flaubert conseguiu soldar, no seu personagem de Frédéric, "tantos traços que provêm de Du Camp a tantos outros, muito mais numerosos ainda, provenientes de seu próprio passado", René Dumesnil conclui com felicidade: "Isso mostra como é arriscado procurar num romance uma confissão inteira, uma autobiografia sincera. Quem diz romance digno desse nome, diz forçosamente invenção (o)."

* * *

Quando Flaubert, escrevendo o seu romance, lamentava "fazer uma coisa oposta à finalidade da Arte, que é a exaltação vaga", terá sentido confusamente que dava sobre a sua própria personalidade um testemunho tão sincero e tão emocionante como sobre os jovens da sua geração? A Educação Sentimental *e o drama da juventude burguesa de 1840; e é também o drama de um temperamento romântico, sempre frustrado, porque sempre procura o inacessível. A vida de Frédéric Moreau malogrou porque as circunstâncias exteriores são adversas ao sonho, e porque Frédéric se evade sempre, em vez de viver. Mas, Flaubert, o Flaubert de 1860, que conclusão tirou ele desta evasão falhada? "O desprezo pelas tentações do mundo e o refúgio na arte"* (p).

Primeira parte

I

No dia 15 de setembro de 1840, o *Ville-de-Montereau*, pronto a largar, soltava os seus grossos rolos de fumo junto do cais Saint-Bernard. Gente chegava esbaforida; barricas, cordas, cestos de roupa dificultavam a circulação; os marujos não respondiam a ninguém; as pessoas atropelavam-se; entre os dois cilindros eram içadas encomendas, e a vozeria perdia-se no silvo do vapor das máquinas que, escapando por entre as chapas de zinco, envolvia a cena numa nuvem esbranquiçada, enquanto a sineta, à proa, tocava sem parar[1].

Por fim, o navio partiu; e as duas margens, cobertas de lojas, de estaleiros e de fábricas, desenrolaram-se como duas largas fitas.

Um jovem de dezoito anos, de cabelos compridos, e que segurava um álbum debaixo do braço, conservava-se imóvel junto do leme. Através do nevoeiro, contemplava campanários, edifícios cujo nome ignorava; em seguida, lançou um derradeiro olhar à ilha Saint-Louis, à Cité, à Notre-Dame; e, dentro em pouco, tendo Paris desaparecido, soltou um profundo suspiro.

O Senhor Frédéric Moreau[2], tendo acabado o curso secundário, regressava a Nogent-sur-Seine, onde se aborreceria durante dois meses, antes de ir seguir o curso de Direito. A mãe dera-lhe a quantia exata para ir ao Havre visitar o tio, cuja herança esperava que viesse a caber ao filho; só na véspera regressara e, como compensação por não poder demorar-se na capital, escolhera o mais longo caminho de volta.

O tumulto apaziguava-se; todos se tinham instalado; alguns, de pé, aqueciam-se em redor da máquina, e a chaminé ia soltando, com um estertor lento e rítmico, o seu penacho de fumaça negra; gotinhas de orvalho escorriam pelas superfícies de cobre; o tombadilho tremia com uma pequena vibração interna, e as duas rodas, girando rapidamente, açoitavam a água.

As duas margens do rio eram arenosas. Cruzava-se com jangadas de madeira que ficavam ondulando sob o efeito das vagas, ou então, num barco sem velas, era um homem que pescava, sentado; depois, as névoas errantes desfizeram-se, o sol apareceu, a colina que, à direita, acompanhava o curso do Sena, foi diminuindo aos poucos e outra surgiu, mais próxima, na margem oposta.

Coroavam-na árvores, por entre casas baixas de telhados à italiana. Tinham jardins em declive, divididos por muros novos, grades de ferro, gramados, estufas, e vasos de gerânios, a intervalos regulares, em terraços onde se podia ficar debruçado. Alguns dos viajantes, ao ver essas residências graciosas, muito tranquilas, sonhavam ser proprietários delas[3], para aí viver até o fim dos seus dias, com um bom bilhar, uma chalupa, uma mulher ou qualquer outro sonho. O prazer inédito de uma excursão marítima[5] facilitava essas expansões. Os espirituosos já tinham dado início às suas graças. Muitos cantavam. Todos estavam alegres. Bebiam.

Frédéric pensava[6] no quarto em que iria morar, no plano de um drama, em motivos de quadros, em futuras paixões. Achava que a felicidade merecida pela excelência da sua alma estava tardando. Declamou, de si para si, versos melancólicos; percorria o tombadilho em passos rápidos; seguiu até o extremo, junto da sineta; — e, numa roda de passageiros e marujos, viu um senhor que dirigia galanteios a uma camponesa, brincando com a cruz de ouro que ela trazia ao peito. Era um sujeito forte, de uns quarenta anos, cabelos crespos. O tronco robusto enchia o jaquetão de veludo preto, na camisa de cambraia brilhavam duas esmeraldas, e as calças largas caíam sobre estranhas botas vermelhas, em couro da Rússia, realçadas por desenhos azuis[7].

A presença de Frédéric não o perturbou. Voltou-se diversas vezes para ele, piscando-lhe o olho; depois, ofereceu charutos a toda a gente que estava à volta. Mas, cansando-se daquela companhia, sem dúvida, foi para mais longe. Frédéric acompanhou-o.

A conversa incidiu a princípio sobre as várias espécies de fumo, em seguida, como era natural, sobre mulheres. O cavalheiro de botas vermelhas deu conselhos ao jovem; expunha teorias, contava anedotas, dava-se a si próprio como exemplo, falando sempre em tom paternal, com uma corrupção divertida e ingênua.

Era republicano; viajara, conhecia os teatros por dentro, os restaurantes, os jornais, assim como todos os artistas célebres, aos quais tratava, familiarmente, pelo primeiro nome; não tardou que Frédéric lhe contasse os seus projetos; ele encorajou-o.

Mas calou-se para observar a chaminé do vapor, em seguida ao que, se pôs a fazer rapidamente, por entre dentes, um longo cálculo a fim de saber “quanto cada movimento do êmbolo, a tantos por minuto, devia etc.” — e, tendo achado o resultado, admirou muito a paisagem. E dizia-se feliz por se ter livrado dos negócios.

Frédéric sentia um certo respeito por ele, e não resistiu ao desejo de lhe perguntar o nome. O desconhecido respondeu, dum jato:

— Jacques Arnoux, proprietário da *Art industriel*, Bulevar Montmartre.

Um criado de boné com galões dourados veio dizer-lhe:

— O senhor quer fazer o favor de descer? A menina está chorando.

E desapareceu.

A Art industriel era um estabelecimento híbrido, que incluía um jornal de pintura e uma galeria de arte. Frédéric vira esse título, por diversas vezes, na vitrina da livraria da sua terra natal, em imensos prospectos, nos quais o nome de Jacques Arnoux se ostentava gloriosamente.

O sol caía a prumo, fazendo rebrilhar os anilhos de ferro em torno dos mastros, as placas da pavesada e a superfície da água, que a proa abria em dois sulcos prolongados até às margens. Nas curvas do rio, surgia sempre a mesma cortina de salgueiros esmaecidos. Não se descortinava vivalma. Pequenas nuvens brancas paradas pontilhavam o céu — e um vago tédio parecia enlanguescer a marcha do vapor e tornar ainda mais insignificante o aspecto dos passageiros.

Com exceção de alguns burgueses, na primeira classe, eram operários e lojistas com as mulheres e os filhos. Como o costume de então era vestir-se sordidamente em viagem, quase todos usavam velhas barretinas gregas, ou chapéus desbotados, fraques pretos puídos, lustrosos de roçar nas escrivaninhas, ou então sobrecasacas cujos botões forrados se esgarçavam, de tanto terem servido nas lojas; aqui e ali, um colete posto aos ombros como xale deixava entrever uma camisa de algodão, maculada de café; alfinetes dourados prendiam gravatas esfarrapadas; tiras de pano prendiam aos pés pantufas de feltro; dois ou três vadios, ostentando pingalins com alças de couro, lançavam olhares de esguelha, e chefes de família esbugalhavam os olhos, fazendo perguntas. Conversavam em pé ou sentados nas bagagens; outros dormiam pelos cantos; alguns comiam. Cascas de nozes e de peras, pontas de charuto, restos de chouriço, trazido dentro de papéis, sujavam o tombadilho; três marceneiros, de blusões, estacionavam diante da cantina; um tocador de harpa, esfarrapado, descansava apoiado no seu instrumento; de tempos em tempos, ouvia-se o ruído

do carvão de pedra na fornalha, uma voz que se elevava, uma risada; — e o capitão, na ponte, ia sem parar de uma roda à outra. Para voltar ao seu lugar, Frédéric abriu a cancela da primeira classe, passando por entre dois caçadores e os seus cães.

Foi como uma aparição[8]:

Ela estava sentada, sozinha, no meio do banco; pelo menos, ele não distinguiu mais ninguém, cego pela luz que lhe emanava dos olhos. Quando passava, ela ergueu a cabeça; Frédéric, involuntariamente, vergou os ombros; e, sentando-se mais adiante, do mesmo lado, ficou a olhar para ela.

Tinha um grande chapéu de palha, com fitas cor-de-rosa que o vento fazia esvoaçar. O cabelo preto formava bandôs, que, quase tocando a extremidade das longas sobrancelhas, desciam tão baixo que pareciam cingir amorosamente o oval do seu rosto. O vestido de musselina clara, de bolinhas, estendia-se em numerosas pregas. Bordava qualquer coisa; e o nariz reto, o queixo, toda ela se recortava sobre o fundo azul do céu[9].

Mantendo-se ela na mesma atitude, Frédéric foi para um lado, depois para outro, a fim de dissimular a sua manobra; em seguida instalou-se bem junto da sombrinha dela, encostado ao banco, fingindo observar uma chalupa que passava.

Nunca vira um tal esplendor de pele morena, sedução igual à daquela cintura, nem dedos tão finos como os dela, que a luz atravessava. Olhava com pasmo para a cestinha de costura, como se fosse uma coisa extraordinária. Como se chamaria, onde morava, qual seria a sua vida, o seu passado? Desejava conhecer os móveis do quarto dela, todos os vestidos que ela usara, as pessoas que frequentava; e o próprio desejo carnal da posse desaparecia perante uma aspiração mais profunda, numa curiosidade dolorosa que não tinha limites.

Uma negra, de lenço amarrado na cabeça, surgiu, trazendo pela mão uma menina já crescida. A criança tinha os olhos marejados de lágrimas, acabava de acordar; ela sentou-a no colo. “A menina não tinha juízo, embora tivesse quase sete anos; sua mãe ia deixar de gostar dela; deixavam-na ter todos os caprichos”. E Frédéric encantava-se por ouvir aquelas coisas, como se fosse uma descoberta, uma aquisição[10].

Supunha-a de origem andaluza[11], ou talvez crioula: teria trazido com ela aquela negra, das Ilhas?

Entretanto, um grande xale[12] de listras roxas pendia-lhe atrás das costas, na barra de cobre da amurada. Quantas vezes, em pleno mar, durante as noites

úmidas, não o teria posto em volta dos ombros, coberto com ele os pés, dormido envolta nele! Mas o xale, arrastado pelo peso das franjas, ia deslizando, estava prestes a cair na água. Frédéric de um salto agarrou-o. Ela disse-lhe:

— Muito obrigada, senhor.

Os seus olhos encontraram-se.

— Está pronta, minha mulher? — exclamou o Senhor Arnoux, surgindo no vão da escada.

A pequena Marthe correu para ele, e, pendurando-se-lhe no pescoço, puxava-lhe os bigodes. Ouviram-se os sons de uma harpa, e ela quis ver a música; o harpista, trazido pela negra, não tardou a surgir na primeira classe. Arnoux reconheceu nele um antigo modelo, e tratou-o por tu, para surpresa dos assistentes. Finalmente, o harpista deitou os longos cabelos para trás dos ombros, estendeu os braços e começou a tocar.

Era uma romança oriental, em que se falava de punhais, flores e estrelas. O homem coberto de andrajos cantava com uma voz mordente; as pancadas da máquina cortavam a melodia fora do compasso; ele dedilhava com mais força: as cordas vibravam; e os seus sons metálicos pareciam exalar soluços, como se fosse a queixa de um amor orgulhoso e malogrado. De ambos os lados do rio, os bosques chegavam quase à beira d’água; sentiu-se uma corrente de ar fresco; a Senhora Arnoux fitava a distância, com um ar vago. Quando a música terminou, pestanejou várias vezes, como se despertasse de um sonho.

O harpista aproximou-se deles, humilde. Enquanto Arnoux procurava dinheiro trocado, Frédéric estendeu a mão fechada para o boné e, abrindo-a com pudor, depositou nele um luís de ouro. Não era a vaidade que o levava a dar aquela esmola diante dela, mas uma ideia de bênção à qual a associava, um movimento quase religioso do coração.

Arnoux, mostrando-lhe o caminho, convidou-o cordialmente a descer. Frédéric afirmou que acabara de almoçar; pelo contrário, estava morrendo de fome; e já não tinha um cêntimo sequer no fundo da bolsa.

Em seguida pensou que tinha tanto direito como qualquer outra pessoa de estar na sala.

Em volta das mesas redondas, burgueses comiam, e um criado circulava; a Senhora Arnoux e o marido estavam ao fundo, à direita; Frédéric sentou-se no comprido banco forrado de veludo, e pegou num jornal que lá se achava.

Em Montereau, eles tomariam a diligência de Châlons. A sua viagem pela Suíça ia durar um mês. A Senhora Arnoux censurou o marido por fazer todas as vontades da filha. Ele murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido, certamente uma

palavra afetuosa, porque ela sorriu. Depois, Arnoux soergueu-se para fechar, atrás dela, o cortinado da janela.

O teto, baixo e todo branco, refletia uma luz crua. De frente para eles, Frédéric podia distinguir a sombra dos cílios da Senhora Arnoux. Ela molhava os lábios no copo, partia um pedaço de pão; o medalhão de lápis-lazúli, preso ao seu pulso por uma correntinha de ouro, batia de vez em quando de encontro ao prato. E, contudo, as outras pessoas não pareciam dar conta da sua presença.

Pelas vigias, de quando em quando, via-se deslizar o costado duma barca, que vinha trazer ou levar passageiros. Os que estavam sentados às mesas debruçavam-se das vigias e diziam os nomes dos lugares por onde iam passando.

Arnoux queixava-se da cozinha: ao ver a conta, reclamou, e obteve uma redução. Em seguida levou Frédéric até a proa, para beberem grogues. Mas o jovem não tardou a voltar para debaixo do toldo, onde a Senhora Arnoux já se encontrava novamente. Ela estava lendo um volume fino, de capa cinzenta. De vez em quando, os cantos da sua boca levantavam-se, e passava-lhe no rosto uma expressão de prazer. Frédéric invejou o autor daquelas coisas que pareciam interessá-la. Quanto mais a contemplava, mais sentia o abismo que os separava. Pensava que dentro em pouco teria que a deixar, irremissivelmente, sem ter obtido dela uma palavra, sem lhe deixar uma recordação sequer!

À direita estendia-se uma planície; à esquerda, um prado prolongava-se suavemente até uma colina, na qual se avistavam vinhas, nogueiras, um moinho por entre a vegetação, e estreitas veredas mais além, que faziam ziguezagues ao longo da rocha branca que parecia tocar o céu. Que felicidade não seria subir com ela ao seu lado, o braço envolvendo-lhe a cintura, enquanto o vestido dela arrastaria as folhas amarelecidas, escutando-lhe a voz, sob a luz dos seus olhos! O barco podia parar, e eles podiam descer; e esta coisa tão simples não era, afinal, mais fácil do que parar o sol!

Um pouco adiante avistava-se um castelo, de telhado pontiagudo e torres quadradas. Um canteiro de flores estendia-se diante da fachada; e avenidas que lembravam abóbadas escuras abriam-se debaixo das altas tílias. Frédéric imaginou-a passando junto aos caramanchões. Nesse momento, uma moça e um rapaz surgiram no terraço, entre as caixas das laranjeiras. Depois tudo desapareceu.

A menina brincava junto dele. Frédéric quis beijá-la. Ela escondeu-se atrás da criada; a mãe ralhou-lhe por não ser amável com o senhor que lhe salvara o

xale. Pretenderia fornecer-lhe uma deixa?

“Irá ela afinal falar-me?”, perguntava Frédéric aos seus botões.

O tempo urgia. Como conseguir ser convidado para a casa de Arnoux? E não imaginou coisa melhor do que fazer-lhe notar a cor do outono, acrescentando:

— Não tarda aí o inverno, tempo dos bailes e dos jantares!

Mas Arnoux estava demasiado ocupado com as bagagens.

Surville apareceu, as duas pontes aproximavam-se, o barco passou junto duma cordoaria, em seguida surgiu uma enfiada de casas baixas; junto delas, viam-se barricas de alcatrão, lascas de madeira; e garotos corriam pela areia, dando cambalhotas.

Frédéric reconheceu um homem, que vestia colete, e gritou-lhe:

— Anda depressa!

Tinham chegado. Frédéric teve dificuldade em achar Arnoux na multidão dos passageiros, e o outro respondeu, apertando-lhe a mão:

— Passe bem, meu caro senhor!

Chegado ao cais, Frédéric voltou-se. Ela estava de pé, junto do leme. Ele lançou-lhe um olhar em que tentara pôr toda a sua alma; como se ele nada tivesse feito, ela permaneceu imóvel. Depois, sem prestar atenção aos cumprimentos do criado:

— Por que não trouxeste o carro até aqui?

O homem desculpava-se.

— És um trapalhão! Dá cá dinheiro!

E foi comer numa estalagem.

Passado um quarto de hora, teve vontade de entrar no pátio das diligências, como se fosse por acaso. Quem sabe, talvez a visse ainda?

“Para quê?”, disse de si para si.

E tomou a *charrette.* Os cavalos não eram ambos de sua mãe. Pedira emprestado o do Senhor Chambrion, o coletor de impostos, para o atrelar junto com o seu. Isidore, que partira na véspera, descansara em Bray até o anoitecer, e dormira em Montereau, de modo que os animais estavam folgados e trotavam com ânimo.

Campos já ceifados estendiam-se a perder de vista. Duas filas de árvores ladeavam a estrada, montículos de cascalho sucediam-se; e, a pouco e pouco, Villeneuve-Saint-Georges, Ablon, Châtillon, Corbeil e os outros lugares, toda a viagem lhe voltou à memória, com tanta nitidez que distinguia agora novos pormenores, particularidades mais íntimas; sob o último folho do vestido, aflorava o pé, numa fina botina de seda castanha; o toldo de riscado formava um

grande pálio sobre a cabeça dela, e as pequenas borlas vermelhas da franja oscilavam à brisa, perpetuamente.

Ela lembrava as mulheres dos livros românticos[13]. Frédéric nada desejaria acrescentar nem tirar à sua pessoa. De súbito, o universo tinha-se alargado. Ela era o ponto luminoso para o qual convergia a totalidade das coisas; — e, embalado pelo movimento do carro, de olhos semicerrados, o olhar perdido nas nuvens, abandonava-se a uma alegria vaga e sem limites.

Em Bray, não esperou que dessem aveia aos cavalos, e foi caminhando pela estrada, sozinho. Arnoux tinha-lhe chamado “Marie!”. E gritou muito alto “Marie!”. A sua voz perdeu-se no ar.

Uma extensa faixa cor de púrpura incendiava o céu ao ocidente. Grandes medas de trigo, erguidas no meio dos colmos, projetavam sombras gigantescas. Numa propriedade, ao longe, um cão pôs-se a latir. Frédéric estremeceu, tomado por uma inquietação sem causa.

Quando Isidore o alcançou, sentou-se na boleia e tomou conta das rédeas. O seu mal-estar tinha passado. Estava decidido a fazer-se convidar pelos Arnoux, de qualquer forma, e a manter relações com eles. A sua casa devia ser divertida. Aliás, simpatizara com Arnoux; e depois, quem sabe? Então, uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto: as fontes latejaram-lhe. Fez estalar o chicote, sacudiu as rédeas e lançou os cavalos a tal galope que o velho cocheiro repetia:

— Devagar! Mais devagar! Vai deixá-los esfalfados.

Frédéric foi-se acalmando aos poucos, e pôs-se a escutar o seu velho criado.

O patrão era esperado com grande impaciência. A Senhorita Louise tinha chorado, porque queria vir na *charrette*.

— Quem é a Senhorita Louise?

— A menina do Senhor Roque, não se lembra?

— Ah! Já nem me lembrava dela! — replicou Frédéric, distraidamente.

Entretanto, os dois cavalos não podiam mais. Ambos mancavam; e soavam nove horas em Saint-Laurent quando ele chegou à Praça d'Armes, diante da casa de sua mãe. Essa casa, espaçosa, com um jardim que dava para o campo, aumentava a consideração em que era tida a Senhora Moreau, a pessoa mais respeitada da região.

A Senhora Moreau pertencia a uma velha família de fidalgos, já extinta. O marido, plebeu que os pais a tinham feito desposar, morrera duma sabrada, durante a gravidez dela, deixando-lhe um pecúlio comprometido. Recebia três vezes por semana e dava de vez em quando um grande jantar. Mas o número de velas era calculado com antecedência, e os rendimentos, esperados

impacientemente. Esse aperto, dissimulado como se fosse um vício, conservava-lhe a honestidade. Todavia, a sua virtude era destituída de afetação e de azedume. Os seus menores gestos caritativos pareciam grandes esmolas. Era consultada sobre a escolha dos criados, a educação das meninas, a arte de fazer doces, e o Bispo, nas suas visitas episcopais, ficava hospedado em casa dela.

A Senhora Moreau tinha grandes ambições para o filho. Não gostava de ouvir críticas ao Governo, por uma espécie de prudência antecipada. De início, ele teria necessidade de proteção; depois, graças às suas qualidades, chegaria a conselheiro de Estado, a embaixador, a ministro. Os triunfos que ele obtivera no colégio de Sens justificavam tal orgulho; Frédéric tinha ganhado o primeiro prêmio.

Quando ele entrou no salão, todos se ergueram ruidosamente, para abraçá-lo; e formou-se um grande círculo de poltronas e cadeiras em volta da lareira. O Senhor Gamblin perguntou imediatamente a opinião dele sobre a Senhora Lafarge[14]. Este processo, que fez furor na época, suscitou, como não podia deixar de ser, uma discussão violenta, que a Senhora Moreau interrompeu, para pesar do Senhor Gamblin; achava-a útil ao jovem, na sua qualidade de futuro jurisconsulto, e saiu do salão, irritado.

Isso não era para estranhar da parte dum amigo do Senhor Roque! A propósito do Senhor Roque, falou-se do Senhor Dambreuse, que acabava de adquirir a propriedade de Fortelle. Mas o recebedor chamara Frédéric de parte, para lhe perguntar o que pensava da última obra do Senhor Guizot[15]. Todos queriam saber da sua situação; e a Senhora Benoît fê-lo habilmente, perguntando pelo tio de Frédéric. Como passava esse estimado parente? Já não dava sinal de si há muito tempo. Ele não tinha um primo afastado na América?

A cozinheira veio anunciar que a sopa do Senhor Frédéric estava na mesa. Todos, discretamente, se retiraram. Uma vez a sós, na sala, a mãe disse-lhe, em voz baixa:

— Então?

O velho recebera-o com toda a cordialidade, mas sem revelar as suas intenções.

A Senhora Moreau suspirou.

“Onde estará ela agora?”, pensava Frédéric.

A diligência rodava, e ela, sem dúvida envolta no xale, apoiava no forro da carruagem a sua bela cabeça adormecida.

Já subiam para os seus quartos quando um criado do Cygne de la Croix veio trazer um bilhete.

O que é?

— É o Deslauriers que me quer ver — disse ele.

— Ah! O teu colega! — exclamou a Senhora Moreau com ar de escárnio. — Escolheu bem a hora, não há dúvida!

Frédéric hesitava. Mas a amizade foi mais forte. Pegou no chapéu.

— Pelo menos, não te demores muito! — disse-lhe a mãe.

II

O pai de Charles Deslauriers, antigo capitão do exército, que pedira demissão em 1818, voltara a Nogent para se casar, e comprara, com o dote, um cartório de meirinho, que mal lhe dava para viver. Amargurado por antigas injustiças, sofrendo ainda os efeitos dos velhos ferimentos, e sempre saudoso do Imperador, vingava-se nos seus próximos da cólera que o roía. Poucas crianças tinham sido mais espancadas do que o seu filho. O pequeno não cedia, apesar das surras. A mãe, quando tentava meter-se de permeio, apanhava também. Finalmente, o capitão o pôs no seu cartório, e mantinha-o o dia inteiro curvado sobre a escrivaninha, copiando processos, o que lhe deixou o ombro direito visivelmente mais forte do que o outro.

Em 1833, a convite do presidente do Tribunal, o capitão vendera o cartório. A mulher morreu de câncer, e ele instalou-se em Dijon; depois fez-se mercador de homens[1], em Troyes; e, tendo conseguido uma meia-bolsa para Charles, o pôs no colégio de Sens[2], onde Frédéric o conheceu. Mas um tinha doze anos, o outro quinze; aliás, mil diferenças de caráter e de origem os separavam.

Frédéric guardava na sua cômoda as mais variadas provisões, e coisas finas, como, por exemplo, um estojo de *toilette*. Gostava de dormir até tarde, pela manhã, de contemplar as andorinhas, de ler peças de teatro, e, sentindo falta dos aconchegos de casa, achava a vida do colégio dura.

O filho do meirinho achava-a excelente. Trabalhava de tal maneira, que ao fim do segundo ano passou para a quinta série.

Contudo, devido à pobreza, ou ao humor belicoso, não era olhado com simpatia. Mas quando um criado lhe chamou, uma vez, pé-rapado, atirou-se-lhe ao pescoço e tê-lo-ia morto se não fosse a intervenção de três inspetores. Frédéric, entusiasmado, apertou-o contra o peito. Desde esse dia, a intimidade

foi completa. A afeição de um colega mais velho lisonjeou, sem dúvida, a vaidade do pequeno, e para o outro foi uma felicidade aquela dedicação que se oferecia.

Durante as férias, o pai deixava-o no colégio. Uma tradução de Platão, que abriu por acaso, entusiasmou-o. Apaixonou-se então pelos estudos metafísicos; e fez rápidos progressos, porque os empreendia com força juvenil e o orgulho de uma inteligência que se liberta; Jouffroy, Cousin, Laromiguière, Malebranche, os Escoceses, tudo o que havia na biblioteca, ele devorou. Tivera que roubar a chave da sala, para conseguir livros.

As distrações de Frédéric não eram tão sérias. Desenhou na Rua des Trois-Rois a genealogia de Cristo, esculpida num poste, em seguida o pórtico da catedral. Depois dos dramas da Idade Média, lançou-se às memórias: Froissart, Comines, Pierre de L'Estoile, Brantôme.

As imagens que essas leituras suscitavam no seu espírito obcecavam-no de tal maneira que sentia a necessidade de as reproduzir. Ambicionava vir um dia a ser o Walter Scott da França[3]. Deslauriers projetava um vasto sistema de filosofia, que teria as mais longínquas aplicações.

Conversavam acerca de tudo isso, durante os recreios, no pátio, diante do preceito moral pintado por baixo do relógio[4], e, em voz baixa, na capela, nas barbas de S. Luís; e sonhavam com essas coisas no dormitório, que dava para um cemitério. Nos dias de passeio, deixavam-se ficar para trás dos outros, e conversavam sem parar.

Falavam do que viriam a fazer mais tarde, depois de terem saído do colégio. Primeiro, empreenderiam uma grande viagem com o dinheiro do pecúlio que Frédéric receberia, ao chegar à maioridade. Depois voltariam a Paris, trabalhariam juntos, nunca haviam de se separar; — e, como distração para os seus trabalhos, teriam amores com princesas em câmaras forradas de cetim, ou fulgurantes orgias com ilustres cortesãs. A inquietação sucedia a esses arroubos de esperança. Depois das crises de alegria verbosa, caíam em profundos silêncios.

Nas tardes de verão, quando tinham andado longo tempo pelos caminhos de pedras que ladeavam os vinhedos, ou pela estrada em pleno campo, e o trigo ondulava ao sol, enquanto um perfume de angélica impregnava o ar, sentiam uma espécie de opressão, e estendiam-se de costas, atordoados, embriagados. Os outros, em mangas de camisa, jogavam barra ou empinavam papagaios. O vigilante chamava-os. Regressavam, pelos jardins que ribeirinhos atravessavam, depois pelas avenidas ensombradas por velhos muros; as ruas desertas

ressoavam sob os seus passos; abria-se a grade, subiam as escadas; e sentiam-se tristes, como depois de grandes devassidões.

O censor achava que eles se sublimavam mutuamente. Contudo, se Frédéric trabalhou nas classes superiores, foi graças às exortações do amigo; e, nas férias de 1837, levou-o para a casa de sua mãe.

O jovem não agradou à Senhora Moreau. Comeu imensamente, recusou-se a assistir à missa do domingo, proferia discursos republicanos; além disso, julgou saber que ele levara o seu filho para lugares desonestos. As suas relações foram vigiadas. Isso ainda mais os aproximou; e a despedida foi penosa quando Deslauriers, no ano seguinte, deixou o colégio, para ir estudar Direito em Paris.

Frédéric contava encontrar-se lá com ele. Havia dois anos que não se viam; e, acabados os abraços, foram até as pontes, para conversar mais à vontade.

O Capitão, que explorava agora um bilhar em Villenauxe, deitara fogo pelos olhos quando o filho lhe exigira a prestação de contas da tutela, e cortara-lhe até os subsídios. Mas, como pretendia concorrer mais tarde a uma cadeira de professor na Escola, e não tinha dinheiro, Deslauriers aceitara, em Troyes, um lugar de primeiro escrevente de um procurador. À força de privações, economizaria quatro mil francos; e, mesmo que não viesse a receber nada da herança materna, sempre teria meios para trabalhar livremente, durante três anos, enquanto não obtivesse uma posição. Tinham assim que pôr de parte o velho projeto de viverem juntos na capital, pelo menos nos tempos mais próximos.

Frédéric baixou a cabeça. Era o primeiro dos seus sonhos que caía por terra.

— Consola-te — disse o filho do capitão — a vida é longa; nós somos jovens. Irei ter contigo! Não penses mais nisso!

Sacudia-lhe as mãos e, para distraí-lo, interrogou-o sobre a viagem.

Frédéric não tinha grande coisa para contar. Mas, ao pensar na Senhora Arnoux, a sua dor evolou-se. Não falou nela, inibido por um pudor[5]. Em compensação, referiu-se abundantemente a Arnoux, dele evocando os discursos, as maneiras, as relações; e Deslauriers estimulou-o vivamente a cultivar esse conhecimento.

Nos últimos tempos, Frédéric nada escrevera; as suas opiniões literárias tinham-se modificado: apreciava acima de tudo a paixão; Werther[6], René, Franck, Lara, Lélia e outros mais medíocres entusiasmavam-no quase no mesmo grau. Por vezes, parecia-lhe que só a música poderia exprimir a sua perturbação interior; então, sonhava com sinfonias; ou era atraído pela superfície das coisas, e desejava pintar. Contudo, fizera versos; Deslauriers achou-os muito belos, mas não lhe pediu que recitasse outra poesia.

Quanto a ele, deixara a metafísica. Agora interessava-se pela economia social, pela Revolução Francesa. Aos vinte e dois anos, era um rapaz alto e desengonçado, magro, com uma boca grande, ar decidido. Vestia, nessa noite, um pobre paletó de alpaca; e os seus sapatos estavam brancos de poeira, pois viera de Villenauxe a pé, só para ver Frédéric.

Isidore chegou junto deles. A senhora pedia ao senhor que voltasse para casa, e, receando que ele tivesse frio, mandava-lhe o sobretudo.

— Não te vás já embora! — disse Deslauriers.

E continuaram a passear de uma extremidade à outra das duas pontes que se apoiavam sobre a estreita ilha, formada pelo canal e pelo rio.

Quando iam na direção de Nogent, tinham, à sua frente, um grupo de casas, num leve declive; à direita, a igreja aparecia por trás dos moinhos de madeira, cujas comportas estavam fechadas; e, à esquerda, sebes de arbustos, ao longo da margem, fechavam jardins, que mal se distinguiam. Mas, do lado de Paris, a estrada larga descia em linha reta, e os prados perdiam-se ao longe, nas brumas da noite, que era silênciosa e de uma luminosidade esbranquiçada. Vinha até eles o cheiro de folhagem úmida; a água da represa, cem passos adiante, caía com aquele murmúrio forte e manso que fazem as ondas nas trevas.

Deslauriers parou, e disse:

— Tem graça, essa boa gente dormindo tranquilamente! Paciência! Um novo 89 se prepara! Estamos fartos de constituições, de cartas, de sutilezas, de mentiras! Ah! Se eu tivesse um jornal ou uma tribuna, que safanão dava nisso tudo! Mas, para se empreender seja o que for, é preciso dinheiro! Que maldição, ser filho de um taberneiro e perder a juventude ganhando o pão!

Baixou a cabeça, mordendo os lábios; tiritava, sob a roupa leve.

Frédéric lançou-lhe sobre os ombros metade do sobretudo. Envolveram-se os dois nele; e, abraçando-se pela cintura, foram caminhando assim, lado a lado.

— Como eu hei de viver lá, sem ti? — dizia Frédéric. A amargura do amigo deixara-o novamente triste. — Poderia fazer alguma coisa, com uma mulher que me amasse... Por que te ris? O amor é o alimento e como que a atmosfera do gênio. As emoções extraordinárias produzem as obras sublimes. Mas desisti de procurar aquela de quem precisaria! Aliás, se algum dia a encontrar, serei repelido por ela. Pertenço à raça dos deserdados, e morrerei com o meu tesouro sem saber se ele era um diamante verdadeiro ou artificial.

Sobre a calçada alongou-se a sombra de alguém, ao mesmo tempo em que ouviam estas palavras:

— Criado às ordens, meus senhores!

Quem as pronunciava era um homenzinho vestindo uma larga sobrecasaca marrom, e que usava um boné sob cuja pala se divisava um nariz afilado.

— E o Senhor Roque? — disse Frédéric.

— Em pessoa! — retorquiu a voz.

O homem de Nogent justificou a sua presença contando que vinha do jardim, onde inspecionara as armadilhas postas à beira d'água para os lobos.

— Então, de regresso à nossa terra? Muito bem! Eu soube pela minha filha. A saúde sempre boa, espero? Não nos vai deixar, por enquanto?

E foi-se embora, sem dúvida descontente com o acolhimento de Frédéric.

Com efeito, a Senhora Moreau não lhe frequentava a casa; o Senhor Roque vivia em concubinato com a criada, e era muito pouco estimado, apesar de ser o cabo eleitoral e o administrador do Senhor Dambreuse.

— O banqueiro que mora na Rua d'Anjou? — retorquiu Deslauriers. — Sabes o que tu devias fazer, meu velho?

Isidore veio interrompê-los novamente. Tinha ordens para levar Frédéric, definitivamente. A senhora estava inquieta com a demora.

— Bom, bom! Ele já vai — disse Deslauriers; — não vai ficar fora de casa.

E prosseguiu, depois da partida do criado:

— Devias pedir a esse velhote que te apresentasse em casa dos Dambreuse; não há coisa mais útil do que frequentar uma casa rica! Já que tens uma casaca e luvas brancas, aproveita! Precisas conhecer esse mundo! Mais tarde me levarás lá. Um homem que possui milhões, calcula! Arranja maneira de lhe agradar, e à mulher também. Torna-te amante dela!

Frédéric achava absurdo.

— Mas o que te estou dizendo são coisas clássicas! Lembra-te de Rastignac na *Comédia Humana*! Hás de triunfar, tenho certeza!

Frédéric tinha tal confiança em Deslauriers que se sentia abalado e, quer esquecesse a Senhora Arnoux, ou a incluísse na predição feita acerca da outra, não pôde deixar de sorrir.

— Último conselho: faz os teus exames! Um título é sempre bom; e deixa de uma vez os teus poetas católicos e satânicos, que não estão mais adiantados em filosofia do que se estava no século XII. O teu desespero é tolo. Grandes sujeitos principiaram a sua carreira com muito maiores dificuldades, a começar por Mirabeau. Além disso, a nossa separação não durará muito. Obrigarei o malandro do meu pai a largar o dinheiro. São horas de me ir embora, adeus! Tens aí cinco francos para eu pagar o jantar?

Frédéric deu-lhe dez, quanto lhe restava do dinheiro que pedira pela manhã a

Isidore.

Entretanto, a quarenta metros das pontes, na margem esquerda, uma luz brilhava no postigo de uma casa baixa.

Deslauriers avistou-a e disse com ênfase, tirando o chapéu:

— Vênus, rainha dos céus, um teu criado! Mas a Penúria é a mãe da Prudência. Muito nos caluniaram por causa disso, misericórdia!

Essa alusão a uma aventura em comum pô-los em boa disposição. E riam muito alto, pelas ruas afora.

Depois, paga a despesa na estalagem, Deslauriers acompanhou o amigo até a encruzilhada do Hospital; — e após um demorado abraço, os dois amigos separaram-se.

III

Dois meses depois, Frédéric, que certa manhã desembarcara na Rua Coq-Héron, pensou imediatamente em fazer sua grande visita.

O acaso ajudara-o. O Senhor Roque viera com um rolo de papéis, pedindo que os entregasse pessoalmente em casa do Senhor Dambreuse; e juntara um bilhete por lacrar, apresentando o seu jovem conterrâneo.

A Senhora Moreau mostrou-se surpreendida com o pedido. Frédéric dissimulou o prazer que ele lhe causava.

O verdadeiro nome do Senhor Dambreuse[1] era, na realidade, Conde d'Ambreuse; entretanto, abandonara em 1825 a nobreza e o seu partido, e voltara-se para a indústria; e, tendo informadores em todos os organismos públicos, metendo-se nos mais diversos empreendimentos, sempre no encalço dos bons negócios, sutil como um grego e duro no trabalho como um camponês de Auvergne, constituíra uma fortuna que se dizia ser considerável; era, além disso, oficial da Legião de Honra, membro do conselho geral do departamento do Aube, deputado, e não tardaria a ser par de França; prestativo, apesar disso, importunava constantemente o ministro com os seus pedidos de subsídios, de comendas, de concessões para venda de tabaco; e, quando não estava satisfeito com o Governo, aproximava-se do partido da "centro-esquerda"[2]. Sua mulher, a linda Senhora Dambreuse, que os jornais de modas citavam, presidia associações de caridade. Adulando as duquesas, aplacava os rancores do nobre *faubourg*, e dava a entender que o Senhor Dambreuse talvez ainda se arrependesse e pudesse ser útil.

O jovem sentia-se perturbado, dirigindo-se para a casa deles.

"Devia ter posto a sobrecasaca. Vão com certeza convidar-me para o baile da próxima semana? Que irão dizer-me?"

Recuperou a calma ao lembrar-se de que o Senhor Dambreuse não passava de um burguês, e apeou-se com desenvoltura do cabriolé[3], no passeio da Rua d'Anjou.

Depois de ter aberto um dos dois portões[4] atravessou o pátio, subiu o lanço de escadas e entrou num vestíbulo lajeado com mármore de cor.

Uma escadaria dupla, reta, com um tapete vermelho preso por varetas de cobre, subia rente à alta parede revestida de estuque brilhante. Ao pé havia uma bananeira, cujas largas folhas caíam sobre o veludo do corrimão. Dois candelabros de bronze suportavam globos de porcelana suspensos por pequenas correntes; um ar pesado emanava das aberturas escancaradas dos caloríferos, e ouvia-se apenas o tique-taque de um grande relógio de parede, que se erguia na outra extremidade do vestíbulo, debaixo de uma panóplia.

Ouviu-se uma campainha; surgiu um lacaio, que introduziu Frédéric numa saleta, onde se viam dois cofres, cujos compartimentos estavam cheios de pastas de papelão. No meio do aposento, o Senhor Dambreuse escrevia, sentado a uma escrivaninha de tampa corrediça.

Leu a carta do tio Roque, cortou com um canivete a tela que encerrava os papéis e examinou-os.

De longe, devido à sua pequena estatura, podia parecer ainda jovem. Mas os cabelos brancos que rareavam, os membros débeis e, sobretudo, a extraordinária palidez do rosto, denunciavam uma constituição arruinada. Uma energia implacável brilhava nos olhos glaucos, mais frios que olhos de vidro. Tinha os maxilares salientes e mãos de articulações nodosas.

Por fim, ergueu-se, e fez ao jovem algumas perguntas sobre pessoas que conheciam, sobre Nogent, sobre os estudos; depois despediu-o, com uma vênia. Frédéric saiu por outro corredor, e foi ter ao fundo do pátio, junto da cocheira.

Um cupê azul, puxado por um cavalo preto, estacionava diante da entrada principal. A portinhola abriu-se, uma dama subiu e a carruagem deslizou sobre a areia, com um ruído surdo.

Frédéric chegou ao mesmo tempo que ela junto da entrada do edifício. O espaço não era suficiente, e teve que esperar. Uma senhora, ainda jovem, debruçada à portinhola, falava em voz baixa com o porteiro. Frédéric só lhe via as costas, envolvidas num manto violeta. Entretanto, o seu olhar mergulhava no interior da carruagem, forrado de repes azul, com passamanarias e franjas de seda, e inteiramente tomado pelo vestuário da dama; aquela caixinha almofadada exalava um perfume de íris e um vago odor de elegâncias femininas. O cocheiro soltou as rédeas, o cavalo roçou bruscamente o marco, e tudo desapareceu.

Frédéric regressou a pé, pelos bulevares.

Tinha pena de não ter podido ver a Senhora Dambreuse.

Um pouco acima da Rua Montmartre, um congestionamento de trânsito fê-lo voltar a cabeça; e, do outro lado, em frente, leu numa placa de mármore:

JACQUES ARNOUX

Como fora possível não ter ainda pensado nela? A culpa era de Deslauriers; encaminhou-se para o estabelecimento, mas não entrou; esperava que Ela surgisse.

As altas vidraças transparentes deixavam ver, habilmente dispostos, estatuetas, desenhos, gravuras, catálogos, números do *Art industriel*[5]; e os preços da assinatura ostentavam-se também na porta, decorada, ao meio, com as iniciais do editor. Distinguiam-se, encostados às paredes, grandes quadros cujo verniz brilhava, e, ao fundo, duas arcas carregadas de porcelanas, de bronzes, de curiosidades atraentes; entre elas subia uma escada, fechada ao alto por um reposteiro de veludo; e um lustre antigo em porcelana de Saxe, um tapete verde cobrindo o soalho e uma mesa de embutidos davam mais uma impressão de sala de visitas do que de loja.

Frédéric fingia examinar os desenhos. Ao cabo de infinitas hesitações, entrou.

Um empregado levantou o reposteiro, e disse que o patrão não estaria na loja antes das cinco. Mas se queria deixar algum recado...

— Não, eu volto — replicou delicadamente Frédéric.

Passou os próximos dias tratando da sua instalação; e decidiu-se finalmente por um quarto no segundo andar, numa casa de cômodos, na Rua Saint-Hyacinthe[6].

Com uma pasta nova debaixo do braço foi assistir à abertura dos cursos. Trezentos jovens, sem chapéu, enchiam um anfiteatro onde um velho, de toga vermelha, dissertava em voz monocórdica; as penas rangiam sobre o papel. A sala cheirava a poeira, tal como a escola, tinha uma cátedra igual, o mesmo tédio! Voltou lá durante quinze dias. Mas não tinham chegado ainda ao artigo 3º quando Frédéric abandonou o Código Civil, deixando as Institutas na *Summa divisio personarum.*

Não sentira o prazer com que tinha contado; e, depois de ter esgotado um gabinete de leitura, percorrido as coleções do Louvre e ido várias vezes ao teatro, caiu numa inércia total.

Mil coisas novas agravavam a sua tristeza. Era preciso fazer o rol da roupa e aturar o porteiro, um rústico com aspecto de enfermeiro, que vinha todas as manhãs fazer-lhe a cama, cheirando a álcool e resmungando. O quarto, ornamentado com um relógio de mármore, não lhe agradava. As paredes eram pouco espessas; ouvia os estudantes fazerem ponche, rirem e cantarem.

Cansado da solidão, procurou um antigo camarada, chamado Baptiste Martinon[7]; foi dar com ele numa pensão burguesa da Rua Saint-Jacques, estudando processo civil, junto à lareira.

Diante dele, uma mulher de vestido de chita remendava meias.

Martinon era o que se chama um belo homem: alto, rosto cheio, traços regulares e olhos azulados à flor do rosto; o pai, abastado agricultor, destinava-o à magistratura — e Martinon, para se dar já um ar de seriedade, usava uma barba passa-piolho.

Como Frédéric não tinha motivo justificável para o seu tédio e não podia queixar-se de nenhuma infelicidade, Martinon nada compreendeu das suas lamentações sobre a existência. Por sua parte, ia todas as manhãs à Escola, depois dava um passeio nos jardins do Luxembourg, tomava o seu café todas as noites e, com mil e quinhentos francos por ano e o amor daquela operária, sentia-se perfeitamente feliz.

“Que felicidade!”, disse Frédéric de si para si.

Na Escola fizera outro conhecimento, o do Senhor de Cisy, de família nobre, e que parecia uma menina, tão delicadas eram as suas maneiras.

O Senhor de Cisy desenhava, e apreciava o gótico. Foram por diversas vezes admirar a Sainte-Chapelle e a Notre-Dame. Mas a distinção do jovem aristocrata recobria uma inteligência muito limitada. Tudo o surpreendia; ria muito da graça mais insignificante, e mostrava-se tão ingênuo que Frédéric, a princípio, pensara que ele se divertia à sua custa, e acabou por considerá-lo néscio.

Não tinha, portanto, com quem se expandir; e continuava a esperar o convite de Dambreuse.

No Ano-Novo, mandou-lhes cartões; mas não recebeu nenhum em troca.

Voltou à *Art industriel.*

Foi lá pela terceira vez, e finalmente encontrou Arnoux, que discutia no meio de cinco ou seis pessoas, e mal respondeu ao seu cumprimento; Frédéric sentiu-se ofendido. Mas nem por isso deixou de continuar à procura da maneira de se aproximar d’Ela.

Primeiro teve a ideia de aparecer muitas vezes, como se quisesse comprar quadros. Depois pensou em deitar na caixa da correspondência do jornal alguns

artigos “muito importantes”, o que provocaria o estabelecimento de relações. Mas talvez fosse melhor ir direito ao fim, declarar o seu amor? Então compôs uma carta de doze páginas, cheia de expansões líricas e apóstrofes; mas rasgou-a, e nada fez, nada tentou — imobilizado por temor ao fiasco.

Por cima do estabelecimento havia um primeiro andar de três janelas, que todas as noites se iluminavam. Viam-se circular sombras, uma, sobretudo; era a dela; — e Frédéric vinha de muito longe para olhar aquelas janelas e contemplar aquela sombra.

Uma negra, com quem topou um dia nas Tulherias, levando uma menina pela mão, lembrou-lhe aquela da Senhora Arnoux. Ela vinha certamente ali, como as outras; todas as vezes que atravessava as Tulherias, o coração palpitava-lhe, na esperança de encontrá-la. Nos dias de sol, continuava o passeio até o fim dos Champs-Elysées.

Mulheres indolentemente reclinadas em caleches, com véus flutuando ao vento, desfilavam a seu lado, ao passo firme dos cavalos, com um balouçar insensível que fazia gemer os couros envernizados. As carruagens tornavam-se mais numerosas e abrandavam a marcha depois de Rond-Point, ocupando toda a largura da via. Crinas ao lado de outras crinas, lanternas ao lado de outras lanternas; os estribos de aço, os freios de prata, as fivelas de cobre, destacavam-se como pontos luminosos entre os calções curtos, as luvas brancas e as peles que pendiam sobre os brasões das portinholas. Frédéric sentia-se perdido num mundo longínquo. Os seus olhos iam de uma cabeça feminina a outra; e vagas semelhanças faziam-no pensar na Senhora Arnoux. Imaginava-a, no meio das outras, num desses pequenos cupês, semelhantes ao da Senhora Dambreuse. Mas entardecia, e o vento frio levantava turbilhões de poeira. Os cocheiros encolhiam o queixo sobre as gravatas, as rodas giravam mais depressa, o macadame chiava; e todas as equipagens desciam a trote largo a longa avenida, quase se tocando, passando umas à frente das outras, afastando-se, para depois, na Praça de la Concorde, se dispersarem. Por trás das Tulherias, o céu tomava a tonalidade das ardósias. As árvores do jardim formavam duas massas enormes, de topo violáceo. Acendiam-se os bicos de gás; e o Sena, esverdeado em toda a sua extensão, dilacerava-se em reflexos de prata de encontro aos pilares das pontes.

Ia jantar, por quarenta e três soldos, num restaurante da Rua de la Harpe.

Olhava com desdém o velho balcão de mogno, os guardanapos com nódoas, a baixela sórdida e os chapéus pendurados na parede. Os que o rodeavam eram estudantes como ele. Falavam dos professores, das amantes. Mas que lhe importavam os professores! E tinha por acaso amante? Para evitar aquela alegria

chegava o mais tarde possível. Restos de comida cobriam todas as mesas. Os dois garçons dormitavam de cansaço pelos cantos, e um cheiro de cozinha, de candeeiros de azeite, de tabaco enchia a sala deserta.

Depois ia lentamente pelas ruas. Os revérberos balouçavam, fazendo estremecer longos reflexos amarelados sobre a lama. Pela beira dos passeios deslizavam sombras, ao abrigo dos guarda-chuvas. A calçada era escorregadia, o nevoeiro adensava-se, e parecia-lhe que as trevas úmidas, ao envolvê-lo, desciam-lhe indefinidamente no coração.

Assaltou-o o remorso. Voltou às aulas. Mas como nada sabia da matéria dada, as coisas mais simples embaraçavam-no.

Pôs-se a escrever um romance[8], que intitulou *Sylvio, le fils du pêcheur.* A coisa passava-se em Veneza. O herói era ele próprio; a heroína, a Senhora Arnoux. Ela chamava-se Antonia; — e, para possuí-la, ele assassinava diversos gentis-homens, incendiava uma parte da cidade e cantava-lhe debaixo da janela, onde a brisa fazia palpitar os cortinados de damasco vermelho do Bulevar Montmartre. Deu conta do excesso de reminiscências e desanimou; não foi avante, e a sua inércia agravou-se.

Então suplicou a Deslauriers que viesse partilhar o quarto com ele. Arranjariam maneira de viver com os seus dois mil francos de pensão; tudo era preferível àquela existência intolerável. Mas Deslauriers não podia ainda deixar Troyes. Recomendava-lhe que procurasse distrações, que frequentasse Sénécal.

Sénécal era um explicador de matemática, homem de cabeça sólida e convicções republicanas, um futuro Saint-Just, dizia Deslauriers. Frédéric subiu três vezes os cinco andares da casa onde morava, sem que ele lhe pagasse a visita. Não voltou lá.

Procurou divertir-se. Foi aos bailes da Ópera. Mas aquela alegria tumultuosa deixava-o gelado, mal entrava. Aliás, intimidava-o o receio de um desaire pecuniário; imaginava que cear com um dominó exigiria gastos consideráveis, era uma grande aventura.

Parecia-lhe, contudo, que podia ser amado. Acordava por vezes com o coração batendo de esperança, vestia-se com esmero, como se fosse a uma entrevista, e fazia caminhadas intermináveis pelas ruas de Paris. Cada mulher que seguia à sua frente ou que vinha na sua direção lhe fazia exclamar: “É ela!”. E era sempre uma nova decepção. A lembrança da Senhora Arnoux estimulava esses desejos. Quem sabe se não a encontraria? E imaginava, para aproximar-se dela, complicações do acaso, perigos extraordinários de que a salvaria.

Assim decorriam os dias, na repetição dos mesmos aborrecimentos e dos

hábitos adquiridos. Folheava livros sob as arcadas do Odéon, ia ler a *Revue des Deux Mondes*[9], no café, entrava numa sala do Collège de France, escutava durante uma hora uma aula de chinês ou de economia política. Todas as semanas, escrevia longas cartas a Deslauriers, jantava uma vez ou outra com Martinon, via de quando em quando o Senhor de Cisy.

Alugou um piano, e compôs valsas alemãs.

Uma noite, no teatro do Palais-Royal[10], avistou, num camarote de boca, Arnoux acompanhado por uma mulher. Seria ela? A cortina de tafetá verde, corrida diante do camarote, escondia-lhe o rosto. Por fim o pano subiu; a cortina foi aberta. Era uma mulher esguia, de uns trinta anos, gasta, cujos lábios grossos deixavam ver, quando ria, dentes esplêndidos. Conversava familiarmente com Arnoux e dava-lhe pancadinhas nos dedos com o leque. Depois, uma rapariga loira, com as pálpebras avermelhadas, como se tivesse acabado de chorar, veio sentar-se entre eles. Arnoux ficou daí por diante meio inclinado sobre o ombro dela, falando sempre, e ela escutava sem responder. Frédéric procurava imaginar qual seria a condição daquelas mulheres, que envergavam modestos vestidos sombrios com golas de cabeção.

No fim do espetáculo, precipitou-se para os corredores, que formigavam de gente. Arnoux, à sua frente, descia a escadaria de braço dado com as duas mulheres.

De repente, um bico de gás iluminou-o em cheio. Tinha um fumo no chapéu. Teria ela morrido? Essa ideia atormentou tanto Frédéric que, no dia seguinte, correu à *Art industriel*, e, pagando apressadamente uma das gravuras expostas na vitrina, perguntou ao empregado como passava o Senhor Arnoux.

O jovem respondeu:

— Passa muito bem!

Frédéric acrescentou, empalidecendo:

— E a senhora?

— A senhora também!

Frédéric esqueceu-se de levar a gravura.

O inverno chegava ao fim. Na primavera, Frédéric sentiu-se menos triste, começou a preparar os exames e, tendo passado sem brilho, partiu em seguida para Nogent.

Não foi a Troyes ver o amigo, para evitar as reprimendas da mãe. Depois, quando as aulas recomeçaram, deixou o seu antigo quarto e alugou, no cais Napoléon, dois quartos que mobiliou. Perdera a esperança de receber um convite dos Dambreuse; a sua grande paixão pela Senhora Arnoux começava a extinguir-

se.

IV

Numa manhã de dezembro, quando ia para a aula de Processo Civil, pareceu-lhe notar, na Rua Saint-Jacques, mais animação do que de costume. Os estudantes saíam precipitadamente dos cafés, ou, das janelas abertas, interpelavam-se de uma casa à outra; os lojistas, no meio do passeio, tinham um ar inquieto; fechavam-se os taipais; e, quando chegou à Rua Soufflot, viu um grande ajuntamento em volta do Panthéon.

Jovens, em grupos desiguais de cinco a doze, passeavam de braço dado e abordavam os grupos mais numerosos que se formavam aqui e ali; no fundo da praça, junto às grades, homens de blusão peroravam, enquanto os guardas-civis, de tricórnio sobre a orelha e mãos atrás das costas, rondavam rente às paredes, fazendo ressoar as lajes com as botas grossas. Todos tinham um ar misterioso, atarantado; esperava-se evidentemente qualquer coisa; todos tinham uma pergunta na ponta da língua.

Frédéric estava junto de um jovem loiro, de figura agradável, que usava bigode e barbicha, como um elegante da época de Luís XIII. Perguntou-lhe qual a causa da desordem.

— Nada sei — retorquiu o outro. — E eles tampouco! É a moda, agora! Que grande farsa!

E desatou a rir.

As petições a favor da Reforma[1], que se iam assinar na guarda nacional, juntamente com o recenseamento Humann[2], e ainda outros acontecimentos, havia seis meses que provocavam, em Paris, inexplicáveis comícios; e estes tinham-se tornado tão frequentes que os jornais já nem falavam neles.

— Isto tem falta de linha e de cor — prosseguiu o vizinho de Frédéric. — Antolha-se-me, meu caro senhor, que nós degeneramos! Nos belos tempos de

Luís undécimo, ou até de Benjamin Constant, havia mais motins entre os escolares. Acho-os pacíficos como borregos, burros como portas, e tão dignos como merceeiros, benza-os Deus! E é a isto que se chama a mocidade das escolas!

Abriu largamente os braços, como Frédérick Lemaître no *Robert Macaire.*

— Mocidade das escolas, eu te abençoo!

Depois, apostrofou um trapeiro, que remexia um monte de conchas de ostras junto ao marco de uma taberna:

— E tu, fazes também parte da mocidade das escolas?

O velho ergueu para ele um rosto hediondo, no qual se distinguiam, no meio de uma barba grisalha, um nariz vermelho, e dois olhos avinhados e estúpidos.

— Não, tu antes me pareces *um destes homens de figura patibular que se veem, em diversos grupos, semeando ouro às mãos cheias*... Oh! Semeia, meu patriarca, semeia! Corrompe-me com os tesouros de Albion! *Are you English?* Eu não repilo as dádivas de Artaxerxes! Conversemos um pouco sobre a união aduaneira.

Frédéric sentiu alguém tocar-lhe no ombro; voltou-se. Era Martinon, extraordinariamente pálido.

— Então! — disse ele, com um suspiro profundo. — Mais uma arruaça!

Tinha medo de ser comprometido, lamentava-se. Inquietavam-no, sobretudo, os homens de blusão, que deviam pertencer a sociedades secretas[3].

— Ora, as sociedades secretas! — disse o jovem de bigode. — Isso é uma velha história inventada pelo Governo, para assustar os burgueses!

Martinon pediu-lhe que falasse mais baixo, com receio da polícia.

— O senhor ainda acredita na polícia? Mas afinal, sabe lá o senhor se eu próprio não serei um espião?

E olhou para ele de tal maneira que Martinon, muito impressionado, não compreendeu logo a brincadeira. A multidão empurrava-os, e os três foram obrigados a recolher-se à pequena escada que, através de um corredor, conduzia ao novo anfiteatro.

Dentro em pouco, a multidão abriu alas; várias cabeças se descobriram; saudavam o ilustre Professor Samuel Rondelot, o qual, envergando uma sobrecasaca de tecido espesso, soerguendo os óculos de prata, com a respiração de asmático, vinha a passo tranquilo para dar a sua aula. Esse homem era uma das glórias jurídicas do século XIX, rival dos Zachariae, dos Ruhdorff. A nova dignidade de par de França não alterara em nada a sua atitude. Sabia-se que era pobre, e um grande respeito o cercava.

Entretanto, do fundo da praça alguns gritaram:

— Abaixo Guizot!

— Abaixo Pritchard![4]

— Abaixo os vendidos!

— Abaixo Luís Filipe!

A multidão oscilou, e, fazendo pressão sobre a porta do pátio, que estava fechada, impedia o professor de prosseguir. Ele parou diante das escadas, e surgiu daí a pouco no último dos três degraus. Pôs-se a falar; um murmúrio abafou-lhe a voz. Embora há pouco o respeitassem, agora odiavam-no, porque representava a Autoridade. Todas as vezes que tentava fazer-se ouvir, os gritos recomeçavam. Fez um gesto largo para convidar os estudantes a segui-lo. Respondeu-lhe uma vociferação geral. Ele encolheu os ombros com desdém e penetrou no corredor. Martinon aproveitou-se do lugar em que se encontrava para desaparecer atrás dele.

— Que covarde! — disse Frédéric.

— É prudente! — retorquiu o outro.

A multidão irrompeu em aplausos. A retirada do professor tornava-se para ela uma vitória. A todas as janelas, curiosos espreitavam. Alguns entoavam a *Marselhesa*; outros propunham que se fosse à casa de Béranger[5].

— À casa de Laffitte[6]!

— À casa de Chateaubriand[7]!

— À casa de Voltaire! — berrou o jovem de bigode loiro.

Os guardas procuravam circular, dizendo o mais delicadamente que podiam:

— Vão-se embora, meus senhores, vão-se embora, retirem-se!

Alguém gritou:

— Abaixo os assassinos!

Era uma injúria habitual desde os motins de setembro[8]. Todos a repetiram. Vaiavam-se, apupavam-se os guardiães da ordem pública que começavam a ficar pálidos; um deles não se dominou mais, e, ao ver um rapazola aproximar-se demasiado, rindo-lhe na cara, empurrou-o tão rudemente que ele foi cair de costas a meia dúzia de passos, diante do armazém de vinhos. Toda a gente se afastou; mas quase logo ele próprio foi atirado ao chão por um homenzarrão cuja cabeleira extravasava, como se fosse estopa, de um boné de oleado.

Estava parado, havia alguns minutos, à esquina da Rua Saint-Jacques, e largara rapidamente uma caixa de papelão que trazia, para saltar sobre o guarda; pesando sobre ele, esmurrava-lhe a cara com toda a força. Os outros policiais

acorreram. O terrível jovem era tão forte que foram precisos quatro, pelo menos, para dominá-lo. Dois agarravam-no pelo pescoço, outros dois puxavam-no pelos braços, enquanto um quinto lhe dava joelhadas nos rins, e todos lhe chamavam bandido, assassino, desordeiro. De peito à mostra, a roupa em pedaços, protestava a sua inocência; não tinha podido ver, de sangue-frio, espancar uma criança.

— Chamo-me Dussardier! Da casa Valinçart Irmãos, rendas e novidades, Rua de Cléry. Onde está a minha caixa? Quero a minha caixa! — E repetia: — Dussardier... Rua de Cléry. A minha caixa!

Sossegou, contudo, e, com ar estoico, deixou-se conduzir para a delegacia da Rua Descartes. Uma onda de gente foi atrás. Frédéric e o jovem do bigode seguiam imediatamente atrás dele, cheios de admiração pelo caixeiro e revoltados contra a violência do Poder.

À medida que se afastavam, a multidão ia diminuindo.

Os guardas, de quando em quando, voltavam-se com ar feroz; e como os mais barulhentos já nada tinham que fazer, e os curiosos nada que ver, todos se iam embora a pouco e pouco. Os transeuntes com que cruzavam olhavam para Dussardier e faziam em voz alta comentários ofensivos. Uma velha, da sua porta, disse até que ele tinha roubado um pão; essa injustiça aumentou a irritação dos dois amigos. Finalmente, chegaram diante do posto policial. Só restavam umas vinte pessoas. A vista dos soldados bastou para dispersá-las.

Frédéric e o seu camarada reclamaram, com atrevimento, aquele que acabava de ser preso. A sentinela ameaçou prendê-los também, se eles insistissem. Perguntaram pelo chefe do posto, e declinaram os nomes, com a sua qualidade de alunos de Direito, afirmando que o preso era um condiscípulo.

Mandaram-nos entrar para uma sala nua, com quatro bancos encostados às paredes caiadas, escurecidas pelo fumo. No fundo abriu-se um guichê. Então surgiu a cabeça robusta de Dussardier, que lembrava vagamente, com o cabelo desgrenhado, os olhinhos francos e a ponta quadrada do nariz, a fisionomia de um cão bondoso.

— Não nos reconheces? — disse Hussonnet[9].

Assim se chamava o jovem do bigode.

— Mas... — balbuciou Dussardier.

— Não te faças de idiota — continuou o outro; — bem sabemos que és, como nós, estudante de Direito.

Por mais que lhe piscassem o olho, Dussardier não percebia nada. Pareceu meditar, e disse de repente:

— Encontraram a minha caixa?

Frédéric ergueu os olhos para o céu, desanimado. Hussonnet retorquiu:

— Ah, a caixa em que guardas as fichas do curso? Encontraram, sim, podes estar descansado!

E voltaram à mesma pantomima. Dussardier compreendeu finalmente que eles queriam ajudá-lo; e calou-se, receando comprometê-los. Aliás, sentia uma espécie de vergonha ao ver-se elevado à categoria social de estudante, a um igual daqueles rapazes que tinham as mãos tão brancas.

— Precisas mandar recado a alguma pessoa? — perguntou Frédéric.

— Não, obrigado, a ninguém!

— Mas a tua família?

Ele baixou a cabeça e não respondeu; o pobre rapaz era filho natural. Os dois amigos não compreendiam o seu mutismo.

— Não precisas de tabaco? — acrescentou Frédéric.

Ele apalpou as algibeiras, e tirou de uma delas os destroços de um cachimbo — um belo cachimbo em espuma do mar, com o tubo de madeira preta, tampa de prata e boquilha de âmbar.

Havia três anos que se dedicava a fazer dele uma obra-prima. Tivera o cuidado de conservar o fornilho sempre metido num invólucro de camurça, de fumar o mais lentamente possível, nunca o pousando sobre mármore, e pendurando-o, todas as noites, à cabeceira da cama. Agora contemplava os destroços que tinha na mão, cujas unhas sangravam; e, de queixo descaído sobre o peito, o olhar parado, contemplava aquelas ruínas da sua alegria com um olhar de inefável tristeza.

— Se nós lhe déssemos charutos, hein? — disse Hussonnet em voz baixa, fazendo menção de meter a mão na algibeira.

Mas Frédéric já pousara, na borda do guichê, uma charuteira cheia.

— Toma! Adeus, tem coragem!

Dussardier precipitou-se sobre as duas mãos que eles lhe estenderam. Apertou-as freneticamente, com a voz entrecortada pelos soluços.

— Como?.. A mim!... A mim!...

Os dois amigos esquivaram-se às suas manifestações de gratidão, saíram, e foram almoçar juntos no café Tabourey, em frente ao Luxembourg.

Trinchando o bife, Hussonnet informou o companheiro de que trabalhava para jornais de modas e confeccionava anúncios para o *Art industriel*.

— De Jacques Arnoux — disse Frédéric.

— Conhece-o?

— Sim! Não!... Quer dizer, vi-o, encontrei-me com ele uma vez.

Perguntou negligentemente a Hussonnet se via às vezes a mulher dele.

— De quando em quando — redarguiu o boêmio.

Frédéric não teve coragem de fazer mais perguntas; aquele homem acabava de tomar uma importância desmedida na sua existência; pagou o almoço, sem qualquer protesto por parte do outro.

A simpatia era mútua; trocaram os respectivos endereços, e Hussonnet convidou cordialmente Frédéric a acompanhá-lo até a Rua de Fleurus.

Iam no meio do jardim quando o empregado de Arnoux, retendo a respiração, deformou o rosto numa visagem horrenda e começou a cantar como galo. Então, todos os galos da vizinhança lhe responderam com cocoricós prolongados.

— É um sinal — disse Hussonnet.

Detiveram-se junto do teatro Bobino, em frente de uma casa cuja entrada se fazia por uma aleia. Ao postigo de um sótão, entre gerânios e ervilhas-de-cheiro, mostrou-se uma rapariga, sem chapéu, de espartilho, que apoiou os braços na borda da goteira.

— Bom-dia, meu anjo, bom-dia, bichinha — disse Hussonnet, atirando-lhe beijos.

Abriu a cancela com um pontapé e desapareceu.

Frédéric esperou-o a semana inteira. Não queria ir procurá-lo em casa a fim de não dar a impressão de estar impaciente para que ele lhe retribuísse o almoço; mas procurou-o por todo o bairro latino. Uma noite encontrou-o, e o convidou a ir ao seu quarto do cais Napoléon.

A conversa foi longa; ambos se expandiram. Hussonnet ambicionava a glória e os lucros que dá o teatro. Colaborava em *vaudevilles* que nunca eram aceites, “tinha montes de planos”, compunha cançonetas; e cantou algumas. Depois, vendo na estante um volume de Hugo e outro de Lamartine, desmanchou-se em sarcasmos sobre a escola romântica. Esses poetas não tinham bom senso nem correção, e, sobretudo, não eram franceses! Gabava-se de saber a língua e desfibrava as mais belas frases com aquela odienta severidade, aquele gosto acadêmico que caracteriza as pessoas de humor jocoso quando falam da arte séria.

Frédéric sentiu-se ferido nas suas predileções; tinha vontade de cortar relações com ele. Por que não falar logo naquilo de que dependia a sua felicidade? E perguntou ao amigo se o podia apresentar aos Arnoux.

A coisa era fácil, e combinaram para o dia seguinte.

Hussonnet faltou ao encontro; e faltou a outros três. Um sábado, pelas quatro horas, apareceu. Mas, aproveitando a carruagem, parou primeiro no Théâtre-Français, para obter uma entrada de camarote; depois fez-se conduzir ao alfaiate, a uma costureira; e deixava bilhete com os porteiros. Chegaram finalmente ao Bulevar Montmartre. Frédéric atravessou o estabelecimento, subiu as escadas. Arnoux reconheceu-o no espelho que pendia em frente à sua escrivaninha; e, sem parar de escrever, estendeu-lhe a mão por cima do ombro.

Cinco ou seis pessoas, de pé, enchiam a sala estreita, iluminada por uma única janela, que dava para o pátio; um canapé em damasco de lã castanho ocupava, ao fundo, o interior de uma alcova, entre reposteiros do mesmo tecido. Sobre a parte superior da lareira, coberta de papelada, havia uma Vênus de bronze; dois candelabros, com velas cor-de-rosa, ladeavam-na. À direita, junto de um fichário, um homem de chapéu na cabeça lia o jornal, sentado numa poltrona; as paredes estavam cobertas de estampas e quadros, gravuras preciosas ou esboços de mestres contemporâneos, com dedicatórias, que testemunhavam a mais sincera afeição por Jacques Arnoux.

— Como tem passado? — perguntou ele, voltando-se para Frédéric.

E, sem esperar resposta, perguntou em voz baixa a Hussonnet:

— Como é o nome do seu amigo?

Depois, em voz alta:

— Tire um charuto, da caixa que está em cima do fichário.

A *Art industriel*, instalada no ponto central de Paris, era um cômodo lugar de encontro, um terreno neutro onde as rivalidades se acotovelavam familiarmente. Estavam lá, naquele dia, Anténor Braive, o retratista dos reis; Jules Burrieu, cujos desenhos da guerra da Argélia começavam a torná-lo popular; o caricaturista Sombaz, o escultor Vourdat, e outros ainda, e nenhum correspondia à ideia que deles fizera o estudante. Suas maneiras eram simples, a conversa livre. O místico Lovarias contou uma história obscena; e o inventor da paisagem oriental, o famoso Dittmer, usava uma malha por baixo do colete e tomava o ônibus para voltar a casa.

Primeiro falou-se numa certa Apollonie, antigo modelo, que Burrieu pretendia ter avistado no bulevar, numa carruagem à Daumont. Hussonnet explicou essa metamorfose pela série dos seus amantes.

— Como este diabo conhece bem as mundanas de Paris! — disse Arnoux.

— Depois de vós, *sire*, se sobrar alguma — replicou o boêmio, fazendo continência, e imitando o granadeiro que ofereceu o cantil a Napoleão.

Depois discutiram alguns quadros, para os quais Apollonie tinha posado. Os

confrades ausentes foram criticados. Pasmavam dos preços alcançados pelos seus quadros; e todos se queixavam de não ganhar o suficiente, quando entrou um homem de estatura mediana e sobrecasaca fechada por um único botão, olhar cheio de vivacidade e ar aloucado.

— Mas que raça de burgueses vocês são! — disse ele. Que importância tem isso, misericórdia! Os antigos, que faziam obras-primas, não se preocupavam com o dinheiro. Correggio, Murilba...

— Não esquecendo Pellerin — disse Sombaz.

Mas ele, sem dar atenção ao epigrama, continuou a discorrer com tanta veemência que Arnoux teve que lhe dizer duas vezes:

— Minha mulher precisa de você, na quinta-feira. Não se esqueça!

Aquela frase fez voltar os pensamentos de Frédéric para a Senhora Arnoux. Era com certeza pelo gabinete ao lado do divã que se passava para os aposentos dela. Arnoux, para ir buscar um lenço, acabava de abrir a porta; Frédéric distinguira, ao fundo, um lavatório. Mas do canto da lareira ergueu-se uma espécie de grunhido; era o personagem que lia o jornal, na poltrona. Tinha cinco pés e nove polegadas, as pálpebras meio descaídas, uma cabeleira grisalha, o ar majestoso — e chamava-se Regimbart.

— Que temos, cidadão? — disse Arnoux.

— Mais uma pouca-vergonha do Governo!

Tratava-se da demissão de um mestre-escola; Pellerin reatou o seu paralelo entre Miguel Ângelo e Shakespeare. Dittmer dispôs-se a sair. Arnoux reteve-o para lhe meter na mão duas notas de banco. Então Hussonnet, julgando o momento propício:

— Não poderia adiantar-me, meu caro patrão?..

Mas Arnoux já se tinha sentado, e ralhava com um velho de aspecto sórdido, de óculos azuis.

— Ah! Tio Isaac, mas que lindo serviço! Lá ficaram três obras desacreditadas, perdidas! Toda a gente faz pouco de mim! Agora, quem não as conhece? Que quer que eu faça com elas? Terei que as mandar para a Califórnia!... Para a casa do diabo! Cale-se!

A especialidade do homenzinho consistia em pôr a assinatura de mestres antigos nos quadros. Arnoux recusava-se a pagar-lhe; despediu-o brutalmente. Depois, mudando de modos, cumprimentou um senhor condecorado, todo empertigado, de suíças e laço branco.

De cotovelo apoiado no fecho da janela, conversou com ele durante algum tempo, com ar meloso. Por fim, explodiu:

— Ora! Não tenho dificuldade em arranjar corretores, senhor conde!

E, como o gentil-homem se resignasse, Arnoux pagou-lhe vinte e cinco luíses, e logo que ele saiu, exclamou:

— Como esses grão-senhores são maçantes!

— Todos uns miseráveis! — murmurou Regimbart.

À medida que o tempo passava, as ocupações de Arnoux redobravam; classificava artigos, abria cartas, fazia contas; ouvindo martelar no armazém, saía para vigiar as embalagens, e voltava à sua ocupação anterior; e, enquanto deixava correr a pena sobre o papel, ripostava aos gracejos. Iria jantar em casa do advogado, e partia no dia seguinte para a Bélgica.

Os outros discutiam os casos do dia: o retrato de Cherubini, o hemiciclo das Belas-Artes, a próxima Exposição. Pellerin incentivava o Instituto. Os comentários maldosos e as conversas cruzavam-se. A sala, de teto baixo, estava tão cheia que ninguém se podia mexer; e a luz das velas cor-de-rosa passava através do fumo dos charutos como raios de sol através do nevoeiro.

A porta ao lado do divã abriu-se, e uma mulher alta e delgada entrou com gestos bruscos que faziam tilintar de encontro ao seu vestido de tafetá preto os berloques do relógio.

Era a mulher que Frédéric avistara, no verão passado, no Palais-Royal. Alguns, chamando-a pelo nome, trocaram com ela apertos de mão. Hussonnet conseguira por fim tirar cinquenta francos de Arnoux; o relógio deu sete horas; todos se retiraram.

Arnoux disse a Pellerin que não se fosse embora, e conduziu a Senhorita Vatnaz ao gabinete.

Frédéric não ouvia o que eles diziam; falavam em voz baixa. Contudo, a voz feminina elevou-se:

— Há seis meses que o negócio está feito, e continuo à espera!

Houve um longo silêncio, e a Senhorita Vatnaz reapareceu. Arnoux prometera-lhe novamente qualquer coisa.

— Oh! Oh! Mais tarde havemos de ver!

— Adeus, homem feliz! — disse ela ao partir.

Arnoux foi rapidamente ao gabinete, espalhou cosmético no bigode, repuxou os suspensórios para esticar as presilhas; e enquanto lavava as mãos disse:

— Preciso de uns painéis para a parte de cima de duas portas, a duzentos e cinquenta cada um, gênero Boucher, estamos combinados?

— Está bem — disse o artista, corando.

— Bom! E não se esqueça de minha mulher!

Frédéric acompanhou Pellerin até o fim do *faubourg* Poissonmère, e pediu licença para visitá-lo de vez em quando, o que lhe foi graciosamente concedido.

Pellerin lia todos os livros de estética para descobrir a verdadeira teoria do Belo, convencido de que faria obras-primas quando a tivesse descoberto. Rodeava-se de todos os apetrechos imagináveis, desenhos, gessos, modelos, gravuras; e procurava, desesperava-se; acusava o tempo, os nervos, o ateliê, vinha para a rua à procura de inspiração, sentia o arrepio da descoberta, mas depois abandonava a obra e punha-se a sonhar com outra que devia ser mais bela. Assim, atormentado por sonhos de glória e consumindo o tempo em discussões, acreditando em mil ninharias, nos sistemas, nas críticas, na importância de um regulamento ou de uma reforma em matéria de arte, aos cinquenta anos ainda não tinha feito senão esboços. Um sólido orgulho não o deixava desanimar, mas andava sempre irritado e naquela exaltação, ao mesmo tempo fictícia e natural, que é o estofo do comediante.

Quando se entrava em casa dele chamavam a atenção dois quadros nos quais os primeiros tons, aqui e ali, punham na tela branca manchas castanhas, vermelhas e azuis. Por cima estendia-se um entrecruzamento de linhas traçadas a giz, como malhas de rede vinte vezes recomeçadas; era mesmo impossível compreender-lhes o sentido. Pellerin explicou o assunto das duas composições, apontando com o polegar as partes que faltavam. Uma devia representar *A demência de Nabucodonosor,* a outra *O incêndio de Roma por Nero.* Frédéric admirou-as.

Admirou academias de mulheres esguedelhadas, paisagens em que pululavam troncos de árvores torcidos pela tempestade, e sobretudo os caprichos à pena, ecos de Callot, de Rembrandt ou de Goya, cujos modelos não conhecia. Pellerin não dava valor a esses trabalhos da juventude; atualmente, era a favor do grande estilo; dogmatizou sobre Fídias e Winckelmann, com eloquência. As coisas à volta dele aumentavam-lhe a força das palavras; via-se uma caveira sobre um genuflexório, iatagãs, um hábito de frade; Frédéric vestiu-o.

Quando chegava cedo, ia surpreendê-lo deitado numa pobre cama de vento, por trás de um reposteiro improvisado; porque Pellerin deitava-se tarde, frequentando os teatros assiduamente. Era servido por uma velha esfarrapada, jantava nas tabernas e vivia sem amante. Os seus conhecimentos, colhidos ao acaso, tornavam-lhe os paradoxos divertidos. O ódio que tinha à vulgaridade e ao burguês transbordava em sarcasmos de um lirismo soberbo, e o seu culto pelos mestres era tão grande que quase o igualava a eles.

Mas por que não falava ele nunca na Senhora Arnoux? Quanto ao marido,

umas vezes chamava-lhe bom rapaz, outras, charlatão. Frédéric esperava-lhe as confidências.

Um dia, folheando uma pasta, encontrou o retrato de uma cigana que tinha qualquer coisa da Senhorita Vatnaz, e, como esta o interessava, quis saber qual a posição dela.

Ao que Pellerin supunha, ela começara como professora na província; agora, dava aulas particulares e procurava escrever em pequenos jornais.

A atitude dela com Arnoux, achava Frédéric, fazia supor que fosse sua amante.

— Claro que é! E tem outras!

Então o jovem, desviando o rosto, que corou de vergonha sob a infâmia deste pensamento, acrescentou, dando-se ares:

— Decerto a mulher paga-lhe na mesma moeda?

— De modo algum! É honesta[10]!

Frédéric teve remorsos, e tornou-se mais assíduo na *Art industriel.*

As grandes letras que compunham o nome de Arnoux na placa de mármore, na fachada da loja, pareciam-lhe ter um sentido especial, como se fosse uma escrita sagrada. O largo passeio, descendente, facilitava a marcha, a porta abria quase sem esforço, e a maçaneta, suave ao tato, tinha a doçura e como que a inteligência de outra mão na sua. Insensivelmente, Frédéric tornou-se tão pontual como Regimbart.

Todos os dias, Regimbart sentava-se ao canto da lareira, na sua poltrona, lançava mão do *National*,[11] e não o largava mais, manifestando a sua opinião por meio de exclamações ou um simples encolher de ombros. De quando em quando, limpava a testa com o lenço amarrotado em bola, e que trazia no peito, entre dois botões da sobrecasaca[12]. Usava calça vincada, sapatos abotinados, uma gravata comprida; e o chapéu de abas reviradas permitia reconhecê-lo, de longe, no meio da multidão.

Às oito da manhã, descia das alturas de Montmartre, para beber um vinho branco na Rua Notre-Dame-des-Victoires. O almoço, ao qual se seguiam diversas partidas de bilhar, retinha-o até às três horas. Dirigia-se então à passagem dos Panoramas, para tomar o seu absinto. Depois da reunião em casa de Arnoux, entrava no Bordelais, taberna onde tomava o seu vermute; depois, em vez de voltar para junto da mulher, preferia muitas vezes jantar sozinho, num pequeno café da Praça Gaillon, onde queria que lhe servissem “pratos caseiros, coisas naturais”! Finalmente, transferia-se para outra casa de bilhares, onde ficava até meia-noite ou uma da manhã, até o momento em que, apagado o gás e

corridos os taipais, o proprietário do estabelecimento, extenuado, lhe implorava que se fosse embora.

E não era o amor pela bebida que atraía o cidadão Regimbart a esses lugares, mas o hábito antigo de aí discutir política; com a idade, sua veia esgotara-se, e ficava num silêncio moroso. Dir-se-ia, pela gravidade do rosto, que tinha o mundo dentro da cabeça. Mas nada saía dela; e ninguém, nem mesmo os seus amigos, lhe conhecia qualquer ocupação, embora ele pretendesse ter uma casa de negócios.

Arnoux parecia ter por ele uma estima infinita. Disse um dia a Frédéric:

— Ah! Esse sabe muita coisa! É um homem forte!

De outra vez, Regimbart desdobrou sobre a escrivaninha alguns papéis referentes a umas minas de caolino na Bretanha; Arnoux fiava-se na experiência dele.

Frédéric tornou-se mais cerimonioso com Regimbart — ao ponto de lhe oferecer um absinto de vez em quando; e, embora o considerasse estúpido, ficava muitas vezes na sua companhia durante uma longa hora, unicamente por ele ser amigo de Jacques Arnoux.

Depois de ter, a princípio, ajudado artistas contemporâneos, o negociante de quadros, homem de progresso, procurara, embora continuando a dar-se ares artísticos, aumentar as suas vantagens pecuniárias. Procurava a emancipação das artes, o sublime a preço módico. Todas as indústrias de luxo parisienses lhe sofreram a influência, que foi boa para as pequenas coisas, e funesta para as grandes. Na ânsia de adular o público, desviou do seu caminho os artistas hábeis, corrompeu os fortes, esgotou os fracos e tornou ilustres os medíocres; manobrava-os graças às relações e à revista. Os pintores jovens ambicionavam ver os seus quadros na vitrina da *Art industriel*, e os decoradores procuravam no estabelecimento modelos de mobiliário. Frédéric considerava-o ao mesmo tempo um milionário, um diletante, um homem de ação. Muitas coisas, todavia, lhe causavam espanto, porque o Senhor Arnoux era malicioso no seu comércio.

Recebia do interior da Alemanha ou da Itália um quadro que tinha sido comprado em Paris por mil e quinhentos francos, e, exibindo uma fatura que lhe elevava o preço para quatro mil, revendia-o por três mil e quinhentos, por especial obséquio. Uma das suas habilidades mais correntes com os pintores era exigir como luvas uma réplica do quadro em tamanho reduzido, a pretexto de publicar a respectiva gravura; vendia sempre a réplica e a gravura nunca era publicada. Aos que se queixavam de ser explorados, respondia com pancadinhas no ventre. Excelente pessoa, aliás, prodigalizava os charutos, tratava por tu os

desconhecidos, entusiasmava-se por uma obra ou por um homem, e então, tornando-se obstinado, não poupava esforços, multiplicava as recomendações, as cartas, os anúncios. Julgava-se muito honesto e, na sua necessidade de expandir-se, contava ingenuamente certas indelicadezas que cometia.

Uma vez, para humilhar um confrade que inaugurava com uma grande festa outro jornal de pintura, pediu a Frédéric que lhe escrevesse diante dos olhos, um pouco antes da hora marcada, bilhetes em que se anulava o convite.

— Isto não vai contra a honra, compreende?

E o jovem não teve coragem de lhe negar esse serviço.

No dia seguinte, entrando com Hussonnet no escritório, Frédéric viu a cauda de um vestido desaparecer pela porta que dava para as escadas.

— Mil desculpas! — disse Hussonnet. — Se soubesse que havia senhoras...

— Oh, nada disso, era a minha — retorquiu Arnoux. — Veio fazer-me uma visitinha, de passagem.

— Como? — disse Frédéric.

— Pois claro! Foi-se embora para casa.

As coisas em redor perderam de súbito todo o interesse. Aquilo que sentia vagamente esparso no ambiente acabava de se evolar, ou antes, nunca tinha estado lá. Sentia uma surpresa imensa, e como que a dor de uma traição.

Arnoux, rebuscando na gaveta, sorria. Estaria troçando dele? O caixeiro pousou na mesa um maço de papéis úmidos.

— Ah! Os cartazes! — exclamou o negociante. — Não é hoje que vou jantar cedo!

Regimbart pegou no chapéu.

— Como, já se vai embora?

— Sete horas! — disse Regimbart.

Frédéric acompanhou-o.

À esquina da Rua Montmartre, voltou-se; olhou para as janelas do primeiro andar; e riu interiormente, de pena de si próprio, lembrando-se com quanto amor as contemplara tantas vezes! Mas então, onde vivia ela? E agora, que fazer para a encontrar? A solidão cavava-se de novo em volta do seu desejo, mais imensa do que nunca!

— Vamos tomá-lo? — disse Regimbart.

— Tomar quem?

— O absinto!

E, cedendo às obsessões do amigo, Frédéric deixou-se conduzir ao Bar Bordelais. Enquanto o companheiro, fincando os cotovelos na mesa, considerava

a garrafa, Frédéric olhava para um lado e para outro. Mas distinguiu o perfil de Pellerin no passeio; bateu com força na vidraça, e ainda o pintor não se tinha sentado e já Regimbart lhe perguntava por que ninguém o via mais na *Art industriel.*

— Diabos me levem se lá tornar a pôr os pés! É um bruto, um burguês, um miserável, um safado!

Essas injúrias amenizavam a cólera de Frédéric. Mas sempre o feriam, porque lhe parecia que elas iam atingir um pouco a Senhora Arnoux.

— Mas que lhe fez ele, afinal! — disse Regimbart.

Pellerin bateu o pé no chão, e fungou com força, em vez de responder.

Incumbia-se de trabalhos clandestinos, como retratos a dois lápis ou imitações dos grandes mestres para os amadores pouco esclarecidos; e, como esses trabalhos o humilhavam, preferia calar-se, em geral. Mas "a sujeira de Arnoux" exasperava-o demais. E expandiu-se.

De acordo com uma encomenda, que Frédéric testemunhara, levara-lhe dois quadros. Então, o negociante permitira-se fazer críticas! Tinha censurado a composição, a cor e o desenho, sobretudo o desenho; em suma, de modo algum quisera ficar com eles. Mas, forçado pelo vencimento de uma letra, Pellerin cedera-o ao judeu Isaac; e, quinze dias depois, Arnoux em pessoa vendia-os por dois mil francos a um espanhol.

— Nem mais nem menos! Pouca vergonha! E tem feito muitas outras, pudera! Um dia destes vamos vê-lo no banco dos réus!

— Como você exagera! — disse Frédéric, numa voz tímida.

— Aí está, exagero! — exclamou o artista, dando um grande soco na mesa.

Essa violência fez com que Frédéric recuperasse a firmeza. Não há dúvida que o comportamento dele podia ter sido mais decente; contudo, se Arnoux achava que os dois quadros...

— Eram maus! Não tenha medo de dizer! Conhece-os? É a sua profissão? Ora, menino, amadores é coisa que não admito!

— Ora! Não tenho nada com isso! — disse Frédéric.

— Então que interesse tinha em defendê-lo? — replicou friamente Pellerin.

O jovem balbuciou:

— Mas... porque sou amigo dele.

— Pois então dê-lhe beijos da minha parte! Boa-noite!

E o pintor saiu furibundo, sem pagar a despesa, evidentemente.

Frédéric convencera-se a si próprio, ao defender Arnoux. No calor da sua eloquência, sentira-se enternecido por aquele homem inteligente e bom,

caluniado pelos amigos, e que estava a trabalhar sozinho, abandonado. Não resistiu à singular necessidade de tornar a vê-lo imediatamente. Daí a dez minutos, abria a porta do estabelecimento.

Arnoux estava preparando, com o caixeiro, enormes cartazes para uma exposição de quadros.

— Olá! Que o traz de volta?

Esta pergunta tão simples deixou Frédéric embaraçado; e, não sabendo como responder, perguntou se não tinham encontrado por acaso o seu caderno de apontamentos, um caderninho de couro azul.

— É onde guarda as cartas de mulheres? — disse Arnoux.

Frédéric, corando como uma virgem, protestou contra tal suposição.

— Então, as suas poesias? — replicou o comerciante.

Pegava numa folha e noutra, discutia a forma, a cor, a margem; e Frédéric sentia-se cada vez mais irritado com aquele ar de meditação, e sobretudo com as mãos que corriam pelos cartazes — mãos grossas, um pouco moles, de unhas achatadas. Por fim, Arnoux levantou-se, dizendo: — Está pronto! — e passou-lhe familiarmente a mão pelo queixo. Essa liberdade não agradou a Frédéric, que fez um movimento de recuo; depois atravessou o limiar do escritório, pela última vez na sua existência, julgava ele. A própria Senhora Arnoux ficava diminuída pela vulgaridade do marido.

Naquela semana, recebeu uma carta em que Deslauriers lhe anunciava a sua chegada a Paris na quinta-feira seguinte. Então, refugiou-se violentamente nessa afeição mais sólida e mais elevada. Um homem assim valia todas as mulheres. Não precisaria mais de Regimbart, de Pellerin, de Hussonnet, de ninguém! Para instalar melhor o amigo, comprou um catre de ferro, outra poltrona, duplicou a roupa de cama; e, na quinta-feira pela manhã, estava se vestindo para ir ao encontro de Deslauriers quando soou a campainha da porta. Arnoux entrou.

— Só duas palavras! Recebi ontem de Genebra uma bela truta; contamos com você, hoje, às sete em ponto... É na Rua de Choiseul, 24 bis. Não se esqueça!

Frédéric teve que se sentar. Tinha ficado com os joelhos trêmulos. E repetia de si para si: “Finalmente! Finalmente!”. Depois, escreveu ao alfaiate, ao chapeleiro, ao sapateiro; e mandou os bilhetes por três mensageiros diferentes. A chave girou na fechadura, e o porteiro apareceu, carregando ao ombro uma mala.

Ao dar com os olhos em Deslauriers, Frédéric começou a tremer como uma mulher adúltera perante o olhar do marido.

— Que é que te deu? — disse Deslauriers. — Não recebeste uma carta

minha?

Frédéric não teve coragem de mentir.

Abriu os braços e estreitou-o ao peito.

Em seguida, o escrevente contou a sua história. O pai recusara-se a prestar contas da tutela, supondo que tais contas prescreviam ao fim de dez anos. Mas, forte em processo civil, Deslauriers arrancara-lhe por fim toda a herança da mãe, sete mil francos líquidos, que trazia consigo, numa velha carteira.

— É uma reserva, para caso de infelicidade. Tenho que tratar de os colocar e de me instalar amanhã mesmo, pela manhã. Por hoje, liberdade completa, o dia é todo para ti, meu velho!

— Oh, não faças cerimônia! — disse Frédéric. — Se tiveres alguma coisa importante a fazer esta noite...

— Ora! Era preciso que eu fosse um verdadeiro miserável...

Esse epíteto, dito ao acaso, atingiu Frédéric em pleno coração, como uma alusão ultrajante.

O porteiro dispusera na mesa, junto à lareira, costeletas, galantina, uma lagosta, uma sobremesa e duas garrafas de bordéus. Semelhante recepção comoveu Deslauriers.

— Estás me tratando como um rei, palavra de honra!

Conversaram sobre o passado, sobre o futuro; e, de vez em quando, estreitavam as mãos por cima da mesa, contemplando-se durante um minuto com emoção. Mas um mensageiro veio trazer um chapéu novo. Deslauriers observou em voz alta, como a copa era brilhante.

Depois, o alfaiate em pessoa veio trazer a casaca, que tinha passado a ferro.

— Parece que te vais casar — disse Deslauriers.

Daí a uma hora, um terceiro indivíduo surgiu e tirou de um grande saco preto um par de esplêndidas botinas de verniz. Enquanto Frédéric as experimentava, o sapateiro observava com ar sarcástico o calçado do provinciano.

— E o senhor não precisa de nada?

— Não, obrigado — replicou o escrevente, escondendo debaixo da cadeira os velhos sapatos de cordões.

Essa humilhação incomodou Frédéric. Não tinha coragem de confessar a verdade. Finalmente, exclamou, como se se lembrasse de repente:

— Oh! Com os diabos, tinha-me esquecido!

— De quê?

— Esta noite janto fora!

— Em casa dos Dambreuse? Por que nunca me falaste deles nas tuas cartas?

Não era em casa dos Dambreuse, mas na dos Arnoux.

— Podias ter-me avisado! — disse Deslauriers. — Eu teria vindo um dia mais tarde.

— Impossível! — replicou bruscamente Frédéric. — Só fui convidado esta manhã, há pouco.

E, para compensar a falta e distrair o amigo, desatou as cordas que envolviam a mala dele, e dispôs sobre a cômoda os objetos que lhe pertenciam, quis dar-lhe a sua própria cama, ficando ele a dormir no cubículo onde guardava a lenha. E, logo que deram as quatro horas, começou os preparativos para a festa.

— Tens tempo de sobra! — disse o outro.

Finalmente, vestiu-se e saiu.

“Os ricos são assim!”, pensou Deslauriers.

E foi jantar na Rua Saint-Jacques, num modesto restaurante que já conhecia.

Frédéric parou diversas vezes nas escadas, tão forte lhe batia o coração. Uma das luvas, esticada demais, rompeu-se; e, enquanto escondia o rasgão sob o punho da camisa, Arnoux, chegando por trás dele, agarrou-o pelo braço e fê-lo entrar:

No vestíbulo, decorado à chinesa, havia uma lanterna pintada, suspensa do teto, e bambus aos cantos. Ao atravessar a sala de visitas, Frédéric tropeçou numa pele de tigre. As velas não estavam acesas, mas ao fundo, num pequeno gabinete, estavam acesos dois candeeiros.

A menina Marthe veio dizer que a mamãe estava se vestindo. Arnoux ergueu-a à altura do rosto e beijou-a; depois, querendo ser ele próprio a escolher certas garrafas de vinho da sua adega, deixou Frédéric com a criança.

Ela tinha crescido muito desde a viagem a Montereau. Os cabelos castanhos caíam-lhe em anéis sobre os braços nus. O vestido, mais armado do que uma saia de bailarina, deixava à mostra as perninhas rosadas, e toda a sua gentil pessoa rescendia como um ramo de flores. Ouviu os elogios daquele senhor com um ar requebrado, pousou nele os olhos profundos e, esgueirando-se por entre os móveis, desapareceu como um gato.

Frédéric já não se sentia perturbado. Os globos dos candeeiros, cobertos de papel rendado, espalhavam uma luz leitosa, que atenuava a cor das paredes, forradas de cetim lilás. Através das chapas do guarda-fogo, que pareciam um grande leque, viam-se as brasas da lareira; diante do relógio havia um cofrezinho com fechos de prata. Aqui e ali, espalhavam-se coisas íntimas: uma boneca no meio do canapé, um xale nas costas de uma cadeira, e, na mesa de costura, um tricô de lã com duas agulhas de marfim pendentes, de ponta para baixo. Era um

lugar ao mesmo tempo sossegado, honesto e familiar.

Arnoux voltou, e, pela outra porta, a Senhora Arnoux surgiu[13]. Como estava na sombra, a princípio Frédéric só lhe via nitidamente a cabeça. Tinha um vestido de veludo negro e envolvia-lhe os cabelos uma comprida rede argelina em filé de seda vermelha, a qual, depois de se enrolar no pente, lhe caía sobre o ombro esquerdo.

Arnoux apresentou-lhe Frédéric.

— Oh! Lembro-me muito bem do senhor — disse ela.

Depois os convivas chegaram todos quase ao mesmo tempo; Dittmer, Lovarias, Burrieu, o compositor Rosenwald, o poeta Théophile Lorris, dois críticos de arte, colegas de Hussonnet, um fabricante de papel, e por fim o ilustre Pierre-Paul Meinsius, derradeiro representante da grande pintura, que suportava virilmente, juntamente com a glória, os seus oitenta anos e uma barriga proeminente.

Quando se encaminharam para a sala de jantar, a Senhora Arnoux tomou-lhe o braço. Ficara uma cadeira vazia, para Pellerin. Arnoux gostava dele, embora explorando-o. Aliás, temia-lhe a língua viperina — a tal ponto que, para amansá-lo, publicara-lhe o retrato no *Art industriel*, acompanhado por hiperbólicos elogios; e Pellerin, mais sensível à glória do que ao dinheiro, chegou às oito horas, esbaforido. Frédéric supôs que já se teriam reconciliado havia muito tempo.

A companhia, as iguarias, tudo agradava a Frédéric. A sala, lembrando um locutório da Idade Média, era forrada de couro batido; diante de uma *étagère* holandesa via-se uma prateleira com cachimbos turcos; e sobre a mesa, os cristais da Boêmia, de cores variegadas, assemelhavam-se, por entre as flores e os frutos, às luzes de um jardim.

Teve que escolher entre dez espécies de mostarda. Comeu gaspacho, caril, gengibre, melros da Córsega, lasanhas romanas; bebeu vinhos extraordinários, *Liebfraumilch* e tocai. Com efeito, Arnoux tinha a presunção de receber bem. Aliciava os cocheiros de diligências para obter bons produtos, e relacionara-se com cozinheiros de grandes casas, que lhe davam receitas de molhos.

Mas era sobretudo a conversa que encantava Frédéric. O seu gosto pelas viagens foi estimulado por Dittmer, que falou do Oriente; satisfez a curiosidade pela vida teatral ouvindo Rosenwald falar da Ópera; e a existência atroz da boêmia pareceu-lhe divertida, ao ouvir contar, pelo alegre Hussonnet, de maneira pitoresca, como passara um inverno inteiro não tendo outra coisa para comer senão queijo holandês. Depois, uma discussão entre Lovarias e Burrieu, sobre a

escola florentina, revelou-lhe obras-primas, abriu-lhe horizontes, e conteve dificilmente o seu entusiasmo quando Pellerin exclamou:

— Deixem-me em paz com essa medonha realidade! Que quer isto dizer, a realidade? Para uns é negra, para outros é azul, para a multidão é estúpida. Nada menos natural do que Miguel Ângelo, e nada mais forte! A preocupação com a verdade exterior é um sinal da baixeza contemporânea; e, a caminhar assim, a arte acabará por tornar-se coisa reles, abaixo da religião, em poesia, e abaixo da política, em interesse. Não se conseguirá alcançar a sua finalidade — sim, a sua finalidade! — que é provocar em nós uma exaltação impessoal, com pinturinhas, apesar de todas as sutilezas de execução. Vejam um quadro de Bassolier, por exemplo: é bonito, agradável, limpinho, não é pesado! Pode trazer-se no bolso, e levar em viagem! Os notários dão vinte mil francos por isso, que não tem dez réis de ideia; mas, sem a ideia, não se faz nada de grande! Sem grandeza, não há belo! O Olimpo é uma montanha! O monumento mais grandioso serão sempre as Pirâmides. Vale mais a exuberância do que o gosto, o deserto do que um pedaço de rua, e um selvagem do que um cabeleireiro!

Enquanto escutava essas coisas, Frédéric contemplava a Senhora Arnoux. As palavras caíam-lhe no espírito como metais numa fornalha, juntavam-se à sua paixão e transformavam-se em amor.

Estava sentado três lugares longe dela, do mesmo lado. De vez em quando, ela inclinava-se um pouco, voltando a cabeça para dirigir algumas palavras à filha; e, ao sorrir, surgia-lhe uma covinha no rosto, o que lhe dava uma expressão de bondade mais delicada.

Na altura dos licores, ela saiu. A conversa tornou-se muito livre; então Arnoux brilhou, e Frédéric ficou espantado com o cinismo daqueles homens. Todavia, o interesse que mostravam pela mulher estabelecia entre eles e Frédéric uma espécie de igualdade, que o elevava no próprio conceito.

Quando voltaram à sala de visitas, pegou, para fazer alguma coisa, num dos álbuns espalhados por cima da mesa. Os maiores artistas da época tinham-no enchido de desenhos, de prosa e verso, ou simplesmente deixado a sua assinatura. Entre os nomes famosos havia muitos de desconhecidos, e os pensamentos curiosos entremeavam-se com um transbordar de disparates. Todos eles continham uma homenagem mais ou menos direta à Senhora Arnoux; Frédéric não se atreveria a escrever qualquer coisa da sua lavra.

Ela foi buscar ao *boudoir* o cofrezinho de fechos de prata que Frédéric notara, sobre a lareira. Era um presente do marido, obra do Renascimento. Os amigos de Arnoux felicitaram-no, ela agradeceu-lhe; Arnoux, enternecido,

beijou-a diante de toda a gente.

Depois, a conversa dispersou-se, em grupos, aqui e ali; Meinsius sentara-se junto da Senhora Arnoux, num pequeno sofá, perto do fogo; ela inclinava-se para o seu ouvido, as cabeças tocavam-se; — e Frédéric teria aceitado ser surdo, valetudinário e feio em troca de um nome ilustre de cabelos brancos, em troca de qualquer coisa que o entronizasse numa intimidade igual. E sofria, furioso com sua mocidade.

Mas ela veio até o canto do salão em que ele estava, perguntou-lhe se conhecia alguns dos convivas, se gostava de pintura, há quanto tempo estudava em Paris. Cada palavra que lhe caía dos lábios parecia a Frédéric uma coisa nova, uma dependência exclusiva da pessoa dela. Olhava com toda a atenção as mechas do cabelo que lhe acariciavam os ombros nus; não tirava os olhos deles, mergulhando a alma na brancura daquela carne feminina; todavia, não ousava erguer as pálpebras, e olhar para ela face a face.

Rosenwald interrompeu-os, vindo pedir à Senhora Arnoux para cantar alguma coisa. Preludiou, enquanto ela esperava; os lábios entreabriram-se-lhe, e um som puro, longo, prolongado, elevou-se no ar.

Frédéric não compreendeu nada das palavras italianas.

Começava num ritmo grave, como um canto de igreja, depois ganhava animação, num crescendo, multiplicava os efeitos sonoros, para apaziguar-se de súbito; e a melodia voltava amorosamente, com uma oscilação larga e preguiçosa.

Ela estava em pé, junto do piano, de braços caídos e olhar perdido. De vez em quando, para ler a música, semicerrava os olhos e aproximava a cabeça por um instante. A sua voz de contralto ganhava nas cordas baixas uma entoação lúgubre que dava calafrios, e, nesses momentos, inclinava sobre o ombro a bela cabeça, que endireitava de súbito, os olhos chamejantes; o seio palpitava-lhe, abria os braços, e o pescoço, de onde se evolavam os trinados, inclinava-se langorosamente, como sob o efeito de aéreos beijos; soltou três notas agudas, depois uma grave, lançou outra ainda mais alta e, depois de uma pausa, terminou com uma nota prolongada.

Rosenwald não deixou o piano. Continuou a tocar, para si próprio. De quando em quando, um dos convivas desaparecia. Às onze horas, quando os últimos se despediam, Arnoux saiu com Pellerin, a pretexto de o acompanhar. Era destas pessoas que se dizem doentes quando deixam de dar a sua volta depois do jantar.

A Senhora Arnoux viera até o vestíbulo; Dittmer e Hussonnet despediam-se,

ela estendeu-lhes a mão; estendeu-a igualmente a Frédéric; e ele sentiu como que uma penetração em todos os átomos da pele.

Separou-se dos amigos; sentia necessidade de ficar só. O seu coração transbordava. Por que lhe estendera ela a mão? Era um gesto irrefletido, ou um estímulo? “Ora, estou louco!”

Que importância tinha isso, afinal, se agora podia frequentá-la à vontade, viver na sua atmosfera!

As ruas estavam desertas. Às vezes passava uma pesada carroça, fazendo tremer o pavimento. Sucediam-se as fachadas cinzentas das casas, de janelas fechadas; e ele pensava com desdém em todos os seres humanos deitados por trás daquelas paredes, que existiam sem a ver, e nenhum dos quais suspeitava sequer a existência dela! Já não tinha consciência do meio, do espaço, de nada; e, martelando a calçada com os tacões, e batendo com a bengala nos taipais das lojas, ia seguindo sempre em frente, ao acaso, perdido, em êxtase. Sentiu-se envolvido numa atmosfera úmida, e reparou que estava à beira do cais.

Os revérberos brilhavam em duas linhas retas, indefinidamente, e na profundidade da água vacilavam longas chamas vermelhas. A água tinha uma cor de ardósia, enquanto o céu, mais claro, parecia assentar nas grandes massas de sombra que se erguiam de ambos os lados do rio. Edifícios que não se distinguiam formavam zonas ainda mais sombrias. Para além, flutuava uma névoa luminosa, acima dos telhados; todos os ruídos fundiam-se num burburinho único; soprava um vento leve.

Frédéric parou no meio do Pont-Neuf, e, de cabeça descoberta, o peito aberto[14], respirou fundo. Sentia vir de dentro de si próprio uma coisa inesgotável, um afluxo de ternura que o enervava, como o movimento das ondas diante dos seus olhos. O relógio de uma igreja bateu uma hora, lentamente[15], como se uma voz o chamasse.

Então, teve um desses arrepios da alma em que nos sentimos transportados a um mundo superior. Sentiu dentro de si um dom extraordinário, cuja finalidade desconhecia. E interrogou-se, a sério, se seria um grande pintor ou um grande poeta; — decidiu-se pela pintura, porque as exigências desse mister o aproximariam da Senhora Arnoux. Então, encontrara a sua vocação! Agora a finalidade da sua existência estava clara, e o futuro era infalível.

Quando fechou a porta do apartamento, ouviu alguém roncar, no gabinete escuro, ao lado do quarto. Era o outro. Tinha-se esquecido dele.

Viu-se refletido no espelho. Achou-se belo — e ficou durante um minuto a contemplar-se.

V

No dia seguinte, antes do meio-dia, já tinha comprado uma caixa de tintas, pincéis, um cavalete. Pellerin acedeu a dar-lhe lições, e Frédéric levou-o a sua casa, para ele ver se não faltava nada entre os seus utensílios de pintura.

Deslauriers já regressara. Na outra poltrona estava sentado um jovem. O escrevente disse, apontando para ele:

— É ele! Aqui o tens! Sénécal[1]!

O moço desagradou a Frédéric. A testa era realçada por um corte de cabelo em escova. Nos olhos cinzentos havia algo de duro e frio; e a sobrecasaca preta, comprida, todo o seu vestuário, enfim, dava-lhe um ar de pedagogo e de eclesiástico.

A princípio, conversaram sobre os casos do dia, entre outros sobre a questão do *Stabat* de Rossini[2]; Sénécal, interrogado, declarou que não ia nunca ao teatro. Pellerin abriu a caixa das tintas.

— Tudo isto é para ti? — disse o escrevente.

— Pois claro!

— Essa agora! Que ideia!

E inclinou-se para a mesa, sobre a qual o explicador de matemática folheava um volume de Louis Blanc. Ele mesmo o trouxera, e lia trechos em voz baixa, enquanto Pellerin e Frédéric examinavam juntos a paleta, a espátula, as bisnagas; em seguida falaram sobre o jantar de Arnoux.

— O negociante de quadros? — perguntou Sénécal. — Que salafrário!

— Por quê? — disse Pellerin.

Sénécal replicou:

— Um homem que faz dinheiro à custa de torpezas políticas!

E pôs-se a falar numa célebre litografia, em que se via toda a família real

dedicando-se a ocupações edificantes; Luís Filipe tinha um código nas mãos, a rainha um livro de missa, as princesas bordavam, o duque de Nemours cingia o sabre, o Senhor de Joinville mostrava um mapa aos irmãos mais novos; ao fundo, distinguia-se um leito dividido em dois compartimentos. Essa estampa, que tinha como legenda *Uma boa família*, encantara os burgueses e revoltara os patriotas. Num tom vexado, como se tivesse sido ele o autor, Pellerin retorquiu que todas as opiniões se equivaliam; Sénécal protestou. A Arte devia ter exclusivamente em vista a moralização das massas! Só deviam ser reproduzidos assuntos capazes de levar à prática de atos virtuosos; os outros eram nocivos.

— Mas isso depende da execução? — exclamou Pellerin. — Posso fazer obras-primas!

— Neste caso, tanto pior para o senhor! Não se tem o direito...

— Como?

— Não, meu caro senhor, não tem o direito de me interessar por coisas que reprovo! Que necessidade temos nós de laboriosas bagatelas, das quais não se pode tirar o menor proveito, dessas Vênus, por exemplo, e de todas as vossas paisagens? Não vejo que daí se tire ensinamento nenhum para o povo! Mostre-nos, isso sim, as misérias dele! Faça-nos sentir entusiasmo com os sacrifícios que ele realiza! E, santo Deus, não são os assuntos que faltam: o trabalho do campo, a oficina...

Pellerin, balbuciando de indignação, e julgando ter achado um argumento:

— O senhor admite Molière?

— Seja! — disse Sénécal. — Admiro-o como precursor da Revolução Francesa.

— Ah! A Revolução! Que arte! Jamais houve época mais lamentável!

— Nunca houve nenhuma maior, meu caro senhor!

Pellerin cruzou os braços e, olhando para ele frente a frente:

— O senhor saiu-me um autêntico guarda nacional!

O seu antagonista, habituado às discussões, respondeu:

— Não faço parte dela! E detesto-a tanto como o senhor! Mas é com tais princípios que se corrompem as multidões! É fazer o jogo do Governo, e além disso ele não seria tão forte sem a cumplicidade de uma porção de vigaristas como esse.

O pintor tomou a defesa do negociante, porque as opiniões de Sénécal o exasperavam. Atreveu-se mesmo a afirmar que Arnoux era um verdadeiro coração de ouro, dedicado aos amigos, adorando a mulher.

— Oh! Oh! Se lhe oferecessem uma boa quantia, era capaz de a ceder para

servir de modelo.

Frédéric ficou lívido.

— Ele deve ter-lhe feito muito mal?

— A mim? Não! Vi-o uma única vez, no café, com um amigo. Nada mais.

Sénécal dizia a verdade. Mas sentia-se cotidianamente irritado com os anúncios do *Art industriel.* A seus olhos, Arnoux representava um mundo que considerava funesto à democracia. Republicano austero, via corrupção em todas as formas da elegância, não tendo aliás necessidade dela, e sendo de uma probidade inflexível.

A conversa teve dificuldade em recomeçar. O pintor não tardou a lembrar-se de que tinha um encontro, o explicador, de que os seus alunos o esperavam; e, depois que eles saíram, Deslauriers fez diversas perguntas a respeito de Arnoux.

— Mais tarde hás de apresentar-mo, não é verdade, meu velho?

— Sem dúvida — disse Frédéric.

Em seguida trataram de se instalar. Deslauriers obtivera, sem dificuldade, um lugar de escrevente de um procurador, fizera a matrícula na Escola de Direito, comprara os livros indispensáveis — e a vida que tanto tinham sonhado começou.

Era deliciosa, graças à beleza da sua juventude. Como Deslauriers não falara em qualquer combinação pecuniária, Frédéric também não disse nada. Fazia todas as despesas, arrumava o armário, tomava conta de tudo; mas, quando era necessário passar uma descompostura no porteiro, era Deslauriers que o fazia, continuando, como no colégio, no seu papel de protetor e de mais velho.

Separados durante todo o dia, só à noite se reuniam. Cada qual tomava o seu lugar junto do fogo e se lançava ao trabalho. Mas não tardavam a interrompê-lo. Eram efusões intermináveis, alegrias sem causa, por vezes discussões, por causa do candeeiro que deitava fumo ou de um livro que se extraviara, cóleras de um minuto, que acabavam em risadas.

A porta do quartinho da lenha ficava aberta, e conversavam de longe, cada um da sua cama.

Pela manhã, passeavam em mangas de camisa no terraço; o sol nascia, havia ligeiras névoas sobre o rio, ouvia-se a gritaria do mercado de flores, que era mesmo ao lado; — e a fumaça dos seus cachimbos fazia novelos no ar puro, que lhes refrescava os olhos ainda inchados de sono; sentiam, ao aspirá-lo, a expansão de uma vasta esperança.

Ao domingo, quando não chovia, saíam juntos; e, de braço dado, iam pelas ruas afora. Quase sempre, formulavam ao mesmo tempo a mesma observação,

ou então conversavam sem dar atenção ao que os rodeava. Deslauriers ambicionava a riqueza, como instrumento de domínio entre os homens. O seu desejo seria ter uma vida agitada, fazer falar de si, ter três secretários às suas ordens, e dar um grande jantar político uma vez por semana. Frédéric sonhava com um palácio mourisco, para viver estendido sobre divas de caxemira, ao murmúrio de um repuxo, servido por pajens negros; — e estas coisas sonhadas acabavam por se tornar de tal forma nítidas que se sentia desolado, como se as tivesse perdido.

— Para que falar em tudo isso — dizia ele — se nunca havemos de o ter!

— Quem sabe? — replicava Deslauriers.

Apesar das suas opiniões democráticas, estimulava-o a aproximar-se dos Dambreuse. O outro punha objeções.

— Ora, volta lá! Hão de convidar-te!

Receberam, em meados de março, entre outras contas bastante pesadas, a do restaurante que lhes mandava as refeições. Como Frédéric não tinha dinheiro suficiente, pediu cem escudos de empréstimo a Deslauriers; quinze dias depois, repetiu o mesmo pedido, e o escrevente ralhou com ele, por causa das despesas que fazia na loja de Arnoux.

Efetivamente, fazia-as sem a menor moderação. Uma vista de Veneza, uma vista de Nápoles e outra de Constantinopla ao centro das três paredes, motivos equestres de Alfred de Dreux aqui e ali, um grupo de Pradier sobre a lareira, números do *Art industriel* em cima do piano, e caixas de cartão no chão, em todos os cantos, atravancavam de tal modo a habitação que era difícil achar onde pousar um livro e mexer os cotovelos. Frédéric pretendia que tudo aquilo lhe era necessário para a sua pintura.

Ia trabalhar com Pellerin. Mas este, muitas vezes, não estava — tendo por costume assistir a todos os enterros e acontecimentos que deveriam ser noticiados nos jornais; — e Frédéric passava horas e horas inteiramente só no ateliê. O sossego daquela grande sala, onde se ouvia apenas o perpassar dos ratos, a luz que caía do teto, e até o roncar do calorífero, tudo o mergulhava a princípio numa espécie de bem-estar intelectual. Depois, os seus olhos, distraindo-se do trabalho, fixavam as paredes escalavradas, perdiam-se entre os bibelôs das prateleiras, ao longo dos torsos que o pó acumulado cobria de retalhos de veludo; e, como um viajante perdido no meio de um bosque e que todos os caminhos levam sempre ao mesmo lugar, no fundo de cada ideia surgia-lhe a recordação da Senhora Arnoux.

Marcava dias para ir visitá-la; ao chegar ao segundo andar, diante da porta,

hesitava em tocar; vinham abrir, e a estas palavras: “A senhora saiu”, sentia uma libertação, como um fardo de menos sobre o coração.

Encontrou-a em casa, todavia. Da primeira vez, estavam três senhoras com ela; uma outra tarde, chegou o professor de caligrafia da Srta. Marthe. Aliás, os homens que a Senhora Arnoux recebia não lhe faziam visitas. Não voltou lá, por discrição.

Mas, para não deixarem de o convidar para os jantares de quinta-feira, não faltava na *Art industriel*, todas as quartas; ficava até depois de todos se terem ido embora, mais tempo mesmo que Regimbart, até o último minuto, fingindo contemplar uma gravura ou ler um jornal. Finalmente, Arnoux dizia-lhe: “Está livre, amanhã à noite?”. Frédéric dizia que sim, mesmo antes de acabada a frase. Arnoux parecia ganhar-lhe afeição.

Ensinou-lhe a arte de conhecer os vinhos, a queimar o ponche, a fazer guisado de galinholas; Frédéric seguia docilmente os conselhos que recebia dele — gostando de tudo quanto dependia da Senhora Arnoux, dos móveis, dos criados, da casa, da rua.

Quase não falava durante aqueles jantares; contemplava-a. Ela tinha um sinalzinho, do lado direito, junto da têmpora; os seus bandós eram mais negros do que o resto do cabelo, e estavam sempre como que úmidos nas extremidades; ela ajeitava-os de vez em quando, com dois dedos apenas. Frédéric conhecia a forma de cada uma das suas unhas, deleitava-o ouvir o roçagar do vestido de seda quando ela passava junto das portas, aspirava às ocultas o perfume do seu lenço; o pente, as luvas, os anéis dela, eram para Frédéric coisas especiais, importantes como se fossem obras de arte, quase vivas, como pessoas; a todas tinha afeto, e todas faziam crescer a sua paixão.

Não tivera forças para a esconder de Deslauriers. Quando voltava da casa da Senhora Arnoux, acordava-o, como que sem querer, para poder falar dela.

Deslauriers, que dormia no quartinho da lenha, junto da pia, dava um grande bocejo, e Frédéric sentava-se aos pés da cama. Começava por falar do jantar, depois contava mil pormenores insignificantes, nos quais via sinais de indiferença ou de afeto. Uma vez, por exemplo, ela não lhe aceitara o braço, e tomara o de Dittmer; Frédéric sentia-se desolado.

— Mas que tolice!

Ou então tinha-lhe chamado seu “amigo”.

— Bom, nesse caso, avança!

— Mas não me atrevo — dizia Frédéric.

— Então, não penses mais nela! Boa-noite.

Deslauriers voltava-se para a parede e adormecia. Não compreendia nada daquele amor, que considerava uma derradeira fraqueza de adolescência; e, decerto por não lhe bastar a sua intimidade, teve a ideia de reunir os amigos comuns uma vez por semana.

Vinham no sábado, pelas nove horas. Os três cortinados de fustão estavam cuidadosamente corridos; o candeeiro e quatro velas estavam acesos; ao centro da mesa, o recipiente do tabaco, cheio de cachimbos, tinha à sua volta as garrafas de cerveja, o bule do chá, uma garrafa de rum e bolos. Discutia-se sobre a imortalidade da alma, comparavam-se professores.

Uma noite, Hussonnet trouxe consigo um jovem alto, metido numa sobrecasaca curta nos punhos, e de ar intimidado. Era o rapaz que eles tinham reclamado na delegacia, um ano antes.

Não tendo podido devolver ao patrão a caixa com rendas, perdida na desordem, fora acusado de ladrão, ameaçado com os tribunais; agora era caixeiro numa empresa de transportes. Hussonnet encontrara-o nessa manhã, ao dobrar uma esquina; e trouxera-o, porque Dussardier, por gratidão, queria ver “o outro”.

Estendeu a Frédéric a charuteira intacta, e que conservara religiosamente na esperança de a devolver. Os jovens convidaram-no a voltar, o que ele não deixou de fazer.

Estavam todos concordes. Em primeiro lugar, o ódio comum ao Governo tinha o caráter de um dogma indiscutível. Somente Martinon se esforçava por defender Luís Filipe. Atacavam-no com todos os lugares-comuns que vinham nos jornais: o embastilhamento de Paris[3], as leis de setembro[4], Pritchard, Lorde Guizot[5] — de tal modo que Martinon silenciava, no receio de ofender alguém. Em sete anos de colégio, não tivera um único castigo, e, na escola de Direito, sabia agradar aos professores. Trajava normalmente uma grossa sobrecasaca amarelada e galochas de borracha; mas uma noite apareceu vestido como para um casamento: colete de veludo, laço branco, corrente de ouro.

O pasmo aumentou quando souberam que saía da casa do Senhor Dambreuse. Com efeito, o banqueiro acabava de comprar a Martinon pai uma considerável partida de madeira; e como o homenzinho lhe tivesse apresentado o filho, convidara-os ambos para jantar.

— Havia muitas trufas — perguntou Deslauriers — e abraçaste a esposa dele entre duas portas, *sicut decet?*

Então, a conversa passou a versar sobre mulheres. Pellerin não admitia que houvesse belas mulheres (preferia os tigres); aliás, a fêmea do homem era uma criatura inferior na hierarquia estética:

— Aquilo que vos seduz particularmente é aquilo que a degrada como ideia; quero dizer, os seios, o cabelo...

— Todavia — objetou Frédéric — longos cabelos negros, com grandes olhos negros...

— Oh! Estamos fartos disso! — exclamou Hussonnet. — Basta de andaluzas! Coisas antigas? Ora! Porque enfim, que diabo, uma cortesã é mais divertida do que a Vênus de Milo! Sejamos gauleses, com mil raios! E Regência, se for possível!

> Correi, bons vinhos; mulheres, sorri!

É preciso ir da morena à loira! Que lhe parece, amigo Dussardier?

Dussardier não respondeu. Todos insistiam para conhecer os seus gostos.

— Bem — disse ele, corando — cá por mim, queria amar sempre a mesma!

Disse isto de tal maneira que houve um momento de silêncio, uns surpreendidos com aquela candura, os outros, porventura, reconhecendo o secreto desejo da sua alma.

Sénécal pousou sobre o rebordo da lareira o copo de cerveja e declarou dogmaticamente que, sendo a prostituição uma tirania e o casamento uma imoralidade, o melhor era a abstenção. Para Deslauriers, as mulheres eram uma distração, e nada mais. O Senhor de Cisy manifestava relativamente a elas os mais diversos temores.

Educado sob as vistas de uma avó devota, a companhia desses jovens era para ele atraente como uma casa suspeita, e instrutiva como uma Sorbonne. E não lhe poupavam as lições, que o encontravam cheio de zelo, a ponto de querer fumar, apesar das náuseas que o acometiam sempre que repetia a experiência. Frédéric rodeava-o de atenções. Admirava-lhe o tom das gravatas, a pele que lhe debruava o paletó, e sobretudo as botas, maleáveis como luvas e que tinham um ar insolente, de tão finas e delicadas; a carruagem ficava sempre esperando por ele na rua.

Ele acabava de sair, uma noite, e nevava, quando Sénécal se pôs a lamentar o cocheiro. Depois declamou contra as luvas amarelas e o Jóquei Clube. Achava mais valor num operário do que nesses senhores.

— Eu, pelo menos, trabalho! Eu sou pobre!

— Bem se vê — acabou por dizer Frédéric, exasperando-se.

O explicador não lhe perdoou o remoque.

Mas, como Regimbart tivesse dito que conhecia um pouco Sénécal, Frédéric,

querendo ser atencioso com o amigo de Arnoux, convidou-o a vir às reuniões de sábado, e o encontro foi agradável aos dois patriotas.

Contudo, suas opiniões divergiam.

Sénécal — que tinha um crânio aguçado — apenas considerava os sistemas. Regimbart, pelo contrário, só via os fatos como fatos. O que principalmente o preocupava era a fronteira do Reno[6]. Dava-se como conhecedor em matéria de artilharia, e vestia-se no alfaiate da Escola Politécnica.

No primeiro dia, quando lhe ofereceram doces, encolheu desdenhosamente os ombros, e disse que aquilo era bom para mulheres; e nas noites seguintes não se mostrou mais amável. Mal a discussão alcançava certa elevação, murmurava: “Oh! nada de utopias, nada de sonhos!”. No capítulo da arte (embora frequentasse os ateliês, onde, complacentemente, dava de vez em quando uma lição de esgrima), as suas opiniões não eram transcendentes. Comparava o estilo do Sr. Marrast ao de Voltaire[7], e a Srta. Vatnaz à Sra. de Staël, por causa de uma ode sobre a Polônia, “em que havia coração”. Em suma, Regimbart irritava toda a gente, em especial Deslauriers, porque o Cidadão era amigo de Arnoux. Ora, o escrevente ambicionava frequentar aquela casa, na esperança de travar relações proveitosas. “Quando me levas lá?”, dizia ele. Arnoux estava sobrecarregado de ocupações, ou então ia partir; depois, não valia a pena, porque os jantares estavam acabando.

Se fosse necessário arriscar a vida pelo amigo, Frédéric não teria hesitado. Mas, como fazia questão de se apresentar sob a luz mais favorável, como cuidava da linguagem, das maneiras e do traje a tal ponto que não ia à loja *Art industriel* senão irrepreensivelmente enluvado, receava que Deslauriers, com aquela sobrecasaca negra e coçada, o seu ar de procurador e aqueles discursos impertinentes, desagradasse à Senhora Arnoux, o que podia comprometê-lo, diminuindo-o aos olhos dela. Dos outros não se importava, mas aquele, precisamente, iria fazê-lo sentir-se mil vezes mais envergonhado. O escrevente dava conta de que ele não queria cumprir a promessa, e o silêncio de Frédéric era como uma agravação da ofensa.

O seu desejo seria conduzi-lo de modo absoluto, vê-lo desenvolver-se de acordo com o ideal da sua juventude; e a ociosidade do amigo revoltava-o como se fosse uma desobediência e uma traição. Aliás, Frédéric, dominado pela ideia da Senhora Arnoux, falava muitas vezes no marido; e Deslauriers começou a usar um estribilho intolerável, que consistia em repetir o nome daquele cem vezes ao dia, no fim de cada frase, como um tique de idiota. Quando batiam à porta, ele respondia: “Entre, Arnoux!”. No restaurante, pedia um queijo de Brie

“como Arnoux”; e, de noite, fingindo um pesadelo, acordava o companheiro aos gritos de “Arnoux! Arnoux!”. Um dia, por fim, Frédéric, exasperado, disse-lhe numa voz lamentosa:

— Mas deixa-me em paz com Arnoux!

— Nunca! — respondeu o escrevente.

> Sempre ele! Ele em toda a parte! Gélida ou ardente
> A imagem de Arnoux...

— Acaba com isso! — exclamou Frédéric, erguendo o punho.

E acrescentou, com doçura:

— Bem sabes que esse assunto é doloroso para mim.

— Oh! Perdão, meu rapaz — replicou Deslauriers, fazendo uma profunda vênia — respeitaremos doravante os nervos da menina! Mais uma vez, perdão! Mil desculpas!

E assim acabou aquela brincadeira.

Mas, dai a três semanas, Deslauriers disse, uma noite:

— Pois vi-a há pouco, à Senhora Arnoux!

— Onde?

— No palácio da Justiça, com Balandard, o procurador; não é uma mulher morena, de estatura mediana?

Frédéric fez um sinal de assentimento. Esperava que Deslauriers falasse. Bastaria o mais leve sinal de admiração, e ter-se-ia expandido largamente; estava pronto a adorar o amigo; mas este calara-se; finalmente, não se dominando mais, perguntou-lhe com ar indiferente como ela lhe parecera.

Deslauriers achara-a “nada mal, mas todavia sem nada de extraordinário”.

— Achas? — disse Frédéric.

Entretanto agosto chegou, época do seu segundo exame[8]. Segundo a opinião corrente, quinze dias deviam bastar para preparar as matérias respectivas. Frédéric, cheio de confiança nas suas forças, absorveu de enfiada os quatro primeiros livros do Código de Processo, os três primeiros do Código Penal, vários trechos de Instrução Criminal e uma parte do Código Civil, com as anotações de Poncelet. Na véspera, Deslauriers fê-lo sofrer uma recapitulação que se prolongou até pela manhã; e, para tirar proveito do último quarto de hora, continuou a fazer-lhe perguntas na calçada, enquanto caminhavam.

Como diversos exames eram feitos simultaneamente, havia muita gente no pátio, entre outros Hussonnet e Cisy; vinha-se assistir sempre às provas, quando

se tratava de camaradas. Frédéric envergou a tradicional toga negra; depois entrou, seguido pela multidão, com três outros estudantes, numa grande sala, que recebia luz de janelas sem cortinados, guarnecida de bancos, ao longo das paredes. No centro, cadeiras de couro rodeavam uma mesa, coberta por um pano verde. A mesa separava os candidatos dos senhores examinadores, de toga vermelha, todos eles de capelo de arminho aos ombros e borla de galões dourados na cabeça.

Frédéric era o penúltimo da série, má posição. À primeira pergunta sobre a diferença entre uma convenção e um contrato, trocou as definições; e o professor, bom sujeito, disse-lhe: “Não se atrapalhe, senhor, acalme-se!”. Depois, tendo feito duas perguntas fáceis, que obtiveram respostas obscuras, passou finalmente ao quarto candidato. Frédéric ficou desmoralizado com aquele medíocre começo. Na sua frente, Deslauriers fazia-lhe sinal, do meio do público, de que nem tudo ainda estava perdido, e no segundo interrogatório sobre Direito Criminal, mostrou-se passável. Mas, depois do terceiro, relativo ao testamento místico, como o examinador se mantivesse impassível o tempo todo, a sua angústia duplicou; porque Hussonnet juntava as mãos como que aplaudindo, ao passo que Deslauriers encolhia os ombros repetidamente. Finalmente, chegou o momento em que era necessário responder sobre Processo! Tratava-se do embargo de terceiros. O professor, irritado por ter ouvido teorias contrárias às suas, perguntou-lhe num tom brutal:

— E o senhor, também pensa assim? Como concilia o principio do artigo 1.351 do Código Civil com essa extraordinária forma de ataque?

Frédéric sentia uma grande dor de cabeça, por ter passado a noite sem dormir. Um raio de sol, coando-se pela fresta de uma gelosia, batia-lhe no rosto. Em pé, atrás da cadeira, balançava o corpo, cofiando o bigode.

— Continuo esperando a sua resposta! — insistiu o homem da borla dourada.

E, certamente irritado com o gesto de Frédéric:

— Não é com certeza na sua barba que a vai encontrar!

Esse sarcasmo provocou uma risada na assistência; o professor, envaidecido, abrandou. Fez ainda duas perguntas sobre o adiamento e o processo sumário, depois baixou a cabeça, em sinal de assentimento; o ato público estava terminado. Frédéric saiu para o vestíbulo.

Enquanto o bedel o auxiliava a despir a toga, que passou imediatamente a outro candidato, os amigos rodearam-no, acabando de desorientá-lo com as suas opiniões contraditórias sobre o resultado do exame. Este não tardou a ser

proclamado numa voz sonora, à entrada da sala: “O terceiro tinha sido... adiado!”

— Liquidado! — disse Hussonnet. — Vamo-nos embora!

Diante do cubículo do porteiro, encontraram Martinon, corado, emocionado, os olhos sorridentes e a auréola do triunfo na fronte. Acabava de passar sem embaraço o último exame. Faltava apenas a defesa de tese. Dentro de quinze dias estaria licenciado. A família tinha um ministro entre as suas relações, e “uma bela carreira” o esperava.

— Este enterrou-te, não há dúvida — disse Deslauriers.

Nada é tão humilhante como ver os tolos vencer nas empresas em que malogramos. Frédéric, vexado, respondeu que pouco lhe importava. As suas ambições visavam mais alto; e, como Hussonnet se dispusesse a partir, chamou-o à parte para lhe dizer:

— Nem uma palavra acerca disto em casa deles, está claro!

O segredo era fácil de conseguir, pois Arnoux partia no dia seguinte para a Alemanha.

À noite, ao regressar à casa, o escrevente encontrou o amigo singularmente mudado: dava piruetas, assobiava; e, como o outro estranhasse tal disposição, Frédéric declarou que não iria para casa da mãe; passaria as férias estudando.

Ao saber da partida de Arnoux, sentira uma grande alegria. Podia frequentar a casa à vontade, sem receio de que as suas visitas fossem interrompidas. A certeza de uma segurança absoluta dava-lhe coragem. Até que enfim não seria afastado, não seria separado d’Ela! Algo mais forte do que um grilhão de ferro o prendia a Paris, uma voz interior dizia-lhe que devia ficar.

Havia alguns obstáculos. Venceu-os, escrevendo à mãe; começava por confessar o malogro, motivado por mudanças que tinha havido no programa — um acaso, uma injustiça; aliás, todos os grandes advogados (e citava os nomes) tinham sido reprovados nos exames. Mas contava apresentar-se novamente em novembro. Ora, não havendo tempo a perder, não iria esse ano para casa; e pedia, além do dinheiro de um trimestre, duzentos e cinquenta francos para explicações de Direito, muito úteis — tudo isso envolvido em lamentações, condolências, adulações e protestos de amor filial.

A Senhora Moreau, que esperava vê-lo chegar no dia seguinte, ficou duplamente magoada. Ocultou o insucesso do filho e respondeu-lhe que “viesse mesmo assim”. Frédéric não cedeu. A mãe ficou zangada. Contudo, no fim da semana, recebia o dinheiro do trimestre mais a quantia destinada a pagar as explicações, a qual serviu para pagar uma calça cinza-pérola, um chapéu de

feltro branco e uma bengalinha de castão de ouro.

Quando se viu na posse de tudo isso:

— Terei tido, talvez, uma ideia de sedução? — pensou.

E dominou-o uma grande hesitação.

Para saber se iria ou não à casa da Senhora Arnoux, atirou por três vezes uma moeda ao ar. De todas elas o presságio foi de bom agouro. Portanto, a fatalidade assim o queria. E fez-se conduzir de fiacre à Rua de Choiseul.

Subiu rapidamente a escada, e puxou o cordão da campainha; esta não tocou; sentiu-se prestes a desfalecer.

Depois, sacudiu, com toda a força, a pesada borla de seda vermelha. Um carrilhão retiniu, silenciou gradualmente, e não se ouviu mais nada. Frédéric teve medo.

Encostou o ouvido à porta; nem um murmúrio! Espreitou pelo buraco da fechadura, mas via apenas, no vestíbulo, a ponta de duas hastes, na parede, entre as flores de papel. Por fim, ia já voltar as costas, mas mudou de ideia. Desta vez, deu um pequeno toque, muito suave. A porta abriu-se e, no limiar, o cabelo em desalinho, muito vermelho e uma expressão de aborrecimento, surgiu Arnoux em pessoa.

— Olá! Que diabo o traz por aqui? Entre!

Fê-lo entrar, não para o toucador ou o quarto, mas para a sala de jantar, onde se viam, em cima da mesa, uma garrafa de champanha e dois copos; e, com brusquidão:

— Precisa alguma coisa de mim, meu caro amigo?

— Não! Nada! Nada! — balbuciou o jovem, enquanto procurava um pretexto para a sua visita.

Por fim, disse que tinha vindo saber notícias dele, porque o julgava na Alemanha, segundo dissera Hussonnet.

— Mas não! — retorquiu Arnoux. — Que trapalhão é esse rapaz, para entender tudo às avessas!

Para dissimular a perturbação, Frédéric andava de um lado para o outro. Foi de encontro ao pé de uma cadeira, e fez cair uma sombrinha que estava pousada sobre ela; o cabo de marfim partiu-se.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Como estou aborrecido por ter quebrado a sombrinha da Senhora Arnoux.

Ao ouvir isso, o negociante levantou a cabeça, e esboçou um sorriso singular. Frédéric, aproveitando o pretexto para falar nela, acrescentou timidamente:

— Eu poderia vê-la?

Tinha ido para a terra dela, fazer companhia à mãe, que estava doente.

Não se atreveu a perguntar quanto tempo duraria a sua ausência. Perguntou apenas de onde era a Senhora Arnoux.

— De Chartres! Acha estranho?

— Eu? Mas não! Por quê? De modo algum!

Em seguida, ficaram sem ter absolutamente nada a dizer. Arnoux, que confeccionara um cigarro, andava em volta da mesa, bufando. Frédéric, de pé junto ao calorífero, contemplava as paredes, a prateleira, o chão: e deliciosas imagens perpassavam-lhe na memória, ou melhor, diante dos olhos. Por fim, foi-se embora.

Um pedaço de jornal, feito uma bola, estava caído no vestíbulo; Arnoux pegou nele, e, erguendo-se na ponta dos pés, meteu-o na sineta, para poder continuar, disse ele, a sesta interrompida. E depois, dando-lhe um aperto de mão:

— Diga ao porteiro, por favor, que não estou em casa!

E fechou-lhe violentamente a porta nas costas[9].

Frédéric desceu a escada degrau por degrau. O insucesso dessa primeira tentativa desanimava-o sobre a sorte das outras. Então começaram três meses de tédio. Como não tinha nenhum trabalho, a sua ociosidade reforçava a tristeza.

Passava horas contemplando, do alto da varanda, o rio que deslizava entre os cais cinzentos, enegrecidos, aqui e ali, pela babugem dos esgotos, com um pontão de lavadeiras ancorado junto à margem, onde de vez em quando a garotada se divertia banhando no lodo um cachorrinho. Os seus olhos, deixando, à esquerda, a ponte de pedra da Notre-Dame e três pontes pênseis, fixavam sempre o cais aux Ormes e um maciço de velhas árvores, que lembravam as tílias do porto de Montereau. A torre Saint-Jacques, a Municipalidade, Saint-Gervais, Saint-Louis, Saint-Paul erguiam-se em frente, entre a confusão dos telhados, — e o gênio da coluna de Julho resplandecia ao oriente como uma grande estrela de ouro, enquanto na outra extremidade as Tulherias ostentavam a pesada massa azul da sua cúpula. Devia ser ali por trás, desse lado, a casa da Senhora Arnoux.

Voltava ao quarto; depois, estendido no divã, abandonava-se a uma meditação desordenada: planos de trabalho, projetos de conduta, aspirações de vida futura. Por fim, para fugir a si próprio, saía.

Percorria, ao acaso, o bairro latino, habitualmente cheio de tumulto, mas deserto naquela época, com os estudantes em férias. As altas paredes dos colégios, que o silêncio parecia tornar mais extensas, tinham um aspecto ainda mais triste; ouvia-se um sem-número de ruídos pacíficos, bater de asas nas

gaiolas, a vibração de um torno, o martelo de um sapateiro; e os vendedores de roupas, no meio da rua, interrogavam inutilmente com os olhos todas as janelas. No fundo dos cafés solitários, a dama do balcão bocejava entre as garrafas cheias; os jornais permaneciam em ordem na mesa dos gabinetes de leitura; nas casas das engomadeiras, a roupa branca estremecia ao sopro do vento morno. De vez em quando, detinha-se diante do tabuleiro de um alfarrabista; um ônibus que descia, rente ao passeio, fazia-o voltar-se; e, chegando em frente ao Luxembourg, não ia mais longe.

Às vezes, a esperança de uma distração atraía-o aos bulevares. Depois dos becos sombrios que exalavam uma úmida frescura, chegava às grandes praças desertas, ofuscantes de luz, onde os monumentos desenhavam no chão bordados de sombra. Mas as carroças, os estabelecimentos reapareciam, e a multidão deixava-o atordoado — sobretudo aos domingos — quando, da Bastilha à Madeleine, era uma onda imensa e ondulante sobre o asfalto, no meio da poeira e de um burburinho contínuo; causava-lhe asco a vulgaridade dos rostos, a inanidade das conversas, o ar de imbecil satisfação das testas em suor! Todavia, a consciência de valer mais do que essa gente atenuava a fadiga de a contemplar.

Ia todos os dias à *Art industriel,* — e, para saber quando a Senhora Arnoux estaria de volta, perguntava insistentemente pela mãe. A resposta de Arnoux era invariável; “as melhoras continuavam”, e a mulher mais a filha voltariam na semana seguinte. Quanto mais ela tardava em regressar, maior inquietação manifestava Frédéric, a tal ponto que Arnoux, comovido por tamanha afeição, o levou cinco ou seis vezes a jantar num restaurante.

Frédéric, nessas longas conversas a sós, reconheceu a pouca espiritualidade do negociante de quadros. Mas Arnoux podia aperceber-se dessa desilusão; e, além disso, precisava retribuir, pouco que fosse, as gentilezas dele[10].

Assim, querendo fazer as coisas o melhor possível, vendeu a um belchior a roupa nova, por oitenta francos; e, juntando-lhe outros cem que lhe restavam, foi buscar Arnoux para jantar. Regimbart também lá estava. Foram todos juntos ao Trois-Frères-Provençaux.

O Cidadão começou por tirar a sobrecasaca e, certo da deferência dos outros dois, escolheu os pratos. Mas, embora fosse à cozinha para falar em pessoa com o cozinheiro, descesse à adega, de que conhecia todos os desvãos, e fizesse comparecer o dono da casa, no qual “passou uma descompostura”, não se mostrou satisfeito nem com a comida, nem com os vinhos, nem com o serviço! A cada novo prato, a cada garrafa diferente, ao levar à boca o primeiro bocado, ao primeiro gole, pousava o garfo, afastava de si o copo; depois, com o corpo

descaído sobre a mesa, em que fincara o cotovelo, exclamava que já não se podia jantar em Paris! Finalmente, não sabendo o que imaginar para a sua boca exigente, Regimbart pediu feijões com azeite, “simplesmente”, os quais, embora não estivessem precisamente como ele queria, o apaziguaram um pouco. Em seguida teve com o criado um diálogo acerca do antigo pessoal do Provençaux: “Que era feito do Antoine? E um tal Eugène? E Théodore, aquele baixinho que servia sempre na sala do rés-do-chão? Nesse tempo a comida era bem mais delicada, e havia umas cabeças de vitela ao borgonha como nunca mais se veriam!”.

Em seguida, falaram do valor dos terrenos no subúrbio, uma especulação infalível de Arnoux. Entretanto, estava perdendo os juros. Como não queria vendê-los por preço nenhum, Regimbart havia de lhe descobrir alguém. E os dois ficaram fazendo cálculos, com um lápis, até o fim da sobremesa.

Foram tomar café na Galeria Saumou, num botequim, instalado numa sobreloja. Frédéric presenciou, sem arredar pé, intermináveis partidas de bilhar, molhadas com inúmeros chopes; — e ficou ali, até à meia-noite, sem saber por quê, por covardia, por estupidez, na vaga esperança de qualquer acontecimento favorável ao seu amor.

Quando tornaria a vê-la? Frédéric desesperava-se. Mas, uma noite, quase no fim de novembro, disse-lhe Arnoux:

— Sabe, minha mulher voltou ontem!

No dia seguinte, às cinco horas, estava em casa dela.

Começou por congratular-se, a propósito da mãe, cuja doença fora tão grave.

— Mas não! Quem lhe disse tal coisa?

— Arnoux!

Ela proferiu um breve “Ah!” e acrescentou que, a princípio, tivera sérios receios, mas agora estava tranquilizada.

Estava junto da lareira, na poltrona estofada. Frédéric sentara-se no canapé, com o chapéu pousado nos joelhos; e a conversa foi penosa, ela abandonava-a a todo o momento, e Frédéric não encontrava oportunidade para aludir aos seus sentimentos. Mas, como ele se queixasse de estudar Direito, ela replicou: — Sim... Compreendo... Os negócios!... — enquanto baixava os olhos, de súbito absorta nos próprios pensamentos.

Ele ansiava por conhecê-los e, de fato, não pensava noutra coisa. O crepúsculo ia amontoando sombras à volta dos dois.

Ela ergueu-se, pois tinha que sair, e voltou com um chapéu de veludo e uma manta preta, debruada de petigris. Frédéric ousou oferecer-se para acompanhá-

la.

Já não se via, quase; o tempo estava frio, o cheiro do denso nevoeiro que esbatia a fachada das casas, impregnava o ar. Frédéric aspirava-o deliciado; porque sentia, através do tecido macio, a forma do braço dela; e a mão delicada, que ele desejaria cobrir de beijos, apoiava-se na sua manga. Como o chão estava escorregadio, eles oscilavam um pouco; e parecia a Frédéric que iam como que embalados pelo vento, no meio de uma nuvem.

No bulevar, as luzes ofuscantes fizeram-no voltar à realidade. A ocasião era boa, o tempo urgia. Impôs-se declarar o seu amor até chegarem à Rua de Richelieu. Mas, quase imediatamente, diante de uma casa de louças, ela parou, e disse-lhe:

— Cá estamos, muito obrigada! Até quinta, não é verdade, como de costume?

Os jantares recomeçaram; e, quanto mais ele frequentava a Senhora Arnoux, mais se acentuavam os seus langores.

A contemplação daquela mulher enervava-o, como o uso de um perfume intenso demais. Era uma coisa que lhe descia até as profundezas do temperamento, e se tornava quase uma maneira geral de sentir, uma nova forma de existir.

As prostitutas com que topava à luz do gás, as cantoras soltando os seus gorjeios, as amazonas galopando nos cavalos, as burguesas a pé, as costureirinhas à janela, todas as mulheres só o faziam pensar naquela, por vagas semelhanças ou por violentos contrastes. Contemplava, ao longo das vitrinas, as sedas, as rendas e as bijuterias, imaginando-as a cingir-lhe os rins, cosidas no corpo do vestido, brilhando entre os seus cabelos negros. Nos tabuleiros das floristas, as flores desabrochavam para que ela, ao passar, as escolhesse; na vitrina dos sapateiros, as pantufazinhas de cetim debruadas de arminho pareciam esperar o seu pé; todas as ruas levavam à casa dela; as carruagens só estacionavam nas praças a fim de conduzir mais depressa para lá; Paris convergia para a pessoa dela, e a grande cidade, com todas as suas luzes, zumbia, como imensa orquestra, em volta dela.

Quando ia ao Jardim das Plantas, sentia, ao ver uma palmeira, a atração dos países distantes. Viajavam juntos, montados em dromedários, sob a tenda dos elefantes, na cabina de um iate por entre arquipélagos azuis, ou, lado a lado, no dorso de mulas que faziam soar as suas campainhas, tropeçando nas colunas partidas, entre a erva. Por vezes, detinha-se no Louvre diante de velhas pinturas; e o seu amor transportava-a até os séculos desaparecidos, substituindo-a às

figuras dos quadros. Toucada com o *hennin*[11], orava de joelhos atrás de um vitral. Castelã da Espanha ou da Flandres, estava sentada, de cabeção encanudado e um corpete de varas de grandes pregas. Depois descia alguma grande escadaria de pórfiro, no meio dos senadores, sob um pálio de penas de avestruz, num vestido de brocado. Outras vezes, sonhava-a de pantalona de seda amarela, sobre os coxins de um harém; — e tudo quanto era belo, o cintilar das estrelas, certas árias, a melodia de uma frase, um contorno, tornavam-na presente ao seu pensamento de uma maneira brusca e insensível.

Quanto a tentar fazer dela sua amante, tinha a certeza de que qualquer tentativa seria vã.

Uma noite, Dittmer, ao chegar, beijou-a na testa; Lovarias imitou-o, dizendo:

— Permite-me, não é verdade, segundo o privilégio dos amigos?

Frédéric balbuciou:

— Parece-me que somos todos seus amigos?

— Nem todos são amigos velhos! — retorquiu ela.

Era repeli-lo antecipadamente, de maneira indireta.

Aliás, que poderia fazer? Dizer-lhe que a amava? Ela não lhe daria ouvidos, certamente; ou até, indignando-se, o poria para fora da porta! Ora, Frédéric preferia todos os sofrimentos à horrível perspectiva de nunca mais a ver.

Invejava o talento dos pianistas, as cicatrizes dos soldados. Desejava ter uma doença perigosa, esperando assim interessá-la.

Uma coisa o espantava[12], era não sentir ciúmes de Arnoux; e não podia imaginá-la senão vestida — de tal maneira o seu pudor parecia natural, relegando o sexo para uma sombra misteriosa.

Todavia, sonhava com a felicidade que seria viver com ela, tratá-la por tu, acariciar-lhe demoradamente os bandós, ficar de joelhos junto dela, abraçando-a pela cintura, bebendo-lhe a alma nos olhos! Mas, para isso, seria necessário que fossem alteradas as leis do destino; e, incapaz de agir, amaldiçoando Deus e acusando-se pela sua própria covardia, girava em torno do seu desejo, como um prisioneiro na cela. Uma angústia o oprimia constantemente. Ficava horas imóvel, ou então punha-se a chorar; e, um dia que não tivera forças para se dominar, Deslauriers dissera-lhe:

— Mas, com a breca! Que tens tu?

Frédéric sofria dos nervos[13]. Deslauriers não acreditava. Perante tamanha dor, sua ternura pelo amigo reavivou-se, e procurou reconfortá-lo. Um homem como ele deixar-se abater assim, que disparate! Na juventude, vá lá, mas, passada ela, é perder tempo.

— Estás estragando o meu Frédéric! Reclamo o antigo! Desse é que eu gosto! Vamos, fuma uma cachimbada, animal! Reage, não te posso ver assim!

— Tens razão — disse Frédéric — estou louco!

O escrevente prosseguiu:

— Ah! Meu velho trovador, bem sei onde te dói! O coraçãozinho? Confessa! Ora — uma perdida, dez achadas! A melhor cura contra as mulheres virtuosas está nas outras. Queres que te faça conhecer mulheres? É só vires ao Alhambra. (Era um baile público inaugurado recentemente, lá para o fim dos Champs-Elysées, e que faliu logo na segunda estação, por causa de um luxo prematuro em estabelecimentos desse gênero.) Parece que lá a gente se diverte. Vamos daí! Levarás os teus amigos, se te apetece; mesmo, se quiseres, o Regimbart!

Frédéric não convidou o Cidadão. Deslauriers privou-se da companhia de Sénécal. Levaram apenas Hussonnet, Cisy e Dussardier; e o mesmo fiacre deixou os cinco à porta do Alhambra.

Duas galerias mouriscas estendiam-se à direita e à esquerda, paralelamente. A parede de uma casa, em frente, ocupava todo o fundo, e o quarto lado (o do restaurante) representava um claustro gótico com vitrais coloridos. O estrado em que os músicos tocavam era abrigado por uma espécie de teto chinês; em redor, o solo era asfaltado, e lanternas venezianas, pendentes de postes, formavam de longe uma coroa de luzes multicores sobre as quadrilhas. Aqui e ali, de pedestais figurando conchas de pedra, elevavam-se finos repuxos d’água. Por entre as folhagens havia estátuas de gesso, Hebes ou Cupidos engordurados de pintura a óleo; e as aleias numerosas, cobertas de saibro muito amarelo, cuidadosamente alisado, faziam parecer o jardim muito mais vasto do que era na realidade.

Estudantes passeavam as amantes; caixeiros de casas de modas pavoneavam-se, de bengala na mão; colegiais fumavam *régalias;* velhos celibatários passavam um pente na barba tingida; havia ingleses, russos, gente da América do Sul, três orientais de turbante. Mulheres fáceis tinham vindo na esperança de encontrar um protetor, uma aventura, uma moeda de ouro, ou simplesmente pelo prazer de dançar; e os seus vestidos de túnica, verde-água, azul, cereja ou roxo, passavam, agitavam-se por entre os ébanos e os lilases. Quase todos os homens usavam tecido xadrez, e alguns, calças brancas, apesar do ar fresco da noite. Começavam a acender-se os bicos de gás.

Hussonnet, graças às suas relações nos jornais de modas e nos pequenos teatros, conhecia muitas mulheres; atirava-lhes beijos com a ponta dos dedos, e, de vez em quando, deixando os amigos, ia conversar com elas.

Deslauriers, invejando aquelas atitudes, interpelou cinicamente uma loira

alta, vestida de crepe-da-china. Depois de o ter encarado com desprezo, ela disse: — Nada de confianças, meu filho! — e voltou-lhe as costas.

Deslauriers abordou então uma morena forte, a qual, sem dúvida, era louca, pois deu um salto, mal ele abriu a boca, ameaçando-o, se continuasse, de chamar a polícia. Deslauriers procurou rir; depois, vendo uma mulherzinha sentada sozinha, sob um revérbero, convidou-a para uma contradança.

Os músicos, empoleirados no estrado, pareciam macacos, rabecando e soprando furiosamente. O regente, de pé, marcava o compasso como um autômato. Todos, amontoados, divertiam-se; os laços desatados dos chapéus roçavam as gravatas, as botas desapareciam debaixo das saias; a multidão saltava em cadência; Deslauriers apertava contra si a mulherzinha e, contagiado pelo delírio do cancã, desengonçava-se no meio das quadrilhas como um fantoche. Cisy e Dussardier continuavam o seu passeio; o jovem aristocrata lançava olhares às mulheres, mas, apesar das exortações do caixeiro, não se atrevia a dirigir-lhes a palavra, imaginando que, em casa de tais mulheres, havia sempre "um homem escondido no armário, com uma pistola, e que surge a exigir a assinatura de letras".

Voltaram para junto de Frédéric. Deslauriers deixara de dançar; e todos se perguntavam como acabar a noite, quando Hussonnet exclamou:

— Olha! A Marquesa de Amaegui!

Era uma mulher pálida, de nariz arrebitado, com mitenes até o cotovelo e grandes brincos negros que lhe pendiam ao longo do rosto, como duas orelhas caninas. Hussonnet disse-lhe:

— Devíamos organizar uma festazinha em tua casa, uma recepção oriental! Vê se reúnes algumas das tuas amigas para estes cavalheiros franceses! Então, que é que te prende? Estarás porventura esperando o teu *hidalgo*?

A andaluza baixara a cabeça; conhecendo os hábitos pouco luxuosos do amigo, receava que a despesa lhe saísse da bolsa. Finalmente, quando ela falou em dinheiro, Cisy ofereceu cinco napoleões, tudo quanto tinha; e a coisa ficou decidida. Mas Frédéric desaparecera.

Parecera-lhe reconhecer a voz de Arnoux, divisara um chapéu de mulher, e penetrara imediatamente no caramanchão ao lado.

A Srta. Vatnaz estava sozinha com Arnoux.

— Desculpem! Incomodo?

— De forma alguma! — retorquiu Arnoux.

Frédéric compreendeu, pelas últimas palavras da conversa dos dois, que ele acorrera ao Alhambra para tratar com a Srta. Vatnaz de um assunto urgente; e

Arnoux não parecia estar inteiramente tranquilo, porque lhe disse, com ar inquieto:

— Está certa disso?

— Certíssima! Você é amado! Ah! Que homem!

E fazia trejeitos, estendendo os lábios grossos, quase sanguinolentos, de tão vermelhos. Mas tinha uns olhos admiráveis, fulvos, com palhetas douradas, cheios de vivacidade, amor e sensualidade, que iluminavam a tez um pouco amarelada do seu rosto magro. Arnoux parecia divertir-se com as negaças dela. Inclinou-se e disse-lhe:

— Você é muito gentil, dê-me um beijo!

Ela agarrou-o pelas orelhas, e beijou-o na testa.

Nesse momento, as danças pararam; e, no lugar do regente da orquestra, surgiu um jovem bonito, demasiado gordo, de uma brancura de cera. Tinha o cabelo comprido, negro, penteado à Cristo, um colete de veludo azul, com grandes palmas douradas, um ar orgulhoso de pavão, e estúpido como um peru; e, tendo saudado o público, começou uma cançoneta. Era um camponês contando a sua viagem à capital; o artista imitava o falar normando, fingia-se bêbado; o refrão:

> Ah! Como eu ri, como eu ri,
> Nesta piolheira de Paris!

provocava acessos de entusiasmo. Delmas, “cantor expressivo”, não era tolo para o deixar arrefecer. Passaram-lhe rapidamente um violão, e ele gemeu uma romança intitulada *O irmão da albanesa.*

A letra lembrava a Frédéric a que cantava o homem coberto de andrajos, no barco. Os seus olhos fixavam involuntariamente a orla do vestido espalhada diante dele. Depois de cada estrofe, havia uma longa pausa — e o rumorejar do vento nas árvores assemelhava-se ao marulhar das ondas.

A Srta. Vatnaz, afastando com a mão os ramos de uma alfeneira que lhe tirava a vista do estrado, contemplava o cantor, fixamente, as narinas dilatadas, as sobrancelhas franzidas, como que absorta numa alegria interior.

— Muito bem! — disse Arnoux. — Agora compreendo por que veio esta noite ao Alhambra! Delmas caiu-lhe no goto, minha querida.

Ela nada quis confessar.

— Ah! Que pudor!

E, apontando para Frédéric:

— Será por causa dele? Faz mal. É o jovem mais discreto do mundo!

Os outros, que procuravam o amigo, entraram no caramanchão. Hussonnet apresentou-os. Arnoux fez uma distribuição de charutos e ofereceu sorvete a todos.

A Srta. Vatnaz tinha corado ao encarar-se com Dussardier. Não tardou a levantar-se, e, estendendo-lhe a mão:

— Não está me reconhecendo, Senhor Auguste?

— De onde a conhece? — perguntou Frédéric.

— Já trabalhamos na mesma casa! — respondeu Dussardier.

Cisy puxou-o pela manga, e saíram; logo que ele desapareceu, a Srta. Vatnaz elogiou-lhe o caráter. Acrescentou mesmo que ele tinha “o gênio da bondade”.

Depois falaram de Delmas, que poderia, como mímico, ter êxito no teatro; e seguiu-se uma discussão, em que entraram Shakespeare, a Censura, o Estilo, o Povo, as receitas do teatro da Porta Saint-Martin, Alexandre Dumas, Victor Hugo e Dumersan. Arnoux conhecera diversas atrizes famosas; os moços inclinavam-se para o escutar. Mas as palavras dele eram abafadas pelo barulho da música; e, mal terminava uma quadrilha ou uma polca, todos voltavam para as mesas, chamavam o criado, riam; as garrafas de cerveja e de limonada gasosa deflagravam entre a folhagem, as mulheres gritavam como galinhas; de vez em quando, dois cavalheiros faziam menção de bater-se; a certa altura prenderam um gatuno.

Num galope, os pares invadiram as aleias.

Arfantes, sorridentes, afogueados, desfilavam num turbilhão que levantava os vestidos e as abas dos fraques; os trombones vibravam com mais força; o ritmo acelerava-se; atrás do claustro medieval, ouviam-se crepitações, estouravam petardos; sóis começaram a girar; a luz dos fogos de artifício, cor de esmeralda, iluminou por um minuto todo o jardim; — e, com o último foguete, a multidão exalou um profundo suspiro.

Depois, dispersou-se lentamente. Uma nuvem de pólvora flutuava no ar. Frédéric e Deslauriers caminhavam no meio da multidão, passo a passo, quando um espetáculo[14] os fez parar; Martinon recebia o troco, no depósito dos guarda-chuvas; acompanhava uma mulher de uns cinquenta anos, feia, magnificamente vestida, e de categoria social problemática.

— Esse sujeito — disse Deslauriers — é menos simples do que se supõe. Mas onde se meteu Cisy?

Dussardier mostrou-lhes o botequim, onde viram o descendente dos grandes, diante de um copo de ponche, na companhia de um chapéu cor-de-rosa.

Hussonnet, que se ausentara durante cinco minutos, reapareceu nesse momento.

Uma jovem, de braço dado com ele, chamava-lhe em voz alta “meu gatinho”.

— Mas não! — dizia ele. — Não! Em público, não! Chama-me antes visconde! Sempre dá um ar de cavalheiro, Luís XIII e botas moles, que me agrada! Sim, meus caros, uma velha amiga! Não acham que é um amor? — E segurando-lhe o queixo: — Cumprimenta estes senhores! São todos filhos de pares de França! Frequento-os para eles me nomearem embaixador!

— Que louco você é! — suspirou a Senhorita Vatnaz.

E pediu a Dussardier que a conduzisse até a porta de casa.

Arnoux seguiu com os olhos o par que se afastava, e disse, voltando-se para Frédéric:

— A Vatnaz não lhe agrada? Aliás, você não é nada franco nesses assuntos! Faz segredo dos seus amores?

Frédéric tornara-se lívido, e jurou que não escondia nada.

— Como não se lhe conhece amante... — retorquiu Arnoux.

Frédéric teve vontade de citar um nome ao acaso. Mas “ela” podia vir a saber do caso. E respondeu que, de fato, não tinha nenhuma amante.

O comerciante censurou-o.

— Esta noite, a ocasião era boa! Por que não fez como os outros, que vão cada um com sua mulher?

— Pois sim, e o senhor? — disse Frédéric, irritado com aquela insistência.

— Ah! Eu! Meu filho! É diferente! Eu volto para junto da minha!

Chamou um cabriolé, e desapareceu.

Os dois amigos voltaram a pé. Soprava um vento de leste. Nenhum deles falava. Deslauriers tinha pena de não ter brilhado diante do diretor de um jornal, e Frédéric ia mergulhado na própria tristeza. Por fim, disse que achara[15] o Alhambra estúpido.

— E de quem é a culpa? Se não nos tivesses trocado pelo teu Arnoux!

— Ora! Tudo o que eu pudesse fazer teria sido completamente inútil!

Mas o escrevente tinha as suas teorias. Para obter as coisas, bastava desejá-las com força.

— Todavia, tu mesmo, ainda agora...

— Queria lá saber delas! — disse Deslauriers, não o deixando completar a insinuação. — Tenho mais que fazer do que aturar mulheres!

E declamou contra o sentimentalismo e as tolices delas; em suma,

aborreciam-no.

— Deixa-te de atitudes! — disse Frédéric.

Deslauriers calou-se. E depois, de repente:

— Queres apostar cem francos como *levo* a primeira que passar?

— Apostado!

A primeira a passar era uma mendiga horrenda; e já desesperavam do acaso quando, no meio da Rua de Rivoli, avistaram uma jovem alta, com um pequeno embrulho na mão.

Deslauriers abordou-a debaixo das arcadas. Ela cortou bruscamente para o lado das Tulherias, e não tardou a seguir pela Praça do Carrousel, lançando olhares à direita e à esquerda. Correu atrás de um fiacre; Deslauriers alcançou-a. Caminhava a seu lado, falando-lhe com gestos eloquentes. Finalmente ela aceitou-lhe o braço, e prosseguiram ao longo do cais. Depois, pela altura do Châtelet, andaram de um lado para outro, no passeio, como dois marinheiros fazendo o quarto. Mas, de repente, atravessaram a Ponte au Change, o Mercado das flores, o cais Napoléon. Frédéric entrou atrás deles. Deslauriers fez-lhe compreender que os incomodaria, e o melhor que tinha a fazer era seguir-lhe o exemplo.

— Quanto tens ainda?

— Duas moedas de cem *sous*!

— É o suficiente! Boa-noite!

Frédéric foi dominado pelo pasmo que se sente ao ver bem-sucedida uma brincadeira: “Ele está fazendo pouco de mim”, pensou. “E se eu subisse?” Deslauriers seria capaz de supor que lhe invejava aquele amor? “Como se eu não tivesse um, e mil vezes mais raro, mais nobre, mais forte!” Impelia-o uma espécie de raiva. Chegou diante da porta da Senhora Arnoux.

Nenhuma das janelas da rua pertencia ao apartamento deles. Contudo, permaneceu de olhos pregados na fachada — como se, por meio dessa contemplação, julgasse possível trespassar as paredes. Agora, sem dúvida, ela repousava, tranquila como uma flor adormecida, os belos cabelos negros entre as rendas do travesseiro, lábios entreabertos, a cabeça deitada sobre um braço.

Mas surgiu-lhe a imagem de Arnoux. E afastou-se, para fugir àquela visão.

Lembrou-se do conselho que lhe dera Deslauriers; fez-lhe horror. Então, pôs-se a vagabundear pelas ruas.

Quando vinha alguém na direção contrária, procurava distinguir-lhe as feições. De vez em quando, um raio de luz passava-lhe por entre as pernas, descrevendo no chão um imenso arco de círculo; e um homem surgia da sombra,

de cesta e lanterna na mão. Em alguns lugares, o vento sacudia o cano de zinco de uma chaminé; chegavam-lhe sons longínquos, que se misturavam ao zumbido da sua cabeça, e parecia-lhe ouvir, nos ares, o vago compasso das contradanças. O movimento da marcha alimentava essa embriaguez; achou-se na Ponte de la Concorde.

Então, lembrou-se daquela noite do inverno passado, em que, saindo de casa dela, pela primeira vez, se tinha visto obrigado a parar, tão rapidamente o coração lhe batia, sob a pressão das suas esperanças. Todas estavam mortas, agora!

Nuvens escuras passavam diante da lua. Contemplou-a, sonhando com a vastidão dos espaços, a miséria da vida, o nada a que tudo se reduzia. O dia surgiu; batia os dentes de frio; e, meio a dormir, molhado pelo nevoeiro e coberto de lágrimas, perguntou a si próprio por que não poria termo à vida. Era só fazer um movimento! O peso da cabeça arrastava-o, via o seu cadáver flutuando na água; Frédéric debruçou-se. O parapeito era bastante largo, e foi por lassidão que não fez esforço para o transpor.

O pavor assaltou-o. Voltou para os bulevares, e deixou-se cair num banco. Foi acordado por agentes da polícia, convencidos de que “andara na pândega”.

Recomeçou a caminhada. Mas, como sentia imensa fome, e todos os restaurantes estavam fechados, foi cear a uma taberna do Halles. Depois, pensando que era ainda cedo demais, vagueou pelas redondezas da Municipalidade, até às oito e um quarto.

Havia muito já que Deslauriers mandara embora a donzela; estava a escrever, sentado à mesa, no meio do quarto. Pelas quatro horas, o Senhor de Cisy apareceu.

Graças a Dussardier, travara relações com uma dama, na véspera à noite; e tinha-a mesmo acompanhado de carruagem, com o marido, até à porta de casa, onde ela lhe marcara uma entrevista, donde Cisy regressara naquele momento. Mas ninguém conhecia o nome da tal senhora.

— Que quer que eu lhe faça? — perguntou Frédéric.

Então o gentil homem espraiou-se; falou da Srta. Vatnaz, da Andaluza, e das outras todas. Por fim, com muitas perífrases, expôs a finalidade da sua visita: confiando na discrição do amigo, vinha solicitar a companhia dele numa empresa, após a qual se consideraria definitivamente um homem; Frédéric não lha recusou. Contou a história a Deslauriers, sem dizer a verdade sobre o que lhe dizia pessoalmente respeito.

O escrevente achou que “ele ia agora muito bem”. Esta deferência para com

os seus conselhos aumentou-lhe o bom humor.

Fora graças a este que conseguira seduzir, logo no primeiro dia, a Srta. Clémence Daviou, bordadeira em ouro para equipamentos militares, o ser mais doce do mundo, esbelta como uma haste, de grandes olhos azuis, que tinham sempre uma expressão atônita. Deslauriers abusava da sua candura, a ponto de lhe fazer crer que era condecorado; e ornamentava a sobrecasaca com uma fita vermelha, quando se encontrava com ela, coisa de que se abstinha em público, para não humilhar o patrão, dizia ele. Aliás, mantinha-a a distância, deixava-se acariciar como um paxá, chamava-lhe "filha do povo", brincando. Ela trazia-lhe, de cada vez, um pequeno ramo de violetas. Frédéric por nada no mundo teria desejado um amor assim.

Todavia, quando eles saíam, de braço dado, para ir a um gabinete particular no Restaurante Pinson, ou no Barillot, apoderava-se dele singular tristeza. Frédéric ignorava quanto fizera sofrer Deslauriers havia um ano, todas as quintas-feiras, quando arranjava as unhas antes de ir jantar na Rua de Choiseul!

Uma noite, quando, da sua sacada, os via sair, avistou de longe Hussonnet na Ponte d'Arcole. O boêmio começou a fazer-lhe sinais, chamando-o, e disse-lhe, quando Frédéric desceu os cinco andares:

— A coisa é a seguinte: no próximo sábado, dia 24, é a festa onomástica da Sra. Arnoux.

— Mas como, ela não se chama Marie?

— Angèle, também, que importância tem isso? A festa será na casa de campo que eles têm em Saint-Cloud; estou encarregado de o convidar. Há um carro para o transporte até lá, às três horas, em frente ao jornal! Então, está combinado! Desculpe tê-lo feito descer. Mas tenho tanto que fazer!

Mal Frédéric voltara as costas, o porteiro entregou-lhe uma carta:

"O Senhor e a Senhora Dambreuse pedem ao Senhor F. Moreau que lhes dê a honra de jantar em casa, no sábado, 24 do corrente. — R.P.F."

"Demasiado tarde", pensou ele.

Contudo, mostrou a carta a Deslauriers, o qual exclamou:

— Ah! Finalmente! Mas não pareces contente. Por quê?

Frédéric, depois de leve hesitação, disse que tinha outro convite para o mesmo dia.

— Faz-me o favor de mandar às favas a Rua de Choiseul. Nada de tolices! Responderei por ti, se isso te custa.

E o amanuense escreveu, na terceira pessoa, aceitando o convite.

Tendo visto o mundo apenas através da febre das ambições, imaginava-o

como uma criação artificial, funcionando em virtude de leis matemáticas. Um jantar, o encontro com um homem de posição, o sorriso de uma jovem podiam, por uma série de ações deduzindo-se umas das outras, ter gigantescos resultados. Alguns salões parisienses eram como essas máquinas que tomam a matéria em bruto e a devolvem centuplicando-lhe o valor. Acreditava nas cortesãs aconselhando diplomatas, nos casamentos ricos conseguidos por meio de intrigas, no gênio dos forçados, nas docilidades do acaso sob a garra dos fortes. Enfim, considerava tão útil frequentar os Dambreuse, e falava tão bem, que Frédéric já não sabia que decisão tomar.

Nem por isso descuidaria, visto ser o aniversário da Senhora Arnoux, de oferecer-lhe um presente; pensou, naturalmente, numa sombrinha, para reparar o seu gesto desastrado. Ora, descobriu uma de seda furta-cor, o cabo curto de marfim cinzelado, importada da China. Mas custava cento e setenta e cinco francos, e ele estava sem vintém, vivendo até a crédito por conta do próximo trimestre. Contudo, queria-a a todo o custo, e, apesar da sua repugnância, recorreu a Deslauriers.

Deslauriers respondeu-lhe que não tinha dinheiro.

— Mas eu preciso — disse Frédéric — preciso muito!

E, como o outro repetisse a mesma desculpa, irritou-se.

— Bem podias, uma vez ou outra...

— O quê?

— Nada!

O escrevente compreendera. Tirou das suas economias o dinheiro de que Frédéric precisava, e disse, depois de lhe ter entregue, moeda por moeda:

— Não te peço recibo, visto que vivo à tua custa!

Frédéric saltou-lhe ao pescoço, com mil protestos de amizade. Deslauriers permaneceu frio. E, no dia seguinte, ao ver a sombrinha em cima do piano:

— Ah! Era isso!

— Talvez a mande entregar — disse covardemente Frédéric.

O acaso veio em seu auxilio, pois recebeu, nessa mesma noite, um bilhete tarjado de negro, no qual a Senhora Dambreuse lhe anunciava a morte de um tio, desculpando-se por adiar o prazer de o conhecer.

Chegou às duas horas ao escritório do jornal. Em vez de esperar para o conduzir na sua carruagem, Arnoux partira na véspera, não resistindo mais à necessidade de ar livre.

Todos os anos, quando surgiam as primeiras folhas, durante vários dias seguidos, saía pela manhã, dava longos passeios pelo campo, bebia leite nas

fazendas, gracejava com as aldeãs, informava-se sobre as colheitas, e trazia pés de alface embrulhados num lenço. Finalmente, realizando o seu sonho, comprara uma casa de campo.

Enquanto Frédéric falava com o empregado, surgiu a Srta. Vatnaz, que ficou desapontada por não encontrar Arnoux. Ele ainda se demoraria por lá talvez dois dias. O empregado aconselhou-a a “ir lá”; mas ela não podia; que escrevesse uma carta; mas ela receava que se perdesse. Frédéric ofereceu-se para a levar ele próprio. Ela escreveu-a rapidamente, e implorou-lhe que não a entregasse diante de testemunhas.

Daí a quarenta minutos descia em Saint-Cloud.

A casa, distante da ponte uns cem passos, erguia-se a meia encosta. Os muros do jardim ficavam escondidos por dois renques de tílias, e um largo relvado descia até a beira do rio. O portão estava aberto, e Frédéric entrou.

Arnoux, estendido na grama, brincava com uma ninhada de gatinhos. Esta distração parecia absorvê-lo inteiramente. A carta da Senhorita Vatnaz tirou-o do seu torpor.

— Diabo, diabo! Que coisa cacete! Ela tem razão; preciso ir.

Depois, tendo metido a missiva na algibeira, deu-se ao prazer de mostrar os seus domínios. Mostrou tudo, a cavalariça, o alpendre, a cozinha. O salão ficava do lado direito, e dava, do lado de Paris, para uma varanda de caniçada, coberta por uma clematite. Mas, por sobre as cabeças deles ouviu-se um trinado; a Senhora Arnoux, julgando-se só, divertia-se cantando. Fazia escalas, trilos, arpejos. Havia notas longas que pareciam ficar suspensas; outras caíam precipitadas, como gotas d’água de uma cascata; e aquela voz, passando através da gelosia, quebrava o grande silêncio, e subia para o céu azul.

Calou-se de súbito, à chegada de dois vizinhos, o Senhor e a Senhora Oudry.

Depois, apareceu ao alto da escadaria; e, quando ela descia os degraus, ele viu-lhe o pé. Calçava uns sapatinhos abertos, em pelica castanha, de reflexos dourados, com três tiras transversais que desenhavam sobre as meias uma rede dourada.

Os convidados chegaram. Exceto o advogado Lefaucheur, eram os convivas das quintas-feiras. Cada qual trouxera o seu presente: Dittmer um lenço da Síria, Rosenwald um álbum de romances, Burrieu uma aquarela, Sombaz a sua própria caricatura, e Pellerin um desenho a carvão, representando uma espécie de dança macabra, horrenda fantasia de medíocre execução. Hussonnet dispensara-se de oferecer qualquer presente.

Frédéric deixou-se ficar para trás, para oferecer o seu.

Ela agradeceu-lhe muito. Então, ele disse:

— Mas... era quase uma dívida! Fiquei tão aborrecido.

— Com quê? — retorquiu ela. — Não compreendo!

— Para a mesa! — disse Arnoux, pegando-lhe num braço; e depois disse-lhe, ao ouvido: — Mas que ingênuo você é!

Nada podia ser mais agradável do que a sala de jantar, pintada num verde aquoso. Numa das extremidades, uma ninfa de pedra molhava o pé num vaso em forma de concha. Pelas janelas abertas, via-se o jardim todo, com o extenso relvado, e um velho pinheiro da Escócia, já meio seco; maciços de flores irregulares destacavam-se, aqui e ali; e, para além do rio, estendiam-se, num largo semicírculo, os bosques de Boulogne, Neuilly, Sèvres, Meudon. Diante do portão, em frente, um pequeno barco a vela fazia evoluções.

Primeiro falou-se da vista que se tinha dali, depois da paisagem em geral; e as discussões começaram quando Arnoux deu ordem ao criado para ter a carruagem pronta às nove e meia. Uma carta do caixa chamava-o.

— Queres que eu volte contigo? — disse a Senhora Arnoux.

— Pois com certeza! — e, fazendo-lhe uma grande reverência: — Bem sabeis, senhora, que não se pode viver sem vós!

Todos a felicitaram por ter tão excelente marido.

— Ah! É porque não sou eu apenas! — replicou ela com doçura, apertando a filha.

Depois a conversa voltou à pintura, falou-se num Ruysdaël com o qual Arnoux esperava obter grandes lucros, e Pellerin perguntou-lhe se era verdade que o famoso Saul Mathias, de Londres, viera, no mês passado, oferecer-lhe por ele vinte e três mil francos.

— Nada mais verdadeiro! — e, voltando-se para Frédéric: — É aquele cavalheiro com quem me viu outro dia no Alhambra, bem contra minha vontade, posso garantir-lhe, porque esses ingleses não são nada divertidos!

Frédéric, suspeitando na carta da Srta. Vatnaz qualquer história de saias, admirara a desenvoltura com que Arnoux arranjara maneira de justificar a sua partida; mas essa nova mentira, inteiramente inútil, fê-lo arregalar os olhos.

O comerciante acrescentou, com toda a simplicidade:

— Como se chama aquele seu amigo alto?

— Deslauriers — respondeu com vivacidade Frédéric.

E, para reparar os agravos que sentia ter-lhe feito, elogiou-o como sendo uma inteligência superior.

— Ah! Realmente? Mas não é tão simpático como o outro, o empregado dos

transportes.

Frédéric amaldiçoou Dussardier. Ela ia pensar que ele frequentava gente comum.

Depois falou-se nos embelezamentos da capital, dos bairros novos, e Oudry mencionou, entre os grandes especuladores, o Senhor Dambreuse.

Frédéric, aproveitando a oportunidade para se fazer valer, disse que o conhecia. Mas Pellerin iniciou uma catilinária contra os merceeiros; vendedores de velas ou de dinheiro, era tudo a mesma coisa. Depois Rosenwald e Burrieu discutiram porcelanas; Arnoux falava de jardinagem com a Senhora Oudry, enquanto Sombaz, brincalhão da velha escola, divertia-se à custa do marido: chamava-lhe Odry, como o ator, declarou que ele devia ser descendente de Oudry pintor de cachorros, porque a bossa dos animais era-lhe visível na testa. Fez até menção de lhe apalpar o crânio, ao que o outro se esquivou, por causa da peruca; e a sobremesa terminou entre gargalhadas.

Depois de tomarem o café, debaixo das tílias, fumando, e tendo dado algumas voltas ao jardim, foram passear à beira do rio.

O grupo deteve-se junto de um pescador, que limpava enguias, numa peixaria. A menina Marthe quis vê-las. Ele esvaziou a lata na grama; e a garota pôs-se de joelhos para agarrá-las, rindo de prazer, e dando gritos assustados. Fugiram todas, mas Arnoux pegou-as.

Em seguida, teve a ideia de um passeio de barco.

Um dos lados do horizonte começava a empalidecer, enquanto, do outro, uma larga faixa alaranjada se estendia no céu, mais escura no alto das colinas, já completamente negras. A Senhora Arnoux sentara-se numa grande pedra, com aquele clarão de incêndio por trás. Os outros flanavam, para aqui e para ali; Hussonnet, junto à margem, fazia ricochetear pedras na água.

Arnoux reapareceu, seguido por uma velha barca, onde, apesar do temor dos mais prudentes, empilhou os seus convivas. A barca soçobrava; tiveram que desembarcar.

As velas já ardiam no salão, todo forrado de chita da Pérsia, com candelabros de cristal nas paredes. A Senhora Oudry adormeceu suavemente numa poltrona, enquanto os outros escutavam Lefaucheur, que dissertava sobre as glórias do foro. A Senhora Arnoux estava só, junto da janela, e Frédéric aproximou-se.

Falaram do que se estava discutindo. Ela admirava os oradores; ele preferia a glória dos escritores. Todavia, dizia ela, devia-se sentir um prazer mais intenso emocionando diretamente a multidão, vendo que se consegue transferir para a sua alma todos os sentimentos da nossa. Mas esses triunfos não tinham o menor

atrativo para Frédéric, que não era ambicioso.

— Ah! Mas por quê? — perguntou ela. — É necessário ter alguma ambição!

Estavam um junto do outro, de pé, no vão da janela[16]. Na sua frente, a noite estendia-se como um imenso véu sombrio, com cintilações prateadas. Era a primeira vez que a conversa deles não tratava de coisas insignificantes. Ele ficou mesmo a conhecer as antipatias e os gostos dela; certos perfumes faziam-na sentir-se mal, os livros de história interessavam-na, e acreditava nos sonhos.

Frédéric abordou o capítulo das aventuras sentimentais. Ela lamentava os desastres causados pela paixão, mas revoltavam-na as torpezas hipócritas; e essa retidão de espírito harmonizava-se tão bem com a beleza regular do seu rosto que parecia uma emanação desta.

Ela por vezes sorria, pousando os olhos em Frédéric, por um instante. Então, ele sentia aquele olhar penetrar-lhe na alma, como esses grandes raios de sol que descem até o fundo da água. Amava-a sem segunda intenção, sem a menor esperança de ser correspondido; e, nesses silenciosos transportes, semelhantes a arroubos de gratidão, o seu desejo seria cobrir-lhe a testa com uma chuva de beijos. Todavia, uma força interior como que o transportava para fora de si; era uma ânsia de sacrifício, uma necessidade de dedicação imediata, tanto mais forte quanto não a podia satisfazer.

Não partiu com os outros; Hussonnet também não. Voltariam na carruagem; e esta já esperava junto à escadaria, quando Arnoux desceu ao jardim para colher rosas. Depois, tendo amarrado o ramo com um fio, como as hastes se prolongavam desigualmente, meteu a mão na algibeira cheia de papéis, tirou um ao acaso, envolveu nele o pé do ramo e consolidou sua obra com um grande alfinete, oferecendo-o à mulher, com certa emoção.

— Aqui tens, minha querida, desculpa-me por te ter esquecido!

Mas ela deu um gritinho; como o alfinete, posto sem jeito, a ferira, ela voltou para o quarto. Esperaram-na mais de um quarto de hora. Por fim reapareceu, agarrou em Marthe e precipitou-se para a carruagem.

— E o teu ramo? — indagou Arnoux.

— Não! Não! Não vale a pena!

Frédéric correu para apanhá-lo; ela gritou-lhe:

— Não o quero!

Mas Frédéric não tardou a voltar com o ramo, dizendo que tornara a metê-lo no invólucro, porque encontrara as flores no chão. Ela meteu-as na bolsa de couro, atrás da boleia, e partiram.

Frédéric, sentado a seu lado, notou que ela tremia horrivelmente. Depois de

terem passado a ponte, como Arnoux voltasse à direita:

— Mas não! Estás enganado! É pela esquerda!

Parecia irritada; tudo a incomodava. Finalmente, quando Marthe fechou os olhos, ela agarrou no ramo e atirou-o pela portinhola; depois segurou no braço de Frédéric, fazendo-lhe sinal, com a outra mão, para nunca mais falar nele.

Depois, apertou o lenço de encontro aos lábios, e ficou quieta.

Na boleia, os outros dois conversavam sobre assuntos de tipografia e de assinantes. Arnoux, que guiava descuidadamente, perdeu-se no meio do Bois de Boulogne. Então, meteram-se por pequenas veredas. O cavalo avançava a passo; os ramos das árvores roçavam a capota. Frédéric só distinguia, na sombra, os olhos da Senhora Arnoux; Marthe deitara-se-lhe no colo, e Frédéric segurava-lhe a cabeça.

— Ela o está incomodando! — disse a mãe.

Ele respondeu:

— Não, de maneira nenhuma!

Erguiam-se lentos turbilhões de poeira; iam atravessar Auteuil; todas as casas estavam fechadas; um revérbero iluminava, aqui e ali, o ângulo de uma parede, e depois mergulhavam outra vez nas trevas; em certo momento, Frédéric deu conta de que ela chorava.

Seria um remorso? Um desejo? Ou o quê? Aquele desgosto, que ele ignorava, interessava-o como se fosse coisa sua; agora, existia entre eles um novo laço, uma espécie de cumplicidade; e Frédéric disse-lhe, com a voz mais carinhosa que pôde:

— Está sofrendo?

— Sim, um pouco — replicou ela.

A carruagem rodava, e as madressilvas e as silindras, que ultrapassavam as vedações dos jardins, espalhavam na noite exalações entorpecentes. As pregas do vestido cobriam-lhe os pés. Parecia a Frédéric que todo ele comunicava com a pessoa dela através daquele corpo de criança estendido entre os dois. Inclinou-se para a menina, e, afastando-lhe os lindos cabelos castanhos, beijou-lhe docemente a testa.

— Como o senhor é bom! — disse a Senhora Arnoux.

— Por que diz isso?

— Porque gosta de crianças.

— Nem de todas!

E não acrescentou mais nada, mas pousou a mão esquerda do lado dela, e deixou-a aberta — imaginando que ela faria talvez o mesmo que ele, e as duas se

encontrariam. Depois teve vergonha, e retirou-a.

Dentro em pouco rodavam sobre o empedrado. A carruagem ia agora mais depressa, os candeeiros de gás multiplicavam-se, estavam em Paris. Hussonnet, ao passarem diante do Garde-Meubles, saltou. Frédéric esperou, para descer, que chegassem ao pátio da casa; depois, pôs-se de atalaia na esquina da Rua de Choiseul, e viu Arnoux dirigir-se lentamente para os bulevares.

A partir do dia seguinte, pôs-se a trabalhar com todas as suas forças.

Via-se num tribunal, numa tarde de inverno, no fim dos debates, quando os jurados estão pálidos e a multidão ofegante faz estalar as divisórias do pretório, a fim de perorar durante quatro horas, fazendo o resumo de todas as suas provas, descobrindo outras novas e sentindo, a cada frase, a cada palavra, a cada gesto, erguer-se atrás de si a lâmina da guilhotina; depois, na tribuna da Câmara, como orador de cujas palavras depende a salvação de um povo inteiro, aniquilando os adversários com o vigor das suas prosopopeias, esmagando-os com uma réplica, com coriscos e entonações musicais na voz, irônico, patético, apaixonado, sublime. Ela estaria presente, nalgum lugar, no meio dos outros, escondendo sob um véu as lágrimas de entusiasmo; encontrar-se-iam depois; — e os desânimos, as calúnias e as injúrias não o atingiriam, se ela dissesse: “Ah! Isso é belo!”, pousando-lhe de leve as mãos na testa.

Essas imagens fulguravam como faróis no horizonte da sua vida. O espírito de Frédéric, excitado, tornou-se mais ágil e mais forte. Até agosto fechou-se no quarto; e foi aprovado no último exame.

Deslauriers, que tivera tanta dificuldade em lhe meter na cabeça, uma vez mais, a matéria do segundo, em fins de dezembro, e em fevereiro a do terceiro, estranhava-lhe o ardor. Então, as antigas esperanças renasceram. Era preciso que, dentro de dez anos, Frédéric fosse deputado; dentro de quinze, ministro; por que não? Com o seu patrimônio, que não tardaria a receber, poderia, antes de mais nada, fundar um jornal; seria o começo; depois se veria. Pela sua parte, Deslauriers continuava a ambicionar uma cátedra na Escola de Direito; e defendeu a tese de doutoramento com tanto brilho que foi felicitado pelos professores.

Frédéric defendeu a sua, três dias depois. Antes da partida para as férias, teve a ideia, a fim de rematar as reuniões dos sábados, de organizar um piquenique, no qual se mostrou alegre. A Senhora Arnoux estava agora junto da mãe, em Chartres. Mas dentro em breve tornaria a vê-la, e acabaria por tornar-se seu amante.

Deslauriers, admitido nesse mesmo dia nas reuniões de Orsay, fizera um

discurso que foi muito aplaudido. Embora fosse sóbrio, embriagou-se, e à sobremesa disse a Dussardier:

— Tu, sim, és honesto! Quando eu for rico, farei de ti meu administrador.

Sentiam-se todos felizes; Cisy não completaria o curso de Direito; Martinon ia continuar o seu estágio na província, onde seria nomeado juiz substituto; Pellerin preparava-se para pintar um grande quadro representando “o Gênio da Revolução”; Hussonnet iria ler, na semana seguinte, o plano de uma peça ao diretor do Délassements, e estava certo do êxito:

— Porque, quanto à estrutura do drama, esta será entregue a mim! Pelo que toca às paixões, vivi o bastante para as conhecer bem; e quanto aos ditos de espírito, é a minha profissão!

Deu um salto, caiu sobre as mãos e andou durante algum tempo em redor da mesa, de pernas para o ar.

Esta brincadeira não desanuviou o rosto de Sénécal. Acabava de ser expulso da pensão, por ter batido no filho de um aristocrata. Como a sua miséria se agravava, atacava a ordem social, amaldiçoava os ricos; e abriu o coração a Regimbart, que estava cada vez mais desiludido, entristecido, enojado. O Cidadão interessava-se, agora, pelos problemas orçamentários, e acusava a Camarilha de perder milhões na Argélia[17].

Como não podia dormir sem ter feito o seu estágio na taberna de Alexandre, desapareceu às onze horas. Os outros debandaram mais tarde; e Frédéric, ao despedir-se de Hussonnet, soube que a Senhora Arnoux devia ter regressado na véspera.

Assim, foi às Messageries transferir o lugar marcado para o dia seguinte, e, pelas seis horas, apresentou-se em casa dela. Soube pelo porteiro que o regresso da Senhora Arnoux fora adiado para daí a uma semana. Frédéric jantou só, depois do que deambulou pelos bulevares.

Nuvens rosadas, esfiapadas, estendiam-se para além dos telhados; começavam-se a recolher os toldos das lojas; carros-pipas lançavam uma chuva sobre a poeira, e uma frescura inesperada misturava-se às emanações dos cafés, onde se viam, pelas portas escancaradas, entre pratas e dourados, ramos de flores refletidos nos altos espelhos. A multidão caminhava lentamente. Grupos de homens conversavam no meio da calçada; mulheres passavam, com uma languidez nos olhos e essa tez de camélia que o cansaço dos grandes calores dá às carnes femininas. Algo de enorme se expandia, envolvendo as casas. Nunca Paris lhe parecera tão belo. E via, no futuro, uma série interminável de anos cheios de amor.

Deteve-se diante do teatro da Porta Saint-Martin, olhando o cartaz; e, por não ter que fazer, comprou um bilhete.

Representava-se uma velha mágica. Os espectadores eram escassos; e, pelos postigos da galeria, o dia recortava-se em pequenos quadrados azuis, enquanto as candeias da ribalta formavam uma linha única de luzes amarelas. A cena representava um mercado de escravos em Pequim, com campainhas, tantãs, sultanas, barretes pontiagudos e trocadilhos. Depois, quando o pano desceu, vagueou pelo átrio, solitário, e admirou um grande landau verde, parado à porta do teatro, puxado por dois cavalos brancos, com cocheiro de calção.

Regressava ao seu lugar quando entraram no primeiro camarote de boca, no balcão, uma dama e um senhor. O marido tinha um rosto pálido, emoldurado por um fino colar de barba grisalha, a roseta de oficial da Legião de Honra, e esse aspecto glacial que é costume atribuir aos diplomatas.

A mulher, pelo menos vinte anos mais jovem[18], nem alta nem baixa, nem feia nem bonita, usava os cabelos loiros encaracolados à inglesa, um vestido de corpete liso, e um grande leque de renda negra. Para pessoas da sociedade, como aquelas, virem ao teatro, naquela estação do ano, era necessário supor um acaso, ou o aborrecimento de passarem o serão a sós. A dama mordiscava o leque, o cavalheiro bocejava. Frédéric não conseguia recordar-se onde teria visto aquela cara.

No intervalo seguinte, ao atravessar um corredor, encontrou-se com ambos; ao vago cumprimento que ele fez, o Senhor Dambreuse, reconhecendo-o, aproximou-se e pediu desculpa, imediatamente, pela sua imperdoável negligência. Era uma alusão aos numerosos cartões de visita, enviados a conselho do escrevente. Todavia, confundia as épocas, e supunha que Frédéric ainda estivesse no segundo ano de Direito. Depois confessou quanto o invejava por ir para o campo. Bem precisaria descansar, mas os negócios retinham-no em Paris.

A Senhora Dambreuse, apoiada no seu braço, inclinava levemente a cabeça; e a amena espiritualidade do seu rosto contrastava com a expressão entediada de há pouco.

— Contudo, aqui sempre há belas distrações! — disse ela, em resposta às últimas palavras do marido. — Como este espetáculo é idiota! O senhor não acha? — E os três ficaram de pé, conversando sobre teatro e peças novas.

Frédéric, afeito aos esgares das burguesas da província, não vira em mulher alguma tal desenvoltura de maneiras, aquela simplicidade, que é um refinamento, em que os ingênuos julgam ver a manifestação de uma simpatia

instantânea.

Esperavam a visita dele, quando voltasse; o Senhor Dambreuse pediu-lhe que apresentasse os seus cumprimentos ao velho Roque.

Voltando para casa, Frédéric não deixou de referir a Deslauriers esse acolhimento.

— Magnífico! — retorquiu o escrevente. — E não te deixes dominar pela tua mamãezinha! Volta depressa!

No dia seguinte à chegada de Frédéric, a Senhora Moreau, depois do almoço, levou o filho para o jardim.

Mostrou-se feliz por vê-lo formado, pois não eram tão ricos como se supunha; a terra rendia pouco; os rendeiros pagavam mal; até se vira obrigada a vender a carruagem. Em suma, expôs-lhe a situação em que se encontravam.

Nas primeiras dificuldades da sua viuvez, um homem astucioso, o Senhor Roque, fizera-lhe empréstimos, renovados e prolongados contra a vontade dela. E de repente viera reclamá-los; ela sujeitara-se às condições impostas, cedendo-lhe por um preço irrisório a fazenda de Presles. Dez anos depois, o seu capital sumira na falência de um banqueiro, em Melun. Dado o seu horror às hipotecas, e para manter aparências úteis ao futuro do filho, como Roque tornasse a aparecer, aceitara-lhe novamente as ofertas. Mas agora estava definitivamente quite. Em suma, restavam-lhe cerca de dez mil francos de rendimento, dos quais dois mil e trezentos pertenciam a Frédéric, e eram todo o seu patrimônio!

— Mas não é possível! — exclamou Frédéric.

Ela fez um aceno de cabeça, para dizer que era assim mesmo.

Mas o tio havia de lhe deixar alguma coisa?

Nada era menos certo!

E deram uma volta pelo jardim, silenciosos. Finalmente, ela apertou-o contra o peito, e, numa voz abafada pelas lágrimas:

— Ah! Meu pobre pequeno! Quantas ilusões tive que abandonar!

Frédéric sentou-se no banco, à sombra das acácias.

O conselho que ela lhe dava era que ele entrasse como escrevente para o cartório do Senhor Prouharam, o qual lhe cederia a clientela; se Frédéric a valorizasse, poderia revendê-la e arranjar um bom casamento.

Frédéric já não a escutava. Olhava maquinalmente, por cima da sebe, para o jardim do lado.

Uma menina dos seus doze anos, de cabelo avermelhado, achava-se ali, sozinha. Tinha confeccionado uns brincos com bagas de sorveira; a blusa de linho cinzento descobria-lhe os ombros, um pouco dourados pelo sol; nódoas de

doce maculavam-lhe a saia branca; — e havia uma graciosidade de jovem animal selvagem em toda a sua pessoa, ao mesmo tempo nervosa e franzina. A presença de um desconhecido espantava-a, sem dúvida, pois se detivera subitamente, com o regador na mão, fixando nele os olhos de um verde-azul límpido.

— É a filha do Senhor Roque — disse a Senhora Moreau. — Ele casou há pouco com a criada, e legitimou a filha.

VI

Arruinado, espoliado, desgraçado!

Deixara-se ficar sentado no banco, como que atordoado pela comoção. Amaldiçoava a sorte, tinha vontade de bater em alguém; e, para cúmulo do desespero, sentia pesar sobre ele uma espécie de ultraje, de desonra; — porque Frédéric tinha imaginado que a fortuna paterna se elevaria um dia a quinze mil libras, de rendimento, e dera-o a saber, de forma indireta, aos Arnoux. Assim, ia passar por um fanfarrão, um trapaceiro, um obscuro intrujão, que se lhes metera em casa na esperança de tirar qualquer proveito! E ela, a Senhora Arnoux, como poderia agora tornar a vê-la?

Isso, aliás, era completamente impossível, tendo apenas três mil francos de rendimento! Teria que continuar morando num quarto andar, ter como criado o porteiro, e aparecer com umas pobres luvas pretas desbotadas, um chapéu ensebado, a mesma sobrecasaca durante todo o ano. Não! Não! Nunca! Contudo, a existência sem ela era insuportável. Havia muita gente que vivia bem, mesmo não tendo fortuna, por exemplo Deslauriers; — e achou-se covarde por dar tamanha importância a coisas insignificantes. Talvez a miséria lhe centuplicasse os dons. Exaltou-se, pensando nos grandes homens que trabalhavam em mansardas. Uma alma como a da Senhora Arnoux não poderia deixar de comover-se perante tal espetáculo, e de lhe corresponder. Assim, aquela catástrofe era afinal uma felicidade; como os tremores de terra que põem tesouros a descoberto, revelara-lhe as secretas riquezas da sua natureza. Mas havia no mundo um só lugar para lhes dar valor: Paris! Porque, na sua ideia, a Arte, a Ciência e o Amor (as três faces de Deus, como diria Pellerin) dependiam exclusivamente da capital.

À noite, declarou à mãe que ia regressar a Paris; a Senhora Moreau ficou

surpreendida e indignada. Era uma loucura, um absurdo. Era melhor seguir os conselhos que lhe dera, isto é, ficar junto dela, num cartório. Frédéric encolheu os ombros: “Que ideia!” considerando aquela proposta um insulto.

Então, a boa senhora passou a usar outro método. Numa voz suave, e soltando pequenos soluços, começou a falar-lhe na sua solidão, na sua velhice, nos sacrifícios que fizera. Agora que se sentia mais infeliz, ele queria abandoná-la. Depois, aludindo ao seu próximo falecimento:

— Tem um pouco de paciência, por Deus! Não tardará que estejas livre!

Essas lamentações repetiram-se vinte vezes ao dia, durante três meses; e, ao mesmo tempo, Frédéric ia sendo corrompido pelas delicadezas do lar; tinha uma cama mais confortável, as toalhas não tinham rasgões; e, embora cansado, enervado, enfim, vencido pela força tremenda da doçura, Frédéric deixou-se levar ao cartório de Prouharam.

Aí não mostrou ciência nem habilidade. Fora até então tido como um jovem de grande futuro, que viria a ser a glória do departamento. Foi uma decepção pública.

A princípio, pensara: “Preciso informar a Senhora Arnoux”, e, durante uma semana, meditara epístolas ditirâmbicas, e breves bilhetes, em estilo lapidar e sublime. O receio de confessar a sua situação conteve-o. Depois, considerou que seria melhor escrever ao marido. Arnoux conhecia a vida, e saberia compreendê-lo. Finalmente, ao cabo de quinze dias de hesitação:

“Ora! Nunca mais tornarei a vê-los; que me esqueçam! Ao menos, não terei desmerecido na recordação dela! Pensará que morri, e... talvez tenha saudades de mim.”

Como as resoluções excessivas lhe custavam pouco, jurara nunca mais voltar a Paris, e até nunca mais pedir notícias da Senhora Arnoux.

Entretanto, até do cheiro do gás e do barulho dos ônibus sentia falta. Sonhava com todas as palavras que lhe ouvira, com o timbre da voz, com a luz dos olhos dela — e, considerando-se um homem morto, não fazia absolutamente mais nada.

Levantava-se tarde, e ficava a olhar da janela as carroças que passavam. Sobretudo os seis primeiros meses foram abomináveis.

Certos dias, contudo, tomava-o uma indignação contra si mesmo. Então, saía. Corria os prados, quase cobertos, durante o inverno, pela inundação do Sena. Dividiam-nos linhas de choupos. Aqui e ali, elevava-se uma pequena ponte. Vagabundeava até o anoitecer, empurrando as folhas amarelas diante dos pés, aspirando o nevoeiro, saltando fossos; à medida que as artérias batiam com

mais força, vinham-lhe desejos violentos de agir; queria fazer-se caçador na América, servir um paxá no Oriente, engajar-se como marujo; exalava a sua melancolia em longas cartas para Deslauriers.

Este debatia-se furiosamente para triunfar. A falta de coragem do amigo e as suas sempiternas lamentações pareciam-lhe estúpidas. Não tardou que a sua correspondência quase cessasse. Frédéric dera todos os seus móveis a Deslauriers, que ficara com o apartamento. A mãe falava-lhe neles de vez em quando, até que ele, um dia, confessou a dádiva, e ela o estava censurando quando o rapaz recebeu uma carta.

— Que tens tu? — perguntou ela. — Estás tremendo?

— Não tenho nada! — replicou Frédéric.

Deslauriers informava-o de que recolhera Sénécal; havia quinze dias que viviam juntos. Assim, Sénécal refestelava-se agora no meio das coisas que tinham vindo da loja de Arnoux! Podia vendê-las, fazer comentários sobre elas, gracejos. Frédéric sentiu-se ferido até o fundo da alma. Foi para o quarto. Tinha vontade de morrer.

A mãe chamou-o. Era para consultá-lo acerca de uma plantação no jardim.

Esse jardim, à maneira de um parque inglês, era dividido ao meio por uma vedação de estacas; metade pertencia ao tio Roque, que tinha outro, para os legumes, à margem do rio. Os dois vizinhos, que não se davam, evitavam ir ao jardim às mesmas horas. Mas, desde que Frédéric voltara, o homenzinho passeava por ali com mais frequência, e desfazia-se em amabilidades com o filho da Senhora Moreau. Lamentava-o por viver numa cidadezinha. Um dia, contou-lhe que o Senhor Dambreuse perguntara por ele. De outra vez, pôs-se a falar no antigo costume da Champanha, a transmissão da nobreza pela linha feminina.

— Naqueles tempos, o senhor teria sido nobre, pois a sua mãe é uma Fouvens. E, digam o que disserem, olhe que um nome sempre é alguma coisa! E afinal — acrescentou, olhando para Frédéric com ar de esperteza — isso depende do ministro da Justiça.

Essa ambição pela aristocracia contrastava singularmente com a sua pessoa. Como era baixo, a comprida sobrecasaca castanha exagerava-lhe a altura do torso. Quando tirava o boné, via-se um rosto quase feminino, de nariz extremamente aguçado; o cabelo amarelado parecia uma cabeleira postiça; e fazia grandes salamaleques às pessoas, cosendo-se com as paredes.

Até os cinquenta anos, contentara-se com os serviços de Catherine, uma lorena da mesma idade que ele, muito marcada pelas bexigas. Mas, por volta de 1834, trouxe de Paris uma bela loira, com cara de carneiro, que tinha “um porte

de rainha”. Não tardou a ser vista pavoneando-se com grandes brincos, e tudo se explicou com o nascimento de uma filha, registrada sob os nomes de Élisabeth-Olympe-Louise Roque.

De ciúme, Catherine dispunha-se a execrar a criança. Pelo contrário, ganhou-lhe amor. Rodeou-a de cuidados, de atenções e de carinhos, para suplantar a mãe e torná-la odiosa, empresa fácil, pois a Senhora Éléonore desinteressava-se totalmente da filha, preferindo ficar de conversa com os fornecedores. Logo no dia seguinte ao casamento, fez uma visita à subprefeitura, deixou de tratar as criadas por tu, e julgou da sua obrigação, para ser uma senhora, tratar a criança com severidade. Assistia às lições; o professor, um velho burocrata da câmara municipal, não sabia lidar com ela. A aluna insurgia-se, apanhava bofetadas, e ia chorar no colo de Catherine, que se punha invariavelmente ao seu lado. Então, as duas mulheres brigavam; o Senhor Roque mandava-as calar. Casara por amor à filha, e não queria que a atormentassem.

Ela andava muitas vezes com um vestido branco esfarrapado e umas calças compridas enfeitadas com rendas; e, nos dias de festa, saía à rua vestida como uma princesa, para fazer raiva aos burgueses, que não deixavam os fedelhos brincar com ela, dado o seu nascimento ilegítimo.

Vivia sozinha, no jardim, brincando no balanço, corria atrás das borboletas, depois ficava de súbito imóvel, contemplando os besouros que vinham pousar nas roseiras. Eram esses hábitos, sem dúvida, que lhe davam ao rosto uma expressão ao mesmo tempo atrevida e sonhadora. Aliás, tinha a mesma estatura de Marthe, de tal modo que Frédéric lhe disse, da segunda vez que se encontraram:

— A menina permite que eu lhe dê um beijo?

Ao que ela respondeu, erguendo a cabeça:

— Sim!

Mas a sebe separava-os.

— Tens que subir — disse Frédéric.

— Não, pega em mim!

Frédéric inclinou-se por cima da vedação e agarrou a menina, beijando-a em ambas as faces; depois, pô-la novamente no chão, pelo mesmo processo que se renovou das vezes seguintes.

Com a mesma naturalidade de uma criança de quatro anos, mal sentia a aproximação do amigo precipitava-se ao seu encontro, ou então, escondendo-se atrás de uma árvore, imitava o ladrar de um cão, para assustá-lo.

Um dia que a Senhora Moreau tinha saído, Frédéric levou-a para o seu

quarto. Ela abriu todos os frascos de perfume e encheu o cabelo de cosmético; depois, sem o menor constrangimento, deitou-se na cama e deixou-se ficar ao comprido, acordada.

— Estou fingindo que sou a tua mulher — dizia ela.

No dia seguinte foi encontrá-la em prantos. Confessou que "chorava os seus pecados", e, como ele quisesse saber quais eram, respondeu, de olhos baixos:

— Não me faça mais perguntas!

Aproximava-se o dia da primeira comunhão; pela manhã tinham-na levado a confessar-se.

O sacramento não a tornou mais ajuizada. De vez em quando tinha acessos de violenta cólera; e chamavam Frédéric para acalmá-la.

Ele levava-a muitas vezes consigo a passear. Enquanto ia andando, perdido nos seus sonhos, ela colhia papoulas na orla dos trigais, e, quando o via mais triste do que de costume, procurava consolá-lo, dizendo-lhe coisas gentis. O coração de Frédéric, privado de amor, entregou-se àquele afeto de criança; desenhava bonecos para ela, contava-lhe histórias e começou a ler em voz alta para ela.

Principiou pelos *Annales romantiques,* coletânea de verso e prosa, então célebre. Depois, esquecendo a idade dela, tanto a sua inteligência o encantava, leu-lhe sucessivamente *Atala, Cinq-Mars,* as *Feuilles d'automne.* Mas, uma noite (nessa mesma tarde tinha-lhe lido *Macbeth,* na simples tradução de Letourneur), ela acordou gritando: "A mancha! A mancha!". Batia os dentes, tremia, e, fixando os olhos esgazeados na mão direita, esfregava-as dizendo: "Sempre a mancha!". O médico finalmente chegou, e recomendou que lhe evitassem as emoções.

Os burgueses viram nisso apenas um prognóstico desfavorável para os seus costumes. Dizia-se que o "jovem Moreau" queria fazer dela, mais tarde, uma atriz.

Não tardou a dar-se outro acontecimento: a chegada do tio Barthélemy. A Senhora Moreau instalou-o no seu quarto de dormir, e levou a condescendência ao ponto de servir carne nos dias de abstinência.

O velho não foi muito amável. Fazia constantes paralelos entre o Havre e Nogent; achava o ar pesado, o pão ruim, as ruas mal pavimentadas, a alimentação medíocre e os habitantes uns preguiçosos; — "Como o comércio aqui é pobre!" Condenava as extravagâncias do seu defunto irmão, ao passo que ele juntara vinte e sete mil libras de rendimento! Finalmente, foi-se embora ao fim de uma semana, e, já no estribo da carruagem, soltou estas palavras pouco

tranquilizadoras:

— É uma grande satisfação saber que se acham numa boa situação.

— Não te vai deixar nada! — disse a Senhora Moreau, quando voltaram para a sala.

O tio viera a convite dela; e, durante oito dias, ela tentara provocar uma declaração, talvez claramente demais. Arrependia-se de ter insistido, e permanecia na sua poltrona, de cabeça baixa, lábios comprimidos. Na sua frente, Frédéric observava-a; e ficavam os dois calados, como cinco anos antes, quando ele chegara de Montereau. Essa coincidência, que se lhe apresentou ao espírito, fê-lo pensar na Senhora Arnoux.

Nesse momento ouviu-se debaixo da janela o estalar de um chicote, e uma voz que o chamava.

Era o tio Roque, sozinho, na sua carroça. Ia passar o dia inteiro na Fortelle, em casa do Senhor Dambreuse, e ofereceu-se cordialmente a Frédéric para levá-lo.

— Não precisa de convite, indo comigo; não tenha receio!

Frédéric teve vontade de aceitar. Mas como iria explicar a sua residência definitiva em Nogent? Não tinha uma roupa de verão apresentável; além disso, que diria a mãe? E recusou.

Daí por diante, o vizinho mostrou-se menos amigável. Louise crescia; a Senhora Éléonore caiu de cama, com uma doença grave; e, com grande satisfação da Senhora Moreau, que receava para o futuro do filho o convívio com aquela gente, a amizade desfez-se.

Sonhava comprar para ele a secretaria do tribunal; Frédéric não mostrava muita oposição a essa ideia. Agora, acompanhava-a à missa, jogava cartas com ela, à noite, habituava-se à província, ia-se enterrando nela; — e até o seu amor ganhara uma espécie de doçura funerária, um encanto adormecedor. De tanto expandir em cartas à própria dor, de a ter misturado às leituras, passeado pelos campos, espalhando-a por toda parte, quase a esgotara, de tal forma que a Senhora Arnoux era para ele como que uma morta, da qual não achava estranho ignorar o túmulo, tanto esse afeto se tornara tranquilo e resignado.

Um dia, a 12 de dezembro de 1845, pelas nove horas da manhã, a cozinheira foi levar uma carta ao seu quarto. O endereço, em letras gordas, era de uma caligrafia desconhecida; e Frédéric, sonolento, não se apressou a abri-la. Finalmente, leu:

“Juizado de Paz do Havre. 3º distrito”.

Senhor:

O Senhor Moreau, vosso tio, tendo falecido *ab intestat*...”

Era herdeiro!

Como se um incêndio acabasse de atear-se do outro lado da parede, saltou para fora da cama, descalço, em camisa: passou a mão pelo rosto, não ousando crer nos seus olhos, pensando ainda estar sonhando, e, para se integrar na realidade, escancarou a janela.

Tinha nevado; os telhados estavam brancos; — e reconheceu mesmo no pátio uma tina de lavar roupa, na qual tropeçara na véspera à noite.

Releu a carta mais três vezes; era a pura verdade! A fortuna inteira do tio! Vinte e sete mil libras de rendimento! — e uma alegria frenética apoderou-se dele, à ideia de tornar a ver a Senhora Arnoux. Com a nitidez de uma alucinação, viu-se a seu lado, em casa dela, trazendo-lhe um presente embrulhado em papel de seda, enquanto à porta estacionaria o seu tílburi, não, antes um cupê! Um cupê preto, com um lacaio de libré castanha; ouvia o cavalo escarvar o chão, e o ruído dos guizos misturava-se ao rumor dos seus beijos. A cena repetir-se-ia todos os dias, indefinidamente. Havia de recebê-los em casa, na sua casa; a sala de jantar seria forrada de couro vermelho, o quarto de vestir, de seda amarela, com divãs por todos os lados! E que prateleiras! Que louças da China! Que tapetes! Essas imagens sobrevinham em tal tumulto que sentia tonturas. Então, lembrou-se da mãe; e desceu as escadas, sem largar a carta.

A Senhora Moreau procurou conter a emoção e teve um desfalecimento. Frédéric tomou-a nos braços e beijou-lhe a testa.

— Querida mãe, agora podes tornar a comprar a tua carruagem; ri, não chores mais, fica feliz!

Dez minutos depois, a notícia chegara até os bairros afastados. Então, o Dr. Benoist, o Senhor Gamblin, o Senhor Chambion, todos os amigos acorreram. Frédéric ausentou-se momentaneamente, para escrever a Deslauriers. Novas visitas chegaram. A tarde passou-se em felicitações. Nem se esqueceram da Senhora Roque, que, todavia, estava “muito embaixo”.

À noite, quando ficaram a sós, a Senhora Moreau disse ao filho que lhe aconselhava abrir escritório de advogado em Troyes. Sendo mais conhecido na sua região do que em qualquer outra, facilmente poderia encontrar bons partidos!

— Ah! Isso é demais! — exclamou Frédéric.

Mal tinha uma felicidade ao seu alcance, logo lha queriam tirar. E manifestou a decisão irrevogável de viver em Paris.

— Para fazer o quê?

— Nada!

A Senhora Moreau, surpreendida com aqueles modos, perguntou-lhe o que ambicionava ser.

— Ministro! — replicou Frédéric.

E afirmou que não estava brincando, que pretendia lançar-se na diplomacia, que os seus estudos e os seus instintos o inclinavam para essa carreira. Primeiro, entraria para o Conselho de Estado, com a proteção do Senhor Dambreuse.

— Mas tu o conheces?

— Pois claro! Por intermédio do Senhor Roque!

— Isso é interessante — disse a Senhora Moreau.

Frédéric despertara-lhe no coração os velhos sonhos de ambição. Abandonou-se-lhes interiormente, e não voltou a falar nos outros.

Se tivesse dado ouvidos à sua impaciência, Frédéric teria partido naquele mesmo instante. No dia seguinte, todos os lugares nas diligências estavam reservados; sofreou a impaciência até o outro dia, às sete horas da noite.

Tinham-se sentado para jantar, quando o sino da igreja deu três badaladas; e a criada veio dizer que a Senhora Éléonore acabava de falecer.

Afinal, aquela morte não era uma infelicidade para ninguém, nem sequer para a filha. Esta só teria a ganhar com isso, mais tarde.

Como as duas casas eram geminadas, ouvia-se um grande tropel, e um rumor de vozes; e a ideia daquele cadáver tão próximo punha algo de fúnebre na sua separação. Duas ou três vezes, a Senhora Moreau enxugou os olhos. Frédéric sentia o coração opresso.

Depois da refeição, Catherine veio à procura dele. A menina queria vê-lo a todo o custo. Esperava por ele no jardim. Frédéric saiu, passou por cima da sebe, e, chocando-se de vez em quando com as árvores, dirigiu-se para a casa do Senhor Roque. Via-se luz numa janela do segundo andar; depois, uma sombra surgiu da treva, e uma voz murmurou:

— Sou eu.

Ela pareceu-lhe mais alta do que habitualmente. Sem dúvida era por causa do vestido preto. Não sabendo como se lhe dirigir, limitou-se a pegar-lhe nas mãos, e a suspirar:

— Ah, minha pobre Louise!

Ela não respondeu. Contemplou-o profundamente, durante muito tempo. Frédéric estava com receio de perder a diligência; parecia-lhe ouvir um rodar de carro ao longe, e disse, para acabar com aquilo:

— Catherine disse-me que tinhas qualquer coisa...

— Sim, é certo! Queria dizer-lhe...

Frédéric estranhou a mudança de tratamento; e, como ela tivesse ficado novamente em silêncio:

— Então, o que é?

— Já não sei. Esqueci-me! É verdade que se vai embora?

— Sim, daqui a pouco.

Ela repetiu:

— Ah! Daqui a pouco?... De vez?... Não nos tornaremos a ver?

Os soluços estrangulavam-na.

— Adeus! Adeus! Então beija-me!

E apertou-o convulsivamente nos braços.

Segunda parte

I

Depois que se instalou no seu lugar, ao fundo da carruagem, e a diligência se pôs em marcha, arrastada pelos cinco cavalos arrancando ao mesmo tempo, começou a sentir-se eufórico. Como um arquiteto que faz o plano de um palácio, dispôs, por antecipação, a sua vida. Encheu-a de coisas delicadas e de esplendores; ela erguia-se até as alturas, numa prodigalidade de coisas, e essa contemplação era tão profunda que os objetos exteriores tinham desaparecido.

Ao fim da encosta de Sourdan deu conta do lugar onde estavam. Tinham percorrido cinco quilômetros, quando muito! Ficou indignado. Desceu a vidraça, para ver a estrada. Perguntou diversas vezes ao cocheiro quanto tempo, ao certo, demorariam para chegar. Mas acabou por sossegar, e deixou-se ficar no seu canto, de olhos abertos.

A lanterna, pendente do assento do cocheiro, iluminava as garupas dos cavalos. Para além, via apenas as crinas dos outros cavalos, ondulando como vagas brancas; o bafo dos animais formava um nevoeiro de ambos os lados da parelha; as ferragens matraqueavam, as vidraças tremiam nos caixilhos; e a pesada carruagem rodava pela estrada afora, num ritmo regular. Aqui e ali distinguia-se a parede de um celeiro, ou uma hospedaria isolada. Às vezes, ao passar pelas aldeias, o forno de uma padaria projetava clarões de incêndio, e a silhueta monstruosa dos cavalos corria sobre a fachada fronteira. Nas mudas, depois de desatrelados os cavalos, estabelecia-se por instantes um grande silêncio. Alguém remexia em cima, debaixo da cobertura, enquanto, na soleira da porta, uma mulher abrigava a candeia com a mão. Depois o condutor saltava para o estribo, e a diligência punha-se novamente a caminho.

Em Mormans, ouviu-se bater uma hora e um quarto.

“É portanto hoje, pensava ele, hoje mesmo, daqui a nada!”

Mas, pouco a pouco, as esperanças e as recordações, Nogent, a Rua de Choiseul, a Senhora Arnoux, a mãe, tudo se confundiu.

Um ruído surdo de tábuas despertou-o, atravessavam a Ponte de Charenton, era Paris. Então, os seus dois companheiros de viagem, um tirando o boné, o outro o lenço, puseram os chapéus e começaram a conversar. O primeiro, um homenzarrão corado, de sobrecasaca de veludo, era negociante; o outro vinha à capital a fim de consultar um médico; — e, receando tê-lo incomodado durante a noite, Frédéric, espontaneamente, pediu-lhe desculpa, a tal ponto a felicidade o enternecia.

Como o cais da gare estava provavelmente inundado, seguiram em frente, e o campo recomeçou. Ao longe, fumegavam altas chaminés de fábricas. Depois, dobraram para Ivry. A carruagem subiu uma rua; de repente, Frédéric avistou a cúpula do Panthéon.

A planície, revolta, dava uma impressão de vagas ruínas. A linha das fortificações formava uma saliência horizontal. Nos passeios de terra que ladeavam a estrada, arvorezinhas sem ramos eram defendidas por ripas eriçadas de pregos. Estabelecimentos de produtos químicos alternavam com estâncias de madeireiros. Portões altos, como há nas fazendas, deixavam ver, pelos batentes entreabertos, o interior de pátios ignóbeis, cheios de imundícies, tendo ao meio charcos de água suja. Compridas tabernas, cor de sangue de boi, ostentavam à altura do primeiro andar, entre as janelas, dois tacos de bilhar, cruzados, dentro de uma coroa de flores pintadas; aqui e ali, via-se uma casinhola de alvenaria, semiconstruída, que fora abandonada. Depois, começou a dupla fieira ininterrupta das construções; e, sobre a nudez das fachadas destacava-se, de vez em quando, um gigantesco charuto de latão, para indicar uma tabacaria. Tabuletas de parteiras representavam uma matrona de touca, embalando um bebê embrulhado numa colcha enfeitada com rendas. Nos cantos das paredes, cartazes esgarçados tremiam ao vento, como andrajos. Passavam operários de blusão, e barris de cervejeiros, carroças de lavadeiras, carripanas de açougueiros; caía uma chuva fina, estava frio, e o céu pálido, mas dois olhos, que para Frédéric eram como o sol, resplandeciam por entre a névoa.

Ficaram muito tempo parados na barreira, por causa do ajuntamento formado por vendedores de galinhas, carreteiros e um rebanho de carneiros. O guarda, embiocado no capuz, ia e vinha diante da guarita para se aquecer. O fiscal da alfândega subiu à imperial, e ouviu-se uma fanfarra de trombone de varas. A diligência desceu o bulevar a trote largo, os tirantes frouxos e a rédea solta. A ponta do comprido chicote estalava no ar úmido. O condutor proferia o seu grito

sonoro: “Upa! Upa!” e os varredores afastavam-se, os pedestres saltavam para trás, a lama espadanava entre as vidraças, cruzava-se com carroças, cabriolés, ônibus. Finalmente passaram ao longo da grade do Jardim das Plantas.

O Sena, amarelado, chegava quase às pontes. Havia no ar uma frescura de água. Frédéric aspirou-a com todas as suas forças, saboreando esse bom ar de Paris que parece conter eflúvios amorosos e emanações intelectuais; e sentiu-se enternecido ao ver o primeiro fiacre. Gostava até do limiar das tabernas, guarnecido de palha, até dos engraxates, com as suas caixas, até dos caixeiros de mercearia, agitando os torradores de café. Mulheres apressavam-se, debaixo dos guarda-chuvas; Frédéric inclinava-se para lhes distinguir o rosto; um acaso podia ter feito com que a Senhora Arnoux tivesse saído.

As lojas desfilavam, a multidão crescia, o barulho aumentava. Depois do cais Saint-Bernard, o cais da Tournelle e o cais Montebello, seguiram pelo cais Napoléon; Frédéric queria ver as janelas da casa dela, mas estavam longe. Depois atravessaram novamente o Sena, pelo Pont-Neuf, desceram até o Louvre; e, pelas ruas Saint-Honoré, Croix-des-Petits-Champs e de Bouloi, chegaram à Rua Coq-Héron, e entraram no pátio do hotel.

A fim de prolongar o seu prazer, Frédéric vestiu-se o mais lentamente possível, e dirigiu-se a pé ao Bulevar Montmartre; sorria à ideia de que não tardaria a ver, na placa de mármore, o nome adorado; — ergueu os olhos. Tinham desaparecido as vitrinas, tinham desaparecido os quadros, não havia nada!

Correu à Rua de Choiseul. O Senhor e a Senhora Arnoux já ali não moravam, e uma vizinha guardava o cubículo do porteiro; Frédéric esperou que ele voltasse; finalmente, apareceu, mas já não era o mesmo. Não sabia para onde se tinham mudado.

Frédéric entrou num café e, enquanto almoçava, consultou o Almanaque do Comércio. Havia trezentos Arnoux, mas nenhum Jacques Arnoux! Onde morariam eles? Pellerin devia saber.

Seguiu até o cimo do *faubourg* Poissonnière, onde ele tinha o ateliê. Como a porta não tinha campainha nem batente, deu grandes socos, chamou, gritou. Mas só o vazio lhe respondeu.

Então lembrou-se de Hussonnet. Mas onde descobrir um tal sujeito? Uma vez, acompanhara-o até à casa da amante, na Rua de Fleurus. Mas, chegando à Rua de Fleurus, Frédéric deu-se conta de que ignorava o nome da moça.

Recorreu então à Chefatura de Polícia. Andou de escada em escada, de repartição em repartição. A das informações estava fechando. Disseram-lhe que

voltasse no dia seguinte.

Em seguida visitou todos os negociantes de quadros, para saber se conheceriam Arnoux. O Senhor Arnoux já não se dedicava a esse comércio.

Finalmente, desanimado, esgotado, doente, voltou para o hotel e deitou-se. No momento em que se metia entre os lençóis, uma ideia fê-lo saltar de alegria:

“Regimbart! Que imbecil eu sou! Não me lembrar dele!”

No dia seguinte, mal tinham dado sete horas, chegava à Rua Notre-Dame-des-Victoires, diante de um estabelecimento onde Regimbart costumava beber vinho branco. Ainda não estava aberto; deu uma volta pelas proximidades, e daí a meia hora voltou. Regimbart tinha acabado de sair. Frédéric precipitou-se no seu encalço. Pareceu-lhe até reconhecer de longe o chapéu dele; mas um carro funerário e o préstito atravessaram-se na frente. Quando acabaram de passar, a visão tinha desaparecido.

Felizmente, lembrou-se de que o Cidadão almoçava todos os dias, às onze horas em ponto, num pequeno restaurante da Praça Gaillon. Era preciso ter paciência; e, depois de vaguear interminavelmente da Bolsa à Madeleine, e da Madeleine ao Gymnase, Frédéric, às onze horas em ponto, entrou no restaurante da Praça Gaillon, certo de lá encontrar o seu Regimbart.

— Não conheço! — disse com maus modos o proprietário.

Frédéric insistia; ele replicou:

— Deixei de o conhecer, meu caro senhor! — levantando as sobrancelhas majestosamente e abanando a cabeça com ar misterioso.

Mas, na última vez que tinham estado juntos, o Cidadão falara na taberna Alexandre. Frédéric engoliu um brioche, e, tomando um cabriolé, perguntou ao cocheiro se não conhecia algures, lá para o alto de Sainte-Geneviève, um certo Café Alexandre. O cocheiro conduziu-o à Rua des Francs-Bourgeois-Saint-Michel, a um estabelecimento com esse nome, e à sua pergunta: — O Senhor Regimbart, por favor? — ao que o patrão respondeu-lhe, com um sorriso mais que gentil:

— Ainda não o vimos hoje, meu caro senhor — ao mesmo tempo que lançava à esposa, instalada no balcão, um olhar cúmplice.

E logo em seguida, voltando-se para o relógio:

— Mas cá o teremos, segundo espero, dentro de dez minutos, quando muito um quarto de hora. — Célestin, os jornais, rápido! — Que deseja o senhor tomar?

Embora nada lhe apetecesse, Frédéric tomou um cálice de rum, em seguida outro de *kirsch*, em seguida outro de curaçau, em seguida diversos grogues, tanto

frios como quentes. Leu *Le Siècle*[1] desse dia de ponta a ponta, e voltou a lê-lo; examinou a caricatura do *Charivari*[2], até ao grão do papel; por fim, já sabia de cor os anúncios. De vez em quando, ouvia-se lá fora um ruído de passos, era ele! E nas vidraças perfilava-se a forma de alguém; mas ninguém entrava!

Para se distrair, Frédéric mudava de lugar; foi instalar-se ao fundo, depois à direita, em seguida à esquerda; e ficava no meio do banco, de braços estendidos. Mas um gato, pisando delicadamente o veludo do assento, assustava-o de súbito, ao dar um salto para ir lamber as gotas do refresco que tinham ficado na bandeja; e o filho dos donos da casa, um insuportável pimpolho de quatro anos, brincava com uma matraca nos degraus do balcão. A mamãe, mulherzinha exangue, de dentes estragados, sorria com ar estúpido. Mas por onde andaria Regimbart? Frédéric esperava-o, perdido num desânimo infinito.

A chuva crepitava, como se fosse granizo na capota do cabriolé. Afastando a cortina de cassa, Frédéric via o pobre cavalo, mais imóvel do que se fosse de madeira. A enxurrada, que se tornara enorme, corria entre dois raios da roda, e o cocheiro cochilava, ao abrigo da capota; mas, receando que o cliente desaparecesse, de vez em quando entreabria a porta, molhado como um pinto; — e, se o olhar tivesse poder sobre as coisas, o relógio ter-se-ia desfeito, de tanto que Frédéric o fixava. Entretanto, os ponteiros iam avançando. O Senhor Alexandre andava de um lado para o outro, e repetia: — Ele não tarda! — e, para o distrair, falava-lhe de política. A sua gentileza foi mesmo ao ponto de lhe propor uma partida de dominó.

Finalmente, às quatro e meia, Frédéric, que estava ali desde o meio-dia, levantou-se dum salto, dizendo que não ia esperar mais.

— Também não compreendo — retorquiu o patrão com ar inocente — é a primeira vez que o Senhor Ledoux não aparece!

— Qual Senhor Ledoux?

— Sim, meu caro senhor!

— Eu disse Regimbart! — gritou Frédéric exasperado.

Ah, perdão, o senhor está enganado! Não é verdade, Senhora Alexandre, que este cavalheiro disse: o Senhor Ledoux?

E interpelou o criado:

— Você não ouviu também, tal como eu?

Mas, para se vingar do patrão, sem dúvida, o criado limitou-se a sorrir.

Frédéric fez-se conduzir aos bulevares, indignado com o tempo perdido, furioso com o Cidadão, implorando-lhe a presença como se fosse a de um deus, e firmemente decidido a arrancá-lo ainda que fosse das mais longínquas

tabernas. A carruagem já o irritava, mandou-a embora; começava a sentir-se confuso; depois, todos os nomes dos cafés que ouvira pronunciar aquele imbecil jorraram-lhe ao mesmo tempo da memória, como as mil girândolas de um fogo de artifício: Café Gascard, Café Grimbert, Café Halbout, Bar Bordelais, Havanais, Havrais, Boeuf-à-la-mode, Cervejaria Allemande, Mère Morel, e a todos visitou sucessivamente. Mas, num, Regimbart acabava de sair; noutro, talvez viesse; num terceiro, havia seis meses que não aparecia; noutro ainda, encomendara na véspera um assado para sábado. Finalmente, no Vautier Refrescos, Frédéric, ao abrir a porta, foi de encontro ao criado.

— Conhece o Senhor Regimbart?

— Como não havia de conhecer, meu caro senhor! Sou eu quem tem a honra de o servir. Está lá em cima, acabando de jantar!

E, de guardanapo no braço, o patrão em pessoa aproximou-se:

— Pergunta pelo Senhor Regimbart? Esteve aqui agora mesmo.

Frédéric proferiu uma praga, mas o homem garantiu que o encontraria infalivelmente no Bouttevilain.

— Dou-lhe a minha palavra de honra! Saiu um pouco mais cedo do que de costume, porque tinha uma entrevista sobre negócios com uns cavalheiros. Mas, repito, poderá encontrá-lo no Bouttevilain, Rua Saint-Martin, 92, segundo patamar, à esquerda, ao fundo do pátio, sobreloja, porta à direita!

Finalmente, avistou-o através do fumo dos cachimbos, só, no fundo da sala atrás do bilhar, com um chope diante dele, de cabeça baixa, numa atitude meditativa.

— Ah! Há quanto tempo ando à sua procura!

Sem se impressionar, Regimbart estendeu dois dedos apenas, e, como se o tivesse visto na véspera, proferiu algumas frases insignificantes sobre a abertura do parlamento.

Frédéric interrompeu-o, dizendo, com o ar mais natural que pôde:

— Como vai o Arnoux?

A resposta demorou a vir, porque Regimbart gargarejava com a bebida.

— Não vai mal!

— Onde mora ele agora?

— Mas... na Rua Paradis Poissonnière — respondeu o Cidadão, admirado.

— Que número?

— Trinta e sete, ora essa, você tem cada pergunta!

Frédéric ergueu-se:

— Como, já se vai embora?

— Sim, tenho uma coisa urgente a fazer, tinha-me esquecido! Adeus!

Frédéric foi direto do botequim à casa de Arnoux, como se uma aragem tépida o conduzisse, e com a extraordinária facilidade que se sente nos sonhos.

Não tardou a encontrar-se num segundo andar, diante de uma porta cuja sineta tilintava; uma criada surgiu; abriu-se outra porta; a Senhora Arnoux estava sentada ao lado da lareira. Arnoux precipitou-se para o abraçar. Ela tinha um menino, talvez de três anos, sentado no colo; a filha, já tão alta como ela, estava de pé, do outro lado da lareira.

— Permita que lhe apresente este sujeito — disse Arnoux, agarrando o filho por baixo dos braços.

E divertiu-se durante alguns minutos lançando-o ao ar, muito alto, agarrando-o com os braços estendidos.

— Vais matá-lo! Ah! Meu Deus! Acaba com isso! — exclamava a Senhora Arnoux.

Mas Arnoux, garantindo que não havia perigo, continuava, dizendo coisas ternas à criança em dialeto marselhês, sua fala natal. Em seguida perguntou a Frédéric por que estivera todo aquele tempo sem lhes escrever, em que se ocupara na sua terra, por que voltara.

— Eu agora, meu caro amigo, sou negociante de louças. Mas falemos de você!

Frédéric alegou um processo demorado, a saúde da mãe; e insistiu muito nesse ponto, para se dar ares. Em suma, vinha instalar-se em Paris, desta vez definitivamente; não disse nada da herança — no receio de comprometer o seu passado.

As cortinas, assim como o estofo dos móveis, eram de tecido adamascado, em lã castanha; duas almofadas, lado a lado, apoiavam-se num almofadão; uma botija de aquecimento estava sobre o lume de carvão; e o abajur do candeeiro, que estava pousado na beira da cômoda, iluminava mal a sala. A Senhora Arnoux estava com um chambre azul-escuro, de lã. De olhos fitos nas cinzas, uma das mãos pousada no ombro da criança, desfazia, com a outra, a alça da camisinha do bebê, que chorava, coçando a cabeça, como o filho do Senhor Alexandre[3].

Frédéric esperava ter espasmos de alegria; — mas as paixões estiolam quando as tiram do seu meio natal, e, não encontrando a Senhora Arnoux no mesmo ambiente em que a tinha conhecido, parecia-lhe que ela perdera alguma coisa, que houvera nela como que uma vaga degradação, em suma, que não era a mesma. A tranquilidade do próprio coração surpreendia-o.

Perguntou pelos velhos amigos, por Pellerin, entre outros.

— Vejo-o raramente — disse Arnoux.

Ela acrescentou:

— Já não recebemos, como antigamente!

Seria uma forma de o avisar de que não seria mais convidado? Mas Arnoux, sempre cordial, censurou-o por não ter vindo jantar com eles, de improviso; e explicou o que o levara a mudar de indústria.

— Que se há de fazer numa época de decadência como a nossa? A grande pintura passou de moda! Aliás, em tudo se pode pôr arte. Bem sabe como eu amo o Belo! É preciso que venha um dia destes visitar a minha fábrica.

E quis mostrar-lhe, imediatamente, alguns dos seus produtos, no armazém da sobreloja.

Pratos, travessas, bacias, atulhavam o chão. Encostados às paredes, viam-se grandes ladrilhos para pavimento de salas de banho e gabinetes de *toilette*, com assuntos mitológicos em estilo Renascença, enquanto ao centro, em prateleiras que subiam até o teto, havia vasos para gelo, jarras, candelabros, pequenas jardineiras e grandes estatuetas policromadas, representando negros ou pastoras Pompadour. As demonstrações de Arnoux aborreciam Frédéric, que sentia frio e fome.

Correu ao Café Anglais, onde ceou esplendidamente, e dizia de si para si, enquanto comia:

“Que figura eu fiz lá, com as minhas dores! Por pouco ela nem me reconhecia! Que burguesinha!”.

E, num repentino ímpeto de saúde, tomou resoluções egoístas. Sentia o coração duro como a mesa em que apoiava os cotovelos. Portanto, agora podia lançar-se na vida mundana, sem receio. Lembrou-se dos Dambreuse; havia de se servir deles; pensou em Deslauriers. “Ora, paciência!” Contudo, mandou-lhe recado por um portador, marcando-lhe encontro para o dia seguinte no Palais-Royal, para almoçarem juntos.

Com esse, a fortuna não se mostrara tão amável.

Apresentara-se ao concurso para a *agrégation* com uma tese *Sobre o direito de testar,* onde defendia a ideia de que este devia ser restringido ao máximo; — e, como o seu adversário o incitasse a dizer tolices, proferira muitas, sem que os examinadores abrissem a boca. Depois, quisera o acaso que, ao tirar à sorte o tema para a aula, lhe saísse a Prescrição. Então, Deslauriers expusera teorias deploráveis; as velhas contestações deviam ser apresentadas da mesma forma que as novas; por que deveria o proprietário ser privado dos seus bens por não

poder apresentar os respectivos títulos senão volvidos trinta e um anos? Era garantir a segurança do homem honesto ao herdeiro do ladrão enriquecido. Todas as injustiças eram consagradas por uma extensão desse direito, que era a tirania, o abuso da força! E chegara até a exclamar:

— Acabemos com ele; e os gauleses não mais serão oprimidos pelos francos, os irlandeses pelos ingleses, os peles-vermelhas pelos ianques, os árabes pelos turcos, os negros pelos brancos, a Polônia...

O presidente interrompera-o:

— Bem, bem, senhor! Não estamos interessados nas suas opiniões políticas, voltará a apresentar-se mais tarde!

Deslauriers não quisera apresentar-se outra vez. Mas aquele infeliz parágrafo XX do livro III do Código Civil passara a ser para ele um enorme tropeço. Estava elaborando um grande trabalho sobre *A Prescrição, tomada como fundamento do direito civil* e *do direito natural dos povos;* e mergulhara nos tratados de Dunod, Rogérius, Balbus, Merlin, Vazeille, Savigny, Troplong e outras consideráveis leituras. A fim de se lhes dedicar mais à vontade, pedira demissão do seu lugar de escrevente. Vivia de explicações, de redigir teses; e, nos corredores do parlamento, assustava com a sua virulência o partido conservador, todos os jovens doutrinários discípulos do Senhor Guizot — de modo que alcançara, em certa sociedade, uma espécie de celebridade, a que se misturava uma tal ou qual desconfiança relativamente à sua pessoa.

Apresentou-se no lugar combinado com um paletó grosso, forrado de flanela vermelha, como usava outrora Sénécal.

O respeito humano, por causa do público que passava, impediu-os de se abraçarem demoradamente, e dirigiram-se ao Restaurante Véfour, de braço dado, rindo de prazer, com uma lágrima no canto do olho. Depois, mal se viram a sós, Deslauriers exclamou:

— Ah! Com a breca, agora vamos viver bem!

Frédéric não gostou dessa maneira de ele associar-se, imediatamente, à sua fortuna. O amigo manifestava alegria demais por conta dos dois, e menos do que deveria pela de Frédéric.

Em seguida, Deslauriers contou o seu insucesso, e, a pouco e pouco, os seus trabalhos, a sua existência, falando de si com estoicismo, e dos outros com azedume. Tudo lhe desagradava. Não havia homem instalado na vida que não fosse cretino ou canalha. Por causa de um copo que não estava bem lavado, irritou-se com o criado, e, como Frédéric lhe fizesse uma vaga censura:

— Querias que tivesse contemplações com tipos destes, que chegam a

ganhar seis ou oito mil francos por ano, que são eleitores, e até elegíveis, sabe-se lá! Ah! Não, não!

Depois, com ar jovial:

— Mas esquecia-me que tinha diante de mim um capitalista, um Mondor, sim, porque tu agora és um Mondor!

E, tornando a falar da herança, exprimiu esta ideia: que as sucessões colaterais (coisa em si injusta, embora neste caso o alegrasse) não tardariam a ser abolidas, na próxima revolução.

— Parece-te? — indagou Frédéric.

— Podes estar certo disso! — respondeu ele. É uma coisa que não pode continuar! Sofre-se demais! Quando vejo na miséria homens como Sénécal...

"Sempre esse Sénécal!", pensou Frédéric.

— E além disso, que contas de novo? Ainda estás apaixonado pela Senhora Arnoux? Já passou, não?

Frédéric, não sabendo que responder, fechou os olhos e baixou a cabeça.

A propósito de Arnoux, Deslauriers informou-o de que o seu jornal era agora de Hussonnet, que o tinha modificado. Chamava-se *L'Art*, "instituto literário, sociedade por ações de cem francos cada; capital social: quarenta mil francos", dando a cada acionista o direito de nele fazer sair os seus escritos; porque "a sociedade tem como finalidade publicar as obras dos estreantes, de poupar ao talento, e quem sabe se ao gênio, as dolorosas crises que assoberbam etc...", estás vendo o embuste! Havia contudo uma coisa que se podia fazer, seria elevar o nível da referida folha, e depois, mantendo os mesmos redatores e prometendo o prosseguimento do folhetim, apresentar aos assinantes um jornal político; não seria preciso adiantar muito dinheiro.

— Que te parece isso? Não queres tomar parte?

Frédéric não repeliu a proposta. Mas era preciso esperar que os seus negócios estivessem em ordem.

— Depois, se precisares de alguma coisa...

— Obrigado, meu velho! — disse Deslauriers.

Em seguida fumaram charutos, apoiados no encosto de veludo, rente à janela. O sol brilhava, o ar estava ameno, bandos de pássaros, esvoaçando, vinham pousar no jardim; as estátuas de bronze e de mármore, lavadas pela chuva, rebrilhavam; criadas de avental conversavam, sentadas em cadeiras; e ouviam-se risos de crianças, juntamente com o murmúrio contínuo do repuxo.

Frédéric sentira-se perturbado com a amargura de Deslauriers; mas, sob a influência do vinho que lhe circulava nas veias, meio entorpecido, com a luz

batendo-lhe em cheio no rosto, sentia apenas um imenso bem-estar, voluptuosamente estúpido, como uma planta saturada de calor e umidade. Deslauriers, de pálpebras semicerradas, fitava a distância, vagamente. Respirava profundamente, e começou a dizer:

— Ah! Era mais belo, quando Camille Desmoulins, ali, de pé numa mesa, incitava o povo a avançar sobre a Bastilha! Nesse tempo vivia-se, era possível alguém afirmar-se, provar a própria força! Simples advogados davam ordens a generais[4], a canalha correu com os reis, ao passo que hoje...

Calou-se, e, de súbito, exclamou:

— Ora! O futuro dirá!

E, tamborilando o toque de carga na vidraça, declamou os versos de Barthélemy[5]:

> Ela há de voltar, a terrível Assembleia,
> Que quarenta anos depois ainda vos assusta,
> Colosso que progride a passos decididos.

— Já não sei o resto! Mas é tarde, se fôssemos embora?

E continuou, na rua, a expor as suas teorias.

Frédéric, sem lhe prestar atenção, observava nas vitrinas das lojas os tecidos e os móveis que conviriam para a sua instalação; e foi talvez por pensar na Senhora Arnoux que parou diante de um antiquário, contemplando três pratos de faiança. Tinham arabescos amarelos, de reflexos metálicos, e custava cada um cem escudos. Mandou-os pôr de parte.

— Eu, no teu lugar, comprava antes pratas — disse Deslauriers, revelando, por esse amor aos valores seguros, o homem de baixa extração.

Mal se viu só, Frédéric dirigiu-se ao célebre Pomadère, onde encomendou três pares de calças, duas casacas, um casaco de peles e cinco coletes; em seguida a um sapateiro, depois a um camiseiro e a um chapeleiro, a todos pedindo a maior urgência possível.

Três dias depois, à noite, tendo regressado do Havre, encontrou em casa o seu guarda-roupa completo; e, impaciente por estreá-lo, resolveu fazer imediatamente uma visita aos Dambreuse. Mas era demasiado cedo, oito horas apenas.

“Se eu fosse à casa dos outros?”, disse de si para si.

Arnoux, sozinho diante do espelho, fazia a barba. Ofereceu-se para conduzi-lo a um lugar onde se divertiria, e, quando Frédéric falou em Dambreuse:

— Ah! Vem a propósito! Você vai encontrar lá uns amigos dele; venha, então! Vai ser divertido!

Como Frédéric quisesse desculpar-se, a Senhora Arnoux reconheceu-lhe a voz, e deu-lhe os bons dias através do tabique, porque a filha estava indisposta, e ela também não se sentia bem; e ouviu-se retinir uma colher de encontro a um copo, e todo esse sussurro de coisas em que se toca delicadamente, próprio do quarto dos doentes. Depois Arnoux desapareceu, para se despedir da mulher. Acumulava razões:

— Bem sabes que é sério! Preciso ir lá, é indispensável, estão à minha espera.

— Vai, vai, meu amigo. Diverte-te!

Arnoux chamou um fiacre.

— Palais-Royal! Galeria Montpensier, 7.

E recostando-se na almofada:

— Ah! Como estou cansado, meu caro! Um dia estouro. Aliás, com você não preciso guardar segredo.

Inclinou-se ao ouvido de Frédéric, misteriosamente:

— Estou tentando achar o vermelho de cobre dos chineses.

E explicou o que era o esmalte e o fogo lento.

Chegados ao estabelecimento de Chevet, entregaram-lhe um grande ramo de flores, que mandou pôr no fiacre. Em seguida, Arnoux escolheu, para “a sua pobre mulher”, uvas, ananases, diversas gulodices, e recomendou que fossem entregues cedo, no dia seguinte.

Em seguida passaram por um estabelecimento que alugava fantasias; tratava-se de um baile. Arnoux escolheu uns calções de veludo azul, uma túnica condizente, uma cabeleira vermelha; Frédéric optou por um dominó; e apearam-se na Rua de Laval, diante de uma casa iluminada no segundo andar com lanternas de cor.

No fundo das escadas já se ouvia o som de violinos.

— Mas aonde demônio me leva você? — perguntou Frédéric.

— A casa de uma excelente pequena! Não tenha medo!

Um *groom* abriu-lhes a porta, e entraram no vestíbulo, onde se viam paletós, sobretudos e xales empilhados nas cadeiras. Uma jovem, com o uniforme dos dragões de Luís XV, atravessava-o nesse momento. Era a Senhorita Rose-Annette Bron, a dona da casa.

— Então? — indagou Arnoux.

— Arranjado! — respondeu ela.

— Ah! Obrigado, meu anjo!

E pretendeu beijá-la.

— Tem cuidado, imbecil! Vais estragar-me a maquilagem!

Arnoux apresentou-lhe Frédéric.

— Toque, meu caro senhor, e seja bem-vindo!

E, afastando um reposteiro por trás dela, gritou com ênfase:

— Mestre Arnoux, moço de cozinha, e um príncipe das suas relações!

A princípio, Frédéric sentiu-se ofuscado pelas luzes; só distinguia sedas, veludos, ombros nus, uma massa de cores que ondulava aos sons de uma orquestra oculta por folhagens, entre paredes forradas de seda amarela, tendo, aqui e ali, retratos a pastel e tocheiros de cristal estilo Luís XVI. Altos candeeiros, cujos globos baços pareciam bolas de neve, dominavam açafates de flores, pousados sobre consolos, aos cantos; e, em frente, depois de outra sala menor, distinguia-se, numa terceira, um leito com colunas torcidas, com um espelho de Veneza à cabeceira.

As danças pararam, e houve aplausos, um rumor alegre, à vista de Arnoux que avançava de cesto à cabeça; as vitualhas faziam uma saliência ao centro. “Cuidado com o lustre!” Frédéric levantou os olhos: era o velho lustre de louça que adornava a loja *Art industriel*; a recordação dos dias antigos veio-lhe à memória; mas um soldado de linha, com esse ar lorpa que a tradição atribui aos recrutas, parou à sua frente, abrindo os braços para exprimir o seu pasmo; e ele reconheceu, apesar da tremenda bigodeira negra de pontas ultraafiladas que o desfigurava, o velho amigo Hussonnet. Numa algaravia, semialsaciana, seminegra, o boêmio cumulava-o de felicitações, chamando-lhe seu coronel. Frédéric, desconcertado por tanta gente, não sabia que responder. Ao bater de um arco sobre uma estante, os dançarinos puseram-se nos seus lugares.

Eram cerca de sessenta, as mulheres na sua maior parte vestidas de aldeãs ou de marquesas, e os homens, quase todos de meia-idade, em trajes de carroceiro, de estivador ou de marujo.

Encostado à parede, Frédéric ficou a observar a quadrilha.

Um velho gaiteiro, coberto, como um doge veneziano, por um longo manto de seda púrpura, dançava com a Senhora Rosanette, de casaca verde, calções de malha e botas moles com esporas de ouro. O par que lhe fazia face era formado por um Albanês carregado de iatagãs e uma Camponesa Suíça de olhos azuis, branca como leite, rechonchuda, em corpinho e colete vermelho. Para valorizar o cabelo, que lhe descia até à barriga da perna, uma loira alta, figurante da Ópera, estava de Mulher Selvagem, tendo apenas, sobre a malha acastanhada, uma

tanga de couro, braceletes de vidrilhos e um diadema de lantejoulas, do qual se erguia um penacho de penas de pavão. A sua frente, um homem, vestido à Pritchard, de casaca preta grotescamente larga, marcava o compasso na caixa de rapé com o cotovelo. Um pastorzinho Watteau, azul e prata como o luar, batia com o seu cajado no tirso de uma Bacante, coroada de cachos de uvas, com uma pele de leopardo atravessada e coturnos de fitas douradas. Do outro lado, uma Polonesa, num casaquinho de veludo nacarado, tinha uma anágua de gaze que balançava sobre as meias cinza pérola, e botinas cor-de-rosa, rematadas de peles brancas. Sorria a um quadragenário barrigudo, mascarado de Menino de Coro, que pulava muito alto, erguendo com uma das mãos a sobrepeliz e retendo com a outra o solidéu vermelho. Mas a rainha, a estrela, era Lulu, célebre bailarina dos bailes públicos. Como agora estava rica, trazia uma gola larga de renda sobre a blusa de veludo preto liso; e as calças largas, de seda cor de sangue, justas nas ancas, e cingidas à cintura por uma faixa de seda, tinham em todo o comprimento das costuras pequenas camélias brancas naturais. O seu rosto pálido, um pouco inchado, de nariz arrebitado, ainda parecia mais insolente por causa da peruca esguedelhada, sobre a qual assentava um chapéu de homem, de feltro cinzento, amarrotado com um soco sobre a orelha direita; e, com os saltos que dava, os seus escarpins com fivelas de brilhantes quase tocavam o nariz do vizinho, um grande Barão Medieval, tolhido na sua armadura de ferro. Havia também um Anjo, de gládio dourado na mão, duas asas de cisne nas costas, o qual, indo e vindo, perdia constantemente o seu par, um Luís XIV, não entendia nada das figuras e atrapalhava a contradança.

Frédéric, contemplando aquela gente, experimentava uma sensação de abandono, de mal-estar. Pensava ainda na Senhora Arnoux, e tinha a impressão de estar tomando parte em algo hostil que se tramava contra ela.

Quando a quadrilha terminou, Rosanette aproximou-se dele. Estava um pouco ofegante, e a gola, polida como um espelho, soerguia-se suavemente debaixo do queixo.

— E o senhor — disse ela — não quer dançar?[6]

Frédéric desculpou-se, não sabia dançar.

— Não? E comigo? Vamos?

E, descansando sobre uma perna só, com o outro joelho um pouco recolhido, acariciando com a mão esquerda o punho de nácar da espada, fitou-o durante um minuto, com ar meio suplicante, meio trocista. Finalmente disse “Boa-noite!”, fez uma pirueta e desapareceu.

Frédéric, descontente consigo mesmo, e não sabendo o que fazer, pôs-se a

deambular pelo baile.

Entrou no *boudoir*, revestido de seda azul pálido com ramos de flores silvestres; no teto, dentro de um círculo de madeira dourada, Cupidos emergiam de um céu azul, brincando sobre nuvens em forma de acolchoado. Essas elegâncias, que hoje seriam mesquinhas para mulheres como Rosanette, deslumbraram-no; ele admirou tudo: as trepadeiras artificiais que ornavam o contorno do espelho, as cortinas da lareira, o divã turco, e, numa reentrância da parede, uma espécie de tenda forrada de seda cor-de-rosa, com musselina branca por cima. Móveis pretos, marchetados de cobre, guarneciam o quarto de dormir, e, sobre um estrado coberto com penas de cisne, erguia-se o grande leito de dossel e penas de avestruz. Alfinetes com cabeça de pedrarias espetados em novelos, anéis espalhados por salvas, medalhões emoldurados em ouro e caixas de prata divisavam-se na penumbra, ao clarão de uma urna da Boêmia, suspensa por três correntinhas. Por uma pequena porta entreaberta, divisava-se uma estufa que ocupava toda a largura de um terraço, que do lado oposto terminava num aviário.

Era um ambiente bem próprio para lhe agradar. Numa brusca revolta da sua juventude, jurou a si próprio que havia de o gozar, encheu-se de coragem; depois, voltando à entrada do salão, onde agora a afluência era maior (tudo se agitava numa espécie de poalha luminosa), ficou de pé, contemplando as quadrilhas, semicerrando os olhos para ver melhor, — e aspirando o perfume sensual das mulheres, que circulavam como um imenso beijo esparso.

Mas perto dele, do outro lado da porta, estava Pellerin; Pellerin em traje de gala, com o braço esquerdo metido no peito e segurando na mão direita, juntamente com o chapéu, uma luva branca, rasgada.

— Viva, há quanto tempo não o víamos! Onde diabo estava você metido? De viagem, na Itália? Vulgar, hein, essa Itália? Menos de pasmar do que se diz? Enfim! Venha mostrar-me os seus esboços, um dia destes!

E, sem esperar resposta, o artista pôs-se a falar de si próprio.

Fizera grandes progressos, e reconhecera definitivamente a tolice da Linha. Não era tanto a Beleza e a Unidade que se devia procurar numa obra, mas o caráter e a diversidade das coisas.

— Porque tudo existe na natureza, portanto tudo é legitimo, tudo é plástico. O que importa é fixar a nota certa, e pronto. Descobri o segredo! — E, dando-lhe uma cotovelada, repetiu várias vezes: — Descobri o segredo, compreendeu? Assim, repare nessa pequena com penteado de esfinge que está dançando com um Postilhão Russo, é limpo, seco, nítido, tudo em planos e em tons violentos:

índigo debaixo dos olhos, um toque de cinábrio na face, bistre nas têmporas; pá, pá! — e, com o polegar, dava pinceladas no ar. — Enquanto a gorda, acolá — prosseguiu, mostrando uma Peixeira, de vestido cor de cereja, cruz de ouro ao pescoço e lenço de algodão amarrado atrás — é toda em curvas; as narinas achatam-se tais quais as pontas do lenço, os cantos da boca levantam-se, o queixo desce, tudo é gordo, tudo se espalha, tranquilo e luminoso, um autêntico Rubens! Contudo, ambas são perfeitas. Então onde está o tipo? — Acalorou-se: — Que vem a ser uma bela mulher? Que vem a ser o belo? Ah! O belo! Quererá você dizer-me...

Frédéric interrompeu-o para perguntar quem era um Pierrô, com perfil de bode, que abençoava todos os pares.

— Nada! Um viúvo, pai de três filhos. Deixa-os andar seminus, passa a vida no clube e dorme com a criada.

— E aquele, mascarado de Bailio, que está no vão da janela conversando com uma Marquesa Pompadour?

— A marquesa é a Senhora Vandael, ex-atriz do Gymnase e amante do Doge, que é o Conde de Palazot. Há vinte anos que estão juntos; não se sabe por quê. Que lindos olhos tinha outrora essa mulher! Quanto ao cidadão que está ao lado dela, é o Capitão d’Herbigny, um da velha guarda, cuja única riqueza é a cruz da Legião de Honra e a sua pensão; serve de tio às mundanas nas solenidades, organiza duelos e janta fora.

— Um canalha? — indagou Frédéric.

— Não! Um homem respeitável!

— Ah!

O artista nomeou outros ainda, até que, avistando um cavalheiro que envergava, como os médicos de Molière, um grande balandrau de sarja preta, mas bem aberto de alto a baixo, para mostrar todos os seus berloques:

— E ali tem o Doutor Des Rogis, que morre de raiva por não ser célebre, escreveu um livro de pornografia médica, é servil com a alta sociedade, e discreto; estas senhoras adoram-no. Ele e a esposa (aquela Castelã magra, de vestido cinzento) aparecem sempre em todos os lugares públicos e outros. Apesar das dificuldades com que vivem, têm um dia para receber — chás artísticos em que se recitam versos. Cuidado!

Com efeito, o doutor aproximava-se deles; e não tardou que os três formassem um grupo de conversadores à porta do salão, ao qual veio juntar-se Hussonnet, depois o amante da Mulher Selvagem, um jovem poeta que exibia, sob um mantelete à Francisco I, a mais débil das anatomias, e finalmente um

rapaz espirituoso, fantasiado de Turco. Mas o seu casaquinho, debruado de amarelo, andara tanto nas costas dos dentistas ambulantes, as calças largas, de pregas, eram de um vermelho tão desbotado, o turbante, enrolado como uma enguia, à tártara, tinha um ar tão pobre, em suma, todo o seu traje era de tal maneira deplorável e perfeito, que as mulheres não dissimulavam a sua repugnância. O doutor consolou-o, com grandes elogios à amante, fantasiada de Estivadora. O Turco era filho de um banqueiro.

Entre duas quadrilhas, Rosanette dirigiu-se para a lareira, junto da qual estava instalado, numa poltrona, um velhinho obeso, de casaca castanha com botões dourados. Apesar das pelancas murchas que pendiam sobre o laço branco, os cabelos ainda loiros, e que frisavam naturalmente, como o pelo de um *caniche,* davam-lhe ainda um certo ar brincalhão.

Ela escutou-o, inclinada sobre o seu rosto. Depois, trouxe-lhe um copo de refresco; e não havia coisa tão delicada como as mãos dela, saindo das mangas de renda que ultrapassavam os canhões da casaca verde. Depois de ter bebido, o homenzinho beijou-lhas.

— Mas é o Senhor Oudry, o vizinho de Arnoux!

— Foi ele quem o tirou do bom caminho — disse rindo Pellerin.

— Como?

Um Postilhão de Longjumeau[7] agarrou-a pela cintura; começara uma valsa. Então, todas as mulheres sentadas ao redor do salão se ergueram sucessivamente, com presteza; e as saias, os lenços, os penteados começaram a girar.

Volteavam tão próximo dele que Frédéric distinguia o suor gotejando-lhes na testa; — e aquele movimento giratório, regular e cada vez mais vivo e rápido, vertiginoso, comunicava-lhe ao pensamento uma espécie de embriaguez, suscitava outras imagens, enquanto todas passavam no mesmo deslumbramento, mas cada uma provocando uma excitação particular, conforme o gênero da sua beleza. A Polonesa, que se abandonava langorosamente, inspirava-lhe o desejo de a ter contra o peito, correndo os dois num trenó, por uma planície coberta de neve. Horizontes de volúpia tranquila, à beira de um lago, num chalé, erguiam-se dos passos da Suíça, que valsava de torso ereto e pálpebras baixas. Depois, subitamente, a Bacante, deitando para trás a cabeça, fazia-o sonhar com carícias avassalantes, em bosques de aloendros, durante uma tempestade, ao vago soar de tamborins. A Peixeira, esbaforida pelo compasso demasiado rápido, passava rindo; e Frédéric sonhava beber com ela no Porcherons, amarrotar-lhe o lenço com ambas as mãos, como nos velhos tempos. Mas a Estivadora, cujos pés ligeiros mal tocavam o tapete, parecia resumir na flexibilidade do corpo e na

gravidade do rosto todos os refinamentos do amor moderno, que tem a exatidão de uma ciência e a mobilidade de um pássaro. Rosanette rodopiava, de mão no quadril; a sua cabeleira postiça, saltitando sobre a gola, espalhava em volta dela pó de íris; e, a cada volta, pouco faltava para atingir Frédéric com as suas esporas de ouro.

Ao derradeiro acorde da valsa, surgiu a Srta. Vatnaz. Tinha um lenço argelino amarrado na cabeça, muitas piastras na testa, os olhos pintados com antimônio, e envergava uma espécie de paletó em seda preta que caía sobre um saiote claro, em lhama de prata; trazia na mão um pandeiro.

Atrás dela vinha um rapaz alto, no traje clássico de Dante, e que era (ela agora já não fazia segredo disso) o antigo cantor do Alhambra — o qual, chamando-se Auguste Delamare, começara por usar o nome de Anténor Dellamarre, em seguida Delmas, depois Belmar, e finalmente Delmar, modificando e aperfeiçoando assim o nome, à medida que a sua glória crescia; porque trocara o café-concerto pelo teatro, e acabava precisamente de estrear com grande êxito no Ambigu, em *Gaspardo le Pêcheur*[8].

Ao vê-lo, Hussonnet franziu a testa. Desde que a sua peça fora recusada, execrava os atores. Ninguém podia imaginar como esses senhores eram vaidosos, sobretudo aquele! — Que pedante, olhem para aquilo!

Depois de ter feito uma ligeira vênia a Rosanette, Delmar encostara-se à lareira; e ficara imóvel, com a mão sobre o peito, o pé esquerdo para a frente, de olhar extático, com a sua coroa de louro dourada por cima do capuz, procurando encher o olhar de poesia, para fascinar as damas. Tinha-se feito, à distância, um grande círculo à volta dele.

Mas a Vatnaz, depois de ter beijado demoradamente Rosanette, veio ter com Hussonnet, pedindo-lhe para rever, do ponto de vista do estilo, uma obra de educação que desejava publicar: *La Guirlande des jeunes Personnes*, compilação literária e moral. O homem de letras prometeu-lhe a colaboração. Então, ela perguntou-lhe se não poderia, num dos jornais que lhe estavam abertos, publicar uns elogios ao amigo dela, ou até confiar-lhe mais tarde um papel. Hussonnet até se esqueceu de beber um copo de ponche.

Tinha sido feito por Arnoux; e este, seguido pelo *groom* do conde, com uma bandeja vazia, oferecia-o às pessoas, todo satisfeito.

Quando passou diante do Senhor Oudry, Rosanette deteve-o.

— E então, esse negócio?

Ele corou levemente; por fim, dirigiu-se ao homenzinho:

— A nossa amiga disse que o senhor estaria disposto a fazer o obséquio...

— Como não, meu caro vizinho! Inteiramente às suas ordens.

E o nome do Senhor Dambreuse foi pronunciado: como falavam a meia-voz, Frédéric não os ouvia distintamente; dirigiu-se para o outro ângulo da lareira, onde Rosanette e Delmar conversavam.

O cabotino tinha uma fisionomia vulgar, feita para ser contemplada à distância como os cenários de teatro. As mãos eram grossas, os pés grandes, o maxilar pesado; dizia mal dos mais ilustres atores, tratava com desprezo os poetas, dizia "o meu órgão, o meu físico, os meus dotes", colorindo as suas frases com palavras pouco inteligíveis mesmo para ele próprio, pelas quais tinha um fraco, como fossem "morbidez, análogo e homogeneidade".

Rosanette escutava-o fazendo leves acenos de aprovação com a cabeça. Via-se a admiração brilhar sob a pintura do rosto, e uma certa umidade velava-lhe os olhos, claros, de cor indefinível. Como podia um homem assim encantá-la? E Frédéric estimulava interiormente ainda mais o seu desprezo pelo ator, para eliminar, talvez, a pontinha de inveja que sentia.

A Srta. Vatnaz estava agora junto de Arnoux; e, enquanto ria muito alto, lançava de vez em quando um rápido olhar à amiga, que o Senhor Oudry não perdia de vista.

Depois, Arnoux e a Vatnaz desapareceram; o homenzinho veio falar em voz baixa a Rosanette.

— Sim, está bem! Deixe-me em paz.

E pediu a Frédéric que fosse à cozinha ver se Arnoux lá estava.

Um batalhão de copos meio vazios cobria o soalho; e as caçarolas, as marmitas, a panela do peixe, a frigideira ferviam. Arnoux dava ordens aos criados, tratando-os por tu, batia a maionese, provava os molhos, dizia graças à criada.

— Pronto — disse ele. — Pode avisá-la! Vou mandar servir.

Tinha parado a dança, as mulheres acabavam de sentar-se, os homens passeavam. No meio do salão, diante de uma das cortinas, enfunada pelo vento, a Esfinge, apesar das observações de toda a gente, expunha à corrente de ar os braços suados. Mas onde estava Rosanette? Frédéric procurou-a mais longe, até no *boudoir* e no quarto. Alguns, para estar sós, ou dois a dois, tinham-se refugiado aí. A penumbra e os murmúrios confundiam-se. Ouviam-se risinhos, escondidos pelos lenços, entreviam-se junto aos decotes vibrações de leques, lentos e suaves como o bater de asa de um pássaro ferido.

Ao entrar na estufa, viu, sob as folhas largas de um caládio, junto do repuxo, Delmar, deitado de barriga para baixo no canapé de linho; Rosanette, sentada a

seu lado, tinha a mão pousada na cabeça dele; olhavam um para o outro. Nesse instante, Arnoux entrou pela outra porta, a que dava para o aviário. Delmar ergueu-se de um salto, e saiu tranquilamente, sem se voltar; e parou, mesmo, junto da porta, para colher uma flor de hibisco, que pôs na botoeira. Rosanete inclinou a cabeça; Frédéric, que a via de perfil, percebeu que chorava.

— Mas, que é isso? — perguntou Arnoux.

Ela encolheu os ombros, sem responder.

— Será por causa dele? — prosseguiu Arnoux.

Ela lançou-lhe os braços ao pescoço, e, beijando-o na testa, disse lentamente:

— Tu bem sabes que te amarei sempre, meu querido. Não se pensa mais nisso! Vamos cear!

Um lustre de cobre com quarenta velas alumiava a sala, cujas paredes estavam inteiramente cobertas por velhas faianças; e aquela luz crua, caindo a prumo, tornava ainda mais branco um gigantesco rodovalho que, entre os *hors-d'oeuvre* e as frutas, ocupava o centro da mesa, ao redor da qual havia pratos de sopa de marisco. Com um roçagar de vestidos, as mulheres, ajeitando as saias, as mangas e os lenços, sentaram-se umas ao lado das outras; os homens, de pé, espalharam-se pelos cantos. Pellerin e o Senhor Oudry foram instalados junto de Rosanette; Arnoux ficou em frente deles. Palazot e a amiga acabavam de sair.

— Boa viagem! — disse ela. — Ao assalto!

E o Menino de Coro, homem brincalhão, fazendo um largo sinal da cruz, entoou o *Benedicite.*

As damas ficaram escandalizadas, principalmente a Peixeira, que tinha uma filha da qual pretendia fazer uma mulher honesta. Também Arnoux "não gostava daquilo", achando que a religião devia ser respeitada.

Um relógio alemão, com um passarinho, deu as duas horas, provocando numerosos gracejos sobre o cuco. Depois jorrou um tumulto de palavras, trocadilhos, anedotas, bazófias, apostas, mentiras dadas como verdades, asserções improváveis, que não tardaram a espalhar-se em conversas particulares. Os vinhos circulavam, os pratos sucediam-se, o doutor trinchava. Atiravam-se de longe laranjas, rolhas; saía-se do lugar para falar com alguém. Rosanette voltava-se frequentemente para Delmar, imóvel atrás dela; Pellerin tagarelava, o Senhor Oudry sorria. A Srta. Vatnaz comeu os lagostins quase todos, e as carapaças estalavam sob os seus longos dentes. O Anjo, pousado no banco do piano (único lugar onde as asas lhe permitiam sentar-se), mastigava placidamente, sem parar.

— Que garfo! — repelia o Menino de Coro, siderado. — Que garfo!

E a Esfinge bebia aguardente, gritava a plenos pulmões, agitava-se como um demônio. De repente, as faces incharam-lhe, e, não podendo conter mais o sangue que a sufocava, levou o guardanapo à boca, e atirou-o depois para debaixo da mesa.

Frédéric tinha visto.

— Não é nada!

E, às instâncias dele para que se fosse embora e cuidasse de si, ela respondeu lentamente:

— Ora! Para quê? Tanto faz isto como outra coisa qualquer! A vida não é lá muito engraçada!

Então, ele sentiu um arrepio, assaltou-o uma tristeza glacial, como se tivesse visto de súbito mundos inteiros de miséria e desespero, um fogareiro de carvão junto dum leito de tábuas, e os cadáveres do necrotério, de avental de couro, com a torneira deixando correr água fria sobre o seu cabelo.

Entretanto, Hussonnet, acocorado aos pés da Mulher Selvagem, clamava, em voz rouca, imitando o ator Grassot:

— Não sejas cruel, ó Celuta[9]! Esta pequena festa de família é deliciosa! Embriagai-me de volúpias, meus amores! Haja alegria! Haja alegria!

E pôs-se a beijar os ombros das mulheres. Elas estremeciam, picadas pelo bigode; em seguida, ocorreu-lhe quebrar um prato de encontro à cabeça, com uma leve pancada. Outros seguiram-lhe o exemplo; cacos de louça voavam como telhas durante uma grande ventania, e a Estivadora exclamou:

— Não façam cerimônia! Não custa nada! O burguês que os fabrica dará outros!

Todos os olhares voltaram-se para Arnoux, que replicou:

— Ah! Com licença, sob fatura! — fazendo sem dúvida questão de mostrar que não era, ou já não era amante de Rosanette.

Mas ouviram-se duas vozes encolerizadas:

— Imbecil!

— Malcriado!

— Às suas ordens!

— Às suas!

Eram o Cavaleiro da Idade Média e o Postilhão Russo que altercavam; como esse último afirmasse que as armaduras dispensavam a coragem, o outro tomara isso como um insulto. Queria bater-se, toda a gente se meteu de permeio e o Capitão, no meio do tumulto, procurava fazer-se escutar.

— Meus senhores, uma palavra! Escutem-me! Eu tenho experiência, meus

senhores!

Rosanette, batendo com a faca no copo, acabou por obter silêncio; e, dirigindo-se ao Cavaleiro, que conservava o elmo na cabeça, e em seguida ao Postilhão, que ostentava um barrete de peles:

— Primeiro, tire essa caçarola! Faz-me calor! E você aí, tire essa cabeça de lobo! Querem obedecer-me ou não?! Olhem para as minhas dragonas! Sou a vossa marechala!

Eles obedeceram, e toda a gente aplaudiu, gritando:

— Viva a Marechala! Viva a Marechala!

Então ela tirou de cima da lareira uma garrafa de champanha, e despejou-o de alto sobre as taças que lhe estendiam. Como a mesa era demasiado larga, os convivas, sobretudo as mulheres, inclinaram-se para o lado dela, erguendo-se na ponta dos pés, sobre as travessas das cadeiras, o que formou durante alguns instantes uma pirâmide de penteados, de ombros nus, de braços estendidos, de corpos inclinados; — e longos jatos de vinho espadanaram no meio de tudo isso, porque o Pierrô e Arnoux, nos dois cantos da mesa, cada qual abrindo a sua garrafa, respingavam os rostos dos outros. Os passarinhos do aviário, cuja porta tinha ficado aberta, invadiram a sala, desorientados, esvoaçando em torno do lustre, indo de encontro às vidraças e aos móveis; e alguns, pousando nas cabeças, pareciam grandes flores no meio dos penteados.

Os músicos já tinham ido embora. O piano foi trazido do vestíbulo para o salão. A Vatnaz sentou-se e, acompanhada pelo Menino de Coro, que tocava pandeiro, atacou furiosamente uma contradança, martelando as teclas como um cavalo escarvando o chão, e balançando o corpo, para marcar melhor o compasso. A Marechala arrastou Frédéric, Hussonnet dava cambalhotas, a Estivadora contorcia-se como um *clown*, o Pierrô parecia um orangotango, a Mulher Selvagem, de braços abertos, imitava a oscilação de uma chalupa. Finalmente, todos, não podendo mais, pararam; e abriu-se uma janela.

A luz do dia entrou, com a frescura da manhã. Houve uma exclamação de espanto, e depois um silêncio. As chamas amarelas vacilavam, fazendo de vez em quando estalar as arandelas; o chão estava juncado de fitas, flores e pérolas; nódoas de ponche e refresco maculavam os móveis; os reposteiros estavam sujos, os trajes amarrotados, poeirentos; as tranças caíam por cima dos ombros; e a maquilagem, escorrendo juntamente com o suor, deixava a descoberto rostos lívidos, cujas pálpebras avermelhadas piscavam à luz.

A Marechala, viçosa como se acabasse de sair do banho, tinha as faces rosadas, os olhos brilhantes. Atirou para longe a cabeleira postiça; e o seu cabelo

envolveu-a como um manto, só deixando visível a pantalona, o que produzia um efeito ao mesmo tempo cômico e tocante.

A Esfinge, que batia os dentes de febre, precisou de um xale.

Rosanette correu ao quarto em busca de um, mas, como a outra fosse atrás dela, fechou-lhe a porta na cara, apressadamente.

O Turco fez notar, em voz alta, que ninguém tinha visto sair o Senhor Oudry. Mas ninguém comentou a insinuação, tal era o cansaço.

Depois, esperando as carruagens, envolveram-se nas capelinhas e nos agasalhos. Batiam sete horas. O Anjo ainda estava na sala de jantar, e atirava-se a um creme de manteiga com sardinhas; e a Peixeira, a seu lado, fumava, enquanto lhe dava conselhos sobre a existência.

Finalmente os fiacres chegaram, e os convidados foram-se embora. Hussonnet, que fazia uma correspondência para a província, precisava ler cinquenta e três jornais antes do almoço; a Mulher Selvagem tinha um ensaio, Pellerin, um modelo à espera, o Menino de Coro, três encontros. Mas o Anjo, atacada pelos primeiros sintomas de indigestão, não conseguiu levantar-se. O Barão Medieval levou-a até o fiacre.

— Cuidado com as asas! — gritou da janela a Estivadora.

Estavam no patamar, quando a Senhorita Vatnaz disse a Rosanette:

— Adeus, querida! Estava muito boa a tua festa.

E acrescentou, falando-lhe ao ouvido:

— Não o deixes fugir!

— Até virem melhores tempos — replicou a Marechala, lentamente, enquanto voltava as costas.

Arnoux e Frédéric voltaram juntos, como tinham vindo. O fabricante de louça tinha uma expressão de tal modo sombria que o companheiro pensou que ele estivesse indisposto.

— Eu? De maneira nenhuma!

Mordia o bigode, franzia as sobrancelhas, e Frédéric perguntou-lhe se estava preocupado com os negócios.

— Nem por sombra!

E acrescentou, de súbito:

— Você conhece o velho Oudry, não é verdade?

E, com uma expressão rancorosa:

— É rico, esse velho pirata!

Depois, Arnoux falou de uma fornada importante que se faria na fábrica, nesse dia. Não queria deixar de assistir. O trem partia dentro de uma hora. —

Mas não posso deixar de ir dar um beijo na minha mulher.

“Ah, a mulher dele!”, pensou Frédéric.

Quando se deitou, sentia uma dor intolerável na nuca; bebeu uma garrafa de água, para acalmar a sede.

Outra sede o assaltara, a das mulheres, do luxo e de tudo o que comporta a vida parisiense. Sentia-se um pouco atordoado, como um homem que acaba de sair de um barco; e, na alucinação do primeiro sono, via passar e tornar a passar, continuamente, os ombros da Peixeira, os rins da Estivadora, as pernas da Polonesa, os cabelos da Mulher Selvagem. Depois, surgiram dois grandes olhos negros, que não estavam no baile; e, leves como borboletas, ardentes como tochas, iam e vinham, vibravam, subiam à altura do teto, desciam-lhe até os lábios. Frédéric empenhava-se a ver se reconhecia aqueles olhos, mas em vão. Mas já o sonho tomara conta dele; parecia-lhe estar atrelado ao lado de Arnoux, aos varais de um fiacre, e que a Marechala, escarranchada nas suas costas, lhe espetava nos rins as esporas de ouro.

II

Frédéric descobriu, na esquina da Rua Rumfort[1], um palacete, e comprou, de uma só vez, o cupê, o cavalo, os móveis e duas jardineiras, adquiridas na loja de Arnoux, destinadas a ladear a porta do salão. Atrás desse compartimento ficavam um quarto e um gabinete. Lembrou-se de instalar aí Deslauriers. Mas "ela", a sua futura amante, como aceitaria isso? A presença de um amigo seria um empecilho. Mandou deitar abaixo o tabique, para aumentar o salão, — e fez do gabinete sala de fumar.

Comprou os poetas de que gostava, livros de viagens, atlas, dicionários, porque tinha planos de trabalho sem conta; apressava os operários, corria os estabelecimentos, e, na impaciência de gozar as coisas, comprava tudo sem discutir preços.

Pelas faturas dos fornecedores, Frédéric deu conta de que em breve teria que pagar uns quarenta mil francos, não contando com os direitos sucessórios, os quais iam além de trinta e sete mil francos; como a sua fortuna era em imóveis, escreveu ao notário do Havre dando ordem para vender uma parte deles, para se libertar das dívidas e ficar com algum dinheiro à sua disposição. Em seguida, querendo conhecer finalmente essa coisa vaga, ofuscante e indefinível que se chama "a sociedade", mandou um bilhete aos Dambreuse perguntando se o podiam receber. A senhora respondeu que esperava a visita dele no dia seguinte.

Era dia de recepção. Carruagens estacionavam no pátio. Dois lacaios acorreram, e um terceiro, no alto das escadas, tomou-lhe a dianteira.

Atravessou um vestíbulo, depois uma sala, depois um grande salão de altas janelas, cuja lareira monumental suportava um relógio em forma de esfera e dois monstruosos vasos de porcelana, dos quais se projetavam dois feixes de arandelas. Nas paredes viam-se quadros no estilo do Spagnoletto; pesados

reposteiros caíam majestosamente; e as poltronas, os consolos, as mesas, todo o mobiliário, estilo Império, tinha o seu quê de imponente e diplomático. Frédéric sorria de prazer, malgrado seu.

Chegou finalmente a um salão oval, forrado de pau rosa, atulhado de móveis delicados, e que era iluminado apenas por uma janela dando sobre um jardim. A Senhora Dambreuse estava sentada junto da lareira, e uma dúzia de pessoas fazia círculo à sua volta. Com uma palavra amável, fez-lhe sinal para que se sentasse, mas não dando nenhuma mostra de surpresa por não o ver há tanto tempo.

Quando Frédéric entrou, elogiava-se a eloquência do Padre Coeur. Em seguida, deplorou-se a imoralidade dos criados, a propósito de um roubo cometido por um lacaio; e o falatório continuou. A velha dama de Sommery tinha um resfriado, a Senhorita de Turvisot ia casar, os Montcharron só voltariam no fim de janeiro, assim como os Bretancourt, agora as pessoas demoravam-se mais no campo; e a mesquinhez da conversa era como que realçada pelo luxo do ambiente; mas as coisas que se diziam eram menos estúpidas do que a maneira de conversar, sem finalidade, sem nexo e sem animação. E todavia, achavam-se ali homens versados na vida, um antigo ministro, o cura de uma grande paróquia, dois ou três altos funcionários do Governo; mas não saíam dos mais batidos lugares-comuns. Alguns lembravam mulheres idosas e cansadas, outros tinham ar de negociantes de cavalos; e alguns velhos acompanhavam as mulheres, que poderiam passar por suas netas.

A Senhora Dambreuse recebia-os a todos gentilmente. Quando se falava de um doente, franzia dolorosamente as sobrancelhas, e tomava um ar alegre quando se falava em bailes e reuniões. Não tardaria a ver-se privada destes, porque ia tirar do colégio uma sobrinha do marido, uma órfã. A sua dedicação foi muito louvada; era um procedimento de verdadeira mãe de família.

Frédéric observava-a. A pele mate do rosto parecia esticada, e era de uma frescura sem brilho, como a de um fruto conservado. Mas o cabelo, com cachos à inglesa, era mais fino do que seda, os olhos de um azul brilhante, todos os seus gestos delicados. Sentada ao fundo, no sofá, acariciava a franja vermelha de um biombo japonês, para exibir as mãos, que eram compridas e finas, um pouco magras, de dedos arrebitados. Tinha um vestido de chamalote cinza, fechado no pescoço, como uma puritana.

Frédéric perguntou-lhe se não iria naquele ano à Fortelle. A Senhora Dambreuse não sabia. Ele compreendia isso muito bem, aliás: devia achar Nogent aborrecido. O número de visitantes crescia. Era um contínuo roçagar de vestidos sobre os tapetes; as senhoras, pousadas na extremidade das cadeiras,

soltavam risinhos, articulavam duas ou três palavras, e ao cabo de cinco minutos saíam com as filhas atrás. Não tardou que se tornasse impossível seguir a conversa, e Frédéric dispunha-se a sair quando a Senhora Dambreuse lhe disse:

— Todas as quartas-feiras, não é assim, Senhor Moreau? — compensando com essa única frase a indiferença que demonstrara para com ele.

Frédéric estava contente. Não obstante, respirou profundamente, ao chegar à rua; e, sentindo necessidade de um ambiente menos artificial, recordou-se que estava devendo uma visita à Marechala.

A porta do vestíbulo estava aberta. Dois cachorrinhos javaneses acorreram. Ouvia-se uma voz:

— Delphine! Delphine! É você, Félix?

Frédéric ficara imóvel; os dois cachorrinhos continuavam a latir. Finalmente Rosanette surgiu, envolta numa espécie de penteador de seda branca, guarnecido de rendas, sem meias, calçando chinelas.

— Ah! Perdão, meu caro senhor! Julguei que fosse o cabeleireiro! Um minuto! Volto já!

E ele ficou só, na sala de jantar.

As persianas estavam descidas. Frédéric percorreu o aposento com os olhos, recordando a desordem da outra noite, quando avistou ao centro, em cima da mesa, um chapéu de homem, um chapéu mole amassado, ensebado, imundo. De quem seria tal chapéu? Mostrando impudicamente a copa descosida, parecia dizer: “Que me importa, afinal! Sou eu quem manda!”.

A Marechala reapareceu. Agarrou no chapéu, abriu a porta da estufa para onde o atirou, fechou a porta (outras portas, ao mesmo tempo, se abriam e fechavam), e, tendo feito passar Frédéric pela cozinha, introduziu-o no quarto de vestir.

Via-se imediatamente que era aquele o lugar mais frequentado da casa, como que o seu verdadeiro coração. Uma chita de grandes folhagens forrava as paredes, as poltronas e um vasto divã de molas; sobre uma mesa de mármore branco pousavam duas grandes bacias de louça azul; acima, prateleiras de cristal ostentavam frascos, escovas, pentes, cosméticos, caixinhas de pó; o lume refletia-se num alto toucador; um lençol pendia de uma banheira, e havia no ar um perfume de amêndoa e benjoim.

— Não repare na desordem! Hoje, janto fora.

E, ao voltar as costas, quase esmagou um dos cachorrinhos.

Frédéric achou-os encantadores. Ela ergueu-os no ar, e, aproximando de Frédéric os focinhos pretos:

— Vamos, façam uma cara bonita para este senhor!

Um homem, de sobrecasaca suja com gola de peles, entrou de súbito.

— Félix, meu caro — disse ela, — domingo que vem, sem falta, terá aquele negócio.

O homem começou a penteá-la. Ia-lhe dando notícias das amigas: a Senhora de Rochegume, a Senhora de Saint-Florentin, a Senhora Lombard, todas eram nobres, como no palácio Dambreuse. Depois falou dos teatros; nessa noite davam no Ambigu uma récita extraordinária.

— Vai?

— Não! Hoje fico em casa.

Delphine surgiu. Rosanette ralhou com ela, por ter saído sem licença. A outra jurou que “acabava de voltar do mercado”.

— Bem, traga-me o livro das contas! Você dá licença, não é verdade?

E, lendo o caderno a meia-voz, Rosanette fazia observações sobre cada verba. A soma estava errada.

— Devolva-me quatro *sous!*

Delphine entregou-lhos, e, depois de a ter mandado embora:

— Ah! Virgem Santa! O que se sofre com essa gente!

Frédéric sentiu-se chocado com essa recriminação. Fazia-lhe lembrar por demais as outras, estabelecendo entre as duas casas uma espécie de igualdade pouco agradável.

Delphine voltou, e aproximou-se da Marechala para lhe dizer qualquer coisa ao ouvido.

— Ah! Não! Não a quero ver!

Delphine surgiu novamente.

— Minha senhora, ela insiste.

— Ah, que maçada! Corra com ela!

No mesmo instante, uma senhora idosa, vestida de preto, empurrou a porta. Frédéric não ouviu nada, não viu nada: Rosanette precipitara-se para o quarto, ao encontro dela.

Quando voltou, tinha as maçãs do rosto vermelhas, e sentou-se numa das poltronas, silenciosa. Uma lágrima correu-lhe pela face; depois, voltando-se para o jovem, suavemente:

— Qual é o seu primeiro nome?

— Frédéric.

— Ah! Federico! Não se importa que eu lhe chame assim, à espanhola?

E olhava para ele com uma expressão carinhosa, quase amorosa. De repente,

soltou um grito de alegria ao ver a Srta. Vatnaz.

A artista não tinha tempo a perder; às seis horas em ponto tinha que presidir à sua mesa-redonda; estava ofegante, não podia mais. Começou por tirar da bolsa uma corrente de relógio com um papel, e depois uma série de objetos que tinha adquirido.

— Fica sabendo que, na Rua Joubert, há luvas de camurça a trinta e seis *sous*, magníficas! O teu tintureiro demora ainda oito dias. Quanto às rendas, disse que voltava lá. Paguei ao Bugneaux. É tudo, se não me engano? Deves-me cento e oitenta e cinco francos!

Rosanette tirou dez napoleões de uma gaveta. Nenhuma delas tinha troco, que Frédéric ofereceu.

— Depois os restituo — disse a Vatnaz, metendo os quinze francos na bolsa. — Mas você é muito mau. Não gosto mais de você, outro dia não dançou comigo uma única vez! Ah! Minha querida, descobri, numa loja do cais Voltaire, uns colibris empalhados num caixilho, que são uns amores. No teu lugar, comprava. Olha! Que tal achas isto?

E exibia um retalho velho de seda cor-de-rosa, que comprara no Temple, a fim de fazer um gibão medieval para Delmar.

— Ele esteve aqui hoje, não é verdade?

— Não!

— É estranho!

E passado um minuto:

— Aonde vais esta noite?

— À casa da Alphonsine — disse Rosanette (o que era a terceira versão sobre a maneira como tencionava passar a noite).

A Senhorita Vatnaz prosseguiu:

— E quanto ao Velho da Montanha[2], que há de novo?

Mas, piscando-lhe rapidamente o olho, a Marechala impôs-lhe silêncio; e acompanhou Frédéric até o vestíbulo, para saber se ele contava ver Arnoux dentro em breve.

— Diga-lhe para aparecer; mas não diante da mulher, é claro!

No alto da escada, havia um guarda-chuva encostado à parede, ao lado de um par de tamancos.

— Olha as galochas da Vatnaz — disse Rosanette. — Que pés, hein? É forte, a minha amiguinha!

E num tom melodramático, carregando muito nos rr:

— Não se fiarrr nela!

Frédéric, encorajado pela intimidade que ela lhe dava, quis beijá-la no pescoço. Rosanette disse friamente:

— Pois não! Não custa nada!

Frédéric, ao sair dali, sentia-se leve, na certeza de que não tardaria a fazer da Marechala sua amante. Esse desejo fez nascer outro; e, apesar de um certo rancor que ainda sentia contra ela, teve vontade de ver a Senhora Arnoux.

Aliás, devia ir lá, por causa do recado de Rosanette.

“Mas agora”, pensou (estavam a dar seis horas), “o Arnoux está certamente em casa”.

E adiou a visita para o dia seguinte.

Ela estava na mesma atitude que no primeiro dia, cosendo uma camisa de criança. O filho, aos seus pés, brincava com bichinhos de madeira; Marthe[3], um pouco afastada, escrevia.

Começou por fazer elogios às crianças. Ela respondia sem o menor exagero de cegueira materna.

O quarto tinha um aspecto tranquilo. Um sol radioso entrava pelas vidraças, os cantos dos móveis reluziam, e, como a Senhora Arnoux estava sentada junto da janela, um raio de sol, incidindo sobre os cachos da nuca, punha-lhe reflexos de ouro na pele cor de âmbar. Então, Frédéric disse:

— Como esta menina cresceu de três anos para cá! Lembra-se, menina, uma vez que dormiu no meu colo, quando vínhamos na carruagem? — Marthe não se recordava. — Uma noite, quando voltávamos de Saint-Cloud?

A Senhora Arnoux teve um olhar singularmente triste. Seria para que ele não fizesse nenhuma alusão à recordação que tinham em comum?

Aqueles belos olhos negros, cuja esclerótica brilhava, moviam-se docemente sob as pálpebras um pouco pesadas, e havia na profundidade das suas pupilas uma infinita bondade. Frédéric sentiu-se dominado por um amor mais forte que nunca, imenso: era uma contemplação que o deixava entorpecido, mas reagiu. Como havia de se valorizar aos olhos dela? E, depois de muito procurar, Frédéric não encontrou coisa melhor do que o dinheiro. Pôs-se a falar do tempo, que estava menos frio do que no Havre.

— Esteve lá?

— Sim, por causa de um assunto de família... uma herança.

— Ah! Como estou contente! — respondeu ela, com uma expressão de prazer tão verdadeira que ele se emocionou como se fosse um grande favor.

Depois ela perguntou-lhe o que pensava fazer, um homem precisava ter qualquer ocupação. Frédéric recordou-se da sua mentira, e disse ter esperança de

chegar ao Conselho de Estado, graças ao Senhor Dambreuse, o deputado.

— A senhora conhece-o, talvez?

— Apenas de nome.

E acrescentou, em voz baixa:

— Ele levou-o ao baile, no outro dia, não é verdade? — Frédéric não respondeu.

— Era o que eu queria saber, obrigada.

Em seguida, ela fez-lhe duas ou três perguntas discretas sobre a sua família e a sua província. Era muito gentil da parte dele ter ficado lá tanto tempo sem os esquecer.

— Mas... como podia eu? — retorquiu Frédéric. — Tinha alguma dúvida a esse respeito?

A Senhora Arnoux levantou-se.

— Estou certa de que nos dedica uma boa e sólida afeição. Adeus... até à vista!

E estendeu-lhe a mão de maneira franca e viril. Não era um compromisso, uma promessa? Frédéric sentia-se cheio de alegria de viver; dominava-se, para não cantar, precisava expandir-se, fazer gestos generosos, dar esmolas. Olhou à sua volta para ver se havia alguém que pudesse socorrer. Mas nenhum mendigo passava; e essa veleidade de dedicação desvaneceu-se, porque não era homem de ir buscar longe as ocasiões.

Depois lembrou-se dos amigos. O primeiro em que pensou foi Hussonnet, depois Pellerin. A posição ínfima de Dussardier exigia naturalmente atenções; quanto a Cisy, era-lhe grato poder mostrar-lhe a sua prosperidade. Escreveu portanto aos quatro, para virem inaugurar o apartamento, no domingo seguinte, às onze em ponto, e encarregou Deslauriers de trazer Sénécal.

O explicador fora despedido do seu terceiro colégio por ter sido contrário à distribuição de prêmios, uso que tinha como funesto à igualdade. Trabalhava agora com um construtor de máquinas, e havia seis meses que deixara de morar com Deslauriers.

A separação não fora nada penosa. Nos últimos tempos, Sénécal recebia homens de blusão, todos patriotas, todos trabalhadores, todos excelentes pessoas, mas cuja companhia parecia entediar o advogado. Aliás, certas ideias do amigo, excelentes como armas de guerra, desagradavam-lhe. Não dizia nada por ambição, empenhado em poupá-lo para o poder dominar, porque esperava impacientemente uma grande reviravolta que lhe permitisse arranjar um bom lugar.

As convicções de Sénécal eram mais desinteressadas. Todas as noites, acabado o trabalho, voltava para a mansarda, e procurava nos livros a justificação dos seus sonhos. Anotara o *Contrato Social*. Não largava a *Revue lndépendante*[4]. Conhecia Mably, Morelly, Fourier, Saint-Simon, Comte, Cabet, Louis Blanc, a carrada dos escritores socialistas, aqueles que reclamam para a humanidade o nível das casernas, aqueles que quereriam diverti-la num lupanar ou dobrá-la sobre um balcão[5]; e, da mistura de tudo isso fizera um ideal de democracia virtuosa com o duplo aspecto de fazenda e fábrica de fiação, uma espécie de Lacedemônia americana em que o indivíduo existiria apenas para servir a Sociedade, mais onipotente, absoluta, infalível e divina do que os Grandes Lamas e os Nabucodonosores. Não tinha a menor dúvida sobre o próximo advento dessa concepção; e encarniçava-se contra tudo o que lhe julgava adverso, com raciocínios de geômetra e uma boa-fé de inquisidor. Os títulos nobiliárquicos, as comendas, os penachos, sobretudo as librés, e mesmo as reputações demasiado apregoadas, escandalizavam-no, — e tanto os estudos como os sofrimentos estimulavam nele, de dia para dia, o ódio essencial contra qualquer distinção ou superioridade.

— Que devo eu a esse sujeito, para lhe fazer amabilidades? Se ele quisesse dar-se comigo, podia aparecer!

Mas Deslauriers conseguiu arrastá-lo.

Encontraram o amigo no quarto de dormir. Estores e cortinados duplos, espelhos de Veneza, nada faltava; Frédéric, envergando um casaco de veludo, estava reclinado num divã, fumando cigarros turcos.

Sénécal franziu as sobrancelhas, como os devotos numa reunião mundana. Deslauriers apreciou tudo num relance de olhos, e disse, fazendo uma grande reverência:

— Monsenhor! Apresento-vos os meus respeitos!

Dussardier atirou-se-lhe ao pescoço.

— Então agora é rico? Ah, tanto melhor, com os diabos, tanto melhor!

Cisy apareceu de crepe no chapéu. Desde que a avó morrera dispunha de considerável fortuna, e preocupava-o menos distrair-se do que distinguir-se dos outros, não ser como toda a gente, em suma, “ter estilo”. Era o termo que usava.

Contudo, era já meio-dia, e todos abriam a boca; Frédéric esperava alguém. Ao ouvir o nome de Arnoux, Pelerin fez uma careta. Considerava-o um renegado, desde que ele abandonara as artes.

— E se passássemos sem ele? Que dizem vocês?

Todos aprovaram.

Um criado de polainas compridas abriu a porta, e deparou-se-lhes a sala de jantar, com o seu alto plinto de carvalho, com dourados, e os dois aparadores carregados de louça. As garrafas de vinho estavam sobre o calorífero, para aquecer; as lâminas das facas brilhavam junto das ostras. Os copos de vidro muito fino, de uma tonalidade leitosa, tinham como que uma doçura convidativa, e a mesa desaparecia sob a profusão da caça, das frutas, de coisas extraordinárias.

Essas atenções passaram inteiramente despercebidas a Sénécal, o qual começou por reclamar pão comum (o mais duro possível), e, a propósito disso, falou nos crimes de Buzançais e na crise dos gêneros alimentícios[6].

Nada disso teria acontecido se a agricultura fosse mais bem protegida, e se não dominasse em todos os setores a concorrência, a anarquia, a deplorável máxima do *laissez faire, laissezpasser*! Era assim que se constituía o feudalismo do dinheiro, pior que o outro! Mas cautela! O povo acabaria por se cansar, e poderia fazer pagar caro os seus sofrimentos aos detentores do capital, quer com sangrentas proscrições, quer com a pilhagem dos palácios.

Frédéric entreviu, num relance, uma multidão de braços nus invadindo o grande salão da Senhora Dambreuse e quebrando os espelhos com a ponta dos piques.

Sénécal prosseguia: o operário, dada a insuficiência dos salários, era mais infeliz do que o ilota, o negro ou o pária, sobretudo quando tem filhos.

— Deveria ele asfixiá-los, como lho aconselha não sei que doutor inglês, discípulo de Malthus?

E, voltando-se para Cisy:

— Teremos que acabar por seguir os conselhos do infame Malthus?

Cisy, que ignorava a infâmia, e até a existência de Malthus, respondeu que, todavia, muita miséria era socorrida, e que as classes superiores...

— Ah! As classes superiores! — disse em tom de chacota o socialista. — Em primeiro lugar, não há classes superiores; só o coração dá superioridade! Não queremos esmolas, está ouvindo? Mas sim a igualdade, a justa repartição dos produtos.

O que ele reclamava era que o operário pudesse tornar-se capitalista, tal como o soldado, coronel. As jurandas, ao menos, limitando o número dos aprendizes, impediam o excesso de trabalhadores, e o sentimento de fraternidade era estimulado pelas festas, pelos estandartes.

Hussonnet, como poeta, deplorava que os estandartes tivessem acabado; Pellerin também, predileção que lhe nascera no café Dagneux, ouvindo

conversarem os falansterianos[7]. E declarou que Fourier era um grande homem.

— Ora, ora! — disse Deslauriers. — Um velho tonto, que vê nas derrocadas dos impérios um efeito da vingança divina! É como esse tal Saint-Simon com a sua igreja, e o seu ódio à Revolução Francesa: uma porção de intrujões que nos queriam dar um novo catolicismo!

O Senhor de Cisy, para se esclarecer, sem dúvida, ou dar uma boa ideia de si, disse com voz untuosa:

Então esses dois sábios não são da opinião de Voltaire?

— Ah, pode ficar com esse! — retorquiu Sénécal.

— Como? mas eu pensava...

— Não! Ele não gostava do povo!

Depois a conversa abordou os acontecimentos contemporâneos: os casamentos espanhóis[8], as dilapidações de Rochefort[9], o novo capítulo de Saint-Denis[10], o que provocaria um aumento de impostos. Segundo Sénécal, já era hastante o que se pagava, todavia!

— E para quê, meu Deus? Para erguer um palácio aos macacos do Museu, para fazer paradas de brilhantes Estados-Maiores nas nossas praças, ou para manter, entre a criadagem do Castelo, uma etiqueta gótica!

— Li na *Mode* — disse Cisy — que no dia de S. Fernando, no baile das Tulherias, estavam todos fantasiados de *chicards*[11].

— Que coisa ridícula! — disse o socialista, encolhendo os ombros com repugnância.

— E o museu de Versalhes! — exclamou Pellerin. — Imaginem! Esses imbecis encurtaram um quadro de Delacroix e aumentaram um de Gros[12]. No Louvre, restauraram, rasparam e mexeram de tal maneira em todos os quadros que, daqui a dez anos, talvez não reste nenhum! Quanto aos erros do catálogo, um alemão escreveu um livro inteiro sobre o assunto. Palavra que os estrangeiros caçoam de nós!

— Sim, somos o ridículo da Europa — disse Sénécal.

— É porque a Arte se enfeudou à Coroa.

— Enquanto não tivermos o sufrágio universal...

— Um momento! — interrompeu o artista que, recusado havia vinte anos em todos os salões, estava furioso contra o Poder. — Deixem-nos em paz. Eu nada peço! Só acho que as Câmaras deviam estatuir sobre os interesses da Arte. Era necessário criar uma cadeira de Estética, cujo professor, ao mesmo tempo artista e filósofo, conseguisse, espero, atrair a multidão. Era bom que você, Hussonnet,

abordasse o assunto no seu jornal.

— Mas onde está a liberdade dos jornais? E a nossa? — disse Deslauriers com veemência. — Quando penso que são necessárias vinte e oito formalidades para pôr um barquinho num rio, dá-me vontade de ir viver no meio dos antropófagos! O Governo devora-nos! Tudo é dele, a filosofia, o direito, as artes, o ar; e a França arqueja, enervada, debaixo da bota do gendarme e da sotaina da padralhada!

O futuro Mirabeau aliviava assim a bílis. Finalmente, empunhou o copo, levantou-se, e, de mão à cintura e olhar esbraseado, disse:

— Bebo[13] à destruição completa da ordem atual, isto é, de tudo aquilo que se chama Privilégio, Monopólio, Direção, Hierarquia, Autoridade, Estado! — e, elevando a voz: — Que quereria estilhaçar como isto! — e lançou de encontro à mesa o belo copo de pé, que se desfez em mil pedaços.

Todos aplaudiram, sobretudo Dussardier.

O espetáculo das injustiças fazia-lhe palpitar o coração. Preocupava-se com Barbès;[14] era daqueles que se atiram para debaixo das carruagens, a fim de socorrer os cavalos caídos. A sua erudição limitava-se a duas obras, uma que se chamava *Crimes des rois*, e a outra, *Mystères du Vatican*. Escutara o advogado de boca aberta, em êxtase. Por fim, não se conteve:

— O que eu não perdoo a Luís Filipe é ter abandonado os poloneses![15]

— Um momento! — disse Hussonnet. — Primeiro, a Polônia não existe: é uma invenção de Lafayette! Os poloneses, em geral, são todos do bairro de Saint-Marceau, os autênticos morreram todos afogados com Poniatowski. — Em suma, “não caía mais nessa”, estava “farto dessas histórias!”. Era como a serpente do mar, a revogação do Edito de Nantes e “essa velha lorota da noite de São Bartolomeu”!

Sénécal, sem defender os poloneses, objetou às últimas palavras do homem de letras. Os papas tinham sido caluniados[16]; afinal, eles defendiam o povo, e chamou à Liga “aurora da Democracia, um grande movimento igualitário contra o individualismo dos protestantes”.

Frédéric estava um pouco surpreendido com aquelas ideias. E elas desagradavam certamente a Cisy, que orientou a conversa para os quadros vivos do Gymnase, que atraíam então muita gente.

Sénécal mostrou-se preocupado com tal fato. Esses espetáculos corrompiam as filhas dos proletários; além disso, viam-nas ostentar um luxo insolente. Por isso aprovava os estudantes bávaros, que tinham insultado Lola Montès[17]. A

exemplo de Rousseau, dava mais importância à mulher de um carvoeiro do que à amante de um rei.

— Que disparate! — replicou majestosamente Hussonnet. E tomou a defesa daquelas criaturas, por consideração para com Rosanette. Em seguida, falando do baile e da fantasia de Arnoux:

— Ao que se diz, não anda ele muito bem de finanças — retorquiu Pellerin.

O negociante de quadros acabava de ter um processo por causa dos seus terrenos de Belleville, e estava agora metido numa companhia de caolino da Bretanha, com outros vigaristas da sua espécie.

Dussardier sabia mais coisas; porque o seu patrão, o Senhor Moussinot, fora pedir informações de Arnoux ao banqueiro Oscar Lefebvre, e este respondera que o considerava pouco seguro, tendo conhecimento de algumas reformas de letras que ele fizera.

A sobremesa terminara; passaram ao salão, forrado, como o da Marechala, de tecido adamascado, em estilo Luís XVI.

Pellerin censurou Frédéric por não ter preferido o estilo neogrego; Sénécal riscou fósforos na parede; Deslauriers não fez observações. Reservou-as para a biblioteca, que achou própria de uma menina. Havia ali a maior parte dos literatos contemporâneos. Não foi possível falar dos livros deles, porque Hussonnet começava imediatamente a contar anedotas sobre as suas pessoas, criticando-lhes o físico, os costumes, a maneira de vestir, exaltando os espíritos de décima quinta ordem e denegrindo os de primeira, e deplorando, evidentemente, a decadência moderna. Por si só, certa cantiga da aldeia continha mais poesia do que todos os líricos do século XIX; tinha-se exagerado o valor de Balzac, Byron não prestava, Victor Hugo não entendia nada de teatro etc.

— Por que não tem os volumes dos nossos poetas-operários?

E o Senhor de Cisy, que se ocupava de literatura, estranhou não ver sobre a mesa de trabalho de Frédéric “algumas destas modernas fisiologias, a fisiologia do fumante, a do pescador à linha, a do cobrador de impostos”.

Acabaram por irritá-lo tanto que teve vontade de os pôr fora aos empurrões. “Mas estou ficando estúpido!” E, chamando Dussardier à parte, perguntou-lhe se podia ser-lhe útil em alguma coisa.

O excelente jovem ficou comovido. Com o seu emprego de caixa, não precisava de nada.

Depois, Frédéric levou Deslauriers ao quarto e disse, tirando dois mil francos da secretária:

— Aqui tens, meu velho! É o saldo das minhas velhas dívidas.

— Mas, e o jornal? — perguntou o advogado. — Falei ao Hussonnet, bem sabes.

E, como Frédéric dissesse estar naquele momento “com certas dificuldades”, o outro teve um sorriso maldoso.

Depois dos licores, bebeu-se cerveja; depois da cerveja, grogues; e acenderam novamente os cachimbos. Por fim, às cinco da tarde, foram todos embora; iam lado a lado, sem falar, quando Dussardier se pôs a dizer que Frédéric os recebera muito bem. Todos concordaram.

Hussonnet achava que o almoço fora um pouco pesado. Sénécal criticou a futilidade do interior, com o que Cisy estava completamente de acordo, achando que não tinha “estilo” nenhum.

— Eu acho — disse Pellerin — que ele bem podia ter-me encomendado um quadro.

Deslauriers não dizia palavra, e apalpava no bolso as notas que recebera.

Frédéric ficara só. Pensava nos amigos, e sentia entre si e eles como que um grande fosso escuro os separava. Estendera-lhes a mão, contudo, e eles não lhe tinham correspondido à franqueza do coração.

Recordou-se do que Pellerin e Dussardier tinham dito de Arnoux. Era com certeza uma invenção, uma calúnia! Mas por quê? E imaginou a Senhora Arnoux arruinada, em lágrimas, vendendo os móveis. Essa ideia atormentou-o durante toda a noite; e no dia seguinte apresentou-se em casa dela.

Não sabendo de que maneira poderia comunicar-lhe o que sabia, perguntou-lhe, em tom de conversa, se Arnoux ainda tinha os terrenos de Belleville.

— Sim, ainda os tem.

— Ele agora faz parte de uma companhia para explorar o caolino da Bretanha, creio eu?

— É certo.

— E a fábrica vai bem, não é verdade?

— Mas... creio que sim.

E perante a hesitação dele:

— Mas o que tem o senhor? Está me assustando!

Frédéric contou-lhe a história das letras reformadas. Ela deixou pender a cabeça, e disse:

— Já o suspeitava!

Com efeito, Arnoux, para fazer uma boa especulação, recusara-se a vender os terrenos, fizera grandes empréstimos sobre eles e, não encontrando compradores, esperara restabelecer a situação instalando uma fábrica. Mas as

despesas tinham ido além do orçamento. Era tudo quanto ela sabia; ele fugia ao assunto, e afirmava sempre que “ia tudo muito bem”.

Frédéric procurou tranquilizá-la. Talvez fossem dificuldades passageiras. Além disso, viria dizer-lhe qualquer coisa que soubesse.

— Oh! Fará isso, não é verdade? — disse ela, juntando as mãos, num encantador gesto de súplica.

Assim, podia ser-lhe útil. Eis que entrava na existência dela, no seu coração!

Arnoux entrou.

— Ah, como é gentil da sua parte, vir-me buscar para jantar!

Frédéric não soube que responder.

Arnoux falou de coisas sem importância, e depois avisou a mulher de que voltaria muito tarde, porque tinha um encontro com o Senhor Oudry.

— Em casa dele?

— Pois claro, em casa dele.

Enquanto desciam as escadas, confessou que, como a Marechala estava livre, combinara uma noitada com ela no Moulin-Rouge; e, como precisava sempre ter com quem expandir-se, fez com que Frédéric o conduzisse até a porta.

Em vez de entrar, ficou passeando na calçada, observando as janelas do segundo andar. De súbito, as cortinas foram afastadas.

— Ah! Bravo! O tio Oudry já foi embora. Boa-noite!

Então era Oudry quem a mantinha? Frédéric já não sabia que pensar.

Desse dia em diante, Arnoux mostrou-se ainda mais cordial do que antes; convidava-o para jantar em casa da amante, e dentro em pouco Frédéric era assíduo frequentador de ambas as casas.

A de Rosanette divertia-o. Era costume reunirem-se lá, depois do clube ou do espetáculo; tomava-se uma xícara de chá, jogava-se uma partida de loto; aos domingos, brincavam de mímica; Rosanette, mais turbulenta do que todos, distinguia-se por invenções cômicas, como por exemplo correr de gatas, e enterrar um barrete de algodão na cabeça. Para ir à janela, olhar quem passava, punha um chapéu de couro; fumava cachimbo de tubo comprido, e cantava árias tirolesas. À tarde, como não tinha que fazer, recortava flores num pedaço de chita, colava-as ela própria nas vidraças, punha pintura no focinho dos cães, queimava pastilhas aromáticas, ou deitava as cartas. Incapaz de resistir a um capricho, entusiasmava-se por um bibelô que tinha visto, perdia o sono por causa dele, corria a comprá-lo, trocava-o por outro; estragava fazendas, perdia joias, desperdiçava dinheiro, e era capaz de vender a camisa para comprar um camarote de boca. Muitas vezes, pedia a Frédéric que lhe explicasse uma palavra

que tinha lido, mas não prestava atenção à resposta, porque saltava rapidamente de uma ideia para outra, e multiplicava as perguntas. Depois de repentes de alegria, tinha cóleras infantis; ou então ficava a sonhar, sentada no chão, diante do lume, de cabeça pendida e abraçando os joelhos, mais inerte do que uma cobra entorpecida. Sem se preocupar, vestia-se diante dele, esticava lentamente as meias de seda, depois lavava o rosto com muita água, dobrando o busto para trás, como uma náiade arrepiada; e o riso dos seus dentes brancos, o fulgor dos seus olhos, a sua beleza, a sua alegria deixavam Frédéric extasiado e fustigavam-lhe os nervos.

Ia encontrar quase sempre a Senhora Arnoux ensinando o garoto a ler, ou atrás da cadeira de Marthe, que tocava escalas no piano; quando ela estava fazendo qualquer trabalho de costura, era uma grande felicidade para ele apanhar, de vez em quando, a tesoura. Todos os movimentos dela tinham uma tranquila majestade; as mãos delicadas pareciam feitas para espalhar esmolas, para enxugar lágrimas; e a voz, que era naturalmente um pouco surda, tinha inflexões cariciosas, leves como a brisa.

Ela não mostrava entusiasmo pela literatura, mas tinha expressões simples e penetrantes cujo espírito encantava. Gostava de viagens, do rumor do vento nos bosques, e de passear sem chapéu, à chuva. Frédéric escutava deliciado essas coisas, em que lhe parecia ver um princípio de intimidade.

O convívio com estas duas mulheres fazia como duas melodias na sua vida: uma, estouvada, exaltada, divertida, a outra, grave e quase religiosa; e, vibrando simultaneamente, aumentavam sempre e confundiam-se aos poucos; porque, se acontecia a Senhora Arnoux tocá-lo com um dedo que fosse, a imagem da outra logo se apresentava ao seu desejo, porque ele tinha, desse lado, uma esperança menos longínqua; e, na companhia de Rosanette, quando lhe acontecia sentir o coração perturbado, lembrava-se imediatamente do seu grande amor.

Essa confusão era provocada por semelhanças entre as duas casas. Um dos baús que se viam outrora no Bulevar Montmartre adornava agora a sala de jantar de Rosanette, o outro estava no salão da Senhora Arnoux. Nas duas casas o serviço de mesa era igual, e até se encontrava o mesmo barrete de veludo atirado nas poltronas; depois, uma infinidade de pequenos presentes, ventarolas, caixinhas, leques, iam e vinham da casa da amante para a da esposa, porque, sem o menor escrúpulo, Arnoux tirava muitas vezes a uma o que lhe tinha dado, para presentear a outra.

A Marechala ria com Frédéric desta falta de modos. Num domingo, depois do jantar, levou-o atrás da porta, para lhe mostrar, no bolso do paletó de Arnoux,

um pacotinho de doces que ele acabava de escamotear da mesa, sem dúvida a fim de presentear a família. O Senhor Arnoux gostava de fazer brincadeiras que roçavam pela torpeza. Para ele, era um dever defraudar o fisco: nunca pagava a entrada nos espetáculos, com um bilhete de segunda ordem pretendia sempre meter-se na primeira, e contava como excelente farsa o seu costume, nos banhos públicos, de meter na caixa do empregado um botão, em vez de uma moeda de dez *sous*, o que não impedia a Marechala de o amar.

Um dia, contudo, falando dele, disse:

— Ah, estou farta de aturá-lo! Enfim, paciência, arranjarei outro!

Frédéric supunha que "o outro" já estava arranjado, e se chamava Oudry.

— E então — disse Rosanette — que tem isso?

E depois, com lágrimas na voz:

— Eu peço-lhe bem pouca coisa, afinal, e ele não quer, aquele estúpido! Não quer! Quanto às promessas que faz, oh! Isso é outra coisa.

Ele chegara a prometer-lhe a quarta parte dos lucros das famosas minas de caolino; mas não aparecia lucro nenhum, nem tampouco o xale de caxemira que lhe estava prometendo havia seis meses.

Frédéric pensou, imediatamente, em lho oferecer. Mas Arnoux podia tomar esse gesto como uma lição, e zangar-se.

Contudo, ele era bom, e a própria mulher o dizia. Mas como era doido! Em vez de levar todos os dias os amigos para jantar em casa, agora convidava-os para o restaurante. Comprava coisas completamente inúteis, como correntes de ouro, relógios, utensílios caseiros. A Senhora Arnoux mostrou até a Frédéric, no corredor, uma enorme provisão de botijas, escalfetas e samovares. Finalmente, um dia, ela confessou a sua inquietação: Arnoux pedira-lhe que assinasse uma letra, à ordem do Senhor Dambreuse.

Todavia, Frédéric não desistira dos seus projetos literários, por uma espécie de ponto de honra consigo mesmo. Queria escrever uma História da Estética, ambição que tinha origem nas suas conversas com Pellerin, e em seguida pôr em forma dramática diversas épocas da Revolução Francesa e compor uma grande comédia, sob a influência indireta de Deslauriers e de Hussonnet. No meio do trabalho, muitas vezes o rosto de uma ou de outra surgia diante dele; lutava contra o desejo de ir vê-la, e não resistia por muito tempo; e achava-se mais triste quando voltava da casa da Senhora Arnoux.

Uma manhã em que ruminava a sua melancolia ao canto do lume, Deslauriers entrou-lhe pela porta adentro. Os discursos incendiários de Sénécal tinham assustado o patrão e, uma vez mais, ele estava sem recursos.

— E que queres tu que eu faça? — indagou Frédéric.

— Nada! Não tens dinheiro, bem sei. Mas não lhe poderias arranjar um lugar, por intermédio do Senhor Dambreuse ou de Arnoux?

Este devia ter precisão de engenheiros para a fábrica. Frédéric teve uma inspiração: Sénécal poderia avisá-lo das ausências do marido, levar cartas, ajudá-lo nas mil oportunidades que surgissem. De homem para homem, podem sempre prestar-se tais serviços. Aliás, arranjaria sempre maneira de o utilizar, sem ele dar conta. O acaso oferecia-lhe um auxiliar, era de bom augúrio, não devia perder a oportunidade; e, fingindo indiferença, respondeu que talvez se pudesse arranjar alguma coisa, que ia tratar do assunto.

E tratou imediatamente. Arnoux tinha muitas dificuldades com a fábrica. Pretendia obter o vermelho de cobre dos chineses, mas as cores volatilizavam-se no forno. Para evitar que a porcelana estalasse, misturava cal na argila, mas a maioria das peças quebrava, o esmalte das pinturas a frio ficava empastado, as peças grandes abaulavam; e, atribuindo essas falhas à má aparelhagem da fábrica, queria mandar fazer novos trituradores, novos fornos. Frédéric recordou-se de algumas dessas coisas; e apareceu-lhe dizendo ter encontrado um homem muito capaz, que poderia achar o famoso vermelho. Arnoux ficou entusiasmado, mas, depois de o ter escutado, respondeu que não precisava de ninguém.

Frédéric exaltou os prodigiosos conhecimentos de Sénécal, ao mesmo tempo engenheiro, químico e guarda-livros, além de ser matemático de primeira ordem.

O fabricante de louça consentiu em vê-lo.

Ambos se desentenderam quanto aos honorários. Frédéric interveio, e, no fim da semana, conseguiu levá-los a um acordo.

Mas, como a fábrica era em Creil, Sénécal não poderia ajudá-lo em nada. Essa reflexão, muito simples, fê-lo perder todo o entusiasmo.

Pensou que, quanto mais Arnoux se afastasse da mulher, maiores esperanças ele poderia ter. Então, pôs-se a fazer constantemente a apologia de Rosanette; fez-lhe ver todas as faltas que cometera contra ela, contou-lhe as vagas ameaças que lhe ouvira, e falou mesmo do xale de caxemira, sem esconder que ela o acusava de ser avarento.

Arnoux, irritado com o epiteto (e, aliás, sentindo-se inquieto), levou o xale a Rosanette, mas repreendeu-a por ela se ter queixado a Frédéric; e, como ela dissesse ter-lhe lembrado cem vezes o prometido, pretendeu ter-se esquecido, devido às muitas ocupações.

No dia seguinte, Frédéric apresentou-se em casa dela. Embora já fossem duas horas, a Marechala ainda estava deitada; e, à sua cabeceira, Delmar,

instalado diante de uma mesinha, estava acabando uma fatia de *foie gras.* Ela gritou, mal viu Frédéric: — Já o tenho, já o tenho! — e depois, agarrando-o pelas orelhas, beijou-o na testa, agradeceu-lhe muito, tratou-o por tu, quis mesmo que ele se sentasse na cama. Os lindos e meigos olhos brilhavam, a boca úmida sorria, os braços torneados saíam-lhe da camisa, que não tinha mangas; e, de vez em quando, ele sentia-lhe, através da cambraia, os rijos contornos do corpo. Delmar, entretanto, revirava os olhos.

— Mas, realmente, minha amiga, minha querida amiga!...

O mesmo se deu nas vezes seguintes. Logo que Frédéric entrava, ela empoleirava-se numa almofada, para ele a beijar melhor, chamava-lhe de amor, de queridinho, punha-lhe uma flor na botoeira, arranjava-lhe a gravata; e essas gentilezas redobravam sempre que Delmar estava presente.

Seria isso para provocá-lo? Frédéric assim julgou. Quanto a enganar um amigo, também Arnoux, no seu lugar, não teria escrúpulos! E tinha todo o direito de não ser virtuoso com a amante dele, tendo-o sido sempre com a mulher; porque julgava tê-lo sido, ou antes, queria fingi-lo aos próprios olhos, para justificar a sua imensa falta de coragem. Contudo, achava-se estúpido, e decidiu levar as coisas adiante com a Marechala.

Assim, uma tarde, tendo-se ela abaixado diante de uma cômoda, aproximou-se e teve um gesto tão eloquente que ela se ergueu, corando muito. Ele insistiu; então, ela pôs-se a chorar, dizendo que era muito infeliz, mas que isso não era razão para ser desprezada.

Ele repetiu as tentativas. Ela, então, adotou outra atitude, que foi rir sempre. Ele julgou-se esperto, ripostando no mesmo tom, e exagerando-o. Mas mostrava-se alegre demais para que ela pudesse julgá-lo sincero; e essa camaradagem era um obstáculo à expansão de qualquer emoção séria. Um dia, finalmente, ela respondeu que não queria os restos de outra.

— Que outra?

— Ora! Vai procurar a Senhora Arnoux!

Porque Frédéric falava muitas vezes nela; Arnoux, por seu lado, tinha a mesma mania; Rosanette impacientava-se, por fim, farta de ouvir elogiar sempre aquela mulher; e a sua resposta tinha sido uma espécie de vingança.

Frédéric guardou-lhe rancor.

Aliás, ela começava a irritá-lo. Às vezes, querendo mostrar-se experiente, dizia mal do amor, com um riso cético que dava vontade de a esbofetear. Passado um quarto de hora, não havia outra coisa no mundo, e, apertando os braços sobre o peito, como se cingisse alguém, murmurava: — Oh, sim, é bom! Como é bom!

— de pálpebras semicerradas, em êxtase. Era impossível conhecê-la, saber, por exemplo, se ela gostava de Arnoux, porque tanto fazia pouco dele como se mostrava ciumenta. Era o mesmo com a Vatnaz, à qual chamava uma miserável, e outras vezes, a sua melhor amiga. Finalmente, em toda a sua pessoa, até na maneira de enrolar o coque, havia algo de inexprimível que era como um desafio; e ele desejava-a, sobretudo pelo prazer de a vencer e de a dominar.

Como fazer? Porque muitas vezes ela mandava-o embora, sem a menor cerimônia, surgindo um instante entre duas portas, e murmurando: — Estou ocupada; apareça à noite! — ou então ia encontrá-la no meio de uma dúzia de pessoas; e, quando se achavam a sós, dir-se-ia coisa propositada, de tal forma os impedimentos se acumulavam. Convidava-a para jantar, e ela recusava sempre; uma vez aceitou, mas não veio.

Então surgiu-lhe no cérebro uma ideia maquiavélica.

Sabendo por Dussardier das queixas de Pellerin a seu respeito, lembrou-se de lhe encomendar o retrato da Marechala, um retrato em tamanho natural, que exigiria muitas sessões; ele não faltaria a nenhuma; a habitual falta de pontualidade do artista facilitaria os encontros. Assim, incitou Rosanette a fazer-se retratar, para oferecer a sua imagem ao querido Arnoux. Ela aceitou, porque se via já no meio do Grande Salão, no lugar de honra, com uma multidão contemplando-a, e os jornais haviam de falar, o que a “lançaria” imediatamente.

Quanto a Pellerin, esse agarrou avidamente a oportunidade. Aquele retrato faria dele um grande homem, seria uma obra-prima.

Passou em revista, na memória, todos os retratos dos mestres que conhecia, e decidiu-se finalmente por um Ticiano, que seria realçado por ornamentos a Veronese. Assim, executaria o seu projeto sem sombras fictícias, numa luz franca, incidindo sobre o tom liso da carne, e fazendo reverberar os acessórios.

“Se eu lhe pusesse”, pensava ele, “um vestido de seda cor-de-rosa, com um albornoz oriental? Oh! Não! O albornoz é acanalhado! Não será melhor vesti-la de veludo azul, sobre fundo cinza, muito colorido? Também podia acrescentar uma gola de renda branca, com um leque preto e, atrás, um cortinado escarlate?”

E, assim procurando, cada dia alargava a sua concepção, e maravilhava-se com ela.

Bateu-lhe o coração quando Rosanette, acompanhada por Frédéric, chegou à casa dele para a primeira sessão. Fez com que ela se pusesse de pé numa espécie de estrado, no meio da sala; e, queixando-se da luz e lamentando não ter já o seu antigo ateliê, primeiro fê-la apoiar-se num pedestal, depois sentar numa poltrona e, ora afastando-se, ora aproximando-se dela, para corrigir com um piparote as

pregas do vestido, contemplava-a de olhos semicerrados, consultando Frédéric de vez em quando.

— Não, não é isto! — exclamou ele. — Volto à minha ideia! Vou pintá-la de veneziana!

Rosanette teria um vestido de veludo encarnado, com um cinto de metal trabalhado, e as mangas largas de arminho deixariam ver o braço nu, tocando no corrimão de uma escada que subia atrás dela. À esquerda, uma alta coluna iria encontrar-se, no alto do quadro, com estruturas arquitetônicas descrevendo um arco. Por baixo, distinguir-se-iam vagamente maciços de laranjeiras quase negros, sobre os quais se recortaria um céu azul, com nuvens brancas. Sobre o balaústre, coberto por um tapete, ver-se-ia, numa salva de prata, um ramo de flores, um rosário de âmbar, um punhal e uma caixinha de marfim antigo, amarelado, da qual extravasariam sequins de ouro; mesmo alguns destes, caídos aqui e ali, no chão, constituiriam uma série de pontos brilhantes, de forma a atrair os olhos para a ponta do pé, pois ela ficaria no antepenúltimo degrau, num movimento natural e em plena luz.

Foi buscar uma caixa de quadros, que pôs sobre o estrado, figurando o degrau; em seguida dispôs como acessórios, num banco à guisa de balaustrada, um jaquetão, um escudo, uma caixa de sardinhas, um feixe de penas, uma faca, e, depois de espalhar diante de Rosanette uma dúzia de moedas, fê-la tomar a pose escolhida.

— Imagine que estas coisas são riquezas, presentes esplêndidos. A cabeça um pouco voltada para a esquerda! Isso mesmo! Não se mexa! Esta atitude majestosa vai bem com o seu tipo de beleza.

Ela estava com um vestido de tecido escocês, com um grande regalo, e tinha imensa vontade de rir.

— Quanto ao penteado, vamos entretecê-lo com um cordão de pérolas; fica sempre bem, com os cabelos vermelhos.

A Marechala protestou, dizendo não ter cabelos vermelhos.

— Deixe lá! O Vermelho dos pintores não é o mesmo dos burgueses!

Começou a delinear a posição das massas; estava tão preocupado com os grandes artistas do Renascimento que se pôs a falar deles. Durante uma hora, sonhou em voz alta com essas existências magníficas, cheias de gênio, de glória e de suntuosidade, com entradas triunfais nas cidades e festas de gala à luz dos archotes, entre mulheres seminuas, belas como deusas.

— Você era feita para viver naquela época. Uma criatura do seu calibre merecia um monsenhor.

Rosanette estava encantada com aqueles galanteios. Marcaram o dia para a próxima sessão; Frédéric encarregava-se de trazer os acessórios.

Como o calor da estufa a deixara um pouco entontecida, voltavam a pé pela Rua du Bac, até a Ponte Royal.

Fazia um belo dia, áspero e esplêndido. O sol declinava; os vidros de algumas casas, na Cité, brilhavam ao longe como placas de ouro, enquanto mais atrás, à direita, as torres de Notre-Dame[18] destacavam-se, negras, sobre o fundo azul do céu, que no horizonte se diluía numa névoa cinzenta. O vento começou a soprar; e, tendo Rosanette declarado que estava com fome, entraram na Pâtisserie Anglaise.

Algumas senhoras, com os filhos, comiam de pé junto ao balcão de mármore, sobre o qual se alinhavam, debaixo das campânulas de vidro, os pratos de doces. Rosanette comeu duas tortas com creme. O açúcar em pó fazia-lhe bigodes no canto da boca. De vez em quando, para limpá-la, tirava o lenço do regalo; e o seu rosto, sob o chapéu de seda verde, parecia uma rosa aberta entre as folhas.

Prosseguiram o seu caminho; na Rua de la Paix, ela deteve-se diante de uma ourivesaria, contemplando um bracelete; Frédéric queria dar-lho de presente.

— Não — disse ela. — Guarda o teu dinheiro.

Ele sentiu-se ofendido com aquela resposta.

— Que tem o bichinho? Ficou triste?

E, como a conversa continuasse, ele voltou, como sempre, às suas declarações de amor.

— Bem sabes que não é possível!

— Mas por quê?

— Ah! Porque não...

Caminhavam lado a lado, ela apoiando-se no braço de Frédéric, com os folhos do vestido batendo nas pernas dele. Isso fazia-o recordar um crepúsculo de inverno, em que, no mesmo passeio, a Senhora Arnoux caminhava assim, ao seu lado; e essa recordação dominou-o a tal ponto que nem dava conta da presença de Rosanette.

Ela olhava distraidamente diante de si, deixando-se levar, como uma criança preguiçosa. Era a hora de voltar do passeio, e as carruagens desfilavam a trote largo sobre a rua seca. Rosanette estava sem dúvida lembrando-se dos elogios de Pellerin, porque disse, dando um suspiro:

— Há mulheres felizes! Decididamente, nasci para ter um homem rico.

Ele retorquiu, com brutalidade:

— Não é isso que lhe falta! — porque o Senhor Oudry tinha fama de ser três vezes milionário.

Ela nada desejava tanto como se ver livre dele.

— E quem a impede?

E Frédéric proferiu amargos gracejos sobre esse velho burguês de cabeleira postiça, mostrando-lhe como tal ligação era indigna e que devia acabar com aquilo.

— Sim — respondeu a Marechala, como se falasse de si para si. — É o que acabarei por fazer, sem dúvida!

Frédéric ficou encantado com o desinteresse. Ela abrandou a marcha, e julgou que estivesse fatigada. Mas Rosanette obstinou-se a não querer ir de carruagem, e despediu-se de Frédéric diante da porta, atirando-lhe um beijo com a ponta dos dedos.

— Ah! Que pena! E pensar que há imbecis que me acham rico!

Estava melancólico, ao chegar em casa.

Hussonnet e Deslauriers esperavam-no.

O boêmio, sentado à mesa, desenhava cabeças de turcos, e o advogado, de botas enlameadas, cochilava no sofá.

— Ah! Finalmente — disse ele. — Mas que cara brava! Poderás dar-me atenção?

A sua fama como explicador diminuía, porque metia na cabeça dos alunos teorias que os prejudicavam nos exames. Defendera duas ou três causas, que perdera, e cada nova decepção dava mais força ao seu velho sonho: ter um jornal em que pudesse expandir-se, vingar-se, soltar a bílis e as ideias. Aliás, fortuna e reputação vinham uma atrás da outra. Era nessa esperança que se agarrara ao boêmio, visto Hussonnet ser dono de uma folha.

Presentemente, editava-a em papel cor-de-rosa; inventava boatos, fazia enigmas, procurava estabelecer polêmicas, e até (não obstante o local) pretendia organizar concertos! A assinatura de um ano “dava direito a uma poltrona num dos principais teatros de Paris; além disso, a administração encarregava-se de fornecer aos senhores estrangeiros todas as informações que pudessem desejar, artísticas e outras”. Mas o impressor fazia ameaças, deviam três meses ao proprietário, e surgiam dificuldades de toda espécie; Hussonnet teria deixado morrer o *Art* se não fossem as exortações do advogado, que quotidianamente lhe levantava o moral. Trouxera-o consigo, para dar mais autoridade à iniciativa.

— Vimos por causa do Jornal — disse ele.

— Como, tu ainda pensas nisso! — respondeu Frédéric, num tom distraído.

— Claro que ainda penso!

E expôs novamente o seu plano. Por meio de informações da Bolsa, entrariam em contato com financistas, e obteriam desse modo os cem mil francos de caução indispensáveis. Mas, para que a folha pudesse ser transformada em jornal político, era necessário ter antes uma grande clientela e, para isso, resignar-se a algumas despesas, para gastos com papel, tipografia e escritório. Em suma, precisavam de quinze mil francos.

— Estou sem fundos — disse Frédéric.

— Que diremos nós! — exclamou Deslauriers, cruzando os braços.

Frédéric, irritado com o gesto, replicou:

— Não tenho culpa disso!

— Ah! Muito bem! Eles têm lenha no fogão da sala, trufas ao jantar, boa cama, biblioteca, carruagem, todas as comodidades! Mas se alguém tiritar numa mansarda, jantar por vinte *sous,* trabalhar como um forçado e não tirar os pés da miséria, será culpa deles?

E repetia: “Será culpa deles?”, com uma ironia ciceroniana que tresandava a tribunal. Frédéric queria falar.

— Aliás, compreendo, há necessidades... aristocráticas; porque, sem dúvida, alguma mulher...

— E se houvesse? Não serei livre?..

— Oh! Absolutamente livre!

E, depois de uma pausa:

— É muito cômodo fazer promessas!

— Meus Deus! Não nego que as fiz! — disse Frédéric.

O advogado prosseguia:

— No colégio, fazem-se juras, havemos de constituir uma falange, imitaremos “os Treze” de Balzac[19]! Depois, quando se encontram: Adeus, meu velho, vai passear! Porque aquele que poderia ser útil ao outro retém preciosamente tudo só para si.

— Como?

— Sim, tu nem sequer nos apresentaste aos Dambreuse!

Frédéric olhou para ele; com a velha sobrecasaca, os óculos foscos e aquele rosto lívido, o advogado pareceu-lhe tão miserável que não pôde evitar um sorriso desdenhoso. Deslauriers notou-o, e corou.

Já tinha pegado no chapéu para se ir embora. Hussonnet, aflito, tentava apaziguá-lo com olhares suplicantes; e, como Frédéric estivesse de costas para eles, disse-lhe:

— Ora, meu rapaz! Seja o meu Mecenas! Proteja as Artes!

Frédéric, num brusco movimento de resignação, tomou uma folha de papel e, depois de rabiscar algumas linhas, entregou-lha. A face do boêmio iluminou-se. E disse, passando-a a Deslauriers:

— Apresente desculpas, senhor!

Frédéric pedia ao seu notário que lhe enviasse quinze mil francos o mais rapidamente possível.

— Ah! Estou reconhecendo o meu velho Frédéric! — disse Deslauriers.

— Palavra de honra! — acrescentou o boêmio. — Você é um homem às direitas, e vai para a galeria dos sujeitos úteis!

O advogado disse ainda:

— Não vais ter prejuízo, a especulação é excelente.

— Sem dúvida! — exclamou Hussonnet. — Eu punha as mãos no fogo!

E disse tanto disparate, prometeu tantas maravilhas (nas quais talvez acreditasse), que Frédéric não sabia se era para troçar dos outros ou dele próprio.

Nessa noite, recebeu uma carta da mãe.

Ela estranhava não o ver ainda ministro, embora troçando um pouco dele. Depois falava-lhe da saúde, e informava-o de que o Senhor Roque frequentava agora a casa dela. “Desde que enviuvou, pareceu-me já não haver inconveniente em recebê-lo. Louise tem mudado muito, para melhor.” E em pós-escrito: “Não me dizes nada desse ótimo conhecimento, o Senhor Dambreuse; no teu lugar, servia-me dele”.

Por que não? Desistira das ambições intelectuais, e a sua fortuna (dava agora conta disso) era insuficiente; porque, pago o que devia, e entregue aos outros a quantia prometida, o seu rendimento sofria uma diminuição de quatro mil francos, pelo menos! Aliás, sentia necessidade de abandonar aquela existência, de se agarrar a qualquer coisa. Por isso, no dia seguinte, enquanto jantava em casa da Senhora Arnoux, disse que a mãe insistia com ele para escolher uma profissão.

— Mas eu supunha — retorquiu ela — que o Senhor Dambreuse ia arranjar-lhe um lugar no Conselho de Estado... Seria muito bom para o senhor.

Ela queria que assim fosse. Frédéric obedeceu.

Como da primeira vez, o banqueiro estava sentado à escrivaninha, e pediu-lhe, com um gesto, que esperasse alguns minutos, porque alguém que estava de costas para a porta lhe falava de assuntos importantes. Tratava-se de carvão vegetal, e da fusão a operar entre diversas companhias.

Os retratos do General Foy e de Luís Filipe pendiam um de cada lado do

espelho; pastas de papelão amontoavam-se até o teto, encostadas à parede, e havia seis cadeiras de palha; o Senhor Dambreuse não tinha necessidade de melhor instalação para fazer os seus negócios; era como aquelas sombrias cozinhas em que se elaboram os grandes festins. Frédéric observou sobretudo dois imensos cofres, que se erguiam nos cantos. Perguntava aos seus botões quantos milhões caberiam ali dentro. O banqueiro abriu um dos cofres, e a porta de ferro girou, mostrando apenas, no interior, cadernos de papel azul.

Por fim o visitante passou diante de Frédéric. Era o velho Oudry. Ambos coraram, ao cumprimentar-se, o que pareceu espantar o Senhor Dambreuse. Aliás, este se mostrou muito amável. Nada seria mais fácil do que recomendar o seu jovem amigo ao ministro da Justiça. Ficariam muito satisfeitos por o ter lá; e terminou as gentilezas convidando-o para uma recepção que ia dar dentro de alguns dias.

Frédéric tomava o cupê para lá ir, quando chegou um bilhete da Marechala. À luz das lanternas leu o seguinte:

“Meu caro, segui os seus conselhos. Acabo de expulsar o meu Osage. A partir de amanhã à noite, liberdade! Diga se não sou valente”.

Nada mais! Mas era oferecer-lhe o lugar vago. Soltou uma exclamação, meteu o bilhete no bolso e partiu.

Dois guardas a cavalo estacionavam na rua. Por cima de cada um dos dois portões de entrada havia um renque de lanternas; no pátio, os criados gritavam para que as carruagens avançassem até junto da escadaria, debaixo da *marquise.* Depois, subitamente, passava-se ao silêncio do vestíbulo.

Grandes árvores enchiam o vão da escada; a luz dos globos de porcelana ondulava sobre as paredes como reflexos de cetim branco. Frédéric subiu com vivacidade as escadas. Um mordomo anunciou-o. O Senhor Dambreuse estendeu-lhe a mão; e, quase imediatamente, a Senhora Dambreuse apareceu.

Trazia um vestido malva, guarnecido de renda, e seu penteado tinha mais cachos do que de costume, e não usava uma única joia.

Ela queixou-se por ele os visitar tão raramente, e arranjou maneira de dizer qualquer coisa. Os convidados começavam a chegar; como saudação, inclinavam-se para um lado, ou dobravam-se pela cintura, ou baixavam apenas a cabeça; depois passava um casal, uma família, e todos se dispersavam pelo salão já cheio.

No meio, debaixo do lustre, um enorme sofá redondo tinha ao centro uma jardineira, cujas flores, inclinadas como plumas, pendiam sobre a cabeça das mulheres sentadas à volta, enquanto outras ocupavam as poltronas, formando

duas linhas simetricamente interrompidas pelos grandes cortinados de veludo nacarado das janelas e pelas altas aberturas das portas de padieiras douradas.

A multidão dos homens que se conservavam de pé, de chapéu na mão, parecia, vista de longe, uma só massa negra, pontilhada aqui e ali de vermelho pelas fitas das condecorações nas botoeiras, e tornada ainda mais sombria pela monótona brancura das gravatas. À exceção de alguns jovens, cuja barba começava a despontar, todos pareciam aborrecer-se; alguns elegantes, de expressão entediada, apoiavam-se ora num pé ora noutro. As cabeças grisalhas, as perucas eram numerosas; aqui e ali brilhava uma calva; e os rostos, ou apopléticos ou lívidos, revelavam, nos seus estragos, os vestígios de imensas fadigas, — as pessoas que ali se encontravam eram políticos ou homens de negócios. O Senhor Dambreuse convidara também alguns sábios, magistrados, dois ou três médicos ilustres, e repelia com expressão humilde os elogios que recebia pela sua recepção ou pela sua riqueza.

Circulava por todos os lados numerosa criadagem, usando grandes galões dourados. Os grandes tocheiros semelhavam flores de fogo, desabrochando nos cortinados e refletindo-se nos espelhos; e, ao fundo da sala de jantar, adornada por um renque de jasmins, o bufê parecia o altar-mor de uma catedral ou uma exposição de ourivesaria — tamanha era a quantidade de pratos, terrinas, talheres e colheres de prata ou dourados, no meio dos cristais facetados, que trocavam, por cima das carnes, reflexos irisados. Os outros três salões regurgitavam de objetos de arte: paisagens de mestres pendentes das paredes, marfins e porcelanas sobre mesas, louças da China pousadas em consolos; biombos de laca desdobravam-se diante das janelas, tufos de camélias erguiam-se sobre as lareiras; e uma suave música vibrava, ao longe, como um zumbido de abelhas.

As quadrilhas eram escassas, e os pares, pela maneira displicente como arrastavam os escarpins, pareciam cumprir um dever. Frédéric ouvia frases como estas:

— Esteve na última festa de caridade dos Lambert, minha senhora?

— Não, senhor, não estive!

— Daqui a pouco vai estar um calor!

— Oh! É certo, vai ficar asfixiante!

— Quem é o autor desta polca?

— Ah, minha senhora, não sei!

E, atrás dele, três velhos decrépitos, metidos no vão de uma janela, murmuravam observações obscenas; outros discutiam sobre estradas de ferro,

câmbio livre; um esportista contava histórias de caça; um legitimista e um orleanista discutiam.

Vagueando de grupo em grupo, Frédéric chegou ao salão de jogo, onde reconheceu, numa roda de gente grave, Martinon, agora “juiz adjunto aos tribunais da capital”.

O seu rosto cheio, cor de cera, harmonizava-se como convinha à barba em colar, que era uma maravilha, pela regularidade com que os pelos negros estavam aparados; e, mantendo um justo equilíbrio entre a elegância requerida pela idade e a dignidade exigida pelas funções que desempenhava, metia o polegar debaixo do braço, de acordo com a moda, e depois enfiava o braço no colete, segundo o uso dos conservadores. Embora o polimento das suas botas fosse extremo, usava as têmporas rapadas, para ficar com uma testa de pensador.

Depois de trocar friamente algumas palavras com Frédéric, voltou-se para o seu conciliábulo. Um proprietário dizia:

— É uma gente que sonha com a destruição da sociedade!

— Reclamam a organização do trabalho! — dizia outro. — Imaginem!

— Que querem! — disse um terceiro. — Se nós vemos o Senhor de Genoude entender-se com *Le Siècle*[20]!

— Se até há conservadores que se intitulam progressistas! Para nos dar o quê? A República! Como se tal coisa fosse possível na França!

Todos declararam que, na França, a República era impossível.

— Seja como for — observou em voz alta um sujeito — fala-se demasiado da Revolução; publica-se sobre isso uma porção de histórias, livros!...

— Além do que — disse Martinon — há, talvez, temas mais sérios que merecem estudo!

Um partidário do ministério investiu contra os escândalos do teatro:

— Assim, por exemplo, esse novo drama, *La Reine Margot*, excede realmente os limites! Havia alguma necessidade de nos vir falar dos Valois? Tudo isso mostra a realeza sob um aspecto desfavorável! É como essa imprensa! Digam o que disserem, as leis de setembro são demasiado benévolas! Por mim, queria que houvesse tribunais marciais para calar a boca aos jornalistas! À menor insolência, conselho de guerra! Assim é que é!

— Oh! Cuidado, meu caro senhor, cuidado! — disse um professor. — Não ataque as nossas preciosas conquistas de 1830! Respeitemos as nossas liberdades. Melhor seria a descentralização, repartir o excedente das cidades pelos campos.

— Mas os campos estão gangrenados! — exclamou um católico[21]. — O que

se impõe é dar firmeza à Religião!

Martinon apressou-se a dizer:

— Efetivamente, é um freio!

Todo o mal vinha desse desejo moderno de se elevar acima da sua classe, de aspirar ao luxo.

— Todavia — observou um industrial — o luxo favorece o comércio. Por isso estou de acordo com o Duque de Nemours, por exigir calção curto nas suas recepções.

— O Senhor Thiers foi lá de calça comprida. Conhece a frase dele?

— Sim, é deliciosa. Mas está se tornando demagogo, e o discurso dele sobre o caso das incompatibilidades não deixou de ter influência no atentado de 12 de maio.

— Ora, ora!

— Oh, oh!

O círculo teve que se abrir para dar passagem a um criado com uma bandeja, que se dirigia à sala de jogo.

Sob o quebra-luz verde das velas, renques de cartas e de moedas de ouro cobriam as mesas. Frédéric deteve-se diante de uma, perdeu os quinze napoleões que trazia na algibeira, fez uma pirueta, e achou-se no limiar da saleta onde se encontrava a Senhora Dambreuse.

Estava cheia de mulheres, sentadas lado a lado em banquinhos semespaldar. As compridas saias, abrindo em leque à volta delas, eram como ondas das quais lhes emergia o busto, e os seios ofereciam-se ao olhar na abertura dos decotes. Quase todas tinham um ramo de violetas na mão. A tonalidade mate das luvas fazia sobressair a brancura humana dos braços; franjas e ervas[22] caíam-lhes sobre os ombros, e parecia às vezes, por certos estremecimentos, que o vestido ia cair. Mas a decência dos rostos temperava as provocações do traje; algumas tinham até uma placidez quase bestial, e esta reunião de mulheres seminuas lembrava o interior de um harém; no espírito de Frédéric surgiu uma comparação mais grosseira. Com efeito, havia ali belezas de todo gênero: inglesas de perfil de *keepsake*, uma italiana cujos olhos negros fulguravam como um Vesúvio, três irmãs vestidas de azul, três normandas, frescas como macieiras em abril, uma ruiva alta, com um adereço de ametistas; — e as brancas cintilações dos brilhantes que tremeluziam em penachos, nas cabeleiras, o brilho das pedrarias sobre os bustos, e o fulgor tênue das pérolas acompanhando os rostos, misturavam-se aos reflexos dos anéis de ouro, às rendas, ao pó de arroz, às plumas, ao vermelhão das boquinhas, ao nácar dos dentes. O teto, em cúpula,

dava à saleta a forma de uma corbelha; e uma corrente de ar perfumado circulava sob o palpitar dos leques.

Frédéric, por trás delas, de monóculo, achava que nem todos os ombros eram perfeitos; pensava na Marechala, o que lhe reprimia as tentações e o consolava.

Entretanto, contemplava a Senhora Dambreuse, e achava-a encantadora, apesar de ter a boca um pouco larga demais e narinas muito dilatadas. Mas tinha um encanto particular. Havia nos seus cachos um langor apaixonado, e a testa cor de ágata parecia conter muitas coisas e revelava um espírito dominador.

Sentara ao lado dela a sobrinha do marido, jovem bastante feia. De vez em quando, levantava-se para receber senhoras que entravam; e o murmúrio das vozes femininas aumentava, parecendo um chilrear de pássaros.

Falavam dos embaixadores tunisinos e dos seus trajes. Uma das damas assistira à última recepção na Academia; outra referiu-se ao *Don Juan* de Molière, que o Théâtre-Français pusera novamente em cena. Indicando a sobrinha com um relancear de olhos, a Senhora Dambreuse levou um dedo aos lábios, mas um sorriso que não pôde reter desmentia essa austeridade.

De repente surgiu Martinon, na outra porta. Ela ergueu-se. Ele deu-lhe o braço. Frédéric, para presenciar a continuação dos galanteios do amigo, atravessou a sala de jogo e aproximou-se deles, no salão; a Senhora Dambreuse deixou imediatamente o companheiro e falou com familiaridade a Frédéric.

Compreendia que ele não jogasse, nem dançasse.

— Os jovens costumam ser tristes! — E acrescentou, depois de olhar de relance para o salão:

— Aliás, tudo isto não é divertido! Pelo menos para certas naturezas!

E deteve-se junto à fila das poltronas, dizendo a esta e àquela uma palavra gentil, enquanto senhores idosos, com lunetas de duas hastes, vinham fazer-lhe a corte. Ela apresentou Frédéric a alguns. O Senhor Dambreuse tocou-lhe no cotovelo, ligeiramente, e levou-o para o terraço.

Tinha falado ao ministro. A coisa não era fácil. Antes de ser apresentado como auditor ao Conselho de Estado, teria que prestar um exame. Frédéric, tomado de inexplicável confiança, respondeu que sabia as matérias.

O homem de negócios não o estranhava, em vista dos elogios que o Senhor Roque lhe tecia.

Ao ouvir esse nome, Frédéric recordou a pequena Louise, a sua casa, o seu quarto; lembrou-se das noites iguais, em que ficava à janela, escutando as carroças que passavam. Essa evocação das suas tristezas fê-lo pensar na Senhora Arnoux; e continuava, calado, o passeio pelo terraço. As janelas formavam, no

meio da escuridão, longas placas vermelhas; o ruído do baile começava a diminuir; já havia carruagens que partiam.

— Por que motivo — perguntou o Senhor Dambreuse — faz questão do Conselho de Estado?

E afirmou, dando-se ares de liberal, que as funções públicas não tinham futuro, ele bem o sabia; os negócios eram outra coisa. Frédéric objetou a dificuldade de aprender.

— Ora, ora! Em pouco tempo eu punha-o a par de tudo.

Teria ele a ideia de o associar aos seus empreendimentos?

Frédéric entreviu, como que num relâmpago, uma imensa fortuna à sua espera.

— Voltemos para dentro — disse o banqueiro. — Vai cear conosco, não é verdade?

Eram três horas, a festa tinha acabado. Na sala de jantar, uma mesa servida esperava os íntimos.

O Senhor Dambreuse avistou Martinon e, aproximando-se da mulher, perguntou em voz baixa:

— Foi você que o convidou?

— Sim, fui eu!

A sobrinha não estava presente. Bebeu-se largamente, rindo muito alto; e os gracejos atrevidos não escandalizavam, todos sentiam aquele alívio que se segue aos constrangimentos bastante demorados. Apenas Martinon mantinha o ar grave; não quis beber champanha, para se dar ares, sem, aliás, deixar de ser obsequioso e muito bem-educado; como o Senhor Dambreuse, que tinha o peito estreito, se queixasse de sentir uma opressão, informou-se por várias vezes da saúde dele; e depois pousava os olhos azulados na Senhora Dambreuse.

Ela interpelou Frédéric, para saber qual das moças lhe agradara. Mas ele não distinguira nenhuma, e preferia, aliás, as mulheres de trinta anos.

— Talvez não seja tolice! — respondeu ela.

Quando vestiam as peliças e os sobretudos, o Senhor Dambreuse disse-lhe:

— Procure-me um dia destes, para conversarmos!

Martinon, ao fundo da escada, acendeu um charuto; e ao chupá-lo ficava com um perfil tão espesso que o seu companheiro largou esta frase:

— Mas que cara tens, palavra de honra!

— O que não impediu que fizesse virar algumas cabeças! — replicou o jovem magistrado, com uma expressão ao mesmo tempo enfatuada e vexada.

Ao deitar-se, Frédéric passou em revista aquela noite. Em primeiro lugar, o

seu traje (estudara-se por diversas vezes diante dos espelhos), desde o corte da casaca até o laço dos escarpins, nada deixava a desejar; falara a homens importantes, vira de perto mulheres ricas, o Senhor Dambreuse fora extremamente amável e a Senhora Dambreuse, quase aliciante. Pesou uma por uma as mais insignificantes palavras dela, os seus olhares, mil coisas impossíveis de analisar e todavia significativas. Não seria nada mal ter por amante uma tal mulher! E por que não, afinal? Ele não era pior do que outro qualquer! Quem sabe, talvez ela não fosse muito difícil? Depois lembrou-se de Martinon; e, ao adormecer, sorria de piedade por aquele bom rapaz.

A ideia da Marechala despertou-o; aquelas palavras do bilhete: “A partir de amanhã à noite” eram evidentemente um convite para aquele mesmo dia. Esperou até as nove horas, e correu à casa dela.

Alguém que subia a escada, à sua frente, fechou a porta. Frédéric tocou; Delphine veio abrir, e afirmou que a senhora não estava.

Ele insistiu, implorou. Tinha uma coisa grave para lhe comunicar, era só uma palavra. Por fim, o argumento da moeda de cem *sous* deu resultado, e a criada deixou-o só, no vestíbulo.

Rosanette apareceu. Estava de camisola, os cabelos soltos; e, abanando a cabeça, fez de longe um largo gesto com ambos os braços, significando que não o podia receber.

Frédéric desceu as escadas, lentamente. Aquele capricho excedia todos os outros. Não compreendia nada.

Diante do cubículo do porteiro foi detido pela Srta. Vatnaz.

— Ela recebeu-o?

— Não!

— Correu com o senhor?

— Como é que sabe?

— Vê-se logo! Mas venha, vamos embora, sinto-me abafar!

E arrastou-o para a rua. Estava ofegante. Frédéric sentia-lhe o braço magro tremer de encontro ao seu. De súbito, ela explodiu.

— Ah! O miserável!

— Quem?

— Mas é ele, é ele, Delmar!

Essa revelação humilhou Frédéric; perguntou:

— Tem certeza?

— Pois se eu o segui! — exclamou ela. — Vi-o entrar! Compreende agora? Eu devia contar com isto, aliás; fui eu, na minha estupidez, que o levei à casa

dela. E se você soubesse, meu Deus! Recolhi-o, dei-lhe de comer, vesti-o; e como me fartei de correr para os jornais! Amava-o como se fosse mãe dele! — E, depois de uma risada escarninha: — Ah! É que sua excelência queria trajes de veludo! Uma especulação da parte dele, como calcula! E ela! Lembrar-me que a conheci costureira! Se não fosse eu, já por mais de vinte vezes tinha caído na lama! Mas agora deixo-a cair mesmo! Oh, sim! Quero vê-la morrer no hospital! Tudo se há de saber!

E, como uma torrente de água suja, a sua cólera fez passar tumultuosamente diante de Frédéric as vergonhas da rival.

— Ela dormiu com Jumillac, com Flacourt, com aquele baixinho, o Allard, com Bertinaux, com Saint-Valéry, o picado de bexigas. Não! Foi com o outro! São dois irmãos, não importa! E quando tinha dificuldades, eu resolvia tudo. E que ganhei com isso? Ela é tão unha de fome! E depois, há de concordar comigo, era muita condescendência da minha parte, porque enfim, não somos do mesmo meio! Sou por acaso uma mulher da rua? Eu não me vendo! Além disso, ela é estúpida como uma porta! Escreve categoria com *th*. De resto, estão muito bem um para o outro, embora ele se intitule artista e se julgue um gênio! Mas, meu Deus! Se ele tivesse ao menos um bocadinho de inteligência, não teria cometido semelhante infâmia! Não se troca uma mulher superior por uma vagabunda! E depois, quero lá saber! Ele está ficando feio! Odeio-o! Se o encontrasse, olhe, escarrava-lhe na cara. — E cuspiu. — Sim, é a única coisa que ele merece. E Arnoux, hein? Que coisa abominável! Quantas vezes ele lhe perdoou! Ninguém sabe os sacrifícios que fez por ela! Ela devia beijar-lhe os pés! Ele é tão generoso, tão bom!

Frédéric sentia prazer em ouvi-la insultar Delmar. Aceitara Arnoux. Esta perfídia de Rosanette afigurava-se-lhe uma coisa anormal, injusta; e, contagiado pela emoção da solteirona, chegava a sentir uma espécie de enternecimento por Arnoux. De repente, achou-se diante da porta deste; sem que tivesse dado conta, a Senhorita Vatnaz fizera-o descer o Bulevar Poissonnière.

— Cá estamos — disse ela. — Eu não posso subir. Mas ao senhor, nada o impede!

— De fazer o quê?

— Ora essa, de lhe contar tudo!

Frédéric, como se despertasse em sobressalto, compreendeu a infâmia a que ela pretendia arrastá-lo.

— Então? — insistiu ela.

Frédéric levantou os olhos para o segundo andar. O candeeiro da Senhora

Arnoux estava aceso. Efetivamente, nada o impedia de subir.

— Eu espero-o aqui. Ande!

Esse imperativo acabou por fazê-lo voltar à realidade, e disse:

— Vou demorar-me bastante. Era melhor ir para casa. Amanhã irei visitá-la.

— Não, não! — retorquiu ela, batendo o pé. — Leve-o lá! Faça com que ele os surpreenda.

— Mas Delmar já não estará lá!

Ela baixou a cabeça.

— Sim, talvez tenha razão.

E ficou sem falar, no meio da rua, entre as carruagens; depois, fixando-o com aquele olhar de gata selvagem:

— Posso contar com o senhor, não é verdade? Entre nós, agora é sagrado! Vá. Até amanhã!

Frédéric, ao atravessar o corredor, ouviu duas vozes que altercavam. A da Senhora Arnoux dizia:

— Não mintas! Não me mintas mais!

Quando entrou, eles calaram-se.

Arnoux andava de um lado para o outro, e a mulher estava sentada na cadeirinha ao lado da lareira, extremamente pálida, de olhar parado. Frédéric fez menção de se retirar. Arnoux agarrou-lhe a mão, aliviado com a presença dele.

— Mas, eu receio que... — disse Frédéric.

— Fique! — murmurou Arnoux ao ouvido dele. Ela continuou:

— Há de desculpar, Senhor Moreau! São destas coisas que surgem às vezes entre os casais.

— Porque alguém as inventa — disse com todo o descaramento Arnoux. — As mulheres têm cada coisa! Assim, esta, por exemplo, não é má. Não, pelo contrário! Pois bem, há uma hora que se entretém a massacrar-me a paciência com uma porção de histórias.

— Que são verdadeiras! — replicou a Senhora Arnoux. — Sim, porque tu o compraste!

— Eu?

— Sim, tu, tu! E do persa!

“O xale de caxemira!”, pensou Frédéric.

Sentia-se culpado, e estava com medo.

Ela continuou:

— Foi no mês passado, um sábado, dia 14.

— Ah! Nesse dia, precisamente, eu estava em Creil! Estás vendo?

— Não, senhor! Porque no dia 14 jantamos em casa dos Bertin.

— No dia 14? — disse Arnoux, pondo os olhos no teto, como se procurasse uma data.

— E até o caixeiro que to vendeu era um rapaz loiro!

— Como é que me hei de lembrar do empregado!

— E todavia, ele escreveu, por tua ordem, o endereço: Rua de Laval, 18.

— Como sabes? — indagou Arnoux, estupefato.

Ela encolheu os ombros.

— Ora, é muito simples: fui lá para mandar consertar o meu xale[23], e um dos empregados disse-me que tinha acabado de expedir um igual para a Senhora Arnoux.

— Será culpa minha, se existe na mesma rua uma dama de nome Arnoux?

— Sim, mas não existe um Jacques Arnoux — retorquiu ela.

Então ele pôs-se a divagar, protestando inocência. Era uma confusão, uma coincidência, uma destas coisas inexplicáveis que acontecem às vezes. Não se devia condenar ninguém por uma simples suspeita, por vagos indícios; e citou o exemplo do infeliz Lesurques.

— Enfim, garanto que estás enganada! Queres que te dê a minha palavra de honra?

— Não vale a pena!

— Por quê?

Ela olhou para ele bem nos olhos, sem dizer nada; depois estendeu a mão, tomou o cofrezinho de prata que estava sobre a lareira, e estendeu-lhe uma fatura desdobrada.

Arnoux corou até a raiz dos cabelos, e o rosto, descomposto, ficou mais flácido.

— Então?

— Mas... — respondeu ele lentamente. — E isso que prova?

— Ah! — disse ela, com entonação singular, em que havia dor e ironia. — Ah!

Arnoux ficara com a fatura na mão, e dava-lhe voltas, sem despregar os olhos do papel, como se esperasse descobrir nele a solução de um grande problema.

— Ah! Sim, sim, agora me lembro — disse ele, por fim. — Foi uma encomenda que me pediram para fazer. Você deve estar lembrado, Frédéric? — Mas Frédéric não abriu a boca. — Uma compra que me pediu para fazer o... o velho Oudry.

— E para quem?

— Para a amante dele!

— Dele e tua! — exclamou a Senhora Arnoux, pondo-se de pé.

— Eu juro-te...

— Não recomeces! Sei tudo!

— Ah! Muito bem! Então, andas me espionando!

Ela replicou, com frieza:

— Isso fere a tua delicadeza de sentimentos?

— Com irritação — disse ele procurando o chapéu — não se pode conversar!

E acrescentou, dando um suspiro:

— Não se case, meu pobre amigo, não caia nessa!

E saiu, porque precisava tomar ar.

Houve um grande silêncio; e tudo, na sala, pareceu ficar mais imóvel. Um círculo luminoso, por cima do candeeiro, clareava o teto, ao passo que, nos cantos da casa, a sombra se estendia como gazes negras sobrepostas; ouvia-se o tique-taque do relógio e o crepitar do lume.

A Senhora Arnoux voltara a sentar-se na poltrona do outro lado da lareira; mordia os lábios, trêmula; ergueu as duas mãos, e não pôde reter um soluço; chorava.

Frédéric sentou-se na cadeira pequena; e, numa voz carinhosa, como se fala a um doente:

— Bem sabe quanto eu sinto...

Ela não respondeu. Mas, continuando em voz alta as suas reflexões:

— Eu dou-lhe toda a liberdade! Não precisava mentir!

— Certamente — disse Frédéric.

Era sem dúvida consequência dos hábitos dele, não pensara nisso, e talvez que, com coisas mais graves...

— E alguma coisa podia ser mais grave?

— Oh! Nada!

Frédéric inclinou-se, com um sorriso de aquiescência. Todavia, Arnoux possuía certas qualidades; gostava muito dos filhos.

— Ah! E faz tudo para deixá-los na miséria!

Era consequência de ele ser aéreo; porque, afinal, era muito bom rapaz.

Ela exclamou:

— Mas que significa isso, ser bom rapaz!

Frédéric defendia-o assim, da forma mais vaga que podia, e, embora com

pena dela, rejubilava e deliciava-se, no fundo da alma. Por vingança, ou por necessidade de afeição, ela procuraria refúgio junto dele. A esperança de Frédéric, aumentando desmedidamente, dava forças ao seu amor.

Nunca ela lhe parecera tão cativante, tão profundamente bela. De vez em quando, uma aspiração erguia-lhe o peito; os seus olhos fixos pareciam dilatados por uma visão interior, e permanecia com a boca entreaberta, como se fosse exalar o último suspiro. De quando em quando, apoiava o lenço com toda a força de encontro aos lábios; e ele quereria ser aquele pedacinho de cambraia, encharcado de lágrimas. A seu pesar, olhava para o leito, no fundo da alcova, imaginando a cabeça dela sobre o travesseiro; e via a cena tão nitidamente que se dominava para não a tomar nos braços. Ela cerrou as pálpebras, apaziguada, inerte. Então, Frédéric chegou-se para mais perto dela, examinando-lhe avidamente o rosto. No corredor ressoou um ruído de botas. Ouviram a porta do quarto dele fechar-se. Com um sinal, Frédéric perguntou-lhe se devia ir lá.

Ela replicou “sim” da mesma forma; e essa troca silenciosa de pensamentos era como um consentimento, um princípio de adultério.

Arnoux estava prestes a meter-se na cama.

— Então, ela como está?

— Oh! Muito melhor! — disse Frédéric. — Aquilo passa!

Mas Arnoux estava penalizado.

— Você não a conhece! E ela deu agora para ter nervos!... O imbecil desse caixeiro! É para que serve ser bom! Se eu não tivesse dado esse maldito xale a Rosanette!

— Não o lamente! Ela ficou-lhe tão grata!

— Você acha?

Frédéric não tinha a menor dúvida. A prova era que ela acabava de correr com o velho Oudry.

— Ah! Pobre querida!

E, no excesso da emoção, Arnoux queria correr à casa dela.

— Não vale a pena! Eu venho de lá. Ela está doente!

— Mais uma razão!

Tornou a vestir rapidamente a sobrecasaca e pegara no castiçal. Frédéric amaldiçoou a própria estupidez e fez-lhe ver que, por uma questão de decência, devia ficar aquela noite junto da mulher. Não podia abandoná-la, seria muito feio.

— Francamente, seria proceder muito mal! Nem há urgência nenhuma de ir lá! Vai amanhã! Vamos! Faça isso por mim.

Arnoux pousou seu castiçal e disse-lhe, abraçando-o:
— Como você é bom!

III

Começou então para Frédéric uma existência desgraçada. Tornou-se o parasita da casa.

Se alguém estava indisposto, vinha três vezes ao dia saber notícias, ia ao afinador de pianos, inventava toda espécie de atenções; e sofria com ar satisfeito os amuos da Srta. Marthe e as ternuras do pequeno Eugène, que lhe passava sempre as mãos sujas pela cara. Assistia aos jantares em que o senhor e a senhora, um em frente do outro, não trocavam uma só palavra; ou então, Arnoux irritava a mulher com observações disparatadas. Terminada a refeição, ia para o quarto brincar com o filho, escondia-se atrás dos móveis, ou passeava-o às costas, caminhando de quatro. Finalmente, ia-se embora, e ela abordava imediatamente o seu eterno motivo de queixa: Arnoux.

Não eram as aventuras dele que a indignavam. Mas parecia sofrer no seu orgulho, e mostrava repugnância por aquele homem sem delicadeza, sem dignidade, sem honra.

— Ou então, é um louco! — dizia.

Frédéric provocava-lhe habilmente as confidências. Não tardou a conhecer toda a vida dela.

Era filha de modestos burgueses de Chartres[1]. Um dia, Arnoux, que desenhava nas margens do rio (nessa época julgava-se pintor), viu-a saindo da igreja, e pediu-a em casamento; como era rico, não tinha havido hesitações. Aliás, amava-a perdidamente. Ela acrescentou:

— Meus Deus! E ainda me ama! À maneira dele!

Durante os primeiros meses tinham viajado pela Itália.

Apesar do entusiasmo perante as paisagens e as obras-primas, Arnoux não fizera senão queixar-se do vinho, e organizava piqueniques com ingleses, para se

distrair. Alguns quadros que revendera com vantagem tinham-no levado a dedicar-se ao comércio das artes. Depois, entusiasmara-se com uma fábrica de louça. Agora, outras especulações o atraíam; e, tornando-se cada vez mais vulgar, ganhava hábitos grosseiros e dispendiosos. Eram menos os vícios que ela lhe censurava, do que todos os seus atos. Nenhuma modificação se podia esperar, e a infelicidade dela era irreparável.

Frédéric afirmava que também a sua própria vida falhara[2].

Contudo, era bem moço. Por que havia de perder a esperança? E ela dava-lhe conselhos: “Trabalhe! Case-se!”. Ele respondia com sorrisos amargos; porque, em vez de exprimir o verdadeiro motivo do seu sofrimento, fingia ter outro, sublime, dando-se uns ares de Antony[3], o amaldiçoado, — linguagem que, aliás, não lhe traía de todo o pensamento.

Para certos homens, agir é tanto mais impraticável quanto mais forte é o desejo. A desconfiança de si mesmos embaraça-os, o receio de desagradar mete-lhes medo; além disso, as afeições profundas são como as mulheres honestas: receiam ser descobertas, e passam pela vida de olhos baixos.

Embora conhecesse melhor a Senhora Arnoux (ou talvez por isso mesmo), era ainda mais covarde do que outrora. Todas as manhãs jurava a si próprio ser ousado. Um pudor invencível não lho permitia; e não podia guiar-se por nenhum exemplo, visto ela ser diferente das outras. Devido à força dos seus sonhos, colocara-a acima das condições humanas. Ao lado dela, sentia-se menos importante sobre a terra do que os fiapos de seda que lhe caíam da tesoura.

Depois pensava em coisas monstruosas, absurdas, tais como surpreendê-la, de noite, com narcóticos e chaves falsas — tudo lhe parecia mais fácil do que afrontar-lhe o desdém.

Aliás, as crianças, as duas criadas, a disposição da casa, constituíam obstáculos intransponíveis. Assim, decidiu possuí-la sem partilha, e irem viver juntos muito longe, no fundo de uma solidão; e chegava a procurar qual o lago suficientemente azul, à beira de que praia suficientemente suave, se seria na Espanha, na Suíça ou no Oriente; e, escolhendo de propósito os dias em que ela parecia mais irritada, dizia-lhe ser necessário sair daquilo, imaginar uma solução, e que não via outra senão a separação. Mas, por amor aos filhos, jamais ela chegaria a tal extremo. Tanta virtude aumentou o respeito de Frédéric.

Passava as tardes recordando a visita da véspera, desejando a daquela noite. Quando não jantava em casa deles, postava-se, cerca das nove horas, na esquina mais próxima; e, mal Arnoux tinha fechado a grande porta, Frédéric subia rapidamente os dois andares e perguntava com ar ingênuo à criada:

— O senhor está?

Depois, mostrava-se surpreendido por não encontrá-lo.

Muitas vezes, Arnoux voltava de improviso. Então, era necessário acompanhá-lo até um café que havia na Rua Sainte-Anne, que Regimbart agora frequentava.

O Cidadão começava por articular qualquer nova acusação à realeza. Em seguida conversavam, trocando amigavelmente injúrias; o fabricante considerava Regimbart um pensador de alto coturno, e, desgostoso por ver perdido tamanho talento, acusava-o de ser preguiçoso. O Cidadão via em Arnoux um coração e uma imaginação excepcionais, mas achava-o imoral demais; por isso tratava-o sem a menor indulgência, e recusava-se mesmo a jantar em casa dele, porque “as cerimônias o irritavam”.

Às vezes, na altura das despedidas, Arnoux sentia fome. “Precisava” comer uma omeleta ou batatas cozidas; e, como não havia nunca tais comestíveis no estabelecimento, mandava-os buscar. Esperava-se. Regimbart não ia embora, e acabava, resmungando, por aceitar qualquer coisa.

Não obstante, mostrava-se sombrio, e ficava às vezes horas seguidas diante do mesmo copo meio vazio. A providência não conduzia as coisas de acordo com as ideias dele, estava ficando hipocondríaco, já nem sequer queria ler os jornais, e soltava rugidos só de ouvir pronunciar o nome da Inglaterra. Uma vez exclamou, a propósito de um criado que não o servia bem:

— Não teremos recebido ainda suficientes afrontas do Estrangeiro?

E, fora dessas crises, conservava-se taciturno, meditando “um golpe infalível que fizesse ir tudo pelos ares”.

Enquanto ele estava perdido nas próprias reflexões, Arnoux contava, em voz monótona e com sinais de embriaguez no olhar, incríveis anedotas nas quais sempre brilhara, graças à sua incrível desfaçatez; e Frédéric (o que se devia sem dúvida a semelhanças profundas) sentia uma certa atração por ele. Era uma fraqueza que censurava a si próprio, achando que, pelo contrário, deveria odiá-lo.

Arnoux queixava-se na sua frente do humor da mulher, da teimosia, das injustas prevenções dela. Outrora não era assim.

— No seu lugar — dizia Frédéric — dava-lhe uma pensão e ia viver só.

Arnoux não respondia; e, passados instantes, iniciava o elogio dela. Era bondosa, dedicada, inteligente, virtuosa; e, passando às qualidades físicas, prodigalizava as revelações com a leviandade das pessoas que exibem os seus tesouros numa estalagem.

Uma catástrofe veio perturbar-lhe o equilíbrio.

Entrara, como membro do Conselho Fiscal, numa companhia de caolino. Mas, confiando em tudo quanto lhe diziam, assinara relatórios inexatos e aprovara, sem verificar, os inventários anuais fraudulentos preparados pelo gerente. Ora, a companhia falira, e Arnoux, responsável em face da lei, acabava de ser condenado, juntamente com os outros, por perdas e danos, o que significava um prejuízo de uns trinta mil francos, agravado pelas custas do processo.

Frédéric soube disso pelo jornal, e correu à Rua Paradis.

Foi recebido no quarto da Senhora Arnoux. Era a hora do café. Xícaras de café com leite atravancavam uma pequena mesa, junto da lareira. Chinelos espalhavam-se pelo tapete, e roupas por cima das cadeiras. Arnoux, de ceroulas e colete de malha, tinha os olhos vermelhos e o cabelo em desalinho; o pequeno Eugène chorava, por causa da caxumba, enquanto roía o pão com manteiga; a irmã comia tranquilamente; a Senhora Arnoux, um pouco mais pálida do que de costume, servia os três.

— Então! — disse Arnoux, soltando um suspiro profundo. — Já sabe! — E, como Frédéric fizesse um gesto de compaixão: — É assim! Fui vítima da minha confiança!

Depois, calou-se; e o seu abatimento era tal que recusou o café. A Senhora Arnoux pôs os olhos no teto, encolhendo os ombros. Arnoux passou a mão pela testa.

— Afinal, não sou culpado. Nada tenho de que me acusar. Foi uma infelicidade! Hei de sair dela! Ah, paciência, que se há de fazer!

E trincou um brioche, obedecendo, aliás, às solicitações da mulher.

À noite, quis jantar a sós com ela, num gabinete particular da Maison d’Or. A Senhora Arnoux não entendeu nada desse impulso do coração, e até se ofendeu por ser tratada como uma cortesã; — o que, da parte de Arnoux, era, pelo contrário, prova de afeição. Depois, sentindo-se aborrecido, foi distrair-se em casa da Marechala.

Até então, tinham-lhe desculpado muitas coisas, devido ao seu caráter lhano. O processo pô-lo na categoria dos anormais. Fez-se um vazio em volta dele.

Frédéric teve como ponto de honra frequentá-los ainda mais assiduamente. Tomou uma frisa de assinatura no Italiens, e todas as semanas os convidava. Entretanto, eles estavam naquele período em que, nas uniões desiguais, um invencível cansaço acaba por resultar das concessões feitas, e torna a existência intolerável. A Senhora Arnoux dominava-se para não explodir. Arnoux tornava-

se taciturno; e o espetáculo da infelicidade desses dois seres entristecia Frédéric.

Como ele lhe merecia confiança, ela encarregara-o de averiguar o estado dos negócios de Arnoux. Mas Frédéric sentia vergonha, e sofria por lhe comer os jantares ao mesmo tempo que lhe desejava a mulher. Todavia, continuava, e dava a si próprio como desculpa a necessidade de a defender, e que podia surgir uma oportunidade de lhe ser útil.

Oito dias depois do baile, visitara Dambreuse. O banqueiro oferecera-lhe vinte ações da sua empresa de carvão; Frédéric não voltara a procurá-lo. Deslauriers escrevia-lhe cartas; não lhes dava resposta. Pellerin convidara-o a ir ver o retrato; ele desculpava-se sempre. Contudo, acedera ao pedido de Cisy, que insistia em que o apresentasse a Rosanette.

Ela recebeu-o muito bem, mas não se lhe atirou ao pescoço, como antigamente. Cisy ficou encantado por ser admitido ao convívio de uma impura, e sobretudo por conversar com um ator, pois Delmar estava presente.

Um drama, no qual desempenhava o papel de um campônio que dá uma lição a Luís XIV, e profetiza a revolução de 89, dera-lhe tal evidência que lhe fabricavam constantemente o mesmo papel; e agora a sua função consistia em escarnecer dos monarcas de todos os países. Cervejeiro inglês, invectivava Carlos I; estudante de Salamanca, amaldiçoava Filipe II; ou, pai extremoso, indignava-se contra a Pompadour, o que ainda era melhor! Para o ver, a garotada esperava-o à porta do palco; e a sua biografia, vendida nos intervalos, dizia que era o amparo de uma mãe idosa, lia os Evangelhos, ajudava os pobres, em suma, fazia dele um autêntico S. Vicente de Paulo de mistura com um Bruto e um Mirabeau. Dizia-se: “O nosso Delmar”. Tinha uma missão, era um novo Cristo.

Tudo isso fascinara Rosanette; e vira-se livre do velho Oudry, sem querer saber de mais nada, porque não era interesseira.

Arnoux, que a conhecia bem, aproveitara-se disso durante muito tempo, para a ter como amante pouco dispendiosa; aparecera Oudry, e os três tinham tido o cuidado de não procurar uma explicação franca. Depois, supondo que ela tinha corrido com o velho por amor dele, Arnoux aumentara a pensão que lhe dava. Mas os pedidos de dinheiro começaram a repetir-se com inexplicável frequência, pois ela fazia agora uma vida menos dispendiosa; até vendera o xale de caxemira, para acabar com velhas dívidas, dizia ela; e Arnoux dava sempre o dinheiro, ela enfeitiçava-o, abusava dele sem piedade. Como resultado disso, as faturas e o papel selado choviam em casa de Arnoux. Frédéric sentia aproximar-se uma crise.

Um dia, foi lá para ver a Senhora Arnoux. Tinha saído. Arnoux estava

embaixo, no armazém.

Arnoux, com efeito, no meio das suas louças, estava vendo se “levava” uns recém-casados, burgueses provincianos. Falava-lhes de tornear e afeiçoar no torno, de *truité* e de vidrado; eles, não querendo parecer ignorantes, faziam sinais de aquiescência e compravam.

Quando os clientes foram embora, ele contou que tivera, pela manhã, uma pequena altercação com a mulher. Para evitar as observações dela sobre as despesas, afirmara-lhe já não ter nada com a Marechala.

— Até disse que ela era sua amante.

Frédéric ficou indignado; mas podia trair-se, protestando; balbuciou:

— Ah! Fez mal, muito mal!

— Que importância tem isso? — disse Arnoux. — Não haveria desonra nenhuma para você em ser amante dela! Eu não o sou? Você não se sentiria envaidecido com isso?

Ela ter-lhe-ia contado? Seria uma alusão? Frédéric respondeu precipitadamente:

— Não! De modo algum! Pelo contrário!

— Bem, e então?

— Sim, tem razão, não tem importância.

Arnoux acrescentou:

— Por que não aparece mais por lá?

Frédéric prometeu que voltaria a aparecer.

— Ah! Já me esquecia! Você podia... falando de Rosanette... dar a entender qualquer coisa à minha mulher... qualquer coisa capaz de a convencer de que é amante de Rosanette. Peço-lhe isto como um favor, compreende?

Como única resposta, o jovem fez uma careta ambígua. Aquela calúnia era a sua perda. Nessa mesma noite foi à casa dela, e jurou que a afirmação de Arnoux era falsa.

— Realmente?

Parecia sincero; e, depois de ter respirado profundamente, ela disse-lhe: “Acredito no que me diz”, e teve um sorriso aberto; depois, baixou a cabeça e, sem olhar para ele:

— Aliás, ninguém tem direitos sobre o senhor!

Assim, ela não adivinhara nada, e desprezava-o, visto não pensar que ele pudesse amá-la suficientemente para lhe ser fiel! Frédéric, esquecendo as suas tentativas junto da outra, achava aquela autorização ultrajante.

Depois, ela pediu-lhe que fosse de vez em quando, “à casa dessa mulher”,

para saber como iam as coisas.

Arnoux apareceu e, passados cinco minutos, queria arrastá-lo à casa de Rosanette.

A situação estava se tornando intolerável.

Veio distraí-lo dessas preocupações uma carta do notário, o qual anunciava que lhe enviaria quinze mil francos no dia seguinte; e, para compensar a negligência que tivera com Deslauriers, foi imediatamente comunicar-lhe esta boa notícia.

O advogado morava na Rua des Trois-Maries[4], no quinto andar, num apartamento dos fundos. O seu gabinete era um cubículo ladrilhado e frio, forrado de papel acinzentado, e tinha como principal decoração uma medalha de ouro, o seu prêmio de doutoramento, num caixilho de ébano, encostada ao vidro. Uma estante de mogno, envidraçada, encerrava uns cem volumes. A escrivaninha, coberta de carneira, estava colocada no meio da sala. Quatro velhas poltronas forradas de veludo verde ocupavam os cantos; alguns cavacos ardiam na lareira, na qual havia sempre um feixe de madeira, pronto a acender mal tocasse a campainha. Era a hora de ele receber os clientes; o advogado estava de gravata branca.

Ao anúncio dos quinze mil francos (certamente já não os esperava) deu uma risadinha de prazer.

— Excelente, meu velho, excelente, ótima coisa!

Pôs mais lenha no fogo, tornou a sentar-se, e começou imediatamente a falar do Jornal. A primeira coisa a fazer era ver-se livre de Hussonnet.

— Esse cretino irrita-me! Quanto a servir uma opinião, o mais justo é, em meu entender, não ter nenhuma!

Frédéric pareceu estranhar.

— Mas certamente! Já é tempo de se tratar a Política cientificamente. Os velhos do século XVIII começavam a fazê-lo, quando Rousseau e os literatos introduziram nela a filantropia, a poesia e outras lorotas, para maior alegria dos católicos; aliança natural, aliás, pois todos os reformadores modernos (posso prová-lo) acreditam na Revelação. Mas, se nos pomos a dizer missas pela Polônia, se, em vez do Deus dos dominicanos, que era um carrasco, pomos o deus dos românticos, que era um tapeceiro; se, finalmente, não temos uma concepção do Absoluto mais larga do que a dos nossos antepassados, a monarquia reaparecerá sob as formas republicanas, e o barrete frígio ficará reduzido a um solidéu sacerdotal! Apenas a tortura terá dado lugar ao regime celular, o sacrilégio ao ultraje à Religião, a Santa Aliança ao concerto europeu; e,

nesta bela ordem tão admirada, formada pelos resíduos de Luís XIV e pelas ruínas voltairianas, com um reboco imperial por cima e fragmentos de constituição inglesa, veremos os conselhos municipais procurando vexar o prefeito, os conselhos gerais vexar o governador, as câmaras vexar o rei, a imprensa vexar o poder, a administração vexar toda a gente! Mas as boas almas extasiam-se perante o Código Civil, obra fabricada, digam o que disserem, com um espírito mesquinho, tirânico; porque o legislador, em vez de fazer o que lhe cumpria, e que era regularizar o costume, pretendeu modelar a sociedade como Licurgo! Por que oprime a lei o pai de família em matéria de testamento? Por que dificulta ela a venda forçada dos imóveis? Por que pune, como delito, a vagabundagem, que nem sequer devia ser considerada contravenção? E há outras coisas! Conheço-as muito bem! Por isso é que vou escrever um pequeno romance, intitulado *Histoire de l'idée de justice*, que vai ser engraçado! Mas estou com uma sede terrível! E tu?

Debruçou-se da janela, e gritou para o porteiro que fosse buscar grogues à taberna.

— Em resumo, vejo três partidos... não! Três grupos, nenhum dos quais me interessa: aqueles que têm, aqueles que deixaram de ter e aqueles que procuram ter. Mas todos se harmonizam na idolatria imbecil da Autoridade! Exemplos: Mably recomenda que seja proibido aos filósofos darem publicidade às doutrinas deles; o Senhor Wronski, geômetra, chama à censura, na sua linguagem, "repressão crítica da espontaneidade especulativa"; o velho Enfantin[5] abençoa os Habsburgos "por terem estendido por cima dos Alpes uma mão pesada para comprimir a Itália"; Pierre Leroux[6] pretende que sejamos obrigados a escutar um orador, e Louis Blanc inclina-se para uma religião de Estado, a tal ponto este povo de vassalos tem a obsessão do governo! Todavia, nenhum é legítimo, apesar dos seus sempiternos princípios. Mas, como "princípio" significa "origem", é necessário apelar sempre para uma revolução, um ato de violência, um fato transitório. Desse modo, o princípio do nosso é a soberania nacional, compreendida na forma parlamentar, embora o parlamento não o admita! Mas por que seria a soberania do povo mais sagrada do que o direito divino? Ambos não passam de ficções! Basta de metafísica, basta de fantasmas! Não se precisa de dogmas para varrer as ruas! Dirão que isso é deitar por terra a sociedade! E se assim for? Onde estará o mal? É limpa, com efeito, a tua sociedade!

Frédéric teria muitas objeções a fazer-lhe. Mas, vendo que ele se afastava das teorias de Sénécal, sentia-se cheio de indulgência. Limitou-se a fazer-lhe notar que tal sistema os tornaria odiados por toda a gente.

— Pelo contrário, como teremos dado a cada partido uma garantia de ódio contra o vizinho, todos contarão conosco. Tens de trabalhar também, fornecendo-nos crítica transcendente!

Era necessário atacar as ideias feitas, a Academia, a Escola Normal, o Conservatório, a Comédie-Française, tudo o que fosse instituição. Desse modo, dariam uma doutrina de conjunto à Revista. Depois, quando ela estivesse bem firmada, a publicação tornar-se-ia quotidiana; e então passariam a atacar as pessoas.

— E seremos respeitados, podes estar certo!

Deslauriers via prestes a realizar-se o seu velho sonho: ser chefe de redação, isto é, ter a inexprimível felicidade de dirigir os outros, de cortar os artigos, à vontade, de os encomendar, de os recusar. Os seus olhos faiscavam por trás dos óculos, exaltava-se, bebendo copinhos sucessivos, maquinalmente.

— Terás que dar um jantar todas as semanas. É indispensável, nem que isso custe metade dos teus rendimentos! Toda a gente há de querer vir, será um centro para os outros, e para ti uma alavanca; manejando a opinião pública pelos dois extremos, a literatura e a política, vais ver que antes de três meses estaremos no galarim de Paris.

Frédéric, ao ouvi-lo, sentia-se rejuvenescer, como um homem que, depois de estar longo tempo fechado num quarto, fosse transportado para o ar livre. O entusiasmo de Deslauriers contagiava-o.

— É certo, tenho sido um preguiçoso, um imbecil, tu tens razão!

— Ora, ainda bem! — exclamou Deslauriers; — voltas a ser o meu velho Frédéric!

E, pondo-lhe o punho debaixo do queixo:

— Ah! Fizeste-me sofrer. Mas não importa! Gosto de ti do mesmo modo.

Estavam de pé, olhando um para o outro, prestes a abraçarem-se.

Uma touca de mulher surgiu na porta do vestíbulo.

— Que te traz por aqui? — disse Deslauriers.

Era a Senhorita Clémence, sua amante.

Ela disse que, tendo passado diante da casa ocasionalmente, não pudera resistir ao desejo de o ver; e, para fazerem juntos uma pequena refeição, trouxera uns pastéis, que pousou na mesa.

— Cuidado com os meus papéis! — disse o advogado com azedume. — Aliás, é a terceira vez que te proíbo que me venhas visitar às horas de consulta.

Ela quis beijá-lo.

— Bom! Vai-te embora, vamos!

Repelia-a, e ela soltou um profundo soluço.

— Ah, estás me aborrecendo, afinal!

— É porque gosto de ti!

— Eu não quero que me amem, mas que me sirvam!

A dureza da resposta estancou as lágrimas de Clémence. Pôs-se diante da janela, e ficou imóvel, com a testa encostada à vidraça.

Essa atitude e esse mutismo impacientavam Deslauriers.

— Quando acabares, farás o favor de te pores a fresco!

Ela voltou-se, num sobressalto.

— Estás me mandando embora?

— Exatamente!

Clémence pousou nele os grandes olhos azuis, sem dúvida numa derradeira imploração, depois cruzou as duas pontas do lenço, esperou ainda uns instantes, e foi-se embora.

— Não devias deixá-la ir assim — disse Frédéric.

— Ora!

E, como tinha precisão de sair, Deslauriers foi à cozinha, que era o seu quarto de vestir. Em cima da pia, junto de um par de botas, viam-se os restos de um modesto almoço, e no chão, a um canto, um colchão e um cobertor enrolados.

— Como vês, não costumo receber marquesas! — disse ele. — É fácil passar sem elas, deixa lá! E sem as outras também. As que não nos custam dinheiro tiram-nos tempo; é dinheiro sob outra forma; e eu não sou rico! E depois, são todas tão estúpidas, tão estúpidas! Tu consegues conversar com uma mulher?

Separaram-se na esquina do Pont-Neuf.

— Então, está combinado! Trazes-me a coisa amanhã, logo que a tenhas recebido.

— Combinado! — disse Frédéric.

No dia seguinte, ao despertar[7], recebeu pelo correio uma ordem de pagamento de quinze mil francos.

Via, naquele pedaço de papel, quinze gordos sacos de dinheiro; e pensou que, com tal quantia, poderia não só conservar a carruagem durante três anos, em vez de se desfazer dela, medida a que, em breve, seria obrigado, mas também comprar duas belas armaduras adamascadas que tinha visto no cais Voltaire, e além disso uma porção de coisas, pinturas, livros, e quantos ramos de flores, quantos presentes para a Senhora Arnoux! Tudo, em suma, valia mais do que arriscar, do que perder tanto dinheiro naquele jornal! Achava Deslauriers

presunçoso, e a dureza que ele mostrara na véspera esfriara a amizade que lhe tinha: Frédéric estava nesse estado de espírito quando, com grande surpresa sua, Arnoux entrou, sentando-se pesadamente na beira da cama, como um homem acabrunhado.

— Que aconteceu?

— Estou perdido!

Tinha de pagar, nesse mesmo dia, no cartório Beauminet, notário da Rua Sainte-Anne, dezoito mil francos que lhe emprestara um tal Vanneroy.

— É um desastre inexplicável! Apesar de eu lhe ter dado uma hipoteca que o devia deixar tranquilo, ameaça-me com uma execução, se não lhe pagar hoje mesmo, esta tarde!

— E então?

— Então, é muito simples! Vai pôr em praça o meu imóvel! O primeiro anúncio será a minha ruína, nem mais nem menos! Ah! Se eu encontrasse alguém que me pudesse emprestar essa maldita quantia, tomava o lugar de Vanneroy e eu estava salvo! Você, por acaso, não a terá?

A ordem de pagamento ficara em cima da mesinha de cabeceira, junto de um livro. Frédéric ergueu o volume e pousou-o em cima dela, enquanto dizia:

— Meu Deus, não tenho, meu caro amigo!

Mas custava-lhe dizer não a Arnoux.

— Mas como é possível que não encontre ninguém que queira?....

— Ninguém? E pensar que dentro de oito dias terei receitas! Devem-me coisa de uns... cinquenta mil francos para o fim do mês!

— Não poderia pedir às pessoas que lhe devem para lhe adiantarem?...

— Quem dera!

— Mas não possui qualquer valor, letras?

— Nada!

— Que fazer? — disse Frédéric.

— É o que eu pergunto a mim mesmo — retorquiu Arnoux.

Calou-se, e pôs-se a andar de um lado para o outro.

— Não é por minha causa, meu Deus! Mas por causa dos meus filhos, da minha pobre mulher!

E prosseguiu, acentuando cada palavra:

— Enfim... serei forte... pego nas minhas coisas... e vou tentar a sorte... não sei onde!

— Impossível! — exclamou Frédéric.

Arnoux replicou, com toda a calma:

— Como posso eu viver em Paris, agora?

Houve um longo silêncio.

Frédéric começou a dizer:

— Quando poderia devolver esse dinheiro?

Não era que o tivesse; pelo contrário! Mas nada o impedia de procurar amigos, de fazer uma tentativa. E chamou o criado para vesti-lo, enquanto Arnoux lhe agradecia.

— São dezoito mil francos que precisa, não é assim?

— Oh! Dezesseis mil chegavam! Porque arranjarei facilmente dois mil e quinhentos ou três mil com as minhas pratas, caso Vanneroy espere até amanhã; e, repito, pode garantir, pode jurar a quem o emprestar, que dentro de oito dias, talvez mesmo dentro de cinco ou seis, o dinheiro será reembolsado. Aliás, ficará garantido pela hipoteca. Assim, não há perigo, compreende?

Frédéric disse que compreendia, e que ia sair imediatamente.

Ficou em casa, amaldiçoando Deslauriers, pois queria manter a sua palavra, e ao mesmo tempo servir Arnoux.

“Se eu falasse ao Senhor Dambreuse? Mas a que pretexto lhe vou pedir dinheiro? Era eu, pelo contrário, quem teria de lho dar, pelas ações do carvão! Ah! Que vá para o diabo mais as suas ações! Não lhe devo nada!”

E Frédéric sentia-se feliz com a sua independência, como se tivesse recusado um pedido do Senhor Dambreuse.

“Pois bem, dizia ele de si para si, visto que tenho um prejuízo desse lado, pois poderia, com quinze mil francos, ganhar cem mil! Às vezes isso acontece, na Bolsa... Portanto, se falto a um, não estarei livre?... Aliás, não faz mal que Deslauriers espere! Mas não, isso é feio, vamos lá!”

Olhou para o relógio.

“Ah! Não tem pressa nenhuma! O Banco só fecha às cinco horas.”

E, às quatro e meia, depois de receber o dinheiro:

“Agora, não vale a pena! Já não o encontrava; irei lá esta noite!” — dando-se assim tempo para modificar a sua decisão, porque fica sempre na consciência qualquer coisa dos sofismas que nela instilamos; ela conserva-lhes o sabor amargo, como a bebida de má qualidade.

Passeou pelos bulevares, e jantou sozinho no restaurante. Depois foi assistir a um ato, no Vaudeville, para se distrair. Mas o dinheiro que tinha consigo incomodava-o como se o tivesse roubado. Não lhe desagradaria nada se o perdesse.

Ao voltar para casa, encontrou uma carta com estas palavras:

“Que há de novo?

“Minha mulher e eu esperamos confiados que, etc.

“Todo seu”.

Seguia-se uma rubrica.

“Sua mulher! Ela também me pede!”, disse Frédéric de si para si.

Nesse mesmo instante, surgiu Arnoux, para saber se ele conseguira a quantia.

— Pronto, aqui está — disse Frédéric.

E, vinte e quatro horas depois, respondia a Deslauriers:

— Não recebi nada.

O advogado voltou nos três dias seguintes. Insistia para ele escrever ao notário. Ofereceu-se até para ir ao Havre.

— Não! Não é preciso! Eu mesmo vou lá!

No fim da semana, Frédéric pediu timidamente a Arnoux os quinze mil francos.

Arnoux prometeu-os para o dia seguinte, depois para o outro. Frédéric só se atrevia a sair noite fechada, receando ser surpreendido por Deslauriers.

Uma noite, foi de encontro a alguém na esquina da Madeleine. Era ele.

— Vou buscá-los — disse.

E Deslauriers acompanhou-o até a porta de uma casa, no *faubourg* Poissonnière.

— Espera aqui!

Deslauriers ficou à espera. Finalmente, passados quarenta e três minutos, Frédéric saiu com Arnoux, e fez-lhe sinal para se pacientar ainda um pouco. O fabricante de louça e o seu companheiro subiram, de braço dado, a Rua Hauteville, e se meteram depois pela Rua Chabrol.

Era uma noite escura, com rajadas de vento tépido. Arnoux caminhava lentamente, falando das Galerias do Comércio: uma série de passagens que iriam do Bulevar Saint-Denis ao Châtelet, uma especulação formidável, em que estava com grande vontade de se meter; e parava de vez em quando, para ver pelas vidraças dos estabelecimentos o rosto das costureiras, e depois voltava ao seu discurso.

Frédéric escutava os passos de Deslauriers atrás dele, como uma censura, como se lhe repercutissem na consciência. Mas não se atrevia a reclamar, por falsa vergonha, receando que fosse inútil. O outro aproximava-se. Decidiu-se.

Arnoux, com a maior sem-cerimônia, disse que as suas cobranças tinham falhado, e que nesse momento não lhe podia devolver os quinze mil francos.

— Não lhe estão fazendo falta, espero?

Nesse momento, Deslauriers abordou Frédéric, e chamando-o à parte:

— Fala com franqueza, tens o dinheiro ou não?

— Realmente, não tenho! — disse Frédéric. — Perdi-o!

— Ah! Mas como?

— No jogo!

Deslauriers não disse uma palavra; fez uma grande vênia, e foi-se embora. Arnoux aproveitara a ocasião para acender um charuto numa tabacaria. Ao voltar, perguntou quem era aquele jovem.

— Nada! Um amigo!

E, três minutos depois, diante da porta de Rosanette:

— Suba — disse Arnoux. — Ela ficará contente. Você anda agora tão arredio!

Um revérbero, em frente, iluminava-o; e, com o charuto entre os dentes brancos e aquele ar feliz, tinha algo de intolerável.

— Ah! A propósito, o meu notário foi esta manhã falar com o seu, por causa da inscrição daquela hipoteca. Foi minha mulher que mo lembrou.

— Mulher de cabeça no lugar! — retorquiu maquinalmente Frédéric.

— Sem dúvida!

E Arnoux recomeçou o elogio dela. Não havia outra, como espírito, coração, economia; e acrescentou em voz baixa, esbugalhando os olhos:

— E que corpo de mulher!

— Adeus! — disse Frédéric.

Arnoux fez um movimento.

— Como! Por quê?

E, de mão meio estendida para ele, examinava-o, desconcertado pela cólera que lhe via no rosto.

Frédéric replicou, secamente:

— Adeus!

Desceu a Rua de Bréda como uma pedra que despenha, furioso contra Arnoux, jurando nunca mais o ver, nem tampouco a ela, magoado, desolado. Em vez da ruptura com que contava, eis que o outro, pelo contrário, se punha a adorá-la completamente, da ponta dos cabelos até o fundo da alma. A vulgaridade daquele homem exasperava Frédéric. Tudo era para ele! Encontrava-o no limiar da cortesã; e a mortificação de um rompimento acrescentava-se à raiva da sua impotência[8]. Aliás, a honestidade de Arnoux, oferecendo garantias pelo seu dinheiro, humilhava-o; tinha vontade de o estrangular; e, acima do seu desgosto, planava-lhe na consciência, como uma névoa, o sentimento da traição

ao amigo. Estava à beira das lágrimas.

Deslauriers descia a Rua des Martyrs, praguejando de indignação, em voz alta, porque o seu projeto, como um obelisco deitado ao chão, lhe parecia agora de uma altura imensa. Sentia-se roubado, como se tivesse sofrido uma grande perda. A sua amizade por Frédéric estava morta, e sentia-se alegre com isso; era uma compensação! Dominava-o o ódio contra os ricos. Pôs-se a pensar que Sénécal tinha razão, e prometeu a si próprio apoiar as ideias dele.

Entretanto, Arnoux, comodamente instalado numa poltrona, junto da lareira, bebia uma xícara de chá, com a Marechala sentada no colo.

Frédéric não voltou à casa deles; e, para distrair-se da sua calamitosa paixão, lançou mão do primeiro assunto de que se lembrou, e decidiu escrever uma História do Renascimento. Amontoou sobre a mesa de trabalho os humanistas, os filósofos e os poetas; ia ao museu, ver as gravuras de Marc-Antoine; procurava entender Maquiavel. A pouco e pouco, a serenidade do trabalho trouxe-lhe sossego. Perdendo-se na personalidade dos outros, esqueceu a sua, o que é a única maneira de não sofrer.

Um dia em que estava tomando notas, tranquilamente, a porta abriu-se e o criado anunciou a Senhora Arnoux.[9]

Era realmente ela! Sozinha? Não! Trazia pela mão o filho, e atrás vinha a criada, de avental branco. Ela sentou-se; e, depois de tossir.

— Há quanto tempo não vem a nossa casa!

Como Frédéric não soubesse como se desculpar, ela acrescentou:

— É muito delicado da sua parte!

Ele retorquiu:

— Delicado por quê?

— Depois do que fez por Arnoux! — disse ela.

Frédéric fez um gesto, como quem diz: “Quero lá saber disso! Foi por sua causa!”.

Ela mandou a criança brincar com a criada, no salão. Trocaram duas ou três frases a respeito da saúde, e a conversa caiu.

Seu vestido era de seda marrom, cor de vinho da Espanha, com um paletó de veludo preto, debruado de marta, que dava vontade de passar as mãos, e os seus compridos bandós, muito lisos, atraíam os lábios. Mas alguma emoção a perturbava, porque disse, voltando os olhos em direção à porta:

— Está um pouco quente, aqui dentro!

Frédéric adivinhou a intenção prudente do olhar dela.

— Perdão! Os dois batentes estão apenas encostados!

— Ah! É verdade!

E sorriu, como se dissesse: “Não receio nada”.

Frédéric perguntou-lhe imediatamente a que devia a visita dela.

— Meu marido — disse ela com esforço — pediu-me que viesse à sua casa, não se atrevendo a vir ele próprio.

— Mas por quê?

— Dá-se com o Senhor Dambreuse, não é verdade?

— Sim, um pouco!

— Ah, um pouco.

E ficou calada.

— Não tem importância! Continue.

Então ela contou que, na antevéspera, Arnoux não tinha podido pagar quatro letras de mil francos, sacadas pelo banqueiro, e avalizadas por ela. Arrependia-se de ter comprometido a fortuna dos filhos. Mas tudo era melhor do que a desonra; e se o Senhor Dambreuse suspendesse o protesto, não tardaria a receber o dinheiro, porque ela ia vender uma casinha que possuía em Chartres.

— Pobre mulher! — murmurou Frédéric. — Vou procurá-lo, pode contar comigo.

— Obrigada!

E ergueu-se para se ir embora.

— Oh! Não vá embora já!

Ela ficou de pé, examinando o troféu de flechas mongóis pendurado do teto, a estante, as encadernações, todos os utensílios para escrever, ergueu o recipiente de bronze para as penas; os seus saltos assentaram em diversos pontos do tapete. Tinha vindo algumas vezes à casa de Frédéric, mas sempre com Arnoux. Agora, estavam a sós — sós, na própria casa dele — era um acontecimento extraordinário, quase uma aventura.

Quis ver o jardinzinho; ele deu-lhe o braço para lhe mostrar os seus domínios, trinta pés de terreno, rodeado de casas, com arbustos nos cantos e um canteiro ao centro.

Era nos primeiros dias de abril. As folhas dos lilases começavam a despontar, respirava-se um ar puro; os passarinhos chilreavam, e o seu canto alternava com o ruído distante de uma forja de segeiro.

Frédéric foi buscar a pá da lareira; e, enquanto eles passeavam lado a lado, a criança fazia montes de areia na aleia.

A Senhora Arnoux achava que o filho não viria a ter uma grande imaginação, mas era carinhoso. A irmã, pelo contrário, era seca por natureza, o que por vezes

a fazia sofrer.

— Há de mudar — disse Frédéric. — Nunca se deve desesperar.

Ela replicou:

— Nunca se deve desesperar!

Aquela repetição maquinal da sua frase pareceu-lhe uma espécie de estímulo; colheu uma rosa, a única do jardim.

— Lembra-se... de um certo ramo de rosas, uma noite, na carruagem?

Ela corou levemente; e, com ar de compaixão trocista:

— Ah! Como eu era jovem!

— E esta — prosseguiu Frédéric em voz baixa — terá a mesma sorte das outras?

Ela respondeu, enquanto fazia girar a haste da flor entre os dedos, como se fosse um fuso:

— Não! Guardá-la-ei!

Fez um gesto, chamando a criada, que pôs a criança no colo; depois, no limiar, na rua, a Senhora Arnoux aspirou a flor, inclinando a cabeça sobre o ombro, com um olhar suave como um beijo.

Quando voltou ao gabinete de trabalho, Frédéric contemplou a poltrona em que ela se sentara e todos os objetos em que tinha tocado. Qualquer coisa dela pairava no ar. A carícia da sua presença durava ainda.

“Ela esteve aqui!”, dizia Frédéric de si para si.

E sentia-se embalado nas vagas de uma ternura infinita.

No dia seguinte, às onze horas, procurou o Senhor Dambreuse. Foi recebido na sala de jantar. O banqueiro almoçava em frente da mulher. Ao lado dela estava a sobrinha, e do outro a preceptora, uma inglesa toda marcada de bexigas.

O Senhor Dambreuse convidou o jovem amigo para almoçar, e, como ele recusasse:

— Em que posso ser-lhe útil? Sou todo ouvidos.

Frédéric confessou, afetando um ar indiferente, que vinha fazer um pedido em favor de um certo Arnoux.

— Ah! Ah! O antigo negociante de quadros — disse o banqueiro, descobrindo as gengivas num riso mudo. — Oudry era fiador dele, mas desavieram-se.

E pôs-se a ver as cartas e os jornais pousados a seu lado.

Dois criados serviam silenciosamente à mesa; e a altura da sala, que tinha três reposteiros e duas pias de mármore branco, o metal polido dos rescaldos, a disposição dos *hors-d’oeuvre*, e até o engomado dos guardanapos, todo aquele

bem-estar luxuoso fazia, no espírito de Frédéric, contraste com outro almoço, em casa de Arnoux. Não se atrevia a interromper o Senhor Dambreuse.

A Senhora Dambreuse notou-lhe o embaraço.

— Costuma ver o nosso amigo Martinon?

— Ele vem cá esta noite — disse com vivacidade a sobrinha.

— Ah! Tu sabias? — replicou a Senhora Dambreuse, lançando-lhe um olhar frio.

Um dos criados inclinou-se-lhe ao ouvido, e ela disse:

— É a tua costureira, minha filha!... Miss John!

E a preceptora, obediente, desapareceu com a aluna.

O Senhor Dambreuse, despertado pelo arrastar das cadeiras, perguntou de que se tratava.

— É a Senhora Regimbart.

— É curioso! Regimbart! Esse nome não me é estranho! Já vi essa assinatura.

Frédéric atacou finalmente a questão: Arnoux merecia que se interessassem por ele; ia até, com o único fim de satisfazer os compromissos, vender uma casa da mulher.

— Dizem que ela é muito bonita — observou a Senhora Dambreuse.

O banqueiro acrescentou, com ar malicioso:

— Você conhece-os... intimamente?

Frédéric, fugindo à resposta, disse que lhe ficaria muito grato se ele tomasse em consideração...

— Pois bem, visto que isso lhe dá prazer, seja! Esperaremos! Ainda tenho tempo. Quer descer até meu escritório?

O almoço terminara; a Senhora Dambreuse inclinou-se ligeiramente, com um sorriso singular, que era ao mesmo tempo cortês e irônico; Frédéric não teve tempo de refletir no seu significado, porque o Senhor Dambreuse, logo que se viram sós, disse:

— Não veio buscar as suas ações.

E sem lhe dar tempo a que se desculpasse:

— Bom! Bom! É justo que conheça o negócio um pouco melhor.

Ofereceu-lhe um cigarro, e pôs-se a falar.

A União Geral das Hulhas Francesas achava-se constituída; apenas faltava o alvará. Por si só, a fusão diminuía as despesas de vigilância e mão de obra e aumentava os lucros. Além disso, a Sociedade concebera uma coisa nova, que era associar os operários à empresa. Construiria casas para eles, habitações

salubres; finalmente, seria a fornecedora dos próprios empregados, que receberiam tudo ao preço do custo.

— E eles ganharão, meu caro amigo; eis um autêntico progresso; é a resposta vitoriosa a certo palavreado oco dos republicanos! Temos no nosso conselho de administração — e exibia o prospecto — um par de França, um sábio do Instituto, um oficial superior de Engenharia reformado, nomes conhecidos! Semelhantes elementos dão confiança aos capitais desconfiados e atraem os capitais inteligentes! — A Companhia contaria com as encomendas do Estado, e além disso com as estradas de ferro, a navegação a vapor, os estabelecimentos metalúrgicos, o gás, as cozinhas burguesas. — E assim, aquecemos, iluminamos, penetramos até o fundo dos mais humildes lares. Mas como, poderá perguntar-me, garantimos nós a venda? Graças a direitos protetores, meu caro amigo, e havemos de os conseguir; isto é conosco! Pela minha parte, sou francamente protecionista! O País acima de tudo! — Tinham-no feito diretor; mas faltava-lhe tempo para se ocupar de certos pormenores, entre outros, da redação. — Já confundo um pouco meus autores, esqueci o meu grego! Precisaria de alguém... que pudesse traduzir as minhas ideias. — E, de repente: — Não quer ser esse homem, com o título de secretário-geral?

Frédéric não sabia que responder.

— Então, que o impede de aceitar?

As suas funções limitar-se-iam a escrever, todos os anos, um relatório para os acionistas. Estaria em relações quotidianas com os homens mais importantes de Paris. Representando a Companhia junto dos operários, far-se-ia, naturalmente, adorar por eles, o que lhe permitiria, mais tarde, abrir caminho para o Conselho Geral, para a deputação.

Frédéric sentia campainhas nos ouvidos. De onde vinha aquele interesse por ele? E desfez-se em agradecimentos.

Mas era necessário, disse o banqueiro, que não ficasse na dependência de ninguém. A melhor maneira era ficar com ações, “colocação soberba, aliás, porque o seu capital lhe garante a posição, assim como a posição lhe garante o capital”.

— Mais ou menos, quanto seria necessário? — indagou Frédéric.

— Meu Deus! Quanto quiser; calculo que entre quarenta e sessenta mil francos.

A quantia era tão insignificante para o Senhor Dambreuse, e tamanha a sua autoridade, que Frédéric se decidiu imediatamente a vender uma propriedade. Aceitava. O Senhor Dambreuse fixaria um encontro para daí a alguns dias, a fim

de terminarem as combinações.

— Então, posso dizer a Jacques Arnoux?...

— Tudo o que quiser! Pobre rapaz! Tudo o que quiser!

Frédéric escreveu aos Arnoux que podiam ficar tranquilos, e mandou a carta pelo criado, ao qual Arnoux, o negociante, disse:

— Muito bem!

Todavia, a sua intervenção merecia alguma coisa mais. Esperava uma visita, pelo menos uma carta. Não recebeu a visita. Nenhuma carta veio.

Seria esquecimento da parte deles, ou intenção? Como a Senhora Arnoux o visitara uma vez, o que a impedia de voltar? A espécie de subentendido, de confissão, que ela lhe fizera, seria então, apenas, uma manobra executada por interesse? “Terão estado a rir-se de mim? Ela será cúmplice?” Uma espécie de pudor, apesar da vontade que sentia, impediu-o de voltar à casa deles.

Uma manhã (três semanas depois da sua visita), o Senhor Dambreuse escreveu-lhe, dizendo-lhe que o esperava nesse mesmo dia, dentro de uma hora.

A caminho, o seu pensamento voltou aos Arnoux; e, não descobrindo motivo para a maneira como estavam a conduzir-se, sentiu uma angústia, um pressentimento fúnebre. Para ver-se livre dele, chamou um cabriolé e mandou seguir para a Rua Paradis.

Arnoux estava de viagem.

— E a senhora?

— Está no campo, na fábrica!

Quando volta o Senhor Arnoux?

— Amanhã sem falta!

Iria encontrá-la só; era o momento. Uma voz imperiosa gritava-lhe na consciência: “Vai!”

Mas o Senhor Dambreuse? “Paciência, que se há de fazer! Direi que estava doente.” Correu à estação; depois, no vagão: “Fiz mal, talvez? Ora, que importa!”

À direita e à esquerda estendiam-se planícies verdejantes; o trem rolava; as pequenas casas das estações deslizavam como se fossem cenários, e a fumaça da locomotiva lançava sempre do mesmo lado os seus grossos fiapos, que dançavam sobre a erva durante algum tempo, antes de se dissiparem.

Frédéric, sozinho no seu banco, olhava tudo aquilo, por aborrecimento, mergulhado naquele langor que dá o próprio excesso de impaciência. Mas surgiram guindastes, armazéns. Era Creil.

A cidade, construída na vertente de duas colinas baixas (uma das quais nua, e

a outra coroada por um bosque), com a torre da igreja, as casas desiguais e a ponte de pedra, parecia-lhe ter algo de alegre, discreto e bom. Um grande barco chato descia ao sabor da água, que batia no casco, fustigada pelo vento; galinhas, junto do cruzeiro, esgaravatavam na palha; passou uma mulher, com roupa molhada à cabeça.

Transposta a ponte, achou-se numa ilha; à direita viam-se as ruínas de um convento. Um moinho girava, barrando a toda largura o segundo braço do Oise, à margem do qual se encontra a manufatura. As proporções deste edifício impressionaram Frédéric, que sentiu mais respeito por Arnoux. Três passos adiante, entrou numa viela, fechada ao fundo por uma grade.

Ia entrando, quando a porteira o chamou, gritando-lhe:

— Tem licença?

— Para quê?

— Para visitar a manufatura!

Frédéric respondeu, com secura, que vinha procurar o Senhor Arnoux.

— Que Arnoux?

— Mas o dono, o patrão, o proprietário, em suma!

— Não, meu caro senhor, aqui é a fábrica dos Senhores Leboeuf e Milliet!

Certamente, a boa mulher estava gracejando. Chegavam operários; abordou dois ou três; todos deram a mesma resposta.

Frédéric saiu do pátio, cambaleando como um bêbado; tinha um ar tão desorientado que, na Ponte de la Boucherie, um burguês que fumava o seu cachimbo lhe perguntou se procurava alguma coisa. Esse conhecia a manufatura de Arnoux. Ficava em Montataire.

Frédéric procurou uma carruagem, mas só havia na estação. Voltou lá. Uma caleche desconjuntada, puxada por um cavalo velho cujos arreios descosidos pendiam por entre os varais, estacionava diante da sala das bagagens, solitária.

Um garoto ofereceu-se para descobrir o “tio Pilon”. Passados dez minutos voltou: o tio Pilon estava almoçando. Frédéric, impaciente, resolveu ir a pé. Mas a barreira estava fechada. Teve de esperar a passagem de dois trens. Finalmente, precipitou-se através dos campos.

A monotonia da verdura lembrava um enorme bilhar. Dos dois lados da estrada, estendiam-se montes de escórias de ferro, como se fosse cascalho. Um pouco mais adiante, sucediam-se chaminés de fábricas, fumegantes. À sua frente, no alto de uma colina arredondada, erguia-se um pequeno castelo com torreões, e distinguia-se o campanário quadrangular de uma igreja. Mais abaixo, longos muros formavam uma linha irregular por entre as árvores; e, ao fundo,

espalhavam-se as casas da aldeia.

Eram casas de um só andar, com escadas de três degraus, feitas de blocos sem argamassa. Ouvia-se, a intervalos, a campainha da porta de uma confeitaria. Passos pesados enterravam-se na lama negra, e caía uma chuva fina tracejando o céu pálido.

Frédéric seguia pelo meio da estrada; acabou por encontrar, à entrada de um caminho, um grande arco de madeira no qual se lia, em letras de ouro: LOUÇAS[10].

Não fora sem motivo que Arnoux escolhera a vizinhança de Creil; instalando a sua fábrica o mais perto possível da outra (de nome firmado havia muito) provocava entre o público uma confusão favorável aos seus interesses.

O edifício principal ficava junto à margem de um rio que atravessava os prados. A casa de moradia, rodeada por um jardim, distinguia-se pela escadaria, ornada com quatro vasos, em que se eriçavam cactos. Montículos de terra esbranquiçada secavam debaixo de alpendres; viam-se outros ao ar livre; e, no meio do pátio, achava-se Sénécal, com o seu eterno paletó azul de forro vermelho.

O antigo explicador estendeu-lhe a mão fria.

— Queria ver o patrão? Ele não está.

Frédéric, desconcertado, respondeu estupidamente:

— Bem sei. — Mas, arrependendo-se logo: — É por causa de um assunto que diz respeito à Senhora Arnoux. Ela poderá receber-me?

— Não sei! Há três dias que não a vejo — disse Sénécal.

E pôs-se a desfiar um rosário de queixas. Ao aceitar as condições do fabricante, era na intenção de ficar em Paris, e não de se vir enterrar na aldeia, longe dos amigos, privado de jornais. Mas, paciência! Resignara-se. Todavia, Arnoux parecia não dar a menor importância aos seus méritos. Aliás, era um sujeito de vistas curtas, retrógrado, ignorante como ninguém. Em vez de procurar aperfeiçoamentos artísticos, antes tivesse instalado fornos a carvão e a gás. O homem estava “se enterrando”; e Sénécal acentuou a palavra. Em suma, as suas atuais ocupações não lhe agradavam; e quase intimou Frédéric a falar em seu favor, para lhe aumentarem o ordenado.

— Pode estar descansado! — disse o outro.

Não encontrou ninguém nas escadas. No primeiro andar, deu uma olhadela num compartimento vazio; era o salão. Chamou, muito alto. Ninguém respondeu; certamente, a cozinheira tinha saído, a criada também; por fim, tendo chegado ao segundo andar, empurrou uma porta. A Senhora Arnoux estava só,

diante de um armário de espelho. O cinto do chambre entreaberto pendia ao longo dos quadris. O cabelo, inteiramente solto de um lado, caía-lhe como uma onda negra sobre o ombro direito; tinha os dois braços erguidos, retendo com uma das mãos o coque, enquanto, com a outra, espetava-lhe um grampo. Deu um grito, e fugiu.

Depois voltou, corretamente vestida. O busto, os olhos, o roçagar do vestido, tudo o encantou. Frédéric continha-se para não a cobrir de beijos.

— Desculpe-me — disse ela — mas eu não podia...

Ele teve a ousadia de a interromper:

— Contudo... estava muito bem... ainda agora.

Certamente ela achou o galanteio um pouco grosseiro, porque corou. Frédéric receou tê-la ofendido. Ela continuou:

— Que bons ventos o trazem?

Ele não soube que responder; e, depois de um risinho que lhe deu tempo para refletir:

— Se eu lhe dissesse, acreditaria?

— Por que não?

Frédéric contou que tinha tido, numa das últimas noites, um sonho horrível.

— Sonhei com a senhora: vi-a gravemente doente, às portas da morte.

— Oh! Nem eu nem meu marido nunca estamos doentes!

— Foi só com a senhora que sonhei — disse ele.

Ela fitou-o calmamente.

— Os sonhos nem sempre se realizam.

Frédéric balbuciou, procurou as palavras, e lançou-se numa grande tirada sobre a afinidade das almas. Existia uma força capaz de pôr em contato, através dos espaços, duas pessoas, avisá-las do que sentem e fazer com que se juntem.

Ela escutava-o de cabeça inclinada, enquanto sorria com o seu belo sorriso. Ele observava-a disfarçadamente, cheio de alegria, e expandia mais livremente o seu amor sob a facilidade de um lugar-comum. Ela ofereceu-se para lhe mostrar a fábrica; e, como insistisse, Frédéric aceitou.

Para o distrair primeiro com algo divertido, levou-o a uma espécie de museu, que decorava as escadas. Os espécimes pendurados na parede ou pousados em prateleiras atestavam os esforços e as manias sucessivas de Arnoux. Depois de ter procurado o vermelho dos cobres chineses, quisera fazer majólicas, *faenza*, etrusco, oriental, enfim, tentara alguns dos aperfeiçoamentos realizados mais tarde. Assim, podiam ver-se, na série, grandes vasos cobertos de mandarins, tigelas de reflexos avermelhados, vasos adornados de caracteres árabes, jarros no

estilo Renascença e grandes pratos com duas figuras, parecendo desenhados à sanguínea, de maneira delicada e vaporosa. Agora fabricava letras para tabuletas, rótulos para marcas de vinho; mas a sua inteligência não era suficientemente superior para se elevar até a Arte, nem suficientemente burguesa para visar exclusivamente o lucro, de tal maneira que se ia arruinando, sem contentar ninguém. Ambos contemplavam aquelas coisas, quando Marthe passou.

— Não reconheces este senhor? — disse-lhe a mãe.

— Ah! Sim! — replicou ela, cumprimentando-o, no mesmo tempo que o seu olhar, límpido e desconfiado, o seu olhar de virgem, parecia murmurar: “Que vens tu fazer aqui?” e continuou subindo as escadas, de cabeça um pouco de lado.

A Senhora Arnoux conduziu Frédéric ao pátio, depois explicou com ar muito sério como se mói o barro, como se limpa, como se peneira.

— O mais importante é a preparação da pasta.

E fê-lo entrar numa sala cheia de tinas, onde girava pesadamente um eixo vertical munido de braços horizontais. Frédéric estava arrependido por não ter recusado terminantemente o convite, havia pouco.

— São as “patas-chocas” — explicou ela.

Frédéric achou a palavra grotesca e como que indecente, na boca da Senhora Arnoux. Largas correias iam de uma ponta à outra do teto, enrolando-se em tambores, e tudo se agitava sem parar, de maneira matemática, irritante.

Saíram dali e passaram ao lado de uma cabana em ruínas, que servira outrora para guardar instrumentos de jardinagem.

— Já não serve para nada — disse a Senhora Arnoux.

Ele replicou, numa voz trêmula:

— A felicidade poderia caber lá dentro!

O estrondo da bomba a vapor abafou-lhe as palavras, e entraram na oficina de modelagem.

Os operários, sentados a uma mesa estreita, tinham diante de si, sobre um disco giratório, um bolo de barro; com a mão esquerda cavavam o interior, enquanto com a direita acariciavam a superfície, e os vasos tomavam forma, como flores que se abrissem.

A Senhora Arnoux mandou que lhe mostrassem os moldes para os trabalhos mais difíceis.

Noutro compartimento faziam-se os filetes, as molduras côncavas, as linhas salientes. No andar de cima, tiravam-se as excrescências e tapavam-se com gesso os pequenos orifícios deixados pelas operações anteriores.

Em prateleiras, pelos cantos, no meio dos corredores, por toda a parte se amontoavam peças de louças.

Frédéric começava a aborrecer-se.

— Está talvez fatigado? — disse ela.

Receando que isso pusesse termo à visita, Frédéric fingiu, pelo contrário, o maior interesse. Tinha até pena de não se ter dedicado a tal indústria.

Ela pareceu surpreendida.

— Mas certamente! Teria podido viver a seu lado!

E, como procurasse o olhar dela, a Senhora Arnoux, para o evitar, pegou algumas bolas de massa que havia sobre uma prateleira, provenientes de emendas inutilizadas, alisou-as numa placa e moldou nela a mão.

— Posso levar isso? — disse Frédéric.

— Que criança é, meus Deus!

Ele ia responder, quando Sénécal entrou.

O senhor subdiretor deu conta, mal entrou, de uma infração ao regulamento. As oficinas deviam ser varridas todas as semanas; era sábado, e, como os operários não o tivessem feito, Sénécal comunicou-lhes que teriam que ficar mais uma hora. — Tanto pior para vocês!

Eles inclinaram-se sobre as peças, sem murmurar; mas adivinhava-se a cólera pelo arfar rouco do peito. Alias, não era fácil lidar com eles, pois todos tinham sido despedidos da grande fábrica. O republicano dirigia-os com dureza. Homem de teorias, só considerava as massas, mostrando-se implacável para com os indivíduos.

Frédéric, incomodado pela presença dele, perguntou em voz baixa à Senhora Arnoux se não seria possível ver os fornos. Desceram ao rés-do-chão; e ela estava explicando o funcionamento das cubas, quando Sénécal, que os acompanhara, se interpôs.

Ele próprio continuou a demonstração, discorrendo sobre as várias espécies de combustíveis, maneira de enfornar, os periscópios, os *alandiers,* os *engobes*[11], os lustres e os metais, prodigalizando os termos de química, cloreto, sulfato, bórax, carbonato. Frédéric não entendia uma palavra, e a todo minuto voltava-se para a Senhora Arnoux.

— Você não presta atenção — disse ela. — Contudo, o Senhor Sénécal é bem claro. Sabe todas essas coisas muito melhor do que eu.

O matemático, envaidecido com o elogio, propôs a visita à sala onde se dava a cor. Frédéric lançou um olhar ansioso à Senhora Arnoux. Mas ela ficou impassível, não querendo, certamente, nem ficar sozinha com ele, nem deixá-lo.

Frédéric ofereceu-lhe o braço.

— Não! Muito obrigada! A escada é demasiado estreita!

E, quando chegaram lá em cima, Sénécal abriu a porta de uma sala cheia de mulheres.

Elas manejavam pincéis, frascos, conchas, placas de vidro. Ao alto da parede, viam-se estampas gravadas; esvoaçavam pedaços de papel fino; e um calorífero de ferro exalava uma temperatura irritante, a que se misturava o cheiro da terebintina.

Quase todas as operárias estavam miseravelmente vestidas. Destacava-se uma, porém, de lenço na cabeça e compridos brincos. Ao mesmo tempo delgada e bem torneada, tinha grandes olhos negros e lábios carnudos de negra. O seio abundante soerguia-lhe a blusa, presa na cintura pelo cordão da saia; com um cotovelo apoiado na mesa, e o outro braço pendente, olhava vagamente para os campos, ao longe. A seu lado, espalhados na mesa, havia alguns frios e uma garrafa de vinho.

O regulamento proibia comer nas oficinas, medida de limpeza para o trabalho e de higiene para os operários.

Sénécal, por sentimento do dever ou por imperativo despótico, gritou de longe, apontando um aviso metido num caixilho.

— Ei! Aí a Bordalesa! Leia-me em voz alta o artigo 9.

— Está bem; e daí?

— Daí, menina? São três francos de multa que vai pagar!

Ela olhou para Sénécal de frente, impudicamente:

— Pouco me importa! O patrão, quando voltar, anula-me a multa! Não me mete medo, homenzinho!

Sénécal, que passeava de mãos atrás das costas, como um vigilante de sala de estudo, limitou-se a sorrir.

— Artigo 13, insubordinação, dez francos!

A Bordalesa voltou ao trabalho. A Senhora Arnoux, por compostura, não dissera nada, mas franziu as sobrancelhas. Frédéric murmurou:

— Arre! Para democrata, você é de uma dureza!

O outro respondeu, com ar professoral:

— A Democracia não é a devassidão do individualismo. É o nível comum debaixo da lei, a divisão do trabalho, a ordem!

— Está esquecendo a humanidade! — disse Frédéric.

A Senhora Arnoux tomou-lhe o braço; Sénécal, talvez ofendido por aquela aprovação sem palavras, foi-se embora.

Frédéric sentiu com isso imenso alívio. Desde manhã esperava uma oportunidade para se declarar; aí a tinha. Aliás, o movimento espontâneo da Senhora Arnoux parecia-lhe cheio de promessas; e alegando ter os pés frios, pediu que fossem para o quarto dela. Mas, depois de sentado a seu lado, sentiu-se embaraçado; faltava-lhe o ponto de partida. Sénécal, felizmente, veio-lhe à lembrança.

— Não há coisa mais tola — disse ele — do que aquele castigo!

A Senhora Arnoux retorquiu:

— Há severidades necessárias.

— Como pode dizer isso, a senhora, que é tão bondosa! Oh! Estou mentindo! Porque às vezes gosta de fazer sofrer!

— Não compreendo enigmas, meu amigo.

E o seu olhar austero, ainda mais do que as palavras, impuseram-lhe silêncio. Mas Frédéric estava decidido a prosseguir. Um volume de Musset achava-se por acaso em cima da cômoda. Folheou algumas páginas, e pôs-se a falar do amor, dos seus desesperos e dos seus arrebatamentos.

Tudo isso, na opinião da Senhora Arnoux, era criminoso ou fingido.

Frédéric sentiu-se atingido por essa negação; e, para a combater, citou como prova os suicídios que se veem nos jornais, exaltou os grandes tipos literários, Fedra, Dido, Romeu, Desgrieux. Metia os pés pelas mãos.

O lume da lareira apagara-se, a chuva fustigava as vidraças. A Senhora Arnoux permanecia imóvel, com as mãos apoiadas nos braços da poltrona; as fitas da touca lembravam os planejamentos de uma esfinge; o seu perfil puro destacava-se, pálido, na obscuridade.

Frédéric tinha vontade de se lhe lançar aos pés. Mas, como qualquer coisa tivesse estalado no corredor, ele não se atreveu.

Impedia-lho, aliás, uma espécie de temor religioso. Aquele vestido, que se confundia com as trevas, afigurava-se-lhe desmedido, infinito, impossível de erguer; precisamente por causa disso o seu desejo exacerbava-se. Mas o medo de fazer demais e de não fazer o suficiente tirava-lhe toda a capacidade de discernimento.

“Se lhe desagrado, pensava, que me escorrace! Se me quer, que me estimule!”

E disse, com um suspiro:

— Então não admite que se possa amar... Uma mulher?

A Senhora Arnoux replicou:

— Sendo livre, desposa-se; se pertence a outro, vai-se para longe dela.

— Então, a felicidade é impossível?

— Não! Mas não se encontra nunca na mentira, nas inquietações e no remorso.

— Que importa, se isso for pago por alegrias sublimes!

— A experiência sai demasiado cara!

Frédéric quis atacá-la pela ironia.

— A virtude não será apenas covardia?

— Diga antes que é sagacidade. Mesmo para aqueles que fossem capazes de esquecer o dever ou a religião, o simples bom-senso pode ser suficiente. O egoísmo é uma sólida base da prudência.

— Ah! Como as suas máximas são burguesas!

— Mas eu não pretendo passar por uma dama da alta roda!

Nesse momento, o filho entrou no quarto.

— Mamãe, não vens jantar?

— Sim, vou já.

Frédéric levantou-se; ao mesmo tempo chegou Marthe.

Ele não podia decidir-se a partir, e disse, com olhar suplicante:

— Essas mulheres de que fala são então completamente insensíveis?

— Não! Mas são surdas quando assim é necessário.

Mantinha-se de pé, no limiar do quarto, com um filho de cada lado. Frédéric inclinou-se, sem dizer palavra. Ela respondeu silenciosamente ao cumprimento.

O que Frédéric sentiu a princípio foi uma estupefação imensa. Aquela maneira de lhe fazer compreender a inanidade das suas esperanças deixou-o sucumbido. Sentia-se perdido, como quem, caído ao fundo de um abismo, sabe que ninguém o virá socorrer e a morte o espera.

Caminhava, todavia, mas sem nada ver, ao acaso; tropeçava nas pedras; enganou-se no caminho. Chegou-lhe aos ouvidos um bater de tamancos; eram os operários que saíam da fundição. Então voltou a si.

No horizonte, as lanternas da estrada de ferro traçavam uma linha de luzes. Chegou no momento em que partia um trem, deixou-se empurrar para um vagão, e adormeceu.

Uma hora depois, nos bulevares, a alegria do Paris noturno fez de súbito recuar a sua viagem para um passado muito distante. Quis ser forte, e aliviou o coração cobrindo a Senhora Arnoux com epítetos injuriosos:

“É uma idiota, uma imbecil, uma estúpida, não se pensa mais nela!”.

Ao chegar em casa, encontrou no escritório uma carta de oito páginas, em papel azul, com as iniciais R. A.

Começava por amistosas queixas:

“Que é feito de você, meu caro? Aborreço-me!”

Mas a letra era tão horrorosa que Frédéric ia deitá-la fora quando leu, em pós-escrito:

“Conto com você para me levar amanhã às corridas”.

Que queria dizer aquele convite? Seria mais uma treta da Marechala? Mas não se faz pouco do mesmo homem duas vezes a propósito de nada; e, tomado de curiosidade, releu a carta com atenção.

Frédéric conseguiu ler: “Mal-entendido... tinha seguido caminho errado... desilusões... Que pobres crianças nós somos!... Como dois rios que se juntam! etc.”.

Aquele estilo contrastava com a linguagem habitual da mundana. Que mudança teria havido?

Conservou as folhas na mão durante muito tempo. Cheiravam a íris; e havia, na forma das letras, na desordem das linhas, como que um desalinho de *toilette* que o perturbou.

“Por que não hei de ir?”, disse finalmente de si para si. “Mas se a Senhora Arnoux viesse a saber? Ora! Pois que saiba! Tanto melhor! E que tenha ciúmes! Ficarei vingado!”

IV

A Marechala, já pronta, esperava por ele.

— Ah, como você é gentil — disse-lhe, fitando-o com os lindos olhos, ao mesmo tempo meigos e risonhos.

Depois de ter amarrado as fitas do chapéu, sentou-se no sofá, e ficou calada.

— Vamos? — disse Frédéric.

Ela olhou para o relógio.

— Oh! Não! Só daqui a uma hora e meia — como se ela própria tivesse marcado esse limite à sua indecisão.

Finalmente, como a hora tivesse chegado:

— Bem, *andiamo, caro mio!*

E deu um último toque aos bandós, fez recomendações a Delphine.

— A senhora vem jantar?

— Por quê? Iremos jantar os dois em qualquer parte, no Café Anglais, onde quiser!

— Seja!

Os cachorrinhos latiam em volta dela.

— Podemos levá-los, não é assim?

O próprio Frédéric levou-os até a carruagem. Era uma berlinda de aluguel, com dois cavalos de posta e um postilhão; Frédéric instalara o seu criado no lugar de trás. A Marechala pareceu satisfeita com estas atenções; depois, mal se sentou, perguntou-lhe se tinha ido ultimamente à casa de Arnoux.

— Há um mês que não vou lá — disse Frédéric.

— Encontrei-o anteontem, ele pensava mesmo vir hoje. Mas tem uma porção de complicações, mais um processo, nem sei o quê. Que homem engraçado!

— Sim! Muito engraçado!

Frédéric acrescentou, com ar indiferente:

— A propósito, continua a ver... como é que ele se chama?... esse antigo cantor... Delmar?

Ela replicou, secamente:

— Não! Acabou.

Assim, não havia dúvida de que tinham rompido. Isso deu esperanças a Frédéric.

Desceram a passo o bairro de Bréda; as ruas, como era domingo, estavam desertas, e viam-se, por trás das janelas, caras de burgueses. A carruagem rodou mais depressa; o barulho das rodas fazia voltarem-se os transeuntes, o couro da capota descida brilhava, o criado perfilava-se, e os cachorrinhos, um ao lado do outro, pareciam dois regalos de arminho, pousados sobre as almofadas. Frédéric abandonava-se ao embalo das molas. A Marechala voltava a cabeça para um lado e para outro, sorrindo.

O seu chapéu de palha nacarada tinha uma guarnição de renda preta. O capuz do albornoz flutuava ao vento; e abrigava-se do sol com uma sombrinha de cetim lilás, aguçada como um pagode.

— Que amor de dedinho! — disse Frédéric, pegando-lhe delicadamente na outra mão, a esquerda, adornada com um bracelete de ouro, em forma de corrente. — Ah, que coisa delicada; de onde veio isto?

— Oh! Já o tenho há muito tempo — disse a Marechala.

O jovem não fez objeção a essa resposta hipócrita. Preferiu “tirar proveito das circunstâncias”. E, sem lhe largar o pulso, beijou-o, entre a luva e o punho do vestido.

— Pare, olhe que vão ver!

— Ora! Que importância tem isso!

Depois da Praça de la Concorde, seguiram pelo cais de la Conférence e pelo cais de Billy, onde se destaca um cedro dentro de um jardim. Rosanette julgava que o Líbano era na China; ela própria riu da sua ignorância, e pediu a Frédéric que lhe desse lições de geografia. Em seguida, deixando à direita o Trocadéro, atravessaram a Ponte d’Iéna, e pararam finalmente, no meio do Champ de Mars, junto das outras carruagens, já enfileiradas no Hipódromo[1].

Os canteiros de grama estavam cheios de populares. Viam-se curiosos na sacada da Escola Militar; e nos dois pavilhões fora da pesagem, e nas duas tribunas dentro dela e, numa terceira diante da tribuna real, uma multidão endomingada manifestava, pela sua atitude, deferência por esse novo divertimento. O público das corridas, nessa época mais restrito, tinha um aspecto

menos vulgar; era a época das presilhas, das golas de veludo e das luvas brancas. As mulheres, vestidas de cores brilhantes, usavam vestidos de corpo comprido e, sentadas nos degraus dos estrados, lembravam grandes maciços de flores, aqui e ali pontilhados de negro pelos trajes sombrios dos homens. Mas todos os olhares se voltavam para o célebre argelino Bu-Maza[2], que se mantinha impassível, entre dois oficiais de Estado-Maior, numa das tribunas reservadas. Na do Jóquei Clube viam-se unicamente senhores com ar grave.

Os mais entusiastas tinham-se instalado embaixo, junto da pista, isolada por duas linhas de estacas, que suportavam cordas; no imenso oval que esta aleia formava, vendedores de coco agitavam as matracas, outros vendiam o programa das corridas, outros apregoavam charutos, e um vasto rumor se estendia; os guardas municipais iam e vinham; uma sineta, pendente de um poste cheio de números, tilintou. Cinco cavalos surgiram, e toda a gente voltou para as tribunas.

— Eu trouxe guarda-chuvas — disse Frédéric — e tudo o que é preciso para nos distrairmos — acrescentou, erguendo a tampa da mala, na qual havia um cesto com provisões de boca.

— Bravo! Vejo que nos compreendemos!

— E ainda havemos de nos compreender melhor, não é assim?

— Quem sabe! — disse ela, corando.

Os jóqueis, de boné de seda, tentavam pôr em linha os cavalos, retendo-os com ambas as mãos. Alguém abaixou uma bandeira vermelha. Então, os cinco partiram ao mesmo tempo, inclinando-se sobre as garupas. A princípio, permaneceram unidos num bloco único; mas este não tardou a distender-se, e fragmentou-se; o jóquei de boné amarelo quase caiu, no meio da primeira volta; a situação esteve durante muito tempo indecisa entre Filly e Tibi; depois, Tom Pouce apareceu à frente; mas Clubstick, na retaguarda desde o início, alcançou-os e chegou em primeiro lugar, batendo *Sir* Charles por duas cabeças; foi uma surpresa; houve gritos; o tablado das tribunas vibrava sob o bater dos pés.

— Como a gente se diverte! — disse a Marechala. — Adoro-te, meu querido!

Frédéric não teve mais dúvidas sobre a sua felicidade; a última frase de Rosanette confirmava-a.

À distância de uns cem passos, num cabriolé milorde, surgiu uma dama. Inclinava-se sobre a portinhola, depois, subitamente, recolhia-se; isso repetiu-se várias vezes. Frédéric não podia distinguir-lhe o rosto. Assaltou-o uma suspeita, parecia-lhe ser a Senhora Arnoux. Contudo, era impossível! Por que teria ela vindo? Desceu da carruagem, a pretexto de ir dar uma volta pela pesagem.

— Não é nada gentil, você! — disse Rosanette.

Ele não lhe deu atenção, e prosseguiu. O milorde, arrepiando caminho, seguiu a trote.

Nesse exato momento, Frédéric foi agarrado por Cisy.

— Bom-dia, meu caro! Como tem passado? Hussonnet está aí! Ouça!

Frédéric procurava livrar-se dele para ir atrás do milorde. A Marechala fazia-lhe sinal que voltasse para junto dela. Cisy avistou-a, e queria por força ir cumprimentá-la.

Desde que acabara o luto pela avó, realizava o seu ideal, conseguia "ter estilo". Colete escocês, casaca curta, calça de boca de sino sobre os escarpins, o bilhete de entrada metido no chapéu, nada faltava, com efeito, ao que ele chamava o seu "chique", um chique anglômano e à mosqueteiro. Começou por se queixar do Champ de Mars, turfe execrável, falou depois das corridas de Chantilly e das brincadeiras que lá se faziam, jurou ser capaz de beber doze taças de champanha enquanto batiam as doze badaladas da meia-noite, sugeriu à Marechala que apostasse, e acariciava os dois cachorrinhos; e, apoiando-se com o outro cotovelo na portinhola, continuava a dizer tolices, metendo na boca o punho do pingalim, de pernas abertas, aprumando-se muito. A seu lado, Frédéric fumava, enquanto procurava descobrir onde estaria o milorde.

A sineta tilintou, e Cisy foi-se embora, com grande satisfação de Rosanette, a quem aborrecia muito, dizia ela.

A segunda prova não teve nada de particular, a terceira também não, exceto um homem que foi levado de maca. A quarta, em que oito cavalos disputaram o Prêmio da Cidade, foi mais interessante.

Os espectadores das tribunas tinham-se empoleirado nos bancos. Os outros, de pé nas carruagens, seguiam com os binóculos as evoluções dos jóqueis, que se viam passar como pontos vermelhos, amarelos, brancos e azuis, a todo o comprimento da multidão que rodeava a pista. De longe, a velocidade deles não parecia muito grande; na outra extremidade do Champ de Mars dir-se-ia até diminuir, como se progredissem deslizando, os ventres dos cavalos rentes à terra, sem dobrar as patas estendidas. Mas, voltando rapidamente, iam crescendo; a sua passagem cortava o vento, o solo tremia, voavam pedras, o ar, penetrando nas jaquetas dos jóqueis, fazia-as palpitar como velas; estes chicoteavam com toda a força os animais para alcançarem a meta; era o fim. Tiravam-se os números, outro era hasteado; e, no meio dos aplausos, o cavalo vitorioso arrastava-se até a pesagem, coberto de suor, de jarretes duros, garupa descaída, enquanto o cavaleiro, que parecia agonizar na sela, comprimia as costelas com as mãos.

Uma discussão atrasou a última partida. A multidão, aborrecida, dispersou-se. Grupos de homens conversavam em frente das tribunas. Falava-se com muita liberdade; as mulheres da sociedade foram-se embora, escandalizadas com a vizinhança das cortesãs.

Viam-se também figuras conhecidas dos bailes públicos, atrizes dos teatros do bulevar — e as mais cortejadas não eram as mais belas. A velha Georgine Aubert, a quem um vaudevilista chamava "o Luís XI da prostituição", horrorosamente maquilada e soltando de vez em quando umas risadas que pareciam grunhidos, estendia-se toda na sua longa caleche, ostentando uma capa de marta como se fosse pleno inverno. A Sra. de Remoussot, a quem um processo pusera na moda, estadeava na boleia de um breque, no meio de americanos; e Thérèse Bachelu, com um ar de virgem gótica, enchia com os doze folhos do seu vestido o interior da carruagem que tinha na frente, em lugar do guarda-lama, uma jardineira cheia de rosas. A Marechala ficou com ciúmes dessas glórias; e, para chamar a atenção, pôs-se a gesticular e a falar muito alto.

Alguns senhores reconheceram-na, e dirigiram-lhe cumprimentos. Ela respondia, dizendo os nomes deles a Frédéric. Eram todos condes, viscondes, duques e marqueses e ele empertigava-se, porque todos os olhares exprimiam um certo respeito pela sua conquista.

Cisy não parecia menos ufano no seu círculo de homens de idade, que sorriam com ar superior, como se troçassem dele; finalmente, deu uma pancadinha na mão do mais velho e dirigiu-se para junto da Marechala.

Esta, afetando voracidade, comia *foie gras*; Frédéric, para não destoar, imitava-a, segurando uma garrafa de vinho sobre os joelhos.

O milorde tornou a aparecer; era a Senhora Arnoux. Ela corou extraordinariamente.

— Dê-me champanha! — disse Rosanette.

E, erguendo o mais que pôde o copo cheio, exclamou:

— Eh! Aí, mulheres honestas, esposa do meu protetor, eh!

Estouraram risos à volta dela, o milorde desapareceu. Frédéric puxava-lhe pelo vestido, estava a ponto de perder a cabeça. Mas Cisy lá estava, na mesma atitude anterior; e, com mais atrevimento ainda, convidou Rosanette para jantar, naquela noite.

— Impossível! — respondeu ela. — Vamos ambos ao Café Anglais[3].

Frédéric, como se nada tivesse ouvido, permaneceu mudo; e Cisy afastou-se, com ar desapontado.

Enquanto ele falava, de pé, junto à portinhola do lado direito, Hussonnet

aparecera do lado esquerdo, e, ouvindo falar em Café Anglais:

— É uma bela casa! Se fôssemos lá comer qualquer coisa, hein?

— Como quiser — disse Frédéric, que, tendo-se deixado cair no canto da berlinda, olhava para o milorde que desaparecia ao longe, sentindo que uma coisa irreparável acabava de acontecer, e que tinha perdido o seu grande amor. E a outra estava ali, a seu lado, o amor alegre e fácil! Mas, cansado, cheio de desejos contraditórios, não sabendo sequer o que queria, sentia uma tristeza infinita, uma vontade de morrer.

O rumor de muitos pés e de vozes fê-lo erguer a cabeça; a garotada, passando por cima das cordas da pista, vinha espiar as tribunas; toda a gente estava indo embora. Caíram alguns pingos de chuva. A confusão das carruagens aumentou. Hussonnet desaparecera.

— Tanto melhor! — disse Frédéric.

— Prefere ficar só? — retorquiu a Marechala, pousando a mão na dele.

Então passou diante deles, com reflexos de cobre e aço, um esplêndido landau puxado por quatro cavalos, conduzidos à Daumont por dois jóqueis envergando coletes de veludo com franjas douradas. A Senhora Dambreuse ia ao lado do marido, Martinon em frente, no outro assento; todos tinham um ar muito espantado.

“Reconheceram-me!”, disse Frédéric de si para si.

Rosanette quis que parassem, para ver melhor o desfile. A Senhora Arnoux podia aparecer novamente. Frédéric gritou para o postilhão:

— Vamos, vamos, para a frente!

E a berlinda rodou para os Champs-Elysées no meio das outras carruagens, caleches, briscas, *wurts*, tandens, tílburis, *dog-carts*, carroças de cortinas de couro com operários embriagados, cantando, seges dirigidas com prudência por pais de família. Nas vitórias cheias de gente, alguns rapazinhos, sentados sobre os pés dos outros, deixavam pender as pernas para fora. Grandes cupês com assentos de pano passeavam senhoras de idade que dormitavam; ou então era um magnífico *stopper* que passava, puxando uma cadeirinha, simples e elegante como a casaca de um dândi. Mas a chuva aumentava. Surgiam os guarda-chuvas, as sombrinhas, os impermeáveis; as pessoas gritavam de longe: Boa-tarde! — Como vai? — Sim! — Não! — Até logo! — E as figuras sucediam-se com uma velocidade de sombras chinesas. Frédéric e Rosanette iam calados, sentindo uma espécie de atordoamento, ao ver todas aquelas rodas girarem continuamente junto deles.

De vez em quando, as filas de carruagens, densas demais, paravam ao

mesmo tempo. Então, umas perto das outras, as pessoas examinavam-se. Das portinholas brasonadas caíam olhares indiferentes sobre a multidão; olhos cheios de inveja brilhavam no fundo dos fiacres; sorrisos de mofa respondiam às atitudes orgulhosas; bocas escancaradas exprimiam admiração imbecil; e, aqui e ali, algum transeunte, no meio da rua, saltava subitamente para trás, a fim de evitar um cavaleiro que galopava por entre as carruagens e conseguia sair do meio delas. Depois, tudo se punha de novo em movimento; os cocheiros afrouxavam as rédeas, abaixavam os compridos chicotes; os cavalos, estimulados, sacudindo a barbela, espalhavam espuma à volta deles, e as garupas e os arreios úmidos fumegavam por entre o vapor d'água atravessado pelo sol poente. Passando debaixo do Arco do Triunfo, estendia-se, à altura de um homem, uma luz arruivada, que fazia rutilar os eixos das rodas, a extremidade dos varais, as argolas das selas; e, de ambos os lados da grande avenida — semelhante a um rio ao longo do qual ondulassem crinas, roupas, cabeças humanas, — as árvores, reluzentes devido à chuva, erguiam-se como dois muros verdes. O azul do céu, por cima, reaparecendo em certos lugares, tinha doçuras de cetim.

Então Frédéric lembrou-se dos dias já distantes em que invejava a indizível felicidade de ir numa dessas carruagens, ao lado de uma dessas mulheres. Agora tinha essa felicidade, e nem por isso se sentia mais alegre.

Deixara de chover. Os transeuntes, que se haviam refugiado entre as colunas do Garde-Meubles, dispersavam-se. Passeantes subiam a Rua Royale em direção ao bulevar. Diante do palácio dos Negócios Estrangeiros uma fila de ociosos estacionava nos degraus.

Perto dos Bains-Chinois, como havia buracos na rua, a berlinda abrandou a marcha. Um homem de paletó cor de avelã caminhava à beira do passeio. Um salpico de lama, saltando de sob as molas, foi cair-lhe nas costas. O homem voltou-se, furioso. Frédéric empalideceu; reconhecera Deslauriers.

À porta do Café Anglais despediu a carruagem. Rosanette subira à frente, enquanto ele pagava ao cocheiro.

Encontrou-a na escada, conversando com um cavalheiro. Frédéric tomou-lhe o braço. Mas, no meio do corredor, foi detida por outro senhor.

— Vai andando! — disse ela. — Eu já vou!

E entrou sozinho no gabinete. Pelas duas janelas abertas via-se gente nas casas fronteiras. Manchas d'água tremulavam sobre o asfalto, que ia secando, e uma magnólia, no rebordo da janela, perfumava o gabinete. O perfume e o frescor repousaram-lhe os nervos; deixou-se cair no sofá vermelho, por baixo do

espelho.

A Marechala entrou; e, beijando-o na testa:

— O meu queridinho está triste?

— Talvez! — replicou ele.

— Não és o único, deixa estar! — o que queria dizer: “Esqueça cada um de nós a sua tristeza numa felicidade comum!”.

Depois, pôs uma pétala entre os lábios e estendeu-os para ele. Aquele movimento, de um encanto e de uma mansuetude quase lasciva, comoveu Frédéric.

— Por que me fazes sofrer? — disse ele, pensando na Senhora Arnoux.

— Eu, faço-te sofrer?

E, de pé à sua frente, olhava para ele, franzindo as sobrancelhas, pousando-lhe as mãos nos ombros.

Toda a virtude, todo o rancor de Frédéric soçobraram numa covardia insondável.

Retorquiu:

— Porque não me queres amar! — sentando-a nos joelhos.

Ela não opôs resistência; Frédéric rodeava-lhe a cintura com os braços; o crepitar do vestido de seda inflamava-o.

— Onde estão eles? — disse a voz de Hussonnet no corredor.

A Marechala ergueu-se bruscamente, e foi para o outro lado do gabinete, voltando as costas à porta.

Pediu ostras; e instalaram-se à mesa.

Hussonnet não foi divertido. À força de escrever quotidianamente sobre toda espécie de assuntos, de ler muitos jornais, de ouvir muitas discussões e de proferir paradoxos para impressionar, acabara por perder a noção exata das coisas, iludindo a si próprio com seus pobres fogos de artifício. As dificuldades de uma vida outrora leviana, mas agora difícil, mantinham-no em permanente agitação; e a própria incapacidade, que não queria admitir, tornava-o irritante, sarcástico. A propósito de *Ozaï*, um novo bailado, atacou a fundo a dança, o teatro da Ópera; depois, a propósito da Ópera, atacou os italianos, agora substituídos por uma companhia de atores espanhóis, “como se não estivéssemos fartos das Castelas!”. Frédéric sentiu-se chocado no seu amor romântico pela Espanha; e, para mudar de assunto, perguntou o que havia acerca do Collège de France, do qual Edgar Quinet e Mickiewicz acabavam de ser excluídos[4]. Mas Hussonnet, admirador do Senhor de Maistre, declarou-se a favor da Autoridade e do Espiritualismo. Duvidando, entretanto, dos fatos mais comprovados, negava a

história, e contestava as coisas mais positivas, a ponto de exclamar, ouvindo a palavra geometria: “Que embuste, a geometria!”. Tudo isso de permeio com imitações de atores. Sainville, sobretudo, era o seu modelo.

Este palavreado impacientava Frédéric. Num movimento de irritação, atingiu com a bota um dos cachorrinhos, debaixo da mesa.

Então ambos começaram a ganir de maneira insuportável.

— Devia mandá-los embora! — disse ele bruscamente.

Rosanette não tinha confiança em ninguém.

Então Frédéric voltou-se para o boêmio.

— Vamos, Hussonnet, seja dedicado!

— Oh! Sim, meu querido! Como seria gentil!

Hussonnet partiu, sem que fosse necessário insistir.

De que maneira seria paga essa complacência? Frédéric não pensou nisso. Começava mesmo a sentir-se bem, a sós com ela, quando entrou um criado.

— Minha senhora, há uma pessoa à sua procura.

— Como! Outra vez?

— Não posso deixar de ver quem é! — disse Rosanette.

Tinha sede, necessidade dela. Aquele desaparecimento parecia-lhe uma traição, quase uma grosseria. Que mais queria ela? Não lhe bastava ter ultrajado a Senhora Arnoux? Tanto pior para essa, aliás! Agora, odiava todas as mulheres; e sentia as lágrimas prestes a brotar, porque o seu amor fora desprezado e a sua concupiscência iludida.

A Marechala voltou, trazendo Cisy.

— Convidei este senhor. Fiz bem, não é assim?

— Pois claro! Evidentemente! — Frédéric, com um sorriso de supliciado, fez sinal ao gentil-homem para sentar-se.

A Marechala pôs-se a ler o cardápio, parando nos nomes bizarros.

— Se comêssemos, por exemplo, uma empada de coelho à Richelieu, e um pudim à Orléans?

— Oh! Nada de Orléans! — exclamou Cisy, que era legitimista, e julgou ter graça.

— Prefere um linguado à Chambord? — prosseguiu ela.

Esta atenção irritou Frédéric.

A Marechala optou por um simples *tournedos*, lagostins, trufas, uma salada de ananás, sorvete de baunilha.

— Depois veremos. Pode ir. Ah! Já me esquecia! Traga-me paio! Mas não com alho!

E chamava ao garção “rapaz”, batia com o garfo no copo, lançava ao ar o miolo do pão. Quis beber imediatamente borgonha.

— Não se toma borgonha logo no começo — disse Frédéric.

Isso fazia-se por vezes, segundo o visconde.

— Ah! Não! Nunca!

— É um fato, posso garantir-lhe!

— Estás vendo?

O olhar com que ela acompanhou essa frase queria dizer: “Ele é um homem rico, escuta-o!”.

Entretanto, a porta abria-se de minuto a minuto, os criados interpelavam-se ruidosamente, e, num piano infernal, no gabinete ao lado, alguém tocava uma valsa. Depois, as corridas levaram-nos a falar de equitação e dos dois sistemas rivais. Cisy defendia Baucher, Frédéric o Conde d'Aure, quando Rosanette encolheu os ombros.

— Basta, meu Deus! Ele sabe disso melhor que tu!

Mordiscava uma romã, com o cotovelo apoiado na mesa; as velas do candelabro, pousado à frente dela, tremiam ao vento; aquela luz branca punha-lhe tons nacarados na pele, tornava-lhe as pálpebras rosadas, fazia-lhe brilhar as pupilas; o vermelho do fruto confundia-se com o dos lábios, as narinas delicadas estremeciam; e toda ela tinha algo de insolente, de embriagado, de úmido, que, exasperando Frédéric, provocava-lhe todavia loucos desejos.

Depois Rosanette perguntou, numa voz calma, a quem pertencia aquele grande landau com uma libré castanha.

— À Condessa Dambreuse — replicou Cisy.

— Eles são muito ricos, não é verdade?

— Oh! Muito ricos! Embora a Senhora Dambreuse, que é, simplesmente, uma Boutron, filha de prefeito, tenha fortuna medíocre. — O marido, pelo contrário, recebera diversas heranças; Cisy enumerou-as; como frequentava os Dambreuse, conhecia-lhes a história.

Frédéric, para lhe ser desagradável, teimava em contradizê-lo. Insistiu que a Senhora Dambreuse se chamava “de” Boutron, garantia que era nobre.

— Seja como for, bem gostaria de ter a equipagem dela! — disse a Marechala, estirando-se na poltrona.

E a manga do vestido, descaindo, deixou ver, no punho esquerdo, um bracelete ornado de três opalas.

Frédéric viu-o.

— Essa agora! Mas...

Todos se entreolharam, corando.

A porta entreabriu-se devagarinho, surgiu a aba de um chapéu, depois o perfil de Hussonnet.

— Desculpem se incomodo, meus pombinhos!

Mas deteve-se, espantado por ver Cisy, e por este ter ocupado o seu lugar.

Trouxeram outro talher; e como Hussonnet estava faminto, tirava ao acaso, dos restos do jantar, a carne de um prato, um fruto de uma cesta, bebia com uma das mãos, servia-se com a outra, enquanto narrava a sua missão. Os dois cachorrinhos tinham sido levados para casa, onde nada havia de novo. Encontrara a cozinheira com um soldado, história falsa, inventada somente para produzir efeito.

A Marechala tirou o chapéu do cabide. Frédéric precipitou-se para a campainha, gritando de longe ao criado:

— Uma carruagem!

— Eu tenho a minha — disse o visconde.

— Mas, senhor!

— Todavia, senhor!

E olhavam-se nos olhos, ambos pálidos e de mãos trêmulas.

Finalmente, a Marechala tomou o braço de Cisy, e, mostrando o boêmio ainda à mesa:

— Cuide dele! Vai se engasgar. Eu não queria que a dedicação dele pelos meus cachorrinhos fosse a causa da sua morte!

A porta fechou-se.

— E então? — disse Hussonnet.

— Então, o quê?

— Pensei que...

— Pensou o quê?

— Então você não?...

Completou a frase com um gesto.

— Mas não! De modo algum!

Hussonnet não insistiu mais.

Tivera um fim em vista, ao fazer-se convidado para jantar. Como o seu jornal, que já não se chamava *L'Art*, mas sim *Le Flambard*, com a seguinte epígrafe: "Artilheiros, aos vossos postos!", não prosperava nada, estava com vontade de transformá-lo numa revista semanal, sozinho, sem o auxílio de Deslauriers. Voltou a falar do antigo projeto, e expôs o seu novo plano.

Frédéric, que decerto não compreendera nada, respondeu com coisas vagas.

Hussonnet apanhou na mesa alguns charutos, disse “Adeus, meu caro”, e desapareceu.

Frédéric pediu a conta. Era comprida; e o criado, de guardanapo debaixo do braço, esperava pelo dinheiro, quando outro, um indivíduo de cara deslavada, que se parecia com Martinon, veio dizer-lhe:

— Queira desculpar, mas no balcão esqueceram de incluir o fiacre.

— Que fiacre?

— O que aquele senhor tomou há pouco, para os cachorrinhos.

E o rosto do criado alongou-se, como se tivesse pena do pobre moço. Frédéric teve vontade de esbofeteá-lo. Deu de gorjeta os vinte francos do troco.

— Muito obrigado, Excelência! — disse o homem do guardanapo, fazendo profunda reverência.

Frédéric passou o dia seguinte a ruminar a sua cólera e a sua humilhação. Lamentava não ter esbofeteado Cisy Quanto à Marechala, jurou que nunca mais tornaria a vê-la; não faltavam outras tão bonitas quanto ela; e, como era necessário dinheiro para possuir essas mulheres, jogaria na Bolsa a herdade, seria rico, arrasaria com o seu luxo a Marechala e toda a gente. Quando anoiteceu, estranhou não ter pensado na Senhora Arnoux.

— Tanto melhor! Para quê?

Dois dias depois, às oito horas, Pellerin veio visitá-lo. Começou com elogios à mobília, e outras bajulações. E subitamente:

— Foi às corridas, no domingo?

— Fui, ai de mim!

Então o pintor declamou contra a anatomia dos cavalos ingleses, elogiou os cavalos de Géricault, os cavalos do Partenon. — Rosanette não estava com você? — E empreendeu habilmente o elogio dela.

A frieza de Frédéric desconcertou-o. Não sabia como conduzir a conversa para o retrato.

A sua primeira intenção era fazer um Ticiano. Mas, a pouco e pouco, o colorido variado do modelo seduzira-o; trabalhara a largas pinceladas, acumulando os tons e a luz. A princípio, Rosanette ficou encantada; os seus encontros com Delmar tinham interrompido as sessões, deixando a Pellerin todo o tempo para se deslumbrar. Depois, tendo arrefecido a admiração, perguntara a si próprio se o retrato não teria falta de grandeza. Fora rever os Ticiano, compreendera a distância a que tinha ficado, reconhecera o erro; e pusera-se a retocar os contornos com simplicidade. Em seguida, procurara, raspando-os, misturar os tons da cabeça com os do fundo; a figura ganhara consistência, e as

sombras, vigor; tudo parecia mais sólido. Por fim, a Marechala reaparecera. Permitira-se mesmo fazer observações; como era natural, o artista teimara. Depois de grandes furores contra os disparates dela, pensara que bem podia ser que tivesse razão. Então começara a era das dúvidas, repelões do pensamento que provocam dores de estômago, insônia, febre, repugnância por si próprio; tivera a coragem de fazer retoques, mas sem convicção, sabendo que a pintura era má.

Queixou-se apenas de ter sido recusado no Salão, e depois censurou Frédéric por não ter ido ver o retrato da Marechala.

— Quero lá saber da Marechala!

Aquela resposta encorajou-o.

— Imagine que essa idiota já não quer o retrato!

O que não dizia era que lhe reclamara mil escudos. Ora, à Marechala pouco se lhe dava quem pagasse, e, preferindo tirar de Arnoux coisas mais urgentes, nem sequer lhe falara nisso.

— Mas, e Arnoux? — perguntou Frédéric.

Ela dissera-lhe que falasse com ele. O antigo negociante de quadros não queria saber do retrato.

— Diz que pertence a Rosanette.

— Com efeito, é dela.

— Como! Mas foi ela que me disse para vir ter com você! — replicou Pellerin.

Se acreditasse na excelência da sua obra, talvez não pensasse em tirar proveito dela. Mas uma quantia (e uma quantia considerável) seria um desmentido à crítica, ao mesmo tempo que o faria sentir-se mais seguro de si. Frédéric, para se ver livre do pintor, perguntou-lhe delicadamente quanto pedia pelo retrato.

A exorbitância da quantia revoltou-o, e respondeu:

— Não, ah! Não!

Mas o senhor é amante dela, foi quem mo encomendou!

Perdão, fui apenas intermediário!

Mas eu não posso ficar com aquilo às costas!

O artista começava a perder a cabeça.

— Ah! Não o supunha tão interesseiro!

— Nem eu ao senhor tão avarento! Boa-tarde! Acabava de sair quando chegou Sénécal.

Frédéric, perturbado, fez um movimento apreensivo.

— Que há?

Sénécal contou a sua história.

— No sábado, aí pelas nove horas, a Senhora Arnoux recebeu uma carta chamando-a a Paris; por acaso, não havia ninguém que pudesse ir a Creil buscar uma carruagem, e ela queria que eu fosse. Recusei, por isso estar fora das minhas funções. Ela partiu, e regressou no domingo à noite. Ontem pela manhã, Arnoux aparece na fábrica. A Bordalesa queixou-se. Não sei o que há entre os dois, o caso é que ele suspendeu a multa diante de toda a gente. Trocamos palavras duras. Em resumo, ele despediu-me, e aqui estou!

Depois, muito pausadamente:

— Aliás, não estou arrependido, cumpri o meu dever. De qualquer modo, foi por sua causa.

— Como? — exclamou Frédéric, receando que Sénécal lhe tivesse adivinhado as intenções.

Sénécal nada adivinhara, pois retorquiu:

— Quer dizer, se não fosse você, eu talvez tivesse conseguido coisa melhor.

Frédéric sentiu uma espécie de remorso.

— E agora, em que lhe poderei ser útil?

Sénécal aceitava qualquer colocação.

— Não lhe há de ser difícil. Conhece tanta gente, entre outros o Senhor Dambreuse, segundo me disse o Deslauriers.

Essa evocação de Deslauriers foi desagradável ao amigo. E não lhe agradava nada voltar à casa dos Dambreuse depois do encontro no Champ de Mars.

— Não tenho suficiente intimidade com ele para recomendar alguém.

O democrata aceitou estoicamente a recusa, e, após um minuto de silêncio:

— Tudo isto, tenho a certeza, vem da Bordalesa e da sua Senhora Arnoux.

Aquele “sua” tirou do coração de Frédéric a pouca boa vontade que ainda conservava. Contudo, por delicadeza, pegou na chave da escrivaninha.

Sénécal atalhou-lhe o gesto.

Depois, esquecendo as próprias desgraças, falou das coisas da pátria, das condecorações prodigalizadas no aniversário do rei, numa mudança de ministério, nos casos Drouillard e Bénier[5], escândalos do momento, declamou contra os burgueses e profetizou uma revolução.

Um *crid*[6] japonês, pendurado na parede, chamou-lhe a atenção. Pegou nele, experimentou-lhe o cabo, e depois atirou-o para cima do canapé, com ar de nojo.

— Bem, adeus! Tenho que ir a Notre-Dame de Lorette.

— Essa agora! Por quê?

— É hoje a missa em memória de Godefroy Cavaignac[7]. Esse morreu em plena ação! Mas não está tudo acabado!... Quem sabe?

E Sénécal estendeu-lhe a mão, com ar decidido.

— Talvez não nos tornemos a ver! Adeus!

Esse adeus, repetido duas vezes, aquele franzir de sobrancelhas ao contemplar o punhal, o ar resignado e solene, sobretudo, deram que pensar a Frédéric, o qual dentro em pouco não pensava mais nisso.

Na mesma semana, o seu notário do Havre mandou-lhe o produto da venda da propriedade, cento e setenta e quatro mil francos. Dividiu-o em duas partes, colocou uma em papéis do Estado e foi levar a outra a um corretor de fundos para arriscá-la na Bolsa.

Comia nos restaurantes da moda, frequentava os teatros e procurava distrair-se, quando recebeu uma carta de Hussonnet, em que narrava divertidamente que a Marechala, logo no dia seguinte às corridas, mandara Cisy embora. Frédéric sentiu-se feliz com isso, sem pensar qual seria o motivo por que o boêmio lhe dava tal notícia.

O acaso fê-lo encontrar Cisy, três dias depois. O gentil-homem resignou-se, e até o convidou para jantar na quarta-feira seguinte.

Na manhã desse dia, Frédéric recebeu por um oficial de diligências uma notificação em que o Sr. Charles-Jean-Baptiste Oudry o informava que, de acordo com uma sentença do tribunal, entrara na posse de uma propriedade sita em Belleville, pertencente ao Senhor Jacques Arnoux, e que estava pronto a pagar os duzentos e vinte e três mil francos a que se elevava o preço da venda. Mas resultava do mesmo documento que, ultrapassando a soma das hipotecas que oneravam o prédio, o preço da aquisição, o crédito de Frédéric se achava completamente perdido.

Todo o mal resultara de não ter renovado em tempo útil uma inscrição hipotecária. Arnoux comprometera-se a fazê-lo, e acabara por esquecer-se. Frédéric ficou irritado contra ele, e, depois de lhe ter passado a cólera:

— Bom, afinal... se isso o pode salvar, tanto melhor! Não vai ser a minha morte! Paciência!

Mas, revolvendo os papéis que tinha em cima da mesa, encontrou a carta de Hussonnet, e viu o pós-escrito, que lhe passara despercebido da primeira vez. O boêmio pedia cinco mil francos, nem mais nem menos, para o lançamento do jornal.

— Ah! Também é demais!

E recusou brutalmente, num bilhete lacônico. Depois do que, vestiu-se para

ir ao Maison d’Or.

Cisy apresentou os convivas, começando pelo mais respeitável, um senhor gordo, de cabelos brancos:

— O Marquês Gilbert des Aulnays, meu padrinho. O Senhor Anselme de Forchambeaux — disse depois (era um jovem loiro e esguio, já calvo); em seguida, designando um quadragenário de aparência simples: — Joseph Boffreu, meu primo; e aqui está o meu antigo professor, o Senhor Vezou — personagem com um ar meio de carreteiro, meio de seminarista, de grandes suíças e comprida sobrecasaca abotoada embaixo com um único botão, formando um xale sobre o peito.

Cisy esperava ainda alguém, o Barão de Comaing, “que talvez venha, não é certo”. Saía a todo instante, parecia inquieto; finalmente, às oito horas, passaram a uma sala magnificamente iluminada e demasiado espaçosa para o número de convivas. Cisy escolhera-a propositadamente, por ostentação.

Uma floreira de prata dourada, cheia de flores e frutos, ocupava o centro da mesa, onde toda a baixela era de prata, segundo a velha moda francesa; pratinhos cheios de salgadinhos e especiarias cobriam toda a volta; jarros de vinho clarete, gelado, espalhavam-se pela mesa; diante de cada lugar havia cinco copos de diferentes tamanhos, e coisas de que não se sabia a utilidade, mil engenhosos utensílios de boca; e havia, só para o primeiro serviço, uma cabeça de esturjão em champanha, um presunto de York ao tócai, tordos no forno, codornas assadas, um *vol-au-vent* com molho Bechamel, um guisado de perdizes vermelhas, e, em ambas as extremidades, palitos de batata misturados com trufas. Um lustre e candelabros iluminavam a sala, forrada de damasco vermelho. Quatro criados de casaca perfilavam-se atrás das poltronas de couro. Diante desse espetáculo, os convivas extasiaram-se, sobretudo o preceptor.

— Palavra de honra, o nosso anfitrião[8] fez autênticas loucuras! É fantástico!

— Isto? — disse o Visconde de Cisy. — Ora!

E, à primeira colherada:

— Então, meu velho des Aulnays, já foi ao Palais-Royal, ver *Père et Portiers*[9]?

— Bem sabes que não tenho tempo! — replicou o marquês.

Tinha as manhãs tomadas por um curso de arboricultura, as noites pelo Grêmio Agrícola, e as tardes inteiras por estudos nas fábricas de instrumentos de lavoura. Habitando a Saintonge durante nove meses no ano, aproveitava as viagens à capital para se instruir; e o seu chapéu de aba larga, pousado num consolo, estava cheio de brochuras.

Mas Cisy, dando conta de que o Senhor de Forchambeaux recusara o vinho:

— Beba, com a breca! Que falta de coragem, no seu último jantar de solteiro!

Então, todos se inclinaram, felicitando-o.

— E a jovem — disse o preceptor — é encantadora, não estou certo?

— Pudera! — exclamou Cisy. — Mesmo assim, faz mal; é tão estúpido, o casamento!

— Falas levianamente, meu amigo! replicou o Senhor des Aulnays, enquanto uma lágrima lhe brilhava nos olhos, à lembrança da falecida.

E Forchambeaux repetiu várias vezes, escarninho:

— Lá chegará, meu caro, lá chegará!

Cisy protestou. Preferia divertir-se, seguir a moda da Regência. Queria aprender a lutar savate, para frequentar as tabernas da Cité, como o Príncipe Rodolphe de *Les Mystères de Paris*,[10] tirou da algibeira um cachimbo, era grosseiro com os criados, bebia imoderadamente; e, para fazer boa impressão, torcia o nariz a todos os pratos. Até mandou para dentro as trufas; o preceptor, que se deliciava com elas, disse, para adulá-lo:

— Não se comparam aos ovos nevados da senhora sua avó!

Depois voltou a conversar com o agrônomo, sentado ao seu lado, o qual achava muito vantajoso viver no campo, quando mais não fosse, ao menos por lhe permitir educar as filhas no gosto da simplicidade. O preceptor aplaudia-lhe as ideias, e adulava-o, supondo-lhe influência sobre o aluno, do qual tinha o secreto desejo de se tornar administrador.

Frédéric viera cheio de má vontade contra Cisy; esses disparates tinham-no desarmado. Mas os gestos, a cara, toda a pessoa dele, fazendo-lhe lembrar o jantar do Café Anglais, cada vez o irritavam mais; e escutava as observações malévolas que fazia em voz baixa o primo Joseph, bom rapaz sem fortuna, amador de caça e bolsista. Cisy, gracejando, chamou-lhe várias vezes “ladrão”; e, de súbito:

— Ah! O barão!

Surgiu então um sujeito forte, de uns trinta anos, fisionomia um tanto rude, membros elásticos, chapéu à banda e flor na botoeira. Era o ideal do visconde. Ficou encantado por tê-lo ali; e, como a presença dele o excitava, tentou até um trocadilho, dizendo, quando serviam um *coq de bruyère*:

— Eis o melhor dos caracteres de La Bruyère[11]!

Em seguida, fez ao Senhor de Comaing uma série de perguntas sobre pessoas desconhecidas do grupo; e então, como se de súbito se lembrasse:

— Ouça aqui! Pensou em mim?

O outro encolheu os ombros.

— Você não tem ainda idade, meu pequeno! Impossível!

Cisy tinha-lhe pedido para ser admitido no seu clube. Mas o barão, apiedando-se sem dúvida do amor próprio de Cisy:

— Ah! Já me esquecia! Mil felicitações pela aposta, meu caro!

— Qual aposta?

— Aquela que fez, nas corridas, de que iria naquela mesma noite à casa daquela dama.

Para Frédéric foi como se tivesse recebido uma chicotada. Mas acalmou-o, logo em seguida, a expressão desconcertada de Cisy.

Com efeito, a Marechala já estava arrependida, no dia seguinte, porque Arnoux, seu primeiro amante, o seu homem, se apresentou nesse mesmo dia. Os dois tinham feito compreender ao visconde que “incomodava”, e tinham-no posto na rua, com muito pouca cerimônia.

Cisy fingiu não ter ouvido. O barão acrescentou:

— Que é feito dela, dessa boa Rose?... ainda tem as pernas tão bonitas como dantes? — provando com essa frase que a conhecia intimamente.

Frédéric ficou contrariado com a descoberta.

— Não é caso para corar — prosseguiu o barão; — é um bom pedaço!

Cisy deu um estalo com a língua.

— Ora! Nem tanto assim!

— Ah!

— Meu Deus, sim! Em primeiro lugar, não lhe vejo nada de extraordinário, e além disso, iguais a ela encontram-se por aí aos montes, porque afinal, é uma mulher que se vende!

— Não a qualquer pessoa! — retorquiu azedamente Frédéric.

— Ele julga-se diferente dos outros! — replicou Cisy. — Que divertido!

E uma risada percorreu a mesa.

O coração de Frédéric batia a ponto de o abafar. Bebeu dois copos d’água de enfiada.

Mas o barão conservara uma boa recordação de Rosanette.

— Ela ainda está com um tal Arnoux?

— Não sei nada disso — respondeu Cisy. — Não conheço esse sujeito!

Acrescentou, todavia, que era uma espécie de vigarista.

— Perdão! — exclamou Frédéric.

— Mas é coisa sabida! Foi até processado.

— Não é verdade!

Frédéric pôs-se a defender Arnoux. Garantia-lhe a probidade, acabando por acreditar nela, inventava cifras, provas. O visconde, que aliás estava embriagado, cheio de rancor, teimava nas suas afirmações, a tal ponto que Frédéric lhe disse, com ar grave:

— O senhor pretende ofender-me?

E fitava nele as pupilas, ardentes como o lume do charuto.

— Oh! De forma alguma! Concedo-lhe até que ele tem uma coisa excelente: a mulher.

Conhece-a?

— Pudera! Sophie Arnoux, quem não sabe disso!

— Como diz?

Cisy, que se pusera de pé, repetiu, balbuciando:

— Quem não sabe disso!

— Cale a boca! Não é dessas que o senhor frequenta!

— Disso me gabo!

Frédéric atirou-lhe o prato à cara.

Este passou como um relâmpago por cima da mesa, derrubou duas garrafas, quebrou uma compoteira e, fazendo-se em três pedaços de encontro ao centro de mesa, foi bater no ventre do visconde.

Todos se ergueram para agarrá-lo. Ele debatia-se, aos gritos, tomado por uma espécie de frenesi; o Senhor des Aulnays repetia:

— Acalme-se! Vamos, meu filho!

— Mas é inconcebível! — vociferava o preceptor.

Forchambeaux, lívido, tremia; Joseph ria à bandeiras despregadas; os criados enxugavam o vinho, apanhando os destroços caídos no chão; e o barão foi fechar a janela, porque, apesar do rodar das carruagens, o barulho podia ouvir-se do bulevar.

Como, no momento em que o prato fora lançado, todos falavam ao mesmo tempo, não foi possível descobrir o motivo daquela ofensa, se era por causa de Arnoux, da Senhora Arnoux, de Rosanette ou de outra pessoa. O que havia de certo era a inqualificável brutalidade de Frédéric, que se negava terminantemente a manifestar o menor arrependimento.

O Senhor des Aulnays tentou apaziguá-lo, e o mesmo fizeram o primo Joseph, o preceptor, o próprio Forchambeaux. Entretanto, o barão reconfortava Cisy, o qual, dominado por uma fraqueza nervosa, chorava. Frédéric, pelo contrário, estava cada vez mais irritado; e teriam ficado ali até amanhecer, se o

barão não tivesse dito, para acabar com aquilo:

— O visconde, senhor, mandará amanhã as testemunhas à sua casa.

— A que horas?

— Ao meio-dia, se está de acordo.

— Perfeitamente, senhor.

Uma vez na rua, Frédéric encheu o peito de ar. Havia muito que se dominava. Acabava de expandir-se e sentia como que um orgulho de virilidade, uma superabundância de forças íntimas que o embriagava. Precisava de duas testemunhas. O primeiro de que se lembrou foi Regimbart; e dirigiu-se imediatamente para uma taberna da Rua Saint-Denis. Estava fechada, mas via-se luz através do vidro, por cima da porta. Esta abriu-se, e Frédéric teve que se curvar muito para entrar.

Uma vela, pousada no balcão, iluminava a sala deserta. Todos os bancos estavam postos em cima das mesas, de pernas para o ar. O patrão e a patroa, juntamente com o criado, ceavam no canto, junto da cozinha; e Regimbart, de chapéu na cabeça, partilhava com eles a refeição, e até incomodava o criado, que a cada garfada tinha que se pôr de viés. Frédéric, depois de contar o caso rapidamente, pediu a assistência de Regimbart. A princípio, o Cidadão nada respondeu; com um olhar perdido, parecia refletir, deu algumas voltas na sala, e disse por fim:

— Sim, com todo o gosto!

E iluminou-o um sorriso homicida ao saber que o adversário era nobre.

— Havemos de fazê-lo andar a toque de caixa, esteja descansado! Primeiro... com a espada...

— Mas talvez — objetou Frédéric — eu não tenha o direito...

— Digo-lhe que é necessário escolher a espada! — replicou brutalmente o Cidadão. — Sabe esgrima?

— Um pouco!

— Ah! Um pouco! Aí está como eles são todos! E têm a mania dos duelos! A sala de armas não prova nada! Ouça: mantenha-se bem afastado, sempre na defensiva e recue, recue! Isso é permitido. Fatigue-o! Depois caia a fundo sobre ele, sem hesitar! E sobretudo, nada de espertezas, de botes à La Fougère! Não! Botes simples, um-dois, esquivando-se. Assim, está vendo? — e fazia girar o pulso como se estivesse abrindo uma fechadura.

— Senhor Vauthier, dê-me a sua bengala! Ah! Isto serve.

E agarrou na vara que servia para acender o gás, ergueu em arco o braço esquerdo, dobrou o direito, pôs-se a dar botes, contra a parede, com o chapéu

que parecia tocar no teto. O taberneiro dizia de vez em quando: “Bravo, muito bem!” e a esposa também o admirava, apesar de emocionada; e Théodore, antigo soldado, abria a boca de pasmo, sendo, aliás, admirador fanático do Sr. Regimbart.

No dia seguinte, muito cedo, Frédéric correu ao armazém de Dussardier. Ao fim de uma porção de salas, cheias de tecidos amontoados em prateleiras, ou estendidos sobre mesas, enquanto, aqui e ali, cabides de madeira suportavam xales, avistou-o numa espécie de gaiola de grade, no meio de livros de contas, de pé, escrevendo sobre uma estante. O excelente jovem deixou imediatamente o que estava fazendo.

As testemunhas chegaram antes do meio-dia. Frédéric, por uma questão de bom gosto, achou que não devia assistir à conferência.

O barão e o Senhor Joseph declararam que aceitariam as mais simples desculpas. Mas Regimbart, que tinha como princípio não ceder nunca, e que fazia questão de defender a honra de Arnoux (Frédéric não lhe falara em outra coisa), pediu que o visconde apresentasse desculpas. O Senhor de Comaing ficou revoltado com essa impudência. O Cidadão não cedeu um passo. Verificando-se impossível qualquer conciliação, haveria duelo.

Surgiram outras dificuldades; porque a escolha das armas cabia, legalmente, a Cisy, que era o ofendido. Mas Regimbart afirmou que, sendo ele a fazer o desafio, passava a ser o ofensor. Mas as testemunhas de Cisy exclamaram que, todavia, uma bofetada era a pior das ofensas. O Cidadão objetou que uma pancada não era uma bofetada. Finalmente, decidiram consultar militares; e as quatro testemunhas saíram para ir ouvir a opinião dos oficiais de qualquer caserna.

Detiveram-se na do cais d’Orsay. O Senhor de Comaing dirigiu-se a dois capitães, e expôs-lhes a disputa.

Os capitães não entenderam nada, porque as intervenções do Cidadão a tornavam incompreensível. Acabaram por lhes aconselhar que redigissem um auto, depois do que, decidiriam. Então, dirigiram-se a um café; e até, para proceder com discrição, designaram Cisy por um H e Frédéric por um K.

Depois voltaram à caserna. Os oficiais tinham saído. Quando voltaram, declararam que a escolha das armas cabia, evidentemente, ao Senhor H. Voltaram todos para casa de Cisy. Regimbart e Dussardier ficaram no passeio.

O visconde, ao saber a decisão, ficou tão perturbado que tiveram que lha repetir várias vezes; e quando o Senhor de Comaing referiu as pretensões de Regimbart, murmurou “todavia”, não estando, no seu foro íntimo, longe de

concordar. Depois deixou-se cair numa poltrona, e declarou que não queria bater-se.

— Hein? Como? — disse o barão.

Então, Cisy lançou-se num fluxo labial desordenado. Queria o duelo a bacamarte, à queima-roupa, com uma única pistola.

— Ou então deita-se arsênico num copo, que será tirado à sorte. Isso já tem sido feito: eu li!

O barão, já de si dotado de pouca paciência, disse-lhe com rudeza:

— Aqueles senhores estão à espera da sua resposta. É indecente, afinal! Que escolhe? Vejamos! A espada?

O visconde replicou "sim" com um aceno da cabeça; e o encontro foi marcado para o dia seguinte, na porta Maillot, às sete em ponto.

Como Dussardier tinha que voltar ao trabalho, Regimbart foi prevenir Frédéric.

Tinham-no deixado o dia inteiro sem notícias; já não podia conter a impaciência.

— Ainda bem! — exclamou.

O Cidadão ficou satisfeito com aquela atitude.

— Queriam que apresentássemos desculpas, quer crer? Não era nada, apenas uma palavra! Mas eu mandei-os passear! Como era de meu dever, não é verdade?

— Certamente — disse Frédéric, enquanto pensava que mais lhe valia ter escolhido outra testemunha.

Depois, quando ficou só, repetiu em voz alta, várias vezes:

— Vou bater-me. Pois é, vou bater-me! Tem graça!

Andava de um lado para o outro e, ao passar diante do espelho, verificou que estava pálido.

— Estarei eu com medo?

Uma terrível angústia o tomou, à ideia de ter medo no local.

— E se eu fosse morto? Meu pai morreu da mesma forma. Sim, vou ser morto!

E, de repente, viu a mãe[12] de vestido preto; imagens incoerentes passaram-lhe pela cabeça. A sua própria covardia o exasperou. Teve um paroxismo de valentia, sede de sangue. Um batalhão inteiro não o faria recuar. Acalmada essa febre, sentiu-se, com alegria, inabalável. Para se distrair, foi à Opera, onde havia *ballet.* Escutou a música, admirou as bailarinas, e bebeu um copo de ponche durante o intervalo. Mas, ao regressar a casa, à vista do seu escritório, dos seus

móveis, entre os quais se via porventura pela última vez, sentiu-se fraquejar.

Desceu ao jardim. As estrelas brilhavam; ficou a contemplá-las. A ideia de se bater por uma mulher elevava-o aos seus próprios olhos, enobrecia-o. Depois foi deitar-se tranquilamente.

O mesmo não se deu com Cisy. Após a partida do barão, Joseph procurara incutir-lhe coragem, e, como o visconde permanecia frio:

— Contudo, meu velho, se preferes que a coisa não vá adiante, eu irei dizê-lo.

Cisy não teve coragem para dizer "certamente", mas levou a mal o primo por não lhe ter prestado esse serviço sem nada lhe dizer.

Desejou que, durante a noite, Frédéric morresse de um ataque de apoplexia, ou ocorresse um motim, e no dia seguinte houvesse tantas barricadas nas proximidades do Bois de Boulogne que não fosse possível lá chegar, ou qualquer acontecimento impedisse uma testemunha de comparecer; porque o duelo seria suspenso por falta de testemunha. Tinha vontade de fugir num trem expresso para um lugar qualquer. Lamentou não conhecer medicina para tomar alguma coisa que, sem perigo para ele, fizesse com que acreditassem na sua morte. Chegou até a desejar uma doença grave.

Para obter um conselho, um auxílio, mandou procurar o Senhor des Aulnays. O excelente homem tinha regressado à Saintonge, ao receber notícia de que uma das filhas estava indisposta. Isso pareceu a Cisy de mau agouro. Felizmente o preceptor, o Senhor Vezou, veio visitá-lo. Então expandiu-se.

— Como fazer, meu Deus, como fazer?

— Eu, no seu lugar, senhor conde, pagaria um estivador para lhe dar uma valente sova.

— Ele saberia quem o tinha mandado! — replicou Cisy.

E, de vez em quando, soltava um gemido; depois:

— Mas é admissível haver duelos?

— Que quer? É um resto de barbárie!

Para ser amável, o pedagogo fez-se convidado para jantar. O seu aluno não comeu nada, e, depois da refeição, sentiu necessidade de dar uma volta.

Ao passar diante de uma igreja disse:

— Se entrássemos um momento... para ver?

O Senhor Vezou concordou, e até lhe ofereceu a água-benta.

Estava-se no mês de Maria, flores cobriam o altar, vozes cantavam, o órgão ressoava. Mas não pôde rezar, as pompas da religião faziam-no pensar em enterros; parecia-lhe ouvir ecos do *De profundis*.

— Vamos embora! Não estou me sentindo bem!

Passaram o resto da noite jogando cartas. O visconde esforçou-se por perder, para conjurar a má sorte, do que o Senhor Vezou tirou partido. Finalmente, ao amanhecer, Cisy, esgotado, deixou-se cair sobre o pano verde e mergulhou num sono cheio de sonhos desagradáveis.

Se, todavia, a coragem consiste em dominar a fraqueza, o visconde foi corajoso, porque, ao ver as testemunhas que o vinham buscar, entesou-se com toda a força que tinha, porque a vaidade fê-lo compreender que um recuo era a sua perda. O Senhor de Comaing felicitou-o pela boa aparência.

Mas, no caminho, o balançar da carruagem e o calor matinal enervaram-no. A energia tinha-o abandonado. Já nem conseguia distinguir onde se encontravam.

O barão divertia-se aumentando-lhe o medo, falando em “cadáver” e na maneira de o trazer para a cidade, clandestinamente. Joseph dava a réplica; ambos, considerando a querela ridícula, estavam persuadidos de que tudo se arranjaria.

Cisy ia de cabeça pendida: ergueu-a lentamente, e disse que não tinham levado médico.

— É inútil — disse o barão.

— Então não há perigo?

Joseph replicou, em tom grave:

— Esperemos que não!

E ninguém na carruagem deu mais uma palavra.

Às sete horas e dez minutos chegaram diante da Porta Maillot. Frédéric e as suas testemunhas lá estavam, os três vestidos de preto. Em vez de gravata, Regimbart usava colarinho duro, como um soldado; e trazia consigo uma espécie de estojo de violino, próprio para aventuras desse tipo. Trocaram friamente uma saudação. Depois embrenharam-se todos no Bois de Boulogne, pela estrada de Madrid, procurando um lugar adequado.

Regimbart disse a Frédéric, que caminhava entre ele e Dussardier:

— Bom, e esse medo, que é feito dele? Se precisar de alguma coisa, não se preocupe, eu sei o que isso é! O receio é natural ao homem.

E acrescentou, em voz baixa:

— Não fume, isso amolece!

Frédéric lançou fora o charuto, que o atrapalhava, e prosseguiu, a passo firme. O visconde vinha atrás, apoiado no braço das testemunhas.

Raros eram os transeuntes. O céu estava azul, e de quando em quando ouvia-

se saltar uma lebre. Na volta de uma vereda, uma mulher de lenço na cabeça conversava com um homem de avental, e, na avenida principal, à sombra dos castanheiros, criados de casaco de brim passeavam cavalos. Cisy recordava os dias felizes em que, montado no seu alazão, e de monóculo, cavalgava ao lado das caleças; estas recordações aumentavam-lhe a angústia; queimava-o uma sede intolerável; o zumbido das moscas confundia-se-lhe com o latejar das artérias; os pés enterravam-se-lhe na areia; parecia-lhe estar caminhando há tempos infinitos.

As testemunhas, sem parar, inspecionavam os dois lados da estrada. Discutiram se deviam ir à cruz Catelan ou até junto dos muros de Bagatelle. Finalmente dirigiram-se para a direita; e detiveram-se numa espécie de gramado entre pinheiros.

O lugar foi escolhido de forma a repartir igualmente o nível do terreno. Marcaram os dois lugares em que os adversários deviam ficar. Em seguida, Regimbart abriu a caixa. Continha, sobre um acolchoado de carneira vermelha, quatro lindas espadas, côncavas no meio, com ornatos de filigrana nos copos. Um raio de luz, atravessando as folhas, caiu sobre elas, e pareceu aos olhos de Cisy que brilhavam como víboras de prata sobre uma poça de sangue.

O Cidadão mostrou que eram de igual comprimento; reservou para si a terceira, a fim de separar os duelistas, caso fosse necessário. O Senhor de Comaing tinha uma bengala na mão. Houve um silêncio. Entreolharam-se. Em todos os rostos havia algo de assustado ou de cruel.

Frédéric despira a sobrecasaca e o colete. Joseph ajudou Cisy a fazer o mesmo; quando tirou a gravata, viu-se um bentinho que usava ao pescoço, o que fez Regimbart sorrir de comiseração.

Então, o Senhor de Comaing (para dar ainda um momento de reflexão a Frédéric) procurou criar dificuldades. Reclamou o direito de calçar uma luva, o de agarrar na espada do adversário com a mão esquerda; Regimbart, que tinha pressa, aceitou. Finalmente, o barão, dirigindo-se a Frédéric:

— Tudo depende do senhor! Não há desonra nenhuma em reconhecer os erros!

Dussardier fez um gesto de assentimento. O Cidadão protestou:

— Que diabo, o senhor pensa que viemos aqui para depenar frangos? Em guarda!

Os adversários estavam frente a frente, as testemunhas de cada lado. Ele deu o sinal:

— Vamos!

Cisy pôs-se extraordinariamente pálido. A ponta de sua espada tremia como se fosse um chicote. Descaiu-lhe a cabeça, os braços afastaram-se e caiu de costas, desmaiado. Joseph ergueu-o; e, ao mesmo tempo em que lhe chegava um frasco ao nariz, sacudiu-o com toda a força. O visconde reabriu os olhos e, de súbito, precipitou-se furiosamente sobre a espada. Frédéric conservara a dele na mão, e esperava-o, sem desviar os olhos da espada em riste.

— Parem, parem! — gritou uma voz que vinha da estrada, ao mesmo tempo em que se ouvia galopar um cavalo, e a capota de um cabriolé quebrava os ramos! Um homem debruçado à portinhola agitava um lenço e continuava a gritar: “Parem, parem!”.

O Senhor de Comaing, supondo tratar-se da polícia, ergueu a bengala.

— Acabem com isso! O visconde está sangrando!

— Eu? — disse Cisy.

Com efeito, ao cair, esfolara o polegar da mão esquerda.

— Mas foi na queda — retorquiu o Cidadão.

O barão fingiu não ter ouvido.

Arnoux apeara-se do cabriolé.

Chego demasiado tarde! Não! Deus seja louvado!

E, abraçando Frédéric, apalpava-o, cobria-lhe o rosto de beijos.

— Eu sei a razão; você quis defender o seu velho amigo! Isso é belo, muito belo! Jamais o esquecerei! Como você é bom! Ah! Meu querido filho!

Contemplava-o e chorava, ao mesmo tempo em que ria de felicidade. O barão voltou-se para Joseph.

— Parece-me que estamos sobrando nesta pequena festa de família. Está terminado, não é verdade, meus senhores? Visconde, leve o braço ao peito; olhe, tem aqui o meu lenço. — E depois, com um gesto imperativo: — Vamos, nada de rancores! Reconciliem-se!

Os duelistas trocaram um mole aperto de mão. O visconde, o Senhor de Comaing e Joseph desapareceram por um dos lados, e Frédéric dirigiu-se para o outro, com os amigos.

Como o restaurante de Madrid não ficava longe, Arnoux propôs que fossem até lá beber um copo de cerveja.

— Até podíamos almoçar — disse Regimbart.

Mas, como Dussardier não dispunha de tempo para isso, limitaram-se a tomar refrescos, no jardim. Todos sentiam aquela beatitude que se segue aos desenlaces felizes. Todavia, o Cidadão estava aborrecido por ter o duelo sido interrompido no melhor momento.

Arnoux tivera conhecimento do caso por um tal Compain, amigo de Regimbart; e, num acesso de emoção, correra a impedi-lo, julgando, aliás, ser ele a causa. Pediu a Frédéric alguns pormenores a esse respeito. Frédéric, comovido pelos testemunhos dessa ternura, teve escrúpulos de lhe aumentar as ilusões:

— Por favor, não falemos mais nisso!

Arnoux achou essa reserva sinal de grande delicadeza. Depois, com a habitual leviandade, passou a outro assunto:

— Que há de novo, Cidadão?

E puseram-se a falar de letras e prazos de pagamento. Para o fazerem mais à vontade, foram até falar baixinho, em outra mesa.

Frédéric distinguiu estas palavras: “Você vai assinar-me... — Sim! Mas você, evidentemente... — Consegui negociar-lha finalmente por trezentos! — Boa porcentagem, sim senhor!”. Em suma, era evidente que Arnoux traficava com o Cidadão em muitas coisas.

Frédéric lembrou-se de lhe falar nos quinze mil francos. Mas a intervenção de Arnoux não permitia fazer-lhe qualquer censura, por branda que fosse. Aliás, sentia-se fatigado. O lugar não era próprio. E resolveu deixar isso para outro dia.

Arnoux, sentado à sombra de uma alfena, fumava com expressão hílare. Ergueu os olhos para as portas dos gabinetes particulares, que davam todas para o jardim, e disse que tinha vindo ali muitas vezes, antigamente.

— Acompanhado, é claro? — replicou o Cidadão.

— Pudera!

— Você saiu-me um patife! Um homem casado!

— Ora essa, e você? — retorquiu Arnoux; e, com um sorriso indulgente: — Tenho até a certeza de que esse pirata tem em qualquer canto um quarto onde recebe meninas!

O Cidadão confessou ser verdade, com um simples erguer de sobrancelhas. Então, os dois manifestaram os seus gostos: Arnoux, presentemente, preferia a juventude, as operárias; Regimbart detestava as “melindrosas”, e fazia acima de tudo questão do sólido. A conclusão, dada pelo negociante de faianças, foi que não se devia levar as mulheres a sério.

“E contudo, ele ama a dele!”, pensava Frédéric, durante o regresso; e achava-o um homem desonesto. Queria-lhe mal por causa do duelo, como se tivesse sido por causa dele que, ainda há pouco, arriscara a vida.

Mas estava grato a Dussardier pela dedicação; o caixeiro, a seu pedido, não tardou a ir visitá-lo todos os dias.

Frédéric emprestava-lhe livros: Thiers, Dulaure, Barante, *Les Girondins* de

Lamartine[13]. O excelente moço escutava-o com devoção e acatava-lhe as opiniões como se fossem de um mestre.

Um dia apareceu-lhe muito aflito.

Pela manhã, no bulevar, um homem que vinha correndo desabaladamente foi de encontro a ele; e, reconhecendo-o como amigo de Sénécal, dissera-lhe:

— Acabam de prendê-lo, vou fugir!

Era verdade. Dussardier passara o dia colhendo informações. Sénécal fora detido, sob a acusação de atentado político.

Filho de um contramestre, natural de Lião e tendo sido aluno de um antigo discípulo de Chalier, ingressara, mal chegado a Paris, na Sociedade das Famílias[14]; os seus hábitos eram conhecidos; a polícia mantinha-o sob vigilância. Participara dos motins de maio de 1839[15], e desde então conservara-se afastado, tornara-se cada vez mais exaltado, entusiasta de Alibaud[16], confundindo as próprias queixas contra a sociedade com as do povo contra a monarquia, e despertando cada manhã com a esperança numa revolução que, em quinze dias ou um mês, transformasse o mundo. Finalmente, descoroçoado com a tibieza dos seus irmãos, enraivecido com as demoras que opunham à realização dos seus sonhos e à desespero da pátria, entrara como químico na conspiração das bombas incendiárias; tinha sido apanhado levando pólvora[17], que ia experimentar em Montmartre, numa suprema tentativa para implantar a República.

Dussardier tinha, na República, igual fé, porque ela representava, segundo pensava, a libertação e a felicidade universais. Um dia — aos quinze anos — na RuaTransnonain[18], diante de uma mercearia, vira uns soldados com as baionetas tintas de sangue e cabelos colados à coronha da espingarda; desde esse tempo, o Governo exasperava-o como a própria encarnação da Injustiça. Fazia uma certa confusão entre assassinos e gendarmes; aos seus olhos, um espião não valia mais do que um parricida. Todo o mal espalhado sobre a terra, atribuía-o ingenuamente ao Poder, e votava-lhe um ódio essencial, permanente, que lhe enchia o coração e lhe afinava a sensibilidade. As declamações de Sénécal tinham-no deslumbrado. Não importava que pudesse ser ou não culpado e a tentativa dele, odiosa. Era uma vítima da autoridade, era preciso ajudá-lo.

— Os Pares vão condená-lo, com certeza! Depois será levado num carro celular, como um galé, e irão encerrá-lo no Mont-Saint-Michel, onde o Governo os deixa morrer! Austen ficou louco! Steuben matou-se! Para transferir Barbès para uma masmorra, arrastaram-no pelas pernas, pelos cabelos! Espezinharam-

no, e a cabeça dele ia batendo nos degraus, pelas escadas. Que barbaridade! Os miseráveis!

Oprimiam-no soluços de cólera, e andava à volta do quarto, sob o peso de uma grande angústia.

— É preciso fazer alguma coisa! Mas o quê? Não sei! Se tentássemos libertá-lo? Quando o levarem para o Luxembourg, podíamos assaltar a escolta no corredor! Uma dúzia de homens decididos não há quem os detenha.

Havia um tal fogo nos seus olhos, que Frédéric sentiu um arrepio.

Sénécal lhe pareceu maior do que supunha. Lembrou-se dos sofrimentos dele, da sua vida austera; não sentindo por ele o entusiasmo de Dussardier, experimentava contudo aquela admiração que inspira sempre o homem que se sacrifica por uma ideia. Pensava que, se o tivesse auxiliado, Sénécal não teria chegado àquela situação; e os dois amigos procuraram laboriosamente uma combinação que lhes permitisse salvá-lo.

Não lhes foi possível chegar junto dele.

Frédéric procurava notícias nos jornais, e durante três semanas frequentou assiduamente os gabinetes de leitura.

Um dia, vieram-lhes às mãos alguns números do *Flambard.* O artigo de fundo era invariavelmente consagrado à demolição de um homem ilustre. Vinham depois as notícias mundanas, os mexericos. Em seguida, fazia-se troça do Odéon, de Carpentras, da piscicultura e dos condenados à morte, quando os havia. O desaparecimento de um paquete dava assunto para gracejos durante um ano inteiro. Na terceira coluna, um correio das artes oferecia, sob a forma de anedota ou de conselho, anúncios de alfaiates, juntamente com a resenha de reuniões mundanas, anúncios de vendas, análises de livros, tratando no mesmo estilo um livro de versos e um par de botas. A única seção séria era a crítica dos pequenos teatros, na qual dois ou três diretores eram constantemente atacados; e os interesses da Arte eram invocados a propósito de um cenário do Funambules ou de uma atriz do Délassements.

Frédéric ia pôr o jornal de lado quando deu com os olhos num artigo intitulado: “Uma franguinha entre três galos”. Era a história do seu duelo, narrada em estilo travesso, gaulês. Não teve dificuldade em se reconhecer, porque era designado por este gracejo, várias vezes repetido: “Um jovem do colégio de Sens, a quem *este* falta”[19]. Era apresentado como um pobre-diabo provinciano, um obscuro pateta que procurava introduzir-se no meio dos grandes senhores. Quanto ao visconde, tinha o melhor papel, primeiro durante a ceia, na qual se intrometia à força, depois na aposta, porque era ele que levava a moça, e

finalmente no duelo, no qual se comportava como um gentil-homem. Não se negava propriamente a coragem de Frédéric, mas fazia-se compreender que um intermediário, o próprio "protetor", chegara no momento oportuno. E a conclusão era esta frase, cheia de perfídia:

"De onde lhes vem tanta dedicação? Mistério! E, como diz Bazilie, quem diabo é aqui o enganado?".

Era, sem dúvida, possível uma vingança de Hussonnet contra Frédéric, por ele lhe ter recusado os cinco mil francos.

Que fazer? Se lhe pedisse satisfações, o boêmio ia jurar inocência, e isso não serviria de nada. O melhor era suportar a afronta calado. Afinal, ninguém lia o *Flambard*.

Ao sair do gabinete de leitura, viu muitas pessoas em frente à loja de um negociante de quadros. Contemplavam um retrato de mulher, por baixo do qual se lia, em letras negras: "A Srta. Rose-Annette Bron, pertencente ao Sr. Frédéric Moreau, de Nogent".

Era ela, com efeito — ou quase — vista de frente, o seio à mostra, cabelos soltos, segurando nas mãos uma bolsa de veludo vermelho, enquanto, atrás, um pavão estendia o bico sobre o ombro dela, cobrindo a parede com seu leque de plumas.

Pellerin expusera o retrato para forçar Frédéric a pagar-lho, persuadido de que era célebre e que Paris inteiro, entusiasmando-se a seu favor, ia interessar-se por aquela mesquinharia.

Seria uma conjura? O pintor e o jornalista ter-se-iam entendido para darem o golpe?

O duelo nada evitara. Caíra no ridículo, toda a gente fazia pouco dele.

Três dias depois, em fins de junho, tendo a cotação das ações do Norte subido quinze francos, como adquirira duas mil no mês anterior, ganhou assim trinta mil francos[20]. Este afago da fortuna fez-lhe recuperar a confiança. Disse de si para si que não precisava de ninguém, que todas as dificuldades lhe vinham da timidez, das hesitações. Devia ter começado com a Marechala brutalmente, negando o dinheiro a Hussonnet logo da primeira vez, não se comprometendo com Pellerin; e, para mostrar que nada o perturbava, foi a uma das reuniões habituais da Senhora Dambreuse.

No meio do vestíbulo, Martinon, chegado ao mesmo tempo, voltou-se.

— Como, tu vens aqui? — com um ar de surpresa e até de contrariedade por vê-lo.

— Por que não?

E, enquanto pensava qual poderia ser a causa daquela atitude, entrou no salão.

A luz era débil, apesar dos candeeiros pousados nos cantos; porque as três janelas, escancaradas, erguiam paralelamente três largos quadrados de sombra negra. Debaixo dos quadros, jardineiras ocupavam os intervalos da parede até à altura de urna pessoa; e um bule de prata com um samovar refletia-se ao fundo, num espelho. Havia um murmúrio de vozes discretas. Ouvia-se o ranger de escarpins sobre o tapete.

Distinguiu um negrume de casacas, depois uma mesa redonda iluminada por um grande abajur, sete ou oito mulheres com roupas de verão, e, um pouco adiante, a Senhora Dambreuse, numa cadeira de balanço. O seu vestido de tafetá lilás tinha as mangas fendidas, deixando sair tufos de gaze, e a tonalidade suave do tecido casava-se com a cor dos seus cabelos; um pouco inclinada para trás, pousava a ponta do pé numa almofada — tranquila como uma obra de arte cheia de delicadeza, uma flor de alta cultura.

O Senhor Dambreuse e um velho de cabelos brancos passeavam de um extremo ao outro do salão. Aqui e ali, algumas pessoas conversavam, sentadas na beira dos pequenos sofás; os outros, de pé, ao centro, faziam círculo.

Conversavam sobre votos, emendas, modificações de emendas, sobre o discurso do Sr. Grandin e a réplica do Sr. Benoist[21]. Decididamente o terceiro partido ia longe demais! A centro-esquerda não devia esquecer as suas origens! O ministério sofrera sérios ataques! Contudo, o fato de não se ver quem lhe pudesse suceder era tranquilizador. Em suma, a situação era tal qual a de 1834.

Como essas coisas o aborreciam, Frédéric aproximou-se das mulheres. Martinon estava junto delas, em pé, chapéu debaixo do braço, cabeça a três quartos, com tal compostura que parecia uma porcelana de Sèvres. Lançou mão de uma *Revue des Deux-Mondes* que estava em cima da mesa, entre uma *Imitação* e um *Annuaire de Gotha,* e julgou desdenhosamente um poeta ilustre, disse que frequentava as conferências de S. Francisco, queixou-se da laringe, engolindo de quando em quando uma pastilha; e, entretanto, falava de música, mostrava-se superficial. A Senhorita Cécile, a sobrinha do Senhor Dambreuse, que bordava uns punhos, fixava nele, de soslaio, os olhos de um azul desmaiado; e Miss John, a preceptora de nariz achatado, até largara o bordado; ambas pareciam exclamar, no íntimo:

— Como é belo!

A Senhora Dambreuse voltou-se para ele.

— Quer dar-me o meu leque, que está naquele consolo? Não, esse não, o

outro!

Ergueu-se; e, quando ele voltava, ambos se encontraram no meio do salão, frente a frente; ela disse-lhe com vivacidade algumas palavras, sem dúvida de censura, a julgar pela expressão altiva; Martinon esforçava-se por sorrir; em seguida foi meter-se na roda dos homens sérios. A Senhora Dambreuse voltou ao seu lugar e, inclinando-se sobre o braço da cadeira, disse a Frédéric:

— Encontrei anteontem alguém que me falou a seu respeito, o Senhor de Cisy; conhece-o, não é verdade?

— Sim... vagamente.

De súbito, a Senhora Dambreuse exclamou:

— Duquesa, que prazer!

E foi até a porta, ao encontro de uma velhinha de pequena estatura, com vestido de tafetá castanho-claro, e touca de renda de pontas caídas. Filha de um companheiro de exílio do Conde d'Artois e viúva de um marechal do Império, que tinha sido elevado a par de França em 1830, estava ligada tanto à antiga como à nova corte, e podia conseguir muita coisa. Os que palestravam de pé afastaram-se, depois voltaram à discussão.

Esta versava agora sobre o pauperismo[22], acerca do qual, segundo aqueles senhores, tudo quanto se dizia era muito exagerado.

— Todavia — objetou Martinon — a miséria existe, confessêmo-lo! Mas o remédio não estará nem na Ciência nem no Poder. É uma questão puramente individual. Quando as classes inferiores quiserem abandonar os seus vícios, ficarão libertas das suas necessidades. Que o povo se torne mais moral, e será menos pobre!

Na opinião do Senhor Dambreuse, não se conseguiria nada de bom sem superabundância do capital. Portanto, a única solução viável seria confiar, “como o desejavam, aliás, os sansimonistas (meu Deus, eles tinham alguma coisa de bom, sejamos justos para todos!), confiar, dizia eu, a causa do Progresso àqueles que podem aumentar o tesouro público”. Insensivelmente, a conversa derivou para as grandes explorações industriais, as estradas de ferro, o carvão. E o Senhor Dambreuse, dirigindo-se a Frédéric, disse-lhe em voz baixa:

— Não apareceu para tratar do nosso negócio.

Frédéric desculpou-se com uma doença; mas, sentindo que a desculpa era frágil demais:

— Aliás, tive necessidade dos meus fundos.

— Para comprar uma carruagem? — retorquiu a Senhora Dambreuse, que ia passando junto dele, com uma xícara de chá na mão; e fitou-o durante um

instante, com a cabeça um pouco de lado.

Ela supunha-o amante de Rosanette; a alusão era clara. Pareceu até a Frédéric que todas as damas o olhavam de longe, murmurando. Para ver melhor o que elas pensavam, aproximou-se novamente do grupo.

Do outro lado da mesa, Martinon folheava um álbum, sentado junto da Srta. Cécile. Eram litografias que representavam trajes espanhóis. Ia lendo em voz alta as legendas: “Sevilhana. — Jardineiro de Valência. — Toureiro andaluz”; e, descendo uma vez até o fim da página, continuou sem interrupção:

— “Jacques Arnoux, editor”, um dos teus amigos, hein?

— É certo — disse Frédéric, magoado pelo tom. A Senhora Dambreuse interveio:

— Com efeito, o senhor esteve aqui uma vez, pela manhã, por causa de... uma casa, se não me engano? É isso, uma casa da mulher dele (o que significava: “Você é amante dela”).

Frédéric corou até as orelhas; e o Senhor Dambreuse, que se aproximara, acrescentou:

— Você parecia até interessar-se muito por eles.

Essas últimas palavras acabaram de desconcertar Frédéric. A sua perturbação, visível, julgava ele, ia confirmar as suspeitas, quando o Senhor Dambreuse lhe disse de mais perto, com ar grave:

— Não tem negócios com ele, suponho?

Frédéric protestou, abanando repetidas vezes a cabeça, sem compreender a intenção do capitalista, que pretendia dar-lhe um conselho.

Tinha vontade de ir-se embora. O receio de parecer covarde reteve-o. Um criado recolhia as xícaras do chá; a Senhora Dambreuse conversava com um diplomata de casaca azul; duas jovens, de cabeças juntas, examinavam um anel; as outras, sentadas em semicírculo nas poltronas, moviam suavemente os rostos pálidos, enquadrados por cabelos negros ou loiros; enfim, ninguém lhe dava atenção. Frédéric fez meia volta; e, depois de uma série de longos ziguezagues, estava quase alcançando a porta, quando, ao passar junto de um consolo, viu, em cima deste, entre um vaso da China e a parede, um jornal dobrado. Puxou por ele, e leu estas palavras: *Le Flambard.*

Quem o teria trazido? Cisy! Evidentemente, só podia ter sido ele. Aliás, que importava isso? Iam acreditar, talvez todos eles já acreditassem no artigo. Por que tanto encarniçamento? Uma ironia silenciosa envolvia-o. Sentia-se perdido como num deserto. Mas a voz de Martinon elevou-se:

— A propósito de Arnoux, entre os presos das bombas incendiárias vi o

nome de um empregado dele, Sénécal. Será o nosso?

— Em pessoa — disse Frédéric.

Martinon repetiu, elevando muito a voz:

— Mas como, o nosso Sénécal! O nosso Sénécal!

Então, fizeram-lhe perguntas sobre a conjura; dado o seu lugar de substituto no tribunal, devia estar informado.

Confessou que não. Aliás, conhecia muito mal o sujeito, tendo-o visto duas ou três vezes apenas, e, em suma, tinha-o na conta de um tipo pouco sério. Frédéric, indignado, exclamou:

— De maneira nenhuma! É um rapaz muito honesto!

— Contudo, meu caro senhor — disse um proprietário —, um sujeito que conspira não pode ser sério!

A maioria dos homens que ali estavam tinha servido, pelo menos, quatro governos; e teria vendido a França ou a espécie humana, para garantir o seu dinheiro, livrar-se de um incômodo, de uma dificuldade, ou até por simples baixeza, por adoração instintiva da força. Todos afirmaram que os crimes políticos eram indesculpáveis. Antes perdoar aqueles que resultavam da necessidade! E não deixaram de apresentar o eterno exemplo do pai de família, roubando o eterno pedaço de pão do eterno padeiro.

Um administrador chegou a exclamar:

— Mas, meu caro senhor, se soubesse que um irmão meu conspirava, ia denunciá-lo!

Frédéric invocou o direito de resistência; e, recordando-se de algumas frases que ouvira a Deslauriers, citou Desolmes, Blackstone, a Declaração dos Direitos na Inglaterra e o artigo 2 da Constituição de 91. Precisamente em virtude desse direito, Napoleão tinha sido destituído; reconhecido em 1830, fora inscrito à cabeça da Carta.

— Aliás, quando o soberano não cumpre o contrato, a justiça manda que ele seja derrubado.

— Mas é abominável! — exclamou a mulher de um prefeito.

Todas as outras se mantinham em silêncio, vagamente amedrontadas, como se tivessem ouvido sibilar as balas. A Senhora Dambreuse balançava-se na cadeira, e escutava-o sorrindo.

Um industrial, antigo carbonário[23], tentou demonstrar-lhe que os Orléans eram urna bela familia; é claro, existiam abusos...

— Bem, e então?

— Mas não se deve falar neles, meu caro senhor! Se soubesse como toda

essa gritaria da oposição prejudica os negócios!

— Quero lá saber dos negócios! — retorquiu Frédéric.

A podridão daquela velharia exasperava-o; e, arrastado pela audácia que às vezes se apodera dos mais tímidos, atacou os financeiros, os deputados, o Governo, o rei, tomou a defesa dos árabes, dizendo uma porção de tolices. Alguns estimulavam-no ironicamente: “Vamos! Continue!”, ao passo que outros murmuravam: “Diabo! Que exaltado!”. Finalmente, achou conveniente ir-se embora; e, ao partir, o Senhor Dambreuse disse-lhe, aludindo ao lugar de secretário:

— Nada está ainda terminado! Mas resolva depressa!

E a Senhora Dambreuse:

— Até breve, não é verdade?

Frédéric julgou ver naquela despedida mais uma ironia.

Estava decidido a nunca mais voltar àquela casa, a deixar de frequentar toda aquela gente. Julgava tê-los ferido, ignorando o grande fundo de indiferença que a sociedade possui! Sobretudo aquelas mulheres indignavam-no. Nem uma sequer o apoiara, com um olhar que fosse. Queria-lhes mal por não se terem deixado impressionar. Quanto à Senhora Dambreuse, achava nela algo de langoroso e ao mesmo tempo seco, que não permitia defini-la com uma fórmula. Teria ela um amante? Quem seria? O diplomata, ou outro? Martinon, talvez? Impossível! Contudo, sentia uma espécie de ciúme dele, e, para com ela, uma inexplicável má vontade.

Dussardier, que aparecera nessa noite, como de costume, esperava-o. Frédéric tinha o coração pesado; abriu-se com ele, e as suas queixas, embora vagas e difíceis de compreender, entristeceram o bom do caixeiro; foi ao ponto de queixar-se do seu isolamento. Dussardier, com certa hesitação, propôs que fosse visitar Deslauriers.

Ao ouvir o nome do advogado, Frédéric sentiu uma grande necessidade de vê-lo. A sua solidão intelectual era enorme, e a companhia de Dussardier insuficiente. Respondeu-lhe que arranjasse as coisas como entendesse.

Também Deslauriers sentia, depois da zanga, um vazio na sua vida. Cedeu sem dificuldade às injunções cordiais.

Abraçaram-se, e começaram a conversar sobre coisas sem importância.

A reserva de Deslauriers comoveu Frédéric; e, para lhe dar como que uma reparação, contou-lhe no dia seguinte a perda dos quinze mil francos, sem dizer que estes lhe eram primitivamente destinados. Contudo, o advogado não teve dúvidas. Esse contratempo, que vinha dar razão à má vontade dele contra

Arnoux, desfez-lhe completamente o rancor, e não voltou a falar na antiga promessa.

Frédéric, iludido por esse silêncio, julgou que a tivesse esquecido. Alguns dias depois, perguntou-lhe se não haveria maneira de recuperar os fundos.

Podiam contestar-se as hipotecas anteriores, atacar Arnoux como estelionatário, fazer-se um arresto dos bens da mulher.

— Não! Não! Contra ela, não! — exclamou Frédéric; e, cedendo às perguntas do antigo escrevente, confessou a verdade. Deslauriers ficou convencido de que ele não dizia tudo, sem dúvida por delicadeza. Essa falta de confiança ofendeu-o.

Todavia, estavam tão íntimos como outrora, e sentiam tanto prazer em se encontrar que até a presença de Dussardier os constrangia. A pretexto de certos encontros, foram-se libertando dele, a pouco e pouco. Há homens cuja única missão entre os outros é servir de intermediários; passa-se por eles como se fossem pontes, para ir mais adiante.

Frédéric não ocultava nada ao seu velho amigo. Contou-lhe o caso das hulhas, e a proposta do Senhor Dambreuse. O advogado ficou pensativo.

— É curioso! Para esse lugar conviria uma pessoa conhecendo direito a fundo!

— Mas tu poderás ajudar-me — replicou Frédéric.

— Sim... pois... evidentemente!

Nessa mesma semana, mostrou-lhe uma carta da mãe.

A Senhora Moreau acusava-se de ter julgado mal o Senhor Roque, o qual dera explicações satisfatórias da sua conduta. Em seguida falava da fortuna dele, e da possibilidade, mais tarde, de um casamento com Louise.

— Talvez não fosse asneira! — disse Deslauriers.

Frédéric não queria ouvir falar em tal coisa; aliás, o velho Roque era um salafrário. Isso não tinha a menor importância, achava o advogado.

Em fins de julho, as ações do Norte sofreram uma baixa inexplicável. Frédéric não tinha vendido as suas; perdeu, de uma vez só, sessenta mil francos. Os seus rendimentos ficaram sensivelmente diminuídos. Tinha que restringir os gastos, ou arranjar um emprego, ou fazer um bom casamento.

Então Deslauriers falou-lhe na Srta. Roque. Nada o impedia de ir ver o que havia. Frédéric estava um pouco fatigado, a província e a casa materna haviam de lhe fazer bem. Partiu.

O aspecto das ruas de Nogent, revistas ao luar, fê-lo evocar velhas recordações; e sentia uma espécie de angústia, como quem regressa ao fim de

longas viagens.

Encontrou em casa da mãe todos os frequentadores de outrora: os Senhores Gamblin, Heudras e Chambrion, a família Lebrun, “as Senhoritas Auger”; além deles, o Senhor Roque e, em frente da Senhora Moreau, diante de uma mesa de jogo, a Srta. Louise. Esta, que presentemente era já uma mulher, ergueu-se, dando um grito. Todos se agitaram. Ela ficara imóvel, de pé; e os quatro castiçais de prata pousados na mesa aumentavam-lhe a palidez. Quando voltou a jogar, tremia-lhe a mão. Esta emoção deixou Frédéric extraordinariamente desvanecido porque tinha um orgulho doentio; disse de si para si: “Tu hás de amar-me!” e, vingando-se dos seus malogros da capital, deu-se ares de parisiense, de homem da moda, contou coisas dos teatros, anedotas dos salões, que conhecia dos pequenos jornais, em suma, deslumbrou os conterrâneos.

No dia seguinte, a Senhora Moreau discreteou sobre as qualidades de Louise; em seguida, enumerou as matas, os campos que ela viria a possuir. A fortuna do Senhor Roque era considerável.

Tinha-a acumulado colocando fundos para o Senhor Dambreuse; como emprestava a pessoas que podiam dar boas garantias hipotecárias, isto permitia-lhe cobrar juros suplementares e porcentagens. O capital, graças à sua ativa vigilância, não corria nenhum risco. Aliás, o Senhor Roque não hesitava jamais em pôr à venda as propriedades; depois, comprava a preço vil os bens hipotecados, e o Senhor Dambreuse, como recuperava os fundos, achava os negócios muito bem conduzidos.

Mas esta manipulação extralegal comprometia-o em relação ao administrador. Não lhe podia recusar nada. Fora a instâncias dele que recebera Frédéric daquela maneira.

Com efeito, o Senhor Roque alimentava uma ambição no fundo da alma. Queria que a filha fosse condessa; e, para consegui-lo, sem pôr em risco a felicidade dela, não via outro genro senão aquele.

Graças à proteção do Senhor Dambreuse, conseguiria que lhe dessem o título do avô, porque a Senhora Moreau era filha de um Conde de Fouvens, e aparentada, aliás, às mais antigas famílias da Champanha, os Lavernade, os d’Étrigny. Quanto aos Moreau, uma inscrição gótica, junto dos moinhos de Villeneuve-l’Archevêque, falava num Jacob Moreau que os reidificara em 1596; e o túmulo de um filho deste, Pierre Moreau, estribeiro do rei, no tempo de Luís XIV, podia ver-se na capela Saint-Nicolas.

Tamanha nobreza fascinava o Senhor Roque, filho de um antigo criado. Se a coroa de conde não se arranjasse, consolar-se-ia com outra coisa; porque

Frédéric podia chegar a deputado quando o Senhor Dambreuse chegasse a par, e então ajudá-lo-ia nos negócios, obtendo-lhe fornecimentos, contratos. O jovem agradava-lhe, pessoalmente. Em suma, queria-o para genro, porque havia muito que essa ideia se lhe metera na cabeça, e cada vez o dominava mais.

Agora frequentava a igreja; — e conquistara a Senhora Moreau com a esperança de um título, sobretudo. Todavia, ela abstivera-se de lhe dar uma resposta decisiva.

Assim, oito dias depois, sem que tivesse havido qualquer compromisso, Frédéric era tido como o “prometido” da Srta. Louise; e o Senhor Roque, pouco escrupuloso, deixava-os sozinhos de vez em quando.

V

Deslauriers levara da casa de Frédéric a cópia do título da sub-rogação, com uma procuração que lhe dava plenos poderes; mas, depois de ter subido os cinco andares da sua casa, e ao achar-se só, no meio do triste gabinete, na poltrona de couro, sentiu náuseas à vista do papel selado.

Estava cansado daquelas coisas, e dos restaurantes de trinta e dois *sous*, de andar de ônibus, da miséria, dos seus esforços. Voltou a pegar nos papéis; ao lado havia outros; eram prospectos da companhia hulheira, com a lista das minas e pormenores sobre a capacidade delas, que Frédéric lhe entregara para ele opinar.

Teve uma ideia: apresentar-se em casa do Senhor Dambreuse e pedir-lhe o lugar de secretário. Este dependia, evidentemente, da compra de certo número de ações. Reconheceu a loucura do projeto e disse de si para si:

"Oh, não! Seria malfeito".

Então, pensou na maneira de reaver os quinze mil francos.

Para Frédéric, tal soma não era nada! Mas, nas mãos dele, que alavanca não seria! E o antigo escrevente indignou-se por a fortuna do outro ser tão grande.

— Para o triste emprego que lhe dá! É um egoísta. Ora! Quero lá saber dos quinze mil francos!

Por que os tinha emprestado? Pelos lindos olhos da Senhora Arnoux. Era amante dele! Deslauriers não tinha a menor dúvida. "Eis outra das coisas para que o dinheiro serve!" Dominaram-no pensamentos cheios de ódio.

Depois, pensou na própria pessoa de Frédéric. Este sempre exercera sobre ele uma sedução quase feminina; e dentro em breve começou a admirá-lo por um êxito de que se reconhecia incapaz.

Entretanto, não era a vontade o elemento capital em tais empreendimentos?

E, visto que com ela se triunfa em tudo...

— Ah! Teria graça!

Mas sentiu vergonha dessa perfídia, e um minuto depois:

— Ora! Terei medo, por acaso?

A Senhora Arnoux (à força de ouvir falar nela) acabara por ganhar proporções extraordinárias na sua admiração. A persistência daquele amor irritava-o como um problema. Presentemente, a sua própria austeridade, um pouco teatral, já o irritava. Aliás, a mulher da sociedade (ou a que ele assim supunha) deslumbrava o advogado, como símbolo e síntese de mil prazeres ignorados. Pobre, cobiçava o luxo sob a sua forma mais clara.

— Afinal, se ele se zangar, paciência! Portou-se demasiado mal comigo, por que havia eu de me constranger? Nada me garante que ela seja sua amante! Ele negou. Portanto, estou livre!

O desejo de tomar essa iniciativa não o largava. Era uma prova de força que queria fazer; — e assim, um dia, de repente, ele próprio engraxou as botas, comprou umas luvas brancas, e pôs-se a caminho, pondo-se no lugar de Frédéric e quase imaginando ser ele, por uma singular evolução intelectual em que havia ao mesmo tempo vingança e simpatia, imitação e audácia.

Mandou anunciar “o Doutor Deslauriers”.

A Senhora Arnoux ficou surpreendida, não chamara médico nenhum.

— Ah! Mil desculpas! Sou doutor em direito. Venho por causa dos negócios do Senhor Moreau.

Este nome pareceu deixá-la perturbada.

“Tanto melhor, visto que ele lhe serviu, também eu lhe hei de servir!” pensou o antigo escrevente, estimulando-se com a ideia corrente de ser mais fácil suplantar um amante do que um marido.

Tivera o prazer de encontrá-la, uma vez, no Palácio da Justiça; citou até a data. Tanta memória espantou a Senhora Arnoux. Ele prosseguiu, num tom meloso:

— A senhora já tinha... algumas dificuldades... nos seus negócios!

Ela nada respondeu; portanto, era verdade.

Deslauriers pôs-se a conversar sobre isto e aquilo, a casa dela, a fábrica; em seguida, ao ver junto do espelho alguns medalhões:

— Ah! Retratos de família, certamente?

Notou o de uma senhora idosa, a mãe dela.

— Tem ar de excelente pessoa, um tipo meridional.

E, à objeção de que era de Chartres:

— Chartres! Linda cidade.

Gabou a catedral e os pastéis; depois, voltando ao retrato, achou semelhanças com a Senhora Arnoux, fazendo-lhe elogios indiretos. Ela não se mostrou chocada. Deslauriers ganhou confiança e disse que conhecia Arnoux havia muito.

— É um excelente rapaz! Mas que se compromete! Com esta hipoteca, por exemplo, não se imagina uma leviandade...

— Sim, eu sei — disse ela, encolhendo os ombros.

Essa involuntária manifestação de desprezo estimulou Deslauriers a ir em frente.

— Aquela história do caolino, talvez a senhora não saiba, ia sendo o diabo, e até a reputação dele...

Um franzir de sobrancelhas fê-lo calar.

Então, refugiando-se nas generalidades, lamentou as pobres mulheres cuja fortuna é dilapidada pelos maridos...

— Mas a fortuna é dele, meu caro senhor; eu não tenho nada!

Fosse como fosse! Não se sabia... Uma pessoa experiente podia ser útil. Fez promessas de dedicação, exaltou os próprios méritos; e olhava-a de frente, através dos óculos que lançavam reflexos.

Ela começava a sentir um vago torpor; e de repente:

— Vejamos o caso, por favor!

Deslauriers exibiu os documentos.

— Isto é a procuração de Frédéric. Com um papel destes nas mãos de um oficial de diligências que fará uma intimação, não há nada mais simples: dentro de vinte e quatro horas... (Ela permanecia impassível, Deslauriers mudou de tática.) — Eu, aliás, não compreendo por que ele reclama essa quantia; afinal, não tem a menor necessidade dela!

— Como! O Senhor Moreau mostrou-se tão bondoso...

— Sim, sem dúvida!

E Deslauriers pôs-se a elogiá-io, depois passou a denegri-lo, com todo o cuidado, apresentando-o como negligente, muito preocupado consigo, avarento.

— Pensei que fosse um amigo do senhor!

— Isso não me impede de lhe ver os defeitos. Assim é que ele parece esquecer... como direi? A simpatia...

A Senhora Arnoux voltava às folhas do grosso caderno. Interrompeu-o, pedindo a explicação de uma palavra.

Deslauriers inclinou-se sobre o ombro dela, tão próximo que lhe roçou a

face. Ela corou; esse afogueamento excitou Deslauriers, que lhe beijou a mão com voracidade.

— Que é isso, senhor!

E, de pé, encostada à parede, fixou nele os grandes olhos, negros e irritados.

— Escute-me! Eu amo-a!

Ela soltou uma risada, um riso agudo, desesperante, atroz. Deslauriers teve um acesso de raiva. Conteve-se; e, com o ar de um vencido que pede clemência:

— Ah! Faz mal! Eu não iria, como ele...

— De quem está a falar?

— De Frédéric!

— Ora! O Senhor Moreau preocupa-me pouco, já lhe disse!

— Oh, perdão!... Perdão!...

Depois, com voz mordaz, e arrastando as frases:

— Pensei até que se interessasse suficientemente por ele para ficar contente em saber...

Ela pôs-se muito pálida. O antigo escrevente acrescentou:

— Que ele vai casar.

— Ele!

— Dentro de um mês, o mais tardar, com a Srta. Roque, a filha do administrador do Senhor Dambreuse. Ele até foi para Nogent, só por causa disso.

Ela levou a mão ao coração, como se tivesse recebido um grande golpe; mas, logo em seguida, tocou a campainha. Deslauriers não esperou que o pusessem fora. Quando ela se voltou, já tinha desaparecido.

A Senhora Arnoux sentia-se um pouco oprimida. Aproximou-se da janela para respirar.

No passeio, do outro lado da rua, um homem em mangas de camisa pregava um caixote. Passavam fiacres. Fechou a janela, e voltou a sentar-se. Os altos prédios vizinhos interceptavam o sol, uma luz fria banhava o apartamento. Os filhos tinham saído, nada bulia à volta dela. Era como uma imensa deserção.

“Ele vai casar! Será possível?”

E começou a sentir um tremor nervoso.

“Por que é isto? Será possível que eu o ame?”

Depois, subitamente:

“Mas sim, eu amo-o... eu amo-o!”.

Tinha a impressão de estar mergulhada em qualquer coisa profunda, que não acabava mais. O relógio bateu três horas. Escutou as vibrações morrerem. Permanecia na beira da poltrona, com um olhar fixo, sorrindo sempre.

Na mesma tarde, no mesmo momento, Frédéric e a Srta. Louise passeavam pelo jardim que o Sr. Roque possuía na extremidade da ilha. A velha Catherine vigiava-os, de longe; caminhavam lado a lado, e Frédéric dizia:

— Lembra-se de quando eu a levava a passear no campo?

— Como era bom para mim! — respondeu ela. — Ajudava-me a fazer bolos com areia, a encher o meu regador, a brincar no balanço!

— Que foi feito das suas bonecas, que tinham todas nomes de rainhas ou de marquesas?

— Não faço a menor ideia!

— E o seu cãozinho Moricaud!

— Morreu afogado, o pobrezinho!

— E o *D. Quixote*[1], cujas figuras coloríamos juntos?

— Ainda o tenho!

Ele lembrou-lhe o dia da primeira comunhão, e como estava encantadora no ofício da tarde, com o véu branco e uma grande vela, enquanto desfilavam todas em volta do coro, e o sino badalava.

Essas recordações tinham, sem dúvida, pouco encanto para a Srta. Roque; não respondeu nada; e passado um minuto:

— Seu mau! Que nem uma vez me deu notícias suas!

Frédéric objetou os numerosos afazeres.

— O que é que fazia?

Ele ficou atrapalhado com a pergunta, e depois disse que estudava Política.

— Ah!

E sem querer saber mais:

— Isso ocupa-o, mas eu!...

Então contou-lhe a aridez da sua existência, sem ver ninguém, sem o menor divertimento, a menor distração! Ela desejaria montar a cavalo.

— O vigário acha impróprio para uma menina; que coisa tola, as conveniências! Antigamente, deixavam-me fazer tudo quanto me apetecia; agora, nada!

— Contudo, o seu pai gosta muito de você!

— Sim; mas...

Suspirou, querendo dizer: “Isso não faz a minha felicidade”.

Depois, houve um silêncio. Ouviam apenas o estalar da areia debaixo dos pés e o murmúrio da queda d’água; porque o Sena, acima de Nogent, se divide em dois braços. Aquele que faz mover os moinhos lança ali o excedente das suas águas, que voltam mais abaixo ao curso natural do rio; e, quando se vem das

pontes, avista-se à direita, na outra margem, um talude de relvado dominado por uma casa branca. À esquerda, nos prados, erguem-se choupos, e o horizonte é limitado, defronte, por uma curva do rio; este mostrava-se regular como um espelho; grandes insetos deslizavam na água tranquila. Tufos de junco ladeavam-na, irregularmente; as mais diversas plantas cresciam ali, florescendo em botões de ouro, deixando pender cachos amarelos, erguendo rocas de flores arroxeadas, lançando ao acaso as hastes verdes. Numa reentrância do rio, estendiam-se plantas aquáticas; e um renque de velhos salgueiros, ocultando armadilhas, era a única defesa do jardim, desse lado da ilha.

Dentro, quatro muros com uma cobertura de lousas fechavam a horta, onde os canteiros de terra, recentemente lavrados, formavam manchas castanhas. As campânulas dos melões brilhavam em fila, sobre sua estreita cama; as alcachofras, os feijões, os espinafres, as cenouras e os tomates alternavam-se até uma plantação de espargos, que parecia um bosquezinho de plumas.

Todo aquele terreno fora, no tempo do Diretório, o que se chamava uma *folie*[2]. Desde então, as árvores tinham crescido desmedidamente. As trepadeiras enrodilhavam-se nos caramanchões, as aleias estavam cobertas de musgo, havia silvas por todos os lados. Por entre as ervas apareciam pedaços de estátuas, cujo gesso se esmigalhava. Os pés ficavam às vezes presos em pedaços de arame, restos de obras ali realizadas. Do pavilhão restavam apenas dois quartos no rés-do-chão, com pedaços de papel azul. Diante da fachada estendia-se uma latada à italiana, sobre cujos esteios de tijolo, ripas entrelaçadas suportavam uma parreira.

Foram até lá os dois, e, como a luz passava através dos interstícios desiguais da folhagem, Frédéric, falando de lado a Louise, observava a sombra das folhas no rosto da moça.

Ela usava, entre os cabelos vermelhos, no coque, um alfinete cuja cabeça era uma bola de vidro imitando uma esmeralda; e calçava, embora estivesse de luto (tão ingênua era a sua falta de gosto), pantufas de palha franjadas de cetim cor-de-rosa, muito vulgares, certamente compradas em alguma feira.

Ele notou-as, elogiando-as ironicamente.

— Não faça troça de mim! — replicou ela.

Em seguida, considerando-o dos pés à cabeça, desde o chapéu de feltro cinzento até as meias de seda:

— Como está elegante!

Depois, pediu que lhe indicasse alguns livros para ler. Ele citou diversos; e ela disse:

— Oh! Você sabe tanta coisa!

Pequenina ainda, dedicara-lhe um desses amores de criança que têm ao mesmo tempo a pureza de uma religião e a violência de uma necessidade. Fora o companheiro, o irmão, o mestre, distraíra-lhe o espírito, fizera-lhe bater o coração e instilara, no mais fundo dela, uma embriaguez latente e contínua. Depois, abandonara-a em plena crise trágica, quando a mãe tinha acabado de morrer, e aqueles dois desesperos confundiam-se. A ausência idealizara-o na sua recordação; voltava como que aureolado; agora, entregava-se ingenuamente à felicidade de vê-lo.

Pela primeira vez na vida, Frédéric sentia-se amado; e este prazer novo, que não ultrapassava o nível dos sentimentos agradáveis, dava-lhe uma espécie de íntima plenitude, e tão intensa que o fez abrir os braços, deitando a cabeça para trás.

Uma pesada nuvem passava então no céu.

— Vai para os lados de Paris — disse Louise; — gostaria de acompanhá-la, não é assim?

— Eu! Por quê?

— Sabe-se lá?

E lançando-lhe um olhar inquiridor:

— Talvez tenha deixado lá... — (procurava a palavra) — qualquer afeição.

— Ora! Não tenho afeição nenhuma!

— Com certeza?

— Sem dúvida, menina, sem dúvida!

Em menos de um ano, dera-se nela uma transformação extraordinária, que espantava Frédéric. Após um minuto de silêncio, acrescentou:

— Devíamos tratar-nos por tu, como antigamente: quer?

— Não.

— Por quê?

— Porque não!

Frédéric insistiu. Ela respondeu, baixando a cabeça:

— Não me atrevo!

Tinham alcançado o fundo do jardim, junto à margem do Livon. Frédéric, por garotice, pôs-se a atirar pedrinhas na água. Ela ordenou-lhe que se sentasse. Ele obedeceu; e depois, olhando a queda-d’água:

— É como o Niágara!

E pôs-se a falar de terras distantes e de grandes viagens. Ela deliciava-se à ideia de fazê-las. Não teria medo de nada, nem das tempestades, nem dos leões.

Sentados um ao lado do outro, apanhavam punhados de areia e deixavam-na escorrer por entre os dedos, enquanto conversavam; — e o vento quente que soprava das planícies trazia-lhes, às lufadas, um perfume de lavanda, de mistura com o cheiro de alcatrão que vinha de uma barca, atrás do açude. O sol dava em cheio na cachoeira; as pedras esverdeadas do pequeno muro, rente ao qual a água corria, pareciam cobertas por uma gaze prateada, desenrolando-se sem parar. Uma longa barra de espuma refervia junto deles, em cadência. Em seguida, era um fervilhar, turbilhões, mil correntes contrárias, que acabavam por fundir-se numa só toalha límpida.

Louise murmurou que invejava a vida dos peixes.

— Deve ser tão bom a gente rolar lá no fundo, à vontade, e sentir-se acariciada por todos os lados.

E estremecia, com movimentos de graça sensual.

Mas uma voz gritou:

— Onde estás?

— A sua criada está chamando — disse Frédéric.

— Está bem! Está bem!

Louise não se incomodou.

— Ela vai zangar-se — insistiu ele.

— Quero lá saber! E além disso... — e a Srta. Roque fê-lo compreender, com um gesto, que a tinha na mão.

Contudo, levantou-se, e depois queixou-se de dores de cabeça. Quando iam passando diante de um alpendre, onde se amontoava lenha:

— E se nos escondêssemos ali debaixo, *à l'égaud*[3]?

Ele fingiu não compreender o termo de dialeto, e até caçoou dela por causa da pronúncia. Os cantos da boca de Louise franziram-se, mordeu os lábios, e afastou-se, amuada.

Frédéric aproximou-se dela, jurou que não tivera intenção de feri-la e que gostava muito dela.

— É verdade? — exclamou Louise, olhando para ele com um sorriso que lhe iluminou todo o rosto, um pouco sardento.

Ele não resistiu a esta ousadia de sentimento, ao viço da mocidade dela, e prosseguiu:

— Por que havia de te mentir?... Duvidas, hein? — e passou-lhe o braço em volta da cintura.

Um grito, suave como um arrulho, irrompeu-lhe da garganta; a cabeça descaiu-lhe, desfaleceu, Frédéric segurou-a. E os escrúpulos da sua honestidade

não foram necessários; diante daquela virgem que se oferecia, enchera-se de receio. Ajudou-a depois a dar alguns passos, lentamente. Deixou de lhe dizer palavras meigas, e, como não queria falar senão de coisas insignificantes, encaminhou a conversa para a sociedade de Nogent.

De súbito, ela repeliu-o, e, num tom amargurado:

— Tu não tinhas coragem para me levar!

Ele ficou imóvel, com um ar desconcertado. Louise desatou a soluçar, e, escondendo a cabeça no peito dele:

— Como é que poderei viver sem ti!

Frédéric procurava acalmá-la. Ela pousou as mãos nos ombros do rapaz para o olhar melhor de frente, e, mergulhando nas dele aquelas pupilas verdes, de uma umidade quase feroz:

— Queres ser meu marido?

— Mas... — replicou Frédéric, procurando o que havia de dizer. — Sem dúvida... Não há coisa que eu mais deseje.

Nesse momento, o boné do Senhor Roque surgiu por trás de um lilás.

Levou o seu “jovem amigo” numa pequena viagem de dois dias pelos arredores, às suas propriedades; e Frédéric, quando voltou, encontrou três cartas em casa da mãe.

A primeira era um bilhete do Senhor Dambreuse, convidando-o para jantar na terça-feira anterior. Por que tal atenção? Tinham-lhe então perdoado o despropósito?

A segunda era de Rosanette. Agradecia-lhe ter arriscado a vida por ela; a princípio, Frédéric não compreendeu o que queria dizer; finalmente, depois de muitos circunlóquios, implorava-lhe, invocando a sua amizade, fiando-se na sua delicadeza, de joelhos, dizia ela, dada a premente necessidade, como se pedisse pão, um pequeno auxílio de quinhentos francos. Ele decidiu mandar-lhos imediatamente.

A terceira carta era de Deslauriers, falava da procuração e era comprida, obscura. O advogado não tomara ainda nenhuma decisão. Insistia em que Frédéric não se incomodasse: “Não há necessidade de que voltes!”, insistindo até nisso de forma estranha.

Frédéric perdeu-se em conjecturas de toda espécie, e teve vontade de voltar a Paris; aquela pretensão de lhe orientar a conduta indignava-o.

Aliás, a nostalgia do bulevar começava a dominá-lo; além disso, a mãe fazia tanta pressão sobre ele, o Senhor Roque andava de tal maneira à sua volta, e a Srta. Louise amava-o tanto, que não podia permanecer mais tempo sem se

declarar. Precisava refletir, e, de longe, poderia julgar melhor a situação.

Para justificar a viagem, Frédéric inventou uma história; e partiu, dizendo a toda a gente, e ele próprio supondo, que não tardaria a estar de volta.

VI

O regresso a Paris não lhe deu prazer; era à noite, no fim de agosto, o bulevar parecia vazio, os transeuntes sucediam-se com expressões mal-humoradas; aqui e ali uma caldeira de asfalto fumegava, muitas habitações tinham as persianas completamente fechadas; chegou a casa; os reposteiros estavam cobertos de pó; jantando sozinho, Frédéric sentiu um estranho sentimento de abandono; então pensou na Srta. Roque.

A ideia de casar-se já não lhe parecia disparatada. Viajariam, iriam à Itália, ao Oriente! Imaginava-a de pé, sobre uma elevação, contemplando uma paisagem, ou então apoiada no seu braço numa galeria de Florença, parando diante dos quadros. Que alegria, ver aquela criança desabrochar ante os esplendores da Arte e da Natureza! Separada do meio de origem, não tardaria a ser uma companheira deliciosa. Aliás, a fortuna do Senhor Roque tentava-o. Todavia, a decisão repugnava-lhe, parecia-lhe uma fraqueza, uma vileza.

Mas estava inteiramente decidido (fizesse o que fizesse) a mudar de vida, isto é, a não mais desperdiçar o coração em paixões infrutíferas, e hesitava até em cumprir um encargo de que Louise o incumbira: comprar para ela, na loja de Jacques Arnoux, duas grandes estatuetas policromas, representando negros, como as que havia na prefeitura de Troyes. Ela conhecia a marca do fabricante, e não queria senão desse. Frédéric tinha medo, caso voltasse “à casa deles”, de recair novamente na velha paixão.

Estas reflexões ocuparam-no durante todo o serão; e ia deitar-se quando uma mulher entrou.

— Sou eu — disse, rindo, a Srta. Vatnaz. — Venho da parte de Rosanette.

Então elas tinham se reconciliado?

— Meu Deus, mas certamente! Eu não tenho mau coração, você bem sabe.

Além disso, a pobre pequena... Mas seria longo demais para lhe contar.

Em resumo, a Marechala queria vê-lo, esperava uma resposta, a carta andara de Paris para Nogent; a Srta. Vatnaz não sabia qual o seu conteúdo. Então, Frédéric quis saber da Marechala.

Estava agora “com” um homem muito rico, um russo, o Príncipe Tzernukof, que a tinha visto nas corridas do Champ de Mars, no verão passado.

— Três carruagens, cavalo de sela, libré, *groom* à moda inglesa, casa de campo, camarote no Italiens e mais uma porção de coisas. Aí tem, meu caro.

E a Vatnaz, como se tivesse tirado proveito dessa mudança de fortuna, parecia mais alegre, muito feliz. Tirou as luvas e examinou os móveis e os bibelôs do quarto. Avaliava-os pelo justo preço, como um antiquário. Ele devia tê-la consultado, para os conseguir mais barato; e felicitava-o pelo bom gosto:

— Ah! Está um encanto, é mesmo um amor! Só você era capaz de ter estas ideias.

Depois, reparando numa porta junto da alcova:

— É por ali que saem as garotas, hein?

E, amigavelmente, fez-lhe uma festa no queixo. Ele estremeceu ao contato das mãos compridas, ao mesmo tempo magras e suaves. Tinha em volta dos pulsos um enfeite de renda e, no corpete do vestido verde, passamanarias, como os hussardos. O chapéu de tule preto, de abas caídas, escondia-lhe parcialmente a testa, realçando o brilho dos olhos; um perfume de patchuli evolava-se dos seus bandós; o candeeiro, pousado numa mesinha, iluminando-a de baixo, como na ribalta, fazia sobressair-lhe o queixo; — e de súbito, diante daquela mulher feia, cujo dorso tinha ondulações de pantera, Frédéric sentiu uma enorme concupiscência, um desejo de bestial volúpia.

Ela disse-lhe numa voz untuosa, tirando três retângulos de papel da bolsa:

— Vai ficar com isto!

Eram três bilhetes para uma representação em benefício de Delmar.

— Como! Ele?

— Sem dúvida!

A Srta. Vatnaz, sem dar mais explicações, acrescentou que o adorava como nunca. Na opinião dela, o ator classificara-se de uma vez para sempre entre “as sumidades da época”. E não era este ou aquele personagem que ele representava, mas o próprio gênio da França, o Povo! Tinha “a alma humanitária; compreendia o sacerdócio da Arte!”. Frédéric, para pôr termo àqueles elogios, comprou-lhe os três bilhetes.

— É melhor não lhe falar nisso, a ela! Mas como é tarde, meu Deus! Tenho

que o deixar. Ah! Já me esquecia, o endereço: é na Rua Grange-Batelière, 14.

E do limiar:

— Adeus, homem amado!

“Amado por quem?”, pensou Frédéric. “Que estranha mulher!”

E veio-lhe à memória o que Dussardier lhe dissera um dia, a respeito dela: “Oh! Ela não vale grande coisa!”, como se aludisse a histórias pouco recomendáveis.

No dia seguinte foi visitar a Marechala. Ela morava num prédio novo, cujos estores avançavam sobre a rua. Em cada patamar havia um espelho na parede, uma jardineira rústica diante das janelas; cobria as escadas um tapete de linho; e, quando se vinha de fora, a frescura das escadas era repousante.

Foi um criado que lhe veio abrir, um lacaio de libré vermelha. No vestíbulo, sentados num banco, uma mulher e dois homens, certamente fornecedores, esperavam, como numa antecâmara ministerial. À esquerda, a porta da sala de jantar, entreaberta, permitia ver garrafas vazias sobre os aparadores, guardanapos nas costas das cadeiras; e, paralelamente, corria uma varanda fechada, com roseiras num espaldar de ripas douradas. Embaixo, no pátio, dois moços de mangas arregaçadas limpavam um landau. As suas vozes chegavam até ali, com o ruído intermitente de uma escova batida contra a pedra.

O lacaio voltou. “A senhora ia receber o senhor”; e fê-lo atravessar outro vestíbulo, depois um salão, forrado de tecido adamascado amarelo, apanhado em festões nos cantos, os quais, juntando-se no teto, pareciam prolongar-se pelos braços do lustre. Na noite anterior tinha havido festa, certamente. Pelos consolos espalhava-se cinza de charuto.

Por fim, Frédéric entrou numa espécie de toucador, vagamente iluminado por vitrais coloridos. Trevos de madeira recortada adornavam a bandeira das portas; atrás de uma balaustrada, três colchões cor de púrpura formavam um divã, e em cima deste via-se o tubo de um narguilé de platina. Em vez de espelho, a lareira tinha prateleiras em forma de pirâmide, exibindo toda espécie de curiosidades: relógios antigos, de prata, vasos da Boêmia, fechos de pedraria, botões de jade, esmaltes, bonecos, uma pequena virgem bizantina com uma capa de prata dourada; e tudo aquilo se fundia num crepúsculo dourado, com a cor azulada do tapete, o reflexo nacarado dos tamboretes, a tonalidade fulva das paredes, forradas de couro castanho. Nos cantos, sobre peanhas, vasos de bronze continham tufos de flores que tornavam o ambiente mais pesado.

Rosanette surgiu, numa blusa de cetim cor-de-rosa, pantalona de seda branca, um colar de piastras e um barretinho vermelho tendo em volta um ramo de

jasmim.

Frédéric teve um movimento de surpresa; depois disse que trazia “aquilo”, e estendeu-lhe a nota.

Rosanette fitou-o com espanto; e, Frédéric, que continuava com a nota na mão, sem saber onde a pôr, disse-lhe:

— Tome!

Rosanette pegou no dinheiro; e, depois de lançá-lo sobre o divã:

— Foi muito amável.

Era para pagar um terreno em Bellevue, que comprara a prestações; aquela sem-cerimônia magoou Frédéric. Aliás, antes assim! Vingava-o do passado.

— Sente-se! — disse ela. — Aqui, mais perto. — E, num tom grave: — Em primeiro lugar, meu caro, tenho que lhe agradecer por ter arriscado a vida.

— Ora! Não tem importância!

— Mas não, foi muito bonito!

E a Marechala testemunhou-lhe uma gratidão que o embaraçava; ela devia pensar que ele se batera exclusivamente por causa de Arnoux; este, que julgava isso, não devia ter resistido à necessidade de lhe dizer.

“Talvez ela esteja a rir-se à minha custa”, pensava Frédéric.

Como não tinha mais nada que fazer, ergueu-se, alegando um encontro.

— Mas não! Fique!

Frédéric voltou a sentar-se, e elogiou-lhe o traje.

Ela respondeu, com ar acabrunhado:

— É o Príncipe que gosta de me ver assim! E tenho que fumar por coisas assim — acrescentou Rosanette, mostrando o narguilé. — Se experimentássemos? Não quer?

Trouxeram lume; como o *tombac* custasse a acender, Rosanette bateu o pé, de impaciência. Depois tomou uma atitude langorosa; e ficou imóvel, estendida no divã, uma almofada debaixo do braço, o corpo um pouco torcido, um joelho dobrado, a outra perna esticada. A longa serpente de couro vermelho, que formava anéis no chão, enrolava-se-lhe no braço. Levava a ponta de âmbar aos lábios e, cerrando os olhos, fixava Frédéric através do fumo cujas volutas a envolviam. Quando aspirava o ar, a água gorgolejava, e Rosanette murmurava de quando em quando:

— Pobre pequeno, pobre querido!

Frédéric procurava um assunto de conversa agradável; lembrou-se da Srta. Vatnaz.

Disse que a tinha achado muito elegante.

— Pudera! — replicou a Marechala. — Sorte tem ela, por me ter a mim! — sem acrescentar mais nada, tão grande era a contenção com que falava.

Ambos sentiam um constrangimento, um obstáculo. Com efeito, o duelo de que Rosanette se julgava causa lisonjeara-lhe o amor próprio. Em seguida, estranhara que ele não acorresse, para colher os frutos do seu ato; e, para fazê-lo voltar, imaginara aquela necessidade de quinhentos francos. Como era possível que Frédéric não pedisse, em paga, um pouco de ternura! Era uma delicadeza que a maravilhava, e, num acesso de emoção, disse-lhe:

— Não nos quer acompanhar aos banhos de mar?

— *Nós* quem?

— Eu e o meu pombinho; você passará por meu primo, como nas antigas comédias.

— Muito obrigado!

— Então, alugue uma casa junto da nossa.

A ideia de esconder-se de um homem rico humilhava-o.

— Não, é impossível.

— Como quiser!

Rosanette voltou o rosto, com uma lágrima nas pálpebras. Frédéric notou-o; e, para mostrar-lhe interesse, disse como se sentia feliz por ver que ela conseguira, finalmente, uma situação excelente.

Rosanette encolheu os ombros. Que teria ela? Dar-se-ia o caso de não ser amada?

— Oh, tenho sempre quem goste de mim!

E acrescentou:

— Resta saber de que maneira.

Queixando-se de “morrer de calor”, a Marechala tirou o corpete; e, apenas coberta pela blusa de seda, inclinava a cabeça sobre o ombro, com um ar de escrava provocante.

Um homem de egoísmo menos pensado não se teria lembrado de que o visconde, o Senhor de Comaing ou qualquer outro pudesse entrar de repente. Mas Frédéric fora iludido vezes demais por olhares daqueles para se arriscar a mais uma humilhação.

Ela quis conhecer as relações, os divertimentos dele; chegou mesmo a perguntar pelos negócios, e a oferecer-se para lhe emprestar dinheiro, se estivesse precisando. Frédéric, não podendo mais, pegou no chapéu.

— Bem, minha cara, desejo que se divirta muito por lá; até à vista!

Ela abriu muito os olhos, e depois, num tom seco:

— Até à vista!

Frédéric tornou a passar pelo salão amarelo e pelo segundo vestíbulo. Sobre a mesa, entre um vaso cheio de cartões de visita e um tinteiro, havia um cofrezinho de prata cinzelada. Era o da Senhora Arnoux! Sentiu-se enternecido, e ao mesmo tempo como que escandalizado perante uma profanação. Teve vontade de pegar nele, de o abrir. Receou ser visto, e foi-se embora.

Frédéric foi virtuoso. Não voltou à casa de Arnoux.

Mandou o criado comprar os dois negros, tendo-lhe feito todas as recomendações indispensáveis; e a caixa seguiu, nesse mesmo dia, para Nogent. No dia seguinte, quando se dirigia para a casa de Deslauriers, na esquina da Rua Vivienne com o bulevar, encontrou-se cara a cara com a Senhora Arnoux.

O primeiro movimento de ambos foi de recuo; depois, o mesmo sorriso lhes veio aos lábios, e dirigiram-se um para o outro. Durante um minuto, nenhum deles falou.

O sol envolvia-a; — e o rosto oval, as longas sobrancelhas, o xale de renda preta, moldando-lhe os ombros, o vestido furta-cor, o ramo de violetas pregado no chapéu, tudo lhe pareceu de extraordinário esplendor. Daqueles belos olhos vinha uma infinita suavidade; e, balbuciando, ao acaso, as primeiras palavras que lhe vieram aos lábios:

— Como vai Arnoux? — disse Frédéric.

— Bem, muito obrigada!

— E seus filhos?

— Estão muito bem!

— Ah!... Ah!... Que belo tempo tem feito, não é verdade?

— Magnífico, com efeito!

— Está fazendo compras?

— Estou.

E com uma lenta inclinação de cabeça:

— Adeus!

Não lhe estendera a mão, não dissera uma só palavra afetuosa, nem sequer o convidara a visitá-la, e contudo ele não trocaria aquele encontro pela mais bela aventura; e ia ruminando aquela suavidade enquanto seguia o seu caminho.

Deslauriers, surpreendido ao vê-lo, dissimulou o despeito — porque conservava, por obstinação, ainda uma esperança em relação à Senhora Arnoux; e mandara dizer a Frédéric para não vir, a fim de ter mais liberdade nas manobras.

Todavia, contou que fora à casa dela, para saber se o seu contrato de

casamento estipulava a comunhão de bens; se assim fosse, ela podia ser acionada; “e ela fez uma cara, quando eu lhe disse que ias casar!”.

— Essa agora! Mas que invenção!

— Era necessário, para mostrar que tinhas necessidade dos teus capitais! Uma pessoa indiferente não teria tido aquela espécie de síncope que lhe deu.

— É verdade? — exclamou Frédéric.

— Ah! Meu patife, traíste-te! Sê franco, vamos!

Uma enorme covardia apoderou-se do apaixonado da Senhora Arnoux.

— Mas não!... Garanto-te!... Dou-te a minha palavra de honra!

Estas frouxas negativas acabaram de convencer Deslauriers. Felicitou-o. Pediu-lhe “pormenores”. Frédéric não os deu, e resistiu até à tentação de os inventar.

Quanto à hipoteca, disse-lhe para não fazer nada, que esperasse. Deslauriers achou que ele fazia mal, e foi até brutal nas censuras.

Aliás, estava mais sombrio, malévolo e irascível do que nunca. Dentro de um ano, se a boa sorte não o bafejasse, embarcaria para a América, ou daria um tiro nos miolos. Em suma, parecia tão furioso contra tudo e de um radicalismo de tal maneira absoluto que Frédéric não se conteve que não lhe dissesse:

— Estás como o Sénécal.

A propósito deste, Deslauriers informou-o de que saíra de Sainte-Pélagie[1], sem dúvida porque a instrução do processo não oferecera provas suficientes para o levar a julgamento.

Com a alegria desta libertação, Dussardier quis “oferecer um ponche”, e pediu a Frédéric para vir também, avisando-o, todavia, de que iria encontrar-se com Hussonnet, que tinha sido muito bom para Sénécal.

Com efeito, o *Flambard* tinha agora também uma agência de negócios, em cujos prospectos se lia: “Escritório dos vinhateiros. — Agência de publicidade. — Cobranças e informações etc.” Mas o boêmio receava que a sua indústria lhe pudesse prejudicar a consideração literária, e chamara o matemático para fazer a escrituração. Embora o lugar não valesse nada, sem ele Sénécal teria morrido de fome. Frédéric, que não queria magoar o bom do caixeiro, aceitou o convite.

Com três dias de antecedência, Dussardier encerara os ladrilhos vermelhos da sua mansarda, batera a poltrona e espanara a lareira, na qual se podia ver, entre uma estalactite e um coco, um relógio de alabastro com o seu globo de vidro. Como os dois castiçais e a palmatória que possuía não bastassem, pedira dois candelabros de empréstimo ao porteiro; e as cinco luminárias brilhavam sobre a cômoda, coberta por três guardanapos, destinados a suportar mais

decentemente os doces de amêndoa, as bolachas, o pão doce e doze garrafas de cerveja. Em frente, encostada à parede forrada de papel amarelo, uma pequena estante de mogno continha as *Fables* de Lachambaudie, os *Mystères de Paris*, *o Napoléon* de Norvins[2] — e, no meio da alcova, sorrindo num caixilho de jacarandá, o rosto de Béranger!

Os convivas eram (além de Deslauriers e Sénécal) um farmacêutico recém-formado, mas que não possuía os fundos necessários para se estabelecer; um jovem de "sua" casa, um representante de vinhos, um arquiteto e um senhor que trabalhava em seguros. Regimbart não pudera vir. A sua ausência foi lamentada.

Acolheram Frédéric com grandes demonstrações de simpatia, todos sabiam, através de Dussardier, como ele falara em casa do Senhor Dambreuse. Sénécal limitou-se a estender-lhe a mão, com ar digno.

Estava de pé, encostado à lareira. Os outros, sentados e de cachimbo na boca, escutavam-no discorrer sobre o sufrágio universal[3], do qual resultaria o triunfo da Democracia, a aplicação dos princípios do Evangelho. Aliás, o momento estava próximo; os banquetes reformistas[4] multiplicavam-se na província; o Piemonte, Nápoles, a Toscana[5]...

— É verdade — disse Deslauriers, interrompendo-o — isto não pode continuar assim por muito tempo!

E pôs-se a fazer um quadro da situação.

Tínhamos sacrificado a Holanda[6] para conseguir que a Inglaterra reconhecesse Luís Filipe; e essa famosa aliança inglesa, eis que estava perdida, por causa dos casamentos espanhóis! Na Suíça, o Senhor Guizot, a reboque do austríaco, defendia os tratados de 1815. A Prússia, com o seu Zollverein, preparava-nos dificuldades. A questão do Oriente permanecia em aberto.

— Não são razões para se ter confiança na Rússia os presentes que o Grão-duque Constantino manda ao Senhor d' Aumale. Quanto à política interna, nunca se viu tal cegueira, tanta estupidez! Já nem a maioria se aguenta! Enfim, o que se vê por toda parte é como diz a conhecida frase: "Nada! Nada! Nada!". E, perante tais vergonhas, — prosseguiu o advogado, pondo as mãos nos quadris — eles declaram-se satisfeitos!

Esta alusão a um voto célebre provocou aplausos. Dussardier abriu uma garrafa de cerveja; a espuma esborrifou sobre os cortinados, sem que ele se importasse; enchia os cachimbos, cortava o pão doce, oferecia-o, descera várias vezes para ver se traziam o ponche; e não tardaram a ficar exaltados, pois todos sentiam a mesma raiva contra o Poder. Era uma exasperação violenta, sem outra

causa além do ódio à injustiça; e misturavam às censuras justificadas as mais tolas acusações.

O farmacêutico deplorou o estado lamentável da nossa esquadra. O agente de seguros não tolerava as duas sentinelas do marechal Soult. Deslauriers atacou os jesuítas, que acabavam de se instalar às claras, em Lille. Sénécal execrava ainda mais o Senhor Cousin; porque o ecletismo, ensinando a buscar a certeza na razão, desenvolvia o egoísmo, destruía a solidariedade; o representante de vinhos, pouco entendido em tais assuntos, levantou a voz para dizer que havia muitas infâmias que ele esquecia:

— O vagão real da linha do Norte vai custar oitenta mil francos! E quem os paga?

— Sim, quem os paga? — ecoou o empregado no comércio, furioso como se lhe tivessem tirado esse dinheiro do bolso.

Seguiram-se recriminações contra os tubarões da Bolsa e a corrupção dos funcionários[7]. Era preciso ir mais acima, segundo Sénécal, e acusar, em primeiro lugar, os príncipes, que ressuscitavam os costumes da Regência.

— Não viram, recentemente, os amigos do Duque de Montpensier voltar de Vincennes, sem dúvida embriagados, e perturbarem com as suas cantorias os operários do *faubourg* Saint-Antoine?

— Gritou-se até “Abaixo os ladrões!” — disse o farmacêutico. — Eu estava lá, também gritei!

— Ainda bem! O Povo desperta finalmente, depois do processo Teste-Cubières[8].

— A mim, esse processo fez-me pena — disse Dussardier — porque é a desonra para um velho soldado!

— Sabem — continuou Sénécal — o que se descobriu em casa da Duquesa de Praslin[9]?...

Mas a porta foi aberta com um pontapé. Hussonnet entrou.

— Salve, eminências! — disse ele, sentando-se na cama.

Não se fez qualquer alusão ao seu artigo, do qual, aliás, se arrependera, pois a Marechala lho censurara severamente.

Acabara de assistir, no teatro de Dumas, *Le Chevalier de Maison-Rouge*[10], e “achara aquilo muito cacete”.

Tal juízo espantou os democratas — aquele drama, pelas suas tendências, e sobretudo pelo cenário, lisonjeava-lhes as paixões. Protestaram. Sénécal acabou por perguntar se a peça era útil à Democracia.

— Sim... talvez; mas é escrita num estilo...

— Sendo assim, é boa; que é o estilo, se não a ideia?

E sem deixar que Frédéric falasse:

— Dizia eu então que, no caso Praslin...

Hussonnet interrompeu-o.

— Ah! Isso também é uma dessas histórias! Como me têm aborrecido!

— E a outros, não só a você! Por causa dele foram apreendidos cinco jornais! Ouça isto:

E, puxando de um caderno, leu:

— Sofremos, desde que se estabeleceu a melhor das repúblicas, mil duzentos e vinte e nove processos de imprensa, dos quais resultaram para os escritores: três mil cento e quarenta e um anos de prisão, com a modesta quantia de sete milhões cento e dez mil e quinhentos francos de multas. Bonito, hein?

Todos riram amargamente. Frédéric, tão animado como os outros, disse:

— *La Démocratie pacifique*[11] foi processada por causa do folhetim, um romance intitulado *A Parte das Mulheres.*

— Essa agora! — disse Hussonnet. — Só faltava que nos proibissem a nossa parte das mulheres!

— Mas há alguma coisa que não seja proibida? — exclamou Deslauriers. — É proibido fumar no Luxembourg, é proibido cantar o hino a Pio IX!

— E proibiram o banquete dos tipógrafos! — proferiu uma voz surda.

Era a do arquiteto, oculto pela sombra da alcova, que até aí se mantivera em silêncio. Acrescentou que, na semana anterior, tinham condenado um tal Rouget por ultrajes ao rei.

— Rouget está frito[12]! — disse Hussonnet.

Sénécal achou o gracejo tão inconveniente que o acusou de estar defendendo "o jogral da Municipalidade, o amigo do traidor Dumouriez"[13].

— Eu? Pelo contrário!

Achava Luís Filipe um lugar-comum, um guarda nacional, completamente do gênero dono de armazém e bota de elástico! E, levando a mão ao peito, o boêmio declamou as frases sacramentais: "É sempre com renovado prazer... A nacionalidade polonesa não perecerá... As nossas grandes obras prosseguirão... Deem-me dinheiro para a minha familiazinha...". Todos riram muito, proclamando-o um jovem encantador, muito espirituoso; a alegria redobrou à vista da poncheira, trazida pelo homem do botequim.

As chamas do álcool e das velas não tardaram a aquecer o apartamento; e a luz da mansarda, atravessando o pátio, ia iluminar, em frente, a beira de um telhado, com o cano de uma chaminé que se destacava em negro contra a

escuridão. Falavam muito alto, todos ao mesmo tempo; tinham tirado as sobrecasacas; iam de encontro aos móveis, faziam brindes.

Hussonnet exclamou:

— Mandem subir ilustres damas, para ficar mais Torre de Nesle, mais cor local, e rembrandtesco, com mil diabos!

E o farmacêutico, que não acabava de mexer o ponche, entoou a plenos pulmões:

> Tenho dois grandes bois no meu curral,
> Dois grandes bois brancos...

Sénécal tapou-lhe a boca com a mão, não gostava de barulho; e os inquilinos apareciam às vidraças, surpreendidos com aquele insólito tumulto no apartamento de Dussardier.

O excelente jovem sentia-se feliz, e disse que aquilo lhe fazia lembrar as pequenas reuniões de outrora, no cais Napoléon; contudo, faltavam alguns, por exemplo Pellerin...

— Passa-se bem sem ele — retorquiu Frédéric.

E Deslauriers perguntou por Martinon.

— Que é feito desse interessante cavalheiro?

Imediatamente Frédéric, expandindo a má vontade que tinha para com ele, atacou-lhe o espírito, o caráter, a falsa elegância, o homem inteiro. Era um perfeito espécime do campônio arrivista! A nova aristocracia, a burguesia, não se comparava à antiga, à nobreza. Defendia essa opinião; e os democratas aprovavam — como se ele tivesse feito parte de uma, e eles tivessem frequentado a outra. Ficaram encantados com ele. O farmacêutico chegou a compará-lo ao Senhor d'Alton-Shée[14], o qual, embora sendo par de França, defendia a causa do Povo.

A hora de partir soara. Todos se separaram com grandes apertos de mão; Dussardier, por ternura, acompanhou Frédéric e Deslauriers à casa deles. Logo que chegaram à rua, o advogado, com ar de quem reflete, disse, após um momento de silêncio:

— Estás então muito zangado com Pellerin?

Frédéric não fez segredo do seu rancor.

Todavia, o pintor tirara o famigerado quadro da vitrina. Não se devia ficar zangado por uma coisa sem importância! Para que havia de criar um inimigo?

— Ele cedeu a um movimento de humor, que se desculpa num homem que

está sem dinheiro. Mas tu não és capaz de compreender uma coisa dessas!

E, quando Deslauriers entrou em casa, o caixeiro não deixou Frédéric; estimulou-o até a comprar o retrato. Com efeito, Pellerin, tendo perdido a esperança de o intimidar, pedira a intervenção deles para Frédéric ficar com o quadro.

Deslauriers voltou a falar no assunto, insistiu. As pretensões do artista eram razoáveis.

— Tenho a certeza de que, se lhe deres aí uns quinhentos francos...

— Ah, pois seja! Olha, aqui os tens — disse Frédéric.

Nessa mesma noite veio o quadro. Ainda lhe pareceu mais horrendo do que da primeira vez. As meias-tintas e as sombras tinham-se tornado lívidas com o excesso de retoques, e pareciam obscurecidas em relação aos claros, os quais, tendo ficado brilhantes, aqui e ali, destoavam do conjunto.

Frédéric vingou-se de lho ter pago dizendo o pior possível do retrato. Deslauriers concordou de olhos fechados, e aprovou-lhe a conduta, porque mantinha a ambição de constituir uma falange de que seria o chefe[15]; certos homens têm prazer de levar os amigos a fazer coisas que lhes são desagradáveis.

Entretanto, Frédéric não voltara à casa dos Dambreuse. Faltavam-lhe os capitais. Seria um nunca acabar de explicações; hesitava em tomar uma decisão. Talvez ele tivesse razão? Nada era seguro, agora; tanto o negócio do carvão como outro qualquer; era necessário abandonar aquela sociedade; finalmente, Deslauriers dissuadiu-o. À força de ódio tornava-se virtuoso; e além disso preferia ver Frédéric na mediocridade. Deste modo, permanecia seu igual, e em mais íntima comunhão com ele.

A encomenda da Srta. Roque fora muito mal aviada. O pai dela escreveu-lhe, dando explicações pormenorizadas, e terminava a carta com este gracejo: “Com o risco de lhe dar um trabalho de negro”.

Frédéric não tinha outro remédio senão voltar à casa de Arnoux. Subiu ao armazém, e não viu ninguém. Com o negócio a ir por água abaixo, os empregados imitavam a incúria do patrão.

Seguiu a longa prateleira, carregada de louça, que corria de uma extremidade à outra, no meio da sala; depois, ao chegar ao fundo, junto do balcão, caminhou com mais força, para se fazer ouvir.

O reposteiro foi levantado, e a Senhora Arnoux surgiu.

— Como! A senhora, aqui!

— Sim — balbuciou ela, com certa perturbação. — Estava à procura...

Frédéric viu o lenço dela junto da escrivaninha, e adivinhou que ela descera

ao estabelecimento para se informar, sem dúvida para esclarecer qualquer inquietação.

— Mas... precisa talvez de alguma coisa? — disse ela.

— Uma coisa sem importância, minha senhora.

— Estes caixeiros são insuportáveis! Estão sempre fora!

Não os devia censurar. Ele, pelo contrário, felicitava-se por isso.

Ela lançou-lhe um olhar carregado de ironia.

— E então, esse casamento?

— Que casamento?

— O seu!

— O meu? Mas que ideia!

Ela fez um gesto de discordância.

— E que fosse, afinal? Refugiamo-nos na mediocridade, por desesperar do belo que se sonhou!

— Contudo, nem todos os seus sonhos eram tão... cândidos!

— Que quer dizer?

— Quando passeava nas corridas com... certas pessoas!

Frédéric amaldiçoou a Marechala. Teve uma ideia:

— Mas foi a senhora quem, outrora, me pediu que a visitasse, no interesse de Arnoux!

Ela replicou, abanando a cabeça:

— E aproveitou-se disso para se distrair.

— Por Deus! Esqueçamos essas tolices!

— Tem razão, visto que vai casar-se!

E retinha um suspiro, mordendo os lábios.

Ele, então, exclamou:

— Mas repito-lhe que não! Como pode acreditar que eu, com todas as minhas necessidades de inteligência, os meus hábitos, vá encafuar-me na província para jogar cartas, vigiar pedreiros e passear de tamancos! Com que fim, então? Contaram-lhe que ela era rica, não é verdade? Ah! Importa-me muito o dinheiro! Como seria possível, depois de ter desejado tudo quanto há de mais belo, de mais doce, de mais encantador, uma espécie de paraíso em forma humana, e depois de ter encontrado finalmente esse ideal, quando essa visão me oculta todas as outras...

E, tomando-lhe a cabeça com ambas as mãos, pôs-se a beijar-lhe as pálpebras, repetindo:

— Não! Não! Não! Não casarei nunca! Nunca!

Ela aceitava as carícias, vencida pela surpresa e pelo êxtase.

A porta do armazém para a escada bateu. Ela deu um salto; e ficou de mão estendida, como que para impor-lhe silêncio. Ouviram-se passos. Depois, alguém disse do outro lado:

— A senhora está aí?

— Entre!

A Senhora Arnoux apoiava o cotovelo no balcão e rodava uma pena entre os dedos, tranquilamente, quando o guarda-livros ergueu o reposteiro.

Frédéric levantou-se.

— Minha senhora, os meus respeitos. O serviço ficará pronto, não é verdade? Posso contar com isso?

Ela nada respondeu. Mas aquela cumplicidade silenciosa fê-la corar, como se já sentisse o pejo do adultério.

No dia seguinte, voltou à casa dela, e foi recebido; e, para ganhar terreno, começou imediatamente, sem preâmbulo, por se justificar do encontro no Champ de Mars. Só o acaso o fizera encontrar-se com aquela mulher. Admitindo que fosse bonita (o que não era verdade), como poderia ela ocupar-lhe o pensamento, por um minuto que fosse, visto ele amar outra?

— Bem o sabe, eu disse-lho.

A Senhora Arnoux abaixou a cabeça.

— Lamento que mo tenha dito.

— Por quê?

— As mais elementares conveniências exigem agora que eu não o torne a ver!

Ele garantiu a inocência do seu amor. O passado devia responder pelo futuro; prometera a si próprio não perturbar a existência dela, não a perseguir com as suas lamentações.

— Mas, ontem, não pude conter o meu coração, que transbordava.

— Devemos esquecer esse momento, meu amigo!

Todavia, que mal podia haver se dois seres infelizes juntassem a sua tristeza?

— Porque a senhora também não é feliz! Oh! Eu a conheço, não tem ninguém que lhe responda à necessidade de afeto, de dedicação; eu farei tudo o que quiser! Não a ofenderei!... Juro-o.

E deixou-se cair de joelhos, sem querer, arrastado por um peso interior excessivo.

— Levante-se! — disse ela. — Ordeno-lhe.

E declarou-lhe imperiosamente que, se ele não obedecesse, nunca mais a

veria.

— Ah! Não seria capaz disso! — retorquiu Frédéric. — Que tenho eu a fazer neste mundo? Os outros lutam pela riqueza, a celebridade, o poder! Eu não tenho posição, a senhora é a minha única ocupação, toda a minha fortuna, a finalidade, o centro da minha existência, dos meus pensamentos. Viver sem a senhora é tão impossível quanto viver sem o ar do céu! Não sente a aspiração da minha alma subir até a sua? Não vê que ambas têm que fundir-se, e que isso me mata?

A Senhora Arnoux tremia toda.

— Oh! Vá-se embora! Peço-lhe!

A expressão transtornada daquele rosto fê-lo calar. Depois deu um passo. Mas ela recuou, juntando as mãos.

— Deixe-me! Pelo amor de Deus!

E Frédéric amava-a tanto que saiu.

Não tardou a sentir-se enraivecido contra si próprio, achando-se um imbecil, e, vinte e quatro horas depois, estava de volta.

A senhora não estava. Frédéric ficou no patamar, atordoado pela fúria e pela indignação. Arnoux apareceu, e disse-lhe que a mulher tinha partido nessa mesma manhã para uma pequena casa de campo que tinham alugado em Auteuil, pois já não tinham a de Saint-Cloud.

— Mais uma das manias dela! Enfim, se ela gosta! E eu também, aliás! Vamos jantar juntos esta noite?

Frédéric alegou um encontro urgente, e correu a Auteuil.

A Senhora Arnoux não pôde conter um grito de alegria. Então, todo o rancor de Frédéric se desvaneceu.

Não falou do seu amor. Para lhe inspirar mais confiança, foi até de uma reserva exagerada; e, quando lhe perguntou se podia voltar, ela respondeu: — Mas certamente — e estendeu-lhe a mão, retirando-a quase imediatamente.

Desde então, as visitas de Frédéric multiplicaram-se. Prometia ao cocheiro grandes gorjetas. Muitas vezes, porém, a lentidão do cavalo impacientava-o, e apeava-se; depois, esbaforido, tomava um ônibus; e com que desdém examinava os rostos das pessoas sentadas à sua frente, que não iam visitá-la!

Reconhecia a casa de longe, por causa de uma enorme madressilva que cobria, de um só lado, as tábuas do telhado; era uma espécie de chalé suíço, pintado de vermelho, com uma varanda na frente. No jardim havia três velhos castanheiros, e no meio, sobre uma elevação, um guarda-sol de colmo apoiado num tronco de árvore. Sob as lousas da parede, um tronco de vinha, mal seguro, pendia aqui e ali, como um cabo podre. A sineta do portão, um pouco perra,

ficava ressoando, e demoravam sempre muito para abrir. De todas as vezes, ele sentia uma angústia, um medo indefinido.

Depois ouvia bater no saibro os chinelos da empregada; ou era a Senhora Arnoux em pessoa que aparecia. Frédéric chegou um dia, por trás dela, que estava agachada, diante de um canteiro, procurando violetas.

O gênio da filha obrigara-a a mandá-la para o convento. O filho passava a tarde na escola, Arnoux almoçava interminavelmente no Palais-Royal, com Regimbart e o amigo Compain. Nenhum intruso os podia surpreender.

Era coisa entendida que não podiam pertencer-se. Esta convenção, que os garantia contra o perigo, facilitava-lhes as expansões.

Ela contou-lhe a sua existência de outrora, em Chartres, junto da mãe; como era devota aos doze anos; depois a loucura pela música, quando cantava até o anoitecer, no seu quartinho, de onde se viam as muralhas. Frédéric contou-lhe as suas melancolias no colégio, e como resplandecia, no seu céu poético, um rosto de mulher, de tal forma que, ao vê-la pela primeira vez, a tinha reconhecido.

Estes diálogos só incidiam, habitualmente, sobre os anos em que se tinham frequentado. Ele recordava-lhe pormenores insignificantes, a cor do vestido dela em certa época, qual a pessoa que tinha aparecido certo dia, o que ela dissera de uma outra vez; e ela respondia, maravilhada:

— Sim, estou me lembrando!

As suas opiniões, os seus gostos eram os mesmos. Muitas vezes, aquele dos dois que estava escutando dizia:

— Eu também!

E o outro, por seu turno, exclamava:

— Eu também!

Depois eram lamentações intermináveis sobre a Providência:

— Porque não o quis o céu! Se nós nos tivéssemos encontrado!...

— Ah! Se eu fosse mais jovem! — suspirava ela.

— Não! Eu, um pouco mais velho.

E imaginavam uma vida exclusivamente amorosa, suficientemente fecunda para encher as mais vastas solidões, ultrapassando todas as alegrias, desafiando todas as desgraças, em que as horas teriam desaparecido numa contínua expansão de si próprios, e que teria sido algo resplandecente e elevado como a palpitação das estrelas.

Quase sempre ficavam ao ar livre, no alto das escadas; os cumes das árvores amarelecidas pelo outono arredondavam-se diante deles, desigualmente, até a borda do céu pálido; ou iam ao fim da avenida, para um pavilhão cuja única

mobília era um canapé forrado de pano cinzento. O espelho estava cheio de pontos negros; as paredes exalavam um cheiro de mofo — e ali ficavam, falando de si, dos outros, fosse do que fosse, num transporte. Por vezes, os raios do sol, atravessando a persiana, estendiam do teto ao chão como que as cordas de uma lira, e partículas de poeira dançavam nessas barras luminosas. Ela divertia-se em cortá-las com a mão, que Frédéric segurava docemente; contemplava a rede das veias, a pele, a forma dos dedos. Cada um dos seus dedos era, para ele, mais do que uma coisa, quase uma pessoa.

Ela deu-lhe as luvas e, na semana seguinte, o lenço. Chamava-o “Frédéric”. Ele chamava-a “Marie”, adorando aquele nome, feito de propósito, dizia, para ser suspirado no êxtase, e que parecia conter nuvens de incenso, braçadas de rosas.

Chegaram a fixar antecipadamente os dias em que iria visitá-la; e, saindo como que por acaso, ela ia ao seu encontro, na estrada.

Ela nada fazia para lhe excitar o amor, perdida nessa despreocupação que caracteriza as grandes felicidades. Durante toda a estação, usou o mesmo chambre de seda castanha, debruado de veludo da mesma cor, vestuário amplo que convinha ao abandono das suas atitudes e à sua expressão séria. Aliás, ela estava no mês de agosto das mulheres, época que é ao mesmo tempo de reflexão e de ternura, em que a maturidade que começa ilumina o olhar com uma chama mais profunda, quando a força do coração se alia à experiência da vida, e, no auge da pujança, o ser completo transborda de riquezas, na harmonia da sua beleza. Nunca houvera nela tanta suavidade, tanta indulgência. Certa de não fraquejar, abandonava-se a um sentimento que lhe parecia um direito conquistado pelos seus sofrimentos. Era, aliás, tão bom e tão novo! Que abismo entre a grosseria de Arnoux e as adorações de Frédéric!

Ele tremia de medo à ideia de perder com uma palavra tudo o que julgava ter ganhado, dizendo de si para si que uma ocasião pode repetir-se, mas que uma tolice não tem emenda. Queria que ela se entregasse, não a queria violentar. A certeza do amor dela deleitava-o como um antegosto da posse, e, além disso, o seu encanto perturbava-lhe mais o coração do que os sentidos. Era uma beatitude infinita, e uma tal embriaguez, que Frédéric chegava a esquecer a possibilidade de uma felicidade completa. Longe dela, assaltavam-no desejos furiosos.

Não tardou que nos seus diálogos houvesse grandes intervalos de silêncio. Às vezes, uma espécie de pudor sexual fazia-os corar um diante do outro. Todas as precauções para esconder o seu amor o revelavam; quanto mais forte ele se tornava, mais comedidas eram as suas maneiras. O exercício dessa mentira

exasperou-lhes a sensibilidade. Gozavam deliciosamente com o cheiro das folhas úmidas, sofriam com o vento leste, tinham irritações sem motivo, pressentimentos fúnebres; um rumor de passos, o estalar da madeira, causavam-lhes pavores como se fossem culpados; sentiam-se arrastados para um abismo; envolvia-os uma atmosfera tempestuosa; e, quando alguma queixa escapava a Frédéric, ela acusava-se a si própria.

— Sim! Eu faço mal! Pareço uma coquete! Não volte mais!

Então ele repetia as mesmas juras, que ela escutava todas as vezes com prazer.

O regresso dela a Paris e as complicações do dia do Ano-Novo suspenderam os encontros por algum tempo. Quando foi visitá-la, havia algo de mais ousado nas atitudes de Frédéric. Ela saía a cada instante para dar ordens, e recebia, apesar das implorações dele, todos os burgueses que a vinham visitar. Eram então conversas sobre Léotade[16], o Senhor Guizot, o Papa, a insurreição de Palermo[17] e o banquete do 12º distrito[18], que inspirava temores. Frédéric vingava-se clamando contra o Poder; porque ele desejava, como Deslauriers, um cataclismo universal, tão amargo se tornara. Pelo seu lado, a Senhora Arnoux tornava-se sombria.

O marido, prodigalizando as extravagâncias, mantinha uma operária da fábrica, aquela a quem chamavam a Bordalesa. Foi a própria Senhora Arnoux quem o contou a Frédéric. Ele queria servir-se disso como argumento, “visto ela ser traída”.

— Oh! Não me importo nada com isso! — disse ela.

Pareceu a Frédéric que essa declaração lhes firmava completamente a intimidade. Arnoux tinha alguma desconfiança?

— Não! Agora não!

E contou-lhe que, uma noite, os deixara a sós, e depois voltara, pondo-se à escuta atrás da porta, e, como ambos falavam de coisas sem importância, sentia-se desde então completamente seguro.

— Com razão, não é verdade? — disse com amargura Frédéric.

— Sim, sem dúvida!

Antes ela não tivesse dito semelhante coisa.

Um dia, Frédéric não a encontrou em casa, à hora que costumava vir. Foi, para ele, como uma traição.

Depois, ficou zangado por ver as flores que lhe trazia postas sempre num copo d’água.

— Mas onde queria que elas estivessem?

— Oh! Aí não! Aliás, estão lá menos frias do que sobre o seu coração.

Algum tempo depois, censurou-a por ter ido na véspera ao Italiens, sem o prevenir. Outros a tinham visto, admirado, amado, talvez; Frédéric agarrava-se a estas desconfianças unicamente para questionar, para atormentá-la; porque começava a odiá-la, ela que partilhasse, pelo menos, uma parte dos seus sofrimentos!

Uma tarde (em meados de fevereiro) foi encontrá-la muito perturbada. Eugène queixava-se de dores de garganta. O médico dissera todavia que não era nada, um resfriado forte, gripe. Frédéric achou estranha a expressão meio tonta da criança. Todavia, tranquilizou a mãe, citou os casos de várias crianças da mesma idade que acabavam de ter afecções idênticas e se tinham curado rapidamente.

— Realmente?

— Mas sim, pode crer!

— Oh! Como você é bom!

E agarrou-lhe a mão. Ele estreitou-a na sua.

— Oh! Deixe-a.

— Que mal tem, se é ao consolador que a dá!... Para estas coisas tem confiança, e duvida de mim... quando lhe falo do meu amor!

— Não duvido, meu pobre amigo!

— Por que essa desconfiança, como se eu fosse algum miserável capaz de abusar?...

— Oh! Não!...

— Se ao menos eu tivesse uma prova!...

— Que prova?

— Aquela que daria a qualquer um, a que já me deu a mim próprio.

E recordou-lhe que tinham saído juntos uma vez, num crepúsculo de inverno, num tempo de nevoeiro. Como tudo isso estava longe, agora! Quem a impedia de se mostrar de braço dado com ele diante de toda a gente, sem receio da parte dela, sem intenções reservadas da parte dele, sem ninguém em volta que os importunasse?

— Seja! — disse ela, com uma decisão que a princípio deixou Frédéric estupefato.

Mas ele acrescentou rapidamente:

— Quer que a espere na esquina da Rua Tronchet com a Rua de la Ferme?

— Meu Deus! Meu amigo... — balbuciou a Senhora Arnoux.

E sem lhe dar tempo para refletir, acrescentou:

— Pode ser na próxima terça-feira?

— Terça?

— Sim, entre duas e três horas!

— Lá estarei!

E desviou o rosto, num movimento de pudor. Frédéric deu-lhe um beijo no pescoço.

— Oh! Não devia fazer isso — disse ela. — Eu podia arrepender-me...

Frédéric afastou-se, temendo a habitual versatilidade das mulheres. Depois, do limiar, murmurou, docemente, como uma coisa definitivamente combinada:

— Até terça!

Ela baixou os belos olhos, com expressão discreta e resignada.

Frédéric tinha um plano.

Esperava que, graças ao sol ou à chuva, poderia fazê-la parar junto a um portal, e que, uma vez aí, ela entraria na casa. A dificuldade estava em descobrir uma que fosse decente.

Pôs-se a procurar e, a meio da Rua Tronchet, leu numa tabuleta: “Apartamentos mobiliados”.

O criado, compreendendo-lhe a intenção, mostrou-lhe imediatamente, na sobreloja, um quarto e uma sala com duas saídas; Frédéric alugou-o por um mês e pagou adiantado.

Depois foi a três estabelecimentos e comprou os mais raros perfumes; comprou também um pedaço de imitação de guipura para substituir a hedionda coberta vermelha, de algodão, escolheu um par de chinelinhos de cetim azul; só o receio de parecer grosseiro o moderou nas compras; voltou com elas, e, com mais devoção do que se ornamentasse um altar, mudou o lugar dos móveis, dispôs os cortinados, pôs madressilvas na lareira, violetas sobre a cômoda; o seu desejo teria sido forrar de ouro todo o quarto. “É amanhã”, dizia de si para si, “sim, amanhã! Não estou sonhando”. E sentia o coração bater com toda a força no delírio daquela esperança; depois de tudo pronto, meteu a chave no bolso, como se a felicidade, que ali dormia, pudesse fugir.

Em casa, esperava-o uma carta da mãe.

“Por que tão longa ausência? O teu comportamento começa a parecer ridículo. Compreendo que, de certo modo, tenhas hesitado a princípio perante esta união; contudo, reflete!”

E entrava em pormenores: quarenta e cinco mil libras de rendimento. Aliás, “falava-se na coisa”; e o Senhor Roque esperava uma resposta definitiva. Quanto à jovem, a posição desta era realmente embaraçosa. “Ela gosta muito de ti.”

Frédéric pôs a carta de lado sem acabar de ler, e abriu outra, um bilhete de Deslauriers.

> “Meu velho,
> “A pera está madura. De acordo com a tua promessa, contamos contigo. Reunimo-nos amanhã, ao nascer do dia, na Praça du Panthéon. Entra no Café Soufflot. Preciso falar contigo antes da manifestação.”

— Oh, eu as conheço, essas manifestações. Muito obrigado! Tenho um encontro mais agradável.

E no dia seguinte, às onze horas, já tinha saído. Queria dar uma última vista de olhos nos preparativos; depois, quem sabe se ela não viria antes da hora marcada, por um acaso qualquer? Ao desembocar da Rua Tronchet, ouviu atrás da Madeleine um grande clamor; adiantou-se e viu no fundo da praça, à esquerda, homens de avental e burgueses[19].

Com efeito, um manifesto publicado nos jornais convocara para aquele lugar todos os inscritos no banquete reformista. O Ministério, logo em seguida, afixara uma proclamação, interditando-o. Na véspera à noite, a oposição parlamentar desistira de o realizar; mas os patriotas, que ignoravam esta decisão dos chefes, tinham vindo ao lugar do encontro, seguidos de grande número de curiosos. Uma deputação das escolas fora há pouco avistar-se com Odilon Barrot. Encontrava-se agora nos Negócios Estrangeiros; não se sabia se o banquete se realizaria ou não, se o Governo levaria adiante a sua ameaça, se os guardas nacionais compareceriam. Havia tanta irritação contra os deputados como contra o Poder. A multidão aumentava sempre, e de súbito vibrou no ar o refrão da *Marselhesa.*

Era a coluna dos estudantes que chegava. Caminhavam a passo, em duas filas, ordenadamente, com aspecto irritado, sem nada nas mãos, e todos gritavam, de quando em quando:

— Viva a Reforma! Abaixo Guizot![20]

Com certeza os amigos de Frédéric estavam ali. Iam vê-lo e arrastá-lo com eles. Refugiou-se rapidamente na Rua de l'Arcade.

Depois de duas voltas à Madeleine, os estudantes desceram em direção à Praça de la Concorde. Estava cheia de gente, e a multidão apinhada parecia, vista de longe, um campo de negras espigas, oscilando.

Nesse mesmo momento, soldados de linha colocaram-se em ordem de batalha, à esquerda da igreja.

Todavia, os grupos estacionavam. Para dispersá-los, policiais à paisana

agarravam os mais rebeldes e conduziam-nos, com brutalidade, para a delegacia. Frédéric, apesar da indignação, ficou mudo; podiam levá-lo com os outros, e perdia a entrevista com a Senhora Arnoux.

Pouco depois surgiram os capacetes da guarda municipal, distribuindo espadeiradas para todos os lados. Um cavalo caiu; gente acorreu a prestar socorro; e, mal o cavalariano montou novamente, todos fugiram.

Fez-se então um grande silêncio. A chuva fina, que molhara o asfalto, deixara de cair. As nuvens iam-se embora, empurradas lentamente pelo vento oeste.

Frédéric pôs-se a percorrer a Rua Tronchet, olhando para diante e para trás.

Finalmente, bateram duas horas.

"Ah! e agora!", disse de si para si, "ela está saindo de casa, vem-se aproximando" e, daí a um minuto: "Já tinha tido tempo de chegar". Até às três horas, tentou acalmar-se. "Não, ela não está atrasada; um pouco de paciência!"

E, não tendo que fazer, examinava os raros estabelecimentos: uma livraria, um seleiro, uma casa funerária. Não tardou a conhecer o nome de todos os livros, de todos os arreios, de todas as fazendas. Os comerciantes, de tanto o verem passar e tornar a passar, ficaram a princípio admirados, depois assustados, e fecharam as vitrinas.

Sem dúvida ela tivera algum impedimento[21], e também sofria. Mas que alegria, dentro em pouco! Porque ela viria, tinha a certeza! "Ela deu certeza!" Contudo, uma angústia insuportável ia-se apoderando dele.

Num movimento absurdo, entrou no hotel, como se fosse possível ela estar lá. Nesse mesmo instante, talvez ela estivesse chegando à rua. Precipitou-se para fora. Ninguém! E continuou a palmilhar o passeio.

Fixava os olhos nas fendas do calçamento, no orifício das goteiras, nos candelabros, nos números das portas. Os mais insignificantes objetos tornavam-se para ele companheiros, ou antes, espectadores irônicos; e as fachadas simétricas das casas pareciam-lhe implacáveis. Tinha os pés frios. Sentia-se dominado por um desânimo sem limites. Os seus passos repercutiam-lhe no cérebro.

Quando viu no relógio que eram quatro horas, sentiu uma espécie de vertigem, de pavor. Esforçou-se por recordar versos, por calcular fosse o que fosse, por inventar uma história. Impossível! A imagem da Senhora Arnoux perseguia-o. Queria correr ao encontro dela. Mas que caminho seguir, para não se desencontrarem?

Aproximou-se de um moço de recados[22], meteu-lhe cinco francos na mão e

encarregou-o de ir à Rua Paradis, à casa de Jacques Arnoux, para saber do porteiro “se a senhora estava”. Depois ficou parado à esquina da Rua de la Ferme e da Rua Tronchet, de forma a vê-las simultaneamente. No fundo da perspectiva, no bulevar, deslizavam massas confusas. Distinguia de vez em quando o penacho de um dragão, um chapéu de mulher; e forçava os olhos para a reconhecer. Uma criança andrajosa, que exibia uma marmota numa caixa, pediu-lhe esmola, sorrindo.

O homem da jaqueta de veludo regressou. “O porteiro não a tinha visto sair.” O que poderia tê-la retido? Se estivesse doente, não teriam deixado de o dizer! Seria alguma visita? Nada mais fácil do que não a receber. Bateu na testa.

“Ah! Que estúpido sou! Foi a insurreição!” Esta explicação natural trouxe-lhe um alívio. Depois, de repente: “Mas no bairro dela há tranquilidade”. E horrível dúvida o assaltou. “Se ela não viesse? Se tivesse prometido unicamente para se ver livre de mim? Não! Não!” O que a não deixava vir era sem dúvida um acaso extraordinário, um destes acontecimentos que escapam a qualquer possibilidade de previsão. Mas nesse caso teria escrito. E mandou o criado do hotel a casa, à Rua Rumfort, saber se estaria lá alguma carta.

Não tinha vindo carta nenhuma. Esta falta de notícias tranquilizou-o.

Do número de moedas tiradas ao acaso do bolso, da fisionomia dos transeuntes, da cor dos cavalos, tirava presságios; e, quando o augúrio era negativo, esforçava-se por não lhe dar crédito. Nos seus acessos de furor contra a Senhora Arnoux dirigia-lhe impropérios em voz baixa. Depois sentia-se fraco, quase a desmaiar, e de súbito tinha um assomo de esperança. Ela ia aparecer. Estava ali, por trás dele. Voltava-se: nada! Uma vez, avistou, a uns trinta passos, uma mulher da mesma estatura, com um vestido igual. Foi ao seu encontro; não era ela! Deram as cinco! Cinco e meia! Seis horas! Acendia-se o gás. A Senhora Arnoux não tinha vindo.

Ela sonhara, na noite anterior, que se achava no passeio da Rua Tronchet havia muito. Esperava ali algo indeterminado, e todavia importante, e, sem saber por quê, receava ser vista. Mas um maldito cãozinho, encarniçado contra ela, mordiscava-lhe a fímbria do vestido. Voltava obstinadamente e ladrava cada vez com mais força. A Senhora Arnoux acordou. Os latidos do cão continuavam. Apurou o ouvido. Vinham do quarto do filho. Precipitou-se para lá descalça. Era o filho, tossindo[23]. Tinha as mãos a arder, o rosto afogueado, a voz estranhamente rouca. A sua dificuldade em respirar aumentava de minuto a minuto. Ela ficou até o amanhecer inclinada sobre a cama, observando-o.

Às oito horas, o tambor da guarda nacional veio prevenir o Senhor Arnoux

de que os seus camaradas o esperavam. Ele vestiu-se rapidamente e saiu, prometendo passar imediatamente pela casa do médico, o Doutor Colot. Às dez, como o Doutor Colot não tivesse aparecido, a Senhora Arnoux mandou lá a empregada. O médico estava ausente, no campo, e seu substituto tinha saído.

Eugène tinha a cabeça de lado, sobre o travesseiro, as sobrancelhas franzidas, as narinas dilatadas; a carinha estava mais branca do que os lençóis; e saía-lhe da laringe um silvo a cada inspiração, e estas eram cada vez mais curtas, secas, com um som metálico. A sua tosse parecia o ruído daqueles engenhos primitivos que fazem ladrar os cães de papelão.

A Senhora Arnoux foi tomada de pânico. Agarrou-se à campainha pedindo socorro, gritando:

— Um médico! Um médico!

Dez minutos depois, chegava um senhor idoso, de gravata branca e suíças grisalhas, bem aparadas. Fez muitas perguntas sobre os hábitos, a idade e o temperamento do pequeno doente, em seguida examinou-lhe a garganta, encostou-lhe o ouvido às costas e escreveu uma receita. O ar tranquilo do homenzinho era odioso. Cheirava a cadáver embalsamado. A Senhora Arnoux tinha vontade de lhe bater. Ele disse que voltaria à tarde.

Não tardou que recomeçassem os terríveis acessos de tosse. Por vezes, a criança erguia-se subitamente. Movimentos convulsos abalavam-lhe os músculos do peito, e, quando aspirava o ar, o ventre cavava-se-lhe, como se estivesse sufocada por ter corrido. Depois tornava a cair, de cabeça para trás, a boca escancarada. Com infinitas precauções, a Senhora Arnoux tentava dar-lhe o conteúdo dos frascos, xarope de ipecacuanha, uma poção expectorante. Mas a criança repelia a colher, gemendo numa voz débil. Dir-se-ia soprar as palavras.

De vez em quando, ela voltava a ler a receita. As observações do formulário aterrorizavam-na; quem sabe se o farmacêutico não se teria enganado! A sua impotência desesperava-a. O assistente do Doutor Colot chegou.

Era um jovem de aspecto modesto, novo na profissão, que não escondeu a sua má impressão. A princípio ficou indeciso, no receio de se comprometer, e acabou por prescrever a aplicação de gelo. Levou muito tempo até que se conseguisse arranjá-lo. A bexiga que continha os pedaços de gelo estourou. Foi necessário mudar a camisola. Esta confusão provocou novo acesso, ainda mais violento.

A criança pôs-se a arrancar as compressas do pescoço, como se quisesse tirar o obstáculo que a sufocava, e arranhava a parede, agarrava-se às cortinas da cama, procurando um ponto de apoio para respirar. Agora tinha o rosto azulado,

e todo o corpo, encharcado de suor frio, parecia ter emagrecido. O olhar alucinado fixava-se na mãe com terror. Lançava-lhe os braços ao pescoço, agarrando-se desesperadamente a ela; e, reprimindo os soluços, a Senhora Arnoux balbuciava palavras meigas.

— Sim, meu amor, meu anjo, meu tesouro!

Depois vinham momentos de acalmia.

Ela foi buscar-lhe brinquedos, um polichinelo, uma coleção de figuras, espalhou-os na cama, para o distrair. Tentou até cantar.

Começou uma canção que lhe cantava outrora, quando o embalava ao enfaixá-lo, naquela mesma cadeirinha estofada. Mas ele teve um estremecimento de todo o corpo, como um onda açoitada pela ventania; os globos dos olhos ficaram salientes: julgou que ele ia morrer, e desviou os olhos para não ver.

Passado um instante, teve coragem para olhar. Ainda vivia. As horas passavam, pesadas, melancólicas, intermináveis, desesperantes; e ela já só lhes contava os minutos pela progressão daquela agonia. Os arrancos do peito faziam-no erguer-se, como se fosse estourar; por fim, vomitou uma coisa estranha, que se parecia com um tubo de pergaminho. Que seria? A Senhora Arnoux imaginou que ele expelira um pedaço das entranhas. Mas a criança respirava agora calmamente, regularmente. Esta aparência de tranquilidade assustou-a mais que tudo; estava petrificada, de braços caídos, olhar parado, quando o Doutor Colot chegou. Na opinião dele a criança estava salva.

Ela a princípio não compreendeu, e fê-lo repetir a frase. Não seria uma dessas consolações próprias dos médicos? O Doutor Colot saiu com ar tranquilo. Então, foi como se as cordas que lhe apertavam o coração se tivessem desatado.

— Salvo! Será possível?

De súbito, a ideia de Frédéric apareceu-lhe de forma nítida e inexorável. Era um aviso da Providência. Mas o Senhor, na sua misericórdia, não a quisera punir inteiramente! Que expiação, mais tarde, se ela persistisse naquele amor! Sem dúvida, seu filho seria insultado por causa dela; e a Senhora Arnoux viu-o, moço, ferido num duelo, trazido numa maca, moribundo. De um salto, precipitou-se para a cadeirinha; e, com todas as suas forças, elevando a alma às alturas, ofereceu a Deus, como holocausto, o sacrifício da sua primeira paixão, da sua única fraqueza.

Frédéric voltara para casa. Caído numa poltrona, nem sequer tinha forças para amaldiçoá-la. Uma espécie de sonolência o dominou; e, através do pesadelo, ouvia cair a chuva, pensando que ainda se encontrava no passeio da Rua Tronchet.

No dia seguinte, numa derradeira esperança, ainda mandou um moço de recados à casa da Senhora Arnoux.

Mas, ou porque o moço não desse o recado, ou porque as coisas que ela tinha a dizer eram muitas para fazê-lo em duas palavras, a resposta que veio foi a mesma. Era muita insolência! Uma cólera de orgulho apoderou-se dele. Jurou a si próprio que não teria sequer um desejo; e, como folha levada pelo vento, o seu amor desvaneceu-se. Sentiu um alívio, uma alegria estoica, em seguida uma necessidade de atos violentos; e saiu ao acaso, pelas ruas.

Passavam homens do subúrbio, armados de espingardas, de velhos sabres, alguns de barrete vermelho, e todos cantando a *Marselhesa* ou *Os Girondinos.* Aqui e ali, um guarda nacional apressava-se a caminho da sua *mairie.* Ouvia-se ao longe o rufar dos tambores. Combatia-se na Porta Saint-Martin. Havia uma atmosfera de entusiasmo e valentia. Frédéric ia andando sempre. A agitação da grande cidade fazia-o sentir-se alegre.

Nas proximidades de Frascati, viu as janelas da Marechala; veio-lhe uma ideia louca, uma reação de juventude. Atravessou o bulevar.

Estavam fechando o portão; e Delphine, a arrumadeira, que escrevia nele, com um pedaço de carvão: “Armas entregues”, disse-lhe precipitadamente:

— Ah! Nem imagina como a senhora está! Esta manhã despediu o *groom,* que a insultou. Está convencida de que vai haver pilhagens! Está morrendo de medo! Tanto mais que o senhor foi embora!

— Qual senhor?

— O príncipe!

Frédéric entrou no toucador. A Marechala apareceu, de saia branca, os cabelos caídos, transtornada.

— Ah! Obrigada! Vens salvar-me! É a segunda vez! E tu nunca pedes a paga!

— Queira desculpar! — disse Frédéric, deitando-lhe ambas as mãos à cintura.

— Como? Que é isso? — balbuciou a Marechala, ao mesmo tempo surpresa e divertida com os modos dele.

Frédéric respondeu:

— Sigo a moda, faço a minha reforma!

Ela deixou-se jogar sobre o divã, e continuava a rir enquanto ele a beijava.

Passaram a tarde vendo, da janela, o povo nas ruas. Depois levou-a para jantar no Trois-Frères-Provençaux. A refeição foi longa, delicada. Voltaram a pé, não havia carruagens.

À notícia de uma mudança de ministério, Paris transformara-se. A alegria era geral; transeuntes circulavam, e lampiões em todos os andares davam uma claridade de pleno dia. Os soldados regressavam lentamente às casernas, derreados, com ar tristonho. Saudavam-nos, aos gritos de “Viva a linha!”. Eles seguiam, sem responder. Na guarda nacional, pelo contrário, os oficiais, rubros de entusiasmo, brandiam os sabres, vociferando: “Viva a reforma!” e aquela palavra, sempre que a ouviam, fazia rir os dois amantes. Frédéric dizia gracejos, estava muito alegre.

Alcançaram os bulevares, pela Rua Duphot. Lanternas venezianas, penduradas das casas, formavam grinaldas de luzes. Embaixo, era um confuso formigueiro de gente; no meio dessa sombra, de quando em quando, brilhavam os reflexos das baionetas. Havia um grande vozear. A multidão era demasiado compacta, o regresso direto impossível; e entravam na Rua Caumartin quando, de súbito, um ruído estalou atrás deles, como se tivessem rasgado uma imensa peça de seda. Era a fuzilaria do Bulevar des Capucines.

— Ah! Estão dando cabo de alguns burgueses — disse Frédéric tranquilamente, porque há situações em que o menos cruel dos homens se acha tão alheado dos outros, que era capaz de assistir, sem a menor emoção, ao desaparecimento do gênero humano.

A Marechala, pendurada no seu braço, batia os dentes. Declarou-se incapaz de andar mais vinte passos. Então, por um requinte de ódio, para melhor ultrajar, na própria alma, a Senhora Arnoux, Frédéric levou-a ao hotel da Rua Tronchet, ao apartamento preparado para a outra.

As flores não tinham murchado. A colcha de renda cobria a cama. Tirou do guarda-roupa as chinelinhas. Rosanette achou essas atenções extremamente delicadas.

Aí pela uma hora, um rufar de tambores longínquo despertou Rosanette; viu que ele soluçava, com a cabeça enterrada no travesseiro.

— Que tens, querido amor?

— É o excesso de felicidade — disse Frédéric. — Havia tempo demais que eu te desejava!

Terceira parte

I

O estrépito de um tiroteio fê-lo despertar bruscamente; e, apesar dos pedidos de Rosanette, Frédéric quis por força ir ver o que se passava. Desceu os Champs-Elysées, de onde os tiros tinham partido. Na esquina da Rua Saint-Honoré, passaram por ele homens de avental, gritando:

— Por aí não! Ao Palais-Royal!

Frédéric seguiu-os. Tinham arrancado as grades da Assomption. Mais adiante, notou três pedras no meio da rua, sem dúvida início de uma barricada, e depois cacos de garrafas e feixes de arame, para atrapalhar a cavalaria; quando de súbito se precipitou de um beco um jovem pálido, cujo cabelo negro lhe flutuava sobre os ombros, e vestindo uma espécie de camisa de malha com pintas de cor. Tinha na mão uma comprida espingarda de soldado, e corria na ponta dos chinelos, com ar de sonâmbulo e ligeiro como um tigre. De vez em quando ouvia-se uma detonação.

Na véspera à noite, à vista da carroça que levava cinco cadáveres recolhidos entre os do Bulevar des Capucines, as disposições do povo tinham mudado; e, enquanto nas Tulherias se sucediam os ajudantes de campo, e o Senhor Molé, em vias de constituir novo ministério, não voltava, o Senhor Thiers procurava organizar outro, e o rei questionava, hesitava, e dava depois a Bugeaud o comando geral para o impedir de utilizá-lo, a insurreição, como que dirigida por um único cérebro, organizava-se formidavelmente. Homens de eloquência frenética arengavam a multidão, nas esquinas; outros, nas igrejas, tocavam a rebate com toda a força; fundiam-se balas, enrolavam-se cartuchos; as árvores dos bulevares, os mictórios, os bancos, as grades, os candeeiros do gás, tudo foi arrancado, derrubado; pela manhã, Paris estava coberto de barricadas. A resistência não durou muito; por toda parte, a guarda nacional intervinha; — de

tal forma que, às oito horas, o povo já se apoderara, por bem ou por mal, de cinco casernas, de quase todas as *mairies*, pontos estratégicos mais fortes. Por si mesma, sem abalos, a monarquia dissolvia-se rapidamente; e estavam agora atacando a delegacia do Château-d'Eau, para libertar cinquenta presos, que não estavam lá.

Frédéric viu-se obrigado a parar à entrada da praça. Estava cheia de grupos armados. Companhias de linha ocupavam as ruas Saint-Thomas e Fromanteau. Enorme barricada fechava a Rua de Valois. Quando o fumo que oscilava sobre ela se dissolveu um pouco, Frédéric distinguiu alguns homens que corriam, fazendo grandes gestos, e depois desapareceram; em seguida o tiroteio recomeçou. Da delegacia respondiam, sem que se visse ninguém no interior; as janelas, defendidas por portadas de carvalho, tinham seteiras; e o monumento, com os seus dois andares, as duas alas, a fonte no primeiro e a pequena porta ao meio, começava a cobrir-se de marcas brancas, ao choque das balas. Nos três degraus da escadaria não havia ninguém.

Ao lado de Frédéric, um homem de barrete grego e uma cartucheira por cima da camisa de malha discutia com uma mulher de lenço amarrado na cabeça. Ela dizia-lhe:

— Mas volta! Volta!

— Deixa-me em paz! — respondia o marido. — Podes muito bem guardar sozinha a portaria. Diga-me, cidadão, acha isto justo? Cumpri o meu dever em toda parte, em 1830, em 32, em 34, em 39! Hoje, luta-se! Eu tenho que lutar! Vai-te embora!

E a porteira acabou por ceder ante os protestos dele, e os de um guarda nacional que se achava ao lado, quadragenário cujo rosto bonacheirão era adornado por um colar de barba loira. Carregava a arma e disparava, enquanto conversava com Frédéric, tão tranquilo no meio da insurreição como um horticultor no seu jardim. Um rapazola de avental adulava-o para ele lhe dar cartuchos, a fim de poder utilizar a sua arma, uma bela carabina de caça que lhe tinha dado "um senhor".

— Tira-os daqui de trás — disse o burguês — e esconde-te! Olha que podes morrer!

Os tambores tocavam a carregar. Gritos agudos, hurras de triunfo erguiam-se. Um remoinho permanente fazia oscilar a multidão. Frédéric, apanhado entre duas massas compactas, não se mexia, aliás fascinado, e divertindo-se imenso. Os que caíam feridos, os mortos ali estendidos não pareciam verdadeiros feridos, nem verdadeiros mortos. Parecia-lhe estar assistindo a um espetáculo.

No meio da turba, acima das cabeças, viu-se um velho de casaca preta, montado num cavalo branco, com sela de veludo. Numa das mãos levava um ramo verde, na outra um papel, e agitava-os com obstinação. Por fim, desesperando de se fazer ouvir, foi-se embora.

Os soldados de linha tinham desaparecido, e os municipais estavam agora sozinhos na defesa da delegacia. Uma onda de intrépidos avançou pela escadaria; caíram, outros os substituíram; e a porta, abalada pelos golpes de barra de ferro, repercutia; os municipais não cediam. Mas uma caleche carregada de feno, que ardia como gigantesca tocha, foi arrastada para junto da parede. Não tardaram a trazer molhos de lenha, palha, um barril de espírito de vinho. O fogo subiu ao longo da cantaria; o edifício começou a fumegar por todos os lados; e ao alto, com um ruído estridente, surgiram grandes chamas entre os balaústres do terraço. O primeiro andar do Palais-Royal enchera-se de guardas nacionais. Disparava-se de todas as janelas da praça; as balas assobiavam; a água da fonte rebentada misturava-se ao sangue, fazia poças no chão; escorregava-se, na lama, sobre peças de vestuário, capacetes, armas; Frédéric sentiu debaixo do pé uma coisa mole; era a mão de um sargento, de capote cor de cinza, caído no enxurro, com o rosto para baixo. Novos bandos de populares continuavam chegando, empurrando os combatentes para a delegacia. O tiroteio tornava-se mais cerrado. Os armazéns de vinho estavam abertos; ia-se lá, de quando em quando, fumar uma cachimbada, beber um chope, para depois voltar ao combate. Um cão perdido uivava. Dava vontade de rir.

Frédéric foi abalado pelo choque de um homem que, tendo recebido uma bala nos rins, caíra-lhe sobre o ombro, estertorando. Àquele tiro, dirigido talvez contra ele, Frédéric sentiu-se furioso; e ia precipitar-se para a frente quando um guarda nacional o deteve.

— É inútil! O rei acaba de partir. Ah! Se não acredita, vá lá ver!

Aquela afirmativa acalmou Frédéric. A Praça du Carrousel tinha um aspecto tranquilo. O palácio de Nantes continuava e erguer-se solitário; e as casas por trás dele, a cúpula do Louvre, em frente, a extensa galeria de madeira à direita e os terrenos desocupados que ondulavam até as barracas de quinquilharias, estavam como que afogados na cor cinza do ar, no qual um murmurar distante parecia confundir-se com a névoa, — enquanto do outro lado da praça uma luz crua, incidindo, graças a um vão entre as nuvens, sobre a fachada das Tulherias, recortava-lhe em branco todas as janelas. Junto do Arco do Triunfo via-se um cavalo morto estendido. Por trás das grades, grupos de cinco a seis pessoas conversavam. As portas do castelo achavam-se abertas, e os criados, no limiar,

não impediam a entrada.

Embaixo, numa pequena sala, estavam servindo café com leite. Alguns dos curiosos instalaram-se ali, gracejando; outros permaneciam de pé, e, entre estes, um cocheiro de fiacre. O sujeito agarrou com ambas as mãos um açucareiro, lançou um olhar desconfiado a um lado e outro, e pôs-se a comer com voracidade, com o nariz metido dentro. Ao pé da grande escadaria, um homem estava assinando um livro. Frédéric reconheceu-o pelas costas.

— Você aqui, Hussonnet!

— Pois claro — respondeu o boêmio. — Apresento-me à Corte. Grande farsa, hein?

— E se subíssemos?

E chegaram à Sala dos Marechais. Os retratos destas notabilidades, à exceção do de Bugeaud, com um furo na barriga, estavam intactos. Apoiados no sabre, tendo um canhão como fundo, as suas atitudes majestosas estavam em desacordo com a circunstância. Um grande relógio marcava uma hora e vinte minutos.

De repente, a *Marselhesa* vibrou. Hussonnet e Frédéric debruçaram-se no corrimão. Era o povo, que se precipitou pela escadaria, num flutuar vertiginoso de cabeças descobertas, de capacetes, barretes vermelhos, baionetas e ombros, com tamanho ímpeto que se viam desaparecer pessoas naquela massa ondulante que subia sem cessar, como um rio impelido pela maré do equinócio, num ulular prolongado, sob um impulso irresistível. Ao chegar em cima, espalhou-se, e o canto cessou.

Não se ouvia agora senão o arrastar de todos aqueles pés, e o marulhar das vozes. A multidão inofensiva limitava-se a olhar. Mas, de quando em quando, um cotovelo comprimido demais partia um vidro; ou então era um vaso, uma estatueta que tombava de um consolo ao chão. O forro de madeira estalava sob a pressão. Todos os rostos estavam corados, e o suor escorria por eles em grossas bagas; Hussonnet observou:

— Os heróis não cheiram lá muito bem!

— Ah! Como você é irritante! — disse Frédéric.

E arrastados, a seu pesar, entraram num salão onde, no teto, se estendia um dossel de veludo vermelho. Embaixo, no trono, estava sentado um proletário de barba negra, camisa aberta, um ar hílare e estúpido de macaco. Outros subiam ao estrado para se sentar no lugar dele.

— Que mito! — disse Hussonnet. — Aí tem o povo soberano!

A poltrona foi erguida à força de braços, e atravessou o salão, oscilando.

— Com a breca! Como balança! A nau do Estado é sacudida por um mar tempestuoso! Como dança! Como dança!

Tinham-na conduzido até junto de uma janela e, no meio de assobios, lançaram-na fora.

— Pobre velha! — disse Hussonnet ao vê-la cair no jardim, onde foi apanhada sem demora para, em seguida, ser passeada até a Bastilha, e lá queimada.

Então, uma alegria frenética explodiu, como se, no lugar do trono, um futuro de felicidade sem-fim tivesse surgido; e o povo, não tanto por vingança como para afirmar a sua posse, quebrou, dilacerou os espelhos e os cortinados, os lustres, os tocheiros, as mesas, as cadeiras, os tamboretes, todos os móveis, mesmo os álbuns de desenho, mesmo as cestas de costura. Tinha obtido a vitória, precisava divertir-se! A canalha enfeitou-se ironicamente com rendas e sedas. Franjas douradas enrolaram-se nas mangas dos blusões, chapéus de penas de avestruz adornavam a cabeça dos ferreiros, faixas da Legião de Honra serviram de cinto a prostitutas. Cada qual satisfazia o seu capricho; uns dançavam, outros bebiam. No quarto da rainha, uma mulher punha cosmético nos bandós; atrás de um biombo, dois amadores jogavam cartas; Hussonnet mostrou a Frédéric um indivíduo que, debruçado numa sacada, fumava cachimbo; e o delírio redobrava o estrépito continuado das porcelanas quebradas e dos estilhaços de cristal que soavam, saltando, como palhetas de gaita de boca.

Depois a fúria tornou-se mais sombria. Uma curiosidade obscena fez vasculhar todos os recessos, abrir todas as gavetas. Galerianos mergulharam os braços no leito das princesas, e rebolavam-se nele para se consolarem de não as poder violar. Outros, de caras mais sinistras, erravam em silêncio, procurando qualquer coisa para roubar; mas a multidão era demasiado numerosa. Pelas portas escancaradas, só se distinguia na enfiada das salas a massa sombria do povo entre os dourados, sob uma nuvem de poeira. Todos os peitos ofegavam; o calor tornava-se cada vez mais sufocante; os dois amigos, receando que lhes faltasse o ar, saíram.

No vestíbulo, de pé sobre um monte de roupas, uma prostituta, imitando a estátua da Liberdade, mantinha-se imóvel, de olhos muito abertos, medonha.

Tinham dado três passos para fora quando viram avançar, na direção deles, uma companhia de guardas municipais de capote que, tirando os barretes e descobrindo ao mesmo tempo os crânios um tanto calvos, saudaram o povo com uma grande reverência. Perante esta prova de respeito, os vencedores maltrapilhos empertigaram-se. Mesmo Hussonnet e Frédéric não deixaram de

sentir certo prazer.

Estavam cheios de entusiasmo. Voltaram ao Palais-Royal. Diante da Rua Fromanteau havia cadáveres de soldados, amontoados em cima de palha. Passaram ao lado, impassíveis, orgulhosos, até, de sentir que faziam boa figura.

O palácio regurgitava de gente. No pátio interno ardiam sete fogueiras. Das janelas atiravam-se pianos, cômodas e relógios. Bombas de incêndio faziam jorrar água até os telhados. Alguns vagabundos tentavam cortar as mangueiras com sabres. Frédéric pediu a um estudante da Politécnica para intervir. Este não compreendeu, e aliás parecia imbecil. A toda a volta, nas duas galerias, o populacho, tendo-se apoderado das adegas, entregava-se a uma pândega desenfreada. O vinho formava regatos, molhava os pés. Vagabundos bebiam por fundos de garrafa, e vociferavam, titubeando.

— Vamo-nos embora — disse Hussonnet. — Este povo enoja-me.

Ao longo de toda a Galeria d'Orléans, havia feridos estendidos no chão, sobre colchões, cobertos com cortinados vermelhos; e burguesinhas do bairro traziam-lhes caldo e roupa.

— Pois sim! — disse Frédéric. — Quanto a mim, acho o povo sublime.

Na grande sala de entrada havia um turbilhão de gente em fúria, homens queriam subir aos andares superiores para acabar de destruir tudo; postados nos degraus, guardas nacionais procuravam retê-los. O mais intrépido era um soldado de caçadores, de cabeça descoberta, cabelo eriçado, com o boldrié em pedaços. A camisa enrolava-se-lhe entre as calças e a túnica, e ele debatia-se encarniçadamente no meio dos outros. Hussonnet, que tinha um olhar penetrante, reconheceu de longe Arnoux.

Depois dirigiram-se ao jardim das Tulherias, para respirar mais à vontade. Sentaram-se num banco; e deixaram-se ficar ali durante alguns minutos, de olhos fechados, tão atordoados que nem tinham forças para falar. Em redor, os transeuntes conversavam uns com os outros. A Duquesa d'Orléans tinha sido nomeada regente; estava tudo acabado; e sentia-se aquele bem-estar que se segue aos desenlaces rápidos, quando às janelas das mansardas do castelo apareceram os lacaios rasgando as librés. Lançavam-nas ao jardim, em sinal de abjuração. O povo apupou-os. Eles desapareceram.

A atenção de Frédéric e de Hussonnet foi atraída por um rapagão que caminhava rapidamente por entre as árvores, de espingarda ao ombro. Uma cartucheira apertava-lhe à cintura o blusão vermelho, e tinha um lenço amarrado na cabeça, debaixo do boné. Voltou a cabeça. Era Dussardier; e, caindo-lhes nos braços:

— Ah! Que felicidade, meus rapazes! — sem poder dizer mais nada, tão ofegante estava de alegria e cansaço.

Havia quarenta e oito horas que estava de pé. Trabalhara nas barricadas do Quartier Latin, batera-se na Rua Rambuteau, salvara três soldados de dragões, entrara nas Tulherias com a coluna Dunoyer, fora em seguida à Câmara, depois à Municipalidade.

— Venho de lá! Tudo vai bem! O povo triunfa! Os operários e os burgueses confraternizam-se! Ah! Se tivessem visto o que eu vi! Que valentes! Como é belo!

E, sem notar que eles não tinham armas:

— Tinha certeza que os encontraria! Houve um momento difícil, contudo!

Uma gota de sangue corria-lhe pela face, e, às perguntas dos outros dois:

— Oh! Não é nada! Um arranhão de baioneta!

Mas precisa tratar-se!

— Ora! Eu sou duro, que importância tem isto? Está proclamada a República! Agora vamos ser felizes! Uns jornalistas que ouvi conversar, há pouco, diziam que se vai libertar a Polônia e a Itália! Acabaram-se os reis! Compreendem? Toda a terra livre! Toda a terra livre!

E, envolvendo num olhar todo o horizonte, abriu os braços em atitude de triunfo. Mas uma extensa fila de homens corria pelo terraço, à beira d’água.

— Ah! Com a breca! Tinha-me esquecido! Os fortes estão ocupados! Tenho de ir para lá! Adeus!

Voltou para gritar-lhes, brandindo a espingarda:

— Viva a República!

Das chaminés do castelo saíam grandes rolos de fumaça negra, que arrastavam fagulhas. O repicar dos sinos lembrava, na distância, balidos aflitos. À direita e à esquerda, por todos os lados, os vencedores disparavam as armas. Frédéric, embora não tivesse espírito bélico, sentiu ferver o sangue gaulês. O magnetismo das multidões entusiásticas contagiara-o. Aspirava voluptuosamente o ar de tempestade, impregnado de cheiro de pólvora; e ao mesmo tempo estremecia sob os eflúvios de um amor imenso, de uma suprema e universal comoção, como se o coração da humanidade inteira lhe batesse no peito.

Hussonnet disse, bocejando:

— Talvez sejam horas de informar as populações!

Frédéric acompanhou-o ao escritório de correspondência, na Praça da Bolsa; e pôs-se a redigir para o *Journal de Troyes* um relato dos acontecimentos em estilo lírico, verdadeira obra de arte, que assinou. Em seguida, jantaram os dois

numa taberna. Hussonnet estava pensativo; as excentricidades da Revolução deixavam as dele a perder de vista.

Depois do café, quando se dirigiram à Municipalidade, para saber o que havia de novo, a natureza agarotada já lhe voltara. Escalava as barricadas como um gamo, e respondia às sentinelas com chistes patrióticos.

Ouviram proclamar, ao clarão dos archotes, o Governo provisório. Finalmente, à meia-noite, Frédéric, vencido pelo cansaço, voltou para casa.

— Então — disse ele ao criado, enquanto este o ajudava a despir-se — estás satisfeito?

— Estou, é claro, senhor! Mas o que não me agrada é todo esse povo dançando!

No dia seguinte, ao acordar, Frédéric lembrou-se de Deslauriers. Correu à casa dele. O advogado acabava de partir, fora nomeado comissário na província. Na véspera à noite conseguira chegar junto de Ledru-Rollin, e, não o largando, falando em nome das Escolas, arrancara-lhe um lugar, uma missão. Aliás, dizia o porteiro, escreveria daí a uma semana, para dar o endereço.

Em seguida, Frédéric foi visitar a Marechala. Ela recebeu-o com azedume, estava amuada por ele a ter deixado só. O seu rancor desvaneceu-se perante as reiteradas garantias de que tudo estava em paz. Tudo voltara à tranquilidade, não havia já nenhum motivo para ter medo; e beijava-a; e ela declarou-se a favor da República, tal como já fizera Monsenhor o Arcebispo de Paris, e como o fariam, com extraordinária presteza de zelo, a Magistratura, o Conselho de Estado, o Instituto, os Marechais da França, Changarnier, o Senhor de Falloux, todos os bonapartistas, todos os legitimistas, e considerável número de orleanistas.

A queda da Monarquia fora tão rápida que, passada a primeira estupefação, os burgueses sentiram como que o pasmo de ainda estarem vivos. A execução sumária de alguns ladrões, fuzilados sem julgamento, pareceu coisa muito justa. Repetiu-se, durante um mês, a frase de Lamartine sobre a bandeira vermelha, “que apenas tinha dado a volta ao Champ de Mars, ao passo que a bandeira tricolor”, etc.; e todos se abrigaram à sombra dela, cada partido só vendo, das três cores, a sua — e contando, logo que fosse o mais forte, poder arrancar as outras duas.

Como os negócios estavam suspensos, a inquietação e a ociosidade traziam toda a gente para a rua. O descuido do vestuário atenuava a diferença das categorias sociais, o ódio escondia-se, as esperanças exibiam-se, a multidão estava cheia de doçura. O orgulho de um direito conquistado brilhava em todos os rostos. Havia uma alegria de carnaval, ostentavam-se uns ares de bivaque;

nada foi mais divertido do que o aspecto de Paris, nos primeiros dias.

Frédéric tomava a Marechala pelo braço, e vagueavam juntos pelas ruas. Ela divertia-se com as condecorações em todas as lapelas, os estandartes pendurados de todas as janelas, os cartazes de todas as cores afixados nas paredes, e deitava aqui e ali uma moeda nas caixas de auxílio aos feridos, instaladas numa cadeira, no meio da rua. Depois detinha-se diante das caricaturas que representavam Luís Filipe de pasteleiro, de saltimbanco, de cão, de sanguessuga. Mas os homens de Caussidière[1], de sabre e faixa, assustavam-na um pouco. Outras vezes, era uma árvore da Liberdade que se estava plantando. Os senhores eclesiásticos compareciam à cerimônia, abençoavam a República, escoltados por acólitos de galões dourados; e a multidão achava aquilo muito bom. O espetáculo mais frequente era o das deputações de qualquer coisa, indo reclamar fosse o que fosse à Municipalidade — porque cada profissão, cada indústria esperava do Governo o fim radical da própria miséria. Alguns, é certo, iam até junto dele para o aconselhar, ou para o felicitar, ou simplesmente para lhe fazer uma visitinha, e ver funcionar a máquina.

Em meados de março, um dia que atravessava a Ponte d’Arcole, tendo de aviar uma encomenda de Rosanette no Quartier Latin, Frédéric viu uma coluna de indivíduos com chapéus estranhos e longas barbas. À frente, tocando tambor, marchava um negro, antigo modelo de ateliê, e o homem que conduzia o estandarte, no qual flutuava ao vento esta legenda: “Artistas pintores”, era nem mais nem menos do que Pellerin.

Fez sinal a Frédéric para que o esperasse, e reapareceu daí a cinco minutos, tendo tempo de sobra, porque o Governo estava recebendo naquele momento os pedreiros. Iam com os seus colegas reclamar a criação de um Fórum da Arte, uma espécie de Bolsa em que seriam debatidos os interesses da Estética; obras sublimes nasceriam, visto que os trabalhadores punham em comum o seu gênio. Paris estaria dentro em pouco coberta de monumentos gigantescos; ele os iria decorar; tinha até começado uma figura da República. Um dos seus camaradas veio chamá-lo, porque esperava vez, depois deles, a deputação dos comerciantes de aves.

— Que disparate! — resmungou uma voz na multidão. — Sempre tolices! Nada que seja forte!

Era Regimbart. Não cumprimentou Frédéric, mas aproveitou a oportunidade para dar largas à própria amargura.

O Cidadão passava os dias vagabundeando pelas ruas, cofiando os bigodes, esbugalhando os olhos, ouvindo e transmitindo notícias lúgubres; e só tinha duas

frases: “Tenham cuidado, eles vão passar por cima de nós!” ou então: “Mas com os demônios, estão escamoteando a República!”. Não estava contente com nada, e sobretudo com o fato de não termos restabelecido as nossas fronteiras naturais. Bastava o nome de Lamartine para fazê-lo encolher os ombros. Não achava Ledru-Rollin “suficiente para o problema”, chamava a Dupont (de l’Eure) velho incapaz; a Albert, idiota; a Louis Blanc, utopista; a Blanqui, homem extremamente perigoso; e quando Frédéric lhe perguntou o que teria sido necessário fazer, respondeu, apertando-lhe tanto o braço que quase lho esmagava:

— Tomar o Reno, é o que lhe digo, tomar o Reno, que diabo!

Depois acusou a reação.

Esta desmascarava-se. O saque dos castelos[2] de Neuilly e de Suresne, o incêndio de Batignolles, as desordens de Lião, todos os excessos, todas as queixas, eram agora exagerados, e acrescentavam-se-lhes a circular de Ledru-Rollin, o curso forçado das notas de banco, a diminuição do juro dos papéis do Estado para sessenta francos, finalmente, como suprema iniquidade, como golpe derradeiro, como um suplemento de horror, o imposto dos quarenta e cinco cêntimos[3]! — E, ainda por cima, havia o Socialismo! Embora essas teorias, tão novas como o jogo da glória, tivessem sido durante quarenta anos debatidas o suficiente para encher bibliotecas, assustaram os burgueses[4] como se fosse uma chuva de aerólitos; e houve indignação, devido àquele ódio que provoca o aparecimento de uma ideia, por ser uma ideia, execração da qual lhe virá mais tarde a glória, e que faz com que os seus inimigos estejam sempre abaixo dela, por medíocre que porventura seja.

Então, a Propriedade elevou-se no respeito público ao nível da Religião, e confundiu-se com Deus. Os ataques que sofria pareceram sacrilégio, pouco menos que a antropofagia. Apesar da legislação mais humana que jamais existiu, o espectro de 93 reapareceu, e a lâmina da guilhotina vibrou em todas as sílabas da palavra República; — o que não lhe evitava o ser desprezada pela sua fraqueza. A França, não se sentindo já dominada, pôs-se a gritar de medo, como um cego sem bengala, como um bebê que se perdeu da ama.

De todos os franceses, nenhum tremia tanto como o Senhor Dambreuse. O novo estado de coisas ameaçava-lhe a fortuna, mas, sobretudo, ludibriava-lhe a experiência. Um sistema tão bom, um rei tão ponderado! Era lá possível! Era o fim do mundo! Logo no dia seguinte, despediu três lacaios, vendeu os cavalos, comprou, para sair à rua, um chapéu mole, pensou até em deixar crescer a barba; e ficava em casa, prostrado, lendo com amargura os jornais mais hostis às suas

ideias, e tão sombrio que nem sequer os gracejos sobre o cachimbo de Flocon[5] tinham já a virtude de fazê-lo sorrir.

Como sustentáculo do regime anterior, temia as vinganças do povo contra as suas propriedades da Champanha, quando lhe caíram debaixo dos olhos as elucubrações de Frédéric[6]. Imaginou então que o seu jovem amigo era um personagem muito influente e que poderia, se não servi-lo, pelo menos defendê-lo; de forma que, certa manhã, o Senhor Dambreuse se apresentou em casa dele, acompanhado por Martinon.

Esta visita tinha como único fim, dizia ele, vê-lo e conversar um pouco. Em suma, rejubilava com os acontecimentos, e adotava com entusiasmo "a nossa sublime legenda: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, tendo sido sempre republicano, no fundo". Se, no outro regime, votava de acordo com o ministério, era simplesmente para acelerar uma queda inevitável. Foi até violento ao referir-se ao Senhor Guizot, "que nos meteu em bons assados, temos de concordar!" — Pelo contrário, admirava muito Lamartine, o qual se mostrara "magnífico, palavra de honra, quando, a propósito da bandeira vermelha..."

— Sim, bem sei — disse Frédéric.

Depois do que, declarou a sua simpatia pelos operários.

— Porque enfim, somos todos mais ou menos operários! — E levava a imparcialidade a ponto de reconhecer que havia lógica em Proudhon. "Oh, muita lógica, que diabo!" Depois, com a liberdade de uma inteligência superior, conversou sobre a exposição de pintura, onde tinha visto o quadro de Pellerin. Achava-o uma coisa original, de mão de mestre.

Martinon corroborava tudo o que ele dizia com palavras de aprovação; também ele entendia que era necessário "aderir francamente à República", e falou do pai, lavrador, tomando ares de camponês, de homem do povo. Não tardaram a falar nas eleições para a Assembleia Nacional e nos candidatos na circunscrição de la Fortelle. O da oposição não tinha probabilidades.

— O senhor devia tomar o lugar dele! — disse o Senhor Dambreuse.

Frédéric protestou.

— Ora, por que não? — teria os sufrágios dos "ultras", dadas as suas opiniões pessoais, e os conservadores, por causa da família. — E talvez, um pouco, quem sabe, — acrescentou o banqueiro, sorrindo — graças à minha influência.

Frédéric objetou que não saberia como fazer. Nada mais fácil, era conseguir ser recomendado aos patriotas do Aube por um clube da capital. Era questão de fazer, não uma profissão de fé como as que se viam todos os dias, mas uma séria

exposição de princípios.

— Traga-me isso; eu sei o que convém na localidade! E poderia, repito-lhe, prestar grandes serviços ao país, a todos nós, até a mim.

Em épocas assim, o auxílio mútuo era necessário e, se Frédéric tivesse necessidade de alguma coisa, ele, ou os seus amigos...

— Oh! Mil vezes obrigado, meu caro senhor!

— Com promessa de compensação, bem entendido!

O banqueiro era um excelente homem, afinal.

Frédéric não pôde deixar de refletir nos conselhos dele; e não tardou a sentir-se atordoado por uma espécie de vertigem.

Passaram-lhe diante dos olhos as grandes figuras da Convenção. Pareceu-lhe que uma aurora magnífica ia surgir. Roma, Viena, Berlim, achavam-se em plena insurreição, os austríacos tinham sido escorraçados de Veneza; toda a Europa se agitava. Era a hora de se precipitar no movimento, de o acelerar, talvez; além disso, seduzia-o o traje que, segundo se dizia, seria usado pelos deputados. Via-se já de colete de lapela, e de faixa tricolor; e aquele desejo, aquela alucinação tornou-se tão forte que se abriu com Dussardier.

O entusiasmo do excelente rapaz nunca se desmentia.

— Mas certamente, está claro! Proponha-se!

Não obstante, Frédéric consultou Deslauriers. A oposição estúpida que entravava o comissário na sua província aumentara-lhe o liberalismo. Respondeu imediatamente exortando-o com violência.

Entretanto, Frédéric sentia necessidade de ser aprovado por um maior número; confidenciou o caso a Rosanette, num dia em que a Senhorita Vatnaz estava presente.

Esta era uma das celibatárias parisienses que, todas as noites, depois de terem dado as suas aulas, ou de terem procurado vender os seus desenhinhos, de colocar pobres manuscritos, voltam para casa com lama agarrada às saias, fazem o seu jantar, comem-no sozinhas, e depois, com os pés sobre uma escalfeta, à luz de um candeeiro sujo, sonham com um amor, uma família, um lar, uma fortuna, tudo aquilo que lhes falta. Assim, como muitas outras, ela tinha saudado na Revolução a hora da vingança; — e dedicava-se a uma propaganda socialista desenfreada.

Segundo a Vatnaz, a libertação do proletário só poderia realizar-se através da libertação da mulher[7]. Queria o direito de acesso a todos os empregos, a investigação de paternidade, um novo código, a abolição, ou, pelo menos, “uma regulamentação mais inteligente do casamento”. Então, cada francesa seria

obrigada a casar com um frances ou a adotar um velho. Era preciso que as amas e parteiras fossem funcionárias pagas pelo Estado; que houvesse um júri para examinar as obras de mulheres, editores especiais para as mulheres, uma escola politécnica para as mulheres, uma guarda nacional para as mulheres, tudo para as mulheres! E, como o Governo não reconhecia os seus direitos, elas deviam vencer a força por meio da força. Dez mil cidadãs, com boas espingardas, podiam fazer tremer a Municipalidade!

A candidatura de Frédéric pareceu-lhe favorável às suas ideias. Estimulou-o, apontando-lhe a glória no horizonte. Rosanette rejubilou por ter um homem que falaria na Câmara.

— E depois, talvez te deem um bom lugar.

Frédéric, aberto a todas as fraquezas, foi contagiado pela demência universal. Escreveu um discurso, e foi mostrá-lo ao Senhor Dambreuse.

Com o ruído da grande porta ao fechar-se, entreabriu-se uma cortina por trás de uma vidraça; uma mulher apareceu. Não teve tempo de a reconhecer; mas, no vestíbulo, um quadro fê-lo parar; era de Pellerin, e estava pousado numa cadeira, sem dúvida provisoriamente.

Aquilo representava a República, ou o Progresso, ou a Civilização, na figura de Jesus Cristo conduzindo uma locomotiva, a qual ia atravessando uma floresta virgem. Frédéric, após um minuto de contemplação, exclamou:

— Mas que horror!

— Não é verdade? — disse o Senhor Dambreuse, que surgira quando ele proferia aquelas palavras, e supondo que elas dissessem respeito, não à pintura, mas à doutrina que o quadro glorificava. Martinon chegou no mesmo instante. Passaram ao escritório; e Frédéric ia tirando um papel do bolso quando a Srta. Cécile, entrando de repente, disse com ar ingênuo:

— Minha tia não está aqui?

— Bem sabes que não — replicou o banqueiro. — Enfim, faça de conta que está em sua casa, Senhorita.

— Oh! Muito obrigada, vou-me embora.

Mal ela saiu, Martinon pareceu procurar o lenço.

— Esqueci-o no sobretudo, desculpem-me.

— Bom! — disse o Senhor Dambreuse.

Evidentemente, a manobra não o iludia, parecia até favorecê-la. Por quê? Mas Martinon não tardou a voltar, e Frédéric começou a ler o seu discurso. Logo na segunda página, onde assinalava como uma vergonha a preponderância dos interesses pecuniários, o banqueiro fez uma careta. Depois, entrando no capítulo

das reformas, Frédéric pedia a liberdade do comércio.

— Como?... Mas perdão!

Ele não entendeu, e continuou. Reclamava o imposto sobre o rendimento, o imposto progressivo, uma federação europeia, e a instrução do povo, o maior estímulo às belas-artes.

— Se o país desse a homens como Delacroix e Victor Hugo cem mil francos de rendimentos, que mal haveria nisso?

E no fim vinham os conselhos às classes superiores.

— Não poupeis nada, ó ricos! Dai! Dai sempre!

Calou-se, e ficou de pé. Os seus dois auditores, sentados, não diziam palavra; Martinon esbugalhava os olhos, o Senhor Dambreuse estava muito pálido. Por fim, dissimulando a emoção sob um sorriso azedo:

— É perfeito, o seu discurso! — E elogiou muito a forma, para não ter de referir-se ao fundo.

Tal virulência da parte de um jovem inofensivo aterrava-o, sobretudo como sintoma. Martinon procurou tranquilizá-lo. O partido conservador não tardaria a tirar a desforra, com certeza; em várias cidades tinham escorraçado os comissários do Governo provisório: as eleições estavam marcadas somente para 23 de abril, havia tempo; em suma, era necessário que o Senhor Dambreuse, em pessoa, se candidatasse no Aube; e, daí por diante, Martinon não o largou mais, tornou-se seu secretário e rodeou-o de carinhos filiais.

Frédéric chegou muito satisfeito consigo à casa de Rosanette. Delmar estava lá, e informou-o de que “definitivamente” se apresentava como candidato às eleições no Sena. Numa proclamação dirigida “ao Povo”, na qual o tratava por tu, o ator gabava-se de o compreender, a “ele”, e de se ter feito, para salvá-lo, “crucificar pela Arte”, de forma que era a sua encarnação, o seu ideal; — crente, efetivamente, de ter uma influência enorme sobre as massas a ponto de oferecer-se mais tarde, numa repartição do ministério, para dominar, ele sozinho, um motim; e, a respeito dos meios que utilizaria para isso, deu esta resposta:

— Não tenham medo! Mostrar-lhes-ei a minha cabeça!

Frédéric, para mortificá-lo, informou-o da sua própria candidatura. O cabotino, como o colega tinha em vista a província, declarou-se seu servidor e ofereceu-se para guiá-lo nos clubes.

Visitaram todos, ou quase todos, os vermelhos e os azuis, os furibundos e os tranquilos, os puritanos, os reles, os místicos e os da bebedeira, aqueles onde se decretava a morte dos reis, aqueles onde se denunciavam as fraudes dos merceeiros; e por toda parte, os locatários amaldiçoavam os proprietários, o

avental atacava a casaca, e os ricos conspiravam contra os pobres. Alguns exigiam indenizações como antigos mártires da polícia, outros imploravam dinheiro para realizar os seus inventos, ou então eram planos de falanstérios, projetos de bazares municipais, sistemas de felicidade pública; — depois, aqui e ali, surgia um lampejo de espírito por entre essas nuvens de disparates, apóstrofes, súbitas como jatos de lama, o direito formulado numa praga, e flores de eloquência nos lábios de um salafrário, trazendo o boldrié de um sabre rente ao peito sem camisa. Às vezes, também, surgia um cavalheiro, aristocrata de modos humildes, dizendo coisas plebeias, e que não lavara as mãos, para fingir que eram calosas. Um patriota reconhecia-o, os mais virtuosos maltratavam-no; e ele saía, cheio de ódio. Era necessário, para parecer sensato, atacar sempre os advogados, e empregar o maior número de vezes possível estas locuções: “trazer a sua pedra ao edifício”, “problema social”, “oficina”.

Delmar não perdia oportunidade de tomar a palavra; e, quando já não sabia mais o que dizer, o seu recurso era pôr a mão na cintura, o outro braço metido no peito, colocando-se de perfil, bruscamente, de forma a mostrar bem a cabeça. Então os aplausos estrondeavam, os da Srta. Vatnaz do fundo da sala.

Frédéric, apesar da insignificância dos oradores, não tinha coragem de falar. Toda aquela gente lhe parecia demasiado inculta ou demasiado hostil.

Mas Dussardier pôs-se em campo, e anunciou-lhe que existia, na Rua Saint-Jacques, um clube intitulado o Clube de Inteligência. O nome era animador. Aliás, iriam também alguns amigos.

Levou aqueles que tinha convidado para o seu ponche; o guarda-livros, o representante de vinhos, o arquiteto; até Pellerin foi, e Hussonnet talvez aparecesse; e, no passeio, diante da porta, achava-se Regimbart com mais dois indivíduos, um dos quais era o seu fiel Compain, homem um pouco atarracado, com sinais de bexiga, olhos avermelhados, e o outro uma espécie de macaco peludo, de tez escura, e que ele conhecia unicamente por ser “um patriota de Barcelona”.

Seguiram por uma aleia, e depois foram introduzidos numa grande sala, sem dúvida destinada a oficina de marceneiro, e cujas paredes ainda frescas cheiravam a cal. Quatro candeias de azeite, penduradas umas ao lado das outras, proporcionavam uma luz desagradável. Num estrado, ao fundo, havia uma secretária com uma campainha, embaixo, uma mesa que servia de tribuna, e duas mais pequenas de cada lado, para os secretários. A assistência que ocupava os bancos era constituída de pintores malogrados, mestres-escolas, homens de letras inéditos. No meio destas filas de colarinhos ensebados, via-se de vez em quando

uma touca de mulher ou o avental de um operário. O fundo da sala estava aliás cheio de operários, que ali tinham vindo sem dúvida por não terem outra coisa a fazer, ou trazidos pelos oradores a fim de os aplaudirem.

Frédéric teve o cuidado de se instalar entre Dussardier e Regimbart, o qual, logo que se sentou, pousou as duas mãos sobre o castão da bengala e fechou os olhos, enquanto, na outra extremidade da sala, Delmar, de pé, dominava a Assembleia.

Na mesa da presidência surgiu Sénécal.

Esta surpresa, supunha o bom do caixeiro, seria agradável a Frédéric. Mas contrariou-o.

A multidão manifestava ao seu presidente grande deferência. Era daqueles que, a 25 de fevereiro, tinham defendido a organização imediata do trabalho[8]; no dia seguinte, no Prado, fora a favor do ataque à Municipalidade; e como cada personagem tomava um modelo, este imitando Saint-Just, aquele a Danton, um outro a Marat, ele procurava assemelhar-se a Blanqui, o qual imitava Robespierre. As luvas pretas e o cabelo cortado à escovinha davam-lhe uma aparência rígida, extremamente respeitável.

Abriu a sessão com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, ato de fé habitual. Em seguida, uma voz forte entoou *As Recordações do Povo*, de Béranger.

Levantaram-se outras vozes:

— Não! Não! Isso não!

— *O Boné!* — puseram-se a gritar, ao fundo, os patriotas.

E cantaram em coro o sucesso do dia:

> Tirai o chapéu ante o boné,
> Ajoelhai ante o operário!

A uma palavra do presidente, o auditório silenciou. Um dos secretários procedeu à abertura da correspondência.

— Um grupo de jovens anuncia que todas as noites queima diante do Panthéon um exemplar do *Assemblée Nationale*[9], e convida todos os patriotas a seguir-lhes o exemplo.

— Bravo! Aprovado! — respondeu a multidão.

— O cidadão Jean-Jacques Langreneux, tipógrafo, da Rua Dauphine, desejaria que se erguesse um monumento à memória dos mártires de Termidor.

— Michel-Évariste-Népomucène Vincent, ex-professor, emite o voto de que

a democracia europeia adote uma língua única. Poderia utilizar-se uma língua morta, por exemplo o latim, aperfeiçoado.

— Não! Nada de latim! — exclamou o arquiteto.

— Por quê? — redarguiu um professor particular.

E os dois travaram uma discussão, em que outros intervieram, cada um dizendo a sua frase para fazer efeito, e que não tardou a ficar tão tediosa que muita gente começou a sair.

Mas um velhinho, de óculos verdes sob uma fronte prodigiosamente alta, reclamou a palavra para uma comunicação urgente.

Era um memorial sobre a repartição dos impostos. Eram números e mais números, aquilo não tinha fim! A impaciência manifestou-se a princípio em murmúrios, em conversas; nada o perturbava. Depois começaram a assobiar, chamando "Azor"; Sénécal chamou o público à ordem; o orador prosseguia, como uma máquina. Para fazê-lo parar, foi necessário agarrá-lo por um braço. O homenzinho teve um ar de quem acorda de um sonho, e, erguendo tranquilamente os óculos:

— Perdão, cidadão! Perdão! Retiro-me! Peço muitas desculpas!

O insucesso dessa leitura deixou Frédéric desconcertado. Tinha o discurso na algibeira, mas teria sido preferível um improviso.

Finalmente, o presidente anunciou que iam entrar no assunto importante, a questão eleitoral. Não iriam ser discutidas as grandes listas republicanas. Todavia, o Clube da Inteligência tinha tanto direito como qualquer outro de fazer também a sua, "sem ofensa para os senhores paxás da Municipalidade", e os cidadãos que aspiravam ao mandato popular podiam expor os respectivos programas.

— Vá lá! — disse Dussardier.

Um homem de sotaina, cabelo crespo, expressão petulante, já tinha levantado a mão. Declarou, tartamudeando, chamar-se Ducretot, padre e agrônomo, autor de uma obra intitulada *Dos Adubos.* Disseram-lhe que fosse para um clube agrícola.

Depois subiu à tribuna um patriota de blusão. Esse era plebeu, de ombros largos, uma cara larga, de expressão doce, e grande cabeleira negra. Percorreu a Assembleia com um olhar quase voluptuoso, deitou a cabeça para trás e disse, finalmente, abrindo os braços:

— Repelistes Ducretot, ó meus irmãos! E fizestes bem, mas não foi por irreligião, pois somos todos religiosos.

Alguns escutavam de boca aberta, com ar de catecúmenos, e atitudes

extáticas.

— Não é também por ele ser padre, porque também nós somos padres! O operário é padre, como o era o fundador do socialismo, o Mestre de nós todos, Jesus Cristo!

Chegara o momento de inaugurar o reino de Deus! O Evangelho conduzia diretamente a 89! Após a abolição da escravatura, a abolição do proletariado. Tinha havido a idade do ódio, agora começava a idade do amor.

— O cristianismo é a chave da abóbada e o fundamento do novo edifício...

— Está brincando conosco! — exclamou o representante de vinhos. — De onde é que saiu este papa-hóstias?

Essa interrupção provocou grande escândalo. Quase todos se puseram de pé nos bancos, e vociferavam, de punho estendido: “Ateu! Aristocrata! Canalha!” enquanto a campainha do presidente tilintava sem parar e os gritos de “Ordem! Ordem!” redobravam. Mas, intrépido, e apoiado aliás por “três cafés” que tomara antes de vir, ele debatia-se no meio dos outros.

— O quê? Eu, aristocrata? Essa agora!

Conseguindo por fim explicar-se, declarou que nunca estaria tranquilo com os padres, e, já que se tinha falado há pouco em economias, fazia-se uma excelente suprimindo as igrejas, os santos cibórios e finalmente todos os cultos.

Alguém objetou-lhe que era ir muito longe.

— Sim, vou longe! Mas, quando um navio é surpreendido pela tempestade...

Sem esperar o fim da comparação, um outro respondeu-lhe:

— De acordo! Mas é demolir de uma vez, como um pedreiro sem discernimento...

— O senhor está insultando os pedreiros! — berrou um cidadão coberto de cal; e, obstinando-se a pensar que o tinham provocado, vomitou insultos, quis bater-se, e agarrava-se ao banco. Foram necessários três homens para expulsá-lo.

Entretanto, o operário permanecia na tribuna. Os dois secretários disseram-lhe para descer. Ele protestou contra a arbitrariedade de que era vítima.

— Não me impedireis de gritar: amor eterno à nossa querida França! Amor eterno também à República!

— Cidadãos! — disse então Compain. — Cidadãos!

E, à força de repetir “Cidadãos!”, tendo conseguido um pouco de silêncio, apoiou na tribuna as duas mãos vermelhas, que pareciam cotos, inclinou-se para a frente e, piscando os olhos:

— Acho que seria necessário dar maior extensão à cabeça de vitela.

Todos ficaram em silêncio, julgando ter ouvido mal.

— Sim, à cabeça de vitela!

Trezentas gargalhadas estalaram ao mesmo tempo. O teto tremeu. Diante de todas aquelas caras transtornadas pela alegria, Compain teve um movimento de recuo. Prosseguiu, com voz enfurecida:

— Como! Então não sabem o que é a cabeça de vitela?!

Foi um paroxismo, um delírio. Uns comprimiam as ilhargas. Outros chegavam a cair no chão, debaixo dos bancos. Compain, não aguentando mais, refugiou-se junto de Regimbart e quis arrastá-lo para fora.

— Não! Eu fico até o fim! — disse o Cidadão.

Essa resposta decidiu Frédéric; e, como olhava à sua volta procurando os amigos para o apoiarem, avistou, em frente, Pellerin na tribuna. O artista dirigia-se com arrogância à multidão.

— Ainda gostaria de saber onde é que está o candidato da Arte no meio de tudo isto? Eu fiz um quadro...

— Não temos necessidade de quadros! — disse com brutalidade um sujeito magro, com manchas vermelhas nas faces.

Pellerin reclamou por o estarem interrompendo.

Mas o outro, numa voz trágica:

— Não devia o Governo ter já abolido, por meio de um decreto, a prostituição e a miséria?

E, como essa frase lhe conquistou imediatamente a simpatia do povo, tonitruou contra a corrupção das grandes cidades.

— Vergonha e infâmia! Deviam agarrar-se os burgueses à saída do Maison d’Or e cuspir-lhes na cara! Se ao menos o Governo não favorecesse a devassidão! Mas os cobradores do imposto são de tal indecência com as nossas filhas e nossas irmãs...

Uma voz gritou de longe:

— É divertido!

— Fora!

— Arrancam-nos contribuições para pagar a libertinagem! Assim, os grandes ordenados dos atores...

— A mim! — exclamou Delmar.

Saltou para a tribuna, afastou toda a gente, tomou a sua atitude; e, declarando desprezar acusações tão estúpidas, pôs-se a dissertar sobre a missão civilizadora do comediante. Visto que o teatro era o fundamento da instrução nacional, votava a favor da reforma do teatro; e, em primeiro lugar, nada de direções, nada de privilégios!

— Sim, de maneira nenhuma!

A mímica do ator galvanizava a multidão, e cruzavam-se as moções subversivas.

— Abaixo as academias! Abaixo o Instituto!

— Abaixo as missões!

— Abaixo o bacharelato!

— Abaixo os graus universitários!

— Conservemo-los, — disse Sénécal — mas que sejam conferidos pelo sufrágio universal, pelo Povo, único juiz verdadeiro!

O mais útil, aliás, não era isso. Primeiro, havia que fazer curvar a cabeça dos ricos! E representou-os refocilando no crime debaixo dos tetos dourados, enquanto os pobres, torcendo-se de fome nos seus tugúrios, cultivavam todas as virtudes. Os aplausos tornaram-se tão fortes que ele se calou. Durante alguns minutos, permaneceu de olhos fechados, a cabeça deitada para trás e como que deixando-se embalar pela cólera que suscitara.

Depois recomeçou a falar, dogmaticamente, em frases imperiosas como leis. O Estado devia tomar conta dos Bancos e dos Seguros. As heranças deviam ser abolidas. Seria instituído um fundo social para os trabalhadores. Muitas outras medidas seriam boas no futuro. Essas, de momento, seriam suficientes; e, voltando às eleições:

— Precisamos de cidadãos puros, de homens inteiramente novos! Alguém se propõe?

Frédéric levantou-se. Houve um murmúrio de aprovação entre os amigos. Mas Sénécal, tomando uns ares à Fouquier-Tinville, pôs-se a interrogá-lo acerca de nome, sobrenome, antecedentes, vida e costumes.

Frédéric respondia-lhe sumariamente, mordendo os lábios. Sénécal perguntou se alguém via impedimento àquela candidatura.

— Não! Não!

Mas ele via. Todos se inclinaram e apuraram o ouvido. O cidadão postulante não dera certa quantia prometida para uma fundação democrática, um jornal. Além disso, no dia 22 de fevereiro, apesar de suficientemente avisado, faltara ao encontro marcado na Praça du Panthéon.

— Juro que ele estava nas Tulherias! — exclamou Dussardier.

— Pode jurar tê-lo visto no Panthéon?

Dussardier baixou a cabeça. Frédéric calava-se; os amigos, escandalizados, olhavam-no, inquietos.

— Pelo menos — prosseguiu Sénécal — conhece algum patriota que possa

responder pelos seus princípios?

— Eu! — disse Dussardier.

— Oh! Isso não basta! Outro!

Frédéric voltou-se para Pellerin. O artista respondeu-lhe com uma abundância de gestos que significava:

“Ah! Meu caro, eles repeliram-me! Diabo! Que quer!”.

Então, Frédéric tocou no cotovelo de Regimbart.

— Sim! É verdade! Está na hora! eu vou!

E Regimbart saltou para o estrado; depois, mostrando o espanhol, que o tinha seguido:

— Cidadãos, permitam que lhes apresente um patriota de Barcelona!

O patriota fez uma grande vênia, esbugalhou, como um autômato, os olhos claros, e, pondo a mão sobre o coração:

— Ciudadanos! Mucho aprecio el honor que me dispensais, y si grande es vuestra bondad, mayor es vuestra atención[10].

— Peço a palavra! — gritou Frédéric.

— Desde que se proclamo la constitucion de Cadiz, ese pacto fundamental de las libertades espanolas, hasta la ultima revolucion, nuestra patria cuenta numerosos y heroicos mártires.

Frédéric tentou mais uma vez fazer-se ouvir.

— Mas, cidadãos!...

O espanhol continuava:

— El martes proximo tendra lugar en la iglesia de la Magdelena un servido funebre.

— É absurdo, afinal! Ninguém está entendendo nada!

Esta observação exasperou a multidão.

— Fora! Fora!

— Quem, eu? — perguntou Frédéric.

— O senhor mesmo! — disse, majestosamente, Sénécal. — Saia!

Ergueu-se para sair; e a voz do ibérico prosseguia:

— Y todos los espanoles desearian ver alli reunidas las deputaciones de los clubes y de la milicia nacional. Una oracion funebre en honor de la libertad espanola y del mundo entero, sera prononciado por un miembro del clero de Paris en la sala Bonne-Nouvelle. Honor al pueblo frances, que llamaria yo el primero pueblo del mundo, sino fuese ciudadano de otra nacion!

— Aristocrata! — guinchou um garoto, mostrando o punho a Frédéric, que se precipitava para fora da sala, indignado.

Pensou que a sua dedicação fora em vão, sem reparar que as acusações de que fora objeto eram justas, afinal. Que triste ideia a de se candidatar! Mas que burros, que cretinos! Comparava-se àqueles homens, e a estupidez deles era um lenitivo para o seu orgulho ferido.

Em seguida, veio-lhe o desejo de ver Rosanette. Depois de tanta fealdade e ênfase, seria bem agradável a sua gentil companhia. Ela sabia que Frédéric iria apresentar-se nessa noite num clube. Contudo, quando ele entrou, não lhe fez a menor pergunta.

Estava junto da lareira, descosendo o forro de um vestido. Ele estranhou vê-la nesse trabalho.

— Que estás fazendo?

— O que tu vês — disse ela secamente. — Remendando os meus trapos! É a tua República.

— Por que a *minha* República?

— Será a minha, por acaso?

E começou a censurá-lo por tudo o que se passara na França, havia dois meses, acusando-o de ter feito a revolução, de ser causa de estar toda a gente arruinada, de os ricos abandonarem Paris, e que acabaria por morrer no hospital.

— Tu podes falar à vontade, com os teus rendimentos! Aliás, da maneira como as coisas vão, não os vais gozar por muito tempo, os teus rendimentos.

— É bem possível — disse Frédéric. — Os mais dedicados são sempre incompreendidos; e, se não fosse a nossa consciência, os brutos com quem a gente se mete acabariam por nos desgostar da abnegação!

Rosanette olhou para ele, franzindo as sobrancelhas.

— Hein? Como? Que abnegação? O cavalheiro foi malsucedido, ao que estou vendo? Tanto melhor! É para aprenderes a fazer donativos patrióticos. Oh! Escusas de mentir! Bem sei que lhes deste trezentos francos, porque essa tua República faz-se pagar! Pois então diverte-te com ela, meu filho!

Perante aquela avalancha de disparates, Frédéric passava do seu outro desapontamento a uma decepção mais dura.

Tinha ido para o fundo do quarto. Rosanette foi até junto dele.

— Vejamos! Pensa um pouco! Num país, como numa casa, tem que haver um chefe; de outro modo, cada um faz o que quer. Em primeiro lugar, toda a gente sabe que Ledru-Rollin está coberto de dívidas! Quanto a Lamartine, como queres tu que um poeta entenda de política? Ah! Podes abanar a cabeça à vontade e julgares-te mais esperto do que os outros, a verdade é essa! Mas queres sempre discutir; não se pode falar contigo! Aí tens, por exemplo,

Fournier-Fontaine, dos armazéns de Saint-Roch: sabes de quanto ele precisa? De oitocentos mil francos! E Gomer, das mudanças, aí em frente, outro republicano, esse quebrava as tenazes na cabeça da mulher, e bebia tanto absinto que vão interná-lo numa casa de saúde. É assim que eles são, os tais republicanos! Uma República a vinte e cinco por cento! É, podes estar satisfeito!

Frédéric foi-se embora. A inépcia daquela rapariga, revelando-se de repente naquela linguagem plebeia, fazia-lhe nojo. Até voltou a sentir-se um pouco patriota.

O mau humor de Rosanette ia-se agravando. A Srta. Vatnaz irritava-a com o seu entusiasmo. Julgando ter uma missão a cumprir[11], tinha a mania de perorar, de catequizar, e, mais segura do que a amiga nessas matérias, vencia-a com os seus argumentos.

Um dia, apareceu muito indignada com Hussonnet, que tivera o atrevimento de fazer uns gracejos de mau gosto, no clube das mulheres. Rosanette achou que ele tinha feito muito bem, e declarou até que se vestiria de homem para “lhes ir dizer umas verdades, a todas, e corrê-las a chicote”. Frédéric vinha entrando nesse momento.

— Irás comigo, não é assim?

E, apesar da presença dele, as duas altercaram, uma dando-se ares de burguesa, a outra, de filósofa.

Segundo Rosanette, as mulheres tinham nascido exclusivamente para o amor e para criar os filhos, para governar a casa.

De acordo com a Srta. Vatnaz, a mulher devia ter o seu lugar no Estado. Outrora, as gaulesas legislavam, as anglo-saxônias também, as esposas dos hurões faziam parte do Conselho. A obra civilizadora era comum. Era necessário que todas contribuíssem para ela, para substituir finalmente o egoísmo pela fraternidade, o individualismo pela associação, a fragmentação pela grande cultura.

— Essa é boa, agora és entendida em cultura?

— Por que não? Aliás, trata-se da humanidade, do seu futuro!

— Pensa mas é no teu.

— Isso é comigo!

Começaram a ficar zangadas. Frédéric interveio. A Vatnaz ia-se esquentando, e chegou a desejar a vinda do comunismo.

— Que tolice! — disse Rosanette. — Como se isso pudesse realizar-se!

A outra deu como prova os essênios, os irmãos morávios, os jesuítas do Paraguai, a família dos Pingons, próximo de Thiers, na Auvergne; e, com a

gesticulação, a corrente do relógio prendeu-se-lhe no molho de berloques, a um carneirinho de ouro que dele pendia.

De repente, Rosanette ficou pálida.

A Srta. Vatnaz continuava procurando desvencilhar o carneirinho.

— Não te esforces tanto — disse Rosanette. — Agora já sei quais são as tuas opiniões políticas.

— Como? — retorquiu a Vatnaz, que se pôs vermelha como uma virgem.

— Oh! Oh! Tu bem me entendes!

Frédéric não entendia. Entre elas, era evidente, passara-se qualquer coisa mais importante e mais íntima do que o socialismo.

— E se fosse? — replicou a Vatnaz, empertigando-se com intrepidez. — É um empréstimo, minha cara, dívida por dívida!

— Claro, eu não nego as minhas! Por alguns milhares de francos, ora, adeus! Mas ao menos peço emprestado, não roubo ninguém!

A Srta. Vatnaz procurou rir.

— Oh! Poria a minha mão no fogo.

— Tem cuidado! Está tão sequinha que era capaz de arder.

A velha mostrou-lhe a mão direita, e conservando-a estendida, mesmo em frente dela:

— Mas há amigos teus que a acham a seu gosto!

— Algum andaluz, não? Para fazer castanholas!

— Ordinária!

A Marechala fez uma grande vênia.

— Não se pode ser mais gentil!

A Srta. Vatnaz não respondeu. Gotas de suor afloraram-lhe às têmporas. Tinha os olhos fitos no tapete. Estava ofegante. Por fim, dirigiu-se para a porta e, batendo-a com toda a força:

— Boa-noite! Hão de ter notícias minhas!

— Bom proveito! — disse Rosanette.

O esforço tinha-a esgotado. Deixou-se cair no divã, toda trêmula, balbuciando insultos, desfeita em lágrimas. Seria aquela ameaça da Vatnaz que a afligia? Mas não! Ela importava-se lá com isso! Quem sabe se a outra lhe devia dinheiro? Era o carneirinho de ouro, um presente; e, no meio das lágrimas, escapou-lhe o nome de Delmar. Então, ela amava o cabotino!

“Mas se assim é, por que me quis?” dizia Frédéric de si para si. “Por que voltou ele? Quem a obriga a estar comigo? Que significa tudo isso?”

Rosanette continuava a soluçar baixinho. Ficara na beira do divã, deitada de

lado, a face direita sobre as duas mãos, — e parecia um ser tão delicado, inconsciente e magoado, que Frédéric aproximou-se dela e beijou-lhe a testa, docemente.

Então, ela fez-lhe promessas de amor; o príncipe acabava de partir, estariam livres. Mas, de momento, estava em dificuldades. “Tu mesmo viste, outro dia, quando eu aproveitava os meus velhos forros.” A carruagem fora-se! E não era tudo; o estofador ameaçava levar embora os móveis do quarto e do salão maior. Ela não sabia como fazer.

Frédéric teve vontade de responder: “Não te preocupes, eu pagarei!”. Mas a dama podia estar mentindo. Ele aprendera à própria custa. Limitou-se a vagas palavras de consolo.

Os temores de Rosanette não eram infundados; foi necessário devolver os móveis e abandonar o belo apartamento da Rua Drouot. Mudou-se para outro, num quarto andar do Bulevar Poissonnière. As bugigangas do antigo toucador bastaram para dar aos três aposentos um ar acolhedor. Foram colocados estores chineses, um dossel no terraço, no salão um tapete de ocasião, ainda por estrear, com almofadas de seda cor-de-rosa. Frédéric contribuíra generosamente para estas aquisições; sentia a alegria de um recém-casado que possui finalmente uma casa sua; uma mulher sua; e, sentindo-se bem ali, ia lá dormir quase todas as noites.

Certa manhã, ao sair do vestíbulo, viu no terceiro andar o quepe de um guarda nacional que vinha subindo. Aonde iria ele? Frédéric esperou. O homem continuava subindo, de cabeça meio inclinada: ergueu os olhos. Era o Senhor Arnoux. A situação era clara. Coraram ambos ao mesmo tempo, sentindo igual embaraço.

Arnoux foi o primeiro a encontrar uma saída.

— Ela está melhor, não é verdade? — como se Rosanette estivesse doente, e tivesse vindo saber notícias.

Frédéric pegou a deixa:

— Sim, sem dúvida! Pelo menos, foi o que me disse a criada — querendo dar a entender que não fora recebido.

Depois ficaram um diante do outro, ambos indecisos, observando-se, para ver qual dos dois ia ficar. Foi novamente Arnoux que decidiu a situação.

— Ora! Voltarei mais tarde! Aonde quer ir? Vou com você!

E, na rua, conversou com a naturalidade habitual. Provavelmente não era de caráter ciumento, ou então era bonacheirão demais para zangar-se.

Além disso, a pátria preocupava-o. Agora não tirava o uniforme. No dia 29

de março, defendera a redação de *La Presse*[12]. Quando a Câmara fora invadida, salientara-se pela coragem, e tomara parte no banquete oferecido à guarda nacional de Amiens.

Hussonnet, sempre de serviço com ele, explorava-lhe, mais do que ninguém, o cantil e os charutos; mas, irreverente por natureza, gostava de o contradizer, dizendo mal do estilo incorreto dos decretos, das conferências do Luxembourg[13], das *vésuviennes*, dos tiroleses, de tudo, inclusive do carro da Agricultura, puxado por cavalos em vez de bois e escoltado por moças feias. Arnoux, pelo contrário, defendia o Poder e sonhava com a fusão dos partidos. Entretanto, os negócios iam-lhes de mal a pior. Não se afligia muito com isso.

As relações de Frédéric com a Marechala não o tinham amargurado, porque tal descoberta autorizou-o (na consciência) a suprimir a pensão que voltara a dar-lhe depois da partida do príncipe. Alegou as dificuldades do momento, gemeu muito, e Rosanette foi generosa. Então, o Senhor Arnoux passou a considerar-se o amante preferido, o que o elevou na sua própria estima e o fez rejuvenescer. Certo de que Frédéric pagava à Marechala, supunha "pregar-lhe uma boa partida", chegou mesmo a esconder-se dele, e deixava-lhe o campo livre quando se encontravam.

Essa partilha era dolorosa para Frédéric; e as amabilidades do rival pareciam-lhe uma zombaria que se prolongava demais. Mas caso se zangasse, teria perdido todas as probabilidades de voltar à outra, e além disso era a única maneira de ouvir falar dela. O fabricante de louça, segundo o seu hábito, ou talvez por malícia, aludia frequentemente à mulher em conversa, e perguntava mesmo por que deixara Frédéric de os visitar.

Frédéric, tendo esgotado todos os pretextos, acabou por lhe dizer que procurara a Senhora Arnoux por diversas vezes, em vão. Arnoux ficou convencido, porque muitas vezes estranhara, diante dela, a ausência do amigo; e ela respondera-lhe sempre ter estado fora quando ele a procurara; de maneira que estas duas mentiras, em vez de se contradizer, confirmavam-se.

A delicadeza do jovem e a satisfação de o enganar faziam com que Arnoux gostasse cada vez mais dele. Levava a familiaridade até o extremo limite, não por desdém, mas por confiança. Um dia, escreveu-lhe dizendo que um negócio urgente o chamava à província por vinte e quatro horas; e pedia-lhe que fosse fazer a guarda em vez dele. Frédéric não teve coragem para recusar, e dirigiu-se ao posto do Carrousel.

Teve que suportar a companhia dos guardas nacionais e, à exceção de um operário destilador, sujeito divertido que bebia de maneira descomunal, todos lhe

pareceram mais estúpidos do que a sua cartucheira. A conversa mais importante foi sobre a substituição do boldrié pelo cinturão. Outros indignavam-se com as oficinas nacionais[14]. Dizia-se: “Para onde vamos?” Aquele a quem a apóstrofe fora dirigida respondia, esbugalhando os olhos, como se estivesse à beira de um abismo: “Para onde vamos?”. Então, um mais ousado exclamava: “Isto não pode continuar assim! É preciso pôr-lhe termo!”. E como os mesmos discursos se repetiram até a noite, Frédéric aborreceu-se mortalmente.

Grande foi a surpresa do rapaz quando, às onze horas, viu aparecer Arnoux, o qual disse que vinha libertá-lo, pois tinha liquidado o seu negócio.

Não houvera negócio algum. Era uma invenção, para passar vinte e quatro horas sozinho com Rosanette. Mas Arnoux confiava demais nas próprias forças, a ponto de, com o cansaço, assaltarem-no os remorsos. Vinha agradecer a Frédéric e convidá-lo para cear.

— Mil vezes obrigado! Não tenho fome! Só quero a minha cama!

— Mais uma razão para almoçarmos juntos, daqui a pouco! Que molengão você me saiu! Não são horas de voltar para casa! É demasiado tarde! Seria perigoso!

Frédéric cedeu uma vez mais. Arnoux, que ninguém esperava, foi festejado pelos seus irmãos de armas, principalmente pelo destilador. Todos gostavam dele; e tinha tão bom coração, que lamentou a ausência de Hussonnet. Mas precisava de um minuto de sono, apenas.

— Instale-se junto de mim — disse ele a Frédéric, enquanto se estirava na cama de campanha, sem tirar o boldrié. Receando um alarma, e apesar do que mandava o regulamento, não largou a espingarda; depois, balbuciou algumas palavras: “Minha adorada! Meu anjinho!” e não tardou a adormecer.

Os que conversavam calaram-se; e a pouco e pouco fez-se no posto um grande silêncio. Frédéric, atormentado pelas pulgas, olhava em torno de si. A parede, pintada de amarelo, tinha a meia altura uma longa tábua sobre a qual as mochilas formavam uma sucessão de pequenas bossas, ao passo que, embaixo, as espingardas cor de chumbo estavam encostadas umas ao lado das outras; ouviam-se roncos produzidos pelos guardas nacionais, cujos ventres se distinguiam confusamente, no escuro. Sobre a estufa havia uma garrafa vazia e alguns pratos. Três cadeiras de palha rodeavam a mesa, em cima da qual havia cartas de baralho espalhadas. A correia de um tambor, pousado no meio do banco, pendia. O vento quente que vinha da porta fazia fumegar a candeia. Arnoux dormia com um braço para cada lado; e, como a espingarda estava com a coronha para baixo, um pouco de lado, o cano tocava-lhe na axila. Frédéric

notou-o, e ficou assustado.

“Mas não! É uma tolice! Não há perigo nenhum! Contudo, se ele morresse...”

E logo um nunca acabar de imagens se lhe apresentou. Via-se com Ela, de noite, numa diligência; depois, à beira de um rio, numa noite de verão, à luz de um candeeiro, em casa, no seu lar. Detinha-se até em cálculos sobre o Governo da casa, sobre arranjos domésticos, contemplando, tocando já aquela felicidade; — e, para a realizar, bastaria que o gatilho da arma se levantasse! Ou podia ser empurrado com um dedo do pé; a espingarda disparava-se, seria um acidente, nada mais!

Frédéric demorou-se nessa ideia, como um dramaturgo tecendo um enredo. De repente, pareceu-lhe que ela não estava longe de se transformar em ato, e que ia contribuir para isso, que tal era o seu desejo; então sentiu enorme pavor. No meio dessa angústia, sentiu um prazer, que cada vez o dominava mais, verificando, com terror, que os escrúpulos se desvaneciam; no furor da sua imaginação, o resto do mundo apagava-se; e só tinha consciência de si próprio por uma intolerável opressão no peito.

— Vamos ao vinho branco? — disse o destilador, acordando.

Arnoux pôs-se de pé; e, tomado o vinho branco, quis fazer a guarda de Frédéric.

Depois levou-o a almoçar à Rua de Chartres, no Parly; e, como precisava refazer-se, pediu dois pratos de carne, uma lagosta, uma omelete com rum, uma salada etc., tudo regado por um Sauternes de 1819 e um Romanée de 1842, além do champanha à sobremesa, e dos licores.

Frédéric não o contrariou em nada. Sentia-se comprometido, como se o outro pudesse descobrir-lhe no rosto os vestígios dos pensamentos.

De cotovelos apoiados na mesa, todo debruçado sobre ela, Arnoux, fazendo pesar o olhar sobre Frédéric, confiava-lhe as suas fantasias.

Tinha vontade de arrendar todos os aterros da estrada de ferro do Norte, para semear batatas, ou então organizar um cortejo monstro nos bulevares, em que figurassem as “celebridades da época”. Alugaria todas as janelas, o que, a três francos cada, em média, daria um belo lucro. Em suma, sonhava com um grande golpe de sorte, graças a um açambarcamento. Todavia, cheio de moral, censurava os excessos, os desregramentos, falava do seu “pobre pai” e, segundo afirmava, fazia todas as noites um exame de consciência, antes de oferecer a alma a Deus.

— Um pouco de curaçau, hein?

— Se quiser.

Quanto à República, as coisas haviam de arranjar-se; enfim, julgava-se o homem mais feliz da terra; e, por distração, pôs-se a elogiar as qualidades de Rosanette, e comparou-a até a sua própria mulher. Era outra coisa! Não se podiam imaginar coxas mais bonitas.

— À sua saúde!

Frédéric bebeu. Por complacência, excedera-se um pouco na bebida; por outro lado, a luz do sol entontecia-o; e, quando subiram juntos a Rua Vivienne, as dragonas de ambos tocavam-se fraternalmente.

De volta a casa, Frédéric dormiu até as sete horas. Depois, foi ter com a Marechala. Mas ela tinha saído com uma pessoa. Seria com Arnoux? Não sabendo que fazer, continuou o seu passeio pelo bulevar, mas não pôde ir além da Porta Saint-Martin, tanta era a gente.

A miséria deixara entregues a si próprios numerosos operários; e acorriam ali, todas as tardes, talvez para se passar em revista, e esperar um sinal. Apesar da lei contra as concentrações populares[15], estes "clubes do desespero" aumentavam de forma aterradora; e muitos burgueses frequentavam-nos quotidianamente, por bravata, por moda.

De repente, Frédéric viu a três passos de distância o Senhor Dambreuse, acompanhado por Martinon; olhou para outro lado, porque o Senhor Dambreuse conseguira ser nomeado representante, e guardava-lhe rancor por isso. Mas o capitalista deteve-o.

— Uma palavra, meu caro senhor! Devo-lhe uma explicação.

— Eu não a peço.

— Por favor! Escute-me.

Não fora de modo algum culpa sua. Tinham insistido, quase o constrangendo. Martinon corroborou imediatamente o que ele dizia: tinham ido à casa dele delegações de Nogent.

— Aliás, julguei-me livre, uma vez que...

Uma onda de povo, no passeio, forçou o Senhor Dambreuse a afastar-se. Um minuto depois reapareceu, dizendo a Martinon:

— É um grande serviço que me presta! Não terá que se arrepender...

Os três encostaram-se a um estabelecimento, para conversar mais à vontade.

Ouvia-se gritar, de quando em quando: "Viva Napoleão! Viva Barbès! Abaixo Marie!"[16]. A imensa multidão falava muito alto; e todas aquelas vozes, repercutidas pelas casas, produziam como que o ruído contínuo das vagas num porto. Em certos momentos, silenciavam; então erguia-se a *Marselhesa*. Sob os

grandes portões, homens de ares misteriosos ofereciam bengalas de estoque. Por vezes, dois indivíduos, ao passar um pelo outro, piscavam o olho e afastavam-se rapidamente. Grupos de mirones ocupavam os passeios; uma multidão compacta agitava-se no meio da rua. Bandos inteiros de agentes de polícia saíam dos becos e tornavam imediatamente a desaparecer. Bandeirinhas vermelhas, aqui e ali, lembravam chamas; os cocheiros, do alto da boleia, gesticulavam, e em seguida davam meia volta. Era um movimento, um espetáculo dos mais divertidos.

— Como a Senhorita Cécile teria gostado de tudo isto — disse Martinon.

— Bem sabe que minha mulher não gosta que a sobrinha venha conosco — redarguiu sorrindo o Senhor Dambreuse.

Ninguém o teria reconhecido. Havia três meses que andava a gritar “Viva a República!”, e até votara a favor do desterro dos Orléans[17]. Mas as concessões tinham que acabar. Mostrava-se furioso, a ponto de trazer um cassetete no bolso.

Martinon também tinha um. A magistratura deixara de ser inamovível, e ele abandonara o Tribunal, de modo que ainda se mostrava mais violento do que o Senhor Dambreuse.

O banqueiro odiava particularmente Lamartine (por ter apoiado Ledru-Rollin), juntamente com Pierre Leroux, Proudhon, Considérant, Lamennais, todos os cérebros esquentados, todos os socialistas.

— Porque, afinal, que querem eles? Foi suprimido o imposto de barreiras sobre a carne, e a prisão por dívidas; agora, acha-se em estudo o projeto de um banco hipotecário; outro dia, era o de um banco nacional! E estão no orçamento cinco milhões para os operários! Mas felizmente isso acabou, graças ao Senhor de Falloux[18]! Boa viagem! Que se vão embora!

Com efeito, não sabendo como dar de comer aos cento e trinta mil homens das oficinas nacionais, o ministro das obras públicas assinara, naquele mesmo dia, um decreto que convidava todos os cidadãos entre dezoito e vinte anos a assentar praça, ou a partir para as províncias, para trabalhar no campo.

Esta alternativa indignou-os, persuadidos de que se queria destruir a República. A vida longe da capital parecia-lhes um exílio; imaginavam-se morrendo de febres, em regiões inóspitas. Aliás, para muitos deles, habituados a trabalhos delicados, a agricultura surgia como um envilecimento; em suma, era um logro, uma irrisão, a quebra formal de todas as promessas. Se resistissem, seria empregada a força; suspeitavam-no, e dispunham-se a evitá-lo.

Cerca das nove horas, os ajuntamentos formados na Bastilha e no Châtelet refluíram para o bulevar. Da Porta Saint-Denis à Porta Saint-Martin, era um enorme burburinho, uma massa única de um azul carregado, quase negro. Os

homens que ali se viam tinham todos o olhar febril, a tez pálida, os rostos emagrecidos pela fome, exaltados pela injustiça. Entretanto, as nuvens acastelavam-se; sob o céu de tempestade, que aquecia a eletricidade da multidão, esta redemoinhava, indecisa, com um largo balançar de vaga; e sentia-se, nas suas profundidades, uma força incalculável e como que a energia dos elementos. Depois, todos se puseram a cantar: “Lampiões! Lampiões!”[19]. Algumas janelas não se iluminaram; foram lançadas pedras contra as suas vidraças. O Senhor Dambreuse achou prudente ir-se embora. Os dois jovens acompanharam-no à casa.

O capitalista previa grandes desgraças. O povo podia invadir, uma vez mais, a Câmara; e, a propósito disto, contou como teria sido morto, a 15 de maio, se não fosse a dedicação de um guarda nacional.

— Mas esquecia-me! É o seu amigo, o fabricante de louça, Jacques Arnoux! — Sentia-se asfixiar no meio dos arruaceiros, e aquele excelente cidadão agarrara nele e afastara-o dali.

Estabeleceram-se, assim, entre ambos, desde então, relações cordiais.

— Precisamos jantar juntos um dia destes, e, como o encontra com frequência, diga-lhe que gosto muito dele. É um excelente sujeito, a meu ver caluniado; e tem espírito, aquele diabo! Mais uma vez, os meus respeitos! Muito boa-noite!...

Frédéric, depois de ter deixado o Senhor Dambreuse, voltou para junto da Marechala; e disse-lhe, com ar sombrio, que tinha de escolher entre ele e Arnoux. Ela respondeu com doçura que não entendia nada de “tais intrigas”, e não gostava de Arnoux, nada a prendia a ele. Frédéric estava doido para se ver longe de Paris. Ela não se opôs a essa fantasia, e partiram para Fontainebleau[20], logo no dia seguinte.

O hotel onde se instalaram distinguia-se dos outros por um repuxo que cantava ao centro do pátio. As portas dos quartos davam para um corredor, como nos conventos. O que lhes foi destinado era grande, tinha bons móveis, forrados de chita, e era silencioso, dada a escassez de hóspedes. Viam-se passar, rentes às casas, burgueses desocupados; depois, debaixo das janelas, ao entardecer, crianças da rua jogavam uma partida de barra; — e esta tranquilidade, depois do tumulto de Paris, surpreendia-os e apaziguava-os.

De manhã cedo foram visitar o castelo. Ao passar o portão, avistaram a fachada inteira, com os cinco pavilhões de telhados aguçados e a escadaria em forma de ferradura erguendo-se ao fundo do terreiro, ladeado por duas alas mais baixas. De longe, a cor dos líquenes, entre as pedras do chão, fundia-se no tom

fulvo dos tijolos; e o conjunto do palácio, cor de ferrugem, como uma armadura antiga, tinha qualquer coisa de regiamente impassível, de grandeza militar e triste.

Por fim, um criado apareceu, com um molho de chaves. Mostrou-lhes primeiro os aposentos das rainhas, o oratório do Papa, a galeria de Francisco I, a mesinha de mogno em que o Imperador assinara a abdicação, e, numa das salas em que fora dividida a antiga galeria dos cervos, o lugar onde Cristina mandara assassinar Monaldeschi. Rosanette escutou essa história com a maior atenção; depois, voltando-se para Frédéric:

— Foi por ciúme, com certeza? Toma cuidado contigo!

Depois atravessaram a sala do Conselho, a sala dos Guardas, a sala do Trono, o salão de Luís XIII. Das altas janelas, sem cortinados, vinha uma luz branca; sobre os fechos e os pés de cobre dos consolos havia uma leve camada de pó; por toda parte, as poltronas estavam cobertas de capas de linho grosso; acima das portas viam-se caçadas de Luís XV, e, aqui e além, tapeçarias que representavam os deuses do Olimpo, Psiquê, ou as batalhas de Alexandre.

Quando passava diante dos espelhos, Rosanette parava um instante para alisar os bandós.

Depois do pátio da torre e da capela Saint-Saturnin, chegaram à sala das festas.

Ficaram maravilhados com o esplendor do teto, dividido em caixilhos octogonais, todo salpicado de ouro e prata, mais cinzelado do que uma joia, e com a abundância de pinturas pelas paredes, desde a gigantesca lareira em que as armas da França estão rodeadas por crescentes e aljavas, até a tribuna para os músicos, na outra extremidade, ocupando toda a largura da sala. As dez janelas em arcadas estavam abertas de par em par; o sol fazia brilhar as pinturas, e o céu azul prolongava até o infinito o ultramar dos arcos; e, do fundo da mata, cujas copas vaporosas enchiam o horizonte, parecia vir um eco dos halalis das trompas de marfim e dos bailados mitológicos, juntando sob a folhagem princesas e fidalgos, disfarçados de ninfas e silvanos, — época de ciência ingênua, de paixões violentas e de arte suntuosa, quando o ideal era arrebatar o mundo num sonho das Hespérides, e as amantes dos reis se confundiam com os astros. A mais bela dessas mulheres famosas fizera-se pintar, à direita, sob, a figura de Diana Caçadora, e até de Diana Infernal, sem dúvida para mostrar o seu poder, mesmo além do túmulo. Todos estes símbolos confirmavam-lhe a glória; e alguma coisa dela ficou ali, uma voz indistinta, uma irradiação que se perpetuava.

Frédéric sentiu uma concupiscência retrospectiva e inexprimível. Para desviar o seu desejo, fitou enternecidamente Rosanette, perguntando-lhe se não gostaria de ter sido aquela mulher.

— Qual mulher?

— Diana de Poitiers!

Repetiu:

— Diana de Poitiers, a amante de Henrique II.

Ela soltou um breve “Ah!”, nada mais.

Esse mutismo provava que não sabia, não compreendia nada, de modo que ele disse-lhe, para ser agradável:

— Estás te aborrecendo?

— Não, não, pelo contrário!

E, de queixo no ar, passeando em torno um olhar dos mais vagos, Rosanette soltou esta frase:

— Como isto traz recordações!

Contudo, percebia-se na sua expressão um esforço, uma intenção de respeito; e, como este ar de gravidade a fazia mais bonita, Frédéric desculpou-a.

O lago das carpas divertiu-a mais. Durante um quarto de hora, esteve a lançar pedacinhos de pão à água, para ver saltarem os peixes.

Frédéric sentara-se ao lado dela, debaixo das tílias. Pensava em todos os personagens que tinham vivido entre aquelas paredes, Carlos V, os Valois, Henrique IV, Pedro, o Grande, Jean-Jacques Rousseau e “as belas lacrimosas dos camarotes de primeira ordem”[21], Voltaire, Napoleão, Pio VII, Luís Filipe; e sentia-se rodeado, arrastado por aquele tumulto de mortos; era uma confusão de imagens que o atordoava, não obstante achar-lhe certo encanto.

Finalmente desceram ao jardim.

Era um vasto retângulo, revelando a um só olhar as largas aleias ensaibradas, os quadrados de relva, as ruas de buxo, os cedros em pirâmide, as plantas verdes, baixas, e os canteiros estreitos, com flores esparsas pontilhando a terra cinzenta. No fim do jardim começa o parque, atravessado em toda a sua extensão por um longo canal.

As residências reais possuem uma melancolia particular, que provém certamente das dimensões excessivas, demasiado consideráveis para o número reduzido dos seus habitantes; do silêncio em que nos surpreende vê-las mergulhadas, depois de tantas fanfarras, do luxo imóvel, que demonstra, pela sua velhice, a fugacidade das dinastias, a eterna miséria de tudo; — e essa exalação dos séculos, entorpecente e fúnebre como um perfume de múmia, não poupa

sequer as cabeças ingênuas. Rosanette abria desmedidamente a boca. Voltaram para o hotel.

Depois do almoço, levaram-lhes uma carruagem descoberta. Saíram de Fontainebleau por uma larga rotunda, depois subiram a trote uma estrada arenosa por entre um bosque de pinheiros novos. As árvores tornaram-se maiores; e o cocheiro, de vez em quando, dizia: “Ali são os Frères-Siamois, o Pharamond, o Bouquet-du-Roi... “, não esquecendo nenhum dos pontos famosos, por vezes até parando para que admirassem melhor.

Entraram na mata de Franchard[22]. A carruagem deslizava sobre a grama como um trenó; pombos invisíveis arrulhavam; de repente, surgiu um garção de café; e desceram diante da vedação de um jardim em que havia mesas redondas. Depois, deixando à esquerda as paredes de uma abadia em ruínas, caminharam sobre grandes rochas, e não tardaram a atingir o fundo da garganta.

Cobre-a, de um lado, um emaranhado de grés e zimbros, ao passo que, do outro, o terreno quase despido se inclina para a concavidade do vale, onde uma vereda marca uma linha pálida sobre o colorido da urze; e, muito ao longe, distingue-se um cume em forma de cone achatado, com a torre de um telégrafo atrás.

Meia hora depois puseram novamente pé em terra para subir às alturas de Aspremont.

O caminho faz ziguezagues por entre pinheiros atarracados, à sombra de rochas de perfis angulosos; em todo esse recanto da floresta há algo de abafado, de selvagem e recolhido. Pensa-se nos ermitões, companheiros dos grandes cervos que têm uma cruz de fogo entre os galhos[23], recebendo com sorrisos paternais os bons reis da França, ajoelhados diante da sua gruta. Um perfume de resina enchia o ar quente, à flor da terra entrelaçavam-se raízes, semelhando veias. Rosanette tropeçava nelas, enfurecia-se, tinha vontade de chorar.

Mas, lá mesmo no cimo, recuperou a alegria, ao encontrar, sob um telhado de ramos, uma espécie de taberna, onde se vendem objetos esculpidos em madeira; bebeu uma garrafa de limonada, comprou um cajado de azevinho; e, sem dar um olhar sequer à paisagem que se avista do planalto, entrou na Caverne-des-Brigands, precedida por um garoto de tocha em punho.

A carruagem esperava-os no Bas-Bréau.

Um pintor de blusão azul trabalhava junto de um carvalho, com a caixa das tintas sobre os joelhos. Ergueu a cabeça para vê-los passar.

No meio da encosta de Chailly, uma nuvem, desfazendo-se de repente, obrigou-os a levantar a capota. A chuva cessou quase imediatamente; e o

pavimento das ruas brilhava ao sol quando regressaram à cidade.

Viajantes recém-chegados informaram-nos de que uma tremenda batalha estava ensanguentando Paris. Rosanette e o amante não se surpreenderam com isso. Depois todos se foram, o hotel recuperou o sossego, apagou-se o gás, e eles adormeceram ao murmúrio do repuxo do pátio.

No dia seguinte foram visitar a Gorge-au-Loup, a Mare-aux-Fées, o Long-Rocher, a Marlotte; no outro dia, recomeçaram ao acaso, segundo a vontade do cocheiro, sem perguntar onde se achavam, e até muitas vezes desdenhando os sítios famosos.

Achavam-se tão bem no seu velho landau, baixo como um sofá e forrado com um pano de riscas desbotadas! Os fossos cheios de silvas deslizavam diante dos seus olhos, num movimento suave e contínuo. Raios luminosos atravessavam como flechas os fetos arbóreos; por vezes, um caminho fora de uso surgia-lhes aos olhos, em linha reta; ervas cresciam aqui e ali, ao acaso. No centro das encruzilhadas, uma cruz abria os seus quatro braços; noutros lugares, viam-se postes inclinados, como árvores secas, e caminhos sinuosos, perdendo-se entre a folhagem, davam vontade de os seguir; no mesmo instante, o cavalo enveredava por eles, a carruagem enterrava-se na lama; mais adiante, havia musgo rente aos sulcos profundos.

Julgavam-se longe dos outros, bem sós. Mas de repente surgia um guarda florestal com a sua espingarda, ou um bando de mulheres esfarrapadas, carregando às costas grandes feixes de lenha.

Quando a carruagem parava, fazia-se um silêncio absoluto; ouvia-se apenas o resfolegar do cavalo entre os varais e o piar repetido e muito débil de algum pássaro.

Em certos lugares, a luz, incidindo sobre a orla de um bosque, deixava o fundo imerso em sombra; ou então, atenuada nos primeiros planos por uma espécie de crepúsculo, estendia na distância uma névoa violácea, uma claridade esbranquiçada. Ao meio-dia, o sol, caindo a prumo sobre as vastas extensões verdes, chapinhava-as, pendurava gotas argênteas na extremidade dos ramos, cortava os gramados de rastros esmeralda, punha manchas douradas nas camadas de folhas mortas; e, deitando a cabeça para trás, via-se o céu, por entre as copas das árvores. Algumas, de altura desmedida, pareciam patriarcas e imperadores, ou, com os altos ramos tocando-se, dir-se-iam arcos de triunfo; outras, tendo crescido obliquamente, lembravam colunas prestes a desabar.

A multidão de linhas verticais entreabria-se; então, imensas ondas verdes desenrolavam-se em saliências desiguais até a superfície dos vales para onde

avançavam os dorsos de outras colinas, dominando planícies douradas, que acabavam por perder-se numa vaga palidez.

De pé, lado a lado, no alto de uma elevação de terreno, aspirando o vento, entrava-lhes na alma como que o orgulho de uma vida mais livre, numa exuberância de forças e numa alegria sem causa.

A diversidade das árvores era um espetáculo sempre mutável. As faias, de casca branca e lisa, confundiam as copas; freixos deixavam pender com moleza a ramaria glauca; por entre os rebentos dos bordos, os azevinhos, agressivos, pareciam de bronze; vinha depois um renque de vidoeiros delgados, inclinados em atitude elegíaca; e os pinheiros, simétricos como tubos de órgão, balançando constantemente, pareciam cantar. Viam-se carvalhos rugosos, enormes, que se contorciam, se estreitavam uns contra os outros, e, firmes nos seus troncos que lembravam torsos, trocavam, com os braços despidos, apelos desesperados, ameaças furibundas, como um grupo de Titãs imobilizados na sua cólera. Algo mais pesado, um langor de febre, planava sobre os pântanos, que estendiam a toalha das suas águas entre sarças cheias de espinhos; os líquenes da margem, onde os lobos vêm beber, são cor de enxofre, parecem queimados pelas bruxas, e o coaxar ininterrupto das rãs responde ao grito das gralhas que esvoaçam em volta. Depois, atravessavam clareiras monótonas, com árvores jovens, espaçadas. Um ruído de ferro, golpes vivos e repetidos faziam-se ouvir: era um grupo de pedreiros no flanco de uma colina, atacando as rochas, cujo número aumentava sempre, acabando por encher toda a paisagem, cúbicas como casas, lisas como lajes, sobrepostas, amontoadas, parecendo as ruínas irreconhecíveis e monstruosas de alguma cidade desaparecida. Mas a própria fúria desse caos fazia pensar antes em vulcões, em dilúvios, em grandes cataclismos ignorados. Frédéric dizia que elas se achavam ali desde o começo do mundo, e ficariam assim até o fim; Rosanette desviava os olhos, dizendo que “aquilo acabaria por enlouquecê-la”, e ia colher urzes. As suas florzinhas cor de violeta, muito juntas, formavam placas desiguais, e a terra que se esboroava debaixo delas deixava franjas escuras ao lado das areias palhetadas de mica.

Chegaram um dia a meia encosta de uma colina que era só areia. A superfície, virgem de passos, era marcada por ondulações simétricas; aqui e ali, como promontórios no leito seco de um oceano, erguiam-se rochas que tinham vagas formas de animais, tartarugas estendendo a cabeça, focas rastejando, hipopótamos e ursos. Ninguém. Nenhum rumor. As areias, faiscando ao sol, ofuscavam a vista; — e de repente, nessas vibrações da luz, os animais pareciam mexer. Saíram rapidamente dali, fugindo à vertigem, quase assustados.

A solenidade da floresta contagiava-os; e havia horas de silêncio em que, abandonando-se ao embalo das molas, ficavam como que entorpecidos numa embriaguez tranquila. Enlaçando-a, Frédéric escutava-a falar enquanto os pássaros chilreavam, e ao mesmo tempo ia observando as uvas pretas do chapéu dela e as bagas dos zimbros, as pregas que fazia o véu e as volutas das nuvens; e, quando se inclinava para ela, a frescura da sua pele confundia-se com o intenso perfume do bosque. Tudo os divertia: mostravam um ao outro, como uma curiosidade, os fios da Virgem suspensos das moitas, poças formadas no meio das pedras, um esquilo empoleirado num galho, o esvoaçar de duas borboletas que os seguiam; ou então, a vinte passos deles, uma corça que caminhava tranquilamente, com ar nobre e meigo, tendo a cria ao lado. Rosanette sentia vontade de correr atrás dela, para beijá-la.

Assustou-se muito, quando um homem, surgindo repentinamente, mostrou-lhe três víboras numa caixa. Ela agarrou-se precipitadamente a Frédéric; — e ele ficou feliz por ela ser fraca, e por se sentir suficientemente forte para defendê-la.

Nessa noite, jantaram numa estalagem, à beira do Sena. A mesa ficava junto da janela; Rosanette estava na sua frente, e Frédéric contemplava o narizinho fino e branco, os lábios bem desenhados, os olhos claros, os bandós castanhos tufados, o lindo rosto oval. O vestido de seda crua colava-se-lhe aos ombros um pouco descaídos; e, saindo dos punhos apertados, as suas mãos cortavam, enchiam os copos, moviam-se sobre a toalha. Serviram-lhes um frango com os quatro membros estendidos, uma caldeirada de enguias numa terrina de barro, um vinho rascante, pão demasiado duro, e as facas estavam desgastadas. Tudo aquilo lhes aumentava o prazer e a ilusão. Julgavam-se quase a meio de uma viagem, na Itália, em lua de mel.

Antes de regressar, foram passear ao longo da margem.

O céu, de um azul suave, arredondado como uma cúpula, apoiava-se no horizonte sobre o recorte dos bosques. Em frente, na extremidade do prado, via-se um campanário de aldeia; e, mais longe, à esquerda, o teto de uma casa manchava de vermelho o rio, que parecia imóvel em toda a extensão da sua sinuosidade. Contudo, juncos balouçavam, e a água fazia oscilarem levemente as estacas espetadas na margem, para segurar as rede; viam-se um covo de vime, duas ou três velhas chalupas. Perto da estalagem, uma rapariga de chapéu de palha tirava água de um poço; — e todas as vezes que o balde subia, Frédéric escutava com prazer inexprimível o ranger da corrente.

Ele não duvidava de que seria feliz até o fim dos seus dias, tão natural lhe parecia a felicidade que sentia, inerente à sua vida e à pessoa daquela mulher.

Um impulso levava-o a dizer-lhe coisas ternas. Ela respondia com palavras gentis, pancadinhas no ombro, agrados cuja surpresa o encantava. Frédéric descobria-lhe agora uma nova beleza, que não era porventura senão o reflexo das coisas em volta, a menos que fosse o desabrochar de virtualidades secretas.

Quando descansavam no meio do campo, Frédéric estendia-se com a cabeça nos joelhos dela, ao abrigo da sombrinha; — ou então, deitados de barriga para baixo, entre a erva, ficavam um em frente do outro, contemplando-se, olhos nos olhos, com sede um do outro, até se fartarem, e ficavam depois de pálpebras semicerradas, sem falar.

Outras vezes, ouviam ao longe o rufar de tambores. Era o toque de reunir, nas aldeias, para a defesa de Paris.

— Olha, a insurreição! — dizia Frédéric com piedoso desdém, tanto aquela agitação lhe parecia mesquinha, comparada ao seu amor e à natureza eterna.

E conversavam fosse sobre o que fosse, de coisas que sabiam perfeitamente, de pessoas que não os interessavam, de mil insignificâncias. Rosanette falava-lhe da criada de quarto e do cabeleireiro. Um dia, por distração, disse-lhe a idade: vinte e nove anos; estava ficando velha.

Por diversas vezes, sem querer, deu pormenores a respeito de si própria. Tinha sido caixeira numa loja, fizera uma viagem à Inglaterra, começara a estudar para atriz; tudo isso sem transição e ele não conseguia abarcar o conjunto. Ela contou mais coisas, certo dia que estavam sentados sob um plátano, na orla de um prado. Embaixo, à beira da estrada, uma pequenita, de pés descalços na poeira, trazia uma vaca a pastar. Mal os viu, veio pedir-lhes esmola, e, segurando com uma das mãos a saia esfarrapada, coçava, debaixo do cabelo negro que parecia uma peruca à Luís XIV, a cabeça que uns olhos esplêndidos iluminavam.

— Vai ser bem bonita mais tarde — disse Frédéric.

— Que sorte para ela, se não tiver mãe! — retorquiu Rosanette.

— Hein? Como dizes?

— Sim, eu, se não fosse a minha...

Deu um suspiro, e começou a falar da infância.[24] Os pais eram tecelões na Croix-Rousse. Ela ajudava o pai como aprendiz. O pobre homem fartava-se de trabalhar, a mulher passava-lhe descomposturas e vendia tudo para ir beber. Rosanette lembrava-se do quarto, com os teares em linha junto das janelas, o caldeirão sobre o fogareiro, a cama pintada a imitar mogno, em frente um armário, e o sótão escuro onde dormira até os quinze anos. Por fim aparecera um sujeito, rosto gordo, cor de buxo, de maneiras untuosas, vestido de preto. Minha

mãe e ele estiveram conversando, e o resultado foi que, três dias depois... — Rosanette calou-se, e com um olhar cheio de impudor e de amargura:

— Lá fui!

Depois, respondendo ao gesto de Frédéric:

— Como era casado (receava comprometer-se em casa dele), levaram-me para o gabinete de um restaurante, dizendo-me que eu ia ser feliz, que ia ganhar um belo presente.

“Logo que entrei, a primeira coisa que me saltou à vista foi um candelabro de prata dourada, numa mesa posta para duas pessoas. Um espelho, no teto, refletia-a, e o forro de seda azul das paredes fazia lembrar uma alcova. Surpreendi-me. Tu compreendes, um pobre ser que nunca tinha visto nada! Apesar do meu deslumbramento, tinha medo. Queria ir-me embora. Mas fiquei.

“O único assento que havia era um divã, ao lado da mesa, que cedeu suavemente sob o meu peso; a boca do calorífero, sobre o tapete, lançava-me uma baforada de calor, e fiquei ali, sem comer nada. O garção, que estava de pé, insistiu para eu comer. Encheu-me logo um grande copo de vinho; senti a cabeça andar à roda, quis abrir a janela, mas ele disse-me: ‘Não, menina, é proibido’. E saiu logo. A mesa estava coberta por uma porção de coisas que eu não conhecia. Nada daquilo me parecia bom. Contentei-me com um prato de doces, e continuei esperando. Não sei o que o impedia de vir. Era muito tarde, meia-noite, pelo menos, eu não podia mais de cansaço; afastando uma das almofadas, para me estender melhor, encontrei uma espécie de álbum, um caderno; eram gravuras obscenas... Estava dormindo em cima, quando ele chegou.”

Rosanette baixou a cabeça, e ficou pensativa.

À volta deles as folhas sussurravam, no meio de um tufo de ervas balouçava uma dedaleira, a luz corria sobre a grama como onda; e o silêncio era interrompido a breves intervalos por uma vaca, que dali era invisível, e que pastava.

Rosanette olhava um ponto no chão, a três passos dela, fixamente, as narinas palpitantes, absorta. Frédéric pegou-lhe na mão.

— Como tu sofreste, minha pobre querida!

— Sim — disse ela — mais do que calculas!... A ponto de querer dar cabo de mim; tiraram-me da água.

— Como?

— Ah! Não pensemos mais nisso!... Amo-te, sou feliz! Beija-me. — E tirou, um por um, os espinhos dos cardos agarrados à barra do vestido.

Frédéric pensava sobretudo no que ela não tinha contado. Que degraus teria

ela subido para sair da miséria? A qual dos amantes devia a educação? Que lhe sucedera na vida até o dia em que tinha ido pela primeira vez à casa dela? A sua última confissão proibia qualquer pergunta. Quis saber, apenas, como travara conhecimento com Arnoux.

— Por intermédio da Vatnaz.

— Não eras tu que estavas certa vez com os dois, no Palais-Royal?

Citou a data exata. Rosanette fez um esforço.

— Sim, é verdade!... Eu não estava nada alegre, nesse tempo!

Mas Arnoux fora excelente. Frédéric não o duvidava; contudo, o seu amigo era um homem cheio de defeitos; teve o cuidado de os recordar; ela deu-lhe razão.

— Seja como for!... Mesmo assim, a gente gosta desse diabo!

— Mesmo agora? — disse Frédéric.

Ela corou, meio sorridente, meio agastada.

— Ah! Não! É história antiga. Não te escondo nada. E mesmo que fosse, era diferente! Aliás, não és gentil com a tua vítima.

— A minha vítima?

Rosanette pegou-lhe no queixo.

— Certamente!

E ceceando, como se fala às crianças:

— Nem sempre fomos bem comportados! Dormimos com a mulher dele!

— Eu? Mas de maneira nenhuma!

Rosanette sorriu. Frédéric sentiu-se ferido com o sorriso, prova de indiferença, julgou. Mas ela prosseguiu, com um daqueles olhares que imploram a mentira:

— De verdade?

— Mas sem dúvida!

Frédéric garantiu sob palavra de honra que nunca pensara na Senhora Arnoux, porque estava demasiado apaixonado por outra.

— Por quem?

— Mas por você, minha beleza!

— Ah, não faças pouco de mim! Irritas-me!

Achou prudente inventar uma história, uma paixão. Deu até pormenores circunstanciados. Aliás, essa pessoa tinha-o feito muito infeliz.

— Decididamente, não tens sorte! — disse Rosanette.

— Oh! Oh! Talvez — querendo dar a entender que fizera muitas conquistas, para dar melhor ideia de si, da mesma forma que Rosanette não confessava todos

os seus amantes, para ele lhe ter mais estima; — porque, no meio das mais íntimas confidências, há sempre restrições, por falsa vergonha, delicadeza, piedade. Descobrem-se no outro ou em nós próprios precipícios e lodos que impedem de prosseguir; sente-se, aliás, que não se conseguiria ser compreendido; é difícil exprimir com exatidão seja o que for; por isso são raras as uniões completas.

A pobre Marechala nunca tivera outra melhor. Muitas vezes, quando contemplava Frédéric, vinham-lhe lágrimas aos olhos, depois erguia-os, ou fixava-os no horizonte, como se contemplasse alguma grande aurora, perspectivas de felicidades sem limites. Finalmente, um dia, confessou que desejava mandar dizer uma missa, “para dar sorte ao nosso amor”.

Por que tinha resistido a Frédéric durante tanto tempo? Nem ela sabia. Ele repetiu por diversas vezes a pergunta; e ela respondia, apertando-o nos braços:

— É que tinha medo de te querer demais, meu querido!

No domingo pela manhã, Frédéric leu num jornal, numa lista de feridos, o nome de Dussardier. Deu um grito, e mostrando a folha a Rosanette declarou que ia partir imediatamente.

— Para fazer o quê?

— Mas para vê-lo, para cuidar dele!

— Tu não me vais deixar sozinha, espero?

— Vem comigo.

— Ah, queres que me vá meter naquele rebuliço! Muito obrigada!

— Contudo, eu não posso...

— Ora, ora! Como se não houvesse enfermeiras de sobra nos hospitais! E depois, para que foi ele meter-se, também? Que cada um cuide de si!

Frédéric ficou indignado com o egoísmo dela; e censurou-se por não estar lá com os outros. Tamanha indiferença às desgraças da pátria tinha algo de mesquinho e burguês. O seu amor pesou-lhe de repente, como um crime. Estiveram amuados durante uma hora.

Depois ela suplicou-lhe que esperasse, que não se expusesse.

— E se te matam!

— Ora! Apenas terei cumprido o meu dever!

Rosanette deu um salto. Em primeiro lugar, o dever dele era amá-la. É que decerto já não a queria! Era uma coisa sem pés nem cabeça! Que ideia, santo Deus!

Frédéric tocou a campainha para pedir a conta. Mas não era fácil regressar a Paris[25]. A carruagem dos Transportes Leloir acabava de partir, as berlindas

Lecomte não seguiriam, a diligência de Bourbonnais só passaria altas horas da noite, e talvez viesse cheia; não se sabia nada. Depois de ter perdido muito tempo nestas informações, teve a ideia de ir pela mala-posta. Mas o encarregado desta recusou-se a dar os cavalos, por Frédéric não ter passaporte. Finalmente, alugou uma caleche (a mesma em que tinham passeado) e chegaram diante do Hotel do Comércio, em Melun, pelas cinco horas.

A Praça do Mercado estava cheia de armas ensarilhadas. O prefeito proibira aos guardas nacionais saírem para Paris. Os que não eram daquele departamento queriam prosseguir. Gritava-se. Na estalagem havia grande tumulto.

Rosanette, assustada, declarou que não iria mais longe, e suplicou-lhe mais uma vez que ficasse. O estalajadeiro e a mulher fizeram coro. Um sujeito que estava jantando meteu-se na conversa, afirmando que a batalha não tardaria a terminar; aliás, cada um devia cumprir o seu dever. Então os soluços da Marechala redobraram. Frédéric estava exasperado. Entregou-lhe a bolsa, beijou-a rapidamente e desapareceu.

Chegado a Corbeil, disseram-lhe na estação que os insurretos tinham cortado os trilhos em diversos pontos, e o cocheiro recusou-se a conduzi-lo mais longe; os cavalos, dizia ele, estavam “rendidos”.

Contudo, graças à proteção dele, Frédéric conseguiu um cabriolé ruim que, pela quantia de sessenta francos, não contando a gorjeta, consentiu em conduzi-lo até a Porta d'ltalie. Mas, cem passos antes de lá chegar, o condutor fê-lo descer e foi-se embora. Frédéric seguia pela estrada quando, de repente, uma sentinela lhe apontou a baioneta. Quatro homens deitaram-lhe a mão, gritando:

— É um deles! Cuidado! Revistem-no! Bandido! Canalha!

E tão grande foi a sua estupefação que se deixou arrastar até o posto da barreira, na encruzilhada para onde convergiam o Bulevar des Gobelins e de l'Hôpital e as Ruas Godofroy e Mouffetard.

Quatro barricadas formavam, no fim das quatro ruas, enormes taludes de pedras; aqui e ali ardiam archotes; apesar da poeira que andava no ar, distinguiu soldados de infantaria e guardas nacionais, todos de rosto enegrecido, a roupa em desordem, esgazeados. Acabavam de apoderar-se da posição, e tinham fuzilado diversos homens; a cólera ainda não se lhes extinguira. Frédéric disse que vinha de Fontainebleau, em socorro de um camarada ferido que morava na Rua Bellefond; a princípio ninguém lhe deu crédito; examinaram-lhe as mãos, até lhe farejaram as orelhas, para se certificarem de que não cheirava a pólvora.

Contudo, de tanto repetir a mesma coisa, acabou por convencer um capitão, que deu ordem a dois fuzileiros para o conduzirem ao posto do Jardim das

Plantas.

Desceram o Bulevar de l'Hôpital. Soprava uma brisa forte, que o reanimou.

Dobraram em seguida para a Rua du Marché-aux-Chevaux. À direita, o Jardim das Plantas era uma grande massa negra, enquanto, à esquerda, a fachada inteira da Pitié, com todas as janelas iluminadas, parecia incendiada, e viam-se passar rápidas sombras por trás das vidraças.

Os dois homens que vinham com Frédéric foram-se embora. Outro o acompanhou até a Escola Politécnica.

A Rua Saint-Victor estava às escuras, sem um só bico de gás aceso nem uma luz nas janelas. De dez em dez minutos, ouvia-se:

"Sentinelas! Alerta!" — e esse grito, lançado no meio da noite, prolongava-se como o repercutir de uma pedra atirada a um abismo.

Por vezes, aproximava-se um ressoar de passos pesados. Era uma patrulha de cem homens, pelo menos; murmúrios, um vago retinir de ferros vinham dessa massa confusa; e, afastando-se com um balançar rítmico, fundia-se na obscuridade.

No centro de cada encruzilhada havia um cavalariano, imóvel. De quando em quando, um estafeta passava a galope, depois tudo recaía no silêncio. Canhões em marcha faziam ao longe um reboar surdo e formidável sobre as calçadas; e o coração ficava pequenino perante estes ruídos diferentes de todos os ruídos habituais. Pareciam até aumentar o silêncio, que era profundo, absoluto — um silêncio negro. Homens de blusão branco abordavam os soldados, diziam-lhes uma palavra, e desvaneciam-se como fantasmas.

O posto da Escola Politécnica estava cheio de gente. Mulheres atravancavam a entrada, pedindo para ver o filho ou o marido. Eram remetidas para o Panthéon, transformado em depósito de cadáveres, — e ninguém dava atenção a Frédéric. Ele obstinava-se, jurando que o seu amigo Dussardier o esperava, que ia morrer. Acabaram por designar um cabo para conduzi-lo ao alto da Rua Saint-Jacques, à *mairie* do 12º distrito.[26]

A Praça du Panthéon estava cheia de soldados deitados sobre palha. Começava a nascer o dia. As fogueiras do bivaque iam-se apagando.

A insurreição deixara terríveis vestígios naquele bairro. As ruas mostravam-se, de ponta a ponta, acidentadas pelo serviço de trincheiras. Sobre as barricadas em ruínas viam-se ônibus, canos de gás, rodas de carroças; pequenas poças escuras, em certos lugares, deviam ser sangue. As casas estavam crivadas de projéteis, e via-se-lhes a estrutura, sob as fendas da cal. Gelosias, presas só por um prego, pendiam como farrapos. As escadas tinham desmoronado, havia

portas que davam para o vazio. Via-se o interior de quartos com o papel das paredes às tiras; por vezes, coisas delicadas tinham ficado intactas. Frédéric notou um relógio, o poleiro de um papagaio, gravuras.

Quando entrou na *mairie*, os guardas nacionais falavam sem parar sobre as mortes de Bréa e de Négrier[27], do representante Charbonnel e do arcebispo de Paris. Dizia-se que o Duque d' Aumale desembarcara em Bolonha, que Barbès fugira de Vincennes, que a artilharia estava chegando de Bourges e que afluíam os socorros da província. Pelas três horas, alguém trouxe boas notícias; parlamentários dos insurretos estavam com o presidente da Assembleia.

Então todos rejubilaram; e, como ainda tinha doze francos, Frédéric mandou vir doze garrafas de vinho, esperando apressar assim a sua libertação. De súbito, ouviu-se uma fuzilaria. As libações pararam; o desconhecido foi olhado com desconfiança; podia ser Henrique V.

Para não ficarem com nenhuma responsabilidade, transferiram-no para a *mairie* do 11º distrito, de onde não o deixaram sair antes das nove da manhã.

Foi correndo até o cais Voltaire. Numa janela aberta, um velho em mangas de camisa chorava, olhos fitos no céu. O Sena corria tranquilamente. O céu estava todo azul; pássaros cantavam nas árvores das Tulherias.

Frédéric ia atravessando o Carrousel quando passou uma maca. O posto apresentou logo armas, e o oficial disse, fazendo continência: "Glória à coragem inditosa!". Esta frase tornara-se quase obrigatória; aquele que a pronunciava parecia sempre solenemente emocionado. Um grupo de pessoas furiosas escoltava a maca, gritando:

— Havemos de nos vingar! Havemos de nos vingar!

No bulevar as carruagens circulavam, e diante das portas mulheres rasgavam panos para fazer ataduras[28]. Entretanto, a insurreição estava dominada, ou quase; uma proclamação de Cavaignac, que acabava de ser afixada, assim o anunciava. No alto da Rua Vivienne, surgiu um pelotão de guardas móveis. Então, os burgueses soltaram gritos entusiásticos; erguiam os chapéus, aplaudiam, dançavam, queriam beijá-los, oferecer-lhes de beber, — e das sacadas caíam flores lançadas pelas senhoras.

Por fim, às dez horas, no momento em que troava o canhão para tomar o subúrbio de Saint-Antoine, Frédéric chegou à casa de Dussardier. Foi encontrá-lo na mansarda, estendido de costas, dormindo. Do outro quarto veio uma mulher, pé ante pé, era a Vatnaz.

Chamou Frédéric de parte e contou-lhe como Dussardier tinha sido ferido.

No sábado, sobre uma barricada[29], na Rua Lafayette, um rapazinho, enrolado

numa bandeira tricolor, gritava para os guardas nacionais: “Não disparem contra os vossos irmãos!”. Quando eles avançaram, Dussardier deitou fora a espingarda, afastou os outros, saltou sobre a barricada e, com uma rasteira, fizera cair o insurreto e arrancara-lhe a bandeira. Encontraram-no entre os escombros, com a coxa atravessada por um zagalote de cobre. Tinha sido necessário abrir a ferida, extrair o projétil. A Srta. Vatnaz acorrera na mesma tarde, e desde então não o tinha deixado.

Preparava com inteligência tudo o que era necessário para os curativos, ajudava-o a beber, adivinhava-lhe os menores desejos, ia e vinha mais leve que uma mosca, contemplando-o com olhos ternos.

Durante duas semanas Frédéric não deixou de voltar todas as manhãs; um dia em que lhe falava na dedicação da Vatnaz, Dussardier encolheu os ombros.

— Que nada! É por interesse!

— Achas?

Ele retorquiu: — Tenho certeza! — sem querer dar mais explicações.

Ela cumulava-o de atenções, e até lhe trazia os jornais em que a sua bela ação era exaltada. Essas homenagens pareciam importuná-lo. Confessou até a Frédéric as inquietações da sua consciência.

Talvez devesse ter estado do outro lado, com os operários; porque, afinal, quanta coisa lhes tinham prometido sem cumprir! Os vencedores detestavam a República; e além disso, como tinham sido duros com eles! Estavam errados, é certo, mas não inteiramente; e o excelente rapaz sentia-se torturado ante a ideia de que poderia ter combatido a causa justa.

Sénécal, preso nas Tulherias[30], debaixo do terraço à beira do rio, não sofria de nenhuma destas angústias.

Estavam ali novecentos homens, amontoados no meio da imundície, negros de pólvora e de sangue coagulado, tremendo de febre, gritando de raiva; e ninguém tirava os que ali morriam. Por vezes, ao ruído surdo de uma detonação, julgavam que iam ser todos fuzilados; então precipitavam-se de encontro às paredes, voltando a deixar-se cair onde estavam antes, a tal ponto embrutecidos pela dor, que lhes parecia viverem um pesadelo, uma alucinação fúnebre. O lustre, pendente do teto, parecia uma mancha de sangue; e chamazinhas verdes e amarelas surgiam, produzidas pelas emanações do subterrâneo. Com o receio das epidemias, foi constituída uma comissão. Mas ao pôr o pé nos primeiros degraus, o presidente recuou, apavorado pelo cheiro dos excrementos e dos cadáveres. Quando os prisioneiros se aproximavam de um postigo, os guardas nacionais que estavam de sentinela, para os impedir de sacudir as grades,

espetavam as baionetas ao acaso, naquela massa.

Foram, em geral, implacáveis. Os que não tinham combatido queriam distinguir-se. Era o medo que extravasava. Vingavam-se ao mesmo tempo dos jornais, dos clubes, das concentrações populares, das doutrinas, de tudo quanto era motivo de exasperação, havia três meses; e, a despeito da vitória, a igualdade (como que para castigo dos seus defensores e escárnio dos seus inimigos) manifestava-se triunfalmente, uma igualdade de animais brutos; um igual nível de torpezas sangrentas; porque o fanatismo dos interesses iguala-se aos delírios da necessidade, a aristocracia teve os furores da crápula, e o barrete de dormir não se mostrou menos hediondo do que o barrete frígio. A razão pública estava desorientada, como após os grandes cataclismos da natureza. Houve pessoas inteligentes que ficaram idiotas para o resto da vida.

O Senhor Roque tinha-se tornado valente, quase temerário. Tendo chegado a Paris no dia 26, com os de Nogent, em vez de regressar ao mesmo tempo que eles, juntara-se aos guardas nacionais acampados nas Tulherias; e ficou muito contente por ser posto de sentinela em frente ao terraço à beira do rio. Ali, pelo menos, tinha-a debaixo de si, àquela canalha! Gozava com a derrota dela, com a sua abjeção, e não podia deixar de a invectivar.

Um deles, um adolescente de longos cabelos loiros, pôs-se junto às grades, pedindo pão. O Senhor Roque mandou-o calar. Mas o jovem continuava a repetir, numa voz lamentosa:

— Pão!

— Onde é que eu tenho pão!

Outros prisioneiros surgiram junto ao postigo, com as barbas desgrenhadas, os olhos chamejantes, empurrando-se uns aos outros e gritando:

— Pão!

O Senhor Roque sentiu-se indignado ao ver desrespeitada a sua autoridade. Para meter medo, apontou-lhes a arma; e, empurrado até à abóbada pela multidão que o asfixiava, o adolescente, de cabeça deitada para trás, gritou uma vez mais:

— Pão!

— Pronto, aqui o tens! — disse o Senhor Roque, disparando a arma[31].

Ouviu-se um uivo enorme, e mais nada. À beira da selha[32] via-se apenas uma coisa esbranquiçada.

Depois disto, o Senhor Roque voltou para casa; porque possuía, na Rua Saint-Martin, uma casa na qual reservara para si um apartamento; e os prejuízos que a insurreição causara à fachada do seu prédio não tinham deixado de

contribuir para o enfurecer. Pareceu-lhe, quando tornou a vê-la, que tinha exagerado os danos. O seu ato de há pouco apaziguava-o, como se fosse uma indenização.

Foi a própria filha quem lhe veio abrir a porta. Disse-lhe, imediatamente, que a sua ausência demasiado longa a tinha inquietado; receara uma desgraça, um ferimento.

Esta prova de amor filial enterneceu o Senhor Roque. Estranhou que ela se tivesse posto a caminho sem Catherine.

— Mandei-a fazer compras — respondeu Louise.

E perguntou-lhe pela saúde, por isto e por aquilo; depois, com ar indiferente, quis saber se, por acaso, não tinha encontrado Frédéric.

— Não! Nem sombra dele!

Fora unicamente por causa dele que fizera a viagem. Ouviram-se passos de alguém no corredor.

— Ah! Perdão...

E ela desapareceu.

Catherine não encontrara Frédéric. Estava ausente havia alguns dias, e o seu amigo íntimo, o Senhor Deslauriers, morava agora na província.

Louise voltou toda trêmula, sem poder falar, apoiando-se nos móveis.

— Que tens? Mas que tens tu? — exclamou o pai.

Ela fez sinal que não era nada, e refez-se, por um grande esforço de vontade.

O dono da pensão em frente trouxe a sopa. Mas o Senhor Roque tinha sofrido uma emoção demasiado violenta. A comida "não passava", e à sobremesa teve uma espécie de delíquio. Mandaram a toda pressa chamar um médico, que receitou uma poção. Depois de metido na cama, o Senhor Roque reclamou o maior número possível de cobertores, para suar. Suspirava e gemia.

— Obrigado, minha boa Catherine! Beija o teu pai, minha franguinha! Ah! Estas revoluções!

E, como a filha lhe ralhasse por se preocupar tanto com ela a ponto de adoecer, ele replicou:

— Sim! Tens razão! Mas é mais forte que eu! Sou demasiado sensível!

II

A SENHORA Dambreuse, no seu toucador, entre a sobrinha e Miss John, escutava o Senhor Roque, narrando as suas fadigas militares.

Ela mordia os lábios, parecia sofrer.

— Oh! Não tem importância! O pior já passou!

E, com expressão amável:

— Teremos para jantar uma pessoa das suas relações, o Senhor Moreau.

Louise estremeceu.

— Além dele, somente alguns íntimos, Alfred de Cisy, entre outros.

E elogiou as maneiras, a pessoa e sobretudo os costumes dele.

A Senhora Dambreuse mentia menos do que supunha; o visconde sonhava com o casamento. Dissera-o a Martinon, acrescentando ter a certeza de agradar à Srta. Cécile, e de que seus pais o aceitariam.

Para se atrever a essa confidência, devia ter informações favoráveis acerca do dote. Ora, Martinon supunha Cécile filha natural do Senhor Dambreuse; e talvez fosse um belo golpe pedir a mão dela para ver o que dava. Esta audácia tinha os seus riscos; por isso Martinon se conduzira, até agora, de forma a não se comprometer; aliás, não sabia como se ver livre da tia. As palavras de Cisy decidiram-no; e fizera o pedido ao banqueiro, o qual, não vendo impedimento, acabava de informar a mulher.

Cisy entrou. Ela levantou-se, e disse:

— Tem-se esquecido de nós... Cécile, *shake hands!*

No mesmo momento entrou Frédéric.

— Ah! Até que enfim! — exclamou o Senhor Roque. Estive por três vezes em sua casa, com Louise, esta semana!

Frédéric fizera tudo para lhes fugir. Alegou que passava o dia inteiro junto de

um camarada ferido. Aliás, havia muito que uma porção de coisas lhe tomava o tempo; e inventava histórias. Felizmente, os outros convivas chegaram; primeiro, o Senhor Paul de Grémonville, o diplomata que entrevira no baile, depois Fumichon, aquele industrial cujo zelo conservador o escandalizara uma noite; a velha Duquesa de Montreuil-Nantua chegou logo depois.

Mas duas vozes se ouviram no vestíbulo.

— Tenho certeza — dizia uma.

— Minha bela senhora! Minha bela senhora! — respondia a outra. — Por favor, tranquilize-se!

Era o Senhor de Nonancourt, um velho conquistador, que parecia mumificado em cosmético, e a Senhora de Larsillois, esposa de um prefeito de Luís Filipe. Vinha tremendo, porque acabara de ouvir um órgão tocar uma polca que era um sinal entre os insurretos. Muitos burgueses tinham dessas imaginações; acreditava-se que, nas catacumbas, havia homens que pretendiam fazer explodir o *faubourg* Saint-Germain; ouviam-se rumores nos porões; passavam-se coisas suspeitas por trás das janelas.

Entretanto, toda a gente se empenhou em tranquilizar a Senhora de Larsillois. A ordem estava restabelecida. Nada mais havia a temer. “Cavaignac salvou-nos!” Como se os horrores da insurreição não tivessem sido suficientes, exageravam-nos. Do lado dos socialistas tinham combatido vinte e três mil forçados — nem mais nem menos!

Ninguém punha em dúvida os víveres envenenados, os soldados serrados entre duas tábuas, e as inscrições das bandeiras reclamando a pilhagem, o incêndio.

— E alguma coisa mais! — acrescentou a esposa do ex-prefeito.

— Ah! Minha querida! — disse por pudor a Senhora Dambreuse, indicando com um movimento de olhos as três moças.

O Senhor Dambreuse saiu do seu gabinete com Martinon. Ela voltou o rosto, e respondeu aos cumprimentos de Pellerin, que vinha entrando. O artista olhava para as paredes com expressão inquieta. O banqueiro chamou-o de parte, e fez-lhe compreender que se vira obrigado, provisoriamente, a esconder o seu quadro revolucionário.

— Sem dúvida! — disse Pellerin, cujas opiniões tinham mudado depois do insucesso no Clube da Inteligência.

O Senhor Dambreuse sugeriu muito delicadamente que lhe encomendaria outros trabalhos.

— Mas perdão!... Ah! Caro amigo! Que prazer!

Arnoux e a Senhora Arnoux estavam diante de Frédéric.

Este sentiu uma espécie de vertigem. Rosanette, com a sua admiração pelos soldados, irritara-o a tarde inteira; e o velho amor reavivou-se.

O criado veio anunciar o jantar. Com um olhar, a Senhora Dambreuse ordenou ao visconde que conduzisse Cécile, e disse em voz baixa a Martinon: “Miserável!” e passaram à sala de jantar.

Sob a folhagem verde de um ananás, no centro da mesa, avultava um dourado, de cabeça voltada para um quarto de cabrito e tocando, com o rabo, um prato de lagostins. Figos, cerejas enormes, peras e uvas (novidades dos pomares parisienses) formavam pirâmides nas cestas de velho Saxe; um ramo de flores alternava, de vez em quando, com o brilho das pratas; os estores de seda branca, descidos, deixavam penetrar na sala uma luz suave; dois vasos com pedaços de gelo refrescavam o ambiente; criados de culotes serviam à mesa. Tudo isto parecia melhor, depois das emoções dos últimos dias. Voltava-se a gozar as coisas que se tivera medo de perder; e Nonancourt exprimiu o que todos sentiam, dizendo:

— Ah! Esperemos que os senhores republicanos nos deem licença de jantar!

— Apesar da sua fraternidade! — acrescentou espirituosamente o Senhor Roque.

Esses dois cavalheiros estavam à direita e à esquerda da Senhora Dambreuse, que tinha o marido em frente, entre a Senhora de Larsillois, com o diplomata ao lado, e a velha duquesa, com Fumichon junto de si. Vinham a seguir o pintor, o negociante de louça, a Srta. Louise; e, graças a Martinon, que lhe tirara o lugar, para ficar ao lado de Cécile, Frédéric achava-se junto da Senhora Arnoux.

Tinha ela um vestido preto, de lã, uma escrava de ouro no pulso, e, como no primeiro dia em que Frédéric jantara em casa dela, um enfeite vermelho no cabelo[1], um ramo de fúcsia enrolado no coque. Ele não pôde deixar de lhe dizer:

— Há quanto tempo não nos vemos!

— Ah! — replicou ela friamente.

Ele insistiu, com uma doçura na voz que atenuava a impertinência da pergunta:

— Pensou alguma vez em mim?

— Por que havia eu de pensar?

Frédéric sentiu-se ferido com essa resposta.

— Talvez tenha razão, afinal.

Mas, não tardando a arrepender-se, jurou que não se passara um dia sem que a recordação dela o fizesse sofrer.

— Não acredito numa palavra do que diz, meu caro senhor.

— Contudo, bem sabe que a amo!

A Senhora Arnoux não respondeu.

— Bem sabe que a amo.

Ela continuou calada.

“Pois vá para o diabo!” disse Frédéric de si para si.

E, erguendo os olhos, viu a Srta. Roque na outra extremidade da mesa.

Ela achara bonito vestir-se toda de verde, o que contrastava grosseiramente com o seu cabelo ruivo. A fivela do cinto estava alta demais, a gola estrangulava-a; esta falta de elegância contribuía sem dúvida para o frio acolhimento de Frédéric. Ela observava-o de longe, com curiosidade; e Arnoux, ao lado, em vão prodigalizava os galanteios, não conseguia tirar dela duas palavras, de maneira que, desistindo de lhe agradar, deu atenção à conversa. Esta versava agora sobre os cremes de ananás do Luxemburgo.

Segundo Fumichon, Louis Blanc tinha um palacete na Rua Saint-Dominique, e negava-se a alugá-lo aos operários.

— O que eu acho curioso — disse Nonancourt — é Ledru-Rollin caçando nas propriedades da Coroa!

— Deve vinte mil francos a um joalheiro! — acrescentou Cisy; — e dizem até...

A Senhora Dambreuse interrompeu-o.

— Ah! Como é feio discutir política com tanto calor! Um jovem, parece impossível! Ocupe-se antes da sua vizinha!

Depois, as pessoas sérias passaram a atacar os jornais.

Arnoux tomou a defesa deles; Frédéric interveio, chamando-lhes casas de negócios iguais às outras. Os que neles escreviam eram em geral imbecis ou trocistas; presumiu conhecê-los bem, e atacou sarcasticamente os sentimentos generosos do amigo. A Senhora Arnoux não dava conta de que era uma vingança contra ela.

Enquanto isso, o visconde queimava os miolos para conquistar a Srta. Cécile. Primeiro, manifestou gostos artísticos, criticando a forma dos jarros e o desenho das facas. Depois falou dos seus cavalos, do seu alfaiate e do seu camiseiro; finalmente, abordou o capítulo da religião e arranjou maneira de dar a entender que lhe cumpria todos os preceitos.

Martinon foi mais hábil. Numa voz monótona, e sem tirar os olhos dela, elogiava-lhe o perfil de ave, o louro desbotado do cabelo, as mãos curtas demais. A feia moça estava encantada sob aquela catadupa de amabilidades.

Não se conseguia ouvir nada, todos falavam ao mesmo tempo. O Senhor Roque queria “um braço de ferro” para governar a França. Nonancourt lamentava até que tivesse sido suprimida a pena de morte para os políticos. Toda essa canalha devia ser destruída em massa!

— São até covardes — disse Fumichon. — Não vejo que valentia possa haver em se meter atrás de uma barricada!

— A propósito, fale-nos de Dussardier! — disse o Senhor Dambreuse, voltando-se para Frédéric.

O bom do caixeiro era agora um herói, como Sallesse, os irmãos Jeanson, a Péquillet etc.

Frédéric, sem se fazer rogar, contou a história do amigo, o que lhe deu também uma espécie de auréola.

Passou-se, como era natural, a relatar diversos atos de coragem. Segundo o diplomata, não era difícil afrontar a morte, prova os que se batem em duelo.

— É ver o visconde — disse Martinon.

O visconde pusera-se muito corado.

Os convivas olhavam para ele; e Louise, mais espantada do que os outros, murmurou:

— De que se trata?

— *Fez feio* diante de Frédéric — respondeu Arnoux em voz baixa.

— A menina sabe alguma coisa? — perguntou logo Nonancourt; e transmitiu a resposta à Senhora Dambreuse, a qual, inclinando-se um pouco, se pôs a observar Frédéric.

Martinon não esperou as perguntas de Cécile. Informou-a de que o caso dizia respeito a uma pessoa desclassificada. A jovem recuou um pouco na cadeira, como que para fugir ao contato daquele libertino.

A conversa recomeçara. Os grandes vinhos de Bordéus circulavam, a animação crescia; Pellerin não perdoava à revolução por causa do museu espanhol, definitivamente perdido. Era o que o afligia mais, como pintor. A esta palavra, o Senhor Roque interpelou-o.

— Não será o senhor quem fez um quadro notável?

— Talvez! Qual?

— Representa uma dama em traje... enfim!... Um pouco... ligeiro, com uma bolsa e um pavão por trás.

Dessa vez, foi Frédéric quem corou. Pellerin fingia não entender.

— Mas eu sei, não há dúvida! Tem o seu nome escrito por baixo, e uma linha no caixilho em que diz ser propriedade do Senhor Moreau.

Um dia em que o Senhor Roque e a filha esperavam Frédéric em casa dele, tinham visto o retrato da Marechala. O homenzinho julgara até que fosse “um quadro gótico”.

— Não! — disse Pellerin com brutalidade; — é um retrato de mulher.

Martinon acrescentou:

— De uma mulher bem viva! Não é verdade, Cisy?

— Não sei nada disso!

— Pensei que a conhecia. Mas como isso lhe desagrada, mil desculpas!

Cisy baixou os olhos, provando com a sua atrapalhação que devia ter feito uma triste figura por causa desse retrato. Quanto a Frédéric, o modelo não podia deixar de ser sua amante. Era uma daquelas convicções que se formam imediatamente, e os rostos da Assembleia manifestavam-no claramente.

“Como ele me mentia!”, disse de si para si a Senhora Arnoux.

“Foi então por causa disso que ele me deixou!”, pensou Louise.

Frédéric imaginava que aquelas duas histórias podiam comprometê-lo; e quando passaram ao jardim, censurou Martinon.

O apaixonado de Cécile riu-lhe na cara.

— Ora! Mas de maneira nenhuma! Até é bom! Vai em frente!

Que queria ele dizer? Aliás, qual o motivo daquela amabilidade, tão contrária aos seus hábitos? Sem lhe dar qualquer explicação, dirigiu-se ao fundo, onde as damas tinham ido sentar-se. Os homens estavam de pé, e Pellerin, no meio deles, expunha ideias. O que havia de mais favorável às artes era uma monarquia bem compreendida. Os tempos modernos desgostavam-no, “quando mais não fosse, ao menos por causa da guarda nacional”; tinha pena de já não se estar na Idade Média ou na época de Luís XIV; o Senhor Roque felicitou-o pelas opiniões exaradas, confessando até que elas tinham feito desaparecer todos os preconceitos que tivera acerca dos artistas. Mas afastou-se quase imediatamente, atraído pela voz de Fumichon. Arnoux procurava demonstrar que havia dois socialismos, um bom e outro mau. O industrial não via a diferença, e ficava rubro de cólera ao ouvir falar em propriedade.

— É um direito escrito na natureza! As crianças têm apego aos seus brinquedos; todos os povos são da minha opinião, todos os animais; até o leão, se pudesse falar, se declararia proprietário! Eu, por exemplo, meus senhores, comecei com quinze mil francos de capital! Durante trinta anos, fiquem sabendo, levantava-me regularmente às quatro horas da manhã! Tive um trabalho dos diabos para fazer a minha fortuna! E vêm dizer-me que não sou senhor dela, que o meu dinheiro não é o meu dinheiro, em suma, que a propriedade é um roubo.

— Mas Proudhon...

— Ora, deixe-me em paz com esse Proudhon! Se o apanhasse aqui, creio que o estrangulava!

E estrangulava. Depois dos licores, sobretudo, Fumichon ficava outro; e o seu rosto apoplético parecia prestes a explodir, como uma granada.

— Boa-noite, Arnoux — disse Hussonnet, avançando rapidamente pelo gramado.

Trazia ao Senhor Dambreuse a primeira folha de uma brochura intitulada *L'Hydre,* na qual o boêmio defendia os interesses de um grupo reacionário, e a tal título o banqueiro o apresentou aos seus convivas.

Hussonnet divertiu-os, primeiro afirmando que os negociantes de sebo pagavam a trezentos e noventa e dois garotos para gritarem todas as noites: “Lampiões!”, e escarnecendo em seguida dos princípios de 89, da libertação dos negros, dos oradores da esquerda; e até desenhou “Prudhomme na barricada”, levado talvez por um ciúme ingênuo daqueles burgueses que tinham jantado bem. A caricatura teve pouco êxito. Os semblantes permaneceram sorumbáticos.

Aliás, não era ocasião para gracejos, conforme disse Nonancourt, lembrando a morte de Monsenhor Affre e a do General Bréa[2]. Estas eram constantemente recordadas e usadas como argumentos. O Senhor Roque declarou que a morte do arcebispo “era tudo quanto havia de mais sublime”; Fumichon dava a primazia à do general; e, em vez de se limitarem a deplorar os dois assassinos, discutiram sobre qual deles devia provocar maior indignação. Em seguida veio outro paralelo, entre Lamoricière e Cavaignac[3], este, posto nas nuvens pelo Senhor Dambreuse, aquele, por Nonancourt. Dos presentes só Arnoux os tinha visto em ação. Nem por isso deixaram todos de formular um juízo irrevogável sobre as operações por eles conduzidas. Frédéric abstivera-se, confessando não ter pegado em armas. O diplomata e o Senhor Dambreuse endereçaram-lhe um aceno de cabeça aprovador. Com efeito, ter combatido a insurreição era ter defendido a República. O resultado, embora favorável, consolidava-a; e, agora que estavam livres dos vencidos, desejavam que o mesmo acontecesse em relação aos vencedores.

Logo que chegaram ao jardim, a Senhora Dambreuse, aproximando-se de Cisy, tinha-lhe censurado a falta de tacto; ao ver Martinon, mandou-o embora, e depois quis saber do seu futuro sobrinho a razão dos gracejos acerca do visconde.

— Nenhuma.

— E tudo isso para maior glória do Senhor Moreau! Com que fim?

— Nenhum. Frédéric é um rapaz encantador. Gosto muito dele.

— E eu também! Ele que venha! Vá buscá-lo!

Depois de duas ou três frases triviais, a Senhora Dambreuse começou a depreciar levemente os seus convidados, o que era uma maneira de o colocar acima deles. Frédéric também não deixou de criticar um pouco as outras mulheres, maneira hábil de lhe fazer a corte. Mas ela abandonava-o de vez em quando, era a sua noite de recepção, chegavam senhoras; depois voltava para junto dele, e a disposição fortuita das cadeiras permitia-lhes não serem ouvidos.

Mostrou-se risonha, séria, melancólica e sensata. As preocupações do momento pouco lhe interessavam; havia outros sentimentos, menos transitórios. Queixou-se dos poetas, que deformam a verdade, depois ergueu ao céu o olhar, perguntando-lhe o nome de uma estrela.

Tinham pendurado nas árvores algumas lanternas chinesas, que o vento fazia balançar; raios coloridos brincavam no seu vestido branco. Estava, como de costume, um pouco reclinada na poltrona, com um banquinho aos pés; distinguia-se a ponta de um sapato de cetim preto; e a Senhora Dambreuse proferia, de vez em quando, uma palavra mais alto, e soltava até uma risada.

Estes dengues não tocavam Martinon, muito ocupado com Cécile; mas iam atingir a Srta. Roque, que conversava com a Senhora Arnoux. Esta era a única, entre aquelas mulheres, cujas maneiras não lhe pareciam desdenhosas. Tinha vindo sentar-se a seu lado; depois, cedendo a uma necessidade de expansão:

— Não acha que Frédéric Moreau fala muito bem?

— Conhece-o?

— Oh! Muito bem! Somos vizinhos, brincava comigo quando eu era criança.

A Senhora Arnoux lançou-lhe um olhar demorado, que significava: “Não gostarás dele, suponho?”.

O da jovem replicou, sem se perturbar: “Sim!”

— Então, encontra-o frequentemente?

— Oh! Não! Só quando vai visitar a mãe. Faz dez meses que esteve lá! Contudo, tinha prometido ser mais regular.

— É preciso não fazer muita fé nas promessas dos homens, minha filha.

— Mas ele a mim não enganou!

— Como a outras!

Louise estremeceu: “Frédéric também lhe teria prometido alguma coisa, a ela?” e o rosto crispou-se-lhe de desconfiança e ódio.

A Senhora Arnoux quase sentiu medo; antes não tivesse dito aquelas palavras. Depois, ambas ficaram silenciosas.

Como Frédéric estava na frente delas, num banquinho, contemplavam-no, uma com decência, de soslaio, a outra francamente, de boca aberta, a tal ponto que a Senhora Dambreuse lhe disse:

— Volte-se para lá, para ela vê-lo melhor!

— Quem?

— A Srta. Roque!

E pôs-se a fazer gracejos sobre o amor daquela menina da província. Ele protestava, procurando rir.

— Mas que ideia! Não faltava mais nada! Com uma cara daquelas!

Contudo, sentia um enorme prazer de vaidade. Lembrava-se da outra recepção, da qual saíra acabrunhado de humilhação; e enchia o peito de ar; sentia-se no seu verdadeiro meio, quase nos seus domínios, como se tudo aquilo, inclusive o palácio Dambreuse, lhe pertencesse. As damas formavam semicírculo, e escutavam-no; para se mostrar brilhante, defendeu o restabelecimento do divórcio, que devia ser facilitado a ponto de os casais se poderem separar e tornar a juntar indefinidamente, tantas vezes quantas quisessem. Elas protestavam; algumas cochichavam; da sombra, junto ao muro coberto por um angelicó, vinha um murmúrio de vozes. Parecia um cacarejar de galinhas à solta; e ele ia desenvolvendo a sua teoria, com aquela arrogância que dá a consciência do êxito. Um criado veio trazer ao caramanchão uma bandeja com gelados. Os cavalheiros aproximaram-se. Conversavam sobre as prisões.

Então, Frédéric vingou-se do visconde, fazendo-lhe crer que talvez fosse perseguido por ser legitimista. O outro objetava que não tinha posto os pés fora de casa; o seu adversário acumulou prognósticos pessimistas; até os senhores Dambreuse e De Grémonville acharam graça. Depois felicitaram Frédéric, lamentando que não empregasse esses dons na defesa da ordem; e o seu aperto de mão foi cordial; podia doravante contar com eles. Finalmente, quando todos se despediam, o visconde fez uma grande mesura a Cécile:

— Senhorita, tenho a honra de lhe desejar uma boa-noite.

Ela respondeu, secamente:

— Boa-noite! — mas lançou um sorriso a Martinon.

O Senhor Roque, para continuar a discussão com Arnoux, ofereceu-se para o acompanhar, “assim como à senhora”, visto o caminho ser o mesmo. Louise e Frédéric iam à frente. Ela agarrara-lhe o braço; e, quando estavam a certa distância dos outros:

— Ah! Enfim! Enfim! Como sofri durante todo o serão! Como estas mulheres são más! Que ares de superioridade!

Ele quis defendê-las.

— Em primeiro lugar, bem me podias ter falado ao chegar, há um ano que não te vejo!

— Não faz ainda um ano — disse Frédéric, agarrando-se àquele pormenor, para evitar os outros.

— Está bem! O tempo pareceu-me longo, eis tudo! Mas, durante este abominável jantar, até parecia que tinhas vergonha de mim! Ah! Compreendo, não tenho o que é necessário para agradar, como elas.

— Estás enganada — disse Frédéric.

— Pois sim! Jura-me que não estás apaixonado por nenhuma delas!

Frédéric jurou.

— E é só a mim que amas?

— Pudera!

Esta garantia deixou Louise alegre. Queria que se perdessem nas ruas, para passearem juntos a noite inteira.

— Estava tão aflita! Lá só se falava em barricadas! Via-te caído de costas, coberto de sangue! Tua mãe estava de cama, com reumatismo. Não sabia de nada. Eu tinha que me calar! Não podia mais! Então, vim com Catherine.

E contou-lhe a sua partida, toda a viagem, a mentira que tinha dito ao pai.

— Daqui a dois dias ele me vai levar outra vez. Aparece amanhã à noite, como se fosse por acaso, e aproveita para pedir a minha mão.

Nunca Frédéric estivera tão longe de querer casar-se. Aliás, a Srta. Roque parecia-lhe demasiado ridícula. Que diferença de uma mulher como a Senhora Dambreuse! O futuro que o esperava era bem diferente! Agora tinha a certeza; por isso não era o momento de, por uma fraqueza sentimental, tomar decisão de tal gravidade. Agora precisava ser positivo; — e além disso tornara a ver a Senhora Arnoux. Contudo, a franqueza de Louise deixava-o numa situação embaraçosa. Replicou:

— Pensaste bem nessa decisão?

— Como! — exclamou ela, gelada de surpresa e de indignação.

Ele disse que seria uma loucura casar naquele momento.

— Então não me queres?

— Mas tu não compreendes!

E embrenhou-se num discurso muito confuso, para lhe dar a entender que o retinham motivos da maior relevância, que tinha um sem-número de negócios, que até a sua fortuna estava comprometida (Louise respondia a todas estas objeções, com soluções bem claras), enfim, que as circunstâncias políticas não

eram propícias. Portanto, o mais sensato era ter paciência por mais algum tempo. As coisas haviam de se arranjar, evidentemente; pelo menos, assim o esperava; e, como não sabia que mais alegar, lembrou-se de repente que já havia duas horas que devia estar junto de Dussardier.

Depois, tendo cumprimentado os outros, tornou pela Rua Hauteville, deu a volta pelo Gymnase, voltou ao bulevar e subiu correndo os quatro andares de Rosanette.

Os Arnoux despediram-se do Senhor Roque e da filha ao princípio da Rua Saint-Denis. Foram andando sem dizer nada; ele, esgotado de tanto falar, ela sentindo um grande abatimento; até se apoiava no ombro de Arnoux. Era o único homem que durante a reunião mostrara bons sentimentos. Sentiu-se cheia de indulgência para com ele. Contudo, Arnoux conservava um certo rancor contra Frédéric.

— Viste a cara dele, quando se falou do retrato? Não te dizia que era amante dela? Não querias acreditar!

— Oh! Sim, estava enganada!

Arnoux, satisfeito com a vitória, insistiu.

— Aposto mesmo que nos deixou, agora, para ir ter com ela. Está a esta hora com ela, aposto! Vai lá passar a noite.

A Senhora Arnoux baixara o mais possível as abas do chapéu.

— Mas estás tremendo!

— Tenho frio — disse ela.

Mal o pai adormeceu, Louise entrou no quarto de Catherine, e começou a sacudi-la.

— Levanta-te!... Depressa! Mais rápido! Vai procurar um fiacre.

Catherine respondeu-lhe que àquela hora já não havia.

— Então tu mesma vais levar-me lá.

— Mas onde?

— À casa de Frédéric!

— Não é possível! Para quê?

Era para lhe falar. Não podia esperar. Queria vê-lo imediatamente.

— Mas que ideia! Ir assim bater a uma porta no meio da noite! Aliás, a esta hora ele está dormindo!

— Eu acordo-o!

— Mas não fica bem a uma menina!

— Não sou uma menina! Sou a mulher dele! Amo-o! Vamos, põe o teu xale.

Catherine, de pé ao lado da cama, refletia. Acabou por dizer:

— Não! Não quero!

— Então fica aí! Eu vou!

Louise esgueirou-se como uma cobra pelas escadas abaixo. Catherine precipitou-se no seu encalço, e apanhou-a no passeio. Seus protestos não tiveram efeito; e seguiu atrás dela, acabando de abotoar a blusa. O caminho pareceu-lhe excessivamente longo. Queixava-se das velhas pernas.

— Depois, falta-me aquilo que a faz correr assim!

Mas acabou por se humanizar.

— Coitadinha! O que lhe vale é a sua velha Catherine!

De vez em quando tinha um acesso de escrúpulos.

— Ah! No que a menina me meteu! Se o seu pai acordava! Santo Deus! Oxalá não aconteça nenhuma desgraça!

Diante do Variétés foram detidas por uma patrulha de guardas nacionais. Louise declarou imediatamente que ia com a criada à Rua Rumfort chamar um médico. Deixaram-nas passar.

Na esquina da Madeleine, encontraram outra patrulha, e, depois de Louise ter dado a mesma explicação, um dos cidadãos disse:

— É por causa de alguma doença de nove meses, minha gatinha?

— Gougibaud! — gritou o capitão. — Nada de garotices em serviço! Senhoras, circulem!

Apesar da advertência, os ditos continuaram:

— Divirta-se muito!

— Os meus respeitos ao doutor!

— Cautela com o lobo!

— Eles gostam de rir — observou Catherine. — São rapazes!

Finalmente chegaram à casa de Frédéric. Louise tocou a campainha com força, várias vezes. A porta entreabriu-se e à sua pergunta o porteiro respondeu:

— Não!

— Mas já deve estar deitado!

— Já lhe disse que não! Há quase três meses que não dorme em casa!

E o postigo do cubículo caiu seco, como uma guilhotina. Elas permaneciam na obscuridade, no átrio. Uma voz furiosa gritou-lhes:

— Saem ou não?

A porta abriu-se novamente, e elas saíram.

Louise viu-se obrigada a sentar-se num marco; e, de cabeça entre as mãos, chorou do fundo do coração, abundantemente. Começava a despontar o dia, e passavam carroças.

Catherine levou-a para casa, amparando-a, dando-lhe beijos, dizendo-lhe uma porção de palavras animadoras, tiradas da sua experiência. Não devia afligir-se tanto por causa de um namorado. Se perdesse aquele, outros haviam de aparecer!

III

Quando o entusiasmo de Rosanette pela guarda móvel acalmou, voltou a mostrar-se encantadora como nunca, e Frédéric foi-se habituando insensivelmente a viver em casa dela.

O melhor do dia era a manhã, no terraço. De penteador de renda, sem meias e de pantufas, ela ia e vinha à volta dele, limpava a gaiola dos pintassilgos, mudava a água dos peixes vermelhos e jardinava, com uma pá da lareira, na caixa cheia de terra de onde se erguia um espaldar de gerânios que guarnecia o muro. Depois, debruçados na varanda, ficavam juntos vendo as carruagens, os transeuntes, e aquecendo-se ao sol, fazendo projetos para a noite. Ele saía por duas horas, quando muito; em seguida, iam a um teatro qualquer, para uma frisa; e Rosanette, com um grande ramo de flores na mão, escutava os instrumentos, enquanto Frédéric, inclinado ao seu ouvido, lhe dizia coisas divertidas ou galantes. Outras vezes, tomavam uma caleche que os conduzia ao Bois de Boulogne; ficavam passeando até alta noite. Por fim, voltavam pelo Arco do Triunfo e pela grande avenida, sorvendo o ar, sob o céu estrelado, e os candeeiros de gás em fila, até o fundo da perspectiva, como um duplo cordão de pérolas luminosas.

Quando iam sair, Frédéric tinha sempre que esperar por ela; demorava sempre muito a ajeitar debaixo do queixo as duas fitas do chapéu; e sorria para si própria, diante do espelho do guarda-roupa. Depois, metia o braço no dele e obrigava-o a mirar-se junto dela:

— Ficamos bem assim, os dois ao lado um do outro! Ah, querido amor, era capaz de te comer!

Frédéric era agora sua coisa, sua propriedade. Isso dava ao rosto de Rosanette uma aura permanente, ao mesmo tempo que as suas atitudes pareciam

mais langorosas, e as formas, mais arredondadas; e, sem que pudesse dizer em quê, ele achava contudo que ela tinha mudado.

Um dia, Rosanette disse-lhe, como se fosse uma coisa muito importante, que Arnoux acabava de montar uma loja de roupas brancas para uma antiga operária da fábrica; ia lá todas as noites, “gastava muito, só na semana passada, lhe tinha dado uma mobília de jacarandá”.

— Como sabes? — disse Frédéric.

— Ora! Tenho certeza!

Delphine, por ordem sua, tirara informações. Então ela gostava muito de Arnoux, para se interessar tanto por ele! Frédéric respondeu apenas:

— E que te importa isso?

Rosanette pareceu surpreendida com a pergunta.

— Mas esse miserável deve-me dinheiro! Não é horroroso que esteja mantendo umas ordinárias?

Depois, com expressão de ódio triunfante:

— Aliás, ela pouco se importa com ele! Tem três outros arranjinhos. Tanto melhor! E que lhe comam até o último centavo, é o que eu desejo!

Com efeito, Arnoux deixava-se explorar pela Bordalesa, com a indulgência dos amores senis.

A fábrica ia mal; todos os seus negócios estavam em má situação, a tal ponto que, para os salvar, teve a ideia de instalar um café-concerto, onde seriam cantadas apenas obras patrióticas; se o ministro lhe desse uma subvenção, esse estabelecimento seria ao mesmo tempo um centro de propaganda e uma fonte de rendimento. Como o Poder mudara de mãos, o projeto tornara-se inviável. Agora sonhava com uma grande chapelaria militar. Mas faltavam-lhe fundos para começar.

Não era mais feliz na vida doméstica. A Senhora Arnoux mostrava-se menos amável com ele, às vezes chegava a ser rude. Berthe[1] dava sempre razão ao pai. Isso aumentava a desarmonia, e a casa estava ficando intolerável. Muitas vezes, Arnoux saía pela manhã, passava o dia inteiro fazendo longas caminhadas, para se atordoar, depois jantava numa taberna campestre, entregue às suas reflexões.

A prolongada ausência de Frédéric perturbava-lhe os hábitos. Por isso, apareceu-lhe uma tarde, suplicando-lhe que viesse, como antigamente, e ele prometeu.

Frédéric não se atrevia a voltar à casa da Senhora Arnoux. Tinha a impressão de que a traíra. Mas era um comportamento muito covarde. Faltavam-lhe desculpas. Não teria outro remédio senão ir lá! E, uma tarde, decidiu-se.

Como estivesse chovendo, acabava de entrar na passagem Jouffroy quando, à luz das vitrinas, foi abordado por um homenzinho de boné. Frédéric não teve dificuldades em reconhecer Compain, aquele orador cuja moção provocara tamanhas gargalhadas no clube. Apoiava-se no braço de um sujeito de barrete vermelho de zuavo, que tinha o lábio superior muito saliente, o rosto amarelo como uma laranja, e uma barbicha no queixo, que o fixava de olhos arregalados, brilhantes de admiração.

Compain orgulhava-se dele, sem dúvida, pois disse:

— Apresento-lhe aqui este sujeito! É um amigo meu, sapateiro, um patriota! Vamos tomar qualquer coisa?

Como Frédéric não aceitasse, foi logo arremetendo contra a proposta Rateau[2], manobra dos aristocratas. Para acabar com isso, era necessário recomeçar 93! Depois perguntou por Regimbart e alguns outros, não menos famosos, como Masselin, Sanson, Lecornu, Maréchal e um tal Deslauriers, comprometido no caso das carabinas recentemente apreendidas em Troyes.

Tudo aquilo era novidade para Frédéric. Compain não sabia mais nada. Despediu-se, dizendo:

— Até breve, não é verdade? Porque você também é dos nossos!

— De quê?

— Da cabeça de vitela!

— Que cabeça de vitela?

— Ah, seu brincalhão! — retorquiu Compain, dando-lhe uma pancadinha na barriga.

E os dois terroristas entraram num café.

Dez minutos depois, Frédéric não pensava mais em Deslauriers... Estava no passeio da Rua Paradis, diante de uma casa; e contemplava o reflexo de um candeeiro, por trás das cortinas.

Por fim, subiu as escadas.

— Arnoux está em casa?

A criada respondeu:

— Não! Mas faça o favor de entrar.

E abrindo bruscamente uma porta:

— Minha senhora, é o Senhor Moreau!

Ela pôs-se de pé, mais pálida do que a gola do vestido. Estava tremendo.

— A que devo a honra... de uma visita... tão imprevista?

— Mas a nada! Ao prazer de tornar a ver velhos amigos!

E, sentando-se:

— Como vai o nosso bom Arnoux?

— Muito bem! Saiu.

— Ah! Compreendo! Os seus velhos hábitos noturnos; um pouco de distração!

— E por que não? Depois de um dia a fazer cálculos, a cabeça precisa de repouso!

Foi mesmo a ponto de gabar o marido, como trabalhador. Aqueles elogios irritavam Frédéric; e, apontando para um pedaço de fazenda preta que ela tinha no regaço, com sutache azul:

— Que está fazendo?

— É uma blusa que estou arranjando para a minha filha.

— A propósito, não a vejo; onde está ela?

— Está num pensionato — respondeu a Senhora Arnoux.

Vieram-lhe lágrimas aos olhos; procurava retê-las, costurando rapidamente. Para fazer alguma coisa, Frédéric pegara num número da *Illustration* que estava na mesa, ao lado dela.

— Estas caricaturas de Cham são muito engraçadas, não acha?

— São.

Depois ficaram novamente silenciosos.

Uma rajada de vento sacudiu de repente as janelas.

— Que tempo! — disse Frédéric.

— Realmente, foi muito amável da sua parte ter vindo com esta terrível chuva!

— Ora, que me importa isso! Não sou como as pessoas a quem ela impede, sem dúvida, de ir às entrevistas combinadas!

— Que entrevista? — perguntou ela com ingenuidade.

— Não se lembra?

Ela teve um estremecimento, e baixou a cabeça.

Frédéric pousou-lhe delicadamente a mão no braço.

— Creia que me fez sofrer terrivelmente!

Ela respondeu, com um tom lamentoso de voz:

— Mas eu tinha medo por causa do meu filho!

E contou-lhe a doença do pequeno Eugène e todas as angústias daquele dia.

— Obrigado! Obrigado! Não duvido mais! Amo-a como sempre!

— Ah, não! Não é verdade!

— Por quê?

Ela fitou-o com frieza:

— Esquece a outra! Aquela com quem passeia nas corridas! A mulher de que tem o retrato, a sua amante!

— Sim, é verdade! — exclamou Frédéric. — Não nego nada! Sou um miserável! Escute-me! — Se aquilo acontecera, tinha sido por desespero, como quem se suicida. Aliás, fizera-a muito infeliz, para se vingar sobre ela da sua própria vergonha. — Que suplício! Não compreende?

A Senhora Arnoux voltou o belo rosto para ele, e estendeu-lhe a mão; fecharam os olhos, perdidos numa embriaguez que era como o embalo doce e infinito. Depois ficaram contemplando-se, frente a frente, um junto do outro.

— Como pôde pensar que eu já não a amasse?

Ela respondeu, numa voz baixa, cheia de carícias:

— Não, apesar de tudo, eu sentia no fundo do coração que isso não era possível, e que um dia o obstáculo entre nós havia de se desvanecer!

— Também eu! E sentia uma necessidade terrível de vê-la!

— Uma vez — respondeu ela — no Palais-Royal, passei ao seu lado!

— Verdade?

E ele disse-lhe quanta felicidade sentira ao encontrá-la em casa dos Dambreuse.

— Mas como eu a detestava essa noite, ao sair de lá!

— Pobre rapaz!

— A minha vida é tão triste!

— E a minha!... Se fossem só os desgostos, as inquietações, as humilhações, tudo o que sofro como esposa e como mãe[3], como todos temos de morrer, não me queixaria; o que é terrível é a minha solidão, sem ninguém...

— Mas agora eu estou aqui!

— Oh, sim!

Um soluço de ternura fê-la palpitar. Abriu os braços e estreitaram-se, de pé, num beijo prolongado.

Ouviu-se estalar o soalho. Uma mulher estava junto deles, Rosanette. A Senhora Arnoux tinha-a reconhecido; os seus olhos, desmedidamente abertos, examinavam-na, cheios de surpresa e indignação. Por fim, Rosanette disse-lhe:

— Venho para falar com o Senhor Arnoux, por causa de negócios.

— Ele não está, como vê.

— Ah, é verdade! — retorquiu a Marechala. — A sua criada tinha razão! Mil perdões!

E voltando-se para Frédéric:

— Ah! Estavas aí?

Este tratamento de “tu”, dado na sua frente, fez corar a Senhora Arnoux, como se fosse uma bofetada na cara.

— Ele não está, repito-lhe!

Então, a Marechala, que olhava para um lado e para outro, disse tranquilamente:

— Vamos para casa? Tenho um fiacre lá embaixo.

Frédéric fingia não ouvir.

— Vamos, anda!

— Ah! Sim! Aproveite! Vá-se embora! Vá-se embora! — disse a Senhora Arnoux.

Saíram. Ela inclinou-se sobre o corrimão, para os ver ainda; e uma gargalhada estrídula, dilacerante, caiu sobre eles, do alto da escada. Frédéric empurrou Rosanette para dentro do fiacre, sentou-se diante dela, e, durante todo o caminho, não pronunciaram uma única palavra.

Da infâmia que o ultrajava, ele próprio era a causa. Sentia ao mesmo tempo a vergonha de uma humilhação que o esmagava e a dor de ter perdido a sua felicidade; quando finalmente ia alcançá-la, ela tornara-se irrevogavelmente impossível! — e por culpa daquela ordinária, daquela meretriz. Tinha vontade de a esganar; faltava-lhe o ar. Quando chegaram em casa, atirou o chapéu para cima de um móvel, arrancou a gravata.

— Ah! Acabas de fazer uma linda coisa, não há dúvida!

Ela plantou-se diante dele, desafiando-o.

— E daí? Onde está o mal?

— Como! Andas me espionando?

— E a culpa é minha? Por que é que te queres divertir com as mulheres honestas?

— Seja como for, não quero que as insultes.

— Em que é que eu a insultei?

Ele não soube que responder; e, num tom mais raivoso:

— Mas da outra vez, no Champ de Mars...

— Ah! Não me venhas com histórias antigas!

— Miserável!

E levantou o punho.

— Não me mates! Estou grávida!

Frédéric recuou.

— É mentira!

— Olha para mim!

Pegou num candelabro, e, mostrando-lhe o rosto:

— Entendes alguma coisa disso?

Pequenas manchas amarelas maculavam-lhe a pele, e tinha a cara inchada. Frédéric não negou a evidência. Foi abrir a janela, deu alguns passos de um lado para o outro, e acabou por se deixar cair numa poltrona.

Aquilo era uma calamidade, que em primeiro lugar adiava a ruptura, e além disso transtornava-lhe todos os projetos. Aliás, a ideia de ser pai parecia-lhe grotesca, inadmissível. Mas por quê? Se, em vez da Marechala?... E a sua abstração tornou-se tão profunda que teve uma espécie de alucinação. Via ali, no tapete, uma garotinha, que se parecia com a Senhora Arnoux e um pouco também com ele: — branca, de cabelos castanhos, olhos negros, espessas sobrancelhas, uma fita cor-de-rosa nos cabelos anelados. (Oh! como a teria amado!) E tinha a impressão de ouvir a voz dela: “Papai! Papai!”.

Rosanette, que tinha acabado de se despir, viu-lhe uma lágrima nos olhos, e beijou-lhe a testa, com gravidade. Frédéric ergueu-se, dizendo:

— Claro! Não se vai matar essa criança!

Então ela pôs-se a tagarelar. Seria um rapaz, com certeza! Havia de se chamar Frédéric. Era preciso começar o enxoval; — e ele, vendo-a tão feliz, apiedou-se. Como a cólera tinha acalmado, quis saber o que motivara aquele passo de há pouco.

Era que a Vatnaz lhe tinha apresentado, nesse mesmo dia, uma letra protestada havia muito; e então correra à casa de Arnoux, para arranjar dinheiro.

— Mas eu tinha-o para te dar! — disse Frédéric.

— Era mais simples ir buscar lá o que me pertence, e devolver à outra os seus mil francos.

— É, ao menos, tudo quanto lhe deves?

Ela respondeu:

— Sem dúvida!

No dia seguinte, às nove da noite (hora indicada pelo porteiro) Frédéric apresentou-se em casa da Senhorita Vatnaz.

No vestíbulo, tropeçou em móveis amontoados. Mas um ruído de vozes e de música orientou-o. Abriu uma porta e achou-se em plena festa. Ao lado do piano, que uma jovem de óculos martelava, Delmar, grave como um pontífice, declamava uma poesia humanitária sobre a prostituição; e a sua voz cavernosa reboava, sustentada pelo percutir dos acordes. Rente à parede via-se uma fila de mulheres, quase todas vestidas de cores sombrias, sem gola nem punhos. Cinco ou seis homens, todos eles pensativos, sentavam-se aqui ou ali. Numa poltrona

via-se um antigo fabulista[4], uma ruína; — e o cheiro acre de dois candeeiros misturava-se ao aroma das chávenas de chocolate que enchiam a mesa de jogo.

A Srta. Vatnaz, com um lenço oriental em volta da cintura, estava num dos cantos da lareira. Do outro lado achava-se Dussardier, que não parecia muito à vontade. Aliás, aquele meio artístico intimidava-o.

A Vatnaz teria rompido com Delmar? Talvez não. Contudo, parecia ter ciúmes do caixeiro; e, como Frédéric pedisse para lhe falar em particular, fez-lhe sinal para os acompanhar ao seu quarto. Quando Frédéric lhe entregou os mil francos, ela reclamou, além disso, os juros.

— Não tem importância! — disse Dussardier.

— Ora, cala-te!

Essa covardia de um homem tão corajoso foi agradável a Frédéric, como justificação da sua própria. Trouxe a letra, e não voltou a falar do escândalo em casa da Senhora Arnoux. Mas, a partir de então, todos os defeitos da Marechala lhe saltaram aos olhos.

Ela era de um mau gosto irremediável, de uma preguiça incompreensível, de uma ignorância de selvagem, a ponto de ter como muito célebre o Doutor Desrogis; e tinha orgulho em recebê-lo, a ele e à mulher, porque eram “pessoas casadas”. Pontificava, com ar pedante, sobre as coisas da vida da Srta. Irma, pobre criaturinha que tinha como protetor um cavalheiro “muito bem”, ex-funcionário da alfândega, mestre no baralho; Rosanette chamava-o “meu luluzinho”. Frédéric achava também insuportável a repetição de certas frases idiotas; e teimava em espanar pela manhã as suas bugigangas com umas velhas luvas brancas! Revoltavam-no, sobretudo, aqueles modos com a criada — cujo ordenado estava sempre em atraso, e que até lhe emprestava dinheiro. Nos dias em que faziam contas discutiam como duas peixeiras, para depois se beijarem, feitas as pazes. A vida em comum estava se tornando triste. Foi para ele um alívio, quando recomeçaram os serões em casa da Senhora Dambreuse.

Essa, ao menos, divertia-o! Conhecia todas as intrigas mundanas, as mudanças de embaixadores, o pessoal das costureiras; e, se lhe escapava algum lugar-comum, era numa fórmula tão convencional que a sua frase podia passar por uma deferência ou uma ironia. Dava gosto vê-la no meio de vinte pessoas que conversavam, não esquecendo nenhuma, provocando as respostas que queria, evitando as perigosas! Coisas muito simples pareciam confidências, contadas por ela; o mais insignificante dos seus sorrisos fazia sonhar; enfim, o seu encanto, tal como o delicioso perfume que usava habitualmente, era complexo e indefinível. Junto dela, Frédéric sentia, de cada vez, o prazer de uma

descoberta; e, contudo, ia encontrá-la sempre igual na sua serenidade, semelhante ao reflexo das águas límpidas. Mas por que havia tanta frieza na maneira como tratava a sobrinha? Lançava-lhe mesmo, de vez em quando, estranhos olhares.

Logo que se falou em casamento, objetou ao Senhor Dambreuse a saúde da "querida pequena", e levou-a logo para as termas do Balaruc[5]. De volta, novos pretextos tinham surgido: o pretendente não tinha uma posição à altura, aquele grande amor não parecia sério, não fazia mal nenhum esperar. Martinon respondera que estava disposto a esperar. O seu comportamento foi sublime. Fazia os maiores elogios a Frédéric. Fez mais: industriou-o acerca dos meios para agradar à Senhora Dambreuse, dando-lhe mesmo a entender que conhecia, através da sobrinha, os sentimentos da tia.

Quanto ao Senhor Dambreuse, ao contrário de se mostrar ciumento, cumulava de atenções o jovem amigo, consultava-o sobre diversos assuntos, preocupava-se até com o futuro dele, a tal ponto que, um dia, como se falasse no Senhor Roque, lhe disse ao ouvido, com um ar sabido:

— Você fez muito bem!

E Cécile, Miss John, os criados, o porteiro, não havia pessoa que não o tratasse bem, naquela casa. Ia lá todas as noites, abandonando Rosanette. A maternidade tornava-a mais grave, até um pouco triste, como se tivesse alguma preocupação. A todas as perguntas, respondia:

— Estás enganado! Sinto-me muito bem!

Eram cinco letras que assinara outrora; e, não se atrevendo a falar nisso a Frédéric, depois de paga a primeira, voltara à casa de Arnoux, o qual lhe prometera, por escrito, a terça parte dos seus lucros com a iluminação a gás das cidades do Languedoc (um negócio formidável!) recomendando-lhe que não se servisse da carta antes da Assembleia dos acionistas; a Assembleia era adiada de semana a semana.

Contudo, a Marechala precisava de dinheiro. Mas preferia morrer a pedi-lo a Frédéric. Não queria receber nada dele. Teria estragado o seu amor. É certo que ele pagava as despesas da casa; mas uma pequena carruagem alugada por mês, e outros sacrifícios indispensáveis desde que frequentava os Dambreuse, impedia-o de fazer mais pela amante. Por duas ou três vezes, chegando fora da hora costumeira, pareceu-lhe ver costas masculinas desaparecendo pelas portas; e ela saía muitas vezes sem lhe dizer aonde ia. Frédéric não tentou aprofundar essas coisas. Um dia, tomaria uma decisão definitiva. Sonhava com outra vida, que seria mais alegre e mais nobre. Era um ideal que o tornava indulgente com o

palácio Dambreuse.

Este era uma sucursal íntima da Rua de Poitiers. Ali encontrou o grande M. A., o ilustre B., o profundo C., o eloquente Z., o imenso Y., os velhos tenores da centro-esquerda, os paladinos da direita, os burgraves do justo-meio, os eternos simplórios da comédia. A linguagem lamentável, as mesquinharias, a má-fé, os rancores daqueles indivíduos deixavam-no estupefato. Toda aquela gente, que aprovara a Constituição, se empenhava agora em destruí-la; — e agitavam-se muito, lançavam manifestos, panfletos, biografias; a de Fumichon, por Hussonnet, era uma obra-prima. Nonancourt ocupava-se da propaganda nas províncias, o Senhor De Grémonville minava o clero, Martinon catequizava jovens burgueses. Cada qual colaborava segundo as capacidades respectivas, até Cisy. Pensando agora em coisas sérias, durante todo o dia corria aqui e ali, de cabriolé, trabalhando pelo Partido.

O Senhor Dambreuse, como um barômetro, exprimia sempre a última variação deste. Não se falava de Lamartine que ele não citasse a frase de um homem do povo: “Basta de lira![6]”. Cavaignac, a seus olhos, já não passava de um traidor. O Presidente, que admirara durante três meses, começava a decair na sua estima (já não lhe achava “a energia necessária”); e, como precisava sempre de um salvador, o seu reconhecimento, depois do caso do Conservatório, ia para Changarnier[7]: “Graças a Deus, Changarnier... Esperemos que Changarnier... Oh, não há nada a recear, enquanto Changarnier...”.

Em primeiro lugar exaltava-se o Senhor Thiers, pelo seu livro contra o Socialismo[8], onde se mostrara tão grande pensador como escritor. Pierre Leroux, que citava na Câmara trechos dos filósofos, era ridicularizado. Faziam-se gracejos sobre os falansterianos. Aplaudia-se *La Foire aux Idées*[9], e comparavam-se os seus autores a Aristófanes. Frédéric foi lá, como os outros.

O palavreado político e os bons jantares entorpeciam-lhe o senso moral. Embora aqueles personagens lhe parecessem medíocres, tinha orgulho em conhecê-los, e desejava, no seu foro íntimo, a consideração burguesa. Uma amante como a Senhora Dambreuse havia de o impor.

Para isso, pôs-se a fazer tudo o que era necessário.

Encontrava-se no seu caminho, no passeio, não deixava de ir cumprimentá-la no seu camarote, no teatro; e, sabendo a que horas ela ia à igreja, punha-se atrás de uma coluna, em atitude melancólica. Para indicar uma curiosidade, dar informações sobre um concerto, emprestar livros ou revistas, era uma troca permanente de bilhetinhos. Além da sua visita à noite, fazia por vezes outra, ao fim da tarde; e sentia a gradação de alegrias ao passar sucessivamente pelo

grande portão, o pátio, o vestíbulo, os dois salões; finalmente, chegava ao toucador, discreto como um túmulo, tépido como uma alcova, onde se tropeçava nos móveis estofados, entre os mais variados objetos: comodazinhas, anteparos, taças e pratos de charão, de tartaruga, de marfim, de malaquita, bagatelas caras, frequentemente renovadas. Havia outras mais modestas: três seixos de Étretat servindo de pesa-papéis, uma touca de mulher da Frigia pendurada em um biombo chinês; contudo, todas estas coisas se harmonizavam; e a nobreza do conjunto impressionava até, o que resultava talvez da altura do teto, da opulência dos reposteiros e das longas franjas de seda, pendentes das varetas douradas dos mochos.

Ela estava quase sempre sentada numa poltrona baixa, junto da jardineira que ornamentava o vão da janela. Sentado na ponta de um tamborete de rodas, Frédéric dirigia-lhe galanteios delicados; e ela olhava para ele com a cabeça levemente inclinada, um sorriso nos lábios.

Frédéric lia-lhe páginas de poesia, pondo nelas todo o sentimento a fim de lhe tocar o coração, e para se fazer admirar. Ela interrompia-o com uma maledicência ou uma observação de ordem prática; e o diálogo ia cair sempre na eterna questão do Amor! Perguntavam-se o que lhe dava origem, se as mulheres o sentiam mais do que os homens, quais as diferenças entre eles. Frédéric procurava emitir a sua opinião, evitando ao mesmo tempo ser grosseiro e vulgar. Aquilo tornava-se uma espécie de luta, por momentos agradável, outras vezes monótona.

Não sentia junto dela aquele transporte de todo o seu ser que o impelia para a Senhora Arnoux. Nem o alegre estouvamento que Rosanette lhe dera a princípio. Mas desejava-a como coisa fora do comum e difícil, por ela ser nobre, por ela ser rica, por ela ser devota — imaginando que devia ter delicadezas de sentimento, raras como as suas rendas, amuletos ao pescoço e pudores na depravação.

Serviu-se do seu antigo amor. Contou-lhe, como se ela o inspirasse, tudo o que lhe fizera sentir outrora a Senhora Arnoux, os langores, as apreensões, os sonhos que tivera. Ela ouvia-o como pessoa habituada a essas coisas, e, sem o repelir formalmente, não cedia nada; e ele não conseguia seduzi-la, e tampouco Martinon dela obtivera a mão de Cécile. Para correr com o apaixonado da sobrinha, ela acusou-o mesmo de querer casar por interesse, e pediu até ao marido que o pusesse à prova. O Senhor Dambreuse declarou assim ao jovem que Cécile, sendo órfã de pais pobres, não teria “esperanças”, nem dote.

Martinon, não acreditando que isso fosse verdade, ou tendo ido demasiado

longe para voltar atrás, ou por uma dessas teimosias estúpidas que são atos de gênio, respondeu que o patrimônio dele, quinze mil libras de rendimento, lhes seria suficiente. Esse desinteresse inesperado comoveu o banqueiro. Ofereceu-se para fazer uma caução de uma recebedoria, prometendo arranjar-lhe o lugar; e, em maio de 1850, Martinon casou-se com a Srta. Cécile. Não houve festa. O casal partiu nessa mesma noite para a Itália. No dia seguinte, Frédéric veio fazer uma visita à Senhora Dambreuse. Achou-a mais pálida do que habitualmente. Ela o contradisse azedamente sobre dois ou três casos sem importância. Aliás, os homens eram todos uns egoístas.

Mas havia alguns que eram dedicados, pelo menos ele.

— Ora, tanto como os outros!

Tinha os olhos vermelhos; chorava. Depois, tentando sorrir:

— Desculpe-me! Fiz mal! É que tive uma ideia triste!

Frédéric não entendia nada.

“Seja como for”, disse de si para si, “ela não é tão forte como eu pensava.”

Chamou a criada para lhe trazer um copo-d’água, bebeu um gole, mandou levá-lo embora, depois queixou-se de ser horrivelmente malservida. Para a distrair, ele ofereceu-se para seu criado, presumindo ser capaz de pôr a mesa, de espanar os móveis, de anunciar as visitas, em suma, de ser um criado grave, ou antes, um trintanário, embora já tivesse passado a moda. Gostaria de ir nas traseiras da sua carruagem, com um chapéu de penacho.

— E como eu a seguiria a pé, majestosamente, levando um cãozinho nos braços!

— Você está alegre! — disse a Senhora Dambreuse.

— Não é uma tolice — prosseguiu ele — levar tudo a sério? — Havia tristezas de sobra sem ser preciso inventá-las. Nada merecia uma dor. A Senhora Dambreuse levantou as sobrancelhas, num vago gesto de aprovação.

Esta identidade de sentimentos estimulou Frédéric a ser mais ousado. Os malogros de outrora ajudavam-no agora a ser clarividente. Continuou:

— Os nossos avós sabiam viver melhor. Por que não obedecer ao impulso que sentimos? — Afinal, o amor não era uma coisa tão importante.

— Mas isso que está dizendo é imoral!

Ela voltara à sua poltrona baixa. Ele sentou-se na extremidade, junto aos seus pés.

— Não compreende que estou mentindo! Porque, para agradar às mulheres, é preciso fingir uma leviandade de bufão ou tomar ares trágicos! Elas fazem pouco de nós, quando lhes dizemos amá-las, simplesmente! Por mim, acho essas

hipérboles que as divertem uma profanação do amor verdadeiro; de maneira que não se sabe como o exprimir, sobretudo diante daquelas... que têm... muito espírito.

Ela fixava-o com os olhos semicerrados. Frédéric baixava a voz, inclinando-se sobre o seu rosto.

— Sim! Tenho-lhe medo! Estou talvez ofendendo-a?... Perdão!... Eu não queria dizer tudo isto! Mas que posso fazer! É tão bela!

A Senhora Dambreuse fechou os olhos, e ele ficou surpreendido com a facilidade da vitória. As grandes árvores do jardim, que sussurravam levemente, pararam. Nuvens imóveis cortavam o céu de longas faixas avermelhadas, e houve como que uma suspensão universal. Então, outras tardes assim, com silêncios idênticos, vieram-lhe à lembrança, confusamente. Onde tinha sido?...

Ajoelhou, agarrou-lhe a mão e jurou-lhe amor eterno. Depois, quando ia saindo, ela fez-lhe sinal para que se aproximasse, e disse-lhe num murmúrio:

— Venha jantar! Estaremos sós!

Parecia a Frédéric, ao descer as escadas, ter-se tornado outro homem, que havia em torno de si uma temperatura perfumada de estufa, que entrava de uma vez para sempre no mundo superior dos adultérios patrícios e das altas intrigas. Para ter nele o primeiro lugar, bastava uma mulher como aquela. Ávida, sem dúvida, de poder e ação, e casada com um homem medíocre que auxiliara prodigiosamente, desejaria um homem de valor, para fazer subir? Agora nada era impossível! Sentia-se capaz de andar duzentas léguas a cavalo, trabalhar durante muitas noites seguidas, sem se cansar; o coração transbordava-lhe de orgulho.

No passeio, à sua frente, um homem de paletó coçado caminhava de cabeça baixa, numa tal atitude de acabrunhamento que ele se voltou para vê-lo. O outro ergueu a cabeça. Era Deslauriers. Ficou hesitante. Frédéric lançou-se-lhe ao pescoço.

— Ah! Meu velho! Mas como! És tu!

E arrastou-o para casa, fazendo-lhe uma porção de perguntas ao mesmo tempo.

O ex-comissário de Ledru-Rollin contou, em primeiro lugar, os tormentos que padecera. Como pregava a fraternidade aos conservadores, e o respeito pelas leis aos socialistas, uns tinham-lhe dado tiros, outros trazido uma corda para o enforcar. Depois dos acontecimentos de junho, fora destituído sem contemplações. Metera-se numa conspiração, a das armas apreendidas em Troyes. Fora posto em liberdade, por falta de provas. Depois, o comitê de ação enviara-o a Londres, onde andara à bofetada com os irmãos, no meio de um

banquete. De regresso a Paris...

— Por que não vieste a minha casa?

— Estavas sempre fora! O teu porteiro tinha uns ares misteriosos, eu não sabia que pensar; além disso, não queria reaparecer como vencido.

Batera às portas da Democracia, oferecendo-se para servi-la pela pena, pela palavra, por atos; em toda parte o tinham repelido; desconfiavam dele; vendera o relógio, a biblioteca, a roupa branca.

— Mais valia ir apodrecer nos pontões de Belle-Isle[10], com o Sénécal!

Frédéric, que ajeitava a gravata, não se mostrou muito impressionado com essa notícia.

— Ah, foi deportado, o nosso Sénécal?

Deslauriers replicou, olhando para as paredes com ar de inveja:

— Nem toda a gente tem a tua sorte!

— Vais desculpar-me, — disse Frédéric, sem reparar na alusão — mas tenho um jantar. Dar-te-ão de comer; pede o que te apetecer! E fica na minha cama.

Perante tão completa cordialidade, o azedume de Deslauriers evolou-se.

— Na tua cama? Mas... vou-te incomodar!

— Nada disso! Tenho outras!

— Ah! Muito bem! — replicou, rindo, o advogado. — Onde vais jantar?

— Em casa da Senhora Dambreuse.

— Dar-se-á o caso de que... porventura... fosse?..

— És demasiado indiscreto — disse Frédéric, com um sorriso que confirmava a suspeita.

Depois, tendo olhado para o relógio, tornou a sentar-se.

— É assim mesmo! Não se deve nunca desesperar, velho defensor do povo!

— Misericórdia! Que outros se ocupem dele!

O advogado detestava os operários, por ter sofrido na sua província, uma região de minas. Cada uma nomeara o seu Governo provisório, que pretendia dar-lhe ordens.

— Aliás, o comportamento deles foi um encanto em toda a parte, em Lião, em Lille, no Havre, em Paris! Porque, a exemplo dos fabricantes que queriam que se proibisse a entrada dos produtos estrangeiros, aqueles cavalheiros reclamavam que fossem banidos os operários ingleses, alemães, belgas e saboianos! Quanto a serem inteligentes, para que serviu, durante a Restauração, aquela famosa federação? Em 1830, entraram na guarda nacional, e nem sequer tiveram o bom-senso de a dominar! Pois não aconteceu que, logo depois de 48, os corpos de misteres reapareceram com os seus estandartes? E pediam até

representantes do povo, que só teriam falado por eles! Exatamente como os deputados da beterraba, que só se preocupam com a beterraba! — Ah! Estou bem farto dessa gente, prosternando-se sucessivamente diante do cadafalso de Robespierre, das botas do Imperador, do guarda-chuva de Luís Filipe, uma canalha eternamente dedicada a quem lhe mete o pão na boca! Todos falam na venalidade de Talleyrand e de Mirabeau; mas o moço de recados da esquina venderia a pátria por cinquenta cêntimos, se lhe prometessem decretar o preço de três francos pela corrida! Ah! Que erro! Devíamos ter lançado fogo aos quatro cantos da Europa!

Frédéric respondeu-lhe:

— Faltou a faísca! Vocês não passavam de pequenos burgueses, e os melhores, uns pedantes! Quanto aos operários, bem razão têm de se queixar; porque, à exceção daquele milhão tirado da lista civil, e que vocês lhes concederam com a mais baixa das adulações, a única coisa que fizeram por eles foram frases! A caderneta[11] fica na mão do patrão, e o assalariado (mesmo perante a justiça) permanece inferior ao patrão, porque a sua palavra não faz fé. Em suma, acho a República velha. Quem sabe? O Progresso talvez não seja realizável senão por uma aristocracia ou por um homem? A iniciativa vem sempre de cima! O povo é menor, quer se queira quer não!

— Talvez tenha razão — disse Deslauriers.

Segundo Frédéric, a grande massa dos cidadãos aspirava apenas ao repouso (tirara proveito das conversas em casa dos Dambreuse), e os conservadores tinham todas as probabilidades. Contudo, faltavam a esse partido homens novos.

— Se te candidatasses, tenho a certeza...

Não concluiu. Deslauriers compreendeu, passou a mão pela testa; depois, subitamente:

— Mas, e tu? Que te impede? Por que não serias deputado? — Em resultado de uma dupla eleição, havia no Aube uma candidatura vaga. O Senhor Dambreuse, reeleito para a Legislativa, pertencia a outra circunscrição. — Queres que eu trate disso? — Conhecia muitos taberneiros, mestres-escola, médicos, ajudantes de escrivães e os seus patrões. — Aliás, pode-se convencer os camponeses de tudo o que se queira!

Frédéric sentia reanimar-se a sua ambição.

Deslauriers acrescentou:

— Era preciso que me arranjasses um lugar em Paris.

— Oh, não há de ser difícil, graças ao Senhor Dambreuse.

— Como falávamos de hulhas — prosseguiu o advogado — que há com a tal

grande sociedade? Era uma ocupação desse gênero que me convinha! E podia ser-lhes útil, embora conservando a minha independência.

Frédéric prometeu levá-lo à casa do banqueiro dentro de três dias.

O jantar, a sós com a Senhora Dambreuse, foi uma delícia. Ela sorria, na sua frente, do outro lado da mesa, por cima das flores, sob a luz do candeeiro de suspensão; e como a janela estava aberta, distinguiam-se as estrelas. Falaram muito pouco, receando trair-se, sem dúvida; mas logo que os criados voltavam as costas, atiravam-se beijos, estendendo os lábios. Ele falou-lhe no seu projeto de se candidatar. Ela aprovou-o, prometendo mesmo levar o Senhor Dambreuse a interessar-se.

Ao serão, apareceram alguns amigos, para felicitá-la e para lamentá-la: devia estar bem triste, por lhe faltar a sobrinha? Os recém-casados tinham feito muito bem, aliás, indo viajar; mais tarde, surgem as dificuldades, vêm os filhos! Contudo, a Itália não correspondia à ideia que se tinha dela. Mas eles estavam na idade das ilusões! Além do que, a lua de mel embelezava tudo! Os dois últimos a ficar foram o Senhor De Grémonville e Frédéric. O diplomata não parecia disposto a ir-se embora. Finalmente, à meia-noite, levantou-se. A Senhora Dambreuse fez sinal a Frédéric para sair com ele, e agradeceu-lhe a obediência com uma pressão da mão, mais suave que tudo o mais.

A Marechala soltou um grito de alegria quando o viu. Havia cinco horas que o estava esperando. Ele desculpou-se alegando que estivera diligenciando em favor de Deslauriers. Havia uma expressão de triunfo no seu rosto, uma auréola, que deslumbrou Rosanette.

— Talvez seja por causa da casaca, que te vai bem; mas nunca te achei tão bonito! Como és bonito!

Num transporte de ternura, jurou no seu foro íntimo que nunca mais pertenceria a outros, houvesse o que houvesse, mesmo que tivesse de morrer de miséria!

Os seus lindos olhos úmidos brilhavam com tal força de paixão que Frédéric a fez sentar nos joelhos, dizendo de si para si: “Que canalha eu sou!”, satisfeito com a própria perversidade.

IV

Quando Deslauriers procurou o Senhor Dambreuse, este pensava em ressuscitar o seu grande negócio de carvão. Mas aquela fusão de todas as companhias numa só não era vista com bons olhos; diziam que era um monopólio, como se, para exploração dessa ordem, não fossem necessários imensos capitais!

Deslauriers, que tivera o cuidado de ler o livro de Gobet e os artigos de Chappe no *Journal des Mines*, conhecia perfeitamente o problema. Demonstrou que a lei de 1810 instituía em benefício do concessionário um direito intransferível. Aliás, era possível dar à empresa um ar democrático: impedir a unificação das minas seria atentar contra o próprio direito de associação.

O Senhor Dambreuse deu-lhe apontamentos para ele redigir um memorial. Quanto à maneira como o seu trabalho seria pago, fez promessas tão maravilhosas quanto imprecisas.

Deslauriers voltou para a casa de Frédéric e relatou-lhe a entrevista. Além disso, vira a Senhora Dambreuse ao fundo das escadas, quando ia saindo.

— Dou-te os meus parabéns!

Depois conversaram a respeito da eleição. Era preciso inventar qualquer coisa.

Daí a três dias, Deslauriers reapareceu com um escrito destinado aos jornais, e que era uma carta particular em que o Senhor Dambreuse aprovava a candidatura do seu amigo. Apoiada por um conservador e recomendada por um vermelho, devia vencer. Como é que o capitalista assinava semelhante elucubração? O advogado, sem o menor embaraço, fora de moto próprio mostrá-la à Senhora Dambreuse, que, achando-a muito boa, se encarregara do resto.

Esta iniciativa surpreendeu Frédéric. Aprovou-a, contudo; depois, como Deslauriers se pusera em contato com o Senhor Roque, contou-lhe a sua posição

diante de Louise.

— Diz-lhes o que te apetecer, que os meus negócios vão mal; que tudo se há de arranjar; ela é suficientemente jovem para poder esperar!

Deslauriers partiu; e Frédéric considerou-se uma grande cabeça. Sentia, aliás, um apaziguamento, uma satisfação profunda. A alegria de possuir uma mulher rica não era maculada por nenhum contraste; o sentimento harmonizava-se com o meio. Agora, a sua vida estava cheia de delícias.

A maior, talvez, era contemplar a Senhora Dambreuse, no meio de outras pessoas, no seu salão. O decoro das suas atitudes fazia-o evocar outras; enquanto ela conversava num tom frio, recordava as palavras de amor que lhe ouvira balbuciar; todas as homenagens à sua virtude o deleitavam como uma homenagem que recaía sobre ele; e às vezes tinha vontade de exclamar: “Mas eu conheço-a melhor que vós! Ela é minha!”.

A sua ligação não tardou a ser uma coisa entendida e aceite. Durante todo o inverno, a Senhora Dambreuse fez com que Frédéric frequentasse a alta sociedade.

Ele chegava quase sempre antes dela; e via-a entrar, os braços nus, o leque na mão, pérolas nos cabelos. Ela detinha-se no limiar (as ombreiras da porta faziam como que uma moldura à sua volta), e tinha leve movimento de indecisão, semicerrando os olhos, para ver se ele estava lá. Trazia-o para casa na carruagem; a chuva fustigava os vidros; os transeuntes, como sombras, agitavam-se no meio da lama; e, apertados um de encontro ao outro, viam tudo aquilo confusamente, com tranquilo desdém. Sob diversos pretextos, Frédéric ficava ainda uma boa hora no quarto dela.

Fora sobretudo por tédio que a Senhora Dambreuse se lhe entregara. Mas aquela derradeira experiência não podia perder-se. Ela queria um grande amor, e pôs-se a cumular Frédéric de adulações e carícias.

Mandava-lhe flores; bordou uma cadeira para ele; deu-lhe uma charuteira, um tinteiro, mil pequenos objetos de uso quotidiano, para toda a existência dele ficar ligada à sua lembrança. Essas atenções deliciaram-no a princípio, e depois pareceram-lhe perfeitamente naturais.

Ela tomava um fiacre, apeava-se à entrada de uma passagem, saía pelo outro lado; depois, esgueirando-se rente às paredes, com um véu espesso cobrindo-lhe o rosto, alcançava a rua onde Frédéric a esperava, tomando-lhe rapidamente o braço para a levar à sua casa. Os dois criados de Frédéric tinham ido passear, o porteiro fora dar um recado; ela olhava em redor; nada a temer! E soltava um suspiro de exilado que torna a ver a pátria. O êxito tornou-os mais ousados. Os

encontros multiplicaram-se. Uma noite, até, ela apareceu-lhe inesperadamente, vestida para ir a um baile. Estas surpresas podiam ser perigosas; Frédéric censurou-lhe a imprudência; aliás, ela não lhe agradou. O decote muito aberto descobria demais a magreza do peito.

Então reconheceu o que escondera de si próprio, a desilusão dos seus sentidos. Nem por isso deixou de fingir grandes ardores; mas, para os sentir, precisava evocar a imagem de Rosanette ou a da Senhora Arnoux.

Esta atrofia sentimental deixava-lhe o espírito inteiramente livre, e ambicionava mais que nunca uma posição social elevada. Com um ponto de apoio assim, o menos que podia fazer era servir-se dele.

Em meados de janeiro, Sénécal entrou-lhe uma manhã no escritório; e, ante a sua exclamação de espanto, respondeu que era secretário de Deslauriers, e até lhe trazia uma carta. Esta continha boas notícias, e censurava-lhe contudo a negligência; precisava aparecer.

O futuro deputado respondeu que daí a dois dias se poria a caminho.

Sénécal não se manifestou a respeito da candidatura. Falou de si próprio e da situação do país.

Esta, embora catastrófica, parecia-lhe ótima, pois se caminhava para o comunismo. Em primeiro lugar, a própria Administração se encarregava disso, pois cada dia havia mais coisas regidas pelo Governo. Quanto à propriedade, a Constituição de 48, apesar das debilidades, não a tinha poupado, e, em nome da utilidade pública, o Estado podia doravante apoderar-se do que entendesse ser conveniente. Sénécal declarou-se partidário da Autoridade; e Frédéric reconheceu-lhe nos discursos o exagero das palavras que ele próprio dissera a Deslauriers. O republicano fulminou até contra a incapacidade das massas.

— Robespierre, ao defender o direito da minoria, levou Luís XVI perante a Convenção Nacional, e salvou o povo. A finalidade das coisas torna-as legítimas. A ditadura é por vezes indispensável. Viva a tirania, contanto que o tirano pratique o bem!

A discussão prolongou-se por muito tempo, e, ao partir, Sénécal confessou (era talvez essa a finalidade da sua visita) que Deslauriers se impacientava muito com o silêncio do Senhor Dambreuse.

Mas o Senhor Dambreuse adoecera. Frédéric via-o todos os dias, pois a sua qualidade de íntimo lhe dava acesso junto dele.

A destituição do General Changarnier[1] impressionara extraordinariamente o capitalista. Na mesma noite, sentira um grande calor no peito, e uma opressão que não lhe permitia ficar deitado. As sanguessugas deram-lhe alívio imediato. A

tosse seca desapareceu, a respiração tornou-se mais calma; e, daí a oito dias, disse, enquanto tomava um caldo:

— Ah! Agora estou melhor! Mas estive quase a embarcar para a grande viagem!

— Mas não iria sem mim! — exclamou a Senhora Dambreuse, significando com essas palavras que não poderia sobreviver-lhe.

Em vez de responder, o marido fixou nela e no amante um singular sorriso, em que havia ao mesmo tempo resignação, indulgência, ironia e até como que uma insinuação, um subentendido quase alegre.

Frédéric quis partir para Nogent, mas a Senhora Dambreuse opôs-se; e ele fazia e desfazia as malas, segundo as alternativas da doença.

De repente, o Senhor Dambreuse começou a escarrar sangue em abundância. Consultados, “os príncipes da ciência” não fizeram nada. Incharam-lhe as pernas, a fraqueza aumentou. Manifestara diversas vezes o desejo de ver Cécile, que estava no outro extremo da França, com o marido, havia um ano nomeado para uma recebedoria. Ordenou expressamente que a fizessem vir. A Senhora Dambreuse escreveu três cartas, que lhe mostrou.

Sem confiar sequer na religiosa, não o deixava um segundo, não se deitava mais. As pessoas que deixavam os nomes na portaria informavam-se dela com admiração; e os transeuntes ficavam cheios de respeito perante a quantidade de palha estendida na rua, debaixo das janelas.

No dia 12 de fevereiro, às cinco horas, declarou-se uma hemoptise terrível. O médico assistente informou do perigo. Correram a chamar um padre.

Durante a confissão do Senhor Dambreuse, a mulher olhava para ele de longe, com curiosidade. Depois, o médico pôs-lhe ventosas, e esperou.

A luz dos candeeiros, velada pelos móveis, iluminava desigualmente o quarto. Frédéric e a Senhora Dambreuse, aos pés do leito, observavam o moribundo. No vão de uma janela, o padre e o médico conversavam a meia-voz; a freira, ajoelhada, murmurava orações.

Por fim, ouviu-se um estertor. As mãos arrefeciam, o rosto começava a perder a cor. Por vezes, fazia de repente uma inspiração enorme; mas isto tornou-se cada vez mais raro; escaparam-lhe duas ou três palavras confusas; exalou um leve suspiro, revirou os olhos, e a cabeça descaiu sobre o travesseiro.

Durante um minuto, todos ficaram imóveis.

A Senhora Dambreuse aproximou-se; e, sem esforço, com a simplicidade do dever fechou-lhe os olhos.

Depois, abriu os braços, torcendo o corpo como que no espasmo de um

desespero que se procura dominar, e saiu do quarto, apoiada no médico e na religiosa. Passado um quarto de hora, Frédéric subiu ao quarto dela.

Havia ali um perfume indefinível, emanação das coisas delicadas que o enchiam. No meio da cama, estava estendido um vestido preto, contrastando com a coberta cor-de-rosa.

A Senhora Dambreuse estava ao canto da lareira, de pé. Embora calculando que ela não sofresse grande coisa, supunha-a ao menos um pouco triste; e, numa voz dolente:

— Sofres?

— Eu? Não, de maneira nenhuma.

Ao voltar-se, deu com os olhos no vestido, examinou-o; depois disse-lhe que estivesse à vontade.

— Fuma, se te apetece! Estás em minha casa!

E, soltando um profundo suspiro:

— Ah, Virgem Santa! Que alívio!

Frédéric estranhou a exclamação. Respondeu, beijando-lhe a mão:

— Contudo, tínhamos toda a liberdade!

Esta alusão à liberdade dos seus amores pareceu ferir a Senhora Dambreuse.

— Ah, não sabes os serviços que eu lhe prestava, e as angústias em que vivi!

— Como?

— Pois decerto! Podia sentir segurança, com aquela filha natural por perto, uma filha que ele trouxe para casa ao fim de cinco anos de casados, e que se não fosse eu, sem dúvida, o teria levado a fazer alguma tolice?

Então, explicou-lhe os seus negócios. Estavam casados em regime de separação de bens. O seu patrimônio era de trezentos mil francos. Pelo contrato de casamento, o Senhor Dambreuse garantira-lhe, em caso de sobrevivência, quinze mil libras de rendimento, e a propriedade do palácio. Mas, pouco tempo depois, fizera um testamento em que lhe dava toda a fortuna; e ela calculava-a tanto quanto era possível sabê-lo presentemente, em mais de três milhões.

Frédéric esbugalhou os olhos.

— Valia a pena, não é assim? Contribuí para ela, aliás! Eram os meus bens que defendia; Cécile ter-me-ia despojado, injustamente.

— Por que não veio ela ver o pai? — disse Frédéric.

A esta pergunta, a Senhora Dambreuse fitou-o; e depois respondeu, numa voz seca:

— Sei lá! Por não ter coração, sem dúvida! Oh! Conheço-a! Também, de mim não há de ver um real!

— Mas ela não a incomodava nada, pelo menos depois de ter casado.

— Ah! Esse casamento! — disse a Senhora Dambreuse sardonicamente.

Não perdoava a si própria ter tratado demasiado bem aquela pécora, que era ciumenta, interesseira, hipócrita. “Tinha todos os defeitos do pai!” E cada vez o denegria mais. Ninguém tão falso como ele, aliás implacável, duro como uma pedra, “um homem mau, um homem mau!”

Mesmo os mais sensatos cometem erros. A Senhora Dambreuse acabava de cometer um, deixando transbordar assim o seu ódio. Frédéric, sentado diante dela, refletia, escandalizado.

Ela ergueu-se, e veio sentar-se docemente nos seus joelhos.

— Só tu és bom! Não amo senão a ti!

Olhando para ele, o seu coração enterneceu-se, uma reação nervosa fez-lhe vir lágrimas aos olhos, e murmurou:

— Queres casar comigo?

Ele a princípio julgou ter ouvido mal. Aquela riqueza entontecia-o. Ela repetiu, mais alto:

— Queres casar comigo?

Frédéric respondeu finalmente, sorrindo:

— Duvidas?

Depois, teve um acesso de pudor e, como uma espécie de reparação feita ao defunto, ofereceu-se para velar o cadáver. Mas, como tinha vergonha desse sentimento piedoso, acrescentou com ar despreocupado.

— Talvez fosse mais decente.

— Sim, talvez — disse ela — por causa dos criados.

O leito fora trazido completamente para fora da alcova. Aos pés, estava a freira; e à cabeceira achava-se um padre, outro, alto e magro, que tinha um ar espanhol e fanático. Sobre o criado-mudo, coberto com um pano branco, ardiam três velas.

Frédéric sentou-se numa cadeira, e olhou para o morto.

O rosto estava amarelo como palha; um pouco de espuma sanguinolenta assomava aos cantos da boca. Tinha um lenço em torno do crânio, um colete de malha e um crucifixo de prata sobre o peito, entre os braços cruzados.

Estava acabada aquela existência cheia de agitações! Quantas vezes não correra aos escritórios, alinhara números, metera-se em negócios, ouvira relatórios! Quantas adulações, quantos sorrisos, quanto dobrar de espinha! Porque ele aclamara Napoleão, os Cossacos, Luís XVIII, 1830, os operários, todos os regimes, tendo tal devoção pelo Poder que teria sido capaz de pagar

para vender-se.

Mas deixava a propriedade da Fortelle, três fábricas na Picardia, o bosque de Crancé, no Yonne, uma fazenda perto de Orléans e consideráveis valores imobiliários.

Frédéric foi fazendo assim a recapitulação da fortuna; e esta ia pertencer-lhe! Pensou primeiro “no que diriam”, num presente para a mãe, nas carruagens que teria, num velho cocheiro da família que pensava fazer porteiro. A libré seria outra, naturalmente. Ficaria com o salão grande para gabinete de trabalho. Nada o impedia de, deitando três paredes abaixo, fazer uma galeria de pintura no segundo andar. Talvez fosse possível instalar, embaixo, uma sala de banhos turcos. Quanto ao escritório do Senhor Dambreuse, sala desagradável, para que poderia servir?

O padre, que acabava de assoar-se, ou a freira, avivando o lume, interrompiam brutalmente estas imaginações. Mas a realidade confirmava-as; o cadáver ali estava. Os olhos tinham voltado a abrir-se; e as pupilas, embora afogadas em trevas viscosas, tinham uma expressão enigmática, insuportável. Parecia a Frédéric ver nelas um juízo sobre si próprio, e quase sentia remorsos, porque nunca tivera razão de queixa daquele homem, o qual, pelo contrário... “Ora! Um velho malandro!” e considerava-o de mais perto, para tranquilizar-se, gritando-lhe mentalmente:

“E então que tem? Matei-te, por acaso?”

Entretanto, o padre ia lendo o breviário; a religiosa, imóvel, cabeceava; os pavios das três velas cresciam.

Ouviu-se, durante duas horas, o rodar surdo das carroças dirigindo-se para o Halles. As vidraças clarearam, passou um fiacre, depois uma tropa de burras, trotando na calçada, e ouviram-se marteladas, pregões de vendedores ambulantes, toques de corneta; tudo se confundia, já, na grande voz de Paris despertando.

Frédéric começou a tomar as providências necessárias[2]. Dirigiu-se primeiro à *mairie* para fazer a declaração; depois de obtida a certidão de óbito, voltou à *mairie* para dizer qual o cemitério escolhido pela família, e para entender-se com a agência funerária.

O empregado mostrou um desenho e um programa, este indicando as diversas categorias de enterro, e aquele, todos os pormenores da decoração. Desejava um carro com galeria ou com penachos, tranças nos cavalos, plumas para os lacaios, iniciais ou brasão, lâmpadas funerárias, um homem para levar as condecorações e quantas carruagens? Frédéric foi generoso; a Senhora

Dambreuse queria fazer as coisas sem medir os gastos.

Depois dirigiu-se à igreja.

O vigário começou por condenar a exploração da agência funerária; assim, o homem para as condecorações era na realidade inútil; muitos círios seriam bem melhor! Combinaram uma missa rezada, com música. Frédéric assinou o que fora combinado, com a obrigação solidária de pagar todas as despesas.

Em seguida dirigiu-se à Municipalidade para comprar o terreno. Uma concessão de dois metros de comprimento por um de largura custava quinhentos francos. Queria uma concessão por cinquenta anos ou perpétua?

— Oh! Perpétua! — disse Frédéric.

Tomava o caso a sério, esforçava-se. No pátio do palácio, um marmorista esperava-o, para lhe mostrar orçamentos e projetos de túmulos gregos, egípcios, mouriscos; mas o arquiteto da família já se entendera com a senhora; e, na mesa do vestíbulo, havia uma porção de prospectos relativos à limpeza dos colchões, à desinfecção dos quartos, a diversos processos de embalsamar.

Depois de jantar, foi ao alfaiate, por causa do luto dos criados; e ainda teve que dar outro recado, porque tinham sido encomendadas luvas de pelica, e era de algodão que deviam ser.

Quando chegou, no dia seguinte, às dez horas, o grande salão já começava a encher-se de gente, e quase todos, ao encontrar-se, diziam com ar melancólico:

— E eu que ainda o tinha visto há um mês! Meu Deus! É o destino que nos espera a todos!

— Sim, esperemos que seja o mais tarde possível!

Então, soltavam uma risadinha de satisfação, e entabulavam até diálogos inteiramente alheios às circunstâncias. Finalmente, o mestre de cerimônias, de casaca preta à francesa e culote, com capa, canhões, espadim e chapéu de três bicos debaixo do braço, fazendo uma vênia, proferiu as palavras habituais:

— Meus senhores, quando quiserem.

O enterro pôs-se a caminho.

Era dia do mercado de flores na Praça de la Madeleine. O tempo estava claro e ameno; e a brisa, que sacudia levemente as barracas de lona, enfunava aos lados o imenso pano preto pendente sobre o portal da igreja. O brasão do Senhor Dambreuse, num quadrado de veludo, repetia-se três vezes. Era *em fundo preto, um braço esquerdo de ouro, de punho fechado enluvado, em prata*, com a coroa de conde, e a divisa *Por todos os meios.*

Os gatos-pingados conduziram até o alto da escadaria o pesado caixão, e entraram.

As seis capelas, o hemiciclo e as cadeiras estavam forrados de negro. O catafalco, à entrada do coro, formava, com os grandes círios, um único foco de luzes amarelas. Nos dois cantos, sobre candelabros, elevavam-se as chamas de espírito de vinho.

As pessoas mais importantes tomaram lugar no altar-mor, as outras na nave; e a missa começou.

À exceção de alguns, a ignorância religiosa de todos era tão completa que o mestre de cerimônias lhes fazia sinal, de quando em quando, para se erguerem, ajoelharem, tornarem a sentar-se. O órgão e dois contrabaixos alternavam com as vozes; nos intervalos de silêncio, ouvia-se o resmonear do padre no altar; depois, a música e os cantos recomeçavam.

Uma luz baça caía das três cúpulas; mas da porta aberta vinha horizontalmente como que um rio de claridade branca que incidia sobre todas as cabeças descobertas; e no ar, a meia altura da nave, flutuava uma sombra, penetrada pelo reflexo dos dourados que ornavam a nervura da abóbada e a folhagem dos capitéis.

Frédéric, para distrair-se, escutou o *Dies Irae;* fixava a assistência, procurava distinguir as pinturas demasiado altas que representavam a vida de Madalena. Felizmente, Pellerin veio para junto dele, e começou imediatamente, a propósito dos afrescos, uma longa dissertação. O sino tocou. Saíram da igreja.

O carro fúnebre, ornado de panos pendentes e de grandes plumas, encaminhou-se para o Père-Lachaise, puxado por quatro cavalos negros com tranças nas crinas, penachos na cabeça e envoltos até os cascos em largos xairéis bordados a prata. O cocheiro, de botas de montar, tinha um chapéu de três bicos, com um longo crepe pendente. Segurando os cordões, quatro pessoas importantes: um questor da Câmara dos Deputados, um membro do Conselho Geral do Aube, um delegado das minas — e Fumichon, como amigo. A caleche do defunto e doze carruagens de luto faziam o acompanhamento. Atrás, os convidados ocupavam o centro do bulevar.

Para ver tudo isso, os transeuntes paravam; mulheres, com o filho ao colo, subiam em cadeiras; e gente que bebia cerveja nos cafés assomava às janelas, com tacos de bilhar na mão.

O caminho era longo; e, como nas refeições de cerimônia em que se começa por ser reservado e se acaba por ficar expansivo, a compostura não tardou a relaxar-se. Só se falava na recusa do abono[3] feita pela Câmara ao Presidente. O Sr. Piscatory[4] mostrara-se demasiado ríspido, Montalembert, “magnífico, como sempre”, os Senhores Chambolle, Pidoux, Creton, em suma, toda a comissão

deveria ter seguido, talvez, a opinião dos Senhores Quentin-Bauchard e Dufour.

Estas conversas prosseguiram ao longo da Rua Roquette, cheia de lojas, e onde só se veem rosários de vidro colorido e rodelas pretas cobertas de desenhos e letras douradas, — o que as faz parecer grutas cheias de estalactites e armazéns de louça. Mas, diante do portão do cemitério, todos, instantaneamente, calaram-se.

Os túmulos erguiam-se por entre as árvores, colunas partidas, pirâmides, templos, dolmens, obeliscos, hipogeus etruscos de portas de bronze. Em alguns via-se uma espécie de toucador fúnebre, com poltronas rústicas e bancos de dobrar. Teias de aranha pendiam, como farrapos, dos cadeados das urnas; e a poeira cobria os ramos de flores com fitas de cetim e os crucifixos. Por toda parte, entre os balaústres, sobre os túmulos, coroas de perpétuas e castiçais, vasos, flores, discos negros ornamentados com letras douradas, estatuetas de gesso: meninos e meninas, ou anjinhos seguros no ar por um arame: alguns até com um teto de zinco sobre a cabeça. Enormes fios de vidro, preto, branco e azul, descem do cimo das lápides até a extremidade das lajes, retorcidos como cobras. O sol batia neles, fazendo-os cintilar entre as cruzes de madeira preta; e o cortejo fúnebre avançava pelas grandes aleias, pavimentadas como as ruas de uma cidade. De quando em quando, os eixos estalavam. Mulheres de joelhos, com o vestido arrastando na grama, falavam docemente aos mortos. Uma fumarada esbranquiçada erguia-se por entre a verdura dos cedros. Eram oferendas abandonadas, restos que estavam sendo queimados.

A cova do Senhor Dambreuse era nas proximidades das de Manuel e Benjamin Constant. O terreno faz, naquele lugar, um declive abrupto. Têm-se aos pés os cocurutos de árvores verdes; mais longe, chaminés de fábricas, depois, toda a grande cidade.

Frédéric pôde admirar a paisagem enquanto se pronunciavam os discursos.

O primeiro foi em nome da Câmara dos Deputados, o segundo no do Conselho Geral do Aube, o terceiro no da Sociedade das Hulhas de Saône-et-Loire, o quarto no da Sociedade Agrícola de Yonne; e houve ainda outro, em nome de uma sociedade filantrópica. Finalmente, já todos se dispersavam quando um desconhecido se pôs a ler um sexto discurso, em nome da Sociedade dos Antiquários de Amiens.

E todos aproveitaram a oportunidade para malhar no socialismo, responsável pela morte do Senhor Dambreuse. O espetáculo da anarquia e a sua dedicação à ordem abreviaram-lhe a existência. Exaltaram-lhe as luzes, a probidade, a generosidade e até o mutismo como representante do povo; porque, se não era

orador, possuía em compensação aquelas sólidas qualidades, mil vezes preferíveis etc. ... com todas as palavras que é preciso dizer: “Fim prematuro, — saudade eterna, — a outra pátria, — adeus, ou melhor, não, até breve”.

A terra, de mistura com pedras, caiu sobre o caixão; e nunca mais se voltaria a falar dele neste mundo.

Ainda se falou um pouco, ao descer o cemitério; e não se fazia cerimônia para o apreciar. Hussonnet, que faria o relato do enterro para os jornais, repetiu até, troçando, todos os discursos; — porque, afinal, Dambreuse tinha sido um dos mais dignos “vira-casacas” do último reinado. Depois, as carruagens de luto reconduziram os burgueses aos seus negócios; a cerimônia não tinha sido demasiado longa, e todos se felicitaram por isso.

Frédéric, fatigado, voltou para casa.

Quando no dia seguinte se apresentou no palácio Dambreuse, avisaram-no de que a senhora estava ocupada embaixo, no escritório. As pastas, as gavetas estavam abertas, em desordem, os livros de contas espalhados por todos os lados; um rolo de papéis, com o título “Cobranças desesperadas”, estava caído no chão; quase tropeçou nele, e apanhou-o. A Senhora Dambreuse mal aparecia, enterrada na grande poltrona.

— Então? Mas onde é que está? Que aconteceu?

Ela ergueu-se de um salto.

— O que aconteceu? Estou arruinada, arruinada! Ouviste?

O Senhor Adolphe Langlois, o tabelião, chamara-a ao cartório e dera-lhe conhecimento de um testamento, escrito pelo marido, antes do casamento. Legava tudo a Cécile; e o outro testamento tinha-se perdido. Frédéric ficou muito pálido. Ela com certeza não tinha procurado bem?

— Mas olha aí! — disse a Senhora Dambreuse, mostrando-lhe o escritório.

Os dois cofres, escancarados, tinham sido arrombados a machado, e ela revolvera a escrivaninha, revistara os armários, sacudira os colchões, quando de repente, dando um grito agudo, se precipitou para um dos cantos, onde acabara de divisar uma pequena caixa com fechadura de cobre; abriu-a: nada!

— Ah! O miserável! E eu que cuidei dele com tanta dedicação!

Depois caiu em soluços.

— Talvez esteja noutro lugar? — disse Frédéric.

— Ah, não! Estava ali, naquele cofre! Vi-o recentemente. Queimou-o, tenho a certeza!

Um dia, no começo da doença, o Senhor Dambreuse tinha descido para assinar alguns papéis.

— Foi nessa altura que o destruiu!

E deixou-se cair novamente numa cadeira, aniquilada. Uma mãe de luto, junto de um berço vazio, não faria mais dó do que a Senhora Dambreuse em frente aos cofres escancarados. Em suma, a sua dor — malgrado a baixeza que a provocava — parecia tão profunda que Frédéric procurou consolá-la, dizendo-lhe que, afinal, não tinha ficado na miséria.

— É a miséria, porque não te posso oferecer uma grande fortuna!

Já não tinha senão trinta mil libras de rendimento, não contando o palácio, que correspondia talvez a umas dezoito ou vinte mil.

Embora isso fosse, para Frédéric, a opulência, nem por isso deixou de se sentir decepcionado. Adeus sonhos, e toda a grande vida que teria levado! A honra impunha-lhe o casamento com a Senhora Dambreuse. Esteve um minuto a refletir; em seguida, com expressão terna:

— Mas tenho-te ainda a ti!

Ela precipitou-se-lhe nos braços; e Frédéric estreitou-a contra o peito, com uma emoção na qual havia um pouco de admiração por si próprio. A Senhora Dambreuse, cujas lágrimas se tinham estancado, ergueu para ele os olhos brilhantes de felicidade, e, tomando-lhe a mão:

— Ah! Eu nunca duvidei de ti! Contava com isso!

Esta certeza antecipada do que ele tinha como uma bela ação desagradou a Frédéric.

Depois ela levou-o para o quarto, e fizeram projetos. Agora, Frédéric precisava pensar em conseguir uma situação. Deu-lhe até admiráveis conselhos sobre a candidatura dele.

Em primeiro lugar, era necessário que soubesse duas ou três frases sobre economia política. Precisava escolher uma especialidade, cavalos, por exemplo, escrever vários memoriais sobre um problema de interesse local, ter sempre à disposição postos do correio e concessões de tabacarias, prestar uma porção de pequenos serviços. Nesse ponto, o Senhor Dambreuse fora modelar. Assim, uma vez, no campo, fizera parar a carruagem, cheia de amigos, em frente à loja de um sapateiro, e comprara para os hóspedes doze pares de sapatos, e, para ele, umas botas horrendas — que teve até o heroísmo de usar durante quinze dias. Essa anedota pô-los alegres. E ela contou outras, recuperando todo o seu encanto, juventude e espírito.

Achou bom que ele fosse imediatamente a Nogent. Os adeuses foram ternos; depois, no limiar, ela murmurou uma vez mais:

— Gostas de mim, não é verdade?

— Eternamente! — respondeu ele.

Em casa, esperava-o um moço de recados, com um bilhete a lápis, prevenindo-o de que Rosanette ia dar à luz. Tivera tantas ocupações, nos últimos dias, que nem pensara mais nisso. Ela estava numa instituição especial, em Chaillot.

Frédéric tomou um fiacre e dirigiu-se para lá.

Na esquina da Rua Marbeuf, leu numa tabuleta, em grandes letras: “Casa de Saúde e de Partos da Senhora Alessandri, parteira de primeira classe, ex-aluna da Maternidade, autora de diversas obras etc.”. Depois, no meio da rua, por cima da porta, uma portinha esconsa, outra tabuleta repetia (sem a palavra parto): “Casa de Saúde da Senhora Alessandri”, com todos os seus títulos.

Frédéric bateu à porta.

Uma camareira conduziu-o à sala de visitas, onde havia uma mesa de mogno, poltronas de veludo cor de vinho e um relógio de redoma.

Madame surgiu quase imediatamente. Era uma morena alta de quarenta anos, cintura fina, uns belos olhos e boas maneiras. Informou Frédéric de que o parto tinha corrido bem, e conduziu-o ao quarto.

Rosanette, com um sorriso inefável, como que desfalecida de amor, disse-lhe, baixinho:

— É um rapaz! Ali, ali! — apontando para um bercinho, ao lado da cama.

Ele afastou o cortinado, e viu, entre a roupa, uma coisinha avermelhada, cheia de rugas, que cheirava mal e vagia.

— Dá-lhe um beijo!

Ele respondeu, para ocultar a repugnância:

— Tenho medo de lhe fazer mal!

— Não! Não!

Então Frédéric beijou o filho, com a extremidade dos lábios.

— Como ele é parecido contigo!

E Rosanette, estendendo os braços débeis, pendurou-se nele, com uma efusão de sentimento que Frédéric nunca lhe vira.

Voltou-lhe a recordação da Senhora Dambreuse. Considerou-se um monstro, por trair aquele pobre ser, que amava e sofria com toda a sinceridade da sua natureza. Durante alguns dias, fez-lhe companhia até o anoitecer.

Ela sentia-se bem naquela casa discreta; as portadas das janelas mantinham-se até constantemente cerradas; o quarto, forrado de chita clara, dava para um grande jardim; a Sra. Alessandri, cujo único defeito era citar, como seus íntimos, médicos ilustres, rodeava-a de atenções; as companheiras, quase todas meninas

da província, aborreciam-se muito, não tendo ninguém que as fosse visitar; Rosanette deu conta de que era invejada, e disse-o com orgulho a Frédéric. Mas era necessário falar baixo; os tabiques eram finos, e toda a gente estava sempre de ouvido atento, apesar do barulho contínuo dos pianos[5].

Ia partir finalmente para Nogent, quando recebeu uma carta de Deslauriers.

Dois novos candidatos tinham surgido, um conservador, o outro vermelho; um terceiro, fosse ele quem fosse, não tinha quaisquer probabilidades. A culpa era de Frédéric; deixara passar o momento oportuno, devia ter ido mais cedo, ter-se mexido. “Nem sequer apareceste nos comícios agrícolas!” O advogado censurava-o por não ter nenhuma influência nos jornais. “Ah, se tu tivesses seguido outrora os meus conselhos! Se tivéssemos um jornal nosso!” E insistia nisso. Aliás, muitas pessoas que teriam votado nele, por consideração pelo Senhor Dambreuse, o abandonariam agora. Deslauriers seria uma delas. Nada mais tendo a esperar do capitalista, largava o seu protegido.

Frédéric levou a carta à Senhora Dambreuse.

— Então não estiveste em Nogent? — disse ela.

— Por quê?

— É que vi Deslauriers há três dias.

Sabendo da morte do marido, o advogado viera trazer-lhe notas sobre as minas de carvão, e oferecer-lhe os seus préstimos como homem de negócios. Isto pareceu estranho a Fréderic; e que estaria o amigo fazendo em Nogent?

A Senhora Dambreuse quis saber em que empregara ele o tempo desde que se tinham separado.

— Estive doente — respondeu ele.

— Ao menos podias ter-me avisado.

— Oh! Não valia a pena; — e, além disso, tivera uma porção de coisas a fazer, encontros, visitas.

Daí por diante levou uma dupla existência, nunca deixando de dormir em casa da Marechala, e passando as tardes em casa da Senhora Dambreuse, de modo que lhe sobrava apenas, no meio do dia, uma hora de liberdade.

A criança estava no campo, em Andilly. Iam vê-la todas as semanas.

A casa da ama[6] ficava na parte alta de uma aldeia no fundo de um pequeno pátio, sombrio como um poço, com palha pelo chão, galinhas à solta e uma carroça de hortaliça debaixo de um galpão. Rosanette começava por beijar freneticamente o bebê; e, dominada por uma espécie de delírio, andava de um lado para o outro, tentava mungir a cabra, comia o pão grosseiro, aspirava o cheiro do estrume, queria pôr um pouco deste no lenço.

Depois davam grandes passeios; ela entrava nas hortas, arrancava ramos de lilás que pendiam das paredes, gritava: “Eh! Burrinho!” aos animais que puxavam uma carriola, ficava contemplando, através do portão, o interior dos belos jardins; ou então a ama pegava na criança, e as duas levavam-na para a sombra de uma nogueira; e ficavam, durante horas, a dizer enfadonhas insignificâncias.

Frédéric, junto delas, contemplava os vinhedos pelas encostas, com o tufo de uma ou outra árvore de permeio, as veredas empoeiradas, que pareciam fitas cinzentas, as casas, pondo por entre a verdura manchas brancas e pretas; e, de vez em quando, o penacho de fumo de uma locomotiva estirava-se horizontalmente no sopé das colinas cobertas de folhagem, como gigantesca pena de avestruz cuja frágil extremidade se fosse desfazendo.

Depois, o seu olhar pousava no filho. Imaginava-o moço, faria dele um companheiro; mas talvez saísse estúpido, e certamente viria a ser infeliz. A ilegalidade do nascimento havia de o perseguir sempre; antes não tivesse nascido, e Frédéric murmurava: “Pobre criança!” com o coração amargurado por uma tristeza incompreensível.

Muitas vezes, perdiam o último trem. Então, a Senhora Dambreuse censurava-o por ter faltado. Ele inventava mentiras.

Também precisava inventá-las para Rosanette. Ela não compreendia como é que ele tinha sempre as noites ocupadas; e, quando mandava algum recado à casa dele, nunca estava! Um dia, que não tinha saído, apareceram as duas quase ao mesmo tempo. Fez sair a Marechala e escondeu a Senhora Dambreuse, dizendo-lhe que a mãe estava para chegar.

Não tardou a achar divertido mentir-lhes; repetia a uma as juras que acabava de fazer à outra, mandava-lhes ramos de flores iguais, escrevia-lhes ao mesmo tempo, depois estabelecia comparações entre ambas; — e havia uma terceira, sempre presente no seu pensamento. A impossibilidade de ela ser sua servia-lhe de justificação para aquelas perfídias, que acicatavam o prazer, pela alternativa; e, quanto mais tinha enganado qualquer das duas, mais ela o amava, como se os seus amores se tivessem inflamado reciprocamente, e, por uma espécie de emulação, cada qual quisesse fazer-lhe esquecer a outra.

— Admira a minha confiança! — disse-lhe um dia a Senhora Dambreuse, desdobrando um papel em que a preveniam de que o Sr. Moreau vivia maritalmente com uma tal Rose Bron. — É aquela moça das corridas, por acaso?

— Que disparate! — retorquiu ele. — Deixa-me ver.

A carta, escrita em letras desenhadas, não era assinada. A princípio a Senhora

Dambreuse tolerara aquela ligação, que encobria o seu adultério. Mas, quando a paixão se tornara mais forte, tinha exigido uma ruptura, coisa que, dizia Frédéric, havia muito estava feita; e, quando ele terminou os seus protestos, ela replicou, semicerrando os olhos, com um olhar que parecia a ponta de um estilete:

— Está bem, mas a outra?

— Que outra?

— A mulher do ceramista!

"Ele encolheu desdenhosamente os ombros. A Senhora Dambreuse não insistiu.

Mas, passado um mês, como falassem de honra e de lealdade, e ele proclamasse a sua (de maneira incidental, por precaução), ela disse-lhe:

— É certo, tu és honesto, nunca mais lá voltaste.

— Onde?

— À casa da Senhora Arnoux.

Frédéric suplicou que lhe confessasse como conseguira essa informação. Fora pela costureira, a Senhora Regimbart.

Assim, conhecia-lhe a vida, enquanto ele nada sabia da sua!

Todavia, descobrira-lhe no toucador a miniatura de um homem de grandes bigodes; seria o mesmo acerca do qual lhe tinham contado outrora uma vaga história de suicídio? Mas não tinha maneira de saber mais nada! E de resto, para quê? Os corações das mulheres são como aqueles cofrezinhos de segredo, cheios de gavetas metidas umas dentro das outras; tem-se imenso trabalho, quebram-se as unhas, e vai-se encontrar lá no fundo alguma flor seca, uns grãos de poeira — ou o vazio! Além disso receava talvez vir a descobrir demais.

Ela exigia que ele recusasse os convites, quando não podia ir também, conservava-o a seu lado, tinha medo de perdê-lo; e, apesar de uma união cada dia maior, de repente surgiam abismos entre eles, a propósito de coisas insignificantes, a apreciação de uma pessoa, de uma obra de arte.

A Senhora Dambreuse tocava piano de forma correta e seca. O seu espiritualismo (a Senhora Dambreuse acreditava na transmigração das almas pelas estrelas) não a impedia de olhar muito bem pelos seus negócios. Mostrava-se altiva com os servidores; os olhos não se lhe umedeciam diante dos andrajos dos pobres. Um egoísmo ingênuo revelava-se nas suas locuções habituais: "Que tenho eu com isso? Só se eu fosse tola! Preciso lá disso!" e mil pequenos atos inanalisáveis, odiosos. Era capaz de escutar atrás das portas; devia mentir ao confessor. Por espírito de domínio, quis que Frédéric a acompanhasse à missa dos domingos. Ele obedeceu, e levava-lhe o missal.

A perda da herança suscitara nela uma grande transformação. Estes sinais de um sofrimento que era atribuído à morte do Senhor Dambreuse tornavam-na atraente; e, como outrora, recebia muito. Depois do insucesso eleitoral de Frédéric, ambicionava para ambos uma legação na Alemanha; em vista disso, a primeira coisa a fazer era submeter-se às ideias reinantes.

Uns desejavam o Império, outros os Orléans, outros o Conde de Chambord; mas todos estavam de acordo sobre a urgente necessidade de uma descentralização, e vários meios eram sugeridos, como estes: dividir Paris numa multidão de grandes ruas, a fim de aí instalar aldeias, transferir para Versalhes a sede do Governo, levar as Escolas para Bourges, suprimir as bibliotecas, confiar tudo aos generais de divisão; — e fazia-se a apologia da aldeia, o analfabeto tinha naturalmente mais bom-senso do que os outros! Pululavam os ódios; ódio contra os professores primários e contra os taberneiros, contra as aulas de filosofia, contra os cursos de história, contra os romances, os coletes vermelhos, as barbas compridas, contra qualquer forma de independência, qualquer manifestação individualista; porque era necessário “firmar o princípio de autoridade”; que ela se exercesse fosse em nome do que fosse, de onde quer que viesse, contanto que fosse a Força, a Autoridade! Os conservadores falavam agora como Sénécal. Frédéric já não entendia nada; e ia encontrar em casa de Rosanette as mesmas conversas, na boca dos mesmos homens!

Os salões das cortesãs (é dessa época que data a sua importância) eram um território neutro, onde se encontravam os reacionários de diversos grupos. Hussonnet, empenhado na demolição das glórias contemporâneas (coisa excelente para a restauração da Ordem), inspirou a Rosanette o desejo de também ter as suas reuniões, como qualquer outra; ele faria o relato para os jornais; levou primeiro um homem sério, Fumichon; depois surgiram Nonancourt, o Senhor de Grémonville, o Senhor de Larsillois, ex-prefeito, e Cisy, agora agrônomo, mais que nunca bretão e cristão.

Vinham, além desses, antigos amantes da Marechala, como o Barão de Comaing, o Conde de Jumillac e alguns outros; a liberdade dos seus modos era desagradável a Frédéric.

Para se impor como dono da casa, aumentou o luxo. Passaram a ter um *groom*, mudaram de apartamento, compraram mobília nova. Tais despesas eram úteis para fazer parecer o casamento menos desproporcionado com a sua fortuna. Por isso, esta diminuía a olhos vistos; — e Rosanette não compreendia nada do que se passava!

Burguesa decaída, adorava a vida caseira, um pequeno interior sossegado.

Contudo, gostava de ter o seu “dia de receber”, e dizia “Essas mulheres!”, quando se referia às suas iguais; queria ser “uma dama da sociedade”, julgava-se uma delas. Pediu-lhe para deixar de fumar no salão, tentou levá-lo a respeitar o jejum, para se dar ares.

Enfim, estava traindo o seu papel, porque se tornava séria, e até, antes de deitar-se, manifestava sempre um pouco de melancolia, tal como há ciprestes à porta das tabernas.

Frédéric descobriu a causa disto: ela sonhava com o casamento, — também ela! E ficou exasperado. Aliás, não se esquecera do aparecimento dela em casa da Senhora Arnoux, e além disso ficara-lhe uma certa raiva por lhe ter resistido durante tanto tempo.

Nem por isso se desinteressava de saber quem tinham sido os seus amantes. Ela negava-os todos. Começou sentindo uma espécie de ciúme. Irritava-se com os presentes que ela recebera, que recebia ainda; — e, à medida que a própria essência da pessoa dela o irritava sempre mais, uma febre dos sentidos, rude e bestial atraía-o para ela, ilusões de um minuto que acabavam em ódio.

As palavras, a voz, o sorriso, tudo nela acabou por lhe ser desagradável, sobretudo o olhar, aquele olhar de mulher, eternamente límpido e inepto. Sentia-se por vezes tão irritado que a teria visto morrer sem comoção. Mas como zangar-se? Ela era de uma doçura exasperante.

Deslauriers reapareceu, e explicou a sua estada em Nogent dizendo que andara procurando comprar um cartório. Frédéric gostou de tornar a vê-lo; era alguém! E ficou íntimo da casa.

O advogado jantava com eles de vez em quando, e, quando havia pequenas discussões, punha-se sempre do lado de Rosanette, a tal ponto que Frédéric lhe disse, certa vez:

— Homem! Dorme com ela, se isso te diverte! — tanto era o seu desejo de um acaso que o libertasse.

Em meados de junho, ela recebeu uma intimação em que Athanase Gautherot, oficial de diligências, lhe exigia o pagamento de quatro mil francos devidos a Clémence Vatnaz, na falta do que, viria no dia seguinte fazer a penhora.

Com efeito, das quatro letras que assinara outrora, só uma fora paga; — o dinheiro que recebera depois fora tapar outros buracos.

Rosanette correu à casa de Arnoux. Este mudara para o *faubourg* Saint-Germain, e o porteiro ignorava o nome da rua. Foi à casa de diversos amigos, não encontrou ninguém, e voltou desesperada. Não queria dizer nada a Frédéric,

com medo de que aquela nova dificuldade fosse prejudicar o seu casamento.

No dia seguinte pela manhã, o Senhor Athanase Gautherot apresentou-se, seguido por dois acólitos, um lívido, cara de fuinha, expressão de inveja, o outro de colarinho e presilhas muito esticadas, com uma dedeira de tafetá preto no indicador; — e ambos ignobilmente sujos, de colarinhos gordurosos, as mangas da sobrecasaca curtas demais.

O seu chefe, um belo homem, pelo contrário, começou por se desculpar da sua penosa incumbência, enquanto passava os olhos pelo apartamento, “cheio de lindas coisas, palavra de honra!”. E acrescentou: “além daquelas que não se pode penhorar”. A um gesto seu, os dois beleguins desapareceram.

Então, os cumprimentos redobraram. Como imaginar que uma pessoa tão... encantadora, não tivesse um amigo sério! Uma venda por ordem da justiça era uma autêntica desgraça! Nunca mais se levanta a cabeça. E procurou amedrontá-la; depois, vendo-a aflita, tomou subitamente um tom paternal. Sabia como eram as coisas, tivera de se ocupar de questões com outras damas; e, enquanto dizia os nomes delas, examinava os quadros que pendiam das paredes. Eram antigas coisas de Arnoux, esboços de Sombaz, aquarelas de Burieu, três paisagens de Dittmer. Rosanette não lhes conhecia o valor, evidentemente. Gautherot voltou-se para ela:

— Olhe! Para lhe mostrar como sou boa pessoa, vamos fazer uma coisa: ceda-me estes Dittmer, e eu pago tudo. Está bem?

Nesse momento, Frédéric, informado no vestíbulo por Delphine, e que acabava de ver os dois beleguins, entrou de chapéu na cabeça, com ar violento. Gautherot recuperou a dignidade; e, como a porta tivesse permanecido aberta:

— Vamos, senhores, escrevam! Na segunda sala, temos: uma mesa de carvalho, com duas tábuas suplementares, dois bufês...

Frédéric deteve-o, perguntando se não havia maneira de impedir o arresto.

— Sem dúvida! Quem pagou os móveis?

— Eu.

— Então pode formular uma reivindicação; é sempre tempo ganho.

Gautherot terminou rapidamente os seus assentos, lavrou no auto o recurso da Srta. Brow, e retirou-se.

Frédéric não fez nenhuma censura. Contemplava a lama deixada no tapete pelos sapatos dos beleguins; e disse de si para si:

“Vai ser necessário arranjar dinheiro!”

— Ah! Meu Deus, como sou estúpida! — disse a Marechala.

Remexeu numa gaveta, tirou uma carta, e correu à Sociedade de Iluminação

do Languedoc, para registrar as ações.

Voltou passada uma hora. Os títulos tinham sido vendidos a outra pessoa! O empregado respondera-lhe, examinando o papel, que era uma promessa por escrito de Arnoux: “Este documento não a constitui de modo algum proprietária. A Companhia não toma conhecimento disso”. Em suma, tinha-a mandado embora, e ela vinha furiosa; Frédéric devia ir procurar imediatamente Arnoux, para esclarecer o assunto.

Mas Arnoux ia talvez supor que ele pretendia recuperar, indiretamente, os quinze mil francos da hipoteca perdida; além disso, fazer uma reclamação a um homem que fora amante da sua amante parecia-lhe torpe. Optando por um meio-termo, foi ao palácio Dambreuse para saber a morada da Senhora Regimbart, mandou um moço de recados à casa dela, e conseguiu descobrir assim qual o café agora frequentado pelo Cidadão.

Era um pequeno café da Praça da Bastilha, onde passava o dia inteiro, no canto do lado direito, ao fundo, imóvel como se fizesse parte do prédio.

Depois de ter passado sucessivamente pelo cafezinho, o grogue, o vinho doce, e até pela sangria, voltara à cerveja; e, de meia em meia hora, dizia apenas: “Chope!”, tendo reduzido a sua linguagem ao indispensável. Frédéric perguntou-lhe se costumava ver Arnoux.

— Não!

— Ora essa, por quê?

— Um imbecil!

Talvez a política os tivesse afastado um do outro, e Frédéric achou conveniente perguntar-lhe por Compain.

— Que besta! — disse Regimbart.

— Como assim?

— Essa cabeça de vitela!

— Ah! Diga-me o que vem a ser isso de cabeça de vitela!

Regimbart teve um sorriso de compaixão.

— Idiotices!

Frédéric, após um demorado silêncio, continuou:

— Então ele mudou-se?

— Quem?

— Arnoux!

— Sim, para a Rua de Fleurus!

— Que número?

— Não frequento jesuítas!

— Como, jesuitas?!

O cidadão respondeu, furibundo:

— Com o dinheiro de um patriota que lhe apresentei, esse canalha estabeleceu-se com um negócio de rosários!

— Não é possível!

— Pois vá lá ver!

Nada mais certo: Arnoux, debilitado por um ataque, dera em devoto; aliás, "sempre tivera um fundo religioso", e (com a combinação de mercantilismo e ingenuidade que o caracterizava), para salvar a alma e o dinheiro, dedicara-se ao comércio de artigos religiosos.

Frédéric não teve dificuldade em descobrir o estabelecimento, cuja tabuleta dizia: *"Às Artes Góticas.* — Restauração do culto. — Decorações de igreja. — Escultura policroma. — Incenso dos reis magos etc. etc.".

De cada lado da vitrina erguia-se uma estátua de madeira, sarapintada de dourados, de cinábrio e de azul: um S. João Batista com a sua pele de carneiro, e uma Sta. Genoveva, com rosas no avental e um fuso debaixo do braço; além dessas, havia grupos de gesso: uma freira ensinando uma menina, uma mãe ajoelhada junto de uma cama, três colegiais diante da mesa da comunhão. O mais bonito era uma espécie de chalé, representando o interior do presépio, com o boi, o burro e o Menino Jesus deitado na palha, palha verdadeira. De alto a baixo das prateleiras, viam-se dúzias de bentinhos, rosários de toda espécie, pias de água-benta em forma de concha e os retratos das glórias eclesiásticas, entre os quais brilhavam Mons. Affre e o Santo Padre, ambos sorridentes.

Ao balcão, Arnoux dormitava, de cabeça pendente. Tinha envelhecido extraordinariamente, mostrando até, em volta das frontes, uma coroa de borbulhas cor-de-rosa, sobre as quais se refletiam as cruzes douradas, batidas pelo sol.

Diante daquela decadência, Frédéric sentiu uma grande tristeza. Contudo, por dedicação a Marechala, resignou-se, e ia entrar, quando ao fundo da loja surgiu a Senhora Arnoux; então, deu meia-volta.

— Não o encontrei — disse, ao chegar a casa.

Não serviu de nada a promessa de escrever imediatamente ao seu notário do Havre, para este lhe mandar dinheiro: Rosanette enfureceu-se. Nunca se tinha visto um homem tão fraco, tão molengão; enquanto ela sofria mil privações, os outros enchiam-se.

Frédéric pensava na pobre Senhora Arnoux, imaginando a aflitiva mediocridade do seu lar. Sentara-se à escrivaninha; e, como a voz azeda de

Rosanette não parasse:

— Ah! Pelo amor de Deus, cala-te!

— Quererás tu defendê-los, por acaso?

— E por que não? — exclamou ele. — Por que tamanho encarniçamento?

— Mas tu, por que não queres que eles paguem? É com medo de afligir a tua "ex", confessa!

Frédéric teve vontade de lhe atirar o relógio à cabeça; não pôde articular uma palavra. Calou-se. Rosanette, andando de um lado para o outro, acrescentou:

— Vou processar o teu Arnoux. Oh! Não preciso de ti! — e, comprimindo os lábios: — Consultarei um advogado.

Três dias depois, Delphine entrou precipitadamente.

— Minha senhora, está lá dentro um homem com um pote de cola que me mete medo.

Rosanette entrou na cozinha e viu um vagabundo, de cara toda esburacada pelas bexigas, paralítico de um braço, bastante bêbado e tartamudeando.

Era o afixador de editais de Gautherot. O embargo da penhora fora indeferido, e a venda, portanto, ia ser efetuada.

Pelo trabalho de ter subido as escadas, reclamou, para começar, um copinho de aguardente; — em seguida, implorou outro favor, a saber, bilhetes para o teatro, supondo que a senhora fosse atriz. Ficou depois durante alguns minutos piscando os olhos, em sinais incompreensíveis; acabou finalmente por declarar que, por quarenta *sous*, podia rasgar os cantos do aviso que já colara na porta da rua, no qual Rosanette se achava designada pelo seu nome, rigor fora do comum, que revelava quanto ódio lhe tinha a Vatnaz.

Outrora, fora uma pessoa cheia de sensibilidade, e até, sob o efeito de um desgosto de amor, escrevera a Béranger pedindo-lhe conselhos. Mas as borrascas da existência tinham-na feito azeda; sucessivamente, dera lições de piano, tivera uma pensão, colaborara em jornais de modas, sublocara apartamentos, dedicara-se à venda de rendas no mundo das mulheres fáceis, — no qual as suas relações lhe permitiram prestar favores a muita gente. A Arnoux, entre outros. Anteriormente, trabalhara numa casa comercial.

Era ela que fazia o pagamento das operárias; para cada uma destas havia dois livros, um dos quais ficava sempre com ela. Dussardier, que guardava, por favor, o de uma tal Hortense Baslin, apresentou-se um dia na caixa no momento em que Srta. Vatnaz trazia a conta dessa moça, 1.682 francos, que o tesoureiro lhe pagou. Ora, na véspera, Dussardier lançara apenas 1.082 no livro da Baslin. Sob qualquer pretexto, ele pediu o livro; depois, querendo abafar aquela história de

roubo, disse-lhe que o tinha perdido. A operária repetiu ingenuamente a mentira à Vatnaz; esta, para tirar o caso a limpo, veio falar com o bom do caixeiro, que se limitou a responder: “Queimei-o”. Ela deixou o estabelecimento pouco tempo depois, sem acreditar na destruição do livro, e supondo que Dussardier o guardara.

Ao saber que ele estava ferido, correra à casa dele, com a intenção de o reaver. Depois, não tendo encontrado nada, apesar das mais minuciosas buscas, fora tomada de respeito, e dentro em breve apaixonara-se por aquele rapaz tão leal, tão meigo, tão valente e tão forte! Na sua idade, era uma sorte inesperada. Apoderara-se dele com voracidade; — e por causa dele abandonara a literatura, o socialismo, “as doutrinas consoladoras e as utopias generosas”, o curso que dava sobre a *Dessubalternização da mulher,* tudo, até Delmar; finalmente, propusera casamento a Dussardier.

Embora ela fosse sua amante, ele não lhe tinha amor nenhum. Além disso, não esquecera o roubo. Por outro lado, ela era demasiado rica. Recusou. Então ela contou-lhe, em lágrimas, os projetos que fizera: era de se juntarem para abrir uma loja de roupas feitas. Ela tinha os fundos indispensáveis para começar, que seriam aumentados de quatro mil francos na semana seguinte; e contou a penhora feita contra a Marechala.

Dussardier ficou descontente, por causa do amigo. Lembrava-se da charuteira que ele lhe oferecera na delegacia, dos serões no cais Napoléon, das boas conversas, dos livros emprestados, das mil gentilezas de Frédéric. Pediu à Vatnaz para desistir.

Ela fez pouco da sua bonomia, manifestando um ódio incompreensível contra Rosanette; e até só desejava ser rica para mais tarde esmagá-la com o seu luxo.

Estes abismos de maldade aterraram Dussardier; e, quando soube o dia certo da venda, saiu. No dia seguinte pela manhã, entrou em casa de Frédéric com ar embaraçado:

— Tenho que pedir-lhe desculpas.

— Mas por quê?

— Deve achar que sou um ingrato, já que é... — Balbuciava. — Oh! Nunca mais a quero ver, não serei cúmplice dela! — E como Frédéric o fitasse, muito surpreendido: — Não é verdade que os móveis da sua amante vão ser vendidos, dentro de três dias?

— Quem lhe disse isso?

— Ela mesma, a Vatnaz! Mas tenho receio de ofendê-lo...

— Impossível, caro amigo!

— Ah! Bem sei, você é tão bondoso!

E, discretamente, estendeu-lhe uma carteirinha de couro.

Eram quatro mil francos, todas as suas economias.

— Como! Ah! Não!... Não!

— Bem sabia que o ia ferir — replicou Dussardier, com uma lágrima no canto do olho.

Frédéric apertou-lhe a mão; e o excelente jovem insistiu, numa voz dolente:

— Aceite! Dê-me esse prazer! Sinto-me tão desesperado! Aliás, não é verdade que tudo acabou? Julguei, quando veio a revolução, que todos iam ser felizes. Lembra-se de como tudo era belo? Como se respirava à vontade! Mas eis-nos caídos mais baixo que nunca.

E, pondo os olhos no chão:

— Agora, estão matando a nossa República[7], tal como deram cabo da outra, da romana! E a pobre Veneza, a pobre Polônia, a pobre Hungria! Que coisas abomináveis! Para começar, deitaram abaixo as árvores da liberdade[8], depois restringiram o direito de voto[9], fecharam os clubes, restabeleceram a censura e entregaram o ensino aos padres[10], enquanto não vinha a Inquisição. Por que não? Pois não há conservadores que pedem a vinda dos Cossacos?[11] Condenam-se os jornais quando falam contra a pena de morte, Paris está cheio de baionetas, dezesseis departamentos acham-se em estado de sitio; e a anistia foi mais uma vez negada!

Deixou cair a cabeça nas mãos; depois, abrindo os braços, num grande desânimo:

— Se todavia se tentasse alguma coisa! Se houvesse boa-fé seria possível um entendimento! Mas qual! Os operários não são melhores que os burgueses, é o que é! Recentemente, em Elbeuf, recusaram o seu auxílio para apagar um incêndio. Há miseráveis que chamam aristocrata a Barbès! Para que se faça pouco do povo, querem nomear para a presidência Nadaud[12], um pedreiro, imagine! E não há nada a fazer! Não há solução! Todos estão contra nós! Eu nunca fiz mal a ninguém; e, contudo, é como se tivesse um peso no estômago. Acabo por ficar louco, se isto continua. Dá-me vontade de me deixar matar. Garanto-lhe que não preciso do dinheiro! Depois devolve-me, é claro! É um empréstimo.

Frédéric, constrangido pela necessidade, acabou por aceitar os quatro mil francos. Assim, do lado da Vatnaz, já não tinham mais preocupações.

Mas Rosanette, daí a pouco, perdeu o processo contra Arnoux, e queria apelar, por teimosia.

Deslauriers extenuava-se para fazê-la compreender que a promessa de Arnoux não constituía nem uma doação nem uma cedência legal; ela nem sequer o escutava, achando a lei injusta; era por ela ser mulher, os homens defendiam-se uns aos outros! Por fim, todavia, seguiu-lhe os conselhos.

Ele sentia-se tão à vontade que trouxe diversas vezes Sénécal para jantar. Frédéric não gostava desta sem-cerimônia; emprestava-lhe dinheiro, fazia-o até vestir-se no seu alfaiate; e o advogado dava as suas casacas velhas ao socialista, cujos meios de vida ninguém conhecia.

Contudo, Deslauriers queria ser útil a Rosanette. Um dia, como esta lhe mostrasse doze ações da Companhia do Caolino (aquela empresa por causa da qual Arnoux fora condenado a pagar trinta mil francos), disse-lhe:

— Mas são fraudulentas! É magnífico!

Ela teria o direito de o intimar a fazer o reembolso dos títulos. Começaria por provar que ele era solidariamente obrigado a pagar todo o passivo da companhia, visto ter declarado coletivas as dívidas pessoais, e finalmente que dilapidara diversos títulos da Sociedade.

— Tudo isto o torna incurso no crime de falência fraudulenta, artigos 586 e 587 do Código Comercial; e havemos de apanhá-lo, pode ter a certeza, minha linda.

Rosanette atirou-se-lhe ao pescoço. No dia seguinte, ele recomendou-a ao seu antigo patrão, por ele próprio não poder tomar conta do processo, pois precisava ir a Nogent; Sénécal lhe escreveria, em caso de urgência.

As suas negociações para a compra de um cartório não passavam de pretexto. Passava o tempo em casa do Senhor Roque, onde começara, não só por fazer o elogio de Frédéric, mas por lhe imitar tanto quanto possível as maneiras e a linguagem, o que lhe valera a confiança de Louise, ao mesmo tempo em que ganhava a do pai, vociferando contra Ledru-Rollin.

Se Frédéric não voltava, era porque frequentava a alta sociedade; e a pouco e pouco Deslauriers foi-lhes dizendo que ele amava alguém, que tinha um filho, que mantinha uma criatura.

O desespero de Louise foi imenso, e não menor a indignação da Senhora Moreau. Via o filho precipitando-se para o fundo de um vago abismo, sentia-se ferida na sua religião das conveniências, como se se tratasse de uma desonra pessoal, quando de súbito a sua fisionomia se modificou. Às perguntas que lhe faziam a respeito de Frédéric, respondia com ar sutil:

— Vai bem, muito bem.

Tinha sabido do seu casamento com a Senhora Dambreuse.

A data estava marcada; e ele procurava até descobrir como fazer aceitar o fato a Rosanette.

Em meados do outono, esta ganhou o processo relativo às ações do caolino; Frédéric soube-o ao encontrar à sua porta Sénécal, que acabava de sair da audiência.

Arnoux tinha sido considerado cúmplice de todas as fraudes; e o antigo explicador tinha um ar de tal satisfação ao anunciar isso que Frédéric não o deixou ir mais longe, garantindo-lhe que se encarregava de transmitir o recado. E entrou em casa dela com um ar irritado.

— Bem, podes dar-te por satisfeita!

Mas, sem prestar atenção a estas palavras:

— Olha!

E Rosanette mostrava-lhe o filho, deitado no berço, junto da lareira.

Encontrara-o tão doente pela manhã, em casa da ama, que o trouxera para Paris.

Todos os seus membros estavam extraordinariamente emagrecidos, e tinha os lábios cobertos de manchas brancas, e que no interior da boca pareciam de leite coalhado.

— Que disse o médico?

— Ah! O médico! Acha que a viagem lhe agravou o... já não sei, um nome em *ite*... em suma, que ele está com sapinhos. Sabes o que é?

— Frédéric não hesitou em responder: “Certamente”, acrescentando que não era nada.

Mas, à noite, ficou aterrado com o aspecto débil da criança, e a progressão daquelas manchas azuladas, que pareciam mofo, como se a vida, abandonando já aquele pobre corpinho, só tivesse deixado uma matéria na qual a vegetação crescia. Tinha as mãos frias; já não podia beber; e uma outra ama, que o porteiro fora buscar, ao acaso, a uma agência, repetia:

— Acho-o bem malzinho, bem malzinho!

Rosanette passou a noite toda em claro.

Pela manhã foi chamar Frédéric.

— Vem ver. Ele já não se mexe.

Com efeito, estava morto. Agarrou-o, sacudiu-o, apertou-o contra si, chamando-o com os nomes mais carinhosos, cobria-o de beijos, soluçando, girava pelo quarto, desorientada, arrancando os cabelos, aos gritos; — e deixou-

se cair na beira do divã, onde ficou, de boca entreaberta, enquanto as lágrimas lhe saltavam aos borbotões dos olhos esgazeados. Depois caiu num torpor, e tudo ficou quieto no apartamento. Havia móveis derrubados. Dois ou três panos estavam caídos no chão. Deram seis horas. A lamparina apagou-se.

Olhando para tudo aquilo, Frédéric julgava sonhar. A angústia apertava-lhe o coração. Tinha a impressão de que aquela morte era apenas um começo, por trás do qual uma infelicidade maior espreitava.

De repente, Rosanette disse, numa voz meiga:

— Vamos conservá-lo, não é verdade?

Queria mandar embalsamá-lo. Muitas razões se opunham a isso. Sobretudo, achava Frédéric que não era possível, com crianças daquela idade. Mais valia mandar fazer um retrato. Rosanette aceitou a ideia. Frédéric escreveu um bilhete a Pellerin, e Delphine correu à casa deste.

Pellerin não se fez esperar, querendo apagar com esse zelo qualquer lembrança da maneira como se comportara. Começou por dizer:

— Pobre anjinho! Ah! Meu Deus, que desgraça!

Mas, a pouco e pouco (o artista nele levando a melhor), declarou não ser possível fazer nada com aqueles olhos arroxeados, aquele rosto lívido, o que era uma autêntica natureza-morta — só com muito talento; e murmurava:

— Oh! Nada fácil, nada fácil!

— Desde que fique parecido... — objetou Rosanette.

— Eh! Que me importa a semelhança? Abaixo o Realismo! O que se pinta é o espírito! Deixe-me em paz! Vou ver se imagino como devia ser.

E pôs-se a refletir, a testa apoiada na mão esquerda, o cotovelo na direita; depois, subitamente:

— Ah! Tive uma ideia! Um pastel! Com as meias-tintas lançadas com leveza, pode-se conseguir um belo modelado, só nos contornos.

Mandou a criada buscar a caixa de tintas; depois, com uma cadeira debaixo dos pés, e outra ao lado, começou pintando largos traços, tão calmo como se estivesse a trabalhar diante de um modelo. Elogiava os S. Joõezinhos[13] de Corrégio, a Infanta Rosa, de Velásquez[14], as carnações leitosas de Reynolds, a distinção de Lawrence, e sobretudo a criança de cabelos compridos que está no colo de Lady Glower.

— Aliás, haverá coisa mais encantadora do que esses bichinhos? O tipo do sublime (Rafael provou-o com as suas Madonas) não será a mãe com o filho?

Rosanette, sufocada, saiu do quarto; e Pellerin disse logo:

— E o Arnoux, hein? Sabe o que aconteceu?

— Não! Que foi?

— Aliás, não podia acabar de outra maneira!

— Mas que aconteceu?

— Talvez ele esteja neste momento... Perdão!

O artista levantou-se para pôr a cabeça do pequenino cadáver mais alta.

— Você dizia... — inquiriu Frédéric.

E Pellerin semicerrando os olhos para tomar melhor as medidas:

— Dizia que o nosso amigo Arnoux talvez esteja, a esta hora, na cadeia!

Em seguida, com ar de satisfação:

— Olhe para isto! Não está bom?

— Excelente! Mas Arnoux?

Pellerin pousou o lápis.

— Segundo pude compreender, foi processado por um tal Mignot, um amigo íntimo de Regimbart, grande cabeça, não é? Que idiota! Imagine que um dia...

— Homem! Não se trata agora de Regimbart!

— É verdade. Pois bem, Arnoux tinha que arranjar, ontem à noite, doze mil francos, senão estava perdido.

— Oh! Não será exagero? — disse Frédéric.

— De maneira nenhuma! Pareceu-me coisa grave, muito grave!

Nesse momento, Rosanette reapareceu, com as maçãs do rosto muito vermelhas, como se as tivesse pintado. Aproximou-se do esboço e ficou a olhá-lo. Pellerin fez sinal de que não dizia mais nada por causa dela. Mas Frédéric, sem prestar atenção:

— Contudo, não posso crer...

— Repito-lhe que o encontrei ontem — disse o artista — às sete da tarde, na Rua Jacob. Até trazia o passaporte, por precaução; e disse que ia embarcar para o Havre, ele e a família toda.

— O quê! Com a mulher?

— Certamente! Um bom pai de família como ele não ia viver sozinho.

— Mas tem certeza...

— Pudera! Onde pensa que ele podia descobrir doze mil francos?

Frédéric deu duas ou três voltas no quarto, ofegante, mordendo os lábios, depois agarrou no chapéu.

— Aonde vais? — disse Rosanette.

Ele não disse nada, e desapareceu.

V

Precisava arranjar doze mil francos, ou nunca mais veria a Senhora Arnoux. Até aquele momento, conservara uma esperança inabalável. Não era ela como que a substância do seu coração, a própria essência da sua vida? Durante alguns minutos ficou parado no passeio, titubeante, roído de angústias, feliz, todavia, por já não estar em casa da outra.

Onde arranjar dinheiro? Frédéric não ignorava quanto é difícil consegui-lo de um momento para o outro, seja por que preço for. Só uma pessoa o podia ajudar, a Senhora Dambreuse. Ela tinha sempre na escrivaninha algumas notas de banco. Dirigiu-se à casa dela; e, num tom decidido:

— Tens doze mil francos que me possas emprestar?

— Para quê?

Era segredo de outra pessoa. Ela queria saber de quem. Frédéric não cedeu. Ambos se obstinaram. Por fim, ela declarou que não daria nada, sem saber para que fim. Frédéric ficou muito vermelho. Um dos seus camaradas tinha cometido um roubo. A quantia tinha de ser restituída naquele mesmo dia.

— Quem foi? O nome? Vamos, o nome?

— Dussardier!

E ajoelhou aos pés dela, suplicando-lhe que nada dissesse.

— Que ideia fazes de mim? — replicou a Senhora Dambreuse. — Até parece seres tu o culpado. Deixa-te desses ares trágicos! Pronto, aqui os tens! E que lhe sirvam!

Correu à casa de Arnoux. O comerciante não estava no estabelecimento. Mas continuava a morar na Rua Paradis, porque tinha dois domicílios.

Na Rua Paradis, o porteiro jurou que o Senhor Arnoux se achava ausente desde a véspera; quanto à senhora, não sabia dizer nada; e Frédéric, tendo subido

as escadas num salto, encostou o ouvido à fechadura. Finalmente, vieram abrir. A senhora tinha partido com o patrão. A criada ignorava quando voltariam; tinham-lhe pago o ordenado, e ela própria se ia embora.

De repente, ouviu-se um estalido na porta.

— Está aí alguém?

— Não, meu senhor! É o vento!

Então foi-se embora. Fosse como fosse, um desaparecimento tão súbito tinha algo de inexplicável.

Talvez Regimbart, sendo amigo de Mignot, pudesse esclarecê-lo? E Frédéric fez-se conduzir a Montmartre à Rua de l'Empereur.

A casa de Regimbart era rodeada por um jardinzinho, fechado por uma grade coberta de placas de ferro. Três degraus de entrada davam relevo à fachada branca; e, do passeio, viam-se as duas salas do rés-do-chão, um salão, com vestidos espalhados por cima dos móveis, e uma sala em que trabalhavam as costureiras da Senhora Regimbart.

Todas elas estavam convencidas de que o Senhor Regimbart tinha importantes ocupações, grandes relações, que era um homem inteiramente fora do comum. Quando ele atravessava o corredor, com aquele rosto comprido, de casaca verde, interrompiam o trabalho. Aliás, ele nunca deixava de lhes dirigir algumas palavras de estímulo, qualquer gentileza em forma sentenciosa; mais tarde, quando casavam, sentiam-se infelizes, porque o tinham tomado como seu ideal.

Nenhuma, contudo, o amava como a Senhora Regimbart, mulherzinha inteligente, que o sustentava com o seu trabalho.

Mal o Senhor Moreau disse quem era, ela veio recebê-lo com presteza, pois sabia, pelos criados, o que ele era da Senhora Dambreuse. O marido "não ia tardar"; e Frédéric, seguindo-a, admirou a maneira como a casa estava cuidada e a profusão de oleados que havia. Depois esperou alguns minutos, numa espécie de escritório para onde o Cidadão se retirava para pensar.

O seu acolhimento foi menos rebarbativo do que habitualmente.

Contou a história de Arnoux. O ex-fabricante de louça intrujara Mignot, um patriota, possuidor de cem ações do *Siècle*, demonstrando-lhe ser necessário, do ponto de vista democrático, mudar a gerência e a redação do jornal; e, a pretexto de fazer triunfar o seu parecer na própria Assembleia geral, pedira-lhe cinquenta ações, dizendo-lhe que ia entregá-las a amigos de confiança, os quais lhe apoiariam a proposta; Mignot não teria a menor responsabilidade, não precisaria zangar-se com ninguém; depois, obtida a vitória, conseguir-lhe-ia na

administração um bom lugar, de cinco ou seis mil francos, pelo menos. Tinham-lhe sido entregues as ações. Mas Arnoux vendera-as imediatamente; e, com esse dinheiro, associara-se a um negociante de objetos religiosos. Vieram, então, as reclamações de Mignot e as evasivas de Arnoux; por fim, o patriota ameaçara-o com uma queixa por extorsão, se ele não restituísse os títulos ou a quantia equivalente: cinquenta mil francos.

Frédéric tinha um ar desesperado.

— Mas não é tudo — disse o Cidadão. — Mignot, que é uma excelente pessoa, aceitava a quarta parte. Novas promessas do outro, novas intrujices, é claro. Em resumo, anteontem pela manhã, Mignot intimara-o a entregar-lhe, dentro de vinte e quatro horas, sem prejuízo do restante, doze mil francos.

— Mas eu tenho-os aqui! — disse Frédéric.

O Cidadão voltou-se lentamente:

— Brincalhão!

— Perdão! Tenho-os aqui no bolso. Ia levar-lhos.

— Você é eficiente, com a breca! Mas é demasiado tarde; a queixa foi apresentada, e Arnoux partiu.

— Sozinho?

— Não! Com a mulher. Viram-nos na estação do Havre.

Frédéric empalideceu extraordinariamente. A Senhora Regimbart pensou que ele fosse desmaiar. Dominou-se, e teve até forças para fazer duas ou três perguntas, ao acaso. Regimbart achava o caso lamentável, afinal, tudo aquilo prejudicava a Democracia. Arnoux tivera sempre uma conduta irregular e desordenada.

— Uma autêntica cabeça de vento! Gastava sem peso nem medida! As saias perderam-no! Não é dele que eu tenho pena, mas da mulher! — porque o Cidadão admirava as mulheres virtuosas, e tinha em grande estima a Senhora Arnoux. — Ela deve ter sofrido um pedaço!

Frédéric ficou-lhe grato por aquela simpatia; e, como se ele lhe tivesse prestado um serviço, apertou-lhe efusivamente a mão.

— Tomaste todas as providências necessárias? — disse Rosanette ao vê-lo.

Não tivera coragem, respondeu Frédéric, e andara ao acaso, pelas ruas, para se atordoar.

Às oito horas, passaram à sala de jantar; mas ficaram calados, um na frente do outro, soltando de quando em quando um suspiro profundo, sem tocar na comida. Frédéric pôs-se a beber aguardente. Sentia-se esmagado, aniquilado, sem consciência de mais nada além de uma extrema fadiga.

Rosanette foi buscar o retrato. O vermelho, o amarelo, o verde e o índigo chocavam-se em manchas violentas, tornando-o uma coisa hedionda, quase risível.

Aliás, o pequenino cadáver estava já irreconhecível. O tom violáceo dos lábios tornava a pele ainda mais branca; as narinas tinham-se afilado, os olhos afundavam-se nas órbitas; e a cabeça repousava sobre um travesseiro de tafetá azul, entre pétalas de camélias, rosas de outono e violetas; a ideia fora da criada de quarto; tinham-no arranjado assim, com devoção. A lareira, coberta por um pano rendado, estava ornamentada com candelabros de prata dourada, alternando com ramos de buxo bento; nas extremidades, em dois vasos, ardiam pastilhas odoríferas; tudo aquilo formava, com o berço, uma espécie de capela; e Frédéric lembrou-se do velório do Senhor Dambreuse.

Mais ou menos de quarto em quarto de hora, Rosanette abria as cortinas para contemplar o filho. Imaginava-o dentro de alguns meses, começando a andar, depois no colégio, no meio do recreio, jogando barra; depois, aos vinte anos, na juventude; e todas estas imagens, que fantasiava, representavam-lhe outros tantos filhos que tivesse perdido — o excesso do sofrimento multiplicava a maternidade.

Imóvel, na outra poltrona, Frédéric pensava na Senhora Arnoux.

Estava certamente viajando de trem, o rosto junto da vidraça de um vagão, vendo os campos ficar para trás, do lado de Paris, ou então no tombadilho de um barco a vapor, como da primeira vez que a tinha encontrado; mas este afastava-se interminavelmente, a caminho de regiões de onde ela não voltaria mais. Depois via-a no quarto de uma estalagem, com malas pelo chão, o papel das paredes em frangalhos, a porta sacudida pela ventania. E depois? Que iria ser dela? Mestra, dama de companhia, criada de quarto, quem sabe? Estava abandonada a todas as vicissitudes da miséria. A ignorância sobre o seu destino torturava-o. Devia ter-se oposto a essa fuga, ou partir em sua perseguição. Não era ele o seu verdadeiro esposo? E, pensando que nunca mais a encontraria, que tudo estava acabado, e ela irremediavelmente perdida, sentia todo o ser dilacerado; as lágrimas que se vinham acumulando desde manhã transbordaram.

Rosanette viu-as.

— Ah! Choras, como eu! Estás sofrendo?

— Ah! Sim! Estou!...

Apertou-a de encontro ao peito, e os dois ficaram soluçando, abraçados.

Também a Senhora Dambreuse chorava, deitada na cama, apertando a cabeça com as mãos.

Olympe Regimbart tinha vindo à noite, provar o seu primeiro vestido de cor, e contara a visita de Frédéric, e até que ele tinha doze mil francos destinados ao Senhor Arnoux.

Então aquele dinheiro, o seu dinheiro, era para impedir que a outra se fosse embora, para não perder a amante!

A princípio teve um ataque de raiva: estava decidida a escorraçá-lo como um lacaio. Lágrimas em abundância acalmaram-na. Mais valia fingir, não dizer nada.

No dia seguinte, Frédéric foi devolver-lhe os doze mil francos.

A Senhora Dambreuse insistiu para que ele os conservasse, em caso de necessidade, para o amigo, e fez-lhe muitas perguntas sobre esse cavalheiro. Quem o arrastara a cometer esse abuso de confiança? Uma mulher, sem dúvida! As mulheres conduzem os homens a todos os crimes.

Aquele tom de ironia deixou Frédéric desconcertado. Sentiu um grande remorso por sua calúnia. O que o tranquilizava era a impossibilidade de vir a Senhora Dambreuse a saber da verdade.

Ela, contudo, obstinou-se; porque, dois dias depois, tornou a perguntar-lhe pelo amigo, e por um outro, Deslauriers.

— É um homem inteligente, no qual se possa confiar?

Frédéric gabou-o muito.

— Pede-lhe para passar por cá um dia destes; desejava consultá-lo por causa de um negócio.

Tinha encontrado um rolo de papéis que continham letras de Arnoux perfeitamente protestadas, e que tinham a assinatura da Senhora Arnoux. Fora por causa delas que Frédéric viera uma vez à casa do Senhor Dambreuse, à hora do almoço; e, embora o capitalista tivesse desistido de promover essa cobrança, fizera com que o Tribunal do Comércio condenasse, não só a Arnoux, mas também à mulher, que o ignorava, pois o marido não achara conveniente informá-la.

Aquilo era uma arma! A Senhora Dambreuse tinha a certeza. Mas o seu notário talvez lhe aconselhasse a não tocar no assunto; ela preferia uma pessoa obscura; e lembrara-se daquele sujeito, de ar descarado, que lhe oferecera os seus préstimos.

Frédéric deu-lhe ingenuamente o recado.

O advogado ficou encantado por se ver em contato com aquela grande dama, e acorreu.

Ela preveniu-o de que a herança pertencia à sobrinha, o que era mais um

motivo para liquidar essas dívidas, que reembolsaria, empenhada em ofuscar o casal Martinon com a lisura do seu procedimento.

Deslauriers compreendeu que havia ali algum mistério; meditava, considerando as letras. O nome da Senhora Arnoux, traçado pela própria mão dela, fez-lhe evocar a pessoa inteira, e o ultraje que dela recebera. Se a vingança se lhe oferecia, não ia deixá-la fugir.

Assim, aconselhou a Senhora Dambreuse a pôr em leilão as dívidas irrecuperáveis que dependiam da sucessão. Um testa de ferro comprava-as de segunda mão, e instaurava o processo. Ele se encarregava de arranjar o homem.

Quase no fim de novembro, Frédéric, ao passar diante da casa da Senhora Arnoux, ergueu os olhos para as janelas e reparou num edital afixado na porta, onde se lia em grandes letras:

"Venda de um rico mobiliário, consistindo em bateria de cozinha, roupa de uso e de mesa, camisas, rendas, saias de baixo, calças, sedas francesas e da índia, um piano Erard, dois baús de carvalho Renascença, espelhos de Veneza, porcelana da China e do Japão".

"É a mobília deles!", disse Frédéric de si para si; e o porteiro confirmou-lhe a suspeita.

Quanto à pessoa que ordenava a venda, nada sabia. Mas o leiloeiro, o notário Berthelmot, talvez pudesse informar.

O funcionário ministerial não quis dizer, a princípio, quem era o credor que promovia a venda; Frédéric insistiu. Era um certo Sénécal, agente de negócios; e o Senhor Berthelmot levou a gentileza a ponto de emprestar o seu jornal dos "Pequenos Anúncios".

Chegando em casa de Rosanette, Frédéric atirou-o aberto para cima da mesa.

— Lê isto!

— E então, que tem? — disse ela, com uma expressão de tal placidez que ele se indignou.

— Ah! Deixa de te fazer de ingênua!

— Não compreendo.

— És tu que mandas vender as coisas da Senhora Arnoux?

Ela tornou a ler o anúncio.

— Onde está o nome dela?

— Ora! É a mobília dela! Sabes disso melhor que eu!

— Que me importa? — disse Rosanette, encolhendo os ombros.

— Que te importa? Mas estás te vingando, eis tudo! É o resultado das tuas perseguições! Pois não a ultrajaste a ponto de ir à casa dela? Tu, uma ínfima

criatura. A mulher mais santa, mais encantadora, a melhor de todas! Por que te encarniças em querer a sua ruína?

— Estás enganado, garanto-te!

— Ora vamos! Como se não estivesse metido nisso o Sénécal!

— Que disparate!

Frédéric perdeu a cabeça.

— Mentes! Mentes! Miserável. Tens ciúmes dela. Conseguiste uma condenação contra o marido! O Sénécal já andou metido nos teus negócios! Ele detesta Arnoux, os vossos dois ódios entendem-se. Vi a alegria dele quando ganhaste o processo por causa do caolino. Vais negar isso, também?

— Dou-te a minha palavra...

— Oh! Conheço-a, a tua palavra!

E Frédéric recordou-lhe os nomes dos amantes, com pormenores circunstanciados. Rosanette, muito pálida, recuava.

— Admiras-te! Julgavas-me cego, por eu fechar os olhos. Hoje, estou farto! Não se morre das traições de uma mulher da tua espécie. Quando se tornam monstruosas demais, a gente afasta-se; quem as castigasse, degradava-se!

Ela torcia os braços.

— Meu Deus, mas quem o pôs assim?

— Ninguém, senão tu própria!

— E tudo isso por causa da Senhora Arnoux!... — exclamou Rosanette, chorando.

Frédéric retorquiu friamente:

— Nunca amei senão a ela!

A este insulto as lágrimas de Rosanette secaram.

— Isso mostra o teu bom gosto! Uma mulher madura, com uma tez cor de cera, de cintura grossa, uns olhos que parecem os respiradouros de uma adega, e vazios como eles! Pois se gostas, vai ter com ela!

— Era o que eu queria ouvir! Obrigado!

Rosanette ficou imóvel, estupefata perante aqueles modos incompreensíveis. Deixou mesmo que a porta se fechasse; depois de um salto, foi agarrá-lo no vestíbulo, e abraçando-o:

— Mas estás louco! Estás louco! É absurdo! Amo-te! — e suplicava-lhe: — Meu Deus, em nome do nosso filhinho!

— Confessa que foste tu quem tramou o negócio! — disse Frédéric.

Ela tornou a protestar a sua inocência.

— Não queres confessar?

— Não!

— Pois bem, adeus! E para sempre!

— Escuta!

Frédéric voltou-se.

— Se me conhecesses melhor, saberias que a minha decisão é irrevogável.

— Oh! Hás de voltar!

— Nunca mais!

E bateu a porta com violência.

Rosanette escreveu a Deslauriers que precisava vê-lo imediatamente.

Ele chegou cinco dias depois à noite; e depois de ela lhe ter contado a ruptura:

— É só isso! Olha a grande desgraça!

Rosanette julgara a princípio que ele poderia fazer voltar Frédéric; mas agora tudo estava perdido. Soubera, pelo porteiro, do próximo casamento dele com a Senhora Dambreuse.

Deslauriers pregou-lhe moral, mostrou-se até excepcionalmente alegre, brincalhão; e, como era muito tarde, pediu licença para passar a noite numa poltrona. Depois, na manhã seguinte, partiu de novo para Nogent, avisando-a de que não sabia se tornaria a vê-la; talvez dentro em breve houvesse uma grande mudança na vida dele.

Duas horas depois do seu regresso, a cidade estava em rebuliço. Dizia-se que o Senhor Frédéric ia casar com a Senhora Dambreuse. Finalmente, as três senhoritas Auger, não se contendo mais, dirigiram-se à casa da Senhora Moreau, que confirmou orgulhosamente a novidade. O Senhor Roque ficou doente. Louise fechou-se em casa.

Entretanto, Frédéric não conseguia esconder a sua tristeza. A Senhora Dambreuse, sem dúvida para distraí-lo, redobrava as atenções. Todas as tardes passeava na sua carruagem; e, uma vez que ia passando na Praça da Bolsa, ela teve a lembrança de entrar no palácio dos leilões, para se divertir.

Era dia 1º de dezembro, aquele mesmo em que seria efetuada a venda da Senhora Arnoux[1]. Frédéric lembrou-se da data, e manifestou pouca vontade, dizendo que aquele lugar era intolerável, por causa da multidão e do barulho. Ela queria dar apenas uma vista de olhos. O cupê deteve-se. Não teve remédio senão acompanhá-la.

No pátio, viam-se lavatórios sem bacia, armações de poltronas, cestas velhas, cacos de porcelana, garrafas vazias, colchões; e homens de avental e sobrecasaca suja, cobertos de poeira, as caras ignóbeis, alguns com sacos de linhagem ao

ombro, conversavam em grupos separados, ou apostrofavam-se ruidosamente.

Frédéric objetou a inconveniência de passar adiante.

— Ora!

E subiram as escadas.

Na primeira sala, à direita, cavalheiros, de catálogo na mão, examinavam quadros; noutra, vendia-se uma coleção de armas chinesas; a Senhora Dambreuse quis descer. Ia olhando os números por cima das portas, e levou-o até uma sala cheia de gente, na extremidade do corredor.

Frédéric reconheceu imediatamente as duas prateleiras da *Art industriel*, a mesa de costura, todos os móveis! Arrumados ao fundo, segundo a altura, formavam uma grande pilha, que ia do chão às janelas. E, nas outras paredes da sala, pendiam a toda a volta os tapetes e os reposteiros. Embaixo, havia degraus ocupados por homens idosos, que cabeceavam. À esquerda erguia-se uma espécie de balcão, onde o leiloeiro, de laço branco, brandia delicadamente um martelinho. A seu lado, um jovem escrevia; e, mais adiante, de pé, um moço forte, com ar de caixeiro-viajante, anunciava aos gritos os móveis em leilão. Três jovens traziam-nos para cima de uma mesa, em volta da qual havia uma fila de ferros velhos e adeleiras. A multidão circulava por trás deles.

Quando Frédéric entrou, as anáguas, os fichus, os lenços e até as camisas passavam de mão em mão, eram virados e revirados; por vezes, atiravam-nos de longe, e alvuras atravessavam o ar, subitamente. Em seguida, puseram à venda os vestidos dela, depois um dos chapéus, do qual pendia uma pena partida, depois suas peles, depois três pares de botinas; — e a partilha daquelas relíquias, que lhe sugeriam confusamente as formas dela, parecia-lhe uma atrocidade, como se visse corvos dilacerando-lhe o cadáver. A atmosfera da sala, pesada de hábitos, agoniava-o. A Senhora Dambreuse ofereceu-lhe o seu frasquinho de sais; divertia-se muito, dizia.

Foram expostos os móveis do quarto de dormir.

O Senhor Berthelmot anunciava um preço. O pregoeiro repetia-o mais alto, imediatamente; e os três carregadores esperavam tranquilamente a pancada do martelo, e levavam o móvel para uma sala contígua. Assim foram desaparecendo, uns após outros, o grande tapete azul matizado de camélias, que os seus pés delicados pisavam quando vinha ao encontro dele, a poltroninha estofada em que se sentava sempre diante dela, quando estavam sós; os dois para-fogos da lareira, cujo marfim se tornara mais suave ao contato das suas mãos; uma bola de veludo, ainda eriçada de alfinetes. Era como se fossem levando pedaço a pedaço o seu coração: e a monotonia das mesmas vozes, dos

mesmos gestos, entorpecia-o de fadiga, fazia-lhe sentir um torpor, uma dissolução fúnebres.

Junto da sua orelha houve um roçagar de seda; era Rosanette que lhe tocava.

Tivera conhecimento do leilão pelo próprio Frédéric. Passado o desgosto, viera-lhe a ideia de tirar proveito dele. Acabava de chegar para vê-lo, num corpete de cetim branco com botões de pérola, um vestido cheio de folhos, luvas justas, ar triunfante.

Frédéric empalideceu de cólera. Ela olhou para a mulher que o acompanhava.

A Senhora Dambreuse tinha-a reconhecido; e, durante um minuto, as duas olharam-se de alto a baixo, para descobrir o defeito, a tara, — uma invejando talvez a juventude da outra, esta despeitada pelo extremo bom gosto, pela simplicidade aristocrática da rival.

Por fim, a Senhora Dambreuse desviou os olhos, com um sorriso de indizível insolência.

O pregoeiro abrira um piano — o piano dela! Permanecendo de pé, tocou uma escala com a mão direita, e pôs o instrumento em praça por mil e duzentos francos, descendo depois para mil, para oitocentos, para setecentos.

A Senhora Dambreuse, com ar jocoso, fazia troça do fraco instrumento.

Puseram diante dos ferros velhos um cofrezinho com medalhões, de cantos e fechos de prata, o mesmo que ele vira no primeiro jantar na Rua de Choiseul que depois estivera em casa de Rosanette, e voltara para a da Senhora Arnoux; muitas vezes, enquanto conversavam, os seus olhos tinham pousado nele; estava ligado às mais queridas recordações de Frédéric, e a alma desfalecia-lhe de emoção quando a Senhora Dambreuse disse de repente:

— Vou comprá-lo!

— Mas não tem interesse — retorquiu ele.

Pelo contrário, ela achava-o muito bonito; e o pregoeiro gabava-lhe a delicadeza:

— Uma joia do Renascimento! Oitocentos francos, meus senhores! Quase inteiramente de prata! Com um pouco de alvaiade ficará brilhante!

E enquanto ela abria caminho por entre a multidão:

— Que estranha ideia! — disse Frédéric.

— Aborrece-o?

— Não! Mas que se pode fazer dessa bugiganga?

— Quem sabe? Talvez guardar cartas de amor!

E lançou-lhe um olhar que tornava a alusão bem clara.

— Mais uma razão para não despojar os mortos dos seus segredos.

— Não a julgava tão morta. — E acrescentou em voz clara: — Oitocentos e oitenta francos!

— O que está fazendo não é bonito — murmurou Frédéric.

Ela ria.

— Mas, minha querida amiga, é o primeiro favor que lhe peço.

— Sabe que não vai ser um marido amável?

Alguém acabava de cobrir o lanço; ela levantou a mão:

— Novecentos francos!

— Novecentos francos! — repetiu o Senhor Berthelmot.

— Novecentos e dez... e quinze... e vinte.., e trinta! — berrava o pregoeiro, enquanto percorria com os olhos a assistência, fazendo movimentos sacudidos com a cabeça.

— Prove-me que a minha mulher é uma pessoa sensata — disse Frédéric.

E arrastou-a mansamente para a porta.

O leiloeiro continuava:

— Vamos, vamos, meus senhores, novecentos e trinta! Há comprador por novecentos e trinta?

A Senhora Dambreuse, que acabava de chegar ao limiar, parou; e, em voz alta:

— Mil francos!

Houve um movimento entre o público, e depois silêncio.

— Mil francos, meus senhores, mil francos! Ninguém diz nada? Todos viram? Mil francos! — Arrematado!

E o martelo de marfim caiu.

A Senhora Dambreuse mandou o seu cartão, e mandaram-lhe o cofrezinho, que pôs no regalo.

Frédéric sentiu gelar-se-lhe o coração.

Ela não lhe abandonara o braço; e não ousou olhar para ele de frente, até chegarem à rua, onde a carruagem esperava.

Ela atirou-se para dentro como um ladrão em fuga, e, depois de sentada, voltou-se para Frédéric, que tinha o chapéu na mão.

— Não sobe?

— Não, minha senhora!

E, com um cumprimento frio, fechou a portinhola e fez sinal ao cocheiro para seguir.

A princípio, teve uma sensação de alegria e de independência reconquistada.

Sentia-se cheio de orgulho por ter vingado a Senhora Arnoux, sacrificando-lhe uma fortuna; depois ficou espantado com o seu ato, e sentiu um abatimento imenso.

No dia seguinte pela manhã, o criado disse-lhe as novidades. Tinha sido decretado o estado de sítio, a Assembleia fora dissolvida e uma parte dos representantes do povo estava em Mazas[2]. Os assuntos públicos deixaram-no indiferente, tão preocupado estava com os seus próprios.

Escreveu a diversos fornecedores dando contraordem a respeito de várias compras relativas ao casamento, o qual aparecia-lhe aos olhos como uma operação um tanto ou quanto ignóbil; e execrava a Senhora Dambreuse, por ter estado quase a cometer uma baixeza por causa dela. Esquecia a Marechala, nem sequer com a Senhora Arnoux se preocupava, pensando em si, somente em si — perdido entre os escombros dos seus sonhos, doente, cheio de dor e desânimo; e, por ódio ao meio fictício em que tanto sofrera, desejou o frescor da grama, o repouso da província, uma vida sonolenta passada à sombra do teto natal, junto de corações ingênuos. Finalmente, na terça-feira à tarde partiu.

No bulevar estacionavam numerosos grupos. De vez em quando uma patrulha dispersava-os; e tornavam a formar-se, mal ela acabara de passar. Falava-se livremente, vociferava-se contra a tropa, com gracejos e injúrias, mas nada mais.

— Como! Então não se vai lutar? — disse Frédéric a um operário.

O homem de avental respondeu-lhe:

— Só se fôssemos loucos é que nos íamos fazer matar por amor aos burgueses! Eles que se arranjem!

E um respeitável cavalheiro resmungou, olhando de revés para o homem do subúrbio:

— Essa canalha dos socialistas! Se ao menos desta vez se pudesse dar cabo deles!

Frédéric não podia entender tanto rancor e estupidez. Ainda ficou mais enojado de Paris; e, dois dias depois, partiu para Nogent pelo primeiro trem.

As casas não tardaram a desaparecer, e os campos cresceram. Sozinho no vagão, com os pés em cima do banco, meditava sobre os acontecimentos dos últimos dias, e todo o seu passado. Lembrou-se de Louise.

“Essa gostava de mim! Fiz mal em deixar fugir esse amor... Ora, não pensemos mais nisso!”

Mas, cinco minutos depois:

“Contudo, quem sabe?.. Mais tarde, por que não?”

Como o olhar, a sua divagação perdia-se em vagos horizontes.

“Era uma ingênua, uma camponesa quase selvagem, mas como era boa!”

À medida que se aproximava de Nogent, ela ficava mais próxima dele. Ao atravessar os prados de Sourdun, viu-a à sombra dos choupos, como outrora, cortando juncos à beira das poças d’água; chegavam, e desceu.

Depois foi debruçar-se na ponte, para rever a ilha e o jardim onde tinham passeado num dia de sol; — e como o atordoamento da viagem e do ar livre, a fraqueza, que lhe ficara das recentes emoções, lhe dessem uma espécie de exaltação, disse de si para si:

“Talvez tenha saído; se eu fosse ao encontro dela!”.

O sino de Saint-Laurent badalava; via-se na praça, diante da igreja, um ajuntamento de pobres, e uma caleche, a única da terra (que era utilizada para os casamentos), quando, no portal da igreja, de repente, numa onda de burgueses de laço branco, dois recém-casados surgiram.

Julgou estar sofrendo uma alucinação. Mas não! Era mesmo ela, Louise! — de véu branco, que lhe caía do cabelo ruivo até os pés; e era mesmo ele, Deslauriers! — de casaca azul bordada a prata, uniforme de prefeito. Mas por quê?

Frédéric escondeu-se no ângulo de uma casa, para deixar passar o cortejo.

Envergonhado, vencido, esmagado, voltou para a estação, e regressou a Paris.

O cocheiro do fiacre garantiu-lhe que havia barricadas desde o Château d’Eau até o Gymnase, e seguiu pelo *faubourg* Saint-Martin. À esquina da Rua de Provence, Frédéric apeou-se, para tomar o caminho dos bulevares.

Eram cinco horas, e caía uma chuva fina. Viam-se burgueses no passeio do lado da Ópera. As casas fronteiras estavam fechadas. Ninguém às janelas. A toda a largura do bulevar, galopavam os dragões, à rédea solta, inclinados sobre as montadas, de sabre desembainhado; as crinas dos capacetes e as grandes capas brancas, esvoaçando atrás deles, passavam sob a luz dos bicos de gás, que tremelicava ao vento, por entre a névoa. A multidão ficava olhando para eles, muda, aterrada.

Entre as cargas de cavalaria, brigadas de policiais surgiam, para fazer refluir a multidão para as ruas laterais.

Mas, nos degraus de Tortoni, um homem — Dussardier — que se destacava, de longe, pela elevada estatura, permanecia tão imóvel como uma cariátide.

Um dos policiais da frente, de tricórnio caído sobre os olhos, ameaçou-o com a espada.

Então, ele, dando um passo em frente, pôs-se a gritar:

— Viva a República!

Tombou de costas, com os braços cruzados.

A multidão soltou um urro de raiva. O policial circulou os olhos em volta; e Frédéric, pávido, reconheceu Sénécal.

VI

Viajou.

Conheceu a melancolia dos paquetes, o frio despertar sob a tenda de campanha, o atordoamento das paisagens e das ruínas, a amargura das simpatias interrompidas.

Voltou.

Frequentou a sociedade, e teve novos amores. Mas a permanente lembrança do primeiro tornava-os insípidos; e além disso, a veemência do desejo, a própria flor da sensação, já não existia. Também suas ambições espirituais tinham diminuído. Passaram-se os anos; e suportava a ociosidade da sua inteligência e a inércia do seu coração.

Em fins de março de 1867, ao cair da noite, estava sozinho em seu gabinete, quando uma mulher entrou[1].

— A Senhora Arnoux!

— Frédéric!

Ela agarrou-lhe as mãos, puxou-o docemente até a janela, e olhava-o, repetindo:

— É ele! Sim, é ele!

Na penumbra do crepúsculo, só lhe via os olhos, debaixo do véu de renda preta que lhe velava o rosto.

Depois de pousar na borda da lareira uma pequena carteira de veludo cor de vinho, sentou-se. Ambos estavam incapazes de falar, sorrindo um para o outro.

Finalmente, Frédéric fez-lhe uma série de perguntas sobre ela e sobre o marido.

Habitavam nos confins da Bretanha, para viver economicamente e pagar as dívidas. Arnoux, quase sempre doente, parecia agora um velho. A filha estava já

casada em Bordéus, e o filho num regimento, em Mostaganem. Depois, ela ergueu a cabeça:

— Mas torno a vê-lo! Sinto-me feliz!

Ele não deixou de lhe dizer que, ao saber da catástrofe, correra à casa deles.

— Eu soube!

— Mas como?

Tinha-o visto no pátio, e escondera-se.

— Por quê?

Então, numa voz trêmula, e com demorados intervalos entre as palavras:

— Tinha medo! Sim... medo de você... e de mim!

Esta revelação fê-lo sentir como que um arrepio de volúpia. O coração batia-lhe apressadamente. Ela continuou:

— Desculpe por eu não ter vindo antes. — E, indicando a carteira cor de vinho, coberta de palmas de ouro: — Bordei-a em sua intenção, de propósito. Contém aquela quantia que os terrenos de Belleville deviam garantir.

Frédéric agradeceu-lhe o presente, embora censurando-a pelo incômodo que tivera.

— Não! Não foi por causa disso que eu vim! Fazia questão desta visita; depois voltarei... para lá.

E falou-lhe do lugar onde morava.

Era uma casa baixa, de um só pavimento, com um jardim cheio de enormes buxos e uma avenida ladeada de castanheiros que subia até o alto da colina, de onde se via o mar.

— Vou para lá, e sento-me num banco, ao qual dei o nome de banco de Frédéric.

Em seguida pôs-se a olhar os móveis, as bugigangas, os quadros, avidamente, para os fixar na memória. O retrato da Marechala estava meio oculto por um reposteiro. Mas os ouros e os brancos, que sobressaíam no escuro, chamaram-lhe a atenção.

— Parece-me que conheço aquela mulher...

— Impossível! — disse Frédéric. — É uma velha pintura italiana.

Ela confessou o desejo de dar uma volta, pelo seu braço.

Saíram.

A luz dos estabelecimentos iluminava-lhe, a intervalos; o perfil pálido; depois, a sombra novamente a envolvia; e, no meio das carruagens, da multidão e do ruído, seguiam sem se distrair de si próprios, sem nada ouvir, como aqueles que caminham juntos no campo, sobre um leito de folhas mortas.

Contavam um ao outro os dias antigos, os jantares ao tempo da *Art industriel*, as manias de Arnoux, a sua maneira de esticar as pontas do colarinho, de esmagar cosméticos nos bigodes, e outras coisas mais íntimas e profundas. Que emoção ele sentira ao ouvi-la cantar pela primeira vez! Como ela estava bela, no dia da sua festa, em Saint-Cloud! Lembrou-lhe o jardinzinho de Auteuil, as noites de teatro, um encontro no bulevar, antigos criados, a babá preta.

Ela espantava-se da sua memória. Contudo, disse-lhe:

— Às vezes, suas palavras voltam-me como um eco longínquo, como o som de um sino trazido pelo vento; e parece-me tê-lo ali, quando leio passagens de amor nos livros.

— Tudo o que neles se censura como exagerado, senti-o por você, — disse Frédéric. — Compreendo os Werther[2],— aos quais não aborrece o pão com manteiga de Carlota.

— Pobre amigo querido!

Suspirou, e, ao fim de longo silêncio:

— De qualquer modo, amamo-nos muito.

— Mas não pertencemos um ao outro!

— Talvez tenha sido melhor assim — disse ela.

— Não! Não! Que felicidade teria sido a nossa!

— Oh! Acredito, com um amor como o seu!

E devia ser bem forte, para ainda durar ao cabo de tão longa separação!

Frédéric perguntou-lhe como tinha descoberto que ele a amava.

— Foi uma noite em que me beijou o pulso, entre a luva e o punho. Disse de mim para mim: “Mas ele ama-me, ele ama-me”. Tinha medo de ter certeza, contudo. A sua reserva era tão deliciosa, que eu sentia o prazer de uma homenagem involuntária e contínua.

Ele nada lamentava. Os sofrimentos de outrora tinham sido pagos.

Quando voltaram, a Senhora Arnoux tirou o chapéu. O candeeiro, pousado num consolo, iluminou-lhe os cabelos brancos. Foi como se recebesse uma pancada em cheio no peito.

Para lhe esconder essa decepção, Frédéric ajoelhou-se junto aos pés dela e, pegando-lhe nas mãos, começou a dizer-lhe coisas doces.

— A sua pessoa, os seus menores movimentos, tudo me parecia ter no mundo uma importância extra-humana. O meu coração, como se fosse poeira, erguia-se à sua passagem. Era para mim como o luar de uma noite de verão, quando tudo é perfume, sombras suaves, brancuras, infinito; e para mim, todas as delícias da carne e da alma estavam contidas no seu nome, que eu repetia,

procurando beijá-lo nos meus lábios. Mas não imaginava nada para além disso. Era a Senhora Arnoux tal como era então, com os seus dois filhos, meiga, séria, bela de enlouquecer e tão bondosa! Essa imagem apagava todas as outras. Nem pensava em mais nada! Pois não tinha no fundo de mim a música da sua voz e o esplendor dos seus olhos?

Ela recebia com enlevo estas adorações pela mulher que já deixara de ser. Frédéric, embriagado pelas próprias palavras, chegava a acreditar no que estava dizendo. A Senhora Arnoux, de costas para a luz, estava inclinada para ele. Frédéric sentia na testa a carícia do seu hálito, através das roupas o contato vago de todo o seu corpo. As suas mãos estreitaram-se; a ponta da botina saía um pouco além da saia, e ele disse-lhe, quase desfalecendo:

— Ver o seu pé perturba-me.

Um movimento de pudor fê-la erguer-se. Depois, imóvel, e com a entonação singular dos sonâmbulos:

— Na minha idade! Ele! Frédéric!... Nenhuma mulher foi jamais amada como eu! Não, não! Para que serve ser jovem? Bem me importa a mim! Desprezo-as, a todas aquelas que vêm aqui!

— Oh! Não vem nenhuma! — respondeu ele, complacente. O rosto dela iluminou-se, e quis saber se ele se casaria.

Frédéric jurou que não.

— Com certeza? Por quê?

— Por sua causa — disse Frédéric, apertando-a nos braços.

Ela deixou-se ficar, com o busto deitado para trás, de boca entreaberta, o olhar perdido. De súbito, afastou-o com uma expressão de desespero; e, como ele suplicasse uma resposta, ela disse, baixando a cabeça:

— Gostaria de o ter feito feliz.

Frédéric suspeitou que ela tivesse vindo para se oferecer; e teve um desejo dela mais forte que nunca, furioso, enraivecido. Entretanto, sentia algo inexprimível, uma repulsa, como o pavor de um incesto. Outro receio o deteve, o de mais tarde sentir nojo. Aliás, que complicação seria! — e, ao mesmo tempo por prudência e para não degradar o seu ideal, deu meia volta e pôs-se a enrolar um cigarro.

Ela contemplava-o, maravilhada.

— Como é delicado. Só você é assim. Só você.

Deram onze horas.

— Já! — disse ela; — daqui a um quarto de hora, vou-me embora.

Tornou a sentar-se; mas observava o relógio, e ele continuava a andar de um

lado para o outro, fumando. Ambos já nada mais tinham para se dizer. Há um momento, nas separações[3], em que a pessoa amada já não está junto de nós.

Por fim, quando o ponteiro já tinha ultrapassado os vinte e cinco minutos, ela pegou no chapéu pelas fitas, lentamente.

— Adeus, meu amigo, meu querido amigo! Nunca mais o verei! Era o meu último ato de mulher. A minha alma não o deixará mais. Que todas as bênçãos do céu caiam sobre você.

E beijou-o na testa, como uma mãe.

Mas pareceu procurar alguma coisa, e pediu-lhe uma tesoura.

Desfez o penteado; todos os seus cabelos brancos se soltaram.

Brutalmente, pela raiz, cortou uma longa mecha.

— Guarde-os! Adeus!

Depois de ela sair, Frédéric abriu a janela. No passeio, a Senhora Arnoux fazia sinal a um cocheiro para se aproximar. Subiu. A carruagem desapareceu.

E foi tudo.

VII

Em princípios daquele inverno[1], Frédéric e Deslauriers conversavam ao canto da lareira, mais uma vez reconciliados, pela fatalidade da sua natureza que sempre os fazia reunirem-se e gostarem de novo um do outro.

Um explicou sumariamente a briga com a Senhora Dambreuse, que voltara a casar, desta vez com um inglês.

O outro, sem dizer como viera a casar com a Srta. Roque, contou que a mulher fugira, um belo dia, com um cantor. Para contrabalançar o ridículo, comprometera-se na prefeitura por excessos de zelo governamental. Tinham-no destituído. Fora, depois, chefe de colonização na Argélia, secretário de um paxá, gerente de um jornal, angariador de anúncios, para finalmente se tornar empregado no contencioso de uma companhia industrial.

Quanto a Frédéric, tendo gastado dois terços da fortuna, levava uma vida de pequeno-burguês.

Em seguida, informaram-se mutuamente dos amigos.

Martinon era agora senador.

Hussonnet ocupava um alto posto, do qual dominava todos os teatros e toda a imprensa.

Cisy, que se fizera muito devoto, e era pai de oito filhos, habitava o castelo dos antepassados.

Pellerin, depois de se ter inclinado para o fourierismo, a homeopatia, as mesas de pé de galo, a arte gótica e a pintura humanitária, fizera-se fotógrafo; e, em todas as paredes de Paris, via-se reproduzida a sua figura de corpo minúsculo e cabeça enorme.

— E o teu íntimo amigo Sénécal? — perguntou Frédéric.

— Desapareceu! Não sei nada dele! E tu, a tua grande paixão, a Senhora

Arnoux?

— Deve estar em Roma com o filho, tenente de caçadores.

— E o marido?

— Morreu o ano passado.

— Ah! — disse o advogado.

Depois, batendo com a mão na testa:

— A propósito, outro dia, numa loja, encontrei aquela excelente Marechala, trazendo pela mão um garotinho, que ela adotou. É viúva de um tal Oudry, e está gordíssima, imensa. Que decadência! Ela que antigamente tinha uma cintura tão delgada.

Deslauriers não escondeu que se aproveitara do desespero dela para verificar este fato por si próprio.

— Conforme aliás me tinhas autorizado.

Esta confissão era uma compensação do silêncio que mantivera a respeito da sua tentativa com a Senhora Arnoux. Frédéric teria perdoado, por ele nada ter conseguido.

Embora um pouco vexado com a descoberta, fingiu que achava graça; e a ideia da Marechala trouxe ao seu espírito a da Vatnaz.

Deslauriers nunca a tinha visto, assim como a muitos outros que frequentavam a casa de Arnoux; mas lembrava-se perfeitamente de Regimbart.

— Ainda é vivo?

— Quase que não. Todas as tardes, sem exceção, arrasta-se diante dos cafés, da Rua de Grammont à Rua Montmartre, debilitado, dobrado em dois, esgotado, um espectro!

— E Compain?

Frédéric soltou um grito de alegria, e pediu ao ex-delegado do Governo provisório que lhe explicasse o mistério da cabeça de vitela.

— É de importação inglesa. Para parodiar a cerimônia que os realistas celebravam a 30 de janeiro, um grupo de Independentes fundou um banquete anual no qual se comiam cabeças de vitela, e se bebia vinho tinto em caveiras de vitela, brindando à morte dos Stuart. Depois do Termidor, uns terroristas organizaram uma confraria semelhante, o que prova quanto a idiotice é fecunda.

— Pareces-me muito desiludido da política!

— Efeito da idade — disse o advogado.

E resumiram a vida deles.

Ambos tinham falhado, tanto o que sonhara com o amor como o que sonhara com o poder. Qual teria sido a razão?

— Talvez fosse a falta de uma linha de conduta — disse Frédéric.

— Quanto a ti, é possível. Eu, pelo contrário, pequei por excesso de linha, sem levar em conta mil coisas secundárias, mais fortes do que tudo. Tive lógica demais, e tu, sentimento demais.

Depois, acusaram o acaso, as circunstâncias, a época em que tinham nascido.

Frédéric disse:

— Não era a isso que outrora, em Sens, pensávamos chegar, quanto tu querias escrever uma história crítica da Filosofia, e eu um grande romance medieval sobre Nogent[2], cujo assunto tinha encontrado em Froissart: de como Misser Brokars de Fénestranges e o bispo de Troyes assaltaram Misser Eustache d'Ambrecicourt. Ainda te recordas?

E, exumando a sua mocidade, repetiam, a cada frase:

— Ainda te lembras?

Recordavam o recreio do colégio, a capela, o locutório, a sala de armas ao fundo das escadas, figuras de prefeitos e alunos, um tal Angelmarre, de Versalhes, que fazia polainas das botas velhas, o Senhor Mirbel e as suas suíças ruivas, os dois professores de desenho linear e de desenho livre, Varaud e Suriret, sempre brigando, e o polonês, o compatriota de Copérnico, com o seu sistema planetário de cartão, astrônomo ambulante cuja exibição fora paga com um jantar no refeitório, — e depois uma grande patuscada durante um passeio, as primeiras cachimbadas, as distribuições de prêmios, a alegria das férias.

Fora durante as de 1837, que haviam ido à casa da Turca[3].

Chamavam assim a uma mulher cujo verdadeiro nome era Zoraide Turc; e muita gente a supunha muçulmana, turca, o que aumentava a poesia da casa, situada à beira d’água, atrás das muralhas; mesmo no auge do verão, havia sombra em volta da casa, assinalada por um aquário com peixes vermelhos ao lado de um vaso de resedá, a uma janela. As raparigas, de camisolão branco, caras pintadas e compridos brincos, batiam nos vidros quando alguém passava, e, à noite, no limiar, cantarolavam baixinho, em voz rouca.

Aquele lugar de perdição projetava sobre todo o departamento um brilho fantástico. Era designado por perífrases: “O lugar que você sabe, — aquela rua, — lá no fim das Pontes”. As camponesas da redondeza temiam pelos seus maridos, as burguesas, pelas suas criadas, porque a cozinheira do subprefeito lá fora surpreendida; e era, bem entendido, a obsessão secreta de todos os adolescentes.

Ora, um domingo, durante as vésperas, Frédéric e Deslauriers, depois de terem frisado o cabelo, colheram flores no jardim da Senhora Moreau, saíram

depois pela porta do quintal e, ao fim de uma grande volta por meio dos vinhedos, voltaram pela Pêcherie e introduziram-se em casa da Turca, com os seus grandes ramos de flores na mão[4].

Frédéric ofereceu o seu como um apaixonado à noiva. Mas o calor, o temor ao desconhecido, uma espécie de remorso, e até o prazer de contemplar, num só relance de olhos, tantas mulheres à sua disposição, perturbaram-no a tal ponto que se pôs muito pálido, e ficou parado, sem dizer nada. Todas elas riam, divertidas com o seu embaraço; julgando que caçoavam dele, pôs-se a fugir; e, como era Frédéric quem tinha o dinheiro, Deslauriers não teve outro remédio senão segui-lo.

Houve quem os visse sair. Foi um escândalo que ainda não estava esquecido três anos depois.

Contaram-no prolixamente, cada qual completando as recordações do outro; e quando terminaram:

— Afinal foi o que tivemos de melhor! — disse Frédéric.

— Sim, quem sabe? Foi o que tivemos de melhor! — disse Deslauriers.

FIM

BIBLIOGRAFIA

AMBRIÈRE, Francis: *La Fabrication de "L'Education sentimentale"* (em *Mercure de France,* 15 de fevereiro de 1938).

BACHELIN, Henry: *Flaubert et Nogent-sur-Seine* (em *Comoedia,* 22 de julho de 1911).

BARREY O'AUREVILLY: *Le Roman contemporain* (artigo sobre *A Educação Sentimental,* no *Constitutionnel* de 29 de novembro de 1869).

BAUCHARD: *Sur les traces de Flaubert et de Mme Schlésinger* (em *Revue d'Histoire littéraire de la France,* janeiro-março de 1953).

EDIÇÃO CONARD de *L'Éducation sentimentale* (1910).

DANIEL-ROPS: *Postérité de Frédéric Moreau* (em *Les Nouvelles littéraires,* 17 de maio de 1930).

DESCHARMES, René: *Flaubert avant 1857* (1909).

DUMESNIL, René: *Quatre épisodes de la vie sentimentale de Flaubert* (em *Mercure de France,* 1º de fevereiro de 1936).

_____ René: Introdução à sua edição de *L'Education sentimentale* (1947).

_____ René: *Album de documents iconographiques sur "L'Éducation sentimentale"* (1947).

_____ René: *Flaubert, documents iconographiques* (1948).

DURRY, Marie-Jeanne: *Flaubert el ses projets inédits* (1950).

FLAUBERT: *Correspondance*, tomos V a VII (ed. Conard. 1933).

FRANÇOIS, Alexis: *Flaubert, Maxime Du Camp et la Révolution de 1848* (em *Revue d'Histoire littéraire de la France,* janeiro-março de 1953).

GÉRARD-GAILLY: *Les Fantômes de Trouville* (1930).

_____ *L'Unique passion de Flaubert* (1932).

_____ *Le Grand Amour de Flaubert* (Aubier, 1944).
HENRIOT, Émile: *Maxime Du Camp, Flaubert el une dame* (em *Le Temps,* 22 de dezembro de 1931).
KEMP, Robert e FERRÈRE, E.-L.: Prefácio e notas de *L'Education sentimentale* (ed. *"Grands Maîtres",* Lião, Audin. 1949).
LAUMET. Lucien: *La Sensibililé de Flaubert* (1951).
LEMAITRE, Jules: *Les Contemporains,* 1ª e 8ª séries (1918).
MAIGRON Louis: *Le Romantisme el les moeurs* (1910).
PALANTE, Georges: *La Sentimentalité, étude psychologique* (em *Mercure de France,* 16 de novembro de 1917).
_____ *La Lenteur psychique (étude du caractère de Frédéric Moreau*), (em *Mercure de France,* 1º de junho de 1921).
PARTURIER. Maurice: *Les Forces perdues et "L'Éducation sentimentale"* (1932).
PÉRONNET, G.-A: *"L'Education sentimentale" et les événements contemporains* (em *Mercure de France,* 1920).
PINATEL, Joseph: *Notes vétilleuses sur la chronologie de "L'Education sentimentale"* (em *Revue d'Histoire littéraire de la France,* janeiro-março de 1953).
RAT, Maurice: *Flaubert a-t-il été l'amant de Mme Arnoux?* (em *Figaro littéraire,* 28 de novembro de 1953).
SEILLIÈRE, Ernest: *Le Romantisme des réalistes* (1914).
STRATTON BUCK: *The chronology of "L'Education sentimentale"* (em *Modem Language,* fevereiro de 1952).
ULLMANN, Étienne de: *Valeurs stylistiques de l'inversion dans "L'Éducation sentimentale"* (em *Le Français moderne,* julho de 1953).
VIAL, André: *Flaubert émule et disciple émancipé de Balzac: "L'Education sentimentale"* (em *Revue d'Histoire littéraire de la France,* julho-setembro de 1948).

(a) *Corresp.,* V, 158.

(b) Ver sobretudo *Corresp.,* V, 237, 238, 260, 331, 363; VI, 82, 97.

(c) Marie-Jeanne Derry, *Flaubert et ses projets inédits,* Nizet, 1950.

(d) Acerca dessa comparação, cf. A. Thibaudet, *Gustave Flaubert.*

(e) A esse respeito, ver sobretudo Gérard-Gailly, *L'Unique passion de Flaubert.*

(f) Edmond Faloux, critica, de *Bouddha vivant,* em *Nouvelles Litéraires,* nº 247.

(g) *Flaubert et les Fantômes de Trouville* (1930) e *L'Unique passion de Flaubert* (1932).

(h) Flaubert declarou um dia ter sido em grande parte para Sainte-Beuve que escrevera o seu romance (*Corresp*., VI, 82), confissão bem característica.

(i) Carta à Sra. Roger des Genettes, de 26 de julho de 1862. *Corresp.,* V, 35.

(j) *Corresp.*, V, 256, 257. Cf. M. Parturier, *Les Forces perdues et L'Education sentimentale*, 1932.

(k) R. Dumesnil, *Gustave Flaubert, l'Homme et l'Oeuvre*, págs. 371-372.

(l) Por exemplo, a *Histoire de la Monarchie de juillet*, de Thureau-Dangin. Ver na edição Conard as numerosas referências.

(m) H. Bachein. *Le Cinquantenaire d'un livre* (em *Comoedia*, 10 de outubro de 1919).

(n) Stratton Buck, *The chronology of "L'Éducation sentimentale"* (em *Modem Language*, february 1952). J, Pinatel, *Notes vétilleuses sur la chronologie de L'Éducation sentimentale* (em *Revue d'Histoire littéraire,* janeiro-março, 1953).

(o) René Dumesnil, Introdução a *L'Éducation sentimentale*, pág. XLIV.

(p) André Maurois, *Mes Songes que voici*, pág. 238.

1 Contém a edição Garnier de A Educação Sentimental, além das notas, numerosas variantes, colhidas nas diversas edições da obra, desde a original (de 1869) até a chamada edição "do Centenário", com o texto revisto por Descharmes (1922). Na sua quase totalidade, essas variantes não alteram o sentido nem a estrutura da frase, e deixam de ter sentido numa tradução, quando não se dá o caso de ser impossível, em português, assinalar as modificações que introduzem no texto, pelo que deixam de figurar aqui. (N. do T.)

2 Antes de escolher o nome do seu personagem, Flaubert tivera o cuidado de verificar que ninguém, em Nogent, o usava. Depois de publicado o romance houve, porém, uma reclamação. "Ciente das tuas informações, escreve Flaubert a Louis Bonenfant, quando este lhe comunicou essa reclamação, eu já tinha avançado, desprevenidamente. Agora é tarde para voltar atrás. Um nome próprio é coisa extremamente importante num romance, é uma coisa *capital*... Que tenham paciência os Moreau existentes em Nogent! Aliás, não terão razão de queixa. Porque o meu Moreau é um jovem muito elegante" (*Corresp.*, V, 427). A última frase é curiosa, se nos lembrarmos de que Frédéric Moreau é o próprio Flaubert: esse jovem que acaba de concluir os estudos secundários, e que deixará a província para viver em Paris, é ele próprio. (Cf. Gérard-Gailly, *Les Fantômes de Trouville*, pág. 86). Mas está igualmente provado que Flaubert deu ao personagem de Frédéric alguns traços do seu amigo Maxime Du Camp (Cf. R. Dumesnil, *Gustave Flaubert, L'Homme et l'Oeuvre*, 367-368. Veja-se também a carta a Louise Colet em que lhe anuncia a sua intenção, *Corresp.*, III, 251). Essas e as demais referências à *Correspondance* de Flaubert dizem respeito à edição Conard em nove vols., 1933.

3 Depois de concluído o manuscrito de *A Educação Sentimental*, Flaubert quis, como sempre, dar o texto para rever àquele a quem considerava a sua "consciência literária", Louis Bouilhet; mas Bouilhet, que viria a falecer em julho de 1869, achava-se já demasiado enfermo para se dedicar a esse trabalho. Foi Maxime Du Camp que dele se incumbiu, propondo a Flaubert 251 observações, das quais Flaubert, segundo a sua própria confissão, "mandou passear 87", baseando-se em Littré para justificar os supostos erros que lhe eram atribuídos. "Nunca tive coragem para reler o meu romance, escrevia ele, tanto mais que as observações de Maxime, por muito justas que sejam, me irritam.

Tenho receio de as aceitar todas, ou mandar tudo para o diabo.” (*Corresp.*, VI, 40. Cf. também *Ibid.*, 26, 27, 30, 35, onde alude às correções ao seu romance.) As observações mais interessantes de Du Camp foram publicadas na edição Conard, pág. 639; indicaremos aqui as mais importantes, que assinalamos com as iniciais de Du Camp (D. C.) [*Nota 4* : Muitas das observações de Du Camp acham-se no mesmo caso das variantes: não teria sentido traduzi-las, pelo que adotamos o mesmo procedimento já anunciado quanto àquelas. Assim por exemplo, nesta passagem, Maxime du Camp chamou a atenção de Flaubert para o *enviaient* do original, levando o autor a corrigi-lo para *enviait.* (N. do T.)].

5 “*Uma excursão marítima*... no Sena! Se é ironia, vem pouco a propósito.” (D. C.)

6 Flaubert esboçou logo a silhueta romântica do seu personagem com traços bem marcados: “plano de um drama... paixões futuras... versos melancólicos”.

7 Este primeiro esboço da figura de Arnoux será completado por numerosos traços no decurso do romance. Gérard-Gailly mostrou (*Les Fantômes de Trouville*, pág. 57) que a maioria desses traços se harmoniza com o que podemos conhecer de Maurice Schlésinger, protótipo do personagem: um homem “vulgar e jovial”, “meio artista, meio caixeiro-viajante”, tinha “um não sei quê de plástico e ingênuo que sempre seduziu o grande demolidor de burgueses”. Sobre o personagem de Arnoux, seu caráter, seu comportamento com a esposa, sua atividade profissional, ver o importante estudo de M.-J. Durry, em seu livro *Flaubert et ses projets inédits*, pág. 137 e segs.

8 Este primeiro retrato da Sra. Arnoux mostra já todos os traços essenciais que Flaubert tirou da beleza da Sra. Schlésinger. Ver no livro de Gérard-Gailly (*Fantômes de Trouville*, pág. 86) a comparação com um texto da primeira *Educação Sentimental*, onde Flaubert retrata a mulher que foi a sua grande, a sua única paixão. Ver, no livro de M.-J. Durry, *Flaubert et ses projets inédits*, págs. 144-146, como se encontram nas notas dos *Carnets* preciosas indicações sobre a formação desta imagem, cuja aparição transtorna o herói da história: “a violência que deve ter um amor fortalecido por tipos literários admirados na juventude; há coincidência do ideal com o real”.

9 Os pormenores de vestuário ocupam lugar de relevo nas recordações de Flaubert referentes à Sra. Schlésinger. Em particular, é característico o pormenor

das fitas, cor-de-rosa ou vermelhas, que se encontrará mais adiante.

10 “Suprime a última palavra, que não é boa e enfraquece a primeira.” (D. C.)

11 Essas imaginações exóticas, que se repetem noutras passagens do romance, constituem uma das expressões do romantismo de Frédéric, no qual Flaubert se pintou a si próprio.

12 Esse episódio do xale é a transposição do incidente que assinalou o primeiro encontro de Flaubert com a Senhora Schlésinger, e que ele próprio narrou, em 1838, nas *Mémoires d’un fou* (*Oeuvres de jeunesse*, ed. Conard, I, 505): o jovem Flaubert, aos 15 anos, achando-se de férias em Trouville, apanhou certa manhã, na praia, uma capa vermelha, com listras pretas, que a maré alta punha em perigo, entregando-a à jovem, a Maria das *Mémoires d’un fou*, que virá a ser a Senhora Arnoux (cf. Gérard-Gailly, *op. cit.*, 49).

13 Novo aspecto desse ideal romântico, a que Frédéric liga todas as suas concepções e que é uma das características essenciais da época que Flaubert pretendeu pintar.

14 Alusão ao famoso caso de envenenamento que apaixonava a opinião pública desde 1840. A Senhora Lafarge, julgada culpada, com circunstâncias atenuantes, fora condenada a trabalhos forçados por toda a vida, a 2 de setembro de 1840. Flaubert faz aqui, a propósito do salão da Senhora Moreau, um primeiro esboço dessa sociedade provinciana de Nogent-sur-Seine que tão bem conhecia. Uma parte da sua família paterna era dessa localidade. Em criança, passara la férias, em casa de seu tio Parain. Quando se dispunha a escrever o romance, quis refrescar as suas recordações, visitando a pequena cidade. Correspondia-se com seu primo Louis Bonenfant (genro do tio Parain), ao qual perguntara se havia alguns Moreau em Nogent (cf. n. 1).

15 Trata-se, provavelmente, da *Histoire de la civilisation en France*, cuja 5ª edição é de 1845. Mas é sobretudo para criar a atmosfera política do livro que aqui se menciona Guizot, chefe do Governo e ministro das Relações Exteriores no tempo de Luís Filipe, desde 1840.

1 Os “mercadores de homens” procuravam substitutos para os filhos de

família sorteados para o serviço militar.

2 Depois de Flaubert ter estabelecido, com Bouilhet o plano de *A Educação Sentimental*, quis rever os lugares onde situara a ação do seu romance, e em agosto de 1864, deu um "passeio delicioso pelas margens do rio, até Corbeil, Melun, Montereau e Sens".

3 A vocação de escritor é, em Frédéric, ainda um sinal do seu romantismo. Os seus projetos, as suas ambições, fazem lembrar as obras de juventude de Flaubert.

4 Flaubert revive aqui, em parte, as suas próprias recordações de colegial (cf. Édouard Maynial, *La Jeunesse de Flaubert, L'autobiographie de Flaubert*, págs. 25 a 54). No colégio de Ruão, à volta do relógio lia-se a velha divisa dos jesuítas: *Hic Labor, hic Requies Musarum pendet ab Floris.* Ver também uma recordação dos seus passeios de aluno interno evocada, como aqui, em *Novembre* (pág. 178).

5 "Por um pudor? Por que não dois ou três pudores? O pudor é um só, ou então tem que ser qualificado." (D. C.)

6 Acerca da influência romântica de *Werther* sobre Flaubert-Frédéric, cf. Degoumois, *Flaubert à l'ecole de Goethe*, pág. 44. Ver também em *A Educação Sentimental*, pág. 407, esta declaração de Frédéric, no seu último encontro com a Senhora Arnoux: "Compreendo os Werther aos quais não aborrece o pão com manteiga de Carlota".

1 Esse personagem, no qual Flaubert simbolizou a burguesia orleanista, é um dos mais estudados deste romance. "Meio homem de negócios, meio político, lembra mais uma figura da Monarquia de Julho" (edição Conard, pág. 625).

2 Desde 1836, o partido conservador, o partido da resistência, como se dizia depois de 1830, dividira-se em duas frações, sendo o centro chefiado por Guizot, e a centro-esquerda por Thiers (edição Conard, pág. 644).

3 O cabriolé era, tal como o fiacre, um carro de praça, usado em Paris desde o começo do século XIX.

4 "Não há dois portões, mas dois batentes de um portão." (D. C.) A

observação de Du Camp é falsa: muitos palacetes antigos, que datam da Restauração, ainda têm um portão para a entrada das carruagens e outro para a saída.

5 Flaubert negou sempre que fosse sua intenção retratar este ou aquele editor na figura de Arnoux: “Pretendem outros”, escrevia, “que quis pintar, em Arnoux, Bernard-Latte (o antigo editor), que jamais vi.”(*Corresp.,VI*, 107)

6 Ao chegar a Paris, como estudante de direito, Flaubert morou primeiro nessa rua (cf. Gérard-Gailly, *Fantômes de Trouville*, 161).

7 É suposição geral que Flaubert teria dado a esse personagem alguns traços da personalidade de Prosper Mérimée. Isso explica que Mérimée “tenha mostrado pouco apreço pelo livro de Flaubert, apesar da sua simpatia pela pessoa do escritor” (R. Dumesnil, *op. cit.*, 369).

8 Gérard-Gailly mostrou que esses “sonhos instáveis” revivem os do herói da primeira *Educação Sentimentale exprimem o estado de espírito de Flaubert, em 1845* (*op. cit., 158*).

9 A *Revue des Deux Mondes*, fundada em 1829, ganhou, a partir de 1831, sob a direção de Buloz, considerável importância, reunindo os mais ilustres escritores da época.

10 Por uma série de deduções, tão engenhosas como sutis, Gérard-Gailly estabeleceu que este episódio é uma transposição da vida real: porém, não se tinham passado apenas quatro meses, como com Frédéric, mas, na realidade, quatro anos, desde que Flaubert encontrara a Sra. Schlésinger pela última vez. Pudera supô-la morta, pois vira, antes de a encontrar, o marido de luto, visto Schlésinger ter perdido o pai em 1839 (*L’Unique passion de Flaubert*, 62-64).

1 Tratava-se de um projeto de reforma eleitoral que, baixando a taxa do censo e estendendo a certas *capacidades* o direito de voto, teria aumentado o número de eleitores. A campanha era feita por meio de petições e banquetes a que se chamava *reformistas*.

2 O “recenseamento Humann”, assim chamado devido ao nome de um ministro das Finanças, tinha por objetivo elevar os impostos. Deram-se

desordens sangrentas em diversas cidades da província, pelo fato de os comissários do fisco não serem acompanhados por comissários repartidores, o que era contra a lei (cf. edição Conard, 645).

3 No tempo de Luís Filipe, essas sociedades, como as *Aos Amigos do Povo,* das *Famílias,* dos *Direitos do Homem,* todas elas fundadas depois de 1830, já não tinham o caráter do *carbonarismo* da Restauração, que deixara uma impressão de terror.

4 Esse caso famoso, que inflamou o sentimento nacional e apaixonou a opinião pública, fora suscitado por um cônsul inglês desse nome, que sublevara os indígenas contra os franceses instalados na Oceania, em Taiti. Mas a cena aqui narrada por Flaubert passa-se em 1841, e o caso Pritchard só viria a dar-se em 1844.

5 Béranger, republicano, opunha-se ao Governo de Luís Filipe, e era muito popular entre os estudantes.

6 Laffitte, membro da oposição durante a Monarquia de Julho.

7 Chateaubriand procurava conciliar a fidelidade à realeza legítima com as suas tendências democráticas.

8 As desordens de setembro foram provocadas pelo recenseamento Humann; cf. n. 31. Num dos *Carnets* de Flaubert, encontra-se uma nota sobre *Les Assommeurs du Châtelet,* carta a Gabriel Delessert, delegado de polícia, cujo autor se queixa dos assassinos espancadores que seguem os guardas, e chama os guardas de *sicários e esbirros* (René Dumesnil).

9 Gérard-Gailly supõe, não sem fundamento, que o nome desse personagem foi inspirado a Flaubert pelo da Sra. Husson, amiga de Maxime Du Camp e do próprio Flaubert (cf. *Les Ve- hémences de Louise Colet,* 230).

10 Acerca das relações entre o casal Arnoux e o casal Schlésinger, cf. Gérard-Gailly, *L'Unique passion de Flaubert,* pág. 48 e segs. A Sra. Schlésinger nunca amou verdadeiramente o marido; entregou-se-lhe por ele a ter livrado e salvo de um primeiro marido inaceitável; mas isso não passou de um fogacho; mais tarde, "a vida do casal era lamentável... todos os testemunhos registram a

indiferença sofredora de Elisa (Sra. Schlésinger), a desunião do casal".

11 Le National, jornal republicano de Armand Carrel, fundado em 1830, desempenhou grande papel nos acontecimentos que prepararam a revolução de 1848.

12 Flaubert escrevera primitivamente: "na abertura da sobrecasaca". Depois, por conselho de Maxime Du Camp, modificou essa expressão obscura.

13 Os retratos da Sra. Arnoux, inspirados na Sra. Schlésinger, são numerosos em *A Educação Sentimental.* Todos se referem a um tipo de beleza que obsedava a imaginação de Flaubert, a tal ponto que um dia, durante uma viagem à Itália, julgou descobri-lo numa desconhecida, encontrada em Roma, em São Paulo Extramuros (cf. Flaubert, *Notes de voyage,* ed. Conard, II, 255, e as referências de Gerard-Gailly a esse assunto, no seu livro *L'Unique passion de Flaubert,* 66-67).

14 "Deves ter pretendido dizer *descoberto*, pois *aberto* ultrapassa o teu objetivo e torna a imagem impossível." (D. C.)

15 "Isto deve ser uma farsa. Como queres tu que um relógio bata *uma* hora, *lentamemte?* Se forem duas ou três, está bem." (D. C.) Flaubert, que não emendou a expressão, talvez tenha querido dizer *uma,* com sentido indefinido, uma hora que a perturbação de Frédéric não lhe permite calcular exatamente.

1 Um amigo de Flaubert julgava reconhecer nesse personagem um professor de matemática italiano: "O seu Sénécal é o retrato físico e moral dele. Tem tudo dele, tudo está aí presente, até o corte de cabelo!" (*Corresp*., VI, 107).

2 Esse pormenor é uma prova impressionante da obsessão que exercia sobre o espírito de Flaubert a lembrança do casal Schlésinger. "De acordo com a cronologia do romance, essa reunião de amigos em casa de Frédéric deu-se em janeiro de 1842 e, se consultarmos a biografia de Maurice Schlésinger, verifica-se que ele teve um processo rumoroso, que perdeu, em *janeiro* de 1842, porque se apoderara indevidamente do *Stabat* de Rossini para fins de execução e edição. A recordação desse escândalo era tão viva em Flaubert que, vinte e cinco anos depois, a utilizou na sua obra na data certa, embora o pormenor, destituído de qualquer ligação com a pessoa de Jacques Arnoux, não tivesse o menor interesse

para a narração.” (Gérard-Gailly, *L'Unique passion de Flaubert*, pág. 61. Sobre os pormenores desse processo, cf. *Les Fantômes de Trouville*, págs. 82-83)

3 Em 1833, a Câmara dos Deputados negara ao Governo um pedido de créditos para construção de fortes em volta de Paris; a oposição afirmava que tais fortes não seriam dirigidos contra um inimigo externo, mas contra a população parisiense.

4 As leis de setembro, aprovadas em setembro de 1835, em seguida ao atentado de Fieschi, reforçavam os poderes do tribunal contra os atos de rebelião e submetiam a imprensa a severa censura.

5 “Lorde Guizot". Designava-se assim o ministro de Luís Filipe devido à sua simpatia pela Inglaterra.

6 Alusão às reivindicações nacionais de uma parte do povo, que desejava, depois de 1830, uma guerra patriótica, como as campanhas da Revolução, a fim de pôr termo aos tratados de 1815 e ocupar a margem esquerda do Reno.

7 Armand Marrast, jornalista republicano, que escrevia em *La Tribune*, depois em *Le National*. Os seus ataques contra o governo de Luís Filipe eram violentos; mas o seu talento de polemista estava muito longe do tom e do espírito de Voltaire.

8 Este episódio é um eco das próprias experiências de Flaubert como estudante e candidato mal-sucedido.

9 O caráter e as maneiras de Arnoux, tal como Flaubert o representa aqui e noutras passagens do romance, correspondem exatamente ao que podemos conhecer acerca da personalidade de Schlésinger. “Homem pródigo e sovina”, escreve Gérard-Gailly. “Entusiasta e astuto. Capaz dos impulsos mais desvairados e das mais cândidas vilanias. Déspota e escravo dos seus caprichos. Apaixonado pela mulher, e desejando todas as mulheres. Pai extremoso, e que arruina, ou quase, a sua família. Destituído da mais elementar disciplina moral. Temperamento incompreensível, em que a natureza confunde as suas vozes mais opostas...” Uma amiga da Sra. Schlésinger viu-a “de meias rotas, e não conseguindo obter outras novas. Ao mesmo tempo, o marido presenteava-a com um suntuoso casaco de peles, do qual ela não tinha a menor necessidade”.

(*L'Unique passion de Flaubert*, págs. 40-41).

10 Passagem obscura, pois não se vê bem qual a desilusão de que Arnoux se pode aperceber. Será por causa do juízo um pouco severo que Frédéric manifesta sobre o seu espírito?

11 Chapéu cônico usado pelas mulheres na Idade Média. (N. do T.)

12 “Uma coisa o espantava...” É uma das passagens que foram comparadas com o *Werther* de Goethe. O estado de espírito de Frédéric é, aqui, análogo ao de Werther, no princípio do romance (cf. Degoumois, *Flaubert à l’école de Goethe*, pág. 44).

13 Discreta evocação das crises nervosas que o próprio Flaubert sofrera na idade do seu herói, e em circunstâncias idênticas àquelas em que se acha Frédéric.

14 Procura outra palavra, que não *espetáculo*, pois esta não corresponde ao teu pensamento e é excessiva.” (D. C.)

15 Flaubert escrevera primeiro: “Por fim, abrindo a boca, disse que achara...” Du Camp fez a seguinte observação: “Frédéric não pode falar sem abrir a boca. A expressão *por fim* já diz tudo”. Flaubert, atendendo a essa observação, suprimiu as palavras que Du Camp censurara.

16 Essa cena já tem sido comparada a outra análoga, no *Werther*, em que Werther e Carlota também conversam junto de uma janela aberta, numa noite de verão. (L. Degoumois, *op. cit.*,45).

17 Alusão à campanha de 1844 contra os marroquinos; essa expedição custara 20 milhões, e nenhuma indenização de guerra fora exigida aos vencidos. “A França é suficientemente rica para pagar a sua glória”, escreveu Guizot no *Journal des Débats.*

18 O personagem da Sra. Dambreuse foi inspirado pela Sra. Delessert, amiga de Prosper Mérimée (cf., sobre esse ponto, R. Dumesnil, *op. cit.*, 361-367, e Gérard-Gailly, *L'Unique passion de Flaubert*, pág. 64). A Sra. Gabriel Delessert era casada com um magistrado que dirigira a polícia de Paris. Flaubert conheceu-a por intermédio de Maxime Du Camp, do qual foi amante, depois da

sua ligação com Mérimée. Este retratou-a sob o nome de Senhora de Piennes, em *Arséne Guillot*, e Maxime Du Camp sob o de Porcia, em *Le Livre posthume*, e de Viviane, em *Les Forces perdues.* Flaubert e Du Camp tinham encontrado em Constantinopla, em 1850, o jovem Édouard Delessert, filho do Sr. e da Sra. Gabriel Delessert, o que deu origem às relações entre Maxime Du Camp e a Sra. Delessert. M. Parturier provou que o retrato da Senhora Dambreuse corresponde exatamente ao da Sra. Delessert (cf. *Les Forces perdues et l'Education sentimentale).*

1 *Le Siècle*, jornal fundado em 1836, órgão da esquerda constitucional.

2 Le Charivari, o jornal satírico fundado em 1832, que combatia o Governo de Luís Filipe.

3 Por singular coincidência, que talvez não seja um acaso, a pose da Sra. Arnoux, nesta cena, é exatamente a da Sra. Schlésinger, no retrato de Devéria que se acha na Biblioteca Nacional de Paris (Estampas, Za. 446) e que foi reproduzido por Gérard-Gailly, no livro *L'Unique passion de Flaubert.*

4 O entusiasmo da juventude republicana pela Revolução de 1789, avivado pelo *Histoire des Girondins*de Lamartine, contribuiu muito para a Revolução de 1848.

5 Na sua *Némésis* (1832), de onde são extraídos os versos citados por Flaubert, Barthélemy inflamava o ardor da juventude republicana.

6 Há uma cena análoga, assinalada por Gérard-Gailly, na primeira *Educação Sentimental.* Henry recusa valsar, alegando não sabê-lo. "O senhor está mentindo — responde-lhe Émilie. — Tente, pelo menos... Oh! Eu lho peço, comigo... O senhor me recusará?" (*Les Fantômes de Trouville*, 99).

7 Personagem posto em moda por uma ópera cômica de Adam (1836).

8 *Gaspardo le Pêcheur,* melodrama de Bouchardy (1837), cuja voga igualava, em 1845, a d*e Lazare le pâtre* (1840).

9 Celuta é a heroína dos *Natchez* de Chateaubriand, e esta apóstrofe romântica, imitando a de René, apesar da intenção irônica, mostra que o célebre livro, publicado em 1826, ainda alcançava êxito em 1845.

1 A Rua Rumfort, ou melhor, Rumford, aberta em 1838, ia da Rua Lavoisier à Rua de la Pépinière; desapareceu quando foi aberto o Bulevar Malesherbes.

2 Esse nome, dado pelos Cruzados ao chefe dos “assassinos”, seita religiosa do Islã no século XI, fora vulgarizado pela literatura romântica, transformando-se numa espécie de cega-rega. Aqui, designa o rico protetor da cortesã.

3 Var.: “Berthe...” (Orig.). Esse nome, substituído por inadvertência ao de Marthe, aqui e mais adiante, foi corrigido por Flaubert, que o deixou, porém, subsistir na pág. 340. Berthe era o primeiro nome da filha de Emma Bovary.

4 A *Revue lndépendante,* de inspiração democrática, publicou-se de 1841 a 1848; contava entre os seus colaboradores George Sand e Pierre Leroux. Com a citação atabalhoada dos nomes feita por Sénécal, Flaubert pretende sugerir que esse personagem tinha uma cultura feita às pressas, toda ela confusamente orientada no sentido socialista. Essa enumeração põe sobretudo em destaque a importância do movimento sansimonista para as correntes que preparavam a Revolução de 1848. Escrevendo a Michelet, em princípios de 1869, Flaubert dizia que o seu livro fizera-o estudar o socialismo. “Creio que uma parte dos nossos males provém do neocatolicismo republicano. Encontrei, entre os pretensos homens do progresso, a começar por Saint-Simon e acabando em Proudhon, as mais estranhas citações. *Todos* partem da revelação religiosa.”(*Corresp.*, VI, 10)

5 Texto obscuro: Flaubert quer provavelmente aludir às oficinas nacionais e à organização do trabalho em comum, obrigatório para todos, nas teorias de Cabet e Louis Blanc.

6 Durante o inverno de 1846-1847, verificaram-se motins no Indre, provocados pela fome. Diversos proprietários foram mortos pelos assaltantes das fazendas e armazéns. Cinco dos amotinados foram condenados à morte e executados em Buzançais.

7 Adeptos da doutrina de Fourier, reunidos em associações de mil e oitocentos membros, chamadas falanstérios.

8 Alusão à política externa de Luís Filipe, o qual, não obstante a oposição da

Inglaterra, casou o filho, o Duque de Montpensier, com uma das filhas da rainha da Espanha, Maria Cristina. A filha de Luís Filipe casou-se com D. Francisco de Assis. Esses casamentos foram celebrados a 10 de outubro de 1846.

9 Escandalo administrativo que se deu em 1847, no arsenal de Rochefort; o diretor, acusado de prevaricação, suicidara-se; vários empregados foram processados e condenados.

10 No princípio de 1847, um novo projeto de reorganização do capítulo de Saint-Denis foi aprovado pela Câmara dos Pares. Em 1848, não fora ainda submetido à Câmara dos Deputados. (Nota da edição Conard)

11 Fantasia de carnaval constituída de botas, calção justo e capacete guarnecido de enorme penacho. O nome da fantasia provém do nome ou apelido de um bailarino outrora famoso. (N. do T.)

12 Numa carta à irmã, datada de julho de 1842, conta Flaubert ter jantado em Paris na casa de uns burgueses, acérrimos partidários de Luís Filipe, e que, depois do jantar, “fulminara” contra o Governo a propósito do Museu de Versalhes: “Imagina que, efetivamente, esse porco, tendo achado que um quadro de Gros não tinha o tamanho suficiente para encher uma parede, se lembrou de arrancar um dos lados da moldura e de mandar acrescentar dois ou três pés de tela, pintados por um artista qualquer”. (*Corresp.*, I, 111)

13 Esse brinde de Deslauriers simboliza, sob uma forma que nos parece ingênua, as reivindicações e esperanças da juventude republicana, em 1847.

14 O ardente republicano que era Armand Barbès pagou várias vezes com a liberdade a sua constante oposição ao Governo de Luís Filipe. Foi preso em 1834, após a insurreição de abril, em 1837, após o atentado de Fieschi, em 1839, depois do motim da Sociedade das Estações.

15 Alusão à terrível repressão, pela Rússia, da insurreição polonesa, a propósito da qual Sébastiani proferiu na tribuna da Câmara a célebre frase: “Reina a paz em Varsóvia”. O partido republicano da França e até muitos orleanistas eram a favor de uma intervenção na Polônia.

16 Alguns doutrinários, durante a Monarquia de Julho, procuravam conciliar

o catolicismo com o espírito da Revolução.

17 Lola Montes foi amante do rei da Baviera.

18 Flaubert começara por escrever “a Sainte-Chapelle”; mas Du Camp fez-lhe notar que, nessa época, a Sainte-Chapelle não era visível do Pont-Neuf, visto não ter sido ainda reconstruída a flecha.

19 Alusão ao conjunto de romances de Balzac que reúne, sob o título geral de *Histoire des Treize*, *Ferragus* (1833), *La Duchesse de Langeais* (1833) e *La Fille aux yeux d’or* (1834-1835). Os Treze são uma sociedade secreta “formada por aventureiros e grandes senhores, uma espécie de carbonários, que juraram ajuda e proteção mútuas, incluindo o crime, se um deles se visse ameaçado, ou para satisfazer um capricho”.

20 O Senhor de Genoude era um dos chefes do partido legitimista; dirigia a *Gazette de France*, a fim de ganhar o apoio do sentimento popular para o regresso da realeza legítima, procurava aproximar-se dos republicanos. Acerca de *Le Siècle*,cf. parte I, nota 62.

21 O movimento religioso, ou, como alguns diziam, a reação católica, sob a Monarquia de Julho, era extremamente importante. Cf., na parte II, as notas 74 e 85. “Poderá dizer-me”, escrevia Flaubert a Sainte-Beuve, em março de 1866, “o que é necessário ler para conhecer um pouco o movimento neocatólico, por volta de 1840?” (*Corresp.*, V, 205).

22 *Ervas:* essa palavra parece inaceitável neste texto; não teria Flaubert escrito *pérolas*, embora tal palavra apareça dez linhas adiante?

23 “Este pormenor do xale encontrava-se já na primeira *Educação Sentimental*. O marido de Émilie Renaud presenteia a amante, Catherine, com “um xale, um grande xale como tinha a senhora”, exatamente como o marido da Senhora Arnoux presenteia a amante, Rosanette, com um xale de seda que de início comprara para a mulher. Também isso não deve ter sido inventado por Flaubert” (Gérard-Gailly, *Les Fantômes de Trouville*, pág. 99).

1 Flaubert modificou aqui, levemente, a realidade: a Sra. Schlésinger era de Vernon. Mas escolheu uma cidade que apresenta analogias com Vernon,

Chartres, e fez questão de visitar esta cidade antes de escrever o capítulo (cf. Gérard-Gailly, *L'Unique passion de Flaubert*, págs. 85-86. Ver também em *A Educação Sentimental* outra passagem sobre Chartres, pág. 268).

2 Esta cena, na qual Frédéric e a Senhora Arnoux trocam melancólicas confidências sobre o passado, e que se repete mais adiante no romance, evoca cena idêntica do *Le lys dans la vallée*, de Balzac (1835). As recordações de Félix de Vandenesse e da Senhora de Mortsauf têm o mesmo objeto, o mesmo sentido e muitas vezes o mesmo tom: “Contei-lhe a minha infância e a minha juventude... etc”. Essa aproximação sublinha a analogia entre os dois romances.

3 Antony é o herói do drama de Alexandre Dumas representado no teatro da Porta Saint-Martin em 1831. É um dos tipos mais característicos do personagem romântico, tal como o concebia a geração de 1830, que Flaubert retrata no seu romance.

4 Essa rua e a praça do mesmo nome achavam-se onde é hoje a Rua du Pont-Neuf, cuja abertura, em 1886, as fez desaparecer.

5 Enfantin foi um dos principais adeptos de Saint-Simon.

6 Pierre Leroux (1797-1831) foi, a princípio, sansimonista; evoluiu depois para uma doutrina comunista.

7 Essa narrativa das dificuldades financeiras de Arnoux, nas quais Frédéric se acha envolvido, é inspirada pela recordação da vida tormentosa de Schlésinger, como comerciante e industrial. Ver, a esse respeito, Gérard-Gailly (*Les Fantômes de Trouville*, 123).

8 “Encontrava-o no limiar... acrescentava-se à raiva da sua impotência.” Texto obscuro pela extrema concisão.

9 À luz do destino da Senhora Schlésinger, cujo doloroso segredo desvendou, Gérard-Gailly explicou com grande penetração as desconcertantes contradições do comportamento da Senhora Arnoux com Frédéric: “Sente-se bem que a inquietação da Senhora Arnoux não é somente a da mulher alarmada nos seus deveres, aqui bastante discutíveis, nem nos seus gostos profundos, pois que estes a inclinam para Frédéric, mas é a inquietação de uma mulher acossada

em não sabemos que refúgio amargo, que deve permanecer inviolável e desconhecido". (*L'Unique passion de Flaubert*, pág. 53)

10 Com os seus habituais escrúpulos, Flaubert documentou-se sobre esta indústria que se propunha descrever: "Acho-me perdido nas fábricas de louças, escreve à sobrinha, em fevereiro de 1866;... de regresso a casa, leio tratados sobre faianças. Não fui ao baile das Tulherias nem ao da Municipalidade; os potes absorvem-me demais". A Boilhet declara que se verá obrigado a ir a Sèvres e a Creil: "Não posso continuar a escrever antes de ter visto uma fábrica de louças". (*Corresp.*, V, 201 e 293)

11 "Os alandiers, os engobes..." Flaubert prodigalizou aqui os termos técnicos que a sua erudição recolhera nos tratados da especialidade: os alandiers são as bocas que se acham na base dos fornos para a porcelana; os engobes são os produtos com que se recobre a pasta cerâmica para lhe modificar a cor.

1 Toda esta cena das corridas foi objeto de pormenorizada documentação: encontrou-se até, entre os papéis de Flaubert, que constituem o dossiê de *A Educação Sentimental*, um plano do hipódromo do Champ de Mars, coberto de anotações.

2 Esse chefe árabe, feito prisioneiro no decurso da campanha da Argélia, em 1847, era tratado com todas as honras pelo Governo frances. Vivia em liberdade, recebendo uma pensão, e mostrava-se em Paris em todas as festas mundanas.

3 Esse era, juntamente com o Café Riche e o Café Hardy, um dos mais famosos estabelecimentos do bulevar, depois da Restauração. Tem um grande papel nos romances parisienses de Balzac. Sobre o "estilo de além-Mancha" do Café Anglais, cf. Clouzot e Valensi, *Le Paris de la Comédie Humaine*, págs. 113-114. No momento em que preparava este capítulo do seu romance (junho de 1867), Flaubert escrevia a George Sand: "Este livro impõe-me fastidiosas buscas. Assim, na segunda-feira, estive sucessivamente no Jóquei Clube, no Café Anglais e no escritório de um procurador". (*Corresp.*, V. 309)

4 Quinet era professor de Línguas e Literaturas da Europa Meridional no Collège de France, desde 1842; a cátedra foi-lhe tirada, em 1846, como sanção pelos seus ataques contra a Igreja Católica e especialmente contra os Jesuítas. O famoso patriota polonês, Adam Mickiewicz, ocupava, no Collège de France,

uma cadeira de Línguas e Literaturas Eslavas, que foi suprimida em 1846, devido às manifestações republicanas a que as suas aulas davam motivo.

5 Drouillard, banqueiro parisiense, foi condenado em 1847 por corrupção eleitoral. Bénier, diretor da Manutenção de Víveres, era acusado de prevaricação nos seus serviços.

6 A forma *crid* ou *crit* subsistiu durante algum tempo, desde o século XVIII, até a forma *criss* prevalecer, para designar o punhal característico, não dos japoneses, mas sim dos malaios.

7 Este ardoroso republicano, condenado depois dos acontecimentos de abril de 1834, era o ídolo do povo, pois encarnava as suas reivindicações e esperanças. Morrera em 1845.

8 Essa descrição do jantar oferecido por Cisy lembra em muitos pormenores a famosa cena do *Repas ridicule* da sátira de Boileau: “os nobres senhores rurais” entre os convivas, o parasita famélico, pressuroso no louvor do festim, a fingida modéstia do anfitrião, as alusões literárias e até a altercação final, com o prato atirado à cabeça do visconde. É sabida a admiração de Flaubert por Boileau, que relia constantemente, e a quem considerava “grande homem e grande escritor”.

9 *Père et Portier* comédia musical em dois atos, de Ancelot e Bourgeois (1833).

10 O célebre romance de Eugène Sue, que saíra em folhetim no Journal des Débats, em 1842-1843, estava então em plena voga, e alguns tipos criados pelo romancista, como o de Rodolphe, depressa se tinham tornado populares.

11 Jogo de palavras aludindo à conhecida obra desse autor, *Les Caracteres.* (N. do T.)

12 Esta descrição do estado psicológico de uma personagem na véspera de um duelo encontra-se diversas vezes na obra de Guy de Maupassant, sobretudo em *Bel-Ami*, cap. VII.

13 Os livros emprestados por Frédéric a Dussardier devem ser: a *Histoire du Consulat et de l’Empire,* de Thiers (1835); os *Esquisses historiques de la*

Révolution, de Dulaure (1837); a *Histoire des ducs de Bourgogne*, de De Barante (1826); a *Histoire des Girondins*, de Lamartine (1847).

14 A Sociedade das Famílias, que passou a ser, em 1837, a Sociedade das Estações, era uma espécie de clube socialista, organizado em células secretas, constituídas por um número limitado de membros e rigorosamente hierarquizadas.

15 Sublevação provocada pela Sociedade das Estações, que estalou subitamente a 12 de maio; os insurretos, em número de 600, apoderaram-se da Municipalidade, ergueram barricadas no *faubourg* Saint-Antoine, mas foram rapidamente dominados pelas tropas. O Tribunal dos Pares julgou os prisioneiros detidos durante a insurreição; Barbès foi condenado à morte; mas a pena foi-lhe comutada em prisão perpétua.

16 Alibaud, autor de um atentado contra Luís Filipe, a 25 de junho de 1836; foi condenado à morte e executado.

17 Esse pormenor lembra um episódio do atentado de Fieschi. Em junho de 1835, algumas semanas antes do atentado, Fieschi e os seus cúmplices, Morey e Pépin, fizeram uma experiência numa taberna situada nos altos de Ménilmontant, para estudar a maneira de incendiar a pólvora que devia fazer disparar ao mesmo tempo as vinte e cinco espingardas que constituíam a máquina infernal.

18 Episódio célebre dos motins de 13-15 de abril de 1834, que ensanguentaram o bairro de Saint-Merri. A Rua Transnonain ou Transnonnain (antiga Trousse-Nonain) estava situada onde é hoje a Rua Beaubourg. No número 12 dessa rua, a tropa, exasperada pelos tiros disparados de uma janela, chacinou todos os habitantes. A recordação atribuída por Flaubert a Dussardier é inspirada na célebre litografia de Daumier, que teve grande êxito e iniciou a reputação do jovem artista. Ledru-Rollin, na sua *Mémoire sur les événements d'avril*, invocou diversos depoimentos sobre esta pavorosa repressão, que vitimou mulheres, crianças, homens inocentes e indefesos.

19 "Um jovem do colégio de Sens, a quem *este* falta" — jogo de palavras obviamente intraduzível: *sens* significa *sensatez, juizo.* (N. do T.)

20 Estas operações de Bolsa empreendidas por Frédéric foram preparadas por Flaubert com tanto método como os outros episódios do romance. Ver a este respeito a carta a Ernest Feydeau, de fins de 1866 (*Corresp.*, V, 261); Flaubert consulta o amigo a respeito dos valores de especulação durante o verão de 1847 e sobre o mecanismo da operação.

21 Benoist d'Azy, deputado legitimista, vice-presidente da Câmara.

22 O desenvolvimento da grande indústria, durante a Monarquia de Julho, começava a produzir algumas das suas mais inquietantes consequências sociais: a desigualdade entre as classes dirigentes e as classes laboriosas, o desemprego, a miséria nos grandes centros operários.

23 Pode parecer estranha a presença, entre os partidários do Governo de Luís Filipe, de antigos conspiradores que, durante a Restauração, tinham feito parte das sociedades secretas. Mas grande número de carbonários tinha aderido ao novo regime, e havia-os mesmo entre os ministros do rei.

1 Neste pormenor, assim como em todas as recordações de infância aqui evocadas, há, sem dúvida, alguma coisa da infância do próprio Flaubert, das suas brincadeiras, da sua camaradagem com a irmã e a amiga desta, Laure Le Poittevin. Um velho da vizinhança, o pai Mignot, que lhe contava histórias, revelou-lhe o *D. Quixote* através das suas narrações e leituras. Esse livro permaneceu sempre uma das grandes admirações literárias de Flaubert: "Encontro todas as minhas origens neste livro que sabia de cor antes de saber ler". (Carta a Louise Colet, 12 de junho de 1852)

2 Designação que se dava a pequenas casas de campo destinadas à diversão, e que lhes vem da ideia de qualquer peculiaridade na construção ou do seu elevado custo. (N. do T.)

3 *"A l'égaud"*. Literalmente, ao abrigo. A única referência literária dada pelo Littré é, precisamente, esta mesma passagem de *A Educação Sentimental*. (N. do T.)

1 Célebre prisão de Paris. (N. do T.)

2 Lachambaudie (1806-1872) era um escritor de tendências sansimonistas,

autor das *Fables populaires,* e militante do partido republicano. A *Histoire de Napoléon,*de Norvins, foi publicada em 1827.

3 O sufrágio universal era urna das reivindicações do partido radical, entre os republicanos de 1830.

4 Cf. *A Educação Sentimental,* pág. 44 e nota 30. Estes banquetes de propaganda foram particularmente numerosos entre julho e dezembro de 1847.

5 Em fins de 1847 e princípios de 1848, havia grande agitação política nos diversos Estados da Itália: no Piemonte, onde o rei Carlos Alberto concedeu várias reformas liberais, em Nápoles, onde o rei Fernando II aceitou uma Constituição decalcada na Carta francesa de 1830, na Toscana, onde o Governo se via impotente contra a oposição.

6 Em todas essas afirmações, manifesta-se a hostilidade sistemática do partido republicano contra a Inglaterra (Cf. *A Educação Sentimental,* pág. 138 e nota 78). Alguns fatos alegados não são exatos: assim, a Inglaterra não opôs qualquer dificuldade ao reconhecimento de Luís Filipe. A *Convenção dos Estreitos* (13 de julho de 1841), que dava à Turquia o direito de proibir a passagem pelos Dardanelos e pelo Bósforo dos navios de guerra, favorecia a Inglaterra em detrimento da Rússia. As ambições da Prússia começavam a preocupar a opinião europeia desde o *Zollverein* de 1833. Na Suíça, havia oposição entre radicais e católicos, aqueles apoiados pela Inglaterra, estes pela Áustria e a França.

7 Alusão aos excessos da especulação na Bolsa, favorecidos então pelo desenvolvimento da grande indústria. Quanto à corrupção dos funcionários, refere-se aos diversos escândalos da época (Cf. *A Educação Sentimental,* pág. 146 e nota 79).

8 Teste, ministro das Obras Públicas, e o General Cubières, ministro da Guerra, foram condenados em 1847 por corrupção relativa a fornecimentos militares.

9 A Duquesa de Praslin, filha do Marechal Sébastiani, foi assassinada pelo marido, o Duque de Choiseul-Praslin, a 18 de agosto de 1847; o duque suicidou-se quando ia ser julgado pela Câmara dos Pares.

10 *Le Chevalier de Maison-Rouge*, drama em cinco atos, de Alexandre Dumas e A. Maquet, tirado de um romance do primeiro (1847). A. Dumas obtivera o privilégio do Théâtre Historique, sala primitivamente ocupada pelo Cirque National, no Bulevar du Temple.

11 *La Démocratie Pacifique*, órgão fourierista e feminista, dirigido por Victor Considérant, que se publicou de 1843 a 1851.

12 Jogo de palavras intraduzível: *rouget* é um peixe, o salmonete. (N. do T.)

13 Alusão a uma caricatura política, que representava Luís Filipe como ilusionista, fazendo de saparecer três nozes-moscadas: a Liberdade, a Revolução e a Revolução de Julho. Quanto ao amigo do traidor Dumouriez: em 1793, Luís Filipe, então Duque de Chartres, servira sob as ordens de Dumouriez.

14 Membro da oposição na Câmara dos Pares.

15 Passagem obscura. Não se compreende qual o motivo por que a compra por Frédéric de um mau retrato possa favorecer as ambições de Deslauriers. Também o sentido do *lhes*, na frase “que lhes são desagradáveis”, carece de clareza.

16 Alusão a um caso judiciário que apaixonava então a opinião pública: Léotade era um Irmão da Doutrina Cristã que fora condenado a trabalhos forçados por toda a vida pelo assassínio de uma menina. Mas a sua culpabilidade não parecia claramente estabelecida e era objeto de vivas discussões. Léotade morreria no presídio, em 1850.

17 A insurreição de Palermo contra o rei de Nápoles, em janeiro de 1848. A Sicília reivindicava a independência.

18 Banquete reformista; o 12º distrito corresponde ao atual 5°. Esse banquete fora proibido.

19 A *Correspondance* de Flaubert (V, 211, 213, 293) revela o cuidado que ele pôs na preparação das cenas da insurreição. Consultou os jornais de 1847 e 1848, na Biblioteca Nacional. Leu e anotou, em seis semanas, vinte e sete volumes sobre a Revolução de 1848!

20 Cf. pág. 270 e nota 141.

21 Gérard-Gailly aproximou esta cena do encontro marcado, da vã espera e da decepção furiosa, com cena análoga da primeira *A Educação Sentimental* (cap. X). Destas duas cenas semelhantes deduz-se, com grande verossimilhança, a hipótese de uma situação real da vida sentimental de Flaubert e da Sra. Schlésinger (*Les Fantômes de Trouville*, pág. 91).

22 O *commissionnaire*, que por falta de outra palavra traduzimos por "moço de recados", designa o indivíduo que, no século XIX, ficava nas esquinas à espera de que seus serviços fossem requisitados. (N. do T.)

23 René Dumesnil fez um estudo excelente deste episódio (*op. cit.*, 376-82), mostrando como, da mesma forma que na cena dos comícios de *Madame Bovary*, dois temas alternam: aqui, o do sofrimento físico da criança e o da angústia moral da mãe. Compara estas páginas de Flaubert com análogo episódio de um romance de Octave Feuillet, *La Morte*, para fazer sobressair a superioridade humana e artística do primeiro escritor. Podemos acompanhar na *Correspondance* de Flaubert (V, 359-63) a documentação desta cena: em março de 1868, levou o escrúpulo profissional a ponto de ir ao hospital Sainte-Eugénie, de Paris, ver crianças atacadas de crupe: "é horroroso, e saía de lá transtornado, mas a Arte acima de tudo!". Degoumois assinalou a analogia entre este episódio de *A Educação Sentimental* e o outro das *Afinidades Eletivas* de Goethe (*op. cit.*,52).

1 Caussidière, desenhista em Lião, fora condenado por ter tomado parte na insurreição de abril de 1834. Nomeado delegado de polícia depois da revolução de 1848, organizara um corpo policial, os *Montanheses*, constituídos por antigos combatentes das jornadas de fevereiro.

2 O castelo de Neuilly, residência real, e o castelo de Suresne, pertencente aos Rothschild, foram saqueados em fevereiro de 1848 pelos insurretos. As fábricas de Lião tinham sido incendiadas ou saqueadas pelos operários. A circular de Ledru-Rollin recomendava as candidaturas republicanas às eleições para a Assembleia Constituinte. Para fazer frente à evasão da prata, fora decretada a circulação obrigatória das notas de banco, mas a emissão destas fora limitada a 250 milhões.

3 O imposto dos quarenta e cinco cêntimos era um aumento de 45 cêntimos em cada 100 francos sobre as quatro contribuições. Esta medida, inspirada por Garnier-Pagès ao Governo provisório, era muito impopular.

4 Essa análise dos sentimentos da burguesia, em 1848, baseia-se na mais rigorosa documentação. Na sua *Histoire de la Monarchie de Juillet,* Thureau-Dangin cita uma opinião de Renan que o texto de Flaubert parece ilustrar: "O materialismo em política produz os mesmos efeitos que na moral; não poderia inspirar o sacrifício, nem, consequentemente, a fidelidade... Poderá talvez dizer-se que estes interesses bem entendidos, fazendo sentir ao burguês que a estabilidade é necessária, poderão suprir os princípios, ligá-lo solidamente ao seu partido: nada disso se dá. Ao invés de lhe aconselhar firmeza, os seus interesses levam-no a ser sempre da opinião do mais forte. Dai esse tipo fatal, saído das nossas revoluções, o homem da ordem, como se lhe chama, pronto a suportar tudo, mesmo aquilo que detesta. O interesse não pode servir de fundamento a nada, porque, tendo horror às grandes coisas e às dedicações heroicas, provoca um estado de fraqueza e de corrupção em que uma minoria decidida basta para derrubar o poder estabelecido". (Texto citado na edição Conard, pág. 623) A preocupação e o horror que Flaubert toda a sua vida mostrou perante o espírito *burguês* não o impediram de se mostrar aqui clarividente e justo.

5 Flocon, antigo chefe de redação de *La Réforme,* fez parte do Governo provisório, foi ministro do Comércio e deputado pelo Sena à Assembleia Constituinte. Figura política ao mesmo tempo popular e pitoresca, era famoso pelo seu cachimbo, que nunca abandonava.

6 Referência ao seu artigo no *Journal de Troyes,* cf. pág. 289.

7 Acerca do papel do feminismo, durante a Monarquia de Julho e na Revolução de 1848, cf. Marcel Bouteron, *Muses romantiques,* em particular os capítulos *Saint-Simoniennes* e *Sandisme.* As reivindicações feministas eram defendidas em *La Gazette des femmes* (1836-38), em *Le Globe, La Femme libre*, redigida por simples operárias, em *Le Phalanstère,* de Fourier, e em *La Phalange,* de Victor Considérant.

8 Alusão a uma manifestação popular que teve lugar na Municipalidade, a 25 de fevereiro de 1848. Os operários, acusando o Governo provisório de deixar o

povo morrer de fome em 1848, como já sucedera em 1830, apresentaram uma petição reclamando a garantia do direito ao trabalho e do seguro social para o operário e a sua família em caso de doença ou de incapacidade de trabalhar.

9 *L'Assemblée Nationale,* jornal fundado em 29 de fevereiro de 1848 e redigido por antigos funcionários da Monarquia de Julho, fazia oposição ao Governo provisório.

10 Transcrevemos exatamente o texto do original, deficiente em acentos e com alguns erros, corrigindo apenas um *vuestro* para *vuestra.* (N. do T.)

11 A 2 de junho de 1867, Flaubert escrevia a Maurice Schlésinger: “Sou obrigado, no trabalho que estou fazendo, a passar pela Revolução de 48. Você teve um papel em *Le Club des femmes* (exatamente: *Le Club des maris et le Club des femmes,* comédia musical de Clairville e Cordier, 1848). Existirá em algum lugar o relato exato desta representação? O melhor seria juntar as suas recordações a este respeito, e mandar-mas legivelmente escritas — porque tenho muitas vezes dificuldade em decifrar as suas raras epístolas. Eis o serviço que espero de você, caro amigo. Se sua senhora já regressou de Bade, apresente-lhe as minhas mais afetuosas lembranças”. (*Correspond.,* V, pág. 304). Como é curioso que este pedido de documentação destinada a tornar mais verossímil o papel de uma personagem episódica de *A Educação Sentimental,* tenha sido feita precisamente àquele que foi marido da “Senhora Arnoux”!

12 Em *La Presse,* E. de Girardin dirigira ao Governo provisório uma pergunta que os republicanos tinham considerado injuriosa: que faria o Governo, se a Assembleia Constituinte não proclamasse a República? Houve uma tentativa de assalto ao jornal. De outra feita, a 15 de maio de 1848, a Câmara fora ocupada, durante um dia, por amotinados que reclamavam a dissolução da Assembleia; os manifestantes foram dispersados pela guarda nacional.

13 Trata-se das sessões de uma comissão incumbida da organização do trabalho, instalada no palácio do Luxembourg desde 1º de março, sob a presidência de Louis Blanc; chamava-se *vésuviennes* às mulheres de maus costumes que, a pretexto de reivindicações feministas, tinham fundado um clube, em 1848. Uma canção da época dizia:

Je suis vésuvienne;
À moi le pompon!

Que chacun me vienne
Friper le jupon!

14 As oficinas nacionais, organizadas pelo decreto de 27 de fevereiro de 1848, para os operários sem trabalho, que recebiam um salário quotidiano de 2 francos. Essa organização custava mais de 150.000 francos por dia ao Estado. Além disso, as oficinas nacionais eram o centro de uma grande agitação socialista, que paralisava o comércio e atemorizava a burguesia.

15 Os bairros centrais, e principalmente os bulevares, eram a cada momento invadidos por bandos de agitadores profissionais. Essa lei permitiu prender grande número deles.

16 Luís Napoleão regressara da Inglaterra depois da revolução de fevereiro, e dirigira um apelo ao Governo provisório que desdenhou os seus oferecimentos. O príncipe regressou à Inglaterra, deixando em Paris numerosos partidários que trabalhavam a favor da sua causa. — Marie era o deputado que apresentara a lei sobre as concentrações; tornara-se, por esse motivo, muito impopular.

17 O desterro dos Orléans, aprovado a 26 de maio de 1848 pela Assembleia Constituinte, revogou ao mesmo tempo a lei que bania os Bonaparte.

18 O Senhor de Falloux, nomeado relator da comissão encarregada de fazer um inquérito acerca das oficinas nacionais, propusera a imediata supressão destas.

19 Cf., mais adiante, pág. 332 — Este grito habitual das manifestações populares, que pretendiam obrigar todos os parisienses a associar-se ao seu entusiasmo com a iluminação das janelas, era já corrente sob a Restauração. Ver a esse respeito Chateaubriand, *Mémoires d'Outre-Tombe*, IV, 354, nota 4.

20 Antes de escrever este episódio da estada em Fontainebleau de Frédéric e Rosanette, Flaubert preparara e reunira os elementos necessários com o seu habitual método. Quando se achava ainda no colégio, durante as férias de 1883, visitara o castelo, conforme escreve ao seu amigo Ernest Chevalier. Muito tempo depois, ao escrever *A Educação Sentimental*, quis tornar a ver detidamente o castelo e a floresta, e esteve por diversas vezes em Fontainebleau, durante o

verão de 1868. Seguindo os conselhos de George Sand, foi um dia à colina arenosa de Arbonne, cuja recordação se encontra no romance (cf. pág. 321). Ao escrever estas páginas, Flaubert não podia deixar de pensar em George Sand e na famosa cena evocada em *Elle et Lui* (1859). Talvez se tenha recordado também de um episódio de *Manette Salomon* (1867) de J. e E. de Goncourt. Em agosto de 1868, o escritor tivera dificuldade em conseguir autorização para visitar o castelo de Fontainebleau: foi necessária a intervenção de Octave Feuillet, bibliotecário do palácio, para que aquelas portas se lhe abrissem. Alguns dias depois dessa visita, a 15 de agosto, escrevia à sobrinha: "Estou preparando agora o fim do meu capítulo (primeiro da terceira parte). Arranjo o castelo e a floresta de Fontainebleau". Na edição Conard (pág. 638), acha-se publicado um interessante esboço de Flaubert, *Notes de mon carnet*, sobre o passeio pela floresta, que se propunha descrever; as anotações são ao mesmo tempo cheias de precisão e vivacidade. Eis alguns exemplos: "Por vezes o primeiro plano na sombra e os fundos iluminados... Natureza ao mesmo tempo melancólica e risonha... A solidão impele à revolta — renascer o instinto selvagem... Onda de vegetação, perspectiva a voo de pássaro, sentir a chuva recém-caída. Um fluido voluptuoso anima plantas, flores, insetos, pássaros, borboletas".

21 Alusão a passagem das *Confessions* (livro VIII), onde J. J. Rousseau conta a primeira representação da sua ópera-comica, *Le Devin du Village*, em Fontainebleau, na presença da corte (1752). Rousseau assistiu ao espetáculo num grande camarote, fronteiro àquele onde se encontravam o rei e Madame de Pompadour. Ele próprio estava rodeado por lindas mulheres, que lhe pareciam "belas como anjos", as quais murmuravam: "É encantador, é delicioso; não há um som que não fale ao coração", e choravam nas passagens mais patéticas. Rousseau sentia-se "devorado pelo desejo de recolher com os lábios as deliciosas lágrimas que fazia verter".

22 A 9 de setembro de 1868, Flaubert anuncia a George Sand ter concluído a descrição da floresta de Fontainebleau, o que lhe dera, diz ele, vontade de se enforcar numa daquelas árvores.

23 Os grandes cervos que têm uma cruz de fogo entre os galhos evocam, muito antes de Flaubert ter pensado em escrevê-la, a *Légende de Saint Julien l'Hospitalier,* com a profética aparição.

24 Acerca da infância de Rosanette em Lião, ver a carta de Flaubert a Jules

Duplan, na qual o autor faz ao amigo perguntas muito precisas sobre as casas dos tecelões de Lião, em 1830, e as condições do seu trabalho em domicílio (*Corresp.*, V, pág. 403). Nas notas dos *Carnets*, sob o título *Moeurs parisiènnes*, encontramos pormenores que Flaubert utilizaria para as confidências de Rosanette a Frédéric acerca de sua infância. (Cf. M.-J. Durry, *op. cit.*; págs. 123-127)

25 Inicialmente, Flaubert descrevera o regresso de Fontainebleau por estrada de ferro, mas verificou então que em 1848 essa linha ainda não existia. Resultaram disso "duas passagens a demolir e a recomeçar", Ver a carta a Jules Duplan em que pergunta ao amigo como, em junho de 1848, se podia ir de Paris a Fontainebleau, quais as carruagens que se tomavam, e onde estas paravam, em Paris. E explica detidamente a Duplan a situação em que se encontram as suas personagens (*Corresp.*, V, pág. 409).

26 Este corresponde ao atual 5º distrito. Ver a carta a Ernest Feydeau em que Flaubert pergunta ao amigo quais eram, em junho de 1848, os postos da guarda nacional nos bairros Mouffetard, Saint-Victor e Latin, e se na noite de domingo, 25, para segunda-feira, 26 de junho, eram os guardas nacionais ou as tropas de linha que ocupavam a margem esquerda do Sena (*Corresp.*, V, pág. 417).

27 O General Brea, morto pelos insurretos na barreira de Fontainebleau em 25 de junho; o General de Négrier, morto no mesmo dia, assim como Charbonnel, morto na Bastilha, e Mons. Affre, arcebispo de Paris.

28 Toda esta passagem deve ter sido documentada graças às recordações de Jules Duplan, ao qual Flaubert escrevia: "Recordas-te *do jeitão das ambulâncias?* Se guardas na memória alguns pormenores sobre as noites de Paris dessa semana, manda-mos. O meu herói vagabundeia pelas ruas durante a ultima noite, a de 25 para 26 (foi a 26 que tudo acabou)". (*Corresp.*, V, pág. 410)

29 Em todas estas cenas de insurreição e barricadas, sobretudo neste episódio da criança, Flaubert pode ter-se lembrado de cenas análogas descritas por Victor Hugo em *Les Misérables* (1862). Este garoto envolvido na bandeira tricolor, na barricada da Rua Lafayette, evoca também o famoso quadro de Delacroix: *O 28 de Julho de 1830, a Liberdade conduzindo o Povo.*

30 1.500 prisioneiros tinham sido encarcerados debaixo do terraço da

Orangerie.

31 Este pormenor reproduz quase exatamente uma cena autêntica; tendo um guarda nacional embriagado disparado sem querer a sua arma, os outros julgaram tratar-se de uma revolta dos prisioneiros e dispararam às cegas sobre a massa; duzentas pessoas foram mortas ou feridas. Sobre esta cena, que se passou na noite de 26 para 27 de junho, cf. a edição Conard, pág. 674.

32 Passagem obscura. De que selha se trata? Não deveria antes ler-se *à beira das grades?*

1 Este pormenor, que obseda a imaginação de Flaubert, é como que um *leitmotiv* da imagem da Senhora Arnoux e da mulher real, na qual a sua paixão se fixou. No romance (pág. 61), a Senhora Arnoux tem no cabelo, durante um jantar, “uma comprida rede argelina em filé de seda vermelha”. O casaco de Maria (Sra. Schlésinger), na praia de Trouville, é vermelho (*Mémoires d’un fou,* pág. 505). Em Roma, em 1851, a jovem desconhecida de S. Paulo Extramuros tem um corpete vermelho e uma grande fita vermelha atada no coque, caindo sobre os ombros (*Notes de Voyage,* II, pág. 257). Estas aproximações devem-se a Gérard-Gailly (*L'Unique passion de Flaubert*, pág. 67).

2 Cf. pág. 329 e nota 171.

3 Lamoricière, um dos obreiros da conquista da Argélia. Deputado à Assembleia Constituinte, tornou-se ministro da Guerra em 1818 e contribuiu para dominar a insurreição de junho.

1 Em outra passagem do romance (pág. 142, nota 73), Flaubert já dera à filha da Senhora Arnoux o nome da filha de Emma Bovary, Berthe, ao invés de Marthe; mas, no primeiro texto, corrigira o engano nas edições que se seguiram à original. Aqui, o erro subsistiu em todas as edições publicadas em sua vida.

2 Rateau era um deputado da Charente que propusera a dissolução da Assembleia Constituinte e a eleição de uma Assembleia Legislativa. Esta proposta seria aprovada em 29 de janeiro de 1849.

3 Cf. pág. 348: “Berthe (Marthe) dava sempre razão ao pai”. Gérard-Gailly conta no seu livro *L'Unique passiom de Flaubert* (pág. 98) os aborrecimentos

que a Sra. Schlésinger teve com a filha, que amarguraram o fim da sua vida. Este pormenor acentua a analogia entre a heroína do romance e a inspiradora de Flaubert.

4 Trata-se provavelmente de Lachambaudie, cf. pág. 259, nota 126.

5 Baraluc-les-Bains, estação termal do Hérault, a seis quilômetros de Cette; águas quentes cloretadas, usadas para combater o reumatismo e a escrofulose.

6 Os insurretos tinham invadido a Câmara no dia 15 de maio de 1848; Lamartine procurara apaziguá-los, o que lhe valeu esta resposta: *Assez de lyre comme ça!*

7 Trata-se de um motim, a 13 de junho de 1849, que teve como centro o bairro do Conservatório das Artes e Misteres, em volta do qual foram erguidas diversas barricadas. A sublevação foi reprimida por Changarnier.

8 Trata-se provavelmente do livro de Thiers intitulado *De la propriété*, publicado em 1848, e que retoma o título da obra de Proudhon (1841), para lhe combater as ideias.

9 *La Foire aux Idées*, "jornal-vaudeville" de Leuven e Brunswick, em quatro jornadas ou números, representado no Vaudeville, de 16 de janeiro a 13 de outubro de 1849.

10 Era o lugar de detenção dos revoltosos de junho.

11 Trata-se do *livret* que as autoridades davam aos operários e aos criados. (N. do T.)

1 Comandante da Guarda Nacional, o General Changarnier ganhara fama de homem de energia indomável na repressão aos motins. Luís Napoleão tirar-lhe-ia o comando, pouco antes do golpe de Estado (janeiro de 1851).

2 Flaubert aproveitou uma estada em Paris, em fins de dezembro de 1868, para "tomar providências" análogas às de Frédéric ao preparar os funerais do Senhor Dambreuse; "sete a nove horas de fiacre todos os dias, o que é uma linda maneira de enriquecer com a literatura... Andei correndo às casas funerárias, ao Père-Lachaise, ao vale de Montmorency, ao longo dos estabelecimentos de

objetos religiosos etc.” (*Corresp.*, VI, págs. 3, 6 e 7).

3 A Assembleia Legislativa não aprovara o projeto apresentado pelo ministro das Finanças a 10 de fevereiro de 1851, pedindo uma suplementação de 1.800.000 francos para a lista civil do Príncipe-Presidente.

4 Piscatory (1799-1870), antigo embaixador, deputado à Assembleia Legislativa, um dos chefes da oposição contra Luís Napoleão. Chambolle, deputado da Vendeia, foi preso a 2 de dezembro, como membro da oposição: pertencia ao partido realista.

5 Que vêm fazer estes *pianos* numa casa de saúde? O texto é obscuro, e parece errado.

6 Este episódio da visita à ama lembra episódio análogo de *Madame Bovary* (II, cap. 3); Emma, acompanhada por Léon, vai visitar a filha, que está com a mulher de um marceneiro, nos arredores de Yonville. Andilly fica na floresta de Montmorency, a 4 km de Montmorency. Flaubert visitou escrupulosamente esta região antes de escrever o episódio.

7 Em janeiro de 1851, Thiers proferia na tribuna da Assembleia a frase célebre: “O Império está feito!”. Dussardier alude a diversos acontecimentos europeus, que pareciam ameaçar a liberdade; Veneza retomada pelos austríacos em 1849, a Polônia ameaçada pelas ambições rivais da Prússia e da Áustria, a insurreição húngara esmagada em 1849.

8 Deitaram abaixo as árvores da liberdade por ordem do delegado de polícia, Carlier, em 1850.

9 Restringiram o direito de voto pela lei de 31 de maio de 1850, que exigia fosse o eleitor domiciliado há três anos na mesma comuna e inscrito nos registros do imposto.

10 Entregaram o ensino aos padres pela lei de 1850, que aboliu o monopólio da Universidade no ensino secundário. Duas outras leis, de 6 de junho e de 16 de julho de 1850, eram dirigidas contra os clubes e contra a liberdade de imprensa.

11 Alusão à invasão e ocupação da França, em 1814-15.

12 Nadaud, pedreiro da Creose, deputado socialista à Assembleia Legislativa, exilado quando do golpe de Estado.

13 Como o S. João que figura no *Casamento místico de Santa Catarina,* do Louvre, e as figurinhas de crianças que rodeiam *O homem sensual.* O quadro de Lawrence a que Pellerin alude é talvez o retrato da Condessa Gower com o filho, ou de Lady Dover com o filho.

14 É a Infanta Margarida, do Museu do Louvre, “rosto e mãos de um rosa ofuscante... um hino de flores na aurora”. (Elie Faure)

1 Encontramos uma cena análoga no desfecho do romance de G. d'Annunzio *II Piacere:* Andrea Sperelli assiste à venda pública dos móveis que pertenceram à amante, Maria Ferres. A cena parece inspirada em Flaubert. Num dos *Carnets* de Flaubert, M.-J. Durry encontrou as notas pormenorizadas que o escritor tomava assistindo a um leilão. Muitas dessas indicações se encontram no episódio da venda do mobiliário da Senhora Arnoux. (*Flaubert et ses projets inédits*, págs. 17-20).

2 Prisão celular construída em Paris entre 1845 e 1850, demolida em 1898. (N. do T.)

1 É esta a cena capital do romance. Esta derradeira visita da Senhora Arnoux a Frédéric foi estudada principalmente por Gérard-Gailly, *Les Fantômes de Trouville*, pág. 166, e *L'Unique passion de Flaubert*, págs. 54, 87 e 94. Gérard-Gailly mostra, por uma série de sutis deduções, que Flaubert não fez mais do que transpor para o romance o último encontro que deve ter tido com a Sra. Schlésinger, em 1864 ou 65.

2 Sobre a aproximação com Werther, cf. L. Degoumois, *Flaubert à l’école de Goethe*, pág. 44.

3 O Sr. Dumesnil observou (*op. cit.*, pág. 359) que Flaubert já fizera esta reflexão em *Novembre* (1842): “Marie não disse mais nada, embora eu tenha ficado ainda talvez meia hora em sua casa. Pensava talvez no amante ausente. Há um instante, na despedida, em que, por antecipação da tristeza, a pessoa amada já não está junto de nós”.

1 Este balanço das ilusões perdidas e dos grandes sonhos desfeitos constitui a grande lição moral de *A Educação Sentimental.* George Sand censurava a Flaubert a amargura e o pessimismo deste desenlace (cf. edição Conard, pág. 622).

2 Flaubert recorda-se aqui das suas primeiras obras de juventude. Quando estava ainda no colégio, escrevera diversos desses "romances medievais": *Chronique normande du Xe siècle, Deux mains sur une couronne, Mort de Marguerite de Bourgogne, Un secret de Philippe le Prudent.*

3 Maupassant parece ter-se recordado desta *Turca* no título que deu, em 1875, a uma das suas obras mais livres e menos conhecidas: *La Maison turque à la feuille de rose*, espécie de farsa que foi representada no ateliê do pintor Maurice Leloir, perante um pequeno grupo de escritores e artistas, entre os quais Flaubert, Turguenev e Zola.

4 Flaubert alude, numa carta, a este pormenor do seu desenlace: "Divertiu-me, esta manhã, a história da Srta. Papavoine, uma incendiária, que sofreu, no meio das barricadas, as homenagens de dezoito cidadãos, num só dia! Esta é forte, e vai bem mais longe do que o fim da pobre *Educação Sentimental,* no qual os heróis se limitam a oferecer flores, passagem tida como cínica!". (Carta à Princesa Matilde, de 6 de setembro de 1871. *Corresp.*, VI, pág. 279)